







PROGAMAÇÃO + CADERNO DE RESUMOS

VI COLÓQUIO NACIONAL DO NEER OS "OUTROS" NÓS SOMOS: REPRESENTAÇÕES E AÇÕES NOS 10 ANOS DE NEER

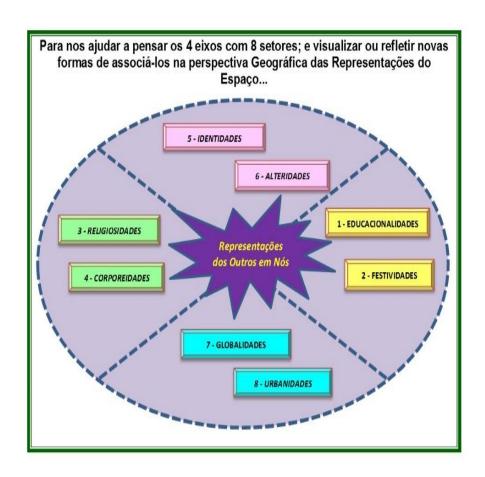
O Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal do Ceará, Campus do Pici – Fortaleza-CE, sedia, (no auditório do Centro de Ciências e no Bloco 953 do Campus do Pici da UFC) o VI Colóquio do Núcleo de Estudos em Espaço e Representações (NEER), de 26 a 29 de novembro de 2016. Consultar http://www.6neerce.com.br

OBJETIVOS

- Estimular o intercâmbio e a articulação com pesquisadores das ciências ambientais, sociais e geográficas em geral em relação aos estudos sobre espaço, cultura, representação e percepção;
- Avançar e aprofundar o debate teórico e metodológico sobre a abordagem cultural na Geografia, enfocando as diversidades de expressões, percepções e representações sobre o espaço;
- Estimular as práticas em educação, extensão e gestão sobre a abordagem sociocultural da Geografia, estimulando o uso e o debate sobre metodologias que tratem as questões pertinentes as diversidades culturais na atualidade regional, rural, urbana e dos territórios tradicionais.
- Refletir a respeito dos 10 anos da trajetória do Núcleo, de forma a proporcionar a qualificação das pesquisas em andamento na Rede e a consolidação de novas articulações e parcerias.

ESTRUTURA DO VI COLÓQUIO DO NEER

 O evento está estruturado em quatro Eixos temáticos e oito Setores de estudo. Cada um destes envolve uma especificidade apresentada no ementário e um agrupamento de membros coordenadores diretamente vinculados a seleção de trabalhos.



MATRIZ DA PROGRAMAÇÃO

1º dia-sábado 26/11/16	2º dia- domingo 27/11/2016	3º dia –2ª feira 28/11/2016	4º dia –3ª feira 29/11/2016
8h30 às 11h30 Credenciamento & Reunião Técnica da Rede NEER 10h30 Abertura 11h00 - Mesa 1 NEER 10 Anos 12h00 - Debate NEER 10 anos 13h00 - Avisos Instruções às outras etapas do Evento	ROTEIROS DE CAMPO	8h30 às 11h30h 4 Eixos (Setores Impares) & Credenciamento Complementar 13h30 às 15h00h Mesa Temática 2 15h30 às 17h00 Merendar Geográfico (Café cultural), com Exposição de Painéis 18h30 Lançamentos de Livros/Revistas	8h00 às 11h00 4 Eixos (Setores Pares) & 11h30 às 12h30 Síntese dos Eixos – Novas Propostas de Estudo 14h00 às 16h00 Plenária dos Eixos & Apresentação de Novas Propostas 16h30 às 18h00 Conferência de Encerramento

o Dia 26/11/2016 (sábado):

- 08h30 Credenciamento dos Participantes
- 09h00 Reunião Técnica dos Membros do NEER
- 11h00 Abertura do Evento
- 11h30 Mesa 1: 10 Anos de NEER
- 12h30 Debate
- 13h30 Instruções para Roteiro de Campo
- Visita ao Centro Dragão do Mar (Domingo 9h00)

o **Dia 27/11 (domingo)**: Realização dos Roteiros de Campo

Confirmação da participação no Credenciamento de sábado

o **Dia 28/11 (2ª feira)**: Mesa 2:

- 08h00 Exposições Orais dos 4 Eixos-Setores 1-3-5-7
- 13h30 Mesa Temática 2 Perspectivas Externas
- 15h00 Merendar Geográfico com Apresentação dos Painéis
- 18h30 Momento Cultural com Lançamento de publicaçõesadr

Dia 29/11 (3^a feira):

- 08h00 Exposições Orais dos 4 Eixos-Setores 2-4-6-8
- 11h00 Sínteses dos Eixos e Novas Propostas de estudo na Redes
- 14h00 Plenária dos Eixos
- 14h00 Apresentação de Novas Propostas de Estudo no NEER
- 16h30 Conferência de Encerramento: Perspectivas Futuras

EIXO LESTE / SETOR 1 – EDUCACIONALIDADES

L1 - 002 - Oral

O DESENVOLVIMENTO COGNITIVO E A REPRESENTAÇÃO DO AMBIENTE NAS SÉRIES INICIAIS

Haiane Pessoa da Silva/ Maria José Nascimento Soares Flávia Regina Sobral Feitosa/ Roseane Cristina Santos

INTRODUÇÃO

A Educação Ambiental (EA) surgiu como resposta à preocupação da sociedade com a qualidade de vida do planeta, tendo como principal premissa uma sociedade igualitária e ecologicamente equilibrada (MEDEIROS et al, 2011). E ainda que, a EA busque manter o equilíbrio entre o homem e os recursos naturais, existem diferentes percepções sobre o ambiente, podendo este ser apreendido como natureza (Ciências Biológicas), espaço físico (ciências exatas), ou ainda como palco da relação homem-natureza (ciências humanas) (LIMA; KOSEL, 2011).

Neste estudo, adota-se a terceira percepção de ambiente, o concebendo como uma construção histórica do homem, surgindo daí a necessidade da discussão conceitual e de uma nova construção do saber ambiental (LEFF, 2001). Assim, o conhecimento sobre o ambiente é uma construção interativa entre o sujeito e o objeto. E, para que ele se consolide na educação formal, atribui-se ao professor a função de identificar o conhecimento construído pelo aluno e criar circunstâncias para que o mesmo utilize as ferramentas disponibilizadas para aguçar a sua inteligência, transformando o conhecimento empírico em uma produção sistematizada e científica. Desta forma, é importante a interação entre o conteúdo abordado em sala de aula e a sua aplicabilidade na realidade dos alunos (MALYSZ, 2007).

No que refere, a aprendizagem sobre o ambiente existe uma desvinculação entre a teoria e a prática, haja vista que é comum o desenvolvimento de ações fragmentadas voltadas à promoção de uma Educação Ambiental pontual, a exemplo do dia da árvore, dia internacional do meio ambiente, entre outras. Essas ações fragilizam a construção de uma educação ambiental contextualizada e transformadora (SORRENTINO, 2005). Assim, o tema Meio ambiente passou a ser incorporado nos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs como tema transversal, a fim de que os professores trabalhem junto com

os alunos as atitudes e valores sobre as questões ambientais, embasadas em fatos concretos e contextualizadas (BRASIL, 1997).

Desta forma, surge a necessidade de analisar as concepções das crianças nas séries iniciais sobre o ambiente, uma vez que é nesta fase em que elas conseguem formular e projetar as imagens do lugar vivenciado (casa, escola, rua, bairro); formando aptidões conceituais e habilidades sociais que as farão futuros adultos transmissores de conhecimentos (PERETTI; DIAS, 2011).

As imagens projetadas pelas crianças sobre o ambiente vivido faz parte de um arcabouço mental que estão associados às atividades cotidianas desenvolvidas por elas como: cuidar de animais, ir à escola, brincar, cuidar da casa, entre outras (GOIS, 2014). Portanto, objetiva-se com este estudo analisar as percepções das crianças sobre o ambiente nas séries iniciais.

METODOLOGIA

A pesquisa ocorreu nos dias 18 e 25 de maio de 2016, com a participação de 55 (cinquenta e cinco) alunos do ensino fundamental menor (vinte e um do 2º B; vinte e cinco do 3º A e nove do 3º B), do turno matutino da Escola Estadual Senador José Alves dos Santos, em Aracaju- Sergipe. Esses alunos foram selecionados por se encontrarem na faixa etária inicial do desenvolvimento cognitivo, o que corresponde à fase em que o pensamento origina a ação, ou seja, a fase operatória concreta na qual a criança consegue fazer classificação, ordenamento e correspondência do pensamento concreto (PIAGET, 1971).

Foi aplicado um questionário com duas questões de representação visual aos alunos do 2° e 3° anos do ensino fundamental menor, utilizando-se da metodologia da análise de imagens, conhecida como mapa mental. Os mapas mentais são linguagens visuais que retratam o espaço vivido como uma "cartografia cultural", cujos elementos apontados são construções sociais. A sua constituição se dá por intermédio de diferentes informações como imagens, sons, formas, odores e sabores. Esta ferramenta possibilita ao pesquisador apreender os comportamentos dos sujeitos por meio dos mapeamentos cognitivos (KOZEL, 2007).

Também foram aplicados questionários juntos aos professores das três turmas consultadas, a fim de identificar a importância de se trabalhar o tema ambiente. Desta forma, a análise dos dados ocorreu através da categorização das falas dos entrevistados e por meio da interpretação dos mapas mentais, conforme metodologia proposta por Lima e Kozel (2011). E as representações obtidas foram agrupadas em categorias de respostas, que variaram de acordo com o número das



repetições apresentadas pelos alunos. Todos os resultados após tabulados foram organizados em uma planilha do *Excel*, o que originaram gráficos e quadros, sendo a seguir apresentados no decorrer do texto.

RESULTADOS PARCIAIS

De acordo com os resultados obtidos, os alunos do 2º B e 3º A apresentaram um ambiente vivido como a casa em que moram, a qual contém objetos que fazem parte do lar como telhado, porta, e janela, além dos móveis que decoram o lugar (cama, mesa com cadeiras, jarros de plantas) e o carro. O ambiente vivido ainda contém recursos naturais como animais de estimação, lua, sol, estrela, nuvens, borboletas, peixe e plantas.

Por outro lado, para os 78% dos alunos do 3º C, o lugar em que vivem é mais simples, formado por uma casa com telhado, janela e porta. Em apenas uma das representações uma flor apareceu como objeto decorativo. Essa reprodução "simplória", sem tantos elementos decorativos ou significativas abstrações projetadas nas imagens, enfatiza a insuficiente inserção dos elementos naturais, e, o distanciamento existente entre o homem e a natureza, também observada nas imagens desenvolvidas por 25 % dos alunos do 2º B.

Isso mostra que, em proporções distintas, as crianças têm a percepção do ambiente como o lugar que faz parte do seu cotidiano. Desta forma, a casa é a representação mais comum entre os alunos das três séries, e, nem sempre o homem faz parte desse ambiente.

Reforça-se que, o ambiente familiar (residência) é o mapa mental mais comum, o que indica a expressão da identidade dos sujeitos com o lugar. As imagens refletem também o ambiente em que as crianças gostariam de viver, uma vez que a casa ou apartamento é o diagrama visual prepoderante nas suas representações. No entanto, a configuração deste ambiente ganha novos elementos que são típicos da vida urbana, confortavéis ou em contato com a natureza. Para 31% das crianças do segundo ano, uma "casa simples" com porta e janela é o lugar adequado para se viver, já para 21% um ambiente aberto com pessoas vivendo felizes e de mãos dadas, se configura como o lugar dos sonhos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS PARCIAIS

BRASIL. Ministério da Educação: Secretaria de Educação Fundamental.

Parâmetros Curriculares Nacionais: Ciências Naturais – Brasília. MEC/SEF, 1997. GOIS, C. B. Crianças e assentamento: meio ambiente, representações e vivências. Dissertação de mestrado pelo Programa de pós-graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente- PRODEMA/UFS. São Cristovão, 2014.

KOZEL, S. **Das imagens às linguagens no geográfic**o: Curitiba, a Capital Ecológica. Tese de Doutorado, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. 2001. 310 p.

LEFF, H. Saber ambiental, Sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder. Petrópolis: vozes, 2001.

LIMA, A. M. L.; KOZEL, S. Lugar e Mapa Mental: uma análise possível. **Revista Geografia** - v. 18, n. 1, jan./jun. – Universidade Estadual de Londrina, Paraná. 2009.

MALYSZ, S. T. O estudo do meio. In: PASSINI, Elza Y., MALYSZ, S. T., PASSINI, Romão. **Prática de ensino de geografia e estágio supervisionado**. São Paulo: Contexto, 2007, p. 171-177.

MEDEIROS, A. B. de et al. A Importância da educação ambiental na escola nas séries iniciais. **Revista Faculdade Montes Belos**, v. 4, n. 1, set. 2011.

PERETTI, V. A.; DIAS, A. M. Educação Ambiental nas séries iniciais do ensino fundamental. XVI seminário Institucional de ensino, pesquisa e extensão: Universidade no Desenvolvimento Regional. Santa Maria, 2011.

PIAGET, J. **O nascimento da inteligência na criança**. Zahar Editores. Rio de Janeiro, 1971.

SORRENTINO, M. et al. Revista: **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 2, p. 285-299, maio/ago. 2005.

L1 - 004 - Oral

PERCEPÇÃO DE PESSOAS CEGAS NA ORIENTAÇÃO E MOBILIDADE E O USO DOS SENTIDOS: UMA ABORDAGEM FENOMENOLOGICA

Bianca Beatriz Roqué/ Marcia Alves Soares da Silva

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo propor atividades educativas que auxiliem na orientação, mobilidade de pessoas cegas através da percepção corporal e sensorial em atividades cotidianas, como a locomoção em espaços públicos, buscando, metodologias possíveis de se abordar a fenomenologia no âmbito da educação. É necessário compreender como pessoas cegas formulam suas representações mentais de objetos no espaço através do desenho, miniaturas, mapas formados na mente e de imagens mentais. Foi pesquisado em referências bibliográficas, práticas educacionais para pessoas cegas e articulada a intencionalidade pedagógica com o referencial teórico fenomenológico.



PROBLEMATIZAÇÃO

O uso da Fenomenologia na educação possibilita a busca de sentidos e significados apontados pelas pessoas. O primeiro passo é a descrição. Segundo Bicudo (2000, p. 77) "é um protocolo que se limita a descrever o visto, o sentido, a experiência como vivida pelo sujeito. Ela não admite julgamentos e avaliações. Apenas descreve. Para tanto, expõe-se por meio da linguagem". Nesse viés, Kozel (2006), parte de um enfoque histórico-cultural no desenvolvimento e interpretação de mapas mentais, que utiliza uma metodologia com aportes da Fenomenologia.

METODOLOGIA

No caso da presente pesquisa, a metodologia, será aplicada a deficientes visuais. Os mapas podem ser definidos como uma forma de linguagem que possibilita expressar elementos que estão no imaginário do indivíduo. A partir disto, é possível analisar a representação do mundo vivido conforme o contexto social e cultural. Segundo Kozel (2006, p. 121), "o vivido simbólico se revela nas imagens elaboradas pelos indivíduos em suas representações ou mapas mentais".

RESULTADOS

Como resultados, são propostas cinco atividades educativas:

1- Constituição dos objetos no fluxo da experiência: a pessoa cega enxerga através do tato. Entretanto, a imagem que a pessoa forma dos objetos em sua mente não ocorre da mesma forma que a pessoa vidente. Por exemplo, temos a noção de que quanto mais nos distanciamos de uma imagem, há uma ilusão de óptica que a imagem fica menor. É possível tirar uma fotografia simulando que estamos segurando o sol ou algum prédio. As pessoas cegas não possuem esta noção, mas é possível que compreendam se explicado teoricamente e através de atividades práticas, como tirar fotografias de objetos em diversas distâncias e imprimir em um papel, destacando os objetos em alto relevo, para que a pessoa possua a noção de como o objeto pode ser representado em imagens bidimensionais e tridimensionais de diversas maneiras diferentes.

Cerbone (2014, p. 53) explica que a análise noético-noemática de Husserl culmina na noção de "constituição" dos objetos no fluxo da experiência. Assim, o autor explica que "os objetos são constituídos como "sistemas de apresentações adumbrativas" Para exemplificar este tipo de experiência, o autor cita "Se vejo, neste momento, um lado da pedra, ao virá-la, lentamente, os outros lados se revelarão, de um modo ordenado e suavemente contínuo (desde que eu não pisque)" (idem). Portanto, cabe questionar se as apresentações adumbrativas são

experienciadas da mesma forma por pessoas cegas, sobretudo, por pessoas cegas congênitas. A pessoa cega, ao tocar com as duas mãos, pode sentir duas partes do objeto ao mesmo tempo. Ao se lembrar do objeto, não irá formar uma imagem visual, mas uma imagem tátil, ou seja, a textura dos objetos.

Atualmente, impressoras 3D já podem reproduzir fotografias em alto relevo. Isabel Ferrari (2016) em uma reportagem do G1 mostra que foi produzido um álbum sensorial de um bebê para seus pais cegos, que contava com imagens em alto relevo e texturas, onde é possível "ver" através do tato.

2 — Representação pelo desenho: o desenho é uma forma de linguagem, de expressão. A criança, antes de aprender a escrever, desenha para se expressar. Desenha sua casa, sua família e os objetos que mais estima. Representa em forma de simbologia seus sentimentos, como por exemplo, desenhando corações. A criança, ao desenhar, desenvolve noções de espacialidade, temporalidade e mundaneidade, ou seja, a relação da criança com o mundo, em que desenha a si mesma e ao outro, numa relação de alteridade.

A criança cega geralmente é privada de desenhar e de se expressar através do desenho. Existem inúmeras formas da criança cega desenhar, mas muitas vezes as crianças não são incentivadas ao desenho desde a infância. Uma das técnicas é colocar uma folha de papel sob uma textura rugosa e desenhar utilizando giz de cera. Assim, o desenho ficará em alto relevo. A desvantagem, é que o relevo não fica tão perceptível ao tato. Outra técnica é utilizar uma folha de papel alumínio com gramatura grossa e colocar sob uma superfície macia. Assim, pode ser desenhado com uma caneta e o desenho ficará em alto relevo do lado oposto. A desvantagem é que o desenho deverá ser espelhado, ou seja, a pessoa desenha de um lado e sente de outro. Outra técnica é colar velcro sobre uma prancheta, passar um fio de lã por dentro de um tubo de caneta e desenhar com esta mesma caneta, onde a lã ficará presa ao velcro, portanto, pode ser tocada ao mesmo tempo que se desenha.

3 – Representações por maquetes e miniaturas: uma pessoa cega pode tocar e prontamente reconhecer objetos que estão no cotidiano, como roupas, utensílios de cozinha, material escolar, entre outros. Entretanto, grandes objetos, como prédios, montanhas, rios, a pessoa cega não consegue ter a noção da totalidade sem que haja a representação do objeto. Por exemplo, as pessoas videntes podem conhecer o Sistema Solar através de um desenho, uma maquete, e mesmo que nunca tenha visto a coisa representada, pode afirmar que conhece, pela representação. Uma pessoa cega pode tocar na parede de um prédio, tocar no



chão, subir no telhado. Mas nunca terá a noção do todo, se não houver uma representação em miniatura. Portanto, maquetes de miniaturas são formas de acessar o mundo, fazer novas descobertas, construir e desconstruir representações mentais dos objetos.

4 — Representação por mapas: ao caminhar em ambientes, as pessoas cegas formulam mapas na mente, desenvolvem uma noção espacial de orientação. Esta percepção ocorre a partir do próprio corpo enquanto ponto zero, ou seja, a partir do corpo que partem todas as perspectivas de observação, que Merleau-Ponty denomina *esquema corporal*, "uma maneira de exprimir que meu corpo está no mundo" (Merleau-Ponty, 1999, p. 147). O corpo é uma forma de comunicação com o mundo, sendo o nosso primeiro espaço, o da percepção.

O mapa pode ser desenvolvido em diversas escalas: mapa da sala de aula, da escola, das quadras ao redor da escola, do bairro em que a escola está inserida, e assim por diante. O aluno pode tocar o mapa à medida que caminha, identificando sua localização. As diferentes escalas do mapa possibilitam ao aluno que experiencie uma relação diferente com o espaço. Segundo Merleau-Ponty (2004, p. 341) "[...] a orientação no espaço não é um caráter contingente do objeto, é o meio pelo qual eu o reconheço e tenho consciência dele como de um objeto". Na mudança de escala, os objetos são percebidos de diferentes perspectivas, o indivíduo se projeta no mundo de diferentes formas. "Quando eu me movo, as coisas percebidas possuem um deslocamento aparente que é inversamente proporcional à sua distância" (MERLEAU-PONTY, 2000, p. 211).

5 — Apropriação dos lugares: não é possível gostar de algo sem conhecer. As pessoas cegas passam a ter um sentimento de afetividade pelos lugares onde se sentem mais confortáveis, onde a vivência faz com que a pessoa tenha uma apropriação interior, ou seja, passe a atribuir significados simbólicos ao lugar.

A partir de uma pesquisa Fenomenológica em Educação, é possível dar voz às pessoas, colocá-las na posição de produtoras de conhecimento que não é uma via de mão única. A relação horizontal do aluno com o professor possibilita a construção do conhecimento em conjunto, onde o professor primeiro compreende as representações mentais dos alunos e busca construir o conhecimento mutuamente. Percebemos o espaço a partir de múltiplos sentidos. A medida que utilizamos esse recurso metodológico para o ensino da Geografia (mapas mentais, cartografia tátil), há o estímulo de outros sentidos para além da visão. Privilegiar essa dimensão sensível da apreensão do espaço, estimula os educandos a pensarem outras formas de percepção e construção do espaço

geográfico, o que influi significativamente no seu mundo vivido, experiências e cotidiano.

BIBLIOGRAFIA PARCIAL

BICUDO, M. A. V.; CAPPELLETTI, I. F. (Org.) Fenomenologia; uma visão abrangente da educação. São Paulo: Olho d"Água, 1999.

CERBONE, David. **Fenomenologia**. Tradução de Caesar Souza. 3ª ed. Petrópolis, RJ: editora vozes, 2014.

sul/noticia/2016/06/fotografa-constroi-album-sensorial-para-deficientes-visuais-no-rs.html>. Acesso em: 02 jul. 2016

KOZEL, Salete. Mapas mentais - uma forma de linguagem: perspectivas metodológicas. In: KOZEL, S.; SILVA, J. da C.; GIL FILHO, S. F. (orgs.) Da Percepção e Cognição à Representação: Reconstruções Teóricas da Geografia Cultural e Humanista. São Paulo: Terceira Margem; Curitiba: NEER, 2006. p.114-138 MERLEAU-PONTY, Maurice. Fenomenologia da Percepção. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

O visivel e o invisivel. 4. ed. São Paulo: Perspectiva	a, 2000
. O olho e o espírito. São Paulo: Cosac & Naify, 2004	l .

L1 - 005 - Oral

PERCEPÇÕES SOBRE GEOGRAFIA ESCOLAR E OS SISTEMAS DE AVALIAÇÃO NO ENSINO BÁSICO: ESTUDO DE CASO SOBRE A ESCOLA MUNICIPAL ULISSES GUIMARÃES — FORTALEZA, CE.

Juliana Oliveira Andrade/ Jacquicilane Honório de Aguiar Kelly dos Santos Tavares

INTRODUÇÃO

A construção do artigo propõe problematizar os espaços de discussão na acadêmica sobre a Geografia escolar a partir dos sistemas de avaliação educacionais. Percebe-se a propensão de, por intermédio de novas (?) metodologias propostas, articular o ensino de Geografia a uma 'fala' de transformação social visualizadas na reprodução do debate acadêmico nas propostas educacionais de ensino das escolas e sistemas de referência para o



ensino de Geografia. Em paradoxo, se observa a institucionalização dos sistemas de avaliação educacionais quantitativos estaduais que fornecem dados para a (re) formulação das políticas de educação para a Educação Básica da rede pública de ensino que parecem promover a subalternização da disciplina no currículo escolar. Logo, o trabalho pretende identificar se a problemática apresentada têm efeitos reais, enquanto reguladores dos processos educativos no âmbito escolar e o papel da Geografia como espaço de mediação social dos sujeitos envolvidos. **PROBLEMATIZAÇÃO**

O ensino de Geografia se relaciona com a necessidade de se (re) conhecer o espaço geográfico. A geografia intercala a dinâmica superficial da Terra, espaço produzido e continuamente transformado pelo ser humano e as representações socioculturais encetadas por esses processos. A premissa acima aborda o propósito das ações educativas nos domínios da Geografia escolar, que seria propiciar ao discente uma análise inquiridora da realidade social sobre diversas abordagens, inferindo uma forma propositiva de se situar diante das problemáticas contemporâneas (PONTUSCHKA, 1995). Logo, a formação dos professores se constrói em torno dessa ideia central. Dessa forma, a abordagem das continuidades e rupturas na problemática do espaço para Geografia escolar, a discussão sobre a dicotomia entre a teoria e a prática em sala de aula, a estrutura curricular, metodologias, operacionalização didática dos saberes geográficos através dos recursos didáticos (não) diretamente associados à linguagem geográfica são, a priori, inquietações no arcabouço de formação das licenciaturas de Geografia.

No entanto, nos espaços de diálogo da escola observa-se a ambiguidade entre o discurso apresentado nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) sobre o ensino geográfico, Projeto Político Pedagógico (PPP) e regimento interno das escolas, amarradas a uma conceitualização acadêmica do ideal em contraponto a possível subalternização da disciplina na estruturação do currículo escolar conectadas a uma realidade político-metodológica do âmbito escolar. Um dos aspectos que parecem permitir a visualização dessa subalternização delineia-se através dos sistemas de avaliações educacionais governamentais que analisam as competências e habilidades dos alunos da educação básica através de métodos quantitativos-valorativos de proficiência em Língua Portuguesa e Matemática.

Faz-se necessário questionar como se constrói a percepção dessa prática enquanto esquema de significação da Geografia escolar pelos sujeitos envolvidos. Seja o conhecimento geográfico operacionalizado como "saber

disciplinar", ou ainda, do reconhecimento das geografias vivenciadas, a geografia mundana (OLIVEIRA, 2009). Utilizaremos as (não) implicações do SPAECE (Sistema Permanente de Avaliação Básica do Ceará) implantado em 1992 pela Secretaria de Educação do Estado do Ceará (SEDUC), atualmente compreendendo a avaliação dos alunos do 2° ano (SPAECE – Alfa), 5° e 9° ano do ensino fundamental e o Ensino Médio mensurando o domínio das competências e das habilidades esperadas nas disciplinas de Língua Portuguesa e Matemática na construção do currículo da Escola Municipal Ulisses Guimarães na cidade de Fortaleza – Ceará. Até onde a problemática apresentada têm efeitos reais e regulam práticas nas diferentes instâncias – produção, consumo, regulação, representação, identidade – dos processos educativos, hierarquização valorativa das disciplinas, entre elas a Geografia no planejamento curricular e uso do espaço escolar? Qual o desdobramento dessa perspectiva no ambiente escolar enquanto espaço de mediação cultural e sua vinculação com o próprio projeto educacional que se coloca para a sociedade?

PERCURSOS METODOLÓGICOS

A pesquisa teve suas etapas metodológicas desenvolvidas no primeiro semestre de 2016. Elaborou-se inicialmente um diagnóstico da escola EM Ulisses Guimarães, situando a escola espacialmente, caracterizando a estrutura urbana do seu entorno, características socioeconômicas, a estrutura político-pedagógica através de registros, circulares, documentos oficiais, análise dos planos de aula dos professores de Geografia objetivando a obtenção de dados descritivos mediante a caracterização do método escolhido para o desenvolvimento da pesquisa, os lugares da pesquisa qualitativa (MARTINS; BICUDO, 2005). Logo a estruturação das etapas se constrói da seguinte forma,

- É constituída a pesquisa documental, observando o processo de operacionalização do ambiente escolar através do Projeto Político e Pedagógico (PPP) da escola e Regimento Interno Escolar;
- Revisão bibliográfica sobre sistemas de avaliação educacionais nas esferas municipais, estaduais, PCNs e a Geografia escolar;
- Aprofundando a análise proposta, observa-se a sala de aula durante as exposições dos conteúdos geográficos;
- Diálogo com o professor de Geografia, apreendendo as influências de sua formação acadêmica na discussão do enfrentamento da (não) dicotomia entre a teoria e a prática em sala de aula;



 Análise dos resultados individuais da EM Ulisses Guimarães no SPAECE, nos últimos três anos 2013-2015 e seus desdobramentos na gestão e espaço escolar.

A investigação também conta com registros fotográficos e entrevistas semiestruturadas com professores e alunos, segundo o recorte da pesquisa. A escolha por entrevistas semiestruturadas se dá pela flexibilidade apresentada na formulação das questões, possibilidades de arguição de novos questionamentos, orientações e hipóteses a partir das questões que norteiam o objeto de estudo (MATTOS, 2005).

RESULTADOS

De acordo com os resultados obtidos, observa-se a *priori*, as mediações na formação docente nas instituições educacionais em contraponto as negociações das políticas educacionais. Observou-se o papel secundário das ciências humanas, dentre elas a Geografia, no currículo da EM Ulisses Guimarães embora todo o discurso político da escola seja pautado na construção de um corpo discente reflexivo. Acredita-se que as ciências humanas possuem papel preponderante nesse desenvolvimento, mas em cerne, a preocupação parece se concentrar somente a fazer com que o aluno interprete um texto e saiba realizar as quatro operações.

A interpretação dessas características se dá através da observação da articulação do currículo escolar para inserção das avaliações educacionais estaduais — a exemplo do SPAECE e o desmembramento das demais disciplinas ofertadas no ensino fundamental. No diagnóstico produzido salienta-se que até a estrutura física escolar é influenciada pela formulação preparada para o SPAECE. Leva-se em consideração que a notação da avaliação resulta num maior alocamento de incentivos e recursos financeiros, desenvolvimento de projetos, além de visibilidade para a gestão escolar da escola.

BIBLIOGRAFIA PARCIAL

LIBÂNEO, J. C; PIMENTA, S. G. Formação de profissionais da educação: visão crítica e perspectiva de mudança. In: Revista Educação e Sociedade, ano XX, n°68. Dezembro/99, pp. 239 – 277.

MARTINS, J; BICUDO, M. **A pesquisa qualitativa em psicologia**. São Paulo: Centauro, 2005

MATTOS, P. L. C. L de. **A entrevista não-estruturada como forma de conversação: razões e sugestões para sua análise**. In: Revista de Administração Pública. Rio de Janeiro 39(4):823-47, Jul./Ago. 2005.

OLIVEIRA, C. D. M de. Ensino de Geografia e ciência da educação: por uma geografia mundana. In: Mercator - Revista de Geografia da UFC, Fortaleza, ano 03, n.6, 2004.

PONTUSCHKA, N. N. **O perfil do professor e o ensino/aprendizagem da geografia.** In: Cadernos CEDES. Nº 39. Campina: Papirus, 1995.

SPAECE, 2016. Disponível em: <http://www.spaece.caedufjf.net/o-programa/>. Acesso em: 16 jun. 2016.

L1 - 012 - Oral

OCUPAÇÕES: CELEIROS DE FORMAÇÃO DISCENTE

Kalyll Asminn Estanislau Farias / Francisca Taiane Cruz da Silva Hamilton Ribeiro de Lima Junior /Maria Aurislane Carneiro da Silva Lídia Nunes dos Santos Rancharles Reis da Silva

Introdução

Em abril de 2016, especificamente no dia 29, a Assembleia Legislativa do Estado do Ceará comunicou em seu portal de notícias a seguinte notícia: "Professores pedem reajustes de 12,67% no CE". Esta notícia retrata a mobilização ocorrida no dia anterior (28), quando a categoria levou suas reivindicações ao Palácio da Abolição, sede do Governo do Estado, simbolizando assim sua insatisfação com este, principalmente no que se refere ao descumprimento de responsabilidades, como o reajuste salarial de 12,67% proposto pelos professores, entre outras proposições, que perpassam as questões salariais. Aquele seria um dos primeiros momentos da greve geral de professores da rede estadual de ensino, iniciada no fim de abril de 2016, o que produziu as ocupações nas escolas, nosso objeto de estudo nesta pesquisa.

Contudo, antes é necessário que a greve seja compreendida com mais clareza, e por consequência é preciso pontuar sobre as circunstâncias que a envolvem, mesmo que de forma superficial. A greve dos professores nesta pesquisa surge como vetor desencadeador das ocupações escolares, quando os alunos declararam apoio a greve dos docentes, e desse modo, de acordo com o artigo do jornal O Povo de 04 de agosto de 2016, intitulado "Greve de professores da rede estadual passa dos 100 dias", a sua gênese deriva do descontentamento já expresso anteriormente, e embora esta tenha sido deflagrada somente em 20 de



abril de 2016 e sua formalização no dia 25 do mesmo mês, ela veio amadurecendo desde o início do ano, em função dos insucessos do Sindicato APEOC (Associação dos Professores de Estabelecimentos Oficiais do Ceará) ao negociar com o estado suas propostas.

Paralelo as mobilizações dos professores e negociações frustradas do Sindicato APEOC com o estado, os alunos (secundaristas) das escolas paralisadas começaram a se organizar, ocupando suas respectivas escolas. Conforme o portal de notícias G1 — Ceará, na matéria "Mesmo com fim da greve, 4 escolas seguem ocupadas em Fortaleza", de 11 de agosto de 2016, o número de escolas ocupadas no auge da greve chegou a 67 no Ceará. Desse modo, visto que as ocupações se difundiram rapidamente, saber o que motivou os alunos a ocuparem é essencial para um entendimento dessa pesquisa em sua totalidade.

A partir dessas breves informações, podemos entender com mais clareza a proposta de estudo, que parte desse contexto de greve, mas que se concentra nas ocupações enquanto produto da prática docente (o professor como motivador dos alunos a construírem junto a eles o movimento grevista, unindo discentes e docentes em busca de melhorias na educação como um todo), e também destacando as mutações nas percepções acerca das ocupações. Elas, num primeiro momento qualificadas como lugar, passando a figurar como território.

Problemática

Os alunos das escolas paralisadas durante a greve, em apoio aos professores, decidiram poucos dias após a deflagração da greve, ocupar suas respectivas escolas, e desse modo, é necessário compreender os processos que os motivaram. De início, podemos aferir que a educação, conforme Freire (2009) é um ato político, que demanda do professor um posicionamento, seja, democrático ou autoritário. Assim, se faz necessário indagar sobre o papel do professor nesse contexto de greve e investigar o que foi feito nas escolas para que houvesse uma alta taxa de adesão por parte dos alunos.

Também é necessário captar as percepções dos alunos ocupantes para com o espaço em que eles se colocam. As ocupações, como produto da greve, se qualificaram num primeiro momento como lugar para os ocupantes, onde ela se deu por vias afetivas (os alunos ocupantes gostam da escola). Segundo Cavalcanti (1998), o espaço se tornou familiar, ou seja, ele é vivido, experenciado. As ocupações até então estavam em harmonia com as direções escolares, mas em determinado ponto os ocupantes e direções escolares entraram em conflito,

resultando na saída dos gestores das escolas. As ocupações agora tinham mais poder sobre a escola, definindo as regras da ocupação sem a presença da direção escolar. Assim, a noção de lugar se transformava em noção de território, no qual, segundo Souza (2008), é definido e delimitado por relações de poder.

Assim, a pesquisa objetiva entender o papel do professor dentro desse contexto de greve, seja como estimulador ou desestimulador da participação dos alunos na greve. Objetiva também compreender as metamorfoses das noções inerentes a ocupações: a ocupação enquanto lugar e depois como território. Metodologia

Na construção dessa pesquisa optamos por uma abordagem qualitativa, no qual elencamos entrevistas e diário de campo, nos quais registramos os acontecimentos durante a ocupação pesquisada aqui. Na perspectiva de Martinelli (1999), dentro desse tipo de pesquisa nos expressamos como sujeitos políticos, nos possibilitando verificar a realidade a partir de um ângulo crítico.

Objetivando entender os espaços formados dentro da escola nos diversos momentos de ocupação, partimos para um levantamento bibliográfico que nos direcionou a investigar sobre a ideia de pertencimento do ambiente escolar, que sofreu transformações no período de ocupação, uma vez que a realidade das ocupações se qualificam como dinâmicas.

O lócus dessa pesquisa foram três escolas de ensino médio da rede estadual, localizadas em Fortaleza, onde ao mesmo tempo acontecia o movimento de ocupação vivenciado dentro de seus muros. Cada escola tinha suas particularidades em suas ocupações, contudo, o sentimento de pertencimento e os espaços formados no momento da ocupação eram unânimes. Para conduzir a pesquisa entrevistamos os ocupantes, o que nos proporcionou uma percepção sobre essas novidades dentro dos muros das escolas. Utilizamos também como técnicas a observação e anotação no diário de campo, na qual registramos os acontecimentos relevantes para a compreensão da situação no estudo, ao mesmo tempo em que acompanhamos as notícias veiculada pelos jornais locais, com o intuito de entender a progressão desse movimento inédito no Ceará. Resultados

Verifica-se diante do exposto, que o professor, no contexto de greve tem papel fundamental para o desencadeamento das ocupações, estimulando os alunos a construírem o movimento grevista em conjunto com professor. A participação do professor que mais uma vez se fez de ignição para ativar e destacar que a educação pública vive de conquistas e dessa forma a luta por



melhores condições educacional é também da comunidade e assim a mesma foi o veículo para evidenciar descontentamento e reivindicar as melhorias que a educação pública necessita. Também podemos aferir que as ocupações foram sofrendo metamorfoses enquanto estavam ativas nas escolas, passando de lugar a território. No entanto, as escolas, após término da greve e da maioria das ocupações, figuram para os ocupantes como deslugar, onde eles passam por situações de discriminação por parte de outros alunos que não participaram, sendo excluídos dos ciclos de amizades que tinham na escola antes da greve. Assim, a afetividade que antes configurava a escola como lugar, aqui é fragilizada. Referências

CAVALCANTI, Lana de Souza. Geografia, escola e construção de conhecimentos. Campinas – SP: Papirus, 1998.

FREIRE, Paulo. Professora sim, tia não: cartas a que ousa ensinar. 21ª ed. São Paulo: Olho d'Água, 2009.

MARTINELLI, Maria Lúcia (org). Pesquisa Qualitativa. São Paulo: Versus,1999. Série Núcleo de Pesquisa.

SOUZA, Marcelo José Lopes de. O território: espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato. Geografia: conceitos e temas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

L1 - 013 - Oral

AS PERCEPÇÕES DE DISCENTES E DOCENTES SOBRE O ESPAÇO ESCOLAR A PARTIR DAS DIMENSÕES DE TOPOFILIA E TOPOFOBIA

Lucas Walbruni Rocha/ Christian Dennys M. de Oliveira

INTRODUÇÃO

A percepção desempenha um papel de extrema importância na relação simbólica que as pessoas constroem com os lugares. O jogo das percepções atrativas e/ou repulsivas são construídas e (re)adaptadas a partir dos movimentos diários que são exercidos pelas pessoas, ao se deslocarem no espaço e por entre os diferentes lugares que experimentam. Essa pesquisa busca discutir sobre as sensibilidades de atração e repulsão que são potencializadas no espaço escolar a partir das percepções de professores e alunos, por intermédio das dimensões de topofilia e topofobia.

A palavra "topo", do grego *topos*, significa lugar, enquanto que "filia" exprime a ideia de afeição ou atração. Dessa forma, entendemos como *topofilia* "os laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente material" (TUAN, 2012, p.107). Já a *topofobia* seria entendida, ao inverso, como a aversão aos lugares. Esse sentimento negativo desperta uma "paisagem do medo" (TUAN, 2005), fazendo com que o indivíduo tenha uma repulsão por determinados objetos e/ou elementos presentes nesse lugar. Filia e fobia são assim projetados em macro espaços, como cidades e bairros, bem como em micro espaços, como o lar e a escola.

Chauí (2000) nos mostra que a percepção é a relação do sujeito com o mundo exterior. Para a autora, a percepção é "uma conduta vital, uma comunicação, uma interpretação e uma valoração do mundo, a partir da estrutura de relações entre nosso corpo e o mundo" (p.154).

PROBLEMATIZAÇÃO

A problemática que envolveu a pesquisa transcorreu pelos seguintes questionamentos: Em que momentos/situações a escola é reconhecida como um lugar topofílico e/ou topofóbico? Que elementos se destacam nos valores e na perspectiva dos estudantes para esse reconhecimento? Ele está articulado como o reconhecimento similar na escala do seu bairro? Ou do seu lar? Buscou-se também observar se os professores consideram essa bipolaridade (filia x fobia) um elemento relevante (ou não e porque) na valorização que a comunidade discente dá a escola, levando em conta que tais temas também se encaixam em conteúdos atitudinais (ZABALA, 1998) a serem trabalhados em sala de aula.

O objetivo principal foi interpretar como os alunos de uma escola de ensino fundamental — Escola Nossa Senhora das Graças (em Fortaleza/CE) — percebem o espaço escolar enquanto lugar topofílico e/ou topofóbico. Os específicos tinham como interesse analisar a escola como um lugar de relações sociais entre os sujeitos presentes; identificar o contexto sociocultural em que a escola está inserida; e compreender as experiências que levam aos alunos a potencializarem suas sensibilidades *fílicas* e *fóbicas* com o seu lugar de aprendizagem.

METODOLOGIA

A metodologia utilizada foi do tipo qualitativa, pautada em observações das imediações escolares, de sua estrutura física interior e exterior, bem como das relações estabelecidas entre os sujeitos que compõem o ambiente escolar.

Foi estruturada em três etapas que se dividiram em: revisão bibliográfica; coleta de dados; e tratamento dos dados coletados.

A primeira etapa consistiu na leitura de referências bibliográficas de importantes autores que abordam sobre o tema em questão, além de artigos produzidos abordando o assunto em diferentes perspectivas. A segunda, foi destinada aos registros observados do ambiente escolar por meio de fotografias e anotações na caderneta de campo, da aplicação de entrevistas semiestruturadas com os professores da escola e questionários com alguns alunos, além da análise do Projeto Pedagógico da escola. Já na terceira etapa ocorreu a leitura e interpretação dos dados coletados, bem como a sistematização do trabalho final. Ao todo foram realizadas quatro visitas, que totalizaram 16h de pesquisa em campo.

Para os alunos do 6º ano, foi preparado uma atividade com a utilização de imagens em slides e com ajuda do projetor. O tema abordado "a identidade dos lugares", já havia sido trabalhado pelo professor com a turma há algumas aulas. Após a (re)apresentação do conteúdo, foi solicitado aos estudantes que elaborassem um texto revelando se gostavam da escola (ou não) e os motivos, além de pontuarem seus aspectos positivos e negativos. Participaram da atividade os 20 alunos que estavam presentes em sala.

Para os alunos do 9º ano, foi feito uma discussão sobre o assunto da pesquisa e em seguida aplicado um questionário com quatro questões discursivas e uma objetiva, na busca de obter informações a respeito de: há quanto tempo os alunos estudam nessa escola; os motivos que levaram à escolha de tal escola; se gostam dela ou se queriam estudar em outro lugar; se já presenciaram algum tipo de violência na escola, bem como nas proximidades dela. Por último, a questão objetiva continha itens que procuravam descobrir se a escola para os alunos era: bonita ou feia, alegre ou triste, suja ou limpa, perigosa ou segura, atrativa ou repulsiva. Os 13 alunos que estavam presentes em sala no dia da aplicação do questionário participaram da pesquisa.

A entrevista com três professores que ministram as disciplinas de Geografia, História e Ciências foi realizado em uma das salas da escola e a gravação de seu conteúdo foi devidamente autorizada pelos entrevistados. Os assuntos delimitados para a entrevista foram estabelecidos a partir da problemática central que envolviam os professores: se eles consideram essa bipolaridade (atração x repulsão) um elemento relevante (ou não e porque) na valorização que a comunidade discente dá a escola.

RESULTADOS

A primeira impressão obtida da escola é que as dicotomias sagrado/profano, filia/fobia preenchem todos os seus espaços. Alguns locais parecem ser mais atrativos para os alunos, enquanto outros parecem ser repulsivos. Um mesmo local também parece expressar as duas sensibilidades nos estudantes. Ao mesmo tempo que acolhe, também pune. Ao passo que a escola anteriormente era uma residência, tal "lugar sagrado", como pôde ser visto na obra de Eliade (1992), desperta esse misto de atração/repulsão.

A cada caminho percorrido pelos corredores, pela quadra e pelas salas, ao experienciar esse lugar movimentando-se pelo seu espaço repleto de elementos que podem despertar atração e/ou repulsão, o jogo das percepções criadas a partir da vivência diária também fora dela é posto em cena.

A obra de Tuan (2013) nos mostrou que o espaço denota vastidão e ameaça, enquanto que no lugar estão a seguridade e estabilidade. Partindo desse pressuposto, a escola como o lugar dos alunos deveria transmitir para esses sujeitos tais sensações.

Entretanto, preconceitos, *bullyngs* e demais intolerâncias que possam existir dentro da escola entre os próprios alunos ou até mesmo entre professores e alunos, acabam por contribuir na construção de sensibilidades fóbicas.

A escola observada é da rede particular de ensino, porém atende principalmente aos alunos de baixa renda e residentes do próprio bairro e adjacências. O bairro Henrique Jorge possui relativo índice de violência e outros problemas relacionados aos serviços públicos, dessa forma, a escola também acaba sendo vista por muitos alunos como uma paisagem repulsiva. Os muros não separam duas realidades distintas, e por isso a escola não deve ser vista sem também observar o seu contexto ao redor. Os apontamentos de Oliveira (2011) contribuem para essa investigação.

BIBLIOGRAFIA PARCIAL

CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. Ed. Ática, São Paulo, 2000. Disponível em: http://www.filosofia.seed.pr.gov.br/arquivos/File/classicos_da_filosofia/convite.pdf. Acessado em: 2 de Junho de 2016.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**. São Paulo: Martins Fontes, 1992. OLIVEIRA, Christian Dennys Monteiro de. "Para pensar a cultura escolar a partir da periferia globalizada". p. 129-155. In: **Ensino de geografia**: novos olhares e práticas. / Flaviana Gasparotti Nunes (Organizadora). – Dourados, MS: UFGD, 2011.



TUAN, Yi-Fu. **Paisagens do medo**. São Paulo: Editora UNESP, 2005.
______. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitude e valores do meio ambiente. Londrina: Eduel, 2012.
_____. **Espaço de Lugar**: a perspectiva da experiência. Londrina: Eduel, 2013. ZABALA, Antoni. **A prática educativa**: como ensinar. Porto Alegre: Editora Artes

L1 - 003 - Painel

ESTRATÉGIA GEOEDUCACIONAL NA COOPERAÇÃO SUL-SUL: UMA ANÁLISE DOS PROJETOS DE UNIVERSIDADES (UNILA E UNILAB)

Fabrício Américo Ribeiro

Médicas Sul Ltda., 1998.

INTRODUÇÃO

Esse estudo procura retratar as representações geoeducacionais e o processo de internacionalização do ensino superior no Brasil, a partir da Universidade Federal da Integração Latino Americana (UNILA), na cidade de Foz do Iguacu-PR, com a proposta de integração regional, através do ensino dos países da América Latina e Caribe e a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), possuindo como proposta a integração entre as nações que compõem a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), formada por: Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe, Timor-Leste e Brasil, na cidade de Redenção-CE. Com essas universidades o Brasil, apresenta ao mundo, um projeto de internacionalização, por meio do ensino superior, através de uma integração denominada Sul-Sul, com a promessa de garantir o conhecimento humanístico, científico e tecnológico e da cooperação solidária na zona do Atlântico Sul, que se apresenta como área de interesse para o Brasil já algum tempo. O principal intuito desse estudo é compreender a internacionalização do ensino superior em um mundo globalizado, e como o Brasil vem agindo nesse processo e as representações sociais, através de professores e alunos brasileiros e estrangeiros que compõem essas universidades. A latinidade e a lusofonia estão presentes nas mesmas, através de representações e símbolos, sejam materiais e imateriais, em um fluxo de ideias, culturas e histórias diferentes. As cidades escolhidas para suas sedes, Foz do Iguaçu-PR e Redenção-CE, já representam em parte as identificações dessas instituições, pois a primeira em área de fronteira entre o Brasil e vizinhos latinos

e a segunda, representando o fim da escravatura no Brasil, essas abordagem estão presentes no dia a dia dessas universidades aqui estudadas.

PROBLEMATIZAÇÃO

Nessa pesquisa foi possível compreender os interesses geopolíticos do governo brasileiro na zona do Atlântico Sul e como a educação superior está sendo utilizada para alcançar esses objetivos. Porém as dificuldades são diversas, pois as nações envolvidas nesses projetos possuem aspectos culturais e econômicos bem distintos e com a nova conjuntura política do Brasil essas propostas se tornam duvidosas para manter sua continuidade. Foi comprovado que na atual globalização a educação superior possui uma posição de destaque para os interesses internacionais do Brasil.

METODOLOGIA

Esse estudo foi embasado numa pesquisa qualitativa, descritiva e exploratória sobre a percepção da internacionalização do ensino superior, a partir das universidades Federais no Brasil (UNILA e UNILAB), e os interesses geopolíticos, econômicos e imperialistas do Brasil na América Latina e na África.

- Pesquisa bibliográfica sobre o ensino superior e suas transformações a partir dos anos 1990.
- Pesquisa empírica na Unila e na Unilab;
- Entrevista com gestores e alunos das universidades estudadas;
- Questionários para compreender a internacionalização na visão dos docentes e discentes.

RESULTADO

O propósito desta investigação foi analisar e discutir o contexto geopolítico do ensino superior no momento atual e as estratégias do governo brasileiro na cooperação internacional Sul-Sul, através da educação superior. Contextualizamos um mundo em transição, no qual a educação pode promover mudanças, sendo uma das ferramentas utilizadas pelos países para conquistar espaços econômicos, nesse início de século XXI. Dessa maneira, apresentamos aqui, depois de reflexões e estudos sobre essa temática com grande relevância para as políticas educacionais de nível superior do Brasil no mundo globalizado.

Estudar as espacialidades advindas das políticas públicas educacionais na consolidação da UNILA e da UNILAB pressupõe, em primeiro lugar, a compreensão de como uma instituição de ensino superior pode se tornar um agente na dinâmica espacial, sendo capaz de construir, reconstruir e influenciar o espaço geográfico, político e social de um lugar.



O foco desse estudo esteve em compreender como ambas as Universidades, enquanto agentes na dinâmica sociopolítico espacial, vêm contribuindo com as políticas educacionais projetadas do Brasil para a América Latina, Caribe e África mais Timor Leste. Analisamos também os interesses do governo brasileiro em uma política geoestratégica na zona do Atlântico Sul, em um contexto de relações de poder, com viés imperialista a nível regional e continental, centrada em uma nova globalização, na qual a ocupação de espaços econômicos passa pela dominação do conhecimento, no limiar do século XXI.

Procuramos inicialmente explanar as motivações que levaram a estudar esse tema, que aborda o entendimento do espaço geoeconômico e suas transformações através de investimentos educacionais de nível superior, que vêm ocorrendo em Foz do Iguaçu e Redenção. Tal proposta do MEC visa de promover universidades internacionais, sendo a UNILA pioneira e a UNILAB um segundo modelo de integração, pela especificidade da herança portuguesa na África e Ásia. Através dessa investigação, compreendemos que o contexto geopolítico atual passa por investimentos na educação superior e que através da mesma o domínio através do conhecimento é algo possível na nova conjuntura internacional.

REFERÊNCIAS

AKKARI. A. Internacionalização das Políticas Educacionais: transformações e desafios. São Paulo. Editora Vozes, 2011.

ALTBACH, Philip G. Educación superior comparada: el conocimiento, la universidad y el desarrollo. 1ª ed. Buenos Aires: Universidad de Palermo - UP, 2009.

BLOOM, D. E. Des idées à l'action pour une réforme de l'enseignement supérieur. In: BRETON, G.; LAMBERT, M. (Org.). Globalisation et Universités. Paris: Nouvel espace, nouveaux acteurs, Editions UNESCO/Université Laval/Economica, 2003. BORDIEU. P. TOMAZ. F. (tradutor). O poder simbólico. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil. 4ª edição. 2001.

CUNHA. L. A. A Universidade Temporã: o Ensino Superior da Colônia à Era de Vargas. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

GARCIA-GUADILLA. C. "¿Introducción — Se desestabiliza la noción de "bien público" em la educación superior?", in: GARCIA-GUADILLA, C. (org.). El difícil equilíbrio: La educación superior como bien público y comercio de servicios, Universidad de Castilla-La Mancha, Cuenca. 2004.

NEY. A. Políticas Educacionais: Organização e Estrutura da Educação Brasileira. Rio de Janeiro: Wak editora, 2008.

OLIVEIRA. C. D. M. de.; Sentidos da Geografia Escolar. Ceará. Editora: Edições UFC, 2ª edição, 2010.

OLIVEIRA. N. Foz do Iguaçu Intercultural: cotidiano e narrativas da alteridade. Foz do Iguaçu-PR. Editora: Epígrafe. 2012.

L1 - 006 - Painel

ENSINO DE GEOGRAFIA E CONSTRUÇÃO EPISTEMOLÓGICA DO CONHECIMENTO: DO ENSINO À PESQUISA E DA PESQUISA AO ENSINO

Francisco Ringo Star Pinto/ Rosalvo Nobre Carneiro
Francisca Elizonete de Souza Lima

INTRODUÇÃO

Somos todos os dias desafiados a (re)pensar as nossas práticas de ensino em sala de aula, todavia, quando se trata das atuais exigências impostas nas práticas educativas, que são inovação e renovação dessas práticas subjacente à realidade. "A prática escolar consiste na concretização das condições que asseguram a realização do trabalho docente" (LIBÂNEO, 1985, p. 19, grifo nosso). Atuar com disciplinas como Português, Matemática, Ciências, História exige cada vez mais refletir acerca da importância dessas áreas do conhecimento no ensino básico.

E quanto a Geografia? Será que uma disciplina tão sequiosa de autonomia e legitimidade, não exige de nós enquanto professores refletir em torno dela, a partir da sua importância e do seu papel em sala de aula? Uma disciplina que tem como objeto de construção epistemológica do conhecimento, estudar o *Espaço Geográfico*, a partir do enfoque universal ao enfoque particular ou vice-versa?

Para Cavalcanti (1998, p. 11), Um ponto de partida relevante para se refletir sobre a construção de conhecimentos geográficos, na escola, parece ser o papel e a importância da Geografia para a vida dos alunos. A autora reflete, a importância de se discutir a geografia em torno do sentido de vida do aluno no seu cotidiano, a partir de sua vivência, do seu lugar e da sua cultura. Porém, a sala de aula, como parte integrante do espaço escolar, torna-se extremamente relevante como ponto de partida para o ensino e a pesquisa.

PROBLEMATIZAÇÃO

Os conteúdos do livro didático por si só na Geografia, não são suficientes para dá a essa disciplina, a sua legitimidade epistemológica. O livro didático era a



única e exclusivamente a ferramenta metodológica usada nas aulas de Geografia, isso só servia como mera descrição e depósitos de conceitos fragmentados no aprendizado do aluno, que era e/ ou ainda são transmitidos pelo professor através da chamada aula expositiva e enfadonha, no qual podemos definir como método bancário, tão denominado por Paulo Freire (2005), que são "aulas verbalistas, nos métodos de avaliação dos "conhecimentos", no chamado "controle de leitura", na distância entre o educador e os educandos, nos critérios de promoção, na indicação bibliográfica, em tudo, há, sempre a conotação "digestiva" e a proibição ao pensar verdadeiro".

Essa realidade lamentável de uma Geografia tecnicista e longe da realidade, ainda persiste, quando examinamos com detalhe o depoimento de professores e autores da Geografia retratando a precarização no ensino de Geografia. Para Castrogiovanni (2007, p. 42) "muitos ainda acreditam que a Geografia é uma disciplina desinteressante e desinteressada, elemento de uma cultura que necessita de memória para reter nomes de rios, regiões, países e altitudes, [...]". Na mesma visão, Pires e Pinheiro (2009, p. 02) argumentam que "a importância de se aprender Geografia passa despercebido pelos alunos, na maioria das vezes, pois eles acreditam que precisam apenas alcançar objetivos propostos por meio dos exercícios e das avaliações realizadas em sala de aula.

Segundo Oliveira (1994) citado por Pires e Pinheiro (2009, p. 02) "o saber que vem sendo ensinado nas escolas, sobretudo de primeiro e segundo graus, ainda está muito longe de permitir aos jovens a compreensão do mundo em que vivem e muito menos ainda permitido abrir-lhes horizontes para sua transformação [...]". Mas isso é culpa da disciplina e propriamente do professor de Geografia? As afirmações de Straforini (2001, p. 21), são bastante pertinentes ao dizer que "[...] o desinteresse dos alunos pela disciplina e pelas demais é o resultado do completo sucateamento da Educação, onde há ausência de tudo: materiais e recursos didáticos, infraestrutura física, baixos salários e deficiência na formação dos professores e demais profissionais da Educação".

METODOLOGIA

Este trabalho, gira em torno de uma teórica e exploratória teórica em busca de questionamentos e, sobretudo, respostas quanto às nossas dificuldades de se trabalhar algumas disciplinas que no atual contexto, ainda tornam-se enfadonhas, cansativas e rotineiras, todavia, pela falta de materiais e recursos técnicos.

Para isso foram de extrema relevância a discussão teórica de professores e geógrafos que discutem o ensino e a geografia em formação, como Libâneo (1985), Cavalcanti (1998), Pontuschka (1999), Castrogiovanni (2007), Santos (2012), entre outros teóricos, que discutem o ensino de geografia e a questão do espaço.

RESULTADOS

Ensinar é muito mais do que uma tarefa do dia a dia, mas, uma tarefa desafiadora, que nos faz refletir em torno de nossa prática pedagógica enquanto educadores, pois, "[...] o professor precisa recriar todos os dias, a partir do conhecimento, a sua prática, tendo em vista a complexidade de saberes e das demandas existentes" (OLIVEIRA, 2015, p. 373). Com a Geografia não é diferente, enquanto professores dessa disciplina, somos movidos pela missão reflexiva e formadora, a pensar junto com o aluno, o mundo a nossa volta, a partir do nosso cotidiano, das relações sociais, das manifestações e da nossa história de vida.

Pesquisar aquilo que está em nossas possibilidades de docentes e discentes é de suma importância, para que se possa entender realmente os conteúdos geográficos e para que eles entrem na formação pessoal e profissional do aluno. Para Cavalcanti (1998, p. 16), "A Geografia defronta-se, assim, com a tarefa de entender o espaço geográfico num contexto bastante complexo". Na visão da autora, "O avanço das técnicas, a maior e mais acelerada circulação de mercadorias, homens e ideias distanciam os homens do tempo da natureza e provocam um certo "encolhimento" do espaço de relação entre eles" (Ibidem, p. 16, grifo da autora).

Em torno da complexidade de mudanças significativas em torno do Espaço Geográfico, no qual estamos discutindo, refletir sobre a pesquisa em torno da Geografia enquanto ciência na academia e disciplina na educação básica, ainda nos vale de muitos esforços enquanto professores e pesquisadores. Discutindo as pesquisas no Ensino de Geografia, (Pontuschka, 1999), afirma que:

Até os anos 60, muito pouco sabemos sobre a produção de pesquisas voltadas para o ensino e a aprendizagem da Geografia, a não ser pelas críticas aos livros didáticos realizados sobretudo por historiadores ou pelos autores que, na década de 30, produziram livros sobre metodologia da geografia, com destaque para Delgado de Carvalho. (p. 113).



A autora ainda destaca a extrema contribuição dada por Delgado de Carvalho na Geografia, que por sinal foi muito importante na concepção e no pensamento em torno da Geografia da época.

A Metodologia do ensino de geografia, publicado em 1925, constitui o trabalho mais importante da Geografia do Brasil, na primeira metade do século XX, escrito por Delgado de Carvalho, professor e diretor do tradicional Colégio D. Pedro II e o primeiro a se preocupar com o ensino de geografia, fundamentado pelo método de pesquisa e ensino da época e propondo uma distribuição mais precisa e lógica dos conteúdos. Esse estudioso interferiu inclusive nas concepções dessa disciplina nas reformas de ensino ocorridas no início do século em nosso país. (Ibidem, p. 113)

A contribuição de vários teóricos da história do pensamento geográfico, tem trazido inúmeras contribuições significativas à Geografia, principalmente quando se trata em estudar o Espaço Geográfico. Vale destacar a grande contribuição de Milton Santos, que no final da década de 1970, em sua majestosa obra *Por uma Geografia Nova*, deu uma importante visão autonôma à Geografia, elaborando o conceito de espaço como uma "instância da sociedade" (SANTOS, 2012, p. 156).

A contribuição de Milton Santos à Geografia, com inúmeras de suas obras, deu a esta disciplina, uma visão mais ampla do mundo, a partir do progresso técnico, que já se acelerava no final do século XX, para início do século XXI, no qual, o *Meio técnico-científico-informacional* (SANTOS, 2012), foi significativo para a evolução, rapidez e instantaneidade da informação.

Diante de tantas questões já discutidas, uma das preocupações em torno da Geografia enquanto Ciência e disciplina propriamente na educação básica, é muitas vezes a falta de contato interdisciplinar com outras áreas do conhecimento, e quando se tem feito essa junção, o que há de mais percebido é o seu isolamento e sua subvalorização.

BIBLIOGRAFIA PARCIAL:

CASTROGIOVANNI, A. C. Para entender a necessidade de práticas prazerosas no ensino de geografia na pós-modernidade. In: REGO, N; CASTROGIOVANNI, A. C.; KAERCHER, N. A. (orgs). **Geografias**: práticas pedagógicas para o ensino médio. Porto Alegre: Artmed, 2007

CAVALCANTI, L. S. **Geografia, escola e construção de conhecimento**. Campinas, SP: Papirus, 1998. (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico)

LIBÂNEO, J. C. **Democratização da escola pública**. A pedagogia crítico-social dos conteúdos. 27º ed. São Paulo, Brasil, 1985.

OLIVEIRA, A. U. (org). **Para onde vai o ensino de Geografia?** 9. ed. São Paulo: Contexto, 2008^a.

PIRES, L. M.; PINHEIRO, A. C. Os Desafios da prática pedagógica do professor de Geografia no Cotidiano Escolar. In: **10º Encontro Nacional de Prática de Ensino em Geografia**. Porto Alegre/RS, 2009.

PONTUSCHKA, N. N. A Geografia: Pesquisa e Ensino. In: CARLOS, A. F. A. (org.) **Novos Caminhos da Geografia**. São Paulo: Contexto, 1999.

SANTOS, M. **A Natureza do Espaço**: Ténica e Tempo, Razão e Emoção. 4. ed. 7. reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012. (Coleção Milton Santos; 1).

STRAFORINI, R. Ensinar Geografia nas séries iniciais: o desafio da totalidade mundo. 2001. 155f. Dissertação (Mestrado em Geociências) – Instituto de Geociências da Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP, 2001.

L1 - 007- Painel

O OLHAR GEOGRÁFICO NA ESCOLA: REFLEXÕES SOBRE A PLURALIDADE SOCIO-CULTURAL NO AMBIENTE ESCOLAR

Kelly dos Santos Tavares/ Juliana Oliveira Andrade

INTRODUÇÃO

Considerando que na escola se encontram diversas realidades reunidas, ela é o lugar da aprendizagem do espírito democrático e tolerante. O reconhecimento de que há um profundo preconceito latente na realidade brasileira torna-se o ponto inicial para a sua superação. Chega a ser um absurdo e uma contradição insustentável encontrarmos o preconceito e a discriminação atuantes nos centros educativos. Nessa lógica, a escola perpetua a estrutura e a dinâmica social, ao preparar de forma desigual e injusta os alunos para este mundo no qual o preconceito é latente e manifesto.

É preciso lembrar que a bagagem cultural dos indivíduos contribui para definir a cultura organizacional da instituição que fazem parte. Deve se analisar os conceitos de "raça", "etnia" e "gênero" e problematizá-los. É precisamente nessa difícil problemática que se insere as teorizações críticas sobre a identidade

étnica e racial. A própria história determina nesse "jogo" quem são os detentores do saber e do poder.

Levando em consideração o que foi afirmado minimamente com relação a como deve ser uma escola que respeite e reflita todas as diferenças presentes na sociedade, procuramos tratar no artigo o caso específico da escola Reitor Pedro Teixeira Barroso, mostrando o que foi percebido através da experiência da pesquisa, abordando os temas que caminham em torno da caracterização do espaço da escola, da atuação do núcleo gestor e do que foi observado acerca do tema proposto inicialmente, que seria perceber como a escola trata temas ligados a pluralidade sociocultural com a comunidade escolar.

Abordamos no artigo ainda as reflexões e sentimentos que tivemos durante a experiência da pesquisa realizada na escola, levando em consideração as falas dos alunos, da professora, os conteúdos de Geografia e como eles são trabalhados, estrutura da escola, realidade em que a escola e os alunos estão inseridos, as atividades complementares que a escola realiza que promovem maior interação entre os alunos. Com isso, procurando fazer um diálogo com vários autores de ensino de Geografia, fazendo um paralelo entre teoria e prática. **PROBLEMATIZAÇÃO**

Um dos objetivos da escola deve ser valorizar e assegurar que haja a diversidade social, de gênero e etino racial, tendo como base a educação na forma de instrumento decisivo para que se tenha plena cidadania e consiga dar apoio as populações que vivem em situações de vulnerabilidade social. É preciso lembrar que a gestão educacional deve ser voltada para a transformação social, esta é um ato que não se dá no vazio mas necessita de condições históricas determinadas para atender as necessidades e interesses de pessoas e grupos.

A Geografia é uma ciência que faz parte do sistema de disciplinas que compõem a organização escolar, a qual fornece subsídios que contribuem para o entendimento do espaço geométrico e existencial em que as crianças vivem. A partir de suas ferramentas e conceitos, podemos observar, analisar, interpretar e relacionar os acontecimentos e a forma que assume o espaço geográfico que nos cerca; compreendendo que esse espaço é o resultado histórico das ações dos grupos de diferentes costumes, que dele fazem parte, e o transformam constantemente. Sobre isso, Cavalcanti salienta:

O objetivo é o de salientar os modos como a escola e o ensino de Geografia se inserem na teia das relações sociais e como as relações sociais estão inseridas na escola. Nesse sentido, deve-se pensar a escola como expressão das relações que ocorrem nas cidades, como expressão de forma de socialização, como as que ocorrem em outros espaços. A cidade é a experiência do múltiplo, das diferenças, da diversidade, com isso, há uma pluralidade de sujeitos e de culturas também na escola, o que se manifesta na experiência de aprendizagem diversificada. (Cavalcanti, 1998, p. 381)

A Pluralidade Cultural ressalta a importância da diversidade presente na sociedade brasileira, visando a valorização das heranças culturais e a superação de todas as formas de discriminação e exclusão dos indivíduos. Na forma como tem sido idealizada, a Proposta Pedagógica legitima e possibilita um espaço para se efetivarem os objetivos apresentados por essa temática.

METODOLOGIA

A pesquisa e construção do trabalho se deu através do acompanhamento das aulas de Geografia das turmas de 7º e 8º anos, na escola Reitor Pedro Teixeira, localizada na Barra do Ceará, periferia de Fortaleza, Ceará. Procurando identificar a realidade em que a escola está inserida e dialogando com alunos, professores e funcionários da mesma através de entrevistas semi-estruturadas, tendo como intenção nas trocas com os alunos, a caracterização do perfil dos mesmos, de onde vêm e quais são suas condições socioeconômicas. Nas conversas com os professores procuramos observar como os mesmos trabalham os conteúdos. principalmente de geografia, para promover a idéia de uma escola tolerante e plural, que respeita as diferenças marcadas em nossa sociedade. A investigação conta ainda com análise de documentos da escola, registros fotográficos e atividade realizada com os alunos para discutir o racismo no Brasil. Buscamos fazer a pesquisa "conversando" com autores de Geografia e ensino, comprovando boa parte de suas falas em diversos textos e também discordando de alguns posicionamentos com relação ao que se observa na escola e principalmente na sala de aula.

RESULTADOS

É importante abrir espaço para que a criança e o adolescente possam manifestar-se. Viver o direito à voz é experiência pessoal e intransferível, que permite um oportuno e rico trabalho. Assim também o exercício efetivo do diálogo, voltado para a troca de informações sobre vivências culturais e esclarecimentos acerca de eventuais preconceitos e estereótipos é componente fortalecedor do convívio democrático. O tema da Pluralidade Cultural oferece oportunidades de conhecimento de suas origens como brasileiro e como



participante de grupos culturais específicos. Ao valorizar as diversas culturas que estão presentes no Brasil, propicia ao aluno a compreensão de seu próprio valor, promovendo sua auto-estima como ser humano pleno de dignidade, cooperando na formação de autodefesas a expectativas indevidas que lhe poderiam ser prejudiciais. Por meio do convívio escolar é possibilitado conhecimentos e vivências que cooperam para que se apure sua percepção de injustiças e manifestações de preconceito e discriminação que recaiam sobre si mesmo, ou que venha a testemunhar — e para que desenvolva atitudes de repúdio a essas práticas.

A Geografia, como disciplina escolar, ganha destaque por seu caráter interdisciplinar que engloba conhecimentos de várias ciências na análise dos fenômenos espaciais em que o ser humano tem papel destacado e decisivo em todo o processo. Por conseguinte, é atribuído não apenas, mas em especial a Geografia, a missão da educação para a preparação de cidadãos cada vez mais conscientes de sua participação na sociedade como forma de transformação da organização social e espacial mediante a conquista e a consolidação de direitos e deveres individuais e coletivos no exercício da cidadania.

Bibliografia Parcial

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia, escola e construção de conhecimentos.** Campinas, SP: Papirus, 1998

DEMO, Pedro. O desafio de educar pela pesquisa na educação básica. Educar pela pesquisa, v. 2, 1997.

SANTOS, Lucas dos et al. **PCN - o ensino da geografia no ensino médio** – Brasil. In: Anais do Encuentro de Geógrafos de América Latina, 2013. v. 14, p. 1 - 9. KIMURA, Shoko. **Geografia no ensino básico: questões e propostas**. 2.ed., 1ª reimpr. São Paulo, SP: Contexto, 2011.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib. **Geografia, representações sociais e escola pública**. Terra Livre, São Paulo, nº15, p. 145-154, 2000

L1 - 008 - Painel

REFLEXÕES SOBRE A CONTRIBUIÇÃO DA LINGUAGEM TEATRAL PARA A FORMAÇÃO SOCIO-CULTURAL NO ENSINO DE GEOGRAFIA

Rebeka Carvalho Macedo/ Antônio Inácio S. F. de Vasconcelos/ Jacquicilane Honorio de Aguiar Ensinar Geografia é uma prática desafiadora diante do modo como o conhecimento geográfico, seus objetivos e meios são apresentado nas diretrizes e currículos escolares. Se utilizar de recursos didáticos para auxiliar nesse processo de construção do conhecimento é fundamental no ambiente escolar, no entanto, seu desenvolvimento exige dedicação, técnica e criatividade.

Há uma variedade de aspectos que podem ser desenvolvidos a partir da utilização de outras linguagens no processo de aprendizagem, como propõe Costa (2009), que destaca a utilização da linguagem artística para proporcionar uma sala de aula diferenciada, dispensando os termos técnicos e enfatizando os termos da experiência e inovação, atribuídos a estes o real processo de significação das coisas por meio da arte, onde o sujeito passa internamente pela estimulação, elaboração e respostas, considerando os aspectos emocionais de cada um.

A escola apresenta-se como um espaço de socialização para crianças e jovens, e como tal este ambiente está dotado de moralidades e culturas cotidianamente cultuadas ou contestadas por seus participantes, por meio das expressões de seus valores. Na maioria das vezes, os estigmas da exposição coletiva, da vergonha de si próprio distancia os estudantes de experiências novas, da criação e construção do conhecimento por meio de uma prática pedagógica diferenciada.

Considerando a relação muitas vezes estabelecida por professores, alunos, pais e os demais agentes da formação educacional de modo hierárquico e enrijecida, por exemplo, nos planejamentos escolares, ações de culminância e até mesmo no caráter rotineiro dos conteúdos ministrados vivenciamos a carga desafiadora de implementação de atividades que desafiam a lógica do funcionamento da escola, das salas de aulas lotadas, da ausência de tempo para dedicação, do receio dos alunos, entre tantos outros fatores. A sala de aula que deveria funcionar como celeiro de criatividade, do desafio e da construção diária de ressignificações que perpassam o imaginário dos alunos, reduz-se a um campo de manutenção de práticas docentes consagradas pela prática hegemônica. Dessa forma, o presente artigo tem como objetivo discutir a contribuição da linguagem teatral no ensino de Geografia a partir da construção de representações artísticas relacionadas com o cotidiano vivenciado pelos alunos, tendo como temática principal as desigualdades e contradições de grandes eventos com as questões relacionadas a vivencias socioculturais.

PROBLEMATIZAÇÃO



Os usos dos elementos que compõem a teatralidade na sala de aula não precisam estar necessariamente imbuídos de sofisticação, complexos arranjos estruturais. Faz-se necessário a motivação dos alunos, os quais precisam entender a realização como fruto do esforço coletivo, como podem transformálos em recursos, os quais terão como objetivo didatizar os conhecimentos curriculares ministrados de maneira lúdica e criativa. O pacto do imaginário será fundamental para validar todas essas composições em sala. A coletividade deverá obrigatoriamente estar articulada para que seja possível a formulação de ideias, histórias e roteiros.

O exercício de formulação de ideias, de criar situações-problema, roteiros capazes de explicitar e retratar uma situação de futuro ou moral da cena exige dos alunos conhecimentos a cerca do que se pretende trabalhar, justamente para poder entender que tipo de resposta pode ser dado aquele desafio que se coloca a sua frente de imaginar, projetar e formular uma imagem do que seria o Brasil em 2040, por exemplo, e que mecanismos serão responsáveis por este recorte espaço-temporal. O desafio estar em mediar a linguagem artística, sua liberdade imaginativa, e a construção de conhecimentos para a formação cidadã.

Segundo Burla e Aguiar (2009), o elemento mais expressivo relatado na estrutura do teatro acerca da prática teatral é o pacto estabelecido entre o cenário, os atores, os efeitos e o público. Isso porque o aspecto teatral traduz-se justamente na fantasia, no faz de conta, que é necessário ser compreendido por ambas as partes que compõem a cena teatral. Isso também acaba por promover a prática da coletividade, onde há uma atividade que necessita, para o seu desenvolvimento, da colaboração conjunta, a qual pode possibilitar novas experiências.

A experiência proposta foi à construção de cenas relacionadas as aulas de Geografia, pelos próprios alunos, que retratassem o conteúdo abordado em sala de aula, a fim de trabalhar com a linguagem da representação e da criação de cenários do que seria o Brasil em 2040 a partir das reflexões do cotidiano que pudessem despertar interesse pelas questões ambientais, de preservação ambiental, bem como dos impactos dos problemas urbanos.

No ano em que ocorreu a experiencia relatada (2014), a cidade de Fortaleza se preparava para receber o evento copa do mundo, evento decisivo para uma adequação da proposta realizada durante o processo de criação das cenas. Nesse sentido, os alunos decidiram dar ênfase ao contexto vivenciado no presente, devido as discussões que realizaram por meio das redes sociais e mídia

televisiva, com temas como as obras inacabadas, desvios de recurso e conflitos entre a polícia e manifestantes.

Essa construção de imagem a partir da reflexão do cenário socioeconômico do país seguiu as orientações propostas por Desgranges (2003), o qual sugere que o ouvinte de uma história — ao ouvi-la, compreendê-la em seus detalhes e empreender uma atitude interpretativa — choca os ovos da própria experiência, fazendo nascer deles o pensamento crítico.

"o espectador, para efetivar uma compreensão da história que lhe está sendo apresentada, recorre ao seu patrimônio vivencial, interpretando-a, necessariamente, a partir de sua experiência e visão de mundo. Ao confrontar-se com a própria vida, neste exercício de compreensão da obra, o espectador revê e reflete sobre aspectos de sua história e os confronta com a narrativa com a qual se depara, chocando os ovos da experiência e fazendo deles nascer o pensamento crítico." (Desgranges, 2003, p.06).

O desenvolvimento do pensamento crítico relatado por Desgranges é alcançado a medida que os alunos estabeleceram uma relação das cenas retratadas as quais possuíam relação direta com aquilo que estava relacionado com sua comunidade, vivência e experiência, principalmente aqueles que dizem respeito às principais demandas que possuíam relações com os problemas discutidos do Brasil como consequências de seu subdesenvolvimento, como problemas de ordem econômica, social e estrutural.

É interessante destacar a vivencia do aluno nesta projeção, pois pensar os elementos geográficos exige do aluno imagens do dia-a-dia, em seus diferentes momentos, pois como afirma Costa (2005), as imagens mentais que obtemos de nossa relação com o mundo podem ser armazenadas, constituindo nossa memória, podendo ser analisadas pela nossa reflexão e podem se transformar numa bagagem de conhecimento, experiência e afetividade.

METODOLOGIA

A pesquisa foi desenvolvida em duas escolas da rede municipal de Fortaleza, a escola Frei Lauro Schwarte, que atende ao ensino fundamental I e II, e encontra-se localizada no bairro Farias Brito, e a EEFM Jesus Maria José, que encontra-se localizada no bairro Quintino Cunha. Na primeira, as atividades foram desenvolvidas com duas turmas de 8º ano, e na segunda com duas turmas de 7ºano, com a proposta de jogos teatrais. O percurso metodológico das atividades desenvolvidas contou com diferentes etapas, tendo seu ponto inicial



em debates com as turmas que fomentavam tanto o cenário socio-cultural do país como também a prática teatral como ferramenta educativa. Os debates deveriam gerar um produto em forma de elaboração textual, onde os alunos deveriam escrever suas considerações sobre a discussão. Tais produções subsidiaram a construção de situações-problemas capazes de serem transformadas em roteiros e serem apresentados na forma de cenas curtas, com criação de falas, cenário e desfecho.

RESULTADOS

O desenvolvimento de novas linguagens para o trabalho em sala de aula, apesar das dificuldades e enfretamentos para com a realização das discussões, do trabalho em sala de aula e da aplicabilidade dos planejamentos constituem experiências importantes na formação social e agente de aprendizagem. Pode-se inferir que o planejamento das atividades ou uso de recursos didáticos precisam considerar aceitável certos níveis de resiliência de forma natural, projetando opções e válvulas de escape, a fim de minimizar os prejuízos que comprometam a proposta.

Mesmo assim, o despertar para o uso de uma linguagem artística na sala de aula se mostrou bastante proveitosa frente ao potencial dos alunos e a reflexão desenvolvidas a partir das atividades realizadas. A projeção realizada pelos alunos possuíam relações diretas com atitudes que poderiam vir a ser tomadas, mostrando o desenvolvimento de atitudes valorativas a partir do pensamento crítico. Assim, por muitas vezes ficou colocado na projeção do Brasil, do ponto de vista socioeconômico, estaria melhor desde que uma série de fatores fosse modificada. De maneira geral, a projeção guardou em si perspectivas negativas, partindo do pressuposto que vivenciam cotidianamente uma situação precária no país, mesmo ocorrendo constantemente manifestações e solicitações de atendimento das demandas principais do país.

Referências

BURLA, Gustavo; AGUIAR, Valéria T. B. de. **O TEATRO E O ENSINO DE GEOGRAFIA**. In: Encontro Nacional de Prática de Ensino em Geografia, 10º, 2009, Fortaleza. Anais... Porto Alegre: XEMPEG, 2009. Disponível em: http://www.agb.org.br/XENPEG/artigos/GT/GT5/tc5%20(78).pdf>. Acesso em 06 jun. 2014.

COSTA, Simone. **O teatro, a educação e a experiência de si.** (Dissertação de Mestrado). São Paulo: Universidade Estadual Paulista, Instituto das Artes, 2009.

DESGRANGES, Flávio. **Quando teatro e educação ocupam o mesmo lugar no espaço.** Caminho das Artes / A Arte Fazendo Escola, São Paulo, v. 1, p. 16-35, 2004.

MACEDO, Lino de.; PETTY Ana Lucia Sícoli; PASSOS, Norimar Christe. **Aprender com jogos e situações problema**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

L1- 010 - PAINEL

ENSINO DE GEOGRAFIA E IDENTIDADE: UM OLHAR DA GEOGRAFIA CULTURAL

Caroline Pinho de Araujo

INTRODUÇÃO

A ciência geografia está baseada em paradigmas tradicionais assim como todas as ciências modernas, no entanto, a geografia se difere de outras ciências, pois historicamente na sua formação possui duas vertentes uma voltada para aspectos físicos ou naturais e uma voltada para aspectos humanos ou sociais. Que ao longo da história do pensamento geográfico, acabou se acentuando uma dicotomia entre as denominadas geografias física e geografia humana. A cultura acabou sendo um tema a ser investigado no interior da geografia humana.

A cultura é um termo polissêmico e muito estudado nas ciências sociais, havendo algumas dimensões do significado do que é a cultura. Sendo objeto específico de estudo da antropologia, área da ciência social que estuda os hábitos dos seres humanos na sociedade. A própria antropologia modificou sua forma de entender a cultura, pois no seu início eram estudadas comunidades tradicionais, com o advento da sociedade moderna, industrializada, a antropologia também passa a se voltar para os aspectos antropológicos cotidianos de uma sociedade urbana industrializada. Tanto a geografia quanto a antropologia passam por processos de transformação.

No entanto, qualquer aspecto cultural ou social, ocorre num espaço. Não somente o espaço físico, mais também o espaço que se constitui através de relações sociais. Considerando que a vertente de análise da geografia crítica, tem por concepção o espaço enquanto produzido através das práticas sociais, salienta-se que essas práticas são permeadas por e a partir de condicionamentos humanos de cunho cultural. Distanciar as análises de compreensão da realidade



do ponto de vista geográfico sem considerar os elementos da cultura é perder em compreensão a totalidade dos fenômenos. Pois muito da movimentação das pessoas, de suas ações e das suas práticas sociais, são relacionadas por aspectos culturais.

Nessa perspectiva a geografia possui uma vertente que valorizou os aspectos considerados culturais em suas análises, que é a geografia cultural. Essa vertente surge na geografia a partir de uma perspectiva de renovação, que não compreendiam os processos sociais somente a partir de uma análise sistematizada da realidade meramente matemática e/ou estatística. Ao mesmo tempo em que o potencial de contestação da realidade por parte da vertente crítica veio a negligenciar a valorização dos aspectos culturais, como o simbólico e a subjetividade. Porém, a partir da década de 1980, a geografia na perspectiva cultural passa por um período denominado "Virada cultural". Em que os aspectos culturais retomam uma centralidade.

PROBLEMATIZAÇÃO

Algumas das inquietações que surgem na pesquisa já foram contempladas por vários autores, no que diz respeito ao sentido da escolarização para o aluno. O que de fato é significativo para o estudante no processo de ensino aprendizagem? Quais conteúdos possuem sentido para eles? Vera Candau (2013) na sua pesquisa busca compreender como se estabelecem as relações entre o cotidiano do aluno e a sua vivência na escola. Portanto, são questões complexas que perpassam a construção do currículo, a identidade do aluno e a forma como a cultura é trabalhada na escola. E em caráter mais amplo o próprio papel da educação na contemporaneidade. O que é educar? Para quem educar?

Quando se aborda o tema da cultura, deve-se compreender que a escola é uma instituição que tem condicionantes culturais e é um espaço de cultura. Forquin (1993, p.13-14) aponta que toda a reflexão sobre a educação e cultura pode partir da ideia de que o empreendimento educativo é a responsabilidade de ter que transmitir e perpetuar a experiência humana considerada como cultura; não o todo produzido mas somente o que é considerado público, os saberes cumulativo e controláveis. "Nesse sentido pode- se dizer que a cultura é o conteúdo substancial da educação, sua fonte e sua justifica última: a educação não é nada fora da cultura e sem ela." (FORQUIN, 1993, p.13-14) Se o ensino de geografia é obrigatório na educação escolar e a escola é um espaço de cultura, nos indagamos como a cultura é abordada dentro do ensino de geografia?

Nessa busca de entender quais os conteúdos entram ou não para fazerem parte da escolarização formal, promovida pelo Estado, surge uma série de questionamentos, entre eles: Como a identidade cultural do aluno é trabalhada no ensino de geografia? Quais os conteúdos são significativos para os alunos? Qual o objetivo de se transmitirem determinados conhecimentos? A qual aluno se dirige esses conhecimentos?

METODOLOGIA

Através da pesquisa qualitativa optou-se pela análise do currículo, enquanto documento se constituindo em fonte primária para a investigação. Considerando que o tema da cultura é trabalhado diretamente no currículo mínimo adotado no estado do Rio de Janeiro, com destaque para o (6º) e (7º) sétimo ano do ensino fundamental da educação básica, através respectivamente dos temas: "Análise do espaço geográfico" no primeiro bimestre e "Aspectos culturais da formação do povo brasileiros" no terceiro bimestre.

RESULTADOS

O presente texto buscou indicar a necessidade de pensar sobre o papel do ensino de geografia dentro da instituição escolar na contemporaneidade, que intrinsicamente é uma instituição cultural, possui sua própria cultural e é responsável pelo repasse da cultura da humanidade. Há certa centralidade do conhecimento disciplinar na definição dos conteúdos de ensino e sua dimensão de cultura.

Assim como para Castro (2008) algumas reflexões se tornaram pertinentes também a esta pesquisa, qual geografia pode se constituir como fundamento desse processo? Qual o seu verdadeiro alcance, levando em consideração a importância e relevância dos outros diversos tipos de conhecimento que conformam o currículo na escola, tais como os provenientes das experiências do cotidiano do aluno, dos documentos do currículo oficial e da própria tradição da geografia escolar.

Considera-se impossível entender o ensino de geografia formal sem compreender os processos culturais e a escola. Há necessidade de se repensar como trabalhar e valorizar os aspetos culturais dentro do ensino de geografia. Tendo em vista que muitas das questões atuais do século XXI estão estritamente ligadas aos aspectos culturais, exigindo cada vez mais atenção ao simbólico, ao linguístico, a ancestralidade, ao religioso etc. Denotando cada vez mais a



complexidade do ser humano, em não ser apenas um *ser economicus*, ainda que os aspectos econômicos prevaleçam nas cenas de disputa de poder nas sociedades. Os desejos, os sentimentos e os impulsos humanos caminham no sentido que vai além dos aspectos econômicos pelo poder. Se constituindo um desafio ressaltar a associação do enfoque cultural ao político e ao sócioeconômico na leitura do espaco geográfico.

BIBLIOGRAFIA PARCIAL

BOSSÉ, Mathias Le. As questões de identidade em geografia cultural – Algumas concepções contemporâneas. In: Corrêa, Roberto Lobato; Rosendahl, Zeni [Orgs.] Paisagens, textos e identidades. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004.

CANDAU, Vera Candau (Orgs.); MOREIRA, Antonio Flávio. **Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas**. 10. Ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. CASTRO, Janio Roque Barros de. **Desafios e Potencialidades da Geografia Cultural nos Espaços Educacionais: Uma abordagem Reflexiva e Propositiva**. Revista Eletrônica Ateliê Geográfico, UFG-IESA, Goiânia-GO. V.2, n.3, Dez. 2008, p.71-88

FORQUIN, Jean-Claude. Escola e Cultura: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar: tradução Guaracira Lopes Louro. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

KOZEL, Salete. Um panorama das Geografias Marginais no Brasil. In: Revistas Maneiras de ler e pensar geografia. HEIDRICH, Álvaro Luiz; COSTA, Benhur; PIRES, Cláudia (ORG.) Porto Alegre: Imprensa Livre: Compasso Lugar Cultura, 2013.

L1-011-PAINEL

A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS E O ENSINO DE GEOGRAFIA NA ESCOLA CENTRO DOS RETALHISTAS

Francisca Taiane Cruz da Silva/ Hamilton Ribeiro de Lima Junior Kalyll Asminn Estanislau Farias/ Lídia Nunes dos Santos Maria Aurislane C. da Silva/ Rancharles Reis da Silva

INTRODUÇÃO

Este trabalho buscar relatar uma experiência realizada em um de nossos estágios, especificamente no Estagio Curricular Supervisionado em Geografia II, com ênfase na educação diferenciada, no qual, através da geografia cultural visávamos trabalhar a cartografia através do conceito de lugar nos alunos

da Educação de Jovens e Adultos (EJA) — V na Escola Estadual Centro dos Retalhistas. No decorrer do processo de desenvolvimento da pesquisa na Escola Centro dos Retalhistas, que ocorreu no período de quatro meses, buscávamos entender a complexidade existente no sistema escolar diferenciado, em especial a EJA.

Analisamos as metodologias e quais seriam os conceitos geográficos que mais contribuiriam para uma aprendizagem efetiva, e surgiu a ideia do conceito de lugar, entretanto antes disso, explicamos os demais conceitos e aprofundamos em apenas um. O objetivo era construir com a turma um conhecimento significativo, através de exemplos do cotidiano. Dessa maneira, optamos pelo "lugar", onde Cavalcanti o qualifica como "o espaço que se torna familiar ao indivíduo, e o espaço do vivido, do experienciado." (CAVALCANTI, 1998, p. 89). Através desse conceito, procuramos perceber o sentimento de pertencimento derivado das experiências e vivências que os alunos possuem para com o seu bairro, qual são os locais mais apropriados por eles, onde possuem mais afeto e quais lhe chamam mais atenção.

Ciente da geografia como uma ciência de entendimento da realidade vivida, que possui em sua base os saberes da natureza, mas também os humanos é que percebemos a importância de se trabalhar os conceitos-chaves em sala de aula. Através da abordagem desses conceitos o aluno pode reconhecer e refletir sobre os sujeitos e objetos que permeiam o meio em que vivem, transpondo a ciência geográfica, além dos muros da escola.

PROBLEMÁTICA

Assim, por se tratar de um público diferenciado do que se encontra no Ensino Regular, a EJA demanda diferentes metodologias no que tange o ensinar cotidiano, os alunos que chegam a modalidade, anseiam por conhecimentos que ainda não possuem e se possuem encontram-se fragmentados ou não organizados em suas formas de pensar. São alunos que encontram-se inseridos no mercado de trabalho e carregam consigo um conhecimento que de forma alguma pode ser desprezado em detrimento do velhos conteúdos tratados em sala de aula.

É preciso dar um novo significado aos conteúdos regulares, os levando ao confronto com a realidade dos estudantes, para que sejam avaliados e postos a responder: Em que esse conteúdo pode me ajudar na vida cotidiana? E a resposta para essa pergunta seria respondida através do conceito de lugar que é dotado de peculiaridades, relações humanas, afeto e percepção.



O sentimento de pertencimento é importante para se entender o Lugar de uma maneira humanística, que leve em conta a subjetividade e as diferentes relações que são estabelecidas dentro de um mesmo espaço, sabendo que esse local é fruto de uma dinâmica social, econômica, política e natural, onde segundo Tuan (1983, p. 6), o espaço é movimento, e o lugar, uma pausa.

METODOLOGIA

Essa pesquisa é do cunho qualitativa que busca o maior detalhamento sobre os aspectos a serem estudados e não a generalização dos resultados que se alcança no estudo. Para o seu desenvolvimento foram obedecido os seguintes procedimentos. Em um primeiro momento fizemos levantamentos bibliográficos para um embasamento e para um conhecimento prévio do assunto. Fizemos uso de textos de Freire (1989), Tuan (2009), Lima (2012), estes foram os principais autores que completaram a pesquisa.

Após esse primeiro exercício fizemos visitas a escola, a priori a intenção é conhecer este espaço e toda sua política. A estrutura física da escola, assim como sua organização, manutenção e segurança, revela muito sobre a vida que ali se desenvolve. Neste momento utilizamos câmeras fotográficas no qual se tínhamos como objetivo registar todos os aspectos da escola, inclusive a sua estrutura física. Além de fotos houve registro das observações no caderno de campo, como a descrição dos espaço internos e externos da escola.

Planejamos nossa intervenção de acordo com o conteúdo que os alunos estavam estudando durante o período que passamos na escola, no caso estava sendo estudada a cartografia. Primeiramente pensamos qual seria a melhor forma de trabalharmos tais temáticas, planejamos e fizemos um plano de aula.

A aula foi dividida em quatro momentos. De início fizemos uma "chuva" de ideias com os alunos para se perceber a noção que eles têm do conceito lugar, almejando a construção do conceito geográfico. Em seguida, foram rememorados conhecimentos cartográficos prévios, como os que se referem ao mapa e seus tipos, estabelecendo relações entre a cartografia e o lugar. Ao trabalhar o conceito de lugar buscávamos saber quais centros tinham significados e importância para os alunos para assim trabalhar a cartografia. Baseados nas ideias de Tuan (1983), esse exercício implicaria em aprender a partir da própria vivência.

Posteriormente, os alunos construíram o seu mapa mental, representando sua casa e os principais pontos de referência nas adjacências

desta, e apontando a localização de sua residência em Fortaleza, utilizando os pontos cardeais e colaterais. Além disso, os discentes poderão apontar os problemas sócio espaciais em seu lugar. Um a um, perguntamos os bairros e construímos a legenda juntos, pintando no mapa os bairros com cores diferentes a partir do quantitativo de alunos por bairro. Assim, a legenda foi construída em conjunto por todos os que participaram e pudemos montar um mapa para demográfico da turma de EJA-V da Escola Estadual Centro dos Retalhistas.

RESULTADOS

Percebemos, através da atividade, significativa interação entre os alunos do EJA, através da construção, em conjunto, do mapa mental. O trabalho em grupo favoreceu a socialização entre os alunos, a diversidade de ideias e a aplicação dos conhecimentos individuais, em relação aos conteúdos geográficos estudados em aulas anteriores e a percepção acerca de sua cidade.

O mapa ficou permanentemente exposto na sala de aula, proporcionando um maior vínculo entre o professor e os alunos, facilitando trabalhos posteriores e trocas de experiências, quanto aos lugares de vivência dos discentes, em Fortaleza. A relação entre o conceito de lugar e a representação cartográfica também proporcionou aos discentes se posicionarem de forma autônoma, diante de sua realidade.

REFERÊNCIAS

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. Campinas – SP: Papirus, 1998.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. Cortez. São Paulo. 1989. p.22-49

LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e Aprendizagem da Profissão Docente**. Brasília: Liber Livro, 2012.

MACHADO, Vanessa C.; MATTOS, Mayra de. Ensino de geografia na educação de jovens e adultos. In: FERRETTI, Orlando; CUSTÓDIO, Gabriela A. (org). Artigos da disciplina estágio curricular supervisionado em geografia II: segundo semestre de 2013. Florianópolis: NEPEGeo; UFSC, 2014.

PIMENTA, Selma Garrido & LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e Docência**. São Paulo: Cortez, 2009.

RIBEIRO, Vera Masagão (org). **Educação de Jovens e Adultos**: Novos leitores, novas leituras – Campinas, SP: Mercado das Letras: Associação de Leitura do Brasil – ALB; Ação Educativa, 2001.



TUAN, Yi-Fu. Espaço e lugar: a perspectiva da experiência. São Paulo: Difel, 1983.

L1-014 - PAINEL

CULTURA, SOM E IMAGEM: A CONSTRUÇÃO DO MATERIAL AUDIOVISUAL PARA A ESCOLA BÁSICA EM OFICINA GEOGRÁFICA II

Myrna Lorena Lima Ramos

INTRODUÇÃO

O presente trabalho desenvolveu-se a partir do Projeto de Monitoria direcionado à disciplina de Oficina Geográfica II, componente curricular do curso de licenciatura em Geografia da Universidade Federal do Ceará. Esta disciplina, além de objetivar a prática da construção de materiais audiovisuais pelos alunos para uso nas salas de aula da Educação Básica, tem como enfoque o trabalho com a Geografia Cultural em seus diversos temas, como Educação Patrimonial, festas populares (sagradas e profanas), religiosidades, espaços simbólicos, entre outros, tomando como ponto de partida frequentemente a categoria de análise "lugar" e abordando a questão do trabalho docente por uma perspectiva fenomenológica, investigando o "sentido na realidade educativa" (OLIVEIRA, 2010). Sendo assim, é importante ressaltar que as atividades efetivadas no decorrer do semestre letivo objetivaram o exercício da criatividade, a discussão sobre as marcas da cultura no espaço, a prática de associação entre som e imagem e a reflexão acerca de uma posterior aplicação de todos estes aprendizados em uma sala de aula da educação básica. Nesse processo, o projeto de monitoria apresenta um papel significativo. De acordo com Lins, Ferreira e Ferraz (2009). Diante do exposto por Lins, Ferreira e Ferraz (2009), percebe-se que o monitor, diante da grandeza e da complexidade de certas atividades e situações atua como sujeito passível de ter sua bagagem de conhecimentos engrandecida, de facilitar a relação dos estudantes da disciplina com o conteúdo estudado e de observar e praticar os métodos de um professor universitário.

PROBLEMATIZAÇÃO

É de conhecimento geral que a escola absorve as mudanças da sociedade, sejam estas mudanças econômicas, tecnológicas ou políticas. Um dos maiores desafios do professor em sala de aula é lidar com a tecnologia que por ora o desfavorece, como por exemplo, os celulares que desviam a atenção do aluno, que naquele momento prefere olhar, através da tela do aparelho, para além do local onde ele está inserido, dando pouca ou nenhuma importância à aula de

Geografia (e talvez às demais), que nos moldes atuais acaba apresentando-se de maneira pragmática e fragmentada, não oferecendo ao aluno a visão do seu bairro, de sua escola e de seu lugar como algo geográfico. Inicialmente, este parece ser um "obstáculo" difícil de ser superado. Porém, e se o aparelho celular, a televisão, a internet e os vídeos não fossem encarados como obstáculos? E se estes novos meios de entretenimento fossem utilizados a favor do trabalho docente, buscando "romper com práticas pedagógicas engessadas nas salas e dormentes em relação à transformação das práticas socioespaciais dos estudantes" (OLIVEIRA, 2010)? O distanciamento das aulas de Geografia do lugar do estudante, a visão, não só das tecnologias, mas também das outras inovações como "inimigas" do docente e a falta de interesse dos estudantes na Geografia ensinada, que frequentemente revela-se apática e demasiadamente disciplinada, são problemas que prejudicam a relação ensino-aprendizagem e que as licenciaturas se propõem a tentar solucionar, indo de encontro ao modelo homogêneo de educação observado na atualidade, que frequentemente dispensa particularidades locais. No caso da Oficina Geográfica II: Material Audiovisual, o trabalho com Geografia Cultural e Educação Patrimonial exercita a questão da importância do lugar e da decodificação das "falas" do espaço no ensino da Geografia, enquanto diversas atividades realizadas no decorrer do semestre auxiliam os licenciandos na construção de materiais audiovisuais. Essa junção entre cultura e comunicação atende a uma função dupla na relação ensino-aprendizagem: mediar o conhecimento do seu lugar, para que assim se possa conhecer o mundo.

METODOLOGIA

Os trabalhos foram efetivados em uma turma de terceiro semestre, e como já foi citado anteriormente, na disciplina de Oficina Geográfica II do curso de Geografia. As atividades pautaram-se bastante no eixo das percepções, dos sentidos, do *mundo vivido*. Desta forma, percebe-se que a Fenomenologia embasou as discussões e as práticas no decorrer da disciplina, já que, segundo Paes e Oliveira (2010) "A fenomenologia se preocupa em captar a essência das coisas a partir dos atos particulares da consciência". Semanalmente eram trabalhados textos que abordavam as festas populares, manifestações religiosas, patrimônio material e imaterial, educação patrimonial, cartografia, bem como textos acerca do trabalho docente especificamente. Na primeira parte da aula, esses textos eram discutidos, com participação ativa dos alunos, que expunham suas reflexões e dúvidas acerca do tema. Na segunda parte da aula, com a ajuda



do monitor, a Composição Geográfica em Quadraturas era exercitada. Essa atividade consistia na divisão de uma folha de ofício ou cartolina em quatro quadrantes. O primeiro quadrante deveria conter um tema e subtemas para a quadratura. O segundo deveria conter um diagrama, ou mapa conceitual com palavras-chave que resultaram da discussão do texto. O terceiro contaria com uma imagem que, para o aluno, representasse o tema (essa imagem poderia ser desenhada ou retirada de revistas), e o quarto quadrante receberia um trecho de uma música. Os elementos das CGQs deveriam estar direta ou indiretamente relacionados, justamente para atender à proposta de junção som - imagem conteúdo – tema de aula. Estas atividades culminaram com uma aula de campo para os municípios de Itapagé/CE e Itapipoca/CE, onde os alunos da disciplina observaram a realidade educacional da área, fizeram entrevistas com os moradores das cidades, tiveram acesso ao local onde será o novo campus da UFC e visitaram locais específicos relacionados ao âmbito educacional como o museu paleontológico e o CEJA de Itapipoca. Após a ida a campo e ao final da disciplina os alunos construíram vídeos PIS (Projeto Imagem e Som), baseados na prática das CGQs, para serem expostos em uma simulação de aula.

RESULTADOS PARCIAIS

Inicialmente, pôde-se perceber uma dificuldade de compreensão da metodologia das atividades por parte dos alunos. Porém, no decorrer das aulas, esse entendimento fora facilitado à medida em que a prática das CGQs foi se tornando costumeira. Como foi citado anteriormente, foi feita uma aula de campo com duração de três dias para os municípios de Itapagé/CE e Itapipoca/CE como culminância da disciplina. Dessa aula e da prática das CGQs, resultaram os vídeos PIS. Esses vídeos contaram com temas previamente estabelecidos pelo professor, com músicas nacionais escolhidas pelo monitor, e deviam ser feitos supostamente para servir como recurso didático para séries do Ensino Fundamental 2. Na construção do vídeo foram utilizadas as entrevistas feitas em campo, as informações sobre os arredores da escola, dados acerca da cultura local, e os registros fotográficos da aula de campo para que o vídeo se tornasse realmente próximo à realidade os estudantes de Itapagé e Itapipoca. Posteriormente, foi feita a apresentação do vídeo em uma aula simulada, que mostrou a preocupação dos alunos em trabalhar o conteúdo de Geografia em sintonia com a realidade local, bem como os vídeos, que foram bem-sucedidos no que diz respeito a habilidade de criar links entre som e imagem, e a abordar o tema de forma didática e compreensível.

BIBLIOGRAFIA PARCIAL

CAPONERO, Maria Cristina; LEITE, Edson. Inter-relações entre festas populares, políticas públicas, patrimônio imaterial e turismo. **Patrimônio: Lazer e Turismo**, Santos, v. 7, n. 10, p.99-113, abr. 2010.

LINS, Leandro Fragoso; FERREIRA, Lucia Maia Cavalcanti; FERRAZ, Luciola Vilarim. A importância da monitoria na formação acadêmica do monitor. In: IX JORNADA DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO DA UFRPE. Recife, 2009.

OLIVEIRA, Christian Dennys Monteiro de. **Os sentidos da Geografia Escolar.** 2. ed. Fortaleza: Edições UFC, 2010.

PAES, Maria Tereza Duarte; OLIVEIRA, Melissa Ramos da Silva. **Geografia, Turismo e Patrimônio Cultural.** 1. ed. São Paulo: Annablume, 2010.



EIXO LESTE / SETOR 2 – FESTIVIDADES

L2-003 - ORAL

RITMOS E REPRESENTAÇÕES: OS SENTIDOS DO LUGAR DA FESTA DOBOI- À-SERRA EM SANTO ANTÔNIO DE LEVERGER/MT

Maisa França Teixeira

INTRODUÇÃO

O boi torna-se a representação da memória e, como reminiscência, constitui-se o referencial do lugar festivo. A complexidade do estudo ancora-se na ideia de que o boi revela-se na pesquisa como representação, ritmos e lugar. Na cultura mato-grossense, em especial em Santo Antônio de Leverger/MT, o Boià-Serra assume as características de memória, tradições, imaginário, vivências, experiências e dimensões míticas.

O lugar da Festa do Boi-à-Serra em Santo Antônio de Leverger/MT é garantido nas e pelas formas espaciais, ou melhor, por representações simbólicas espacializadas por distintas construções que envolvem o plano do vivido: sentimentos, rupturas cotidianas, trabalho e outras. Desse modo, a pesquisa investiga como esse lugar assume o primado da vivência, da experiência do indivíduo, dos ritmos, representações e dos grupos sociais.

Ao longo do texto, discuto sobre assuntos que revelam as estruturas conceituais da representação do boi, bem como apoiadas nas próprias falas dos sujeitos que vivenciam essas práticas, busco compreender as representações mentais construídas sobre o boi-festivo e como essas dão suporte ao lugar existencial dos moradores e brincantes.

Vale ressaltar que as contribuições para o estudo da festa balizam-se em autores como Amaral (2009), Da Matta (1997), Di Méo (2001), Duvignaud (1983) e Kozel (2009) quando retratam a importância das festas como acontecimentos únicos. Ademais, destacam-se os estudos de Brandão (2003) e Araújo (1964) ao enfatizarem o folclore na cultura brasileira.

Diante desse campo epistêmico-metodológico, a Geografia Humanístico-Cultural é um caminho que permite elucidar os sentidos, as representações simbólicas e, sobretudo, analisar esse lugar como espaço de experiência.

No âmbito da Geografia Cultural, busca-se compreender e decifrar as relações que o boi mantém com o universo simbólico. Claval (2008) cita três razões para compreensão da Geografia Cultural: 1) Falava-se de cultura, contudo não eram destacados pontos essenciais, como as representações, opiniões e

crenças; 2) Os estudos culturais baseados em artefatos perdem sua validade à medida que as técnicas desenvolvem-se, fazendo com que os utensílios diminuam em diversidade ou até desapareçam completamente; 3) A diversidade de atividades encontrada nas cidades faz com que a descrição dos gêneros de vida perca sua validade.

Com a definição da nova Geografia Cultural, as manifestações culturais ganham forças caracterizadas pela nova reflexão sobre o espaço humano e seus aspectos e, também, discutindo o diferente, a cultura, as particularidades e os modos de vida. Ademais, conquistam valorização e representação dos indivíduos. Assim, a Geografia Cultural, associada às manifestações culturais, salienta os aspectos materiais e imateriais, as representações simbólicas, os modos de existência e as experiências da sociedade humana.

PROBLEMATIZAÇÃO

A diretriz central da presente pesquisa é expor, no âmbito da Geografia Cultural, as reflexões teóricas e analíticas, mediadas por resultados de pesquisa sobre as representações e os ritmos do Boi-à-Serra no lugar festivo, Santo Antônio de Leverger/MT. Coloca-se que esse lugar festivo é constituído basicamente pelo sujeito em que se revela por diversas representações sociais e coletivas.

Contudo, situo a problemática do estudo sobre as representações do Boi-à-Serra: Ao refletir sobre o Boi-à-Serra, no âmbito da Geografia Cultural, na perspectiva indicada, questiona-se como tal festa origina a formação de representações e ritmos em Santo Antônio de Leverger/MT. Nesse ponto, manifestam-se algumas questões. Qual o conceito de festa que a formação do lugar festivo do Boi-à-Serra revela? Como identificar as bases que garantem o sentido do lugar do Boi-à-Serra em Santo Antônio de Leverger/MT?

Esses questionamentos encaminham a discussão sobre a problemática central do estudo: investigação da existência de símbolos, representações e ritmos criadas, bem como dos próprios sentidos do lugar da Festa do Boi-à-Serra em Santo Antônio de Leverger/MT. À frente, esses sentidos de lugar associam-se às representações espaciais e simbólicas e, também, aos modos como a festa é percebida, relembrada, vivida, simbolizada e representada pelas gerações.

Metodologia

A metodologia utilizada por meio dos mapas mentais, observações e entrevistas procurou considerar a subjetividade dos sujeitos brincantes e a coletividade do lugar festivo. Assim, o universo festivo do Boi-à-Serra teve melhor compreensão, uma vez que os entrevistados destacaram proximidade com os



significados simbólicos da festa, enquanto a observação e os mapas mentais favoreceram o contato da pesquisadora com a festividade e as representações associadas à manifestação no lugar da festa em pauta.

Por meio da metodologia Kozel, os mapas mentais permitiram a análise do lugar festivo do Boi-à-Serra, do mundo vivido dos brincantes, bem como de suas percepções sobre o festejo. Essa metodologia proporcionou o reconhecimento dos saberes culturais, espaciais e simbólicos presentes na representação do lugar da festa, envolvendo o boi, os bumbos, a música, as figuras lendárias, entre outros, de modo a compreender-se a vida festiva dos brincantes do boi.

Desse modo, o lugar festivo do Boi-à-Serra, constituído por uma teia de simbolismos e significados, encontra na manifestação cultural elementos indispensáveis à sua representatividade. A presente pesquisa, nesse sentido, apresenta-se como uma contribuição ao entendimento do lugar do Boi-à-Serra, por intermédio da representação do boi desvelando as bases plurais que envolvem as estruturas míticas, corporais, musicais, carnavalescas, imaginárias e espetaculares que concedem sentidos singulares a Santo Antônio de Leverger/MT.

RESULTADOS

A Festa do Boi-à-Serra é o lugar em que se estrutura a relação do outro com o eu, é a dimensão espacial dos encontros, onde se localizam os símbolos, as coisas, os brincantes, os outros e nós mesmos.

Para os moradores de Leverger/MT, o Boi-à-Serra tornou-se símbolo de valores singulares, experienciados em virtude da memória dos sujeitos praticantes, embora em meio a processos dinâmicos socioculturais que recriam e renovam as identidades locais. A festa é reafirmada pelas relações histórico-culturais dos brincantes. No local, essa manifestação cultural institui um espaço mítico que se traduz por uma linguagem simbólica. Ante o caminho metodológico fenomenológico percorrido na pesquisa, o espaço mítico da festa é garantido pelos sentidos dados à experiência de participar de um sistema simbólico que cria uma identidade específica.

O lugar festivo assume os signos, os simbolismos e as representações do Boi-à-Serra em sua dimensão mítica, além de admitir a festa como espetáculo de rua. O sentido de espetáculo para ser vivenciado pelos brincantes e exibido aos observadores ocorre pela linguagem da festa. Os diversos olhares presentes no Boi-à-Serra elegem a contemplação definida por esse observador. Reforça-se que,

nesse estudo, o espetáculo é analisado sob o aspecto cultural e não como atrativo turístico de Santo Antônio de Leverger/MT. Contudo o espetáculo cultural do Boià-Serra encontra-se representado diante de aspectos simbólicos que garantem o acontecimento futuro do festejo.

BIBLIOGRAFIA PARCIAL

AMARAL, Rita de Cássia de M. P. **Festa à Brasileira:** Significado do festejar, no país que "não é sério". Tese apresentada ao Dep. de Antropologia da FFLCH/USP, 2009.

ARAÚJO, A. M. Folclore Nacional. V.II São Paulo: Melhoramentos, 1964.

BRANDÃO, C. R. **O que é folclore**. São Paulo: Brasiliense, 4ª reimpressão da 13ª ed., 2003.

CLAVAL, P. Geografia Cultural. 3 ed. Santa Catarina: UFSC, 2008.

DaMATTA, R. **Carnavais, malandros e heróis**. Para uma sociologia do dilema brasileiro. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DI MÉO, G (org). La Geographie en fêtes. Editora Ophrys, 2001.

DUVIGNAUD, Jean. **Festas e Civilizações**. Fortaleza: Edições Universidade Federal do Ceará; Rio de Janeiro Tempo Brasileiro: 1983.

KOZEL, S.; SILVA J.C.; FILIZOLA R.; GIL FILHO F. S. (orgs.). **Expedições amazônicas:** desvendando espaço e representações dos festejos em comunidades amazônicas — A festa do boi-bumbá: um ato de fé. Curitiba: SK Ed., 2009.

L2 - 004 - ORAL

A TURISTIFICAÇÃO COMO PROJETO DE RESISTÊNCIA CULTURAL/TERRITORIAL: ALGUNS CÓDIGOS SOCIOCULTURAIS NA FESTA DE SÃO PEDRO EM JURUJUBA/NITERÓI – RJ

Denise David Caxias

Este é resultado do trabalho de conclusão de curso e parte integrante da dissertação atual. Ao longo da graduação trabalhando num projeto de extensão no bairro de Jurujuba, a autora conheceu o bairro e sua diversidade local. No contexto urbano da cidade de Niterói, RJ, o bairro torna-se um lugar único e diferenciado.

Um bairro historicamente marcado pela presença militar, pois ele localiza-se a borda leste da entrada da Baía de Guanabara, e possui cinco fortes, que foram fundados a partir do século XVI. Essa localidade estratégica foi fundamental no seu processo histórico de ocupação.



Maior complexo contínuo de fortes do país, formado por Forte de Santa Cruz da Barra, São Luiz, Pico, Barão do Rio Branco e Imbuí, historicamente preservado por ser uma colônia de pescadores, possui um grande potencial de atividade de maricultora, conta tradicionalmente com uma Festa a São Pedro que atrai turísticas e devotos de todo o estado e se expressa em meio a uma procissão marítima de 93 anos (segundo a história oral), percorrendo toda a enseada de Jurujuba.

A Festa de São Pedro é o condutor desse trabalho, a partir dela buscamos analisar os atuais processos de ressignificação locais, a turisficação da festa: a origem, as perspectivas e o objetivo da busca pelos organizadores desse processo. Nesse sentindo, fez-se necessário adentrar as geograficidades do bairro e buscar compreender como se desdobra esse código sociocultural impresso no espaço geográfico (Di Méo, 2001).

A Festa é produto de uma identificação coletiva e produz/ re-produz uma identidade cultural/ territorial, ela é um polo agregador. Castells (1999) entende por identidade o processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o(s) qual(ais) prevalece(m) sobre outras fontes de significado. Compreendendo que o território carrega a relação de dominação e apropriação sociedade-espaço, desdobrando-se na apropriação mais subjetiva, embora materializável, cultural-simbólica (Haesbaert, 2011), ratificamos que a Festa produz um território próprio.

No entanto, esse território não é homogêneo e em seu âmago carrega conflitos e tensões. Guarinello (2001) aponta que "a Festa não possui um caráter homogêneo, ela fortalece o poder dominante, expressando também a realidade, os conflitos e as tensões e ao mesmo tempo agindo sobre elas", já que em seu território (o da Festa) é ela (a Festa) que possui o poder hegemônico e de hegemoneizar.

Nesse enredo de tensões e conflitos, a turisficação da Festa sobressai como estratégia de resistência cultural-simbólica de preservação da identidade territorial do bairro. E nosso objetivo com esse trabalho é apresentar a Festa de São Pedro dos Pescadores em Jurujuba, mostrando seu atual processo de turisficação, justificando o porquê de esse processo ser tratado como um instrumento de resistência.

São Pedro é comemorado todo dia 29 de junho. Em Jurujuba, a festa em comemoração ao santo dura cerca de quatro a cinco dias, de acordo com ano e estratégia organizacional. Na agenda da festa, o dia mais importante é o dia do

santo, este começa com a alvorada às cinco horas da manhã, com a banda da Fortaleza de Santa Cruz, o forte mais próximo da Igreja. Às seis horas conta com a primeira missa, que lota a pequena Igreja. Às nove horas ocorre a missa campal, e em seguida inicia a procissão terrestre, da igreja até o cais, onde o santo entra no barco para iniciar a procissão marítima por toda a enseada de Jurujuba, percorrendo os principais pontos da cidade.

A procissão marítima dura cerca de duas horas e durante sua passagem, pessoas se posicionam nas praias de Charitas, São Francisco e Icaraí para acompanhar a procissão, além daqueles que acenam de seus prédios. A tarde há atrações no bairro, que conta com varias barracas para atender, desde o publico infantil até o publico mais idoso. Finalizando o dia do santo, há a queima do quadro de São Pedro. Todos os dias há shows depois das 22h.

Essa festa representa a história da formação de um lugar, a comunidade de Jurujuba. Durante o ano de 1565 aconteceu a divisão da Freguesia de Jurujuba em sesmarias. Mas somente no final do século XVIII, graças a elaboração do "Plano de rua da Baía do Rio de Janeiro", de Bulhoens, sabe-se da existência de povoação na região. A partir de 1863 há relatos de "índios que formaram uma povoação numerosa que ainda hoje subsiste, povoada de pescadores e alguns fazendeiros" (Casadei 1988). Até os dias de hoje existe uma colônia de Pesca em Jurujuba e também há intensa atividade Maricultora.

A Pesca foi uma atividade econômica local que se reproduziu socialmente durantes anos. Segundo a tradição a primeira procissão marítima que ocorreu apenas na enseada de Jurujuba foi em agradecimento a uma grande pesca de camarão, em 29 de junho de 1923. Desde esse ano, a procissão continua a acontecer, mas a Festa de São Pedro foi se ampliando, e hoje conta com um palco da rádio FM O Dia, barracas de diversos tipos, apoio da Empresa de Lazer e Turismo S/A, a Neltur (guarda civil, policia militar, banheiros químicos entre outros).

A Festa hoje tem caráter turístico e reforça a perpetuação cultural de sua história. A reprodução do espaço de Jurujuba, como um bairro pitoresco e diferenciado, o coloca em posição privilegiada frente a politica de urbanização e especulação imobiliária que a cidade de Niterói tem enfrentado drasticamente. Em 1998 o bairro conseguiu evitar a construção de um condomínio no alto de um dos morros no bairro, o morro do morcego. Por ser considerado "um paraíso" no cenário urbano niteroiense, a necessidade de turisficar pra ampliar essa diferenciação, caracterizamos como instrumento de luta.



Para compreender esses processos utilizamos a observação, entrevistas aos moradores do bairro, organizadoras do evento e o diretor de turismo da Neltur, pesquisas em acervos. Buscamos fazer uma pesquisa de caráter qualitativo ao longo de quatro anos (2013, 2014, 2015, 2016), sempre buscando um diálogo entre a história local e o que foi encontrado na revisão bibliográfica. Há poucos materiais disponíveis sobre a história do bairro e principalmente sobre a festa, buscamos relatos de jornais, revistas e acervos específicos de igrejas católicas.

Como resultados temos a confirmação da necessidade de turisficar o momento festivo, por parte da organização, buscando um retorno "as origens", na busca constante de brincadeiras para o público infantil, não descaracterização da Festa, e sempre trazendo a história da Festa como condutor e não as "atrações de palco". A Neltur só pode apoiar de forma logística, o que inviabiliza financiamento de capital, sinalizando que toda a organização do evento fica nas mãos das organizadoras, que fazem parte da igreja de São Pedro.

Consideramos esse trabalho pertinente ao eixo leste, no setor 2, porque a Festa expõe na sua espacialidade imagens do cotidiano dos grupos sócias presente naquele lugar, apresenta interação urbana e política com a prática turística, além de ser um instrumento politico, que, se bem organizado e resignifica os espaços e fortalece os laços identitários, mesmo com tensões e conflitos. A Festa de São Pedro é a "expressão teatral da organização social (da comunidade), a festa é também fato político, religioso ou simbólico" (Del Priore, 1994).

Referências parciais:

CASADEI, Thálita de Oliveira. A Imperial Cidade de Nictheroy. Niterói, RJ: Serviços gráficos Impar, 1988.

CASTELLS, Manuel. O poder da identidade. A era da informação: economia, sociedade e cultura, v.2) São Paulo: Paz e Terra, 1999.

DEL PRIORE, M. Festas e utopias no Brasil colonial. São Paulo: Brasiliense, 1994. DI MÉO, G. La geopraphie em fêtes. Paris : Ed. Geophys, 2001.

FORTES e fortalezas do Rio e Niterói - Parte 2. Jornal O Globo online. Rio de Janeiro s/d. Disponível em: http://rioshow.oglobo.globo.com/passeios/eventos/fortes-e-fortalezas-do-rio-e-niteroi-parte-2-11303.aspx

GUARINELLO, N.L. Festa, trabalho e cotidiano, in, Festa: Cultura e Sociabilidade na América Portuguesa. Jancsó, I; Kantor,I. (orgs) — São Paulo: Editora Hucitec/Edusp, 2001. Volume II.

GUIMARÃES, Márcia Lana; VASCONCELLOS, Lélia Mendes de. Jurujuba - uma alternativa turística em Niterói. Niterói, 1998.

HAESBAERT, Rogério, O mito da desterritorialização: do 'fim dos territórios' à multiterritorialidade. 6. ed. rev. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

L2- 005 - Oral

A POÉTICA DO SABOR: O LUGAR RIBERINHO REVELADO NA CULINÁRIA DA COMUNIDADE SÃO GONÇALO BEIRA EM MATO GROSSO

Ingrid Regina da Silva Santos

O rio Cuiabá é um recurso natural marcante para o estado, um dos importantes formadores do Pantanal, afluente direto do Rio Paraguai, possui um grande valor socioeconômico, cultural e ecológico para a baixada cuiabana. Historicamente, esse era o rio que ligava, no final do século XVIII, esta região com São Paulo por onde bandeirantes em busca de índios e metais preciosos, nele trafegavam, foi nesta movimentação que originou a Vila Real do Senhor Bom Jesus de Cuiabá e outras cidades em sua mediação.

Por muito tempo, o Rio Cuiabá foi o único meio de comunicação com outras regiões, tornando-se um importante corredor comercial, haja vista que por suas águas transitavam embarcações repletas de produtos de subsistências capazes de alimentar os mineiros, trazendo também grande número de forasteiros, que construíram inúmeras Currutelas de Garimpo, ao longo das margens dos córregos e rios que na então Vila de Bom Jesus de Cuiabá (VILARINHO NETO, 2009).

Passado o seu tempo áureo, hoje, apesar de sua importância o rio Cuiabá é um elemento pouco vivenciado por grande parte da sociedade que pertence a baixada cuiabana, o vai e vem imposto pelo cotidiano da capital, bem como a negligencia dos gestores públicos, tornou o rio e suas margens um espaço causador de medo e repulsa para grande parte dos que transitam em suas intermediações.

Esse desequilíbrio talvez não seja percebido por aqueles que recebem em sua residência diariamente a água do abastecimento público, ou até mesmo pelos transeuntes que se deslocam na avenida beira rio, e nas pontes Sergio Mota, Maria Elisa Bocaiúva, Júlio Müller, entre outras que cortam o rio Cuiabá. Toda via,



para aqueles que necessitam desse bem para a manutenção de suas práticas culturais e econômicas, é preciso buscar meios de adaptação, como no caso dos ribeirinhos, sujeitos dessa pesquisa.

O grupo do qual se trata essa pesquisa, teve sua origem na miscigenação entre negros alforriados, bandeirantes e indígenas moradores das margens do rio Cuiabá. Estes sempre viveram/vivem por meio de contato direto com o rio, utilizando este bem cotidianamente para a pesca, a dessedentação humana e animal, lazer e meio de locomoção, significando os profundos laços característicos de sua identidade e modo de vida (BORGES, 2009).

Não se sabe ao certo quantas comunidades ribeirinhas estão localizadas as margens do rio Cuiabá. Entretanto, o que se pode observar, são as péssimas condições em que a maioria vive. A falta de acesso a de serviços básicos, lazer, educação, saúde, até mesmo a impossibilidade de exercer as suas práticas culturais em decorrência da expansão urbana, e das péssimas condições em que se encontra o rio Cuiabá direcionou o grupo para a busca de atividades que possibilitassem a melhoria da qualidade de vida.

Diante do contexto de invisibilidade o qual permeia grande parte das comunidades tradicionais no país, o turismo tem se tornado uma das principais alternativa para a geração de renda. E assim tem ocorrido com os ribeirinhos que ocupam as margens do Cuiabá.

Acerca de 10 anos, o desejo de parte do grupo de desenvolver outras atividades econômicas rentável, juntamente com os projetos do governo do Estado de Mato Grosso tornou possível a implementação dos primeiros restaurantes em São Gonçalo beira Rio, na capital de Mato Grosso.

O baixo custo, associado ao inigualável sabor, ampliou a busca dos visitantes pelos pratos preparados nas peixarias e promoveu a valorização do saber fazer do peixe e de todos os elementos relacionados a cultura popular, que antes eram desvalorizados. Hoje, ambas as comunidades são referências no que concerne a gastronomia tradicional. Fator esse que tem inspirado as demais comunidades ao longo da bacia.

Compreendendo a realidade citada como um terreno fértil para análises geográficas, nos fundamentaremos na Geografia Humanista e Cultural na tentativa de investigar como o lugar ribeirinho pode ser revelado nos pratos servidos nos restaurantes, na comunidade São Gonçalo beira Rio, em Cuiabá, Mato Grosso

Neste contexto, compreendemos a elaboração de uma comunicação cientifica é uma alquimia similar à da preparação dos alimentos. Ocasião a qual diferentes ingredientes, com cores, sabores, texturas, contextos, saberes, procedimentos, historias e memorias se fundem, metamorfoseiam, e dão origem, magicamente, a pratos, interpretações e textos.

Destarte como enfoque teórico, diante das diferentes possibilidades existente na Geografia Cultural ou humanista, de modo mais especifico, a que tem se dedicado de modo profícuo a analisar a alimentação como um meio de experiência espacial, é denominada de Geografia dos Sabores.

As analises são possibilitadas por meio dos "[...]filtros da cultura, da experiência e do imaginário" (OLIVEIRA, 2012, p.27). E revelam a geograficidade dos grupos sociais, pois os sentidos constituem uma das formas com a qual experienciamos o mundo, logo estes podem ser compreendidos como tessituras que interpretadas, muito tem a dizer a respeito dos valores culturais, das memorias e ligações com o espaço (GRATÃO; MARANDOLA JR, 2010).

Sobre a definição de lugar que utilizaremos, transcende o papel de mera localização em um ponto do espaço como era abordado no passado. O lugar em nossa perspectiva é um elemento fundante do ser, ele nos compreender o modo e o por que os grupos, apesar das intempéries ou em decorrência das facilidades presente no meio, se enraízam ou não a uma parcela do espaço.

Ao analisar o lugar o pesquisador transita em diferentes fisionomias da natureza humana, isto é, o lugar pode despertar no indivíduo, tanto a afeição quanto a repulsa, os sentimentos de topofilia e topofobia.

O lugar surge à medida que passamos a valorizar o espaço, sendo categorias indissociáveis. O lugar pode existir a partir de diferentes escalas, o bairro, a cidade, nação, desde que haja os elementos simbólicos e o sentido de pertencimento que leva o indivíduo a se sentir em estabilidade Tuan (1983).

Na perspectiva do supracitado autor, notasse que, devemos avaliar o lugar como a segurança, e o espaço como liberdade. O indivíduo precisa das duas categorias para existir em plenitude, pois os seres humanos estão em constante movimento, sempre em busca de refúgio e aventura, liberdade e dependência.

Sobre os procedimentos metodológicos utilizados para o desenvolvimento da presente comunicação, foram utilizadas duas técnicas que são comuns aos trabalhos desenvolvidos na Geografia Humana e na Antropologia Cultural, sendo essas a entrevistas, a observação.



Com base na leitura de leitura de Tuan (1980), é possível perceber que os pratos disponibilizados nos cardápios dos restaurantes caracterizam o forte vínculo topofilico dos ribeirinhos para com o espaço que ocupam, isto é, está diretamente ligada ao apego que estes possuem com o ambiente. Esse vínculo é reafirmado no cotidiano, no processo de escolha dos pratos e das receitas que fazem a composição do cardápio.

O primeiro elemento caracterizador do lugar, está relacionada a permanência dos ribeirinhos em seu espaço originário. A procura do peixe, com o tempero peculiar ribeirinho, foi o elemento que possibilitou a permeância dos ribeirinhos em seu espaço tradicional. Na perspectiva de Tuan (1980), a compreendemos que o processo de superação das dificuldades como causador de contentamento. As intempéries ficam guardadas na memória, como um troféu, e se caracterizam como lugar como um paradoxo relacional.

O sentimento de familiaridade, ou a consciência do passado, apresentados pelo supracitado autor como elementos do lugar, também se faz presente nas receitas dos pratos selecionados a compor o cardápio. Isso devido ao modo com o qual os ribeirinhos aprenderam preparar o pescado.

Grande parte dos restaurantes os peixes são cozidos conforme aprendido em contexto familiar. Na cozinha da mãe, da avó. Os ingredientes são simples, remetem as histórias e memórias da família, ou até mesmo um tempo de abundância, quando era possível viver apenas da pesca. Tempo em que o rio Cuiabá oferecia o alimento e o lazer. Eram tempos difíceis, entretanto, felizes.

Referências principais:

BORGES, Ana Carolina Da Silva. Nas margens da História: Meio ambiente e ruralidade em comunidades ribeirinhas" no Pantanal Norte (1870-1930). Cuiabá: EdUFMT, 2009

GRATÃO, Maria Lucia; MARANDOLA JR, Eduardo José. **Sabor da, na e para a Geografia. Geosul,** Florianópolis, v. 26, n.51, p.59-74, jan/jun. 2011.

OLIVEIRA, Lívia de. Introdução: estudos do sabor pela Geografia. Geografia/v.2, n1, Verão, 2012.

Tuan, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência.** Tradução: Lívia de Oliveira. São Paulo:Difel, 1983.

TUAN, Yi FU. Topofilia: Um Estudo da Percepção, Atitudes e Valores do Meio Ambiente. Tradução: Lívia de Oliveira. São Paulo/Rio de Janeiro: Difel, 1980.

VILARINHO NETO, Cornélio Silvano. A Metropolização Regional – Formação e consolidação da rede urbana do estado de Mato Grosso. Cuiabá: EdUFMT, 2009.

L2 - 006 - Oral

A PAISAGEM E O LUGAR NAS EXPRESSÕES CULTURAIS LÚDICAS DO ÇAIRÉ

Sheila Castro dos Santos / Salete Kozel

INTRODUÇÃO

Alter do Chão é um dos distritos administrados pelo munícipio de Santarém, no estado do Pará, ele está localizado a margem direita do rio Tapajós, distante 38 quilômetros do seu centro administrativo. É neste lugar que ocorre as expressões culturais lúdicas do Çairé.

As representações percebidas nas expressões culturais lúdicas do Çairé estão intrinsecamente ligadas ao modo de vida de cada um dos seus participes, que realizam interações representacionais entre o humano e a natureza, o alterense expõem sua vivência, sua memória, sua religiosidade, o conjunto que rege sua cultura, compreendido por ele no contexto da contemplação sensorial da paisagem e experienciação cognitiva do lugar.

Alter do Chão é envolta de praias descritas pelos primeiros colonizadores como paradisíacas, possui desde 1722 a 1776 seu registro nos códices escritos pelo padre João Daniel, neles encontra-se informações sobre as expressões culturais lúdicas do Çairé, cujas raízes estão fincadas na cultura indígena.

No entanto houve modificações em seu desenvolvimento pelo processo de assimilação e temporalidade com ampliação do seu alcance e modificações do ritual de origem, uma das causas para tal foi a presença dos jesuítas, que catequisaram os moradores que lá viviam, dentre os quais a etnia Borari, Tapuiu e caboclos que foram aos poucos adicionando ritos católicos, transformando o Cairé em celebração ao divino Espírito Santo ou à Santíssima Trindade.

Com o passar do tempo houve transformações na execução dos ritos do Çairé, uma delas é a respeito dos primeiros integrantes dos cantos que seriam crianças, foram substituídos por adultos chamados de foliões, as músicas cantadas durante as procissões são denominadas de folias, estas são entoadas pelo responsável da folia.

PROBLEMATIZAÇÃO

O Çairé é o evento festivo que proporcionou encontrar sujeitos que induziram a elaboração de perguntas que impulsionaram a construção das



problemáticas, estas pensadas para entender como a paisagem é percebida e utilizada em sua diversidade polissêmica como elo identificador e formador do lugar? E, como a cultura e religião são evidenciadas na expressão cultural lúdica do Çairé?

METODOLOGIA

Desta forma no período da festa do Çairé o ecletismo religioso, a sexualidade exposta, as recreações, comidas, danças, a maneira como utilizam a paisagem para representar seu elo com a natureza, o modo como afirmam e reafirmam o amor pelo lugar em que realizam a experiência e vivencia foram estudados com a ciência geográfica de maneira a seguir a métrica científica com o método hermenêutico-fenomenológico criado por Paul Ricoeur ([1975] 1983; [1969] 1988; 2007) e com as categorias geográficas de análises de Paisagem na perspectiva de Cosgrove e Lugar na perspectiva de Claval (2002; 2001;2003), Ricoeur (2007), Cosgrove (1999; 2004; [2008] 2012) e Castro e Kozel (2013), dentre outros autores que auxiliaram nas análises pelo viés da Geografia Cultural e Geografia da Religião.

Os símbolos e signos que podem ser encontrados nas expressões culturais lúdicas representam a percepção dos membros da comunidade de Alter do Chão. Essas representações dentro da geografia cultural são compreendidas como formas evidenciadas que distinguem uma comunidade de outra.

RESULTADOS

Dentro da ciência geográfica a abordagem cultural permite a compreensão das atitudes dos homens que vivem em comunidade e a dinâmica que ocorre na mudança de seu modo de vida. E, esta perspectiva geográfica entrelaça-se com a compreensão de cultura proposta pela hermenêutica-fenomenológica, a qual entende que o sentido da cultura é sempre um sentido para compreender o que faz sentido para quem vivencia e a experiência como modo de vida.

Sem as atitudes totalizadoras percebe-se a importância de como se dá a vivência como algo mais profundo e o seu envolvimento nas mudanças e nas permanências, concomitantemente entende-se também o quanto a experienciação pode ser momentânea, ela necessariamente está envolvida nas mudanças e permanências que o ser humano toma para si.

Por isso, que em determinado tempo de acordo com o contato e novas relações houve transformações culturais, contudo restou, uma presença mínima da cultura primeva, permitindo estabelecer comparação com o passado.

A cultura não desaparece, sua dinamicidade é transformadora ou reconfiguradora, enquanto houver uma comunidade sucessora que a experienciou, nela haverá traços que poderão ser utilizados para uma reconfiguração, o auto reconhecimento alterense pode ser um ponto para continuação de uma parte da cultura Borari, pois como percebe-se na narrativa oito "... estou auto me reconhecendo como Borari! Por causa das tribos que moraram aqui". Nessa perspectiva de continuidade cultural entendida por Paes Loureiro (1995).

Desse modo, na cultura é necessário que haja percepção histórica e geográfica, pois a experiência sensível é criada a partir das percepções do que foi vivenciado com alguém em algum lugar, ou do que foi repassado como algum tipo de informação.

Quando se pratica a narrativa, ela deve ser realizada de forma que haja compreensão, pois o ato de narrar instiga a mente a criar imaginações elaboradas a partir de algo que se tem conhecimento, que se pode fazer assimilação ou comparação para que se for necessário, haja uma nova criação a partir do antigo. Essa ação é um dos modos que os seres humanos possuem para praticar a dinamicidade da cultura, e evidencia-la em sua história.

Há complexidade de compartilhamento de símbolos, experiências que unem ou separam os indivíduos de uma comunidade, eles trazem consigo um tipo de relação evidenciando a identidade da comunidade advindos de suas ações. Essas evidenciadas nos indivíduos quando desenvolvem as atividades correspondentes a sua cultura.

A criatividade da comunidade alterense propiciou a utilização de traços da cultura indígena, afro e europeia, e com envolvimento da religião cristã e da crença étnica surge a mistura dos costumes para formar a festa em que o caboclo de Alter do Chão externaliza novas formas para uma continuidade sociocultural.

A ação dos alterenses em elaborar representações de sua cultura almejando partilhar com os outros/visitantes, para que estes desenvolvam sentimento sobre a festa do Çairé, pelo lugar e pelas paisagens é perceptível quando estes utilizam as expressões culturais lúdicas para o envolvimento local na realização da festa.

Entende-se que as expressões culturais lúdicas como peculiaridades das comunidades que estão voltadas para celebrações que evidenciem sua cultura/religião e paisagem/lugar, para afirmar e reafirmar suas concepções do mundo vivido.



Compreende-se que essas "são expressões que permitem consolidar a ideia de participação comum, do estar junto, de constituir-se" no jogo das identidades mesmo que as comunidades estejam dispersas há a necessidade de uma unidade que é "reforçada nesse contato pela sedução das amplas identidades evidenciadas pelo visual e o sensível" (PAES LOUREIRO, 1995, p. 142), onde os aspectos culturais são percebidos em intensidade nas letras das músicas, nas coreografias durante as apresentações e nos ritos.

A paisagem e o lugar são percebidos por meio da cognição e percepção do corpo, ações e reações realizadas intrinsecamente pelo homem, de modo que, podem ser entendidos por meio de uma reflexão em forma de escala decrescente, utilizada para compreensão da postura dos alterenses, onde suas memórias estão conectadas a paisagem e aos lugares carregados de experiências e sentimentos, dessa maneira, tentam fazer com que os visitantes o percebam e sintam estes sentimentos durante sua estadia em Alter do Chão.

BIBLIOGRAFIA PARCIAL

CASTRO, S.; KOZEL, S. A santificação do lugar. *In* Terr@Plural, Ponta Grossa, v.7, n.2, 2013. p. 193-206.

CLAVAL, P. Epistemologia da Geografia. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2011.

CLAVAL, P. **A Evolução Recente da Geografia Cultural de Língua Francesa**. *In* GeoSul, Florianópolis, V.18, nº35, 2003. p. 7-25.

CLAVAL, P. **A Volta do Cultural na Geografia**. *In* Mercator - Revista de Geografia da UFC: n. 01, 2002. p.19-28.

CLAVAL, P. A Geografia Cultural. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2001.

COSGROVE, D. E. **Geoghaphy & vision**: seeing, imagining and representing the world. New York: IB Tauris, [2008] 2012.

COSGROVE, D. E. **Landscape and landschaft**. *In* Symposium German Historical Institute: GHI Bulletin n. 35, 2004. p. 57-71. Disponível em: http://www.ghi-dc.org/publications/ghipubs/bu/035/35.57.pdf - acessado em 16 de Agosto de 2014.

COSGROVE, D. E. **Geografia cultural do milênio**. *In* ROSENDAHL, Z. e CORRÊA, R. L.. Manifestações da cultural no espaço. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 1999. p. 17-48. RICOEUR, P. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: UNICAMP, 2007. RICOEUR, P. **O conflito das interpretações**: ensaios de hermenêutica. Portugal: RÉS, [1969] 1988.

RICOEUR, P. A metáfora viva. Portugal: editora RES, [1975] 1983.

L2 - 008 - Oral

O NEGRO NO CARNAVAL DA BAHIA: UMA ANÁLISE SOB A PERSPECTIVA DA GEOGRAFIA CULTURAL

Cláudia Novaes Deina

INTRODUÇÃO

O carnaval é a maior manifestação cultural do Brasil. Caracterizado como uma festa plural e complexa desenvolveu-se de forma peculiar ao longo de nossa história em cada canto do território brasileiro. Por isso podemos falar de vários carnavais, como por exemplo: o carnaval carioca, o carnaval baiano, o carnaval pernambucano, o carnaval paulista, o carnaval paranaense e outros. Por todo o país a folia carnavalesca reúne atores sociais antagônicos, produzindo um espaço plural, onde se materializam processos desiguais de poder, oferecendo a pesquisa múltiplas leituras e significados. Na Bahia o carnaval possui uma duração oficial de seis dias, começando na quinta-feira à noite e encerrando-se na manhã da Quarta-feira de Cinzas. Ocupa em média 25 km de ruas para os desfiles nos três circuitos em que se divide a festa, a qual ocorre entre os meses de fevereiro e março de cada ano.

Segundo Agier (2000) em sua obra "Anthropologie du Carnaval" a magnitude do carnaval baiano que atrai cerca de um milhão de pessoas para as ruas durante os dias da festa está diretamente relacionado ao seu processo de africanização. Embora haja segundo o autor uma "competição" entre o carnaval da Bahia e o carnaval do Rio, a Bahia "ganha" em termos de participação popular no carnaval. Assim, Michel Agier (2000) compara Salvador a uma "Roma Negra" em termos populacionais, no entanto observa que a população soteropolitana enfrenta sérios problemas no seu cotidiano, como a desigualdade social, o racismo e outros.

Nesse contexto, observa-se que a cultura africana permeia o carnaval da Bahia desde a sua origem, no entanto a institucionalização da africanização da folia carnavalesca ocorreu a partir da criação dos blocos de afoxé e, a consolidação veio com a instituição dos blocos afros na década de 1970, especialmente do Ilê Aiyê. Esses blocos surgiram dentro dos terreiros de candomblé localizados em bairros da cidade de Salvador, onde a maioria dos habitantes são negros, como por exemplo, o bairro da Liberdade. É importante ressaltar que Salvador é a cidade do mundo que possui a maior população negra fora do continente africano.



Percebe-se que apesar de todas as formas de preconceito e repressão que ocorreram ao longo dos séculos em relação à participação do negro no carnaval na Bahia, a mesma sobreviveu e ganhou espaço, passando da repressão ao *Glamour*. De um extremo ao outro, deve-se questionar quais foram os interesses que nortearam essa mudança de perspectiva em relação à atuação do negro no carnaval baiano? Diante dessa questão, considera-se que no período mais recente os gestores públicos locais e os empresários transformaram o carnaval da Bahia numa indústria lucrativa, a qual atrai, a cada ano, milhares de turistas nacionais e internacionais.

Nessa conjuntura, pode-se inferir que o turismo e os espetáculos públicos passaram a ter primazia no planejamento governamental, os quais foram metamorfoseados conforme Dias (2002, p.10), como "forças econômicas e simbólicas de uma conjuntura denominada pós-moderna", além disso, "foram também decisivos para que o carnaval de Salvador se transformasse num dos maiores espetáculos do mundo".

PROBLEMATIZAÇÃO

O carnaval da Bahia tem história social que precisa ser resgatada e fortalecida, história de luta e resistência da participação dos negros que contribuíram de modo decisivo para a magnitude da festa, através do seu patrimônio simbólico consubstanciado na linguagem, na música, no ritmo, na dança e nos emblemas de origem africana que foram preservados ao longo dos séculos nos diversos terreiros de candomblé de Salvador. No entanto, na atualidade vem ocorrendo um avassalador processo de elitização da festa baiana, o que promove a redução dos foliões "pipocas", revelando uma forte exclusão social da população local e o possível afastamento das raízes africanas. Nesse sentido, Spinola (2012) coloca que "o Carnaval baiano é cada vez mais um megaempreendimento capitalista, programado para uma elite de novos ricos, 'famosos' da televisão, socialites e deslumbrados que curtem tudo nos camarotes". Deste modo, uma pequena parcela da população, que é representada pelos artistas-empresários do carnaval, lucra milhões de reais com os blocos, trios e camarotes. Assim, o carnaval baiano merece preocupação de todos os segmentos envolvidos, bem como pelos estudiosos do fenômeno no sentido de fortalecer os valores que serviram de referência para a sua constituição e consolidação, os quais poderão contribuir para a elaboração de estratégias de resistência a lógica da indústria cultural vigente.

METODOLOGIA

A pesquisa terá como enfoque o campo da Geografia Cultural, a qual será iniciada a partir de uma revisão bibliográfica sobre o tema que possibilitará uma reflexão crítica acerca da problemática que será analisada. Assim sendo serão analisadas teses, dissertações, artigos e livros que abordem questões relacionadas ao carnaval soteropolitano. Além disso, também poderão ser avaliados os fatos relacionados ao tema, que ganharão repercussão na imprensa, versando sobre o cotidiano do carnaval durante o período da pesquisa.

Serão concretizadas entrevistas diretas com os responsáveis pela organização dos principais blocos afros e afoxés e, também com foliões que participam dos referidos blocos no carnaval da Bahia. Como não será possível entrevistar todos os foliões e artistas dos blocos a amostra será efetuada de forma aleatória, a qual será definida junto a orientadora. Desse modo, será realizada uma pesquisa qualitativa utilizando o método fenomenológico-hermenêutico.

Como resultado da pesquisa, a elaboração da tese, a qual poderá servir para fornecer subsídios para pesquisas futuras sobre o tema, além de contribuir para possível resgate de valores da ancestralidade africana na sociedade brasileira.

RESULTADOS

Conforme pesquisa bibliográfica, em meados dos anos 70 foi instituído o primeiro bloco afro no carnaval de Salvador, com o objetivo de resgate e valorização da cultura africana. Assim surgiu o Ilê Aiyê no bairro remanescente de um quilombo urbano, o Curuzu. De acordo com Moura (2013), "a iconografia do Ilê, seja em termos de música, seja em termos de artes plásticas, vai se plasmar como uma veemente afirmação da África como mãe negra da Bahia e do Brasil". Desse modo, o bloco afro do Ilê levou para a avenida a beleza da cultura africana com os seus ritmos, danças e símbolos que evidenciam, fortalecem e valorizam a origem africana. Neste contexto, a coreografia que acontece no carnaval associa movimentos do Candomblé com emblemas de origem africana e, em cada cortejo o bloco apresenta um determinado país africano, "tomado como unidade de representação da Negritude livre" (MOURA, 2013, p. 3). Para além da celebração, os blocos introduziram uma perspectiva de resistência à hegemonia cultural "branca".

Posteriormente surgiram vários blocos afros como, Malê Debalê, Olodum, Timbalada, Ara Ketu, Muzenza, entre outros. Cabe ressaltar, que a participação dos negros no carnaval de Salvador é fundamental para a afirmação



da sua identidade, ainda que não fosse reconhecida pelo *status quo* como tal: desde o século XIX, era o ponto de convergência de diversas etnias de origem africana, o que pode ser constatado em diversos documentos publicados em jornais da época.

BIBLIOGRAFIA PARCIAL

AGIER, M. **Anthropologie du Carnaval:** La Ville, la Fête et l'Afrique à Bahia. Marseille: Ed. Parenthèses/IRD, 2000.

BAKHTIN, M. A cultura popular na idade média e no renascimento: o contexto de François Rabelais. Tradução Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec; Brasília: Editora da UNB, 1987.

CLAVAL, P. **A Geografia Cultural.** Florianópolis: Ed. UFSC, 2014. CASSIRER, E. **Ensaio sobre o homem**: introdução a uma filosofia da cultura humana. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

COSGROVE, D. (1998). Em direção a uma geografia cultural radical: problemas da teoria. *In:* **Revista Espaço e Cultura**, UERJ/NEPEC n. 5, Rio de Janeiro, 1998.

DIAS, C. C. S. **Carnaval de Salvador:** mercantilização e produção de espaços de segregação, exclusão e conflito. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Instituto de Geociências, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2002.

FURLANETTO, B.; KOZEL, S. Paisagem cultural: da cena visível à encenação da alma. *In:* **Ateliê Geográfico** - Goiânia-GO, v. 8, n. 3, p.215-232, dez/2014. Disponível em: http://www.revistas.ufg.br/index.php/atelie. Acesso em: 02 jul. 2015.

GIL FILHO, S. F. Geografia das formas simbólicas em Ernst Cassirer. *In:*. SERPA, A. (orgs). **Visões do Brasil:** estudos culturais em Geografia. Salvador: EDUFBA, 2012. Disponível em: https://repositorio.ufba.br. Acesso em: 21/04/2016. p. 47-66. MOURA, M. A propósito das representações recentes da negritude. No carnaval de salvador. Ilhéus, 2013. *In:* **Anais Eletrônicos da Associação Nacional de História**. Disponível em: anpuhba.org/wp-content/uploads/2013/12/Milton-Moura-ST-19.pdf. Acesso em: 01 de jul. de 2015.

RODRIGUES, R. N. **Os Africanos no Brasil.** 7. ed. São Paulo: Ed. Nacional; Brasília: Ed. Universidade de Brasília, [1932] 1988.

SPINOLA, N. .D. A Influência Africana na Economia Cultural Baiana. *In*: **Cadernos de Estudos Africanos** [Online], 23 | 2012. Disponível em: http://cea.revues.org/519; DOI: 10.4000/cea.519. Acesso em: 02 jul. 2015.

L2 - 009 - Oral

A REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO EM VINCENT VAN GOGH

Jean Carlos Rodrigues

INTRODUÇÃO

O trabalho ora apresentado estabelece uma interface entre Arte e Geografia tendo como referência artística o pintor pós-impressionista Vincent Van Gogh, artista holandês que viveu entre 1853-1890. O objetivo para a realização de tal estudo consiste em compreender as representações da paisagem retratadas pelo artista, as quais estão diretamente relacionadas aos lugares por onde viveu e trabalhou. Se em um primeiro momento as obras do artista se caracterizam pela representação do trabalho camponês fazendo uso da técnica claro-escuro (Os Comedores de Batatas, de 1885), em um segundo momento, Van Gogh se destacou pelo uso intensivo da cor, tendo como motivo de suas pinturas a natureza (Campos de Trigo com Corvos, de 1890).

PROBLEMATIZAÇÃO

A arte é uma forma de conhecer e, portanto, é uma representação. A arte está no mundo, o que implica em considerar que o contexto temporal e espacial que compõe o contemporâneo do artista tomam cores e traços nas telas. Para Fischer (2007, p. 17) "toda arte é condicionada pelo seu tempo e representa a humanidade em consonância com as ideias e aspirações, as necessidades e as esperanças de uma situação histórica particular".

Isto significa que a produção artística pode derivar das experiências que os sujeitos possuem do mundo que os cerca. Segundo Fischer (2007, p. 14) "(...) a arte não só precisa derivar de uma intensa experiência da realidade como precisa ser *construída*, precisa tomar forma através da objetividade". A arte produzida, como espaço de representação, apreende os objetos e significa o espaço no processo de sua criação.

Entretanto, ela não fica restrita apenas à materialidade uma vez que a espacialidade também contém o percebido, o concebido e o vivido pelo artista. Segundo Gil Filho (2003), "a espacialidade seria construída a partir do imbricamento do movimento tríade do espaço percebido, concebido e vivido", embora este cruzamento, segundo o autor, não seja simples nem estável. Desta forma, para além da materialidade objetiva das coisas, a perspectiva espacial também contempla o existencial naquilo que é percebido, concebido e vivido.



Isto implica em um processo de clareza, objetividade e sensibilidade do artista no processo de criação, ou seja, ele precisa exercer domínios tanto técnico quanto emocional no momento da produção. Segundo Fischer (2007, p. 14), "o trabalho para um artista é um processo altamente consciente e racional, um processo ao fim do qual resulta a obra de arte como realidade dominada, e não — de modo algum — um estado de inspiração embriagante". Assim, o percebido, o concebido e o vivido objetiva-se em telas dando formas, cores e traços às experiências espaciais do artista e às suas representações.

Este "tomar forma" no qual se refere Fischer (2007) envolve um complexo processo de criação no qual imaginário, técnica e memoria se articulam no processo da construção da arte. Segundo Fischer (2007, p. 14), "para conseguir ser um artista, é necessário dominar, controlar e transformar a experiência em memória, a memória em expressão, a matéria em forma". A referência à experiência neste processo confirma o que afirmamos anteriormente: a arte não está fora do mundo, ela representa o mundo.

Desta forma, se tratarmos a arte como espaço representado, ela é uma representação provocativa, reflexiva e emotiva, que aguça o desejo de compreender as coisas para além de parâmetros convencionais. Assim, ela não está dissociada da dimensão da experiência humana, haja vista que a ideia de experiência decorre da interação do ser vivo com as condições ambientais nas quais está envolvido o processo de viver (DEWEY, 2010).

Quando nos dedicamos a observação da vida e das obras de Vincent van Gogh (1853-1890), identificamos uma nítida relação entre experiência e representação, haja vista que os motivos pintados pelo artista estão intrinsicamente relacionados àquilo que viveu e aos lugares por onde passou. Nascido em Zundert (Holanda), em 1853, e falecido em Auvers-sur-Oise (França), em 1890, Vincent van Gogh, em 37 anos de vida, passou por diversas fases em seu trabalho artístico, indo do tradicional claro-escuro (*Os Comedores de Batatas*, 1885) à exploração intensa da cor (*Campo de Trigo com Corvos*, 1890).

Vincent van Gogh tinha no uso da cor uma forma de se expressar: o modo como as tratava e as utilizava concedia aos seus quadros uma mistura de arte e expressão, com pouca atenção à forma. Segundo o próprio artista, "em vez de representar exactamente aquilo que vejo diante de mim, uso a cor de um modo mais particular de forma a expressar-me muito intensamente" (GOGH *apud* GRIMME, 2009, p. 21). Esta constatação confirma os dizeres de Dewey (2010, p.

159) para quem a emoção é "(...) essencial no ato expressivo que produz uma obra de arte".

METODOLOGIA

O olhar sobre a obra de arte é sempre subjetivo: as impressões e as intencionalidades são sempre de quem observa. É difícil responder, por exemplo, quais teriam sido as razões para o artista compor determinada tela; podemos, no máximo, conhecer a biografia do mesmo e arriscar alguns apontamentos. Neste sentido, para elaborarmos tal proposta, foram necessárias pesquisas e leituras sobre a vida e a obra de Vincent van Gogh, além de adquirir filmes cujas temáticas fossem a produção artística do mesmo.

Além disso, foram necessárias visitas a acervos virtuais às obras de Vincent van Gogh, como aqueles disponíveis pelo "Van Gogh Museum" (Amsterdã-Holanda), além de visitas pessoais no acervo do Museu de Arte de São Paulo "Assis Chateaubriant" – MASP (São Paulo) o qual dispõe de 05 (cinco) telas do artista. Além desta visita, a exposição "A Triunfo da Cor – os pósimpressionistas", realizada pelo Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB), em São Paulo, no primeiro semestre de 2016, também foi visitada em decorrência a existência de obras de Van Gogh.

RESULTADOS

Como resultado deste trabalho vamos expor sobre as representações do espaço presentes na tela *Passeio ao Crepúsculo* (também denominada de *Paisagem com Casal a Passear e Lua em Quarto Crescente*). Esta tela foi elaborada entre os anos 1889-1890, quando Vincent Van Gogh estava internado no Asilo Saint-Paul, em Saint-Rémy-de-Provence, e encontra-se atualmente no MASP/São Paulo (SP). Na pintura, destaca-se a presença dos ciprestes, para os quais Vincent Van Gogh tinha particular apreço. Nas palavras do artista, "os ciprestes sempre me preocupam, gostaria de fazer com eles algo como as telas dos girassóis, pois me espanta que ainda não os tenham feito como eu os vejo" (GOGH, 2015, p. 330). Para o pintor, a *essência da paisagem* tinha a ver "(...) com o elo que une todas as coisas: o sentido da interdependência era a verdadeira base da vida" (WALTHER; METZGER, 2015, p. 622).

A representação da paisagem foi o instrumento que Vincent van Gogh utilizou para integrar o homem e o meio em um momento em que a vida urbana se amplia e a distância entre estas dimensões se intensificam. A tela *Passeio ao Crepúsculo* demonstra esta intenção do pintor. Nela, há uma conexao entre os elementos que compõe a paisagem e revela a integração homem-meio



manifestada no uso das cores: o amarelo do ceu e do vestido da mulher; e o azul das montanhas e da roupa do homem. Esta correspondencia entre as cores extrapola a simples noção de coindidencia e alimentam a perspectiva da integração entre os elementos humanos e naturais representado nesta tela.

Segundo Van Gogh, "para pintar a natureza aqui, como em qualquer outro lugar, é preciso estar nela por muito tempo" (GOGH, 2015, p. 330-331). De acordo com o MASP, "o conteudo principal da paisagem (as oliveiras), a forma de aplicação da tinta, e o animo do casal estão em unissono nesta tela propriamente expressionista (...)" (MASP, 2008, p. 60). Tais caracteristicas apontadas pelo MASP (2008), revela uma integração homem-meio harmoniosa, caracteriticas das obras de Van Gogh desde 1885 no qual a vida camponesa era retratada pelo artista em contato direto com o meio natural, sobretudo no labor da terra.

BIBLIOGRAFIA PARCIAL

DEWEY, John. A Arte como Experiência. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FISCHER, Ernest. A Necessidade da Arte. 9ª ed. Rio de Janeiro, LTC, 2007.

GIL FILHO, Sylvio F. **Espaço de Representação**: uma categoria chave para a análise cultural em Geografia, 2003. Disponível em: http://faustogil.ggf.br/gilfilho/arquivos/espaco-representacao-geografia.pdf .

Acesso em: 20.06.2016.

GOGH, Vincent van. Cartas a Théo. Porto Alegre: LP&M, 2015.

GRIMME, Karin H. Impressionismo. Koln: Taschen, 2009.

MASP. A Natureza das Coisas. São Paulo: Comunique, 2008 (Coleção MASP).

WALTHER, Ingo F.; METZGER, Rainer. **Van Gogh**: obra completa de pintura. Koln: Taschen, 2015.

L2 - 014 - Oral

(RE) ORGANIZAÇÃO ESPACIAL DA FESTIVIDADE JUNINA DE CAMPINA GRANDE NA PARAÍBA E A RELAÇÃO DO MORADOR COM A COMEMORAÇÃO

Jordania Alyne Santos Marques

A proposta desse trabalho remete-nos a pensar sobre a dimensão cultural do espaço geográfico, especificamente no que se refere à Festa Junina de Campina Grande na Paraíba, assim, abordaremos alguns dos questionamentos que vem norteando a construção da nossa pesquisa de mestrado: Como a festa nasce e se reinventa e/ou ressignifica em Campina Grande? Qual o envolvimento do Campinense com a comemoração?. Para tal, é imprescindível atentarmos para o

homem e sua cultura, posto que, cabe a Geografia considerar as experiências vividas e a intersubjetividade dos grupos sociais, mediante as sensações e percepções dos sujeitos, por meio dos sentidos sensoriais humanos (visão, audição, olfato e tato) (CLAVAL, 2001). Conforme dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) 2010, Campina Grande localiza-se na mesorregião do agreste paraibano e possui uma população em torno de 385.213 habitantes. Esta é uma importante cidade dentro da rede urbana nordestina, além de encontrar-se entre as 31 cidades na faixa de 100 e 500 mil habitantes que desempenham uma centralidade histórica em relação ao interior de seu estado (MAIA, 2010). Em Campina Grande, as festividades juninas têm suas origens no campo com o intuito de celebrar os santos juninos e a colheita do milho e do feijão, sendo ocasião propicia para encontro de parentes e amigos, os quais dançavam forró e quadrilhas, construíam fogueiras, saboreavam comidas típicas da época e realizavam adivinhações (LIMA, 2008) e atualmente ocorre durante trinta dias entre os meses de Junho e Julho. Para a compreensão da festa junina realizou-se revisão bibliográfica, a qual possibilitou a contextualização histórica do objeto de pesquisa, além de discutirmos sobre práticas e estratégias espaciais, lugares simbólicos e paisagem. Acrescenta-se ainda a pesquisa de campo realizada na festa durante o mês de junho do corrente ano, momento oportunizando para observações, registros fotográficos, identificação dos locais onde ocorrem a festa e obtenção de cinco depoimentos nos seguintes locais: Parque do Povo, Vila dos Tropeiros, Distrito de Galante, Sítio São João e Museu dos Três pandeiros. Faz-se válido enfatizar que esses foram os locais nos quais os sujeitos se disponibilizaram a conversar sobre a temática. Ao se dedicar em compreender a atual espacialidade da festa junina, se faz importante atentar para as considerações de Silva (2013), o qual analisa as festividades populares como eventos geográficos que são criados e recriados, tendo uma ordem espacial e cultural realizando-se de acordo com as peculiaridades do local. Corrêa (2012) reitera que a depender da importância da comemoração e os recursos financeiros direcionados, ocorre diferentes "escalas dimensionais e de alcance espacial que marcam a paisagem e são sentido local, regional, nacional ou global à forma simbólica" (CORRÊA, 2012, p.138). Defronte disso, ao espacializarmos a festividade junina de Campina Grande é evidente sua dispersão pelo município, tendo cada local festivo uma funcionalidade. Nesse sentido, os distritos de São José da Mata e Galante ficam a cargo de animar os festeiros nos finais de semana e nas vésperas e dia de Santo Antônio e São João. Adentrando a cidade, temos: O



Parque do Povo, Sítio São João, Salões de Artesanato, Vila dos Tropeiros, Parque da Criança, Museu do Algodão, Teatro Municipal Severino Cabral e Catedral Nossa Senhora da Imaculada Conceição, Casas de shows Vila forró e Spazzio. O parque do povo se constitui como o núcleo da festividade, pois, são 30 noites de comemorações, ocorrendo apresentações de quadrilhas e shows (profanos e religiosos- Católicos e Evangélicos), dispondo de serviços gastronômicos, bares, palhoças de forró, cidade cenográfica e camarotes. O sítio São João tem o objetivo de relembrar um vilarejo rural do século XIX, para tal, se insere imagens de santos juninos, engenho, casa de farinha, rocado de milho, casa de taipa, capelas, bodegas e difusora, além dispor de atrações musicais, apresentações culturais e pratos típicos regionais. O Salão Municipal de Artesanato, Salão de Artesanato da Paraíba e Vila do Artesão são locais direcionados para comercialização de peças feitas de fibra, barro, brinquedos populares de madeira, produtos de couro, arte indígena, vestimentas de algodão colorido, produtos feito de metal, crochês, bordados, pinturas, dentre outros, e ainda dispõe de áreas para saborear comidas regionais e dançar forró. A vila dos tropeiros foi incluída no espaço festivo só em 2016, sendo essa idealizada pelo Serviço Social da Indústria (SESI) funcionado durante os 30 dias com livre acesso, com o intuito de resgatar a história de Campina Grande, dispondo de áreas para alimentação, artesanato, cidade cenográfica e música ao vivo. No Parque da Criança ocorre uma programação organizada pelas Secretarias de Esporte, Juventude e Lazer (SEJEL) e de Desenvolvimento econômico (SEDE), envolvendo o "Quadrilhão Junino", a Trilha e a corrida dos namorados, a corrida da fogueira e o pau de sebo. O museu do algodão tem a função de apresentar a história da cidade e recepcionar os foliões que embarcam no trem do forró em direção ao distrito de Galante. Além disso, em seu entorno ocorre a Corrida de Jegue e é o ponto inicial e final do desfile das carroças ornamentadas com temas regionais, conhecida popularmente como a "Carroceata", que passa pelas principais ruas do centro de Campina Grande. O Teatro Municipal Severino Cabral sedia exposições de obras de artes e musicais contando a história do forró. Já a Catedral Nossa Senhora da Imaculada Conceição é onde fica mais evidenciada a dimensão sagrada da festa, visto que, nos dias dedicados a cada santo, acontecem as celebrações eucarísticas. As casas de shows, Vila Forró e Spazzio, no início das tardes dos dias 23, 24 e 25 concentram apresentações de bandas de forró estilizadas e duplas sertanejas. Diante desse panorama, nota-se que a Festa Junina apresenta uma diversidade em sua programação oficial. Ela não é constituída apenas pelo forró enquanto dança e

estilo musical, comidas típicas regionais, artesanato e quadrilhas, ela se ressignifica, ela coexiste culturas e se propaga por diferentes locais do município. Devido à repercussão da festa em âmbito regional e nacional, o município recebe um grande número de turistas, os quais visitam os lugares festivos acima citados, logo, ao vivenciaremos além de produzirem sentidos sobre os locais, esse cooperam para com o consumo de bens e serviços. Dessa maneira, as materialidades relacionadas com as práticas espaciais apontam-nos para alterações na dinâmica de Campina Grande no período festivo. Observamos que a festa junina (Major São João do Mundo) é permeada de interesses econômicos e políticos. Todavia, o período junino também é vivido pelos campinenses, pois o momento se torna oportuno para reencontrar amigos e familiares, além de trazer a tona os sentidos criados e recriados em torno da comemoração, evocando lembranças e significações simbólicas a determinados locais. Assim, ao adentrar na comemoração e conversando com os festeiros, observamos que na festividade é comum a reprodução lugares que existiam em tempos de outrora, Morigi (2007) reforça que essas paisagens ocasionam na construção de imagens e pertencimento. Assim sendo, em locais como: Parque do Povo, Sítio São João e Vila dos Tropeiros, por exemplo, os participantes são convidados a vivenciar ambientes urbanos e rurais de tempos de outrora. Fortuna (1999) considera que as representações do passado vivenciado por outros sujeitos em distintas localidades, se torna um convite a imaginação do passado. Logo, podemos ratificar essas informações por meio desse relato: "Venho ao sítio São João e ao Parque do Povo para contemplar a tradicionalidade da nossa festa, uma volta as nossas raízes, ver as bodegas e casas antigas" (Depoimento concedido em 25 de junho de 2016). Nota-se que os elementos presentes na paisagem têm relevância na construção do imaginário individual, nesse sentido, "na paisagem, integramse orientações simbólicas ligadas ao universo religioso, às tradições e às heranças culturais" (MELO 2008, p.56). Portanto, é preponderante compreendermos que ao se criar e recriar a festa junina de Campina Grande passa (re) organização espacial, transferindo-se do campo para a periferia, da periferia para centro e atualmente se dispersando pelo município tendo a gestão municipal e a iniciativa privada como agentes fundamentais na espacialização apresentada. Além do mais essa comemoração não é constituída apenas pelo forró enquanto dança e estilo musical, comidas típicas regionais, artesanato e quadrilhas. Ao caminhar pela festividade é claro sua face religiosa (católica e evangélica), seus variados ritmos (música eletrônica e sertaneja por exemplo), controle, cores, cheiros,



apropriação econômica e as diferentes apropriações e representação dos sujeitos que a vivenciam.

REFERÊNCIAS

BERDOULAY, Vincent. Espaço e Cultura. In: CASTRO, I.E de ; GOMES, P.C da C.; CORRÊA, R.L (Orgs). Olhares Geográficos: Modos de ver e viver e espaço. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

CLAVAL, P. Geografia cultural: o estado da arte. In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, CORRÊA, Roberto Lobato. Diferenciação sócio-espacial, escala e práticas espaciais. Cidades, v. 4, n. 62 6, 2007.

CORRÊA, Roberto Lobato. Espaço e Simbolismo. In: CASTRO, I.E de ; GOMES, P.C da C.; CORRÊA, R.L (Orgs). Olhares Geográficos: Modos dever e viver e espaço. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

FORTUNA, Carlos. Identidades, percursos, paisagens culturais. Oeiras: Celta Editora, 1999.

LIMA, Elisabeth Christina Andrade. A fábrica dos Sonhos: a invenção da festa junina no espaço urbano. 2ª edição. Campina Grande, EDUFCG,2008.

MAIA, Doralice Sátyro. Cidades médias e pequenas do Nordeste: Conferência de abertura. In: LOPES, Diva Maria Ferlin; HENRIQUE, Wendel (orgs). Cidades médias e pequenas: Teorias, conceitos e estudos de caso. Salvador: SEI, 2010.250p.

MELO, Evaneide Maria. A paisagem em foco: leituras fotográficas de Jardim do Seridó-RN. Dissertação (Mestrado em Geografia) — Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal- RN, 2008.

MORIN, Edgar. O método IV. As ideias: a sua natureza, vida, habitat e organização. Lisboa: Publicações Europa-America, 1991.17-48 p.

MORIGI, Valdir José. Narrativas do Encantamento: O maior são João do mundo, média e cultura regional. Porto Alegre: Armazém digita, 2007.

SILVA, Anelino Francisco da. Festa Geográficas: De carnavais a eventos Juninos e populares. Natal, RN: EDUFRN, 2013.

L2 - 015 - 0ral

MAPA MENTAL: APORTE COMUNICACIONAL DE ENTENDIMENTO DAS LINGUAGENS E PERCEPÇÕES AMBIENTAIS EM PORTO VELHO

Lucileyde Feitosa Sousa/ Clarides Henrich de Barba

Este artigo pautou-se nas atividades desenvolvidas na disciplina Cultura, Representação e Espaço dialógico ofertada, de forma optativa, no Mestrado em Geografia da Universidade Federal de Rondônia. Buscou-se, através da

abordagem fenomenológica e aplicação dos mapas mentais, compreender as representações dos mestrandos quanto à problemática ambiental, advinda da enchente do rio Madeira, na cidade de Porto Velho, estado de Rondônia. Os impactos da enchente de 2014 são percebidos até hoje na área urbana e ribeirinha de Porto Velho, estando famílias em situações desfavoráveis, as quais foram remanejadas para áreas periféricas e convivem com a criminalidade, violência e problemas diversos. Nessa conjuntura discursiva, é importante compreender os significados atribuídos a esse espaco alterado pelas Usinas hidrelétricas (Jirau e Santo Antônio) no rio Madeira. Esses grandes empreendimentos controlam a subida e descida das águas, afetando o modo de vida dos ribeirinhos, a navegação e o medo das enchentes e das intensas secas geram inseguranças porque os reservatórios das usinas precisam garantir a cota d'água para o funcionamento das turbinas. Esses impactos são sentidos na vida dos moradores de Porto Velho, na mobilidade das pessoas no interior da Amazônia e na ressignificação da vida diante das incertezas existentes. A construção das Usinas hidrelétricas alterou o modo de vida das populações locais, deixando problemáticas de difícil superação pela dificuldade do poder público realizar um planejamento eficiente e muitos desses problemas são evidenciados nos mapas mentais, dentre os quais: o remanejamento de famílias, águas contaminadas, perdas simbólicas com rio, o que refletem na qualidade de vida das populações amazônicas.

Há uma singularidade no espaço ribeirinho que foi desconsiderado pelo poder público local, como a cultura e práticas simbólicas mantidas pelas comunidades amazônicas ao longo das margens do rio Madeira.

A análise proposta teve como objetivo compreender os significados e representações em relação aos problemas ambientais enfrentados com a enchente de 2014 em Porto Velho e que trazem consequências até hoje à sua população. O empreendimento das Usinas do rio Madeira mantém o controle da dinâmica do rio, estando à população local em situação de vulnerabilidade e incertezas diante das subidas e descidas das águas, o que favorece sérios transtornos à navegação, sendo o principal meio de transporte para a garantia da mobilidade fluvial dessas populações tradicionais. O mundo vivido dessas pessoas foram alterados drasticamente em razão desses problemas ambientais e de difíceis soluções, uma vez que falta planejamento do poder público local para enfrentar essas situações, resultando no aumento da criminalidade, violência e desempregados. A lógica do poder público diante de muitos impasses continua



sendo a omissão e a desvalorização dessas populações que estão desabrigadas pelas águas.

Como referencial teórico, a corrente da geografia humanista-cultural, com viés fenomenológico, tem se difundido muito na Amazônia devido ao estudo do homem diante do mundo. O lugar é entendido como produtor de experiências humanas e a linguagem é de fundamental importância nesse processo de transmissão de saberes culturais e ambientais. Essa pesquisa fundamenta-se teoricamente nas análises do mundo vivido e das relações espaciais construídas pelas pessoas sobre o lugar. Nessa interlocução trouxemos três autores que colaboram para o nosso entendimento. Bakhtin (1999) com a noção de dialogismo, mostrando que o eu e o outro estão intimamente ligados, tendo como elemento articulador a própria linguagem. Destaca a função do signo social como vivo e múltiplo e a contribuição de Bakhtin à Geografia tem sido importante no sentido de compreender esse sujeito da linguagem e das representações mediadas pelos signos linguísticos.

Claval (2009) ressalta que a dimensão cultural desse povo deve ser preservada, na prática não foi concretizada, levando a fundamentar nossa pesquisa dentro da geografia humanista cultural para melhor entendimento do objeto de estudo. Por sua vez, Kozel (2009) trabalha a representação, fazendo uso dos mapas mentais como produtos da enunciação, por meio de textos dialógicos evidenciadores do conhecimento da diversidade humana no espaço.

A metodologia priorizou os mapas mentais para entendimento das percepções dos dez mestrandos sobre a problemática ambiental encontrada em Porto Velho que contribuiu no desvendar dos significados e valores sociais atribuídos pelas pessoas ao espaço. Os mapas mentais são textos dialógicos, evidenciam a diversidade de vozes dos sujeitos e as representações das pessoas, suas atitudes, valores e experiências. Na aplicabilidade da Metodologia Kozel (2007; 2009) levase em conta os seguintes aspectos: 1º) Interpretação quanto à forma de representação dos elementos na imagem: ícones diversos, letras, mapas, linhas ou figuras geométricas; 2º) Interpretação quanto à distribuição dos elementos na imagem: disposição dos elementos na imagem; 3º) Interpretação quanto à especificidade dos ícones: o significado de cada ícone e os elementos da paisagem natural, construída, elementos móveis e humanos; 4º) Apresentação de outros aspectos ou particularidades. Os mapas mentais são enunciados e suas análises são pautadas nas contribuições das teorias linguísticas para interpretação das imagens dotadas de significação ao grupo. Essa metodologia é um aporte

comunicacional de identificação de problemática ambiental e contribuições à abordagem fenomenológica na geografia. Aplicou-se a Metodologia Kozel (2007; 2009) e que cada participante apresentou seus mapas mentais, compartilhando saberes e experiências com base na proposta da pesquisa. Esse caminhar metodológico privilegia a interface com os estudos linguísticos, colabora na aproximação do mundo vivido dos alunos, sendo consideradas suas vozes e experiências. O universo amostral contou com dez mestrandos e a produção dos mapas mentais se deu sala de aula, não tendo quaisquer problemas em sua aplicabilidade, o que reitera a aceitabilidade dessa metodologia na comunidade acadêmica. Os mapas mentais são formas de linguagem que compreendem o mundo vivido das pessoas e colaboram com o entendimento das relações entre linguagem e sociedade. Essa metodologia tem sido amplamente divulgada no Brasil, principalmente na área da geografia humana.

Os resultados apontam que é importante compreender a percepção dos mestrandos e alternativas de valorização cultural, respeito a cultura da floresta, sobretudo, ribeirinhos que tiveram seus modos de vida alterados de forma avassaladora. Os significados atribuídos ao rio Madeira foram alterados, hoje se tem outro rio e isso implica perceber mudança na moradia, trabalho e lazer. Nesta análise, ficou evidente a arquitetura socioespacial do espaço vivido das pessoas com muitas problemáticas ambientais e sociais advindas dos empreendimentos, os quais são evidenciados através da paisagem alterada, da intensificação dos desbarrancamentos de suas margens e do remanejamento forçado de seus habitantes e sem garantia de infraestrutura adequada para manter o seu viver amazônico. Essas percepções são evidenciadas nos mapas mentais que possibilitam interpretar essa Amazônia ribeirinha, estando esse viver ameaçado. Como considerações finais a pesquisa destacou a Amazônia ribeirinha atingida pela enchente de 2014 e os mapas mentais ajudam nessa reflexão sobre os espaços atingidos e as formas de interpretação desse novo espaço. A geografia produzida na Amazônia colabora para uma melhor investigação dos espaços humanos e os mapas mentais possibilitam esse externar das emoções, das representações sobre um lugar, espaço, sendo textos altamente significativos no conjunto da produção viabilizada pela geografia na Amazônia.

REFERÊNCIAS

Bachelard, G. (2008). *A poética do espaço:* tradução Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes.



BAKHTIN, M. (1999). **Marxismo e filosofia da linguagem:** problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira; São Paulo: Hucitec.

CLAVAL, P. (2009). **A cultura ribeirinha na Amazônia:** perspectivas geográficas sobre o papel de suas festas e festejos. In: Kozel, S. *et al* (Orgs). *Expedição amazônica:* desvendando espaços e representações dos festejos em comunidades amazônicas. "A festa do boi bumbá": um ato de fé. (pp. 36-61). Curitiba: SK Ed.

KOZEL, S. Costa Silva, J, Gil Filho, S.F. (2007). **Da percepção e cognição à representação:** reconstruções teóricas da geografia cultural e humanista. São Paulo: Terceira Margem; Curitiba: NEER.

KOZEL, Salete; SOUSA, Lucileyde Feitosa. Parintins, que espaço é esse? Representação espacial sob a ótica do morador e do visitante. IN: KOZEL, Salete; COSTA SILVA, Josué; FILIZOLA, Roberto; GIL FILHO, Fausto. Expedição amazônica: Desvendando espaços e representações dos festejos em comunidades Amazônicas. Curitiba: SK ed., 2009.

SOUSA, L. (2014). **Espaços dialógicos dos barqueiros na Amazônia:** uma relação humanista com o rio. Porto Velho: Temática

<u>L2 – 010 – PAINEL</u>

PAISAGEM SONORA, UM CAMINHO À PATRIMONIALIZAÇÃO

Luiz Raphael Teixeira da Silva

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa investiga os desafios e conflitos referentes à reivindicação de reconhecimento público das práticas rituais evangélicas pelo estado laico, com a finalidade de registrar os caminhos para a formação de um patrimônio imaterial evangélico na Região Metropolitana de Fortaleza a partir da paisagem sonora produzida por este movimento religioso.

A análise científica é feita através de uma abordagem cultural, onde o interesse é analisar a cultura religiosa evangélica brasileira, considerando-a como um campo de análise conceitual relevante, pertinente e teoricamente fundamentado. Para dar conta dessa abordagem percebeu-se a necessidade de recorrer a autores como Augustin Berque (2004), Cosgrove (2004), Jean-Marc Besse (2006), Anne Cauquelin (2007), entre outros.

A abordagem e a análise da categoria paisagem são feitas através de uma interpretação do espaço e do fenômeno, ligados ao simbólico, com subsídios em diversos campos de estudo. Sendo assim, o leitor poderá perceber que a pesquisa não se preocupa em fazer uma análise exaustiva nem muito menos um esgotamento bibliográfico da conceituação de paisagem.

O uso do termo "paisagem sonora" resulta da tradução do conceito sistematizado pelo músico canadense Murray Schafer (2001): "soundscape" que neste estudo reelabora-se na condição de conceito referencial. O autor indica três elementos principais na paisagem sonora e que se tornaram os pilares desta pesquisa: os sons fundamentais, os sinais e as marcas sonoras.

Essas reflexões sobre paisagem e religião são desenvolvidas no campo da geografia cultural, campo este que por apresentar um caráter dinâmico e abordar assuntos imprescindíveis para compreensão das transformações espaciais modernas, tornou-se um dos mais estudados pela geografia na atualidade.

Essa forma de análise contribui para compreensão do presente estudo, devido à paisagem sonora que se forma na Região Metropolitana de Fortaleza ultrapassar os limites da propagação de sons e adentrar os vínculos sociais, institucionais e emocionais dos sujeitos ativos ou passivos do processo. Sendo, essa paisagem analisada para além da estrutura física, em sua capacidade de mobilidade social para a concepção de uma patrimonialização.

Para melhor compreender as dimensões que envolvem a patrimonialização e fazer análises críticas sobre a elitização do patrimônio, a pesquisa recorre a Oliveira (2013).

Em relação às práticas patrimoniais, são os espetáculos rituais e os eventos festivos promovidos pelos grupos religiosos, mesmo quando mantêm características efêmeras ou esporádicas, em algumas de suas realizações, que deixam marcas espaciais, institucionais e nas relações sociais.

Explanamos aqui sobre a formação do patrimônio imaterial evangélico e os processos de patrimonialização a partir da caraterização de uma paisagem sonora do campo religioso. Sendo possível constatar uma busca por legitimidade e de garantias de proteção e preservação que a patrimonialização promoveria frente a um estado laico, globalizado e capitalista; tendo agentes que atuam nesse processo através do discurso da tradição e/ou pela política, movidos por múltiplos interesses; e o papel de sujeito assumido pelo Estado.

PROBLEMATIZAÇÃO



A organização dessas dinâmicas patrimoniais e estratégias religiosas festivas evangélicas ocorrem numa região metropolitana composta pela produção de espaços descontínuos, desenvolvendo relações socioespaciais próximas, no âmbito da própria periferia, mas também se relacionam com outras manchas urbanas ou diversos trajetos do espaço metropolitano. Entretanto, sem deixar de centralizar sua administração em uma sede, geralmente estabelecida na Metrópole, onde as massas de fiéis se aglutinam e de onde partem as decisões institucionais.

Gerando um espaço simbólico dotado de um forte hibridismo sacroprofano, exatamente por não caber a diferenciação espacial exclusiva ou fixa entre as dimensões sagradas e profanas do espaço religioso. O espaço dito profano estaria revestido de outro espaço simbólico e religioso que anuncia o sagrado, ele não seria necessariamente aquele que deturpa o espaço sagrado.

Tomando isso como referencial simbólico básico, a ideia de sacroprofano não é encarada simplesmente como um neologismo que indique a "fusão" de dois espaços opostos; ou a união física de espaços que têm funções diferentes. O espaço sacroprofano é entendido como uma realidade anunciativa da transitividade entre o sagrado e o profano, os quais se manifestam ao mesmo tempo-espaço e anunciam que o sagrado se renova em todas as dimensões profanas que estão presentes no tempo da festa. É essa transitividade que fundamenta nossa abordagem ao patrimônio religioso, e nos permitirá evidenciar a formação deste.

METODOLOGIA

Os caminhos e instrumentos metodológicos utilizados no processo de pesquisa são norteados pela valorização das intenções e ações dos sujeitos envolvidos de forma subjetiva e objetiva com nosso objeto de estudo, para tal, a investigação seguiu parâmetros qualitativos, ancorando-se em uma construção intersubjetiva entre sujeito pesquisador e sujeito religioso. Os dados foram coletados a partir de práticas metodológicas coerentes com cada etapa do processo de pesquisa ou constituídos pelo resultado das interações das observações participantes. As informações coletadas foram contempladas por uma interpretação consoante à relevância das ideias e não das mensurações.

Assim o procedimento metodológico organiza-se sobre três pilares:

 Levantamento bibliográfico e documental: Levantamento de teses, livros, artigos, censos, anuários, documentos eclesiais, documentos públicos, periódicos científicos, jornais, panfletos, material de propaganda, artigos,

- pesquisas, entrevistas, enquetes, fotografias históricas e atuais, bem como vídeos de cultos, festas e espetáculos religiosos entre os anos de 2012 e 2015, entre outros.
- Banco de Informações Socioculturais: Esta etapa compreendeu dois momentos que se complementaram. O primeiro momento, composto pelo estudo de campo: onde realizou-se uma observação participante, com o objetivo de entender o comportamento e as ações dos sujeitos envolvidos nas festas que foram acompanhadas. Tanto participantes, como promotores, organizadores e população residente no entorno das áreas onde a manifestação religiosa ocorre.
- Interpretação dos dados coletados: Esta etapa foi de fundamental importância, por considerarmos que a interpretação dos processos se torna possível a partir de um esforço metodológico que articule o referencial teórico aos processos empíricos associados ao fenômeno religioso estudado e que foram vivenciados na pesquisa.

RESULTADOS

Conclui-se essa pesquisa com uma consciência clara das intencionalidades responsáveis pela mobilização do movimento evangélico contemporâneo. Como pode-se ver no topo do diagrama, em destaque, essa intencionalidade está ligada a um idealismo Cristão. A noção que se tem de patrimonialização é a mesma de conquista de uma terra prometida, de um céu ou de uma antecipação de seus louros.

De acordo com a fala dos sujeitos inquiridos e entrevistados, o que se percebeu foi que a institucionalização não é vista como uma forma de preservação ou conservação de determinada prática cultural, entretanto vê-se a institucionalização como ganho de um reconhecimento subjetivo que deve se materializar no crescimento numérico do grupo religioso, potencializar as manifestações da divindade na Terra e ser a chave para a conquista territorial.

Tal proteção fortaleceu a tese da formação de um patrimônio imaterial evangélico a partir do conceito de paisagem sonora. Os discursos de muitos líderes religiosos, observados no ínterim da pesquisa possuíam uma marca comum, a conquista da terra. O movimento religioso evangélico realiza suas ações espetaculares no espaço público e intervém na demarcação de espaços ritualísticos através de um grande investimento em recursos midiáticos, tecnológicos e comunicacionais. Tais ações geram uma relação de proximidade e



de dependência desses recursos para a continuidade do crescimento deste seguimento religioso.

BIBLIOGRAFIA PARCIAL

BERQUE, Augustin. **Être humains sur la Terre. Principes d'étique de l'écoumène**. Paris: Gallimard, 1996.

BESSE, Jean-Marc. **Ver a terra: seis ensaios sobre a paisagem e a geografia**. São Paulo: Perspectiva, 2006.

CAUQUELIN, Anne. A Invenção da Paisagem. São Paulo: Martins, 2007.

COSGROVE, Denis. A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas (1989) in: CORRÊA; ROSENDHAL. (orgs). **Paisagem, tempo e cultura**. 2ª. ed. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004

OLIVEIRA, Christian D. M. de. Caminhos da festa ao patrimônio geoeducacional: como educar sem encenar geografia?. 1. ed. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2014, 2014. v. 1. 237p.

_____. Linguagens e Ritmos da Questão Patrimonial dos "Selos" as "Salas": um patrimônio geográfico em construção. **Geograficidade**, v. 3, p. 19-32, 2013.

SCHAFER, Murray [1977]. A afinação do mundo: uma exploração pioneira pela história passada e pelo atual estado do mais negligenciado aspecto do nosso ambiente: a paisagem sonora. Trad. Marisa Trench Fonterrada. São Paulo: Unesp, 2001.

L2 - 011 - PAINEL

IMAGEM E FESTA: APROXIMAÇÕES PARA UMA GEOGRAFIA DA REPRESENTAÇÃO

Lucas Bezerra Gondim/ Ivna Carolina Machado Bezerra

INTRODUÇÃO

Este trabalho pretende sinalizar como os regimes imagéticos da imagem proposto por Durand (2002) influenciam na construção das paisagens festivas das manifestações culturais. Para tanto utilizamos como exemplo, e objeto desta pesquisa, a festa de Nossa Senhora da Saúde, que ocorre anualmente na cidade de Fortaleza, com o intuito de fazê-la representativa de outras manifestações para esta relação imagem-festa.

Desta maneira, se faz necessário entendermos a festa religiosa como um ato de devoção à alguma(s) divindade(s). A esse respeito, Claval (2014, p. 7) sugere que "a festa quebra a continuidade quotidiana da existência. A atmosfera

muda. Decorações efêmeras mascaram aquela habitualmente grisalha". No entanto, a manifestação de fé faz parte da cidade e da cultura popular dos moradores que as constituem, ocorrendo esta mudança de ritmo durante o período destinado à devoção em forma de ritual, mas a fé enquanto traço cultural está presente no dia a dia, comprovado pela continuidade dos festejos com o passar dos anos.

Os santos no catolicismo são divindades fundamentais na história dessa religião, Oliveira e Araújo (2011, p. 81) afirmam que a "igreja primitiva já venerava a Mãe e os Apóstolos de Jesus como santos". A devoção e os símbolos iconográficos refletem este movimento de fé, e constituem o arcabouço identitário presente na manifestação. A Geografia, com ênfase na abordagem cultural, despertou, após a virada cultural, para a investigação das manifestações populares e do caráter subjetivo dos festejos, o qual pode ser observado através das imagens produzidas durante o ritual, visto que a simbologia contida nos ritos tem representação significativa para a celebração.

É nesta perspectiva que observamos os traços identitários de um grupo, enquanto representação, e num movimento inconsciente (ou não) que os participantes, ao festejar, potencializam os elementos simbólicos do festejo, atribuindo-lhes significados e sentimentos. De acordo com Bezerra (2008, p. 9): "Para perdurar e se reproduzir, a identidade necessita o recurso à memória social, ao jogo simbólico, às cerimônias memorativas e às festas, aos discursos históricos e mitológicos". Neste aspecto, as manifestações culturais são campos de estudo atraentes para a ciência geográfica, através da espacialização dessas festas. Ao se identificarem com estas imagens-símbolo no festejo, os participantes reconstroem e reinventam o imaginário religioso da comunidade.

Os estudos antropológicos sobre a festa e os traços subjetivos nela contidos foram fundamentais para que a Geografia cultural, num movimento interdisciplinar, reconhecesse as manifestações culturais como um rico objeto de estudo a partir do surgimento da *New Geographie Cultural* que inovou a ciência ao dialogar com os símbolos e suas representações. Claval (2008, p. 21), numa reflexão sobre a relação que se estreitou entre a ciência geográfica e a subjetividade contida no sagrado, principalmente, aponta que:

Os geógrafos sempre tinham tido uma grande dificuldade para tratar dos fatos religiosos: eles descreveram as igrejas, os templos, as mesquitas, as grandes cerimônias, as romarias; eles falaram do calendário religioso, das festas, da quaresma, mas ignoravam a fé, as crenças. A sua perspectiva era



somente exterior. A abordagem cultural baseada sobre as representações assinalava a existência duma categoria especial do espaço: o sagrado.

Quando Claval indica o surgimento desta nova categoria do espaço, necessitamos acrescentar que os geógrafos despertaram não apenas para a tentativa de investigar o sagrado, mas também para a subjetividade contida nos rituais e manifestações culturais.

PROBLEMATIZAÇÃO

Na festa de Nossa Senhora da Saúde, os devotos se constituem, também, como símbolos do festejo. Nesta perspectiva, os participantes, ao festejar, enfermos e os que buscam proteger-se de possíveis enfermidades, são as principais simbólicas deste festejo. A festa consiste no milagre transcendental da cura — representando os símbolos de intimidade e inversão — e na proteção para prevenção de enfermidades futuras — os símbolos cíclicos. Estes dois apelos devocionais à divindade marcam a paisagem festiva do festejo de Nossa Senhora da Saúde.

O regime noturno define-se pela descida introspectiva do indivíduo, com a negação da negativa e a inquietude das inversões simbólicas. Os símbolos cíclicos constituem a repetição do tempo, da estabilidade estrutural do indivíduo. Assim, os indivíduos que almejam a proteção da divindade para não adoecerem ou se acidentarem, de certa forma, pretendem dar continuidade ao seu estado presente, afastando-se da enfermidade através da graça divina. A dupla negação, contida nos símbolos cíclicos, aflora na prevenção de quaisquer malefícios que possam oferecer risco à vida do devoto. A negatividade está estruturada na enfermidade, que significa o potencial risco de falecimento. A proteção da santa da saúde nega a representatividade da doença enquanto ameaça de morte, ameniza este medo através da fé na intervenção da santa, tornando o perigo do fim da existência minimizado através do milagre da cura.

Somos a favor da vida, especialmente como se manifesta na saúde de nosso próprio corpo. A integridade do corpo é o alicerce da nossa sensação de ordem e completude. (...) O corpo é nosso cosmos mais íntimo, um sistema cuja harmonia é sentida em vez de percebida simplesmente pela mente. Ameacem o corpo e todo o nosso ser se revolta? (TUAN, 2005, p. 140)

RESULTADOS

Quando o indivíduo apela para a divindade salvá-lo de algo ou algum acontecimento que coloque sua vida em perigo, ele realiza a descida introspectiva, e permite a interferência da santa em sua vida, configurando o caráter transcendental desta estrutura simbólica. As entrevistas e conversas realizadas no festejo afirmam esta reflexão acima. O entrevistado "38", devoto da santa desde 2000, indicou que sua presença no festejo significava salvação e paz de estado de espírito, resposta semelhante à de outros participantes que conversamos no festejo.

Sobre a continuidade temporal, ou a tentativa de conservar o tempo como ele é no presente com o auxílio divino, observamos em Mircea Eliade, o potencial destes símbolos cíclicos de forma geral, e vimos que esta conservação temporal é sensível aos indivíduos que temem a morte. O autor chama este movimento de projeção para o tempo mítico. Nesta perspectiva, Eliade (1992, p. 37) afirma:

Naturalmente, a abolição do tempo profano e a projeção do indivíduo para o tempo mítico só acontecem nos períodos essenciais — isto é, naqueles em que o indivíduo de fato é ele próprio: por ocasião de rituais ou atos importantes (alimentação, geração, cerimônias, caça, pesca, guerra, trabalho). O restante de sua vida é passado em tempo profano, que carece de todo significado: na condição de "transformar-se".

A chegada da imagem da santa causa agitação entre os devotos, com muitos destes tentando tocá-la. Tocar o mato da santa da saúde, estar próximo(a) da divindade por intermédio da escultura da santa, sinalizando a transcendência da festa, em que os participantes se sentem próximos da curandeira divina

Os símbolos de intimidade e inversão são evidenciados no apelo a cura de um indivíduo enfermo através da intervenção divina. Estes não buscam a prevenção divina, ou a continuidade temporal observada nos símbolos cíclicos. Eles necessitam que a santa da saúde interceda em sua condição humana. Esta relação transcendental é potencializada no ato de festejar a devoção à Nossa Senhora da Saúde, mas só é possível com a cuidadosa descida introspectiva do indivíduo numa experiência de transcendência.Para ilustrar o apelo à santa da saúde, cabe a observação de Tuan (2005, p. 139) a repeito do medo da morte:



Em nenhuma parte do mundo as pessoas aceitam a doença e a morte como uma coisa perfeitamente natural, e, por conseguinte, não há necessidade de uma observação especial ou explicação. A noite segue o dia, o inverno segue o verão. As pessoas aceitam esses grandes ritmos da natureza como certos, mas não as alternâncias de doença e saúde, nem a morte como um fim inevitável da vida.

O símbolo de intimidade desperta no retorno ao santuário da mãe, buscando a cura de sua enfermidade. Isto é observado, também, na quantidade de devotos que não residem em Fortaleza e peregrinam para a Paróquia de Nossa Senhora da Saúde no período da festa, em que os sentimentos de pertencimento se fortalecem devido os rituais da festa. Note-se que a simbólica da intimidade consiste apenas na ida — retorno — à casa da mãe da saúde. A necessidade da interferência divina em garantir a fuga da morte configura outro conjunto simbólico, os de inversão, ou seja, o acontecimento do retorno à paróquia para a suplica da intervenção divina na enfermidade transfigura dois símbolos.

Nesta perspectiva, a festa de Nossa Senhora da Saúde configura sua simbólica no regime noturno das imagens, com símbolos distintos da festa de São Pedro dos Pescadores, caracterizada no regime diurno da imagem. Contudo, as duas representam, também, o medo da morte e da continuidade temporal, transfigurado nas estruturas heróica (diurno), mítica e sintética (noturno) como soluções para os perigos que ameaçam a vida dos indivíduos.

BIBLIOGRAFIA

BEZERRA, Amélia Cristina Alves. **Festa e cidade**: entrelaçamentos e proximidades. Rio de Janeiro: Espaço e Cultura, nº 23, 2008.

CLAVAL, Paul. Uma, ou algumas, abordagens culturais na Geografia humana? In: SERPA, Angelo. **Espaços culturais**: vivências, imaginações e representações. Salvador: EDUFBA, 2008.

CLAVAL, Paul. **A festa religiosa**. Goiânia: Ateliê Geográfico, vol
8, nº 1, 2014.

DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário:** introdução à arquetipologia geral. São Paulo: Martins Fontes, 2002, 551 p.

ELIADE, Mircea. **O mito do eterno retorno**. São Paulo: Mercuryo, 1992. TUAN, Yi-fu. **Paisagens do medo**. São Paulo: Editora UNESP, 2005. 375 p.

L2 - 012 - PAINEL

REFLEXÕES SOBRE TEMPO SIMBÓLICO E LUGAR RITUAL DOS CORTEJOS DE MARACATUS DE FORTALEZA – CE

Jacquicilane Honorio Aguiar/ Christian Dennys M. de Oliveira

INTRODUÇÃO

A cidade de Fortaleza possui uma multiplicidade de manifestações que se espalham na cidade desde festivais a festas religiosas, as quais possuem temporalidades e espaços demarcados no calendário anual metropolitano. Tais manifestações culturais possuem dinâmica própria enquanto representações simbólicas, revelando marcas espaço/temporais a partir do movimento individual e coletivo na dimensão da experiência.

Dentre as manifestações, estão os grupos de Maracatus, que possuem sua temporalidade ligada principalmente ao carnaval com os tradicionais desfiles competitivos. É considerado como manifestação tradicional fortalezense e possui expressividade enquanto representação de uma corte da realeza africana que realiza um cortejo, junto a índios, baianas, balaieiros e orixás, sendo o ápice desse cortejo à coroação da rainha do maracatu. Todas as alas são repletas de significâncias atribuídas por participantes e brincantes, com uma forte influência afrodescendente, e alguns deles com aspectos religiosos, inclusive cristãos.

A partir do ano de 2013 a Secretaria de Cultura de Fortaleza lança a proposta de promover mensalmente no dia 25 de cada mês apresentações de maracatus em pontos diferentes da cidade, a fim de gerar maior visibilidade e dinamismo aos grupos, por estarem com atividades concentradas apenas no período carnavalesco. A escolha da data tem referencia no dia 25 de março, dia do maracatu e dia da libertação dos escravos no Ceará.

Dessa forma, o presente artigo tem como objetivo refletir a movimentação realizada pelos grupos de maracatus na cidade de Fortaleza a partir dos eventos mensais que promovem visibilidade e dinamismo nos cortejos, a partir de sua temporalidade ligada ao dia 25 de março. Tal reflexão se faz relevante a partir da necessidade de discutir e compreender tal movimentação ligada ao seu tempo simbólico, a partir da recriação de simbolismos e irradiação dos cotejos em diferentes áreas da cidade, o qual recentemente recebeu o reconhecimento de patrimônio imaterial pelo município de Fortaleza.

PROBLEMATIZAÇÃO



A compreensão dos cortejos de Maracatus enquanto festas populares perpassa seu entendimento como representação simbólica e bem patrimonial, frente aos simbolismos e relações existentes no interior dos diversos grupos a partir das experiências. Tais experiências se concretizam em um "tempo e lugar definidos, sendo estes componentes básicos do mundo vivido" (TUAN, 2013, p. 11).

É importante considerar a compreensão do festejar como "dominar o discurso que define este ou aquele espaço como festivo" (FERREIRA, 2003, p. 07), pois nos cortejos de maracatus não existe um espaço definido como espaço do maracatu. Podemos observar um lugar a ele atribuído pela dinâmica carnavalesca, onde ocorrem os desfiles competitivos. Entretanto divide espaço com afoxés, blocos e cordões, não tendo no restante do ano referências espaciais quanto a um possível "lugar simbólico", como nos desfiles carnavalescos do Rio de Janeiro ou no Festival Folclórico de Parintins.

Dessa forma, no objeto de estudo, é possível notar que a demarcação que irá definir o "espaço do maracatu" é necessariamente temporal. Tuan (2013) considera que "os acontecimentos simples podem com o tempo, transformaremse em um sentimento profundo pelo lugar" (p. 175). Assim, a periodicidade dos dias 25 compõe não apenas um sentimento ligado às espacialidades demarcadas pelo maracatu, mas também "o tempo do maracatu", o qual é corporificado na ação ritual.

Portanto, o maracatu tem no seu tempo simbólico a determinação de lugares rituais e/ou patrimoniais, os quais serão formados a partir da circularidade no decorrer do ano. Assim, o lugar patrimonial vai requerer necessariamente um reconhecimento do tempo sacroprofano da apresentação do Maracatu como Tempo-Espaço-Memória.

O lugar, conceito estruturante na pesquisa desenvolvida, é considerado a partir das proposições de Helph (2012), ao afirmar que:

"não é meramente aquilo que possui raízes, conhecer e ser conhecido no bairro: não é apenas a distinção e apreciação de fragmentos da geografia. O núcleo de significado de lugar se estende, penso eu, em suas ligações inextricáveis com o ser, com a nossa própria existência". (HELPH, 2012, p. 32).

Portanto, mesmo que o lugar não possua um valor simbólico expressivo, a lugaridade do lugar seria explorada a partir da representação cultural, a qual estaria realizando a exteriorização dos significados da manifestação. A partir dessas considerações, se faz importante indagar de que forma ações como estas,

que projetam a manifestação para o restante do ano, promovem de fato a visibilidade da manifestação e alavancam o cortejo no sentido de aumentar o incentivo aos grupos tendo como protagonistas os próprios integrantes.

METODOLOGIA

A partir da abordagem cultural, fundamentada no método fenomenológico, a pesquisa possui metodologia qualitativa. Dessa forma, o trabalho de campo foi uma das principais atividades desenvolvidas, com ênfase na observação participante, entrevistas semiestruturadas, caderneta de campo e registros fotográficos. Além disso, ocorreram acompanhamentos na mídia local (jornais online e redes sociais) a cerca das apresentações que ocorreram. Realizou-se um acompanhamento mensal nos dias 25 desde agosto de 2015 a agosto de 2016, além do dia do maracatu, que ocorreu no mês de março.

Considerou-se ainda, frente à multiplicação e crescimento das manifestações culturais, um olhar sobre a sua dimensão simbólica diante da necessidade de ações de planejamento que busquem sua conciliação com as dimensões patrimoniais, políticas, midiática e turística. Tais dimensões de poder integrador do simbólico nas festas (sejam religiosas ou populares) foram trabalhadas a partir dos vetores patrimoniais propostos por Oliveira (2011), o mítico – religioso e o político – turístico, frente à interligação das diferentes na concretização das festas.

RESULTADOS

A partir das atividades de campo, foi possível detectar inicialmente uma concentração dos eventos em apenas um setor da cidade, com repetições de alguns locais quando próximo a feriados ou datas festivas, como a Praia de Iracema, conhecida por ser turística e agregar visitantes, moradores próximos e vendedores. Além disso, existe uma pouca notoriedade midiática, tendo mais expressividade quanto à divulgação nas redes sociais, sendo essa a reclamação dos grupos e organizadores também no período carnavalesco.

É possível perceber que as apresentações, mesmo que com pouco público, recebe adesão dos brincantes, transeuntes, e moradores locais, que por vezes indagam "porque ta tendo apresentação se maracatu é coisa do carnaval". Dessa forma, existem múltiplas inter-relações ligadas aos cortejos de maracatus, frente a sua demarcação temporal simbólica diversificada, mesmo que o ápice da manifestação esteja vinculado ao carnaval da cidade. Essa movimentação recria um fluxo de relações e marcas simbólicas que constroem lugaridades, as quais se interconectam no espaço experienciado.



BIBLIOGRAFIA PARCIAL

AZEVEDO, Miguel Ângelo de (Nirez). Cronologia Ilustrada de Fortaleza – Roteiro para um turismo histórico e cultural. Fortaleza: Edições UFC-BNB. 2001. FERREIRA, L. F. O lugar festivo: a festa como essência espaço-temporal do lugar. Espaço e Cultura, UERJ, Rio de Janeiro, v. 15, p. 7-21, jan./jun. 2003. OLIVEIRA, Christian Dennys Monteiro de. Festas religiosas, santuários naturais e vetores de lugares simbólicos. Revista da ANPEGE, v. 7, n. 8, p. 93-106, ago./dez. 2011.

RELPH, Edward. **Reflexões sobre a emergência, aspectos e essência de lugar. In**:HOLZER, W.; MARANDOLA JR. E.; OLIVEIRA, L. de. (Org.) Qual o Espaço do Lugar?: Geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2012. p. 17 – 32

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar**: a perspectiva da experiência. (Tradução de Lívia de OLIVEIRA) Londrina: Eduel, 2013. 248p.

EIXO OESTE / SETOR 3 (RELIGIOSIDADES)

03-013-ORAL

AS MUTAÇÕES VINCULADAS A DISPOSIÇÃO DAS CARAVANAS E DO TRÂNSITO NA CIDADE DE CANINDÉ-CE. UM COMPARATIVO ENTRE OS ANOS DE 2015/2016

Ivo Luís Oliveira Silva/ Christian Dennys Monteiro de Oliveira

INTRODUÇÃO

A investigação proposta desse artigo é observar as transformações vinculadas nas caravanas, entre os anos de 2015/2016, na cidade de Canindé, e encontra ressonância no princípio dos fluxos humanos e a mobilidade social no espaco geográfico, principalmente, nos santuários católicos, lugares simbólicos de natureza excepcionais, e que no contexto da pós-modernidade, não se reduziram a um "ingênuo" espaco sagrado, em si, mas em espacos igualmente "planejáveis" e "consumíveis". O progressivo caminhar do trabalho impulsiona-nos para o sentido da irradiação, fluidez, mobilidade, fluxos/fixos e a irradiação dos santuários e territórios. O recorte temporal da celebração de São Francisco das Chagas de Canindé, o ápice da festa 06 a 16 de outubro de 2016. Já espacial a cidade localizada no semiárido cearense figurado nos discursos institucionais de monumentalidade turística como a 8ª maior imagem sacra (católica) do mundo e o maior Santuário Franciscano das Américas. A convite de Deus (2002, p.34) devemos "ultrapassar o fenômeno e atingir a essência do objeto da reflexão no processo do conhecimento". Em Debray (2004) encontramos Deus que não se encurta apenas ao domínio dos meios de comunicação, mas se amplia nas relações. O núcleo da pesquisa, portanto, reside na construção de uma pesquisa exploratória e teórica valida em Oliveira (2008) que oferece Modelos de Santuários Contemporâneos, ainda em Oliveira (2011) o Digrama da Articulação dos Vetores aos Santuários, leituras que remetem as interiorizações geográficas desses vetores e como se ramificam na religiosidade (o mítico); na turistificação (o mundano) e no espetáculo (o midiático). As experiências com o Santuário nos remetem ao encontro do lugar em pleno movimento do tempo sagrado, em peregrinação, como meio (acesso) ao divino, como aquele que irradia. Yu-Fu-Tuan (1975) compartilhado a noção de "espaço vivido", e tanto Santos (1991) quanto Carlos (1996) como a ideia de lugar como parte de uma totalidade. Bem como



Mello (2001) ao admitir a projeção de lugar como morada, ou Dartigues (1973) na referência de "mundo" quanto às vivências individuais e intersubjetivas. O fato é que esses lugares tiveram seus acessos alterados ao longo do tempo e a forma de consumi-los também mudou, juntamente com a velocidade da comunicação e dos deslocamentos humanos, até mesmo do comportamento humano, esses lugares são consumidos mais rapidamente. Para Massey (2008) os nossos sentidos não conseguem perceber a espacialidade em potencial. O espaço não visto mais como estático e neutro, mas, como elemento interligado e mutável.

PROBLEMATIZAÇÃO

Tendência geral de se articular dois sistemas de veiculação de acesso automotivo a dimensão do Santuário: o "Carro Alegórico", efusivo e em movimento, amparase na midiatização (novas mídias), espetacularização e estetização (novas marcas) como elemento de atração, bem como a dimensão do "Carro-Controle" com a proibição do veículo pau-de-arara e novas formas de organização, ou mesmo a resistência por parte da Igreja ao modelo de turismo religioso. Questionamentos revisitados nessa pesquisa estão o quanto às caravanas estaria, ao mesmo tempo, sofrendo a aceleração dos processos estético-espetaculares do Vetor Midiático-Ecossistêmico (de um lado), e por outro, a consolidação das novas formas de segurança e controle organizacional, pelo Vetor Político-Turístico, na adoção de novas rotas, veículos e de formas de acompanhamento. Temporalidade desse trabalho é para os anos 2015/2016, soma-se a tais transformações no ano corrente a vigência do pleito eleitoral e alteração da data do festejo, dias 6 a 16 de outubro, bem como a crise dos recursos hídricos enfrentados na região. Controle dos órgãos de trânsito no impedimento dos veículos pau-de-arara, fim do prazo para entrada em vigor da Lei nº 12587/12 (PNMU) que estabelecem estruturas como preços acessíveis no transporte coletivo, vias exclusivas para ônibus e bicicletas, a reserva de circulação de veículos privados em determinados horários e cobrança de tarifa para uso de infraestrutura urbana como estacionamentos públicos. Determinação para os municípios com mais de 20 mil habitantes devem elaborar o Plano de Mobilidade Urbana, de forma integrada ao plano diretor previsto pelo Estatuto da Cidade.

METODOLOGIA

Na construção do percurso metodológico a investigação conta com a leitura de livros, teses, dissertações, artigos, documentos internos entre outras fontes. Em relação às técnicas de análises aplicação de entrevistas (semiabertas) e a análise de discurso. Resgata os conceitos de *Multirreferencialidade* de Martins (1998)

cuja complexidade dos fenômenos pressupõe a conjugação de uma série de abordagens.

E Kaufmann (2013) no aproveitamento de *Entrevista Compreensiva ou Metodologia Invertida*, um método, que partem do sentido de que o pesquisador é um "artesão intelectual" (p. 33), ou seja, os sentidos são mediadores para compreender as ações e por isso a necessidade de uma escuta mais sensível já que o senso comum nos força a trata o campo como algo estático e a consumi-lo aceleradamente. Para Bosi (1997) a aplicação das entrevistas atua como "localização" das memórias e dos sujeitos que narram num tempo e num espaço específico. De Barbier (1985) a recomendação para gravar as entrevistas ouvindo quantas vezes for necessária, na tentativa de descobrir o falar, para o autor, os "fatos sociais desencadeiam os procedimentos teóricos e metodológicos" (p.38). As tensões sociais fazem parte da aproximação com o(s) sujeito(s) como aponta Zaluar (1985). Por fim a discussão de Costa (2016) quanto *Análise de Discurso Critica-ADC*, compreensão para o discurso de mediação, a metalinguagem como discurso do discurso, ou mesmo, da leitura para o discurso e do contra discurso.

RESULTADOS

Precipitadamente, acreditar que os espaços turísticos são necessariamente "profanos", ou que de alguma forma se relacionariam contrariamente à dinâmica da sacralidade é prematuro. Os lugares simbólicos estão mais perfeitamente próximos à representatividade geográfica da pós-modernidade do que possamos imaginar. A Polícia Rodoviária Federal PRF, do Estado do Ceará, em parceria com os Estados (Piauí, Maranhão e Pernambuco) realizaram em 2014, a Operação Romaria Segura, que tinha por objetivo a máxima fiscalização e a coibição do transporte de veículos de carga, popularmente conhecidos como paus-de-arara, que se deslocavam para o município de Canindé-CE. A Lei nº 9.503/97 que institui o Código de Trânsito Brasileiro (CBT) veda o transporte de pessoas em veículos de carga, sendo possível, apenas, de acordo com a resolução nº 82 do Conselho Nacional de Trânsito (CONTRAN) na circulação temporária desses carros entre municípios limítrofes. O pau-de-arara representa a ligação da zona rural/urbana, centro/periferia e lugares comuns/sagrado. O Santuário de São Francisco das Chagas de Canindé dispõe da Assessoria de Romarias e da Pastoral do Acolhimento aponta para cadastramento de aproximadamente 1.000 caravanas, entre os estados mais efluentes estão Maranhão, Piauí e Rio Grande do Norte. Andar em comboio garantia a proteção sejam na travessia do rebanho bovino nas áreas alagadas do pantanal mato-grossense, viagens noturnas, nas rondas de



segurança, nos passeios ciclísticos dos centros urbanos. Triangulação da observação feita a partir da dimensão do romeiro (partida), caravana (meio) e do Santuário (chegada/partida). Por fim a leitura do território fluido das caravanas e da irradiação do Santuário, representações igualmente transmitidas por gerações, retransmitidas pelos novos canais de comunicação e reinterpretada nas novas caravanas.

BIBLIOGRAFIA PARCIAL

BARBIER, R.. A pesquisa-ação na instituição educativa. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.1985.

BOSI, Ecléa. Memória e Sociedade. Lembranças de Velhos. São Paulo: Companhia das Letras. 1997.

CARLOS, A., F., A. O lugar no/do mundo. São Paulo: Hucitec, 1996.

COSTA, Moisés. Análise de Discurso Critica em Turismo: Realidades e Contradições da Prática Social. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Ceará. Fortaleza. 2016.

DARTIGUES, André. O que é a fenomenologia. Rio de Janeiro: Eldorado. 1973.

DEUS, João Batista de. O sudoeste goiano e a desconcentração industrial. Coleção centro oeste de estudos e pesquisa. Brasília, Ministério do Turismo da Integração Nacional, Universidade Federal de Goiás, 2002. 243 p.

DEBRAY, Régis. Deus, um itinerário. Material Para A História Do Eterno No Ocidente. Editora Companhia das Letras. 2004

KAUFMANN, Jean-Claude. A entrevista compreensiva: um guia para pesquisa de campo. Petrópolis: Vozes; Maceió: Edufal, 2013, 202p.

MARTINS, João Batista. Multirreferencialidade e educação. In: BARBOSA, J.G. (org.). Reflexões em torno da abordagem multirreferencial. São Carlos: Editora da UFSCar, p. 21-34, 1998.

MASSEY, Doreen B.: Pelo Espaço: Uma Nova Política Da Espacialidade. Trad. Hilda Pareto Maciel; Rogério Haesbaert. Rio De Janeiro: Bertrand Brasil, 2008. 312 P.

MELLO, João Batista Ferreira. Descortinando categorias espaciais com base na obra de YiFu Tuan. In: ROSENDAL, Zeni e CORREIA, R.L. (Orgs). Matrizes da Geografia cultural. Rio de Janeiro: Edusp, 2001.

MOURA, Carlos Alberto R. de. Husserl Intencionalidade e fenomenologia. Revista MENTE E CEREBRO & FILOSOFIA, nº5,p. 6-15.2008

OLIVEIRA, Christian Dennys Monteiro de. Carnavalização e Complexidade Turística: Formação de Paisagens Rituais em Eventos no Estado do Ceará. R. RA´E GA, Curitiba, n. 16, p. 37-46, 2008. Editora UFPR

______.Festas Religiosas, Santuários Naturais E Vetores De Lugares Simbólicos. Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Geografia. Revista da ANPEGE, v. 7, n. 8, p. 93-106, ago./dez. 2011.

SANTOS, M. Metamoforse do Espaço Habitado. 2ed. São Paulo: Hucitec, 1991. TUAN, Yi-Fu. Topofilia. São Paulo: Difel, 1980.

ZALUAR, Alba. A máquina e a revolta. As organizações populares e o significado da pobreza. Editora Brasiliense,1985.

O3-002-ORAL

ARTICULAÇÃO VETORIAL SIMBÓLICA: A RELAÇÃO ENTRE A IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS E O CENTRO CULTURAL DRAGÃO DO MAR

Christovam Reis dos Santos Filho

INTRODUÇÃO

O texto supõe algumas discussões acerca das dinâmicas dos lugares simbólicos que culmina neste trabalho escrito referente à complexidade comunicacional com o lugar, que no presente estudo associa-se à Sede Estadual da Igreja Universal do Reino de Deus em Fortaleza, Ceará, foco da nossa pesquisa para titulação de Mestrado. Assim, nosso objetivo é compreender a complexidade comunicacional do Templo Central da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) em Fortaleza, por meio de vetores simbólicos. Em seguida, aponta-se outra realidade que reflete nosso objeto, um "espelho" que se refere ao Centro Cultural Dragão do Mar de Arte e Cultura (CCDM), no qual as pontes simbólicas direcionam para uma ponderação entre elementos semelhantes ou não. Esses lugares se dialogam por um vetor simbólico que conecta essas realidades, fazendo uma triangulação reflexiva em uma perspectiva dos lugares simbólicos.

PROBLEMATIZAÇÃO

A religião e a Geografia são elementos que se articulam por meio de espacialidades envolvidas entre as formas simbólicas e a experiência perceptiva dos sujeitos. Nisto, destaca-se um lugar simbólico materializado pelo catedral fortalezense da IURD, onde a prática religiosa e trocas simbólicas (Bourdieu, 2007) são resultantes relacionais de elementos espaciais com as crenças dos fiéis. Assim, geograficamente este templo é um espaço sagrado, no qual a religião e a Geografia se relacionam em uma espacialidade mítica.

Contudo, observa-se que o templo central da IURD é uma das formas simbólicas espaciais (CORRÊA, 2007b) existentes na escala metropolitana de Fortaleza localizada no centro da cidade. Este templo "representa o marco do espaço



construído e de significação simbólica da presença do sagrado" (GIL FILHO, 2008, p. 119), mas também transmite outros valores por meio de atividades inseridas ritualisticamente no local. São eventos que traduzem uma liturgia neopentecostal por um processo de secularização (BERGER, 2013), nos quais a fé perpassa à escolha pessoal dos fiéis em meio ao 'coquetel religioso' existente na pósmodernidade (MELCHIOR, 2009). Assim, o templo comunica significados às pessoas que o frequentam por meio de símbolos que articulam de modo complexo, sujeitos e lugar sagrado.

O CCDM é um santuário cultural, onde as manifestações são associadas a usos diversificados por aqueles que o frequentam. Desse modo, podemos traçar um paralelo entre este centro cultural com o centro religioso representado pelo Templo Central da IURD em Fortaleza.

Mediante a este contexto, questiona-se como ocorre à complexidade comunicacional do Templo Central da Igreja Universal do Reino de Deus em Fortaleza, Ceará? Como a vetorização *Mediático-Ecossitêmica* contribui para uma aproximação comunicacional entre os fiéis e o lugar sagrado? Que características o Centro Cultural Dragão do Mar de Arte e Cultura reflete simbolicamente no templo central da Igreja Universal do Reino de Deus em Fortaleza? Como o espaço articula a relação sagrado/profano num contexto pós-moderno?

METODOLOGIA

O trabalho se fundamenta numa concepção fenomenológica da Geografia, na qual "o conhecimento geográfico tem por objeto esclarecer [...] signos, isso que a Terra revela ao homem sobre sua condição humana e seu destino." (DARDEL, 2015, p. 2). Logo, o estudo se encaminha por uma metodologia que valorize os significados vindos da experiência do homem com a terra, cuja relação é oriunda de sensações, percepções, desejos e imaginações. Assim, o entendimento simbólico é necessário para a compreensão do objeto de estudo.

Para isso, o estudo avança por uma vetorização simbólica, proposta por Oliveira (2011), trabalha com o Diagrama de Articulação dos Vetores aos Santuários, dos quais um deles direciona nossa análise. No entanto, escolhemos a utilização do vetor midiático-ecossistêmico para estabelecer uma articulação simbólica.

Os passos metodológicos aqui propostos apresentam uma descrição do objeto, representado equacionalmente pela variável "x" (Igreja Universal do Reino de Deus – Templo Central de Fortaleza); e de sua reflexão simbólica, o "espelho", reproduzido pela variável "y" (Centro Cultural Dragão do Mar de Arte e Cultura - CCDM), como proposta racional e diagramado. O resultado dessa relação "xy",

representada pela variável "z", considera os apontamentos e a interpretação comunicacional equivalente ao espaço sagrado na vetorização com o CCDM.

RESULTADOS

Considerando os argumentos apresentados, percebem-se alguns elementos essenciais articulados pelo vetor *Mediático-Ecossistêmico*. Primeiro a *diversidade de usos* - não se usa o templo só para práticas religiosas. Em segundo lugar a *centralidade*, onde as atividades praticadas pelo grupo são canalizadas para um centro fixo material. Terceiro, pode-se ver a *relação organizadores e frequentadores*, uma vez que há uma intencionalidade para determinados usos do lugar. Por fim, a *sacralidade* existente nestes dois espaços, ou seja, há uma manifestação mediada pela conformação simbólica (Cassirer, 1994; Pereira, 2014) adotada pelos frequentadores destes espaços, provocando um sentimento místico nos frequentadores, onde seus comportamentos se amoldam pela simbologia interpretada destes lugares simbólicos.

Portanto, compreende-se que a complexidade comunicacional do Templo Central da Igreja Universal do Reino de Deus em Fortaleza, é inserida num contexto de festividade simbólica articulada pelas formas simbólicas espaciais materializadas pelo templo. Entende-se que "a construção do espaço sagrado, empiricamente, acontece diante da posse e transformação de um espaço profano, e é uma produção intelectual que busca satisfazer necessidades psicológicas, e em algumas vezes mercadológicas." (OLIVEIRA e SOUZA, 2010, p. 8). Essa transformação se dá simbolicamente pela comunicação articulada de símbolos intelectualmente elaborados e apresentados em um espaço ritualmente construído.

A partir de seu "espelho simbólico", o Centro Cultural Dragão do Mar de Arte e Cultura, podemos inferir que o espaço sagrado do templo central da Igreja Universal do Reino de Deus em Fortaleza é permeado de símbolos que articulam com o profano, de modo que essa articulação remete a uma comunicação simbólica geradora de significados ligados a identidade do grupo.

BIBLIOGRAFIA PARCIAL

BERGER, Peter Ludwig. O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião. Traduzido por José Carlos Barcellos. 9. reimpr. São Paulo: Paulus, 2013.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas.** Traduzido por Sergio Miceli. 6. ed. 1. reimpr. São Paulo: Perspectiva, 2007.



CASSIRER, Ernst. Ensaio sobre o homem: uma introdução a uma filosofia da cultura humana. Traduzido por Tomás R. Bueno. São Paulo: Martins Fontes, [1944] 1994.

CORRÊA, R. L. Formas simbólicas e espaço: algumas considerações. **GEOgraphia**, Niterói, vol. 9. n. 17, p. 07-18. 2007b.

DARDEL, Eric. **O homem e a terra: natureza da realidade geográfica.** Traduzido por Werther Holzer. São Paulo, Perspectiva, 2015.

GIL FILHO, Sylvio Fausto. *Espaço Sagrado: estudos em geografia da religião*. Curitiba: Ibpex, 2008.

IBGE. **Censo 2010.** População da Igreja Universal em Fortaleza – 2010. Disponível em:

http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/tabela/listabl.asp?z=cd&o=27&i=P&c=2094>. Acesso em: 27/09/2015.

MELCHIOR, Marcelo do Nascimento. A religião pós-moderna em Zygmunt Bauman. Goiânia. IX Simpósio Nacional da Associação Brasileira de História das Religiões. Anais, 2009.

OLIVEIRA, Christian Dennys Monteiro de; SOUZA, José Arilson Xavier de. A "geograficidade" das formas simbólicas: o santuário de Fátima da Serra Grande em análise. **Confins** [Online], n. 9, 2010, posto online no dia 20 Julho 2010, consultado o 29 Fevereiro 2016. URL: http://confins.revues.org/6509; DOI: 10.4000/confins.6509.

OLIVEIRA, Christian Dennys Monteiro de. **Festas religiosas, santuários naturais e vetores de lugares simbólicos.** In: Revista da Anpege. v. 7. n. 8. p. 93-106, ago./dez. 2011.

O3-003-ORAL

Mapeamentos Participativos e a Perspectiva da Geografia das religiões nos Terreiros

Aline Soares Rangel

O referido trabalho tem como intuito a análise de Mapeamentos de Terreiros que vem emergindo pelo Brasil, que contam com a utilização da cartografia participativa para elaboração dos mapas. O mapa resultante é utilizado por essas casas como instrumento comprobatório para endossamento de suas causas, por esses grupos que anteriormente eram invisibilizados, subalternizados, e marginalizados, pelos

que anteriormente eram invisibilizados, subalternizados e marginalizados pelos setores da sociedade que controlavam as técnicas cartográficas, manipulando-a

para seu interesse com seus usos e desusos. Aqui abordaremos as razões pela opção dessas em serem mapeadas e a correlação existente entre as especificidades das religiões de matriz africana ao que tange a relação dos religiosos com seu lugar e na constituição identitárias que os mesmos mantêm com seus territórios. Especificamente utilizaremos como exemplo de pesquisa o Mapeamento do Estado do Rio de Janeiro, elaborado pela PUC-Rio.

Deveremos destacar a importância do uso da cartografia por esses grupos. Mais especificamente abordaremos os mapeamentos de terreiros e de religiões de matriz africana, que tem surgido no Brasil e sua relevância como instrumento de luta e disputa na agenda contra a intolerância religiosa, como obras afirmativas para a promoção de igualdade racial e valorização das tradições dos povos de terreiros, destacando suas características e a relevância de tão distintos projetos que trazem aos mapas dando visibilidade a homens e mulheres que anteriormente tinham como aliado sua camuflagem. Tentamos aqui demonstrar a junção desses "povos de Santo" com instituições diversas com intuito de dar aos mesmos a possibilidade de luta por igualdade e direitos junto a diferentes esferas públicas. Para isso faremos a correlação da opção em ser mapeado, processo de elaboração dos mapas, produto final, o mapa, online e a utilização práticas por essas casas com esse mapeamento.

Diversos casos de intolerância religiosa sofrida por praticantes das religiões de matriz africana são frequentes e é recorrente o aumento nas desapropriações de terreiros por não terem como provar sua antiguidade no seu lugar, suas práticas e cultos religiosos. Essas casas perdem o direito à sua propriedade que não são apenas sua moradia, seus terreiros são seus templos religiosos e particularmente seu solo tem toda uma significância dentro da sua religiosidade. Em contrapartida, são crescentes os casos de mapeamento das religiões de matriz africana em todo o território nacional.

Tendo em vista, a correlação entre dois movimentos distintos: o de valorização da cultura afrodescendente e o de proteção contra eventuais crimes de intolerância, a utilização desses mapas são muito relevantes para esses religiosos. Essas casas são cartografadas com a participação dos integrantes das casas religiosas, o processo de produção é diferenciado, uma vez que o mapa resultante é o produto conjunto realizado com auxilio das instituições responsáveis pela produção do mapa e as casas que são mapeadas. O produto final, o mapa, é disponibilizado em livros e/ou plataformas na internet, sendo



interativo, trazem informações sobre as casas, como por exemplo, antiguidade, números de membros, especificações religiosas, nomes dos zeladores e fotos dos terreiros.

Por fim abordaremos as particularidades da herança cultural de patrimônio incalculável das religiões afrodescendentes e as particularidades das mesmas com seu lugar. Pretendemos aqui destacar parte dessas tradições religiosas que tem uma relação singular com seus territórios. Tentaremos uma aproximação da prática geográfica, fazendo correlação com as leituras clássicas de território e espaco, analisando assim como a vivência desses praticantes dos cultos afrobrasileiros, serão determinantes na produção desse espaço, as religiões que destacamos são compreendidas aqui como Umbanda e Candomblé, Tambor de Mina, Quimbanda, dentre outras, com o ensejo de demarcar as necessidades e mudanças ocorridas nos praticantes das religiões afros, relacionando-os com o território vivido e as implicações míticas e práticas que os mesmos têm com seus espaços. Será necessário um destaque maior em suas práticas religiosas para que entendamos de uma forma geral a relação.

A escolha da pesquisa é referente a necessidade existente de aproximar e discutir a Geografia com enfoque nas religiões e os impactos que a diversidade religiosa vem causando na estruturação do espaço. O interesse surgiu ao tomarmos conhecimento do projeto realizado pela PUC-Rio, chamado de Mapeamento de Casas de Religiões de Matriz Africana, esse mapeamento "plotava" no mapa as casas religiosas de Umbanda e Candomblé no Rio de Janeiro, primeiramente região metropolitana sendo posteriormente expandido para todo o estado.

Analisar esse mapeamento nos fez conhecer e pesquisar outros mapeamentos que são contemporâneos ao que foi realizado pela PUC-Rio. Essa pesquisa nos impressionou ao ver que muitas dessas casas mantinham-se invisibilizadas por questões ligadas ao preconceito/intolerância religiosa passaram a optar por fazer parte desse mapeamento. Um dos motivos relatados pelos "pais e mães de santo" era a necessidade corrente que eles tinham de "aparecer" para que pudessem recorrer junto ao poder público, para exigir proteção e outros direitos que sempre lhes eram negados, outra necessidade, era reafirmar a cultura e descendência africana, explícitos em seus cultos e tradições.

Percebemos que historicamente essas casas que seguem as religiões de matriz africana, como umbanda e candomblé, dentre outras, muitas delas eram destruídas, seus membros agredidos e até desapropriadas e não havia como

caracterizar como uma ação de intolerância. O que nos foi pertinente: Como essas famílias que muitas vezes residem nos terreiros que praticam seus cultos religiosos farão depois? Qual a relação existente entre esses membros e seus territórios? Qual relação existente entre os espaços sagrados e as religiões de matriz africana? E principalmente.Quais as necessidades que aproximam essas casas nas mais diversas regiões?

No meio de tantos questionamentos a melhor alternativa seria a inserção em um grupo de pesquisa que me permitisse conhecer novos conhecimentos e arcabouço teórico para que a partir disso pudesse elucidar algumas dessas questões e que tivesse os pilares e percepções da geografia cultural para relacionar os homens, sua afetividade e imbricações no espaço que vive.

A principal emblemática que devermos analisar seria o impacto ocasionado por ação motivada pela intolerância religiosa aos zeladores e frequentadores de terreiros mapeados. De esse ponto traçar uma correlação com o período anterior e posterior aos mapeamentos. Fazer uma entrevista compreensiva, para obtenção de informação para um banco de dados que nos dará uma perspectiva objetiva dos mapeamentos de terreiro.

Fazer uma associação dos mapeamentos que emergiram no território brasileiro, analisando a relevância desse mapas para as questões pertinentes à luta e defesa contra a intolerância religiosa.

A base histórica filosófica utilizada na elaboração desse trabalho parte do pressuposto Teórico geográfico compreendido na conceituação de território, para isso utilizaremos textos clássicos de Raffestin (1993) com a questão de Território e Poder ditando a relevância para o âmbito de quem manda é aquele que gere o território, indiferente das suas especificidades, com o professor, Rogério Haesbaert (1997), abordaremos a questão da Desterritorização, analisando a questão da exclusão gerada pelo processo de globalização que aproxima e exclui, assim como, a retomada de espaços anteriores que eram tidos como marginalizados, que nessa nova re-apropriação são reavaliados e ganham importância junto aos blocos de financiamentos.

Uma demonstração de que o mapa é flexível, servindo a interesses distintos, dependendo de para quem será apresentado e quem o fez, é carregado de conceitos, valores, assim como, invisibilizando outras tantas informações, povos, riquezas. Tudo dependia do que aqueles que detinham o conhecimento cartográfico queriam demarcar, apagar, camuflar, destacar. É interessante observar também que uma das maneiras de alienação era a forma como eram



estruturados, sua confecção, os signos utilizados eram mais uma forma de exclusão dificultando a leitura (Harley, 2009).

No Brasil o processo de mapeamentos participativos conta com o envolvimento de populações locais e teve algumas especificidades, como por exemplo, os levantamentos etnoecológicos, mapeamento etnoambiental dos povos indígenas, mapeamento dos usos tradicionais dos recursos naturais e formas de ocupação do território, mapeamento comunitário participativo, mapeamentos culturais, macrozoneamento participativo, etnozoneamento, etnomapeamento, diagnóstico etnoambiental e cartografia social, entre outros em que as estratégias metodológicas distinguem as terminologias. É importante ressaltar que os mapeamentos no Brasil se iniciam em 2008 para atender as demandas das questões ligadas a comunidades tradicionais envolvendo principalmente posse e manutenção de guarda de propriedades.

Esses mapas caracterizam-se por uma metodologia de construção participativa agindo conjuntamente com as comunidades mapeadas, priorizando conhecer as desigualdades de condições de vida em uma cidade e propor ações coletivas para resolução de problemas, é um processo contínuo que permite envolver forças da sociedade civil no reconhecimento das formas concretas exclusão social. Contudo vários paradoxos estão inseridos na disputa de poder.

Ao debatermos a Geografia Cultural balizada na professora Zeny Rosendahl (2012) nos auxiliará com a conceituação dos espaços tidos como profanos e os espaços sagrados tentaremos entender a relação existente nas religiões de matriz africana, mais especificamente Umbanda e Candomblé. Será muito pertinente também à utilização da teoria de Paul Little (2002) que aborda a afetividade existente entre os povos tradicionais, aqui neste trabalho, remanescentes quilombolas e, seu território. Essa afetividade será uma ponte importante para que entendamos que as relações dos mesmos com seu *lócus* dáse de forma distintas, tendo que se analisar e respeitar com suas especificidades, destacando a pluralidade cultural e estigmas religiosos vivenciados pelos praticantes das religiões de matriz africanas. E o trabalho de Alberto Pereira dos Santos (2002), com a Introdução da Geografia das Religiões, que se mostra plural, dando-nos a possibilidade de englobar as vertentes das religiões marginalizadas, que são vitimadas pela intolerância religiosa e preconceito racial.

Outra perspectiva teórica que se faz imprescindível para embasamento deste trabalho é analisarmos as religiões de matriz africana com enfoque na questão da

intolerância religiosa, que lhes é submetida, para isso utilizaremos José Paulo Teixeira e Alex Ratts (2012), que nos expõe brilhantemente em seu texto a relação existente entre as religiões de matriz africana e a necessidade que tinham de se invisibilizarem nos grandes centros urbanos, não se destacando na paisagem como um mecanismo de defesa para sua sobrevivência. E as questões urbanas das religiões de matriz africana e a intolerância que sofrem discutidas no texto de Álvaro Roberto Pires, assim como, as particularidades do *espaço religioso* (Santos 20020, que é fundamental para a compreensão do que ocorre nessas casas que se motivaram a participar dos mapeamentos. Com a professora, Aurenice Mello Corrêa debateremos a sobreposição da territoriedade assumida por algumas casas caracterizadas a por preceitos católicos e também de matriz africana, e as implicações no que tange intolerância religiosa, identidades e práticas, que são traduzidas no espaço, remodelando-o.

A análise final se faz necessária com a compreensão dos novos arranjos urbanos e as novas eminências e necessidades, para isso utilizaremos a análise de Renato Emerson dos Santos (2011) e a perspectiva da valorização do agrupamento sociais, e suas geografias, na obra Movimentos sociais e Geografia, onde pretendemos analisar a necessidade de organizar para que os mesmos possam resistir aos desmandos do Capital.

Faremos uma correlação entre a necessidade da reafirmação da identidade do negro e a conscientização de suas raízes e tradições que serão expressadas através de sua religião, destacando a necessidade de políticas afirmativas para a proteção e resguarda dessas populações, com seus territórios. Para isso utilizaremos trabalho de pesquisa de campo, com registros orais, pretendendo obter uma narrativa dos membros da comunidade analisadas, para atestarmos a relevância e ligação dos mesmos dos terreiros com seus territórios. Organizamos essa pesquisa em três momentos distintos. Inicialmente faremos uma descrição dos autores clássicos da geografia com suas especificações dos conceitos chaves, território, espaço, novas cartografias e geografia cultural. Do tocante do movimento negro é fundamental analisarmos a revalorização do negro e da cultura e religiões de matriz africana, para isso analisaremos a questão de intolerância religiosa e suas consequências, a necessidade de invisibilização desses terreiros, como uma questão vital para sobrevivência e manutenção dos mesmos (Teixeira; Ratts - 2012).

Levantamento dos Mapeamentos com suas especificidades, acompanhando periodicamente as atualizações nas plataformas dos projetos



cartográficos, coletando dados disponibilizados pelas instituições que os produziram juntamente com as comunidades. Análises comparativas das especificidades e particularidades dos mapeamentos.

Pretendemos fazer um recorte espacial delimitando como pesquisa de campo, o Mapeamento das Casas de Religiões de Matrizes Africanas no Rio de Janeiro, PUC Rio, para isso, pretendemos fazer uma amostragem com os terreiros mapeados no período, de 2009 até 2011, ano que foi divulgado o mapa. Faremos uma entrevista de profundidade com zeladores das casas, para a obtenção de dados que demonstrem a situação dessas casas pós os mapeamentos. Essa análise qualitativa nos dará a possibilidade de delimitarmos as correlações existentes entre a intolerância vivida e principalmente sobre a relação dessas pessoas com seu lugar sagrado. Essa etapa corresponde ao de aprofundamento do material com campos em terreiros mapeados, monitoramento dos mesmos, conversas com zeladores dessas casas, perguntas pela opção de mapeamento e mudanças ocorridas pós-mapeamento.

Destacamos a relevância de uma análise da ótica geográfica para as questões ligadas às práticas religiosas de matriz africana, sua ligação com seu lugar, uma vez que, essas casas tem toda uma ligação singular com seu solo sagrado. Esta particularidade religiosa muitas vezes é ignorada junto à sociedade e aos órgãos de poder público. Cabe ao geógrafo, uma sensibilização da necessidade de destacar a ligação desses membros com seu espaço geográfico.

A Geografia da Religião que é a nossa área de enfoque nos direcionará a considerar quais implicações nessa situação, já que existe sobrepostas várias considerações. Uma comunidade tradicional com ritos e características próprias. Com uma relação singular com seu território, a dimensão espacial com sua ligação com as tradições religiosas, fazendo desse espaço um espaço sagrado. A proteção que lhes é garantida por lei. A valorização da ancestralidade africana expresso nos seus cultos religiosos.

O desrespeito vivido pelos membros dessa comunidade tanto no que se diz respeito a questão da intolerância, quanto no tocante da desterritorialização implícita nos grandes centros. É importante para nós geógrafos para balizarmos as questões sociais implícitas nessa agenda.

Referências bibliográficas.

CORRÊA, A. M. Irmandade da Boa Morte como manifestação cultural afrobrasileira: de cultura alternativa à inserção global. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: CCMN / PPGG /UFRJ, 2004.

HAESBAERT, R. 1994. O mito da desterritorialização e as "regiões-rede". Anais do V Congresso Brasileiro de Geografia. Curitiba: AGB, pp. 206-214. 1997. Desterritorialização e Identidade: a rede "gaúcha" no Nordeste. Niterói: EdUFF HARLEY, Brian. Mapas, saber e poder - Confins 5 | 2009 Disponível em: http://confins.revues.org/index5724.html. Acessado em: 10/09/2015

LITTLE, Paul E. Territórios Sociais e Povos Tradicionais no Brasil: Por uma antropologia da territorialidade. 2002

PEREIRA, Amilcar Araújo. "O Mundo Negro" Relações raciais e a constituição do movimento negro contemporâneo no Brasil. Rio de Janeiro: Pallas: Faperj, 2013. PIRES, Álvaro Roberto. Urbanidade sob o prisma da religião afro-brasileira: O que a intolerância religiosa tem a ver com isso?_in Questões urbanas e racismo / — Petrópolis, RJ 2012

PRANDI, Reginaldo. As religiões afro-brasileira em ascensão e declínio *in* Religiões em Movimento: O censo 2010. Faustino Teixeira, Renata Menezes. Petrópolis, RJ. Ed. Vozes. 2012.

RAFFESTIN, Claude. "Religião e Poder". in: RAFFESTIN, C. Por uma geografia do Poder. São Paulo, Ática, 1993. p.119-129.

SANTOS, A.P Revista - *Introdução à Geografia das Religiões* − GEOUSP, n º. 11, 2002, pp. 21-33

SANTOS, Renato Emerson Nascimento dos; Movimentos Sociais e Geografia: sobre a(s) espacialidade(s) da ação social. Rio de Janeiro, Ed. Consequência, 2011, 350pp

SANTOS, Renato Emerson Nascimento dos (Org.). Questões urbanas e racismo / – Petrópolis, RJ 2012

TEIXEIRA, José Paulo e RATTS, Alex. A cidade e os terreiros: Religiões de Matriz Africana e o processo (in)visibilidade e de (in)tolerância no espaço urbano. ___in Questões urbanas e racismo / – Petrópolis, RJ 2012 ROSENDAHL, Zeny. O sagrado e sua dimensão espacial. _in CASTRO, Iná E., GOMES, Paulo C. da C., CORRÊA, Roberto L (orgs.). Olhares Geográfico – Modos de Ver e Viver o Espaço. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012. 192 p.



O3-004-ORAL

OS ORIONITAS E A INTERFACE COM O TERRITÓRIO E O ESPAÇO DE REPRESENTAÇÃO DO SAGRADO NA REGIÃO NORTE DO ESTADO DE GOIÁS

Mirian Mendes Costa

Para entender a relação entre território e o espaço de representação do sagrado se faz necessário discorrer um pouco sobre o que se compreende desses conceitos, pois percebe-se que é pertinente deixar pistas para o leitor, que essas concepções estão além das produções concretas, pertencem ao campo material, e preponderantemente, ao campo simbólico. Por isso, pode-se dizer que marcam suas características nos seres humanos, da mesma forma como esses seres deixam suas marcas como elementos constitutivos desse espaço do sagrado, conduzindo a uma perspectiva na qual o território não está dissociado do espaço de representação do sagrado, um depende do outro para se constituir simbolicamente e se apresentar concretamente.

A partir dessa perspectiva, e tentando entender como esses elementos se entrelaçam, foram delineadas características que se pretende destacar no trabalho em questão, tomando como base a concepção de que o território é um híbrido, no qual se destacam diferentes combinações que permeiam entre o material e o simbólico, além de entender que a partir das relações instituídas no território, desembocam suas territorialidades, nas quais se entrelaçam as experiências vividas pelos grupos humanos e sua tentativa em entender os sentidos das coisas e dos lugares no mundo que ocupam, numa perspectiva histórica e geográfica. Pensar o espaço do sagrado a partir destas discussões é ter em mente que essas interações e constituições simbólicas geram os sentidos necessários para a compreensão de que os indivíduos por mais que possuam características particulares, estão mediados pela realidade social e por suas percepções multifacetadas.

Tomando como base as discussões sobre território e espaço de representação do sagrado, trazemos para a discussão a presença da ordem religiosa do padres orionitas, no norte goiano a partir de 1950, que congrega os aspectos elencados no intuito de demonstrar a territorialidade do sagrada pela apropriação do território a partir de mecanismos de ação social que visam, além de ofertar ações de saúde e educação a uma região desprovida do Estado, também estabelecer domínio e controle do mesmo pelo viés religioso.

Para desenvolver este estudo, que fará parte da tese de dissertação de mestrado em Estudos de Cultura e Território da Universidade Federal do Tocantins —

Araguaína, tomou-se como base alguns materiais bibliográficos disponíveis que foram escritos deixados por religiosos que viveram na região, além de livros organizados por um grupo de estudos da ordem orionita, fotografias disponibilizadas através de estudo na região por onde se estendeu a missão orionita, e mais precisamente a história de vida de um dos principais padres que chegou no início da missão e se encontra até a presente data na região.

Os padres da ordem orionita, foram os principais religiosos católicos que vieram na década de 1950 para a região conhecida como antigo norte goiano. Esses representantes da Igreja Católica, se deslocaram da Itália nos anos de 1913, para diversas partes do Brasil, mas para a região norte o processo se deu a partir da metade do século XX, depois da criação do governo provincial da Congregação Orionita no Brasil.

Eles são pertencentes a chamada "Pequena Obra da Divina Providência", fundada em 1893, na região norte da Itália pelo padre Luís Orione e a vinda para esta localidade, de acordo com o relato de um dos primeiros orionitas, Pe. Remigio Corazza, se deu pelo fato de que a Santa Sé percebeu a necessidade de se ocupar os espaços territoriais e simbólicos da região norte do Brasil, já que nesta localidade ainda era tímida a presença, de fato, da Igreja Católica.

As primeiras providências tomadas pelos padres que vieram para o antigo norte foi conhecer as localidades que pertenciam aos limites da missão orionita, uma maneira de mostrar que estavam presentes naquelas regiões e também uma forma de entender a maneira pela qual poderiam dar materialidade à presença destes religiosos nos locais que estavam sob a responsabilidade desse grupo. Essa atividade realizada foi chamada de "desobriga".

As "desobrigas" eram realizadas utilizando animais de carga, como burros, no intuito de se adequar ao terreno e à região, além do fato de não possuírem meios motorizados para este serviço. Este trabalho demandava grandes períodos de viagem, podendo durar meses para que pudessem atingir o maior número possível de pessoas e locais, nos quais eram realizadas missas, confissões, casamentos, batizados e catequese. Contavam com o apoio de proprietários rurais da região que sediavam em suas fazendas ou sítios essas atividades, além de colaborar com a anterior divulgação do período que aconteceria a desobriga em sua propriedade.

A vinda dos orionitas além de ser um fator estratégico como foi mencionado, também mostrou como o poder simbólico da Igreja Católica se fazia presente nesta localidade tão distante dos considerados centros do país como as regiões



Sul e Sudeste. Portanto, mesmo com uma presença física pouco significativa até a vinda desse grupo de religiosos, a chegada na região demonstrou uma mudança na perspectiva dos moradores, principalmente dos que se acreditavam católicos. Um dos exemplos que se pode citar está relacionado a um diálogo reproduzido oralmente nas entrevistas obtidas com o padre CORAZZA (2015), além de ser um trecho mencionado no livro de sua autoria no qual descreve um dos embates ocorridos entre este padre e um pastor da Igreja Batista, sediada na região e que segundo sua descrição inicia um conflito ao realizar em frente a casa paroquial de Filadélfia um culto como forma de provocação à chegada desse representante católico.

Fixar na cidade de Filadélfia, antes de se dirigirem para Tocantinópolis, centro da missão orionita, ou para outras regiões, por exemplo, foi um aspecto estratégico, pelo fato dela estar à beira do rio Tocantins e, este, ser utilizado como principal meio de transporte na época. Além disso, estava na margem oposta à cidade de Carolina (MA), na qual se tinha uma pista para pouso de aviões da Força Aérea Brasileira, que foi utilizada para a vinda de alguns dos missionários.

A participação dos padres orionitas na vida dessa localidade contribuiu para que cada vez mais eles se tornassem figuras representativas de poder local, pois atuaram em frentes que estavam desguarnecidas da presença do Estado, como nas áreas da saúde e educação, primordialmente. No entanto, paralelo a esta atuação também se percebe o exercício do poder simbólico através das atividades paroquiais e de catequese desenvolvidas a partir das orientações próprias da Igreja Católica, já que não se pode perder de vista que, um dos elementos primordiais para que as ordens religiosas ocupassem as regiões mais distantes do centro-sul do Brasil, eram as preocupações em reconquistar os fiéis que estavam nessa região.

A partir desse intenso desenvolvimento e tendo como base a análise da cidade de Araguaína pode-se dizer que na atualidade se observa alguns elementos da paisagem e das características simbólicas e sociais como resultantes da influência e da presença dos padres orionitas, pois além do destaque em diversas áreas de atuação como a educação na qual atuam em creches, escolas e faculdades; verifica-se também atuação na saúde através da construção e gestão do principal hospital da região; e na área da assistência social com a casa de albergados e casa de idosos; e nas dezenas comunidades religiosas gerenciadas por este grupo.

As construções e atividades nas quais se observa a atuação dos orionitas, são resultantes de todo um processo histórico que contribuiu para que esse grupo se

tornasse conhecido na região. O nome "Orione" estampa ambientes, logradouros, capelas, bairro, praça, além de estar relacionado a várias construções que podem ser observadas na cidade de Araguaína, mostrando dessa forma como um grupo expressa as ações num determinado espaço, num universo que constitui o presente, mas que também se constitui do passado.

REFERÊNCIAS

CORAZZA, REMIGIO. Entrevista feita em 18 de maio de 2016. Araguaína, 2016. Entrevista concedida a Miriam Mendes Costa.

CORAZZA, REMIGIO. Silêncio Prudente. Expressão Gráfica: Fortaleza, 2000.

GIL FILHO, Sylvio Fausto. **Espaço Sagrado**: estudos em geografia da religião. Curitiba: IBPEX, 2008.

GIL FILHO, Sylvio Fausto. **Igreja Católica Romana**: fronteiras do discurso e territorialidade do sagrado. 2002. 247 p. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2002.

HAESBAERT, Rogério. O mito da desterritorialização: do "fim dos territórios" à multiterritorialidade. 3.ed. Rio de Janeiro: Bertrand, 2007.

MOSCOVICI, Serje. **Representações sociais**: investigações em psicologia social. 11.ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

SAQUET, Marcos Aurélio. **Abordagens e concepções sobre território**. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

TONINI, Quinto. **Dom Orione**: entre diamantes e cristais. Fortaleza: Expressão, 1959.

03-005-ORAL

Espacialidades da umbanda em Fortaleza – CE: performances de apropriação da cidade

Ilaina Damasceno

Exposição do problema

Em Fortaleza-CE, um dos grupos que reivindicam visibilidade e reconhecimento de seu direito à cidade são as comunidades de terreiros de umbanda. Estas de maneira individualizada ou organizadas em associações lutam pela apropriação da centralidade da cidade. A presença no espaço urbano, caracterizada pela autoapresentação efetiva-se pela fala e pela ação públicas nas quais o ritual religioso e a performance política se relacionam.



A cidade onde os diferentes possam coexistir é marcada por perseguições e resistências. Historicamente, as acusações de "charlatanismo e magia negra" expulsavam as religiões afro-brasileiras para as periferias, impossibilitando sua presença nas áreas centrais da cidade. Atualmente, disputas entre empresários e umbandistas pelo uso de espaços litorâneos - anteriormente ignoradas pelo mercado imobiliário - se fazem cada vez mais presentes. É nesse contexto socioespacial que comunidades de terreiro passaram a reivindicar a presença em áreas centrais como modo de expressar o direito à cidade. Este trabalho, portanto, coloca em evidência as apropriações da cidade pela umbanda, em especial por meio da Festa de Iemanjá, como experiência de transgressão de normas e ordens urbanas hegemônicas.

Metodologia

O principal objetivo é entender os processos pelos quais os sujeitos umbandistas em Fortaleza –CE se afirmam na diferença, fazendo de suas práticas socioculturais uma política de conquista do direito ao espaço urbano. Para tanto, serão analisadas a festa de lemanjá e performances dos umbandistas em disputa pela centralidade da cidade como espaço de visibilidade. É também nossa intenção colocar em causa a relação entre espaços de celebração na periferia urbana e a constituição de espaço público na cidade, onde os diferentes aparecem como corpo, palavra e ação.

Para obter descrições da Festa de Iemanjá em Fortaleza foram coletadas informações em jornais de circulação diária para observar como a homenagem era representada. Obtivemos informações nos periódicos Gazeta de Notícias (1928-1972), Unitário (1935-1976), Correio do Ceará (1928-1982) e O Povo (1928-2015). Em contraposição, analisamos o vivido da festa e de outras performances umbandistas por serem situações nas quais os sujeitos se manifestam na cidade. Tendo em vista que aparecer pela reverência religiosa e pelas performances culturais - no afoxé, no maracatu, em grupos musicais e no dia da umbanda - é efetivar outra experiência sensível, tornada ação política ao subverter a ordem das distribuições e posições de práticas de matriz afro-brasileira no espaço urbano.

Resultados

A análise bibliográfica, o inventário documental e a observação de campo expõem um complexo processo no qual se imbricam estratégias de dominação disciplinares e biopolíticas, sobre os corpos de umbandistas (considerados fora da norma da cidade civilizada), e práticas criativas que potencializam a vida,

evidenciadas tanto na recusa em aderir à religião dominante como nas tentativas de apropriação da centralidade na cidade.

Na década de 1950, os terreiros de umbanda estabeleceram como principal cerimônia pública a Festa de Iemanjá. Comemorada no dia 15 de agosto, a festa foi realizada, inicialmente, na Praia do Futuro. Buscava-se produzir visibilidade para a umbanda sem estabelecer conflitos com as normas de civilidade dominantes na Capital cearense, pois esta área da orla marítima era de difícil acesso e evitava a presença de curiosos que poderiam perturbar o ritual ou mesmo difundir opiniões preconceituosas sobre a religião. Em 2013, a comemoração além da localização tradicional ocorreu na Praia de Iracema, zona hoteleira e residencial mais valorizada da capital cearense. A ocupação deste recorte espacial significou, para as comunidades de terreiro, a conquista de uma centralidade e passou a compor um projeto político e religioso, no qual a diferença conquista espaço e cria imagens sobre si mesma.

Apoiando-se nas políticas de promoção da igualdade racial, as comunidades de terreiro passaram a organizar atividades relacionadas com práticas culturais variadas: Grupo musical Toque de Senzala, Afoxé Filhos de Oyá e o Maracatu Filhos de Iemanjá. Estes eventos são importantes porque possibilitam a ocupação de locais antes interditos para as religiões afro-brasileiras.

A festa de lemanjá, o maracatu, o afoxé e o grupo Toque de senzala têm significado propositivo para a constituição do espaço público, em Fortaleza. A auto-apresentação não ocorre de forma consensual. Há conflitos, negociações e diálogos entre os múltiplos outros e destes com os discursos hegemônicos. No entanto, destes desacordos surge a possibilidade para a construção do viver juntos na cidade. Esta é um campo de disputas entre diferentes compreensões de mundo e formas de apropriação sensível do espaço e, desta forma, pode ser uma construção sociopolítica.

As performances umbandistas indicam, ao construírem espaços de aparência e atualizarem o espaço público, que a cidade é espaço de multiplicidades. Pois, esta possibilita a interseção de trajetórias de diferentes sujeitos.

Os umbandistas, em Fortaleza, ao estilizarem suas existências e as expressarem em performances públicas de apropriação do espaço, estão criando formas de fazer política com o corpo. Eles disputam a centralidade para dar visibilidade a outros modelos de relações sociais e de interação com o espaço. Uma busca pelo reconhecimento dos múltiplos outros e pelo enfrentamento das desigualdades produzidas a partir das diferenças.



Bibliografia

ARENDT, Hannah. **A vida do espírito**: o pensar, o querer, o julgar. Rio de Janeiro: Janeiro: Relume Dumará, 1993.

______. A condição Humana. Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitária, 2000. DAMASCENO, Ilaina. Performances estilísticas da umbanda na apropriação do espaço público em Fortaleza, Ceará. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2015.

DUARTE, André. Singularização e subjetivação: Arendt, Foucault e os novos agentes políticos do presente. **Princípios:** Revista de Filosofia, v. 19, n. 32 jul/dez de 2012. p. 9-34.

FOUCAULT, Michel. **Em Defesa da Sociedade**: curso no Collège de France (1975-1976). São Paulo: Martins Fontes, 1999.

______. **A coragem da verdade**. curso no Collège de France (1983-1984). São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

______. **Foucault:** Les corps utopique, Les hétérotopies. Paris: Nouvelles Editition Lignes, 2009.

LEFEBVRE, Henri. O direito à cidade. São Paulo: Centauro, 2001.

LIGIÉRO, Zeca. **Corpo a Corpo**: estudo das performances brasileiras. Rio de Janeiro: Garamond, 2011.

MASSEY, Doreen. **Pelo Espaço**: uma nova política da espacialidade. Rio de Janeiro Bertrand Brasil, 2008.

OLIVEIRA, Lúcia Barbosa de. **Corpos indisciplinados**: ação cultural em tempos de biopolítica. São Paulo: Beca Produções, 2007.

03-006-ORAL

TERRITÓRIOS RELIGIOSOS: AS ESTRATÉGIAS ESPACIAIS DAS IGREJAS CATÓLICA, DEUS É AMOR E UNIVERSAL DO REINO DE DEUS EM BELO HORIZONTE

Ricardo Henrique Palhares / Alexandre Magno Alves Diniz

INTRODUÇÃO

Segundo dados do Censo Demográfico de 2010, cerca de 60% da população de Belo Horizonte se declaram católicos, seguidos dos evangélicos e por aqueles que se declaram sem religião, com 25% e 8% respectivamente. Importante destacar,

que do total de evangélicos, cerca de 11% são de origem pentecostal. Essas denominações religiosas apresentam estratégias espaciais diferentes no contexto da metrópole, adotando estratégias locacionais distintas na distribuição espacial dos templos, evidenciando uma forte disputa pelo controle do território.

PROBLEMATIZAÇÃO

Tendo em vista o diversificado cenário religioso em Belo Horizonte, a nossa análise enfocará os espaços sagrados dos principais grupos religiosos da cidade, paróquias e templos evangélicos. Como este último concentra um grande número de denominações religiosas, foi necessário um recorte que beneficiou duas igrejas de destaque no movimento pentecostal¹, a Igreja Pentecostal Deus é Amor (IPDA), e a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD).

Estas igrejas apresentam lideranças fortes, influentes e centralizadoras, além de possuírem um controle doutrinário e administrativo financeiro bastante acentuado. A IPDA possui milhares de igrejas em todo o Brasil, concentradas na sua maioria na metade Sul do país, e principalmente nas quatro capitais da região Sudeste. Segundo a página oficial da igreja na internet, Belo Horizonte possui 117 templos, divididos em sede principal, sucursais e templos menores, reunindo mais de 17 mil adeptos. A IPDA orgulha-se de ocupar as favelas e as regiões mais periféricas das cidades, congregando as camadas mais pobres da população.

Com um discurso imediatista, em menos de uma década da sua fundação, a IURD já se concentrava em quase todas as capitais brasileiras. Expandiu-se utilizando todo tipo de acomodações para abrigar seus cultos. Com um discurso que se adapta a todas as camadas da sociedade, com uso do rádio e da televisão; além da utilização de recursos nos cultos como músicas, esta igreja cresce a passos largos. Em todo o Brasil são mais de 2.000 templos, com grande penetração nas grandes cidades do país. Segundo fontes da própria instituição, Belo Horizonte possui 70 templos, reunindo mais de 27 mil adeptos.

Para os que professam a fé católica, a Arquidiocese de Belo Horizonte está presente em 28 municípios, reunindo 720 padres e 279 paróquias, das quais, 154 estão na capital. Além da Catedral Cristo Rei, no Bairro Juliana, na Região Norte, estão sendo construídos mais 12 templos em pontos diferentes da cidade.

METODOLOGIA

Os Censos Demográficos, por pesquisarem todos os domicílios do país, constituem a única fonte de referência para o conhecimento das características



da população em todos os municípios e em seus recortes territoriais. Esta pesquisa utilizou-se do arquivo base de informações do Censo Demográfico 2010: Resultado do Universo por setor censitário. Este arquivo é composto por planilhas para cada Unidade da Federação, abrangendo mais de 3.200 variáveis.

O recorte territorial abrangeu o município de Belo Horizonte, tendo como unidade de análise os setores censitários, ou seja, a menor unidade territorial formada por uma área contínua, integralmente contida em área urbana ou rural. Os setores censitários asseguram plena cobertura do território estudado e uma análise mais completa das variáveis analisadas. Para entender as estratégias locacionais das igrejas foram definidas, à priori, variáveis do questionário de pessoas responsáveis pelo domicílio.

O banco de dados da pesquisa consistiu em uma planilha contendo os 3.936 setores censitários de Belo Horizonte, identificados em cada linha por código identificador do IBGE, e as variáveis analisadas, em colunas. Através de fontes secundárias, foram identificadas e localizadas georreferencialmente as igrejas católicas e os templos da IPDA e IURD.

Estes pontos foram interpolados sobre os polígonos da malha de setores censitários, permitindo reconhecer o contexto socioeconômico onde estes espaços sagrados se fazem presentes. Para esta etapa foi utilizado o software de geoprocessamento ArcGis 10. O software estatístico SPSS 18 foi utilizado para o cruzamento das informações, e para a identificação das variáveis que apresentassem maior significância estatística. Assim, foram selecionadas a variável raça, alfabetização e renda per capita.

RESULTADOS

Os dados na tabela 1 demonstram os resultados da Análise de Variância, que testou estatisticamente as diferenças entre o contexto socioeconômico no qual estão inseridos os templos. Os resultados corroboram a tendência da população brasileira, ao demonstrar uma maioria branca e católica, presente nos extremos de renda, níveis E e AB, ou seja, população que recebe uma renda nominal mensal de até ½ salário mínimo e acima de 5 salários mínimos. As igrejas IPDA e IURD congregam a população de maioria negra e parda, atingindo os níveis intermediários e inferiores da distribuição de renda. Os fiéis da IURD apresentam rendimentos um pouco melhores que os da IPDA devido ao fato destas igrejas adotarem práticas doutrinais diferenciadas, e incentivarem seus seguidores ao empreendorismo, utilizando da arrecadação seu melhor negócio. Além disso, a IURD se faz territorialmente presente nos diferentes estratos da sociedade, ao

contrário da IPDA, localizado na sua maioria nas periferias e aglomerados de Belo Horizonte.

Apesar de o IBGE não disponibilizar dados relativos aos níveis de escolaridade, ou anos de estudo por setores censitários, de maneira geral, todas as igrejas apresentam fiéis alfabetizados responsáveis pela família acima de 90%. Interessante perceber também um percentual semelhante de mulheres responsáveis alfabetizadas, principalmente na IPDA e IURD. Uma interpretação seria o fato que as alterações no estilo de vida das mulheres, ocorridas nos últimos 30 anos no Brasil, não tiveram força na doutrina católica, menos afeita a mudanças, tornando as mulheres menos católicas e adeptas de religiões alternativas.

Esta questão é fundamental para traçar perspectivas futuras, visto que, a religião é passada das mães para os filhos. Soma-se ao fato, de que as constantes mudanças socioeconômicas fazem com que as pessoas procurem nas novas crenças à possibilidade individual de ascensão social e profissional.

BIBLIOGRAFIA PARCIAL

ANTONIAZZI, A. Catolicismo em Belo Horizonte na proximidade do novo milênio. In: **Cadernos de História.** Belo Horizonte: PUC Minas. v. 2, n. 3, p. 69-85, out. 1997.

BROWN, J. A. C. A natureza da conversão religiosa. In: BROWN, J. A. C. **Técnicas de persuasão: da propaganda à lavagem cerebral**. Rio de Janeiro: Zahar, p. 211-230.1965.

CAMPOS JR., L. C. **Pentecostalismo: sentidos da palavra divina**. São Paulo: Ática, 1995.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Base de informações do Censo Demográfico 2010: Resultado do Universo por setor censitário. Rio de Janeiro, 2011.

ROSAS, N. As ações sociais da Igreja Universal: Recrutamento e empreendorismo no "A Gente da Comunidade de Belo Horizonte". Revista Ciências Sociais e Religião. Porto Alegre, ano 14, n. 17, p. 27-51, Jul. 2012.



O3-007-ORAL

Cosmologias religiosas e suas representações espaciais: as cosmolocalidades sagradas por meio das narrativas orais e literárias

Mary Anne Vieira Silva, Maria Idelma Vieira D'Abadia, Eloane Aparecida Rodrigues Carvalho, Aline Santana Lôbo, Bruna Gabriela Corrêa Vicente, Marcos Antônio F. dos Santos

Introdução

A estrutura interpretativa para o presente estudo, inicialmente, parte do entendimento de que conceitos mitológicos, com suas representações místicas, não se relacionam com a linguagem racional. Pois, sua existência e manifestação são anteriores à própria ciência e a criação destes conceitos se dá em um dado contexto histórico a partir de questionamentos que se aplicam como formas de se explicar enquanto constituintes da realidade. Em segundo, é na narrativa literária que ocorre o fortalecimento fenomenológico para estudar e entender os fatos, por meio de construções críticas promovendo outras interpretações desses acontecimentos.

O pensamento que passa a coadunar os estudos sobre religiosidades (festas de padroeiros, folias, obrigações e festas de santos africanos) no presente artigo tem como premissa a ideia de que estas demarcam, simbolicamente, o espaço em que estão inseridas.

Objetiva-se, portanto, nesse artigo entender a configuração da territorialidade sagrada e das cosmolocalidades, por meio das subjetividades que se multiplicam e se desenvolvem a partir de narrativas mitológicas pertencentes aos credos tanto cristão quanto de matriz africana. Para o enfrentamento teórico-conceitual, compreenderemos a formação da teia interpretativa que designa o espaço enquanto constituído de um sistema geo-simbólico, formador de identidades e de um território de ocorrência mítica. Estes que se constituem em bases que ligam princípios de ancestralidade, senioridade e as condições históricas e geográficas amalgamadas por cosmogonias e cosmovisões.

Desta forma, pretendemos abarcar aspectos dos campos de entendimento, de conhecimento e de práxis do fenômeno a ser estudado, considerando o contexto multi e intercultural que o qualifica.

Problematização

A experiência religiosa demarca simbolicamente o espaço sagrado. As simbologias produzidas, nestas narrativas, constituem uma linguagem que se define enquanto ligas religiosa-identitárias. A vivência religiosa, desperta

múltiplos significados para seus praticantes, como no contexto hierofânico em que as experiências dos sujeitos podem definir tempos e espaços míticosagrados.

A ideia de símbolo liga-se a forma de conhecimento garantida como energia espiritual, de acordo com a concepção de Cassirer (2001). O símbolo enquanto energia espiritual permite que o indivíduo se enlace com os signos sensíveis e significativos, garantindo-lhe que sua "realidade" seja interpretada por representações subjetivas. Isto posto, tal via interpretativa garante a valorização do dado espontâneo e do sensível, em outras palavras, os símbolos abonam a relação do humano com o mundo e do espiritual para com o sensível. Na concepção de Croatto (2001), essa objetivação do mundo invisível, se dá por meio de formas de linguagem, estas que são definidas por símbolos, mitos, ritos e doutrinas.

Essa materialização da experiência religiosa, no âmbito da religião cristã, pautada nas festas de padroeiros nos permite compreender as especificidades de cada manifestação sagrada. A atribuição de sentidos e significados se estabelece por meio de um vínculo entre o indivíduo e o sobrenatural, em que a experiência individual com o transcendente se torna o ápice da relação, bem como, da materialização nos símbolos e rituais daqueles que vivenciam o sagrado.

Neste campo as folias são "essencialmente uma prática religiosa coletiva e uma sequência de rituais entendidos como capazes de colocar em evidência a solidariedade entre todos os participantes" (BRANDÃO, 2004, p. 396). Desta feita, expressam formas de saberes específicos, permitindo a construção de espaços míticos e sagrados. Estes espaços que são gerados por meio de sentidos sonoros, palativos, visuais e olfativos, promovendo outra compreensão de mundo para os seus praticantes, além de criar uma dimensão de fé católica, traduzida pela emoção e devoção de quem a vivencia.

Na perspectiva da construção do território sagrado, por meio da cosmovisão dos povos praticantes dos cultos afro-brasileiros, se estabelece de outra forma no campo hierofânico. As cosmolocalidades destas religiões são espaços demarcados por elementos imateriais e materiais que perpassam os campos territoriais e identitários, tanto para seus praticantes quanto para suas deidades. A ocorrência mítica sagrada, nesse campo religioso, se demarca de forma rígida designando o local dos orixás, dos elementos sagrados, flora, comidas, animais e rezas. A prática religiosa só se torna possível via a decodificação de um conjunto



de sistema de símbolos sagrados e de valores, envolvendo a produção, o consumo, o poder e as localizações necessárias para sua ocorrência.

O desafio epistêmico nas estruturas apresentadas é contemplar um campo interdisciplinar, em que essas formas de interpretação e linguagem possam interagir e garantir a ampliação de debates que contemplem os espaços de subjetividades, de representações e de vivências sagradas.

Para o enfrentamento metodológico conceitual dessa questão, a territorialidade e a cosmolocalidade, passam a designar a dinâmica dos espaços sagrados em um caminho hermenêutico-fenomenológico. Para tanto as contribuições de Ernest Cassirer concorrem para apreensão das multiformas de construir e interpretar o mundo simbolicamente. As cosmogonias (estruturas fundadoras) e as cosmologias (narrativas construídas pelos sujeitos que conhecem e vivenciam os mitos) são concebidas como formas simbólicas para esse campo metodológico.

Resultados

Os resultados dos estudos que abordam tais práticas religiosas, apontadas neste artigo, circunscrevem um campo metodológico interdisciplinar e teórico-conceitual para se compreender as simbologias das manifestações, tanto de matriz cristã (festas de padroeiros e folias) quanto de matriz afro-brasileira (Umbanda e Candomblé). Sob a perspectiva da geografia, história e antropologia, as narrativas foram coletadas, por meio da metodologia da História Oral e da Observação Participante.

A estruturação das narrativas foi reconhecida enquanto saberes locais, correlacionada aos conhecimentos obtidos na literatura, nos mitos e nas crenças populares. Os saberes locais foram apreendidos enquanto cosmologias, esta entendida a partir da visão de Lallemand (1978) e Lopes da Silva (1994), como visão de mundo de um povo. Logo, entende-se que tal visão se configura como um conjunto de crenças e conhecimentos, que abarcam elementos do mundo ordinário e do sobrenatural, os quais permitem interpretar acontecimentos e ponderar sobre as representações de suas realidades.

Em particular o percurso metodológico das pesquisas é interpretar a realidade a partir de um sistema simbólico e complexo, que para Cassirer envolve: a) expressividade do mito que não separa significado do signo, b) linguagem como representação, em que o signo se separa do significado, criando possibilidades interpretativas, e c) o significado do que é apreendido pela razão, reelaborando o sentido do espaço sagrado que é apreendido pelas relações simbólicas, criando a interdependência entre o signo e significado.

Os mitos narrados nas músicas de folias, na configuração das comidas e nos ritos de peregrinações das festas católicas garantiram o campo de reflexão sobre as territorialidades sagradas cristãs, igualmente, as interpretações míticas das águas e floras, sobretudo dos rios e matas, também, garantiram a compreensão sobre as cosmolocalidades afro-brasileiras.

Assim, como resultado apresenta-se um conjunto de cosmologias com o propósito de contribuir para a compreensão e interpretação das narrativas locais. Além de ampliar e divulgar esses saberes e expressões como ações de valorização dos mitos, ritos e tradições populares, em especial no Cerrado Brasileiro.

Referências Bibliográficas:

ALMEIDA, M. G. e D'ABADIA, M. I.V. *Festas Religiosas e Pós-modernidade*. Revista GEONORDESTE, Ano XX, n. 2, 2010, pp 59-82.

BENISTE, José. Ás águas de Oxalá: àwon omi Òsàlá. 4ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *De tão longe eu venho vindo:* símbolos, gestos e rituais do catolicismo popular em Goiás. Goiânia: Editora da UFG, 2004.

CASSIRER, Ernst. *A Filosofia das Formas Simbólicas*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

CROATO, José Severino. *As linguagens da expressão religiosa: uma introdução à fenomenologia da religião*. São Paulo: Paulinas, 2001.

ELIADE, Mircea. O Sagrado e o Profano. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

ERICKSON, F. (1986) "Qualitative Methods in Research on Teaching" in Handbook of Research on Teaching, Macmillan Publishing Company, págs. 119-161, London. LALLEMAND, S. (1978) 'Cosmologia, cosmogonia' in Auge, M. (org) A construção do mundo: religião, representações, ideologia, Martins Fontes, São Paulo.

OTTO, Rudolf. *O Sagrado: os aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional*. Petrópolis: Vozes, 2007.

PRANDI, Reginaldo. *Mitologia dos Orixás*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. THOMPSON, Paul. *A voz do passado*. São Paulo: Paz e Terra, 1992

O3-008-ORAL

O IR O VIR E O RECOMEÇAR: PEREGRINOS SERGIPANOS NA JORNADA MUNDIAL DA JUVENTUDE 2013

Eliéte Furtado Cecílio e Silva/ Maria Augusta Mundim Vargas

Introdução



Escolhemos para nosso estudo a Jornada Mundial da Juventude (JMJ) que ocorreu em julho de 2013 no Rio de Janeiro, por possibilitar a análise sobre os territórios e as territorialidades "construídas" pelos peregrinos sergipanos nesse evento. Embora os deslocamentos por motivos religiosos configuram-se como uma das práticas mais antigas, pois há registro de deslocamentos para cultos e ritos desde os primeiros relatos escritos, observamos que o turismo religioso está em plena expansão e tem chamado a atenção de estudiosos, despertando os olhares para este segmento. Dessa maneira os territórios "construídos" pela JMJ e as territorialidades criadas pelos peregrinos são abordadas à luz do movimento católico mundial e da movimentação do turismo enquanto atividade motivadora de deslocamentos e consumos.

Problematização

Nosso estudo buscou a análise das relações vividas e percebidas pelos peregrinos sergipanos, relações essas que na Geografia tomamos como territorialidades. A territorialidade exposta por Sack (1986), que deve ser reconhecida como uma ação, uma estratégia de controle, bem como a territorialidade religiosa, como "o conjunto de práticas desenvolvidas por instituições ou grupos no sentido de controlar um dado território, onde o efeito do poder do sagrado reflete uma identidade de fé e um sentimento de propriedade mútuo", como colocada por (ROSENDAHL, 2005, p. 07).

Todavia, foi no território encarnado de relações simbólicas da JMJ que observamos o fortalecimento das experiências religiosas. O caminho foi extenso, com a ocupação de diferentes locais, através de roteiros turísticos e através de vivências e de influências dos valores cristãos com pessoas de outros estados do Brasil e de outros países.

Nesse contexto questionamos i) Como se deu a construção/preparação dos movimentos leigos sergipanos para a JMJ; ii) Quais territórios foram criados para e pelos peregrinos na JMJ; iii) Como se deram as relações e as vivências dos peregrinos sergipanos com os demais participantes.

A centralidade de nossa pesquisa encontra-se o entendimento da vivência, das práticas, da construção dos relacionamentos, das territorialidades presentes, antes, durante e após a JMJ acontecer.

Metodologia

A pesquisa configurou-se como qualitativa. Utilizamos de levantamentos documental e fotográfico, diário de campo e entrevistas. Antes da JMJ, em Sergipe, identificamos os grupos leigos da Comunidade Shalom, Jovem do

Discípulo Amado, Canção Nova e Obra de Maria como sujeitos e objeto de nossa análise e acompanhamos a visita de peregrinos franceses que tomaram Sergipe como a primeira etapa da peregrinação para a JMJ. Realizamos 57 entrevistas semi estruturadas nesse primeiro momento. Fomos à JMJ como integrante do grupo Shalom e, como peregrina, sujeito e objeto da análise, utilizamos de diário de campo e de registro fotográfico como instrumento de captação dos territórios e das territorialidades construídas pela Igreja e pelos peregrinos. Após a JMJ acompanhamos as atividades dos Grupos leigos sergipanos de forma a avaliar suas ações em que pese as recomendações do Papa Francisco. Com o enfoque da análise de conteúdo posta por Bardin (1997) elaboramos um quadro com a relação dos conteúdos do roteiro de entrevista, mas também, observamos em nossa análise, as entrelinhas, manifestações corporais, sensações, sentidos e olhares, postos nos textos, nas fotos captadas e pelas pessoas que contatamos para a realização da pesquisa.

Resultados

Diferentes territorialidades foram construídas pelas práticas dos peregrinos visto que não pudemos negligenciar a significativa participação do peregrino enquanto consumidor dos espaços oferecidos pela JMJ assim como dos pontos turísticos da cidade do Rio de Janeiro, mundialmente reconhecidos.

Observamos que fé e a força do cristianismo se materializaram em vários territórios sagrados como o palco central na praia de Copacabana, nas catequeses realizadas e nos múltiplos micro territórios da Feira Vocacional e até no espaço de consumo da ExpoCatólica.

Os peregrinos sergipanos participaram de várias atividades sociais e culturais como intercâmbios trocas de souvenires e também como turistas religiosos, sem, contudo se afastarem da condição de peregrino. Os peregrinos sergipanos se mantiveram motivados e comprometidos com as ações missionárias tanto que após a JMJ, pudemos acompanhar as atividades por eles desenvolvidas em 2014 e 2015, no Dia Nacional da Juventude. Nesse sentido afirmamos a importância religiosa, social e econômica das práticas e vivências ocorridas durante a JMJ, não somente para os peregrinos sergipanos, mas em também nas escalas regional e mundial.

Bibliografia parcial

BARDIN, L. Análise de conteúdo. 1º ed. Brasil, 1977

DIAS. R.; SILVEIRA, E. J. S. da (Org.). **Turismo religioso; ensaios e reflexões**. São Paulo: Alínea, 2003.



GIL FILHO, S. F. **Espaço Sagrado**: estudo em Geografia da Religião. IBPEX. Curitiba. 2008.

GIL FILHO, S. F. **Igreja Católica Romana**: Fronteiras do Discurso e Territo rialidade do Sagrado. Tese apresentada no curso de pós graduação em História, 2002.

GIL, A. C. **Métodos** GUSMÃO, Neusa Maria Mendes de. **Antropologia e Educação**: origens de um diálogo. In: GUSMÃO, Neusa Maria Mendes de (Org.). Antropologia e Educação: interfaces do ensino e da pesquisa. Cadernos Cedes, Cedes/Unicamp, n. 43, ano XVIII. p. 8-25, dezembro de 1997.

HAESBAERT, R **Des-territorialização e Identidade**. A rede "gaúcha" no nordeste. Niterói: EDUFF, 1997.

HAESBAERT, R. Território, cultura e des-territorialização. In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. Religião, identidade e território. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001.

HAESBAERT, R. E LIMONAD, E. **O Território em tempos de globalização**. GeoUERJ, nº 7. Rio de Janeiro: UERJ.

MONTERO, P. O problema da Cultura na Igreja Católica Contemporânea. Scielo: Estud. av. v.9 n.25 São Paulo set./dez. 1995 http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40141995000300018 Disponível em set/dez 1995 acessado em 02/01/2016 ROSENDAHL, Z. Espaço, Simbolismo e Religião: Resenha do Simpósio Temático. ANAIS DO II ENCONTRO NACIONAL DO GT. História das Religiões e das Religiosidades Revista Brasileira de História das Religiões — ANPUH Maringá (PR) v. 1, n. 3, 2009. ISSN 1983-2859. Disponível em 20/03/2015

SACK, R. D. **Human territorility**: its teory and history. Cambridge University Press, 1986.

SANTOS, A. P. GEOUSP **Espaço e Tempo**, São Paulo, № 11, p.21-33, 2002.

03-009-ORAL

A Umbanda na Amazônia em um "exercício etnográfico" na Fronteira Reginaldo Conceição da Silva

Introdução

O fazer religioso da Umbanda requer anos de prática e dedicação dos adeptos. Partes destas práticas são de natureza coletiva e, sobretudo festiva. É neste espaço religioso, e em momento de ocorrência das festividades, que empregamos nosso olhar sobre o fazer religioso em confluência de situações mágico-religiosa em interface do sagrado e profano dado a relação manifestada na tríade espaço - tempo - afrorreligiosos.

Uma das etapas da formação identitária do agente afrorreligioso se faz em momentos coletivos, onde os mais velhos transmitem ensinamentos por meio da

oralidade, da gestualidade e as hierarquias de acordo com a idade iniciática do neófito. Permeia vários momentos ao longo de no mínimo sete anos de intenso aprendizado, acionado por meio da consulta oracular ou consulta com entidades que, por sua vez, encaminham para os preparativos de banhos, *ebós* (oferendas) com emprego de rezas e outros encantamentos tornando o espaço de formação algo temporal, mas que o prepara e permite entrar na dimensão sagrada por meio dos rituais.

Problematização

A partir das questões levantadas, "quais os pequenos rituais que acontecem dentro de uma gira?", "quais entidades são mais procuradas para consultas dentro das giras?" e "quem são as pessoas que procuram as entidades com intuito de passarem por rituais públicos?", iniciamos os estudos com o objetivo de identificar os rituais que acontecem dentro das "giras" de Umbanda para caboclo, em um terreiro localizado na tríplice fronteira Brasil, Peru e Colômbia.

Metodologia

As situações apresentadas e do objetivo proposto, nosso problema da pesquisa consistia em definir qual método adotar para "olhar" os pequenos rituais da Umbanda que acontecem dentro do momento festivo, partindo da necessidade de realizar a investigação nas "giras" de caboclo que aconteciam, sem datas previstas, no terreiro da Cabocla Jurema, congregando cerca de cinquenta pessoas e vinte e dois médiuns, de diferentes idades e gêneros, que se reúnem por meio da experiência religiosa, no processo de "construção da identidade afrorreligiosa".

Na tentativa de não me afastar da abordagem geográfica, dada a espacialidade onde o fenômeno religioso seria observado, opto pelo método etnográfico onde, na ocasião, chamado de "exercício etnográfico" dada a pouca familiaridade com a técnica de pesquisa.

Neste momento, ocorre a "manifestação do sagrado", considerada por Mircea Eliade (2011:17), que afirma que isto é possível, pois se diferencia do profano, de tal modo, faz parte de uma experiência religiosa que "não pertence ao nosso mundo", mas que pode se fazer presente aos nossos olhos durante as festas rituais onde se faça presente o sagrado e profano, e é esse mesmo tempo-espaço festivo das giras o que empreendi para construção do objeto de pesquisa.

A escolha por estudar os afrorreligioso da umbanda em momento das "Giras", me faz reportar a Michael Meslin (2014:153), que afirma: "A insistência no papel do sujeito individual na experiência religiosa, por mais justificada que seja, não pode



dispensar-nos de procurar compreender o sentido das ações coletivas pelas quais o homem tenta experimentar o divino entrando em relação com ele"; tal tarefa nada fácil de ser empreendida sem um olhar criterioso sob os agentes dos terreiros nos momentos das *Giras*.

A festividade é para Cox (1974), citado por Castro (2012) como sendo

Um período de tempo reservado para a expressão plena do sentimento. Consiste dum irredutível elemento de prodigalidade, dum viver intensamente. [...]. Sendo a festividade uma coisa que se faz por sua própria causa, propicia-nos breves férias das tarefas diárias, e uma alternância sem a qual seria insuportável a vida. (2012:41)

Castro (2012:39) escreve ainda que: "a festa urbana se constituiria em uma metamorfose transitória de papeis sociais, consignando uma ruptura do cotidiano funcional", podemos inserir, neste contexto, a função "clinica" que exercem os terreiros e de "médico" cunhada pelas entidades.

Resultados

Deste modo, o momento festivo do terreiro de Umbanda está associado à sua interação com elementos sincréticos que envolvem sua fundação e intenso diálogo inter-religioso entre os credos Católico, Espirita Kardecista as demais religiões de origem africana, neste caso elementos do Tambor de Mina e do Candomblé² bem como os cultos indígenas, na formação da Umbanda em Tabatinga.

Cabe-me então situar o que entendo por momento festivo: É o tempo ritualizado no espaço ritual dotado de sacralidade pelos cânticos e instrumentos sonoros onde se vincula os saberes e práticas que completam a formação do sujeito religioso na construção da sua identidade afrorreligiosa, motivada pela crença em um conjunto de deidades superiores.

Ademir Barbosa Júnior, (2014:183) escreve que, "de um modo geral, cada Linha corresponde a uma faixa vibratória comandada por um Orixá e/ou Guia ou Guardião" cujas entidades realizam passes, orientam banhos, *ebós*, oferendas e aconselham quem lhes pede auxílio medico-espiritual.

Meslin (2014), fala em sacralização do tempo ao qual atribui uma referência cósmica, este por sua vez possui, ao menos no instante do transe, a experiência religiosa acionada por um conjunto de elementos, a saber: os gestos, as cantigas,

os colares, os produtos mágicos religiosos utilizados para purificar o ambiente e o corpo do médium. Neste momento o terreiro enquanto espaço cultural assume, simbolicamente, a extensão do mundo espiritual numa ação ritual de transito entre o universo sagrado-profano, cuja relação homem-divindade saúde-doença se encontra no ato de festejar.

Esse tempo festivo assinala Meslin (2014:155), "nos aparece quase sempre ligado a uma ação ritual que dá ampla margem à memoria religiosa", e com isso, descortina o olhar para a investigação dos fenômenos que surgem das praticas e saberes acionados por todos os presentes na festa.

Neste sentido, sigo os caminhos de Eliade (2010:78), quando fala da periodicidade dos tempos festivos, para ele "o homem religioso torna-se contemporâneo dos deuses, na medida em que reatualiza o Tempo primordial no qual realizaram suas obras divinas (...)".

Os rituais que ocorrem na festa, se tornam o objeto máximo de nossa observação á medida em que revela de processos de formação do agente afrorreligioso da Umbanda na cidade cuja tradição é marcada por atos de resistência e aprendizagens simultâneas do ser Pai/Mãe e Filho de Santo.

Durante um ano realizamos acompanhamento das giras de caboclo, sempre à noite. As giras iniciavam por volta das 19 horas e encerravam sempre antes da meia noite. Com periodicidade de duas ao mês, eram divididas em "gira de desenvolvimento" e "gira festiva", sempre aberta ao público, e com uso de instrumentos sonoros.

Vários trabalhos foram registrados. Nestes sobrepõem consultas com uso do charuto e passes com uso de oração. Quanto ao publico que mais requisitam os serviços são as mulheres.

Referencial Bibliográfico

CASTRO, Jânio Roque Barros de. **Da casa á praça pública**: a espetacularidade das festas juninas no espaço urbano. Salvador: EDUFBA, 2012.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e Profano: a essência das religiões**. Tradução: Fernando Tomás e Natalia Nunes. 4ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010. [2011?]

 $^{^{\}rm 2}$ Por abordagem metodológica, estas duas modalidades de culto aos Orixás não foram abordados nesta pesquisa.



ELIADE, Mircea. **Tratado da História das Religiões**. Tradução: Rogério Fernandes. 3ª ed. São Paulo: Editora EMF Martins Fontes, 2010.

MESLIN, Michel. Fundamentos de antropologia religiosa: a experiência humana do divino. Tradução: Orlando dos Reis. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

O3-010-ORAL

O Islã e a islamofobia: um estudo sobre a representação de Maomé em animações estadunidenses de super-heróis

Mario Marcello Neto

Introdução:

Este trabalho busca discutir aspectos envolvidos na representaçãode Maomé em uma releitura feita pela animação estadunidense "Liga da Justiça". A animação em questão é uma parceria entre a *Time Warner* (multinacional do entretenimento) e a *DC Comics* (multinacional do entretenimento — principalmente de história em quadrinhos e animações — detentora dos direitos legais de diversos super-heróis famosos nos universos da ficção), produzida entre os anos de 2001 e 2004.

Logo após o atentado de "11 de setembro" ao complexo comercial do World Trade Center, nos Estados Unidos da América, e durante a invasão estadunidense ao Afeganistão (2001) e Iraque (2003), a animação foi produzida. Durante esse período de diversos conflitos mundiais, da reorganização do mundo em questões geopolíticas e a paranoia constituída pelo medo do terrorismo, a associação, simplória e ignorante (no sentido puro do termo), entre "islâmico" e "terrorista" passou a ser uma constante, como afirma Barber (2005).

Levados por essa onda conservadora e preconceituosa, na qual o medo comandou os sentidos e os direitos individuais foram claramente dilacerados por políticas públicas que prometiam garantir a segurança nacional, a animação de super-heróis acabou por constituir mais um arcabouço imagético da representação de uma dada "realidade". Essa percepção da realidade, ou seja, do que estaria acontecendo no mundo, por parte da animação, através de releituras e adaptações é o objetivo central deste trabalho.

A "Liga da Justiça" é uma animação que tem mais de 52 episódios, de em torno de 20 minutos cada um. A narrativa central deste desenho animado são os confrontos travados entre os super-heróis considerados os guardiões da justiça e aqueles que a eles se opõem. Fazem parte do grupo de super-heróis os

renomados Batman, Superman, Mulher-maravilha, Lanterna Verde, Flash, Marciano e Mulher Gavião. Cada personagem possuiu uma personalidade e uma característica, todos com uma história de vida delimitada, nas quais são crucias para a formação de seu caráter e proposição de suas atitudes.

Metodologia:

Falar em metodologia em Ciências Humanas é sempre algo complexo e difícil. Tal tarefa árdua consiste na dificuldade em se estabelecer um processo de análise e interpretação que seja objetivo o suficiente para que possa ser replicado. No entanto, tendo em vista a subjetividade e a parcialidade deste trabalho, divido ele em três momentos cruciais.

O primeiro se caracteriza pela leitura aguçada do objeto a ser interpretado: a animação "Liga da Justiça". Neste momento tenta-se estabelecer uma análise primária, que propõe elementos a serem debatidos, pesquisados e analisados.

O segundo momento é caracterizado por uma pesquisa densa com teóricos e intelectuais que se dedicam a pensar as temáticas aqui trabalhadas. Sendo assim, lidar com o conceito de espaço e sua relação com as diferentes temporalidades (DI MÉO, 2007), a compreensão do funcionamento e organização das religiões na sociedade (ELIADE, 2001), as discussões acerca das disputas de poder e lutas territoriais (RAFFESTIN, 1993), a compreensão do campo da Geografia das Religiões (GIL FILHO, 2008) e da História das Religiões (MATA, 2010), que dá suporte e aporte teórico e metodológico para a compreensão do papel da religião nas sociedades, bem como entendimento do Islã em relação as interpretações sobre o fundamentalismo (BOFF, 2009).

Num terceiro, e último, momento, tem-se a interpretação instauradora desse arcabouço de informações. Neste momento é que se estabelece uma narrativa inteligível sobre aquilo que foi analisado sob a luz dos estudos existentes, alçados por novas proposições feitas em relação ao tema estudado.

Resultados:

O episódio a ser discutido neste texto traz consigo, já no título, um emblemático jogo representativo. O título "Corações e Mentes" faz alusão a diversos períodos e momentos da história e da geopolítica atual que o torna um elemento central para a interpretação das representações do mesmo.

Em "Corações e Mentes" os membros da Liga da Justiça, em virtude de conflitos intergalácticos acabam parando em um lugar distante, árido e comandado por um déspota, em um regime ditatorial. A demonstração da



brutalidade desse governante é tanto que uma análise da paisagem das residências de Déspero (nome do governante) e seu povo gera um contraste gigantesco. Alimentando ainda mais esse jogo narrativo, logo no inicio um jovem vestindo túnica é perseguido por guardas e preso. Qual seu crime? Portar livros, objeto proibido, pois traria conhecimento e luz a um mundo escuro e vil.

No decorrer do episódio, Déspero narra sua história. Tratava-se de um ser que entrou em contato com uma luz divina (na animação um fluxo de luz que deixa cego que a ver, com exceção de Déspero que adquiriu um terceiro olho que lhe dava poder de controlar o coração e as mentes de qualquer um. Após esse contato com a luz, Déspero foi expulso de sua cidade natal por não saber como lidar com os poderes recém adquiridos, vagando por 40 anos no deserto é que se torna forte e sábio o suficiente para liderar multidões de forma autoritária.

De forma bem clara, a animação produziu uma analogia clara com a história de Maomé e o surgimento do Islã. Produziu um discurso em que pautava o Islã como a religião dos cegos, dos ignorantes e dos dominados por um fogo divino que retira a alma e a vida das pessoas.

Partindo da ideia de que a Geografia das Religiões permite compreender as construções e disputas territoriais, os jogos de poder envolvidos nas lutas entre o espaço sagrado e profano, segundo Gil Filho (2008), podemos perceber que a animação produziu a representação de um território desértico quando este estava sob domínio de Déspero, ou seja, do Islã, em um período de trevas. E logo após a derrota de seu líder o deserto virou floresta, com campos floridos, flores e pássaros. A vida veio à tona quando o Islã foi derrotado. Neste sentido, o problema do terrorismo, em nítida analogia, estava não nos grupos que praticavam tais atos, nem na desenfreada luta contra um inimigo invisível, mas sim nos praticantes de uma religião.

Essa forma de pensar e lidar com a religião produziu relações que anilamos com mais cautela. Perceber as disputas territoriais e os jogos de poder nelas envolvidas (RAFFESTIN, 1993), bem como perceber que não só a disputa pelo território simbólico é importante, mas aquele espaço circunscrito, sacralizado pela fé ser representado de forma desértica devido a própria fé gera contradições e questões que somente a luz da compreensão dos contextos envolvidos pode ser percebida.

Bibliografia Parcial:

BARBER, Benjamin. **O Império do Medo**: Guerra, Terrorismo e Democracia. Rio de Janeiro: Record. 2005.

BOFF, Leonardo. **Fundamentalismo, terrorismo, religião e paz:** desafio para o século XXI. Petrópolis: Vozes, 2009.

CHARTIER, Roger. A História Cultural: entre práticas e representações. Lisboa: DIFEL, 2002.

DI MÉO, Guy; BULÉON, Pascal. L'espace social. Lecture géographique des sociétés. Paris: Armand Colin, 2007.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano** – a essência das religiões. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

GIL FILHO, Sylvio Fausto. **Espaço Sagrado**: Estudos em Geografia da Religião. Curitiba: IBPEX, 2008.

MATA, Sérgio da. **História e Religião**. Belo Horizonte: Autêntica Editora. 2010. RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.

O3-011-ORAL

TERRITORIALIDADE DA PARÓQUIA NOSSA SENHORA DA GLÓRIA NO MUNICÍPIO DE GLÓRIA DO GOITÁ-PE

Ana Caroline de Oliveira Pedroso / Wedmo Teixeira Rosa

INTRODUÇÃO

Geografia e religião são termos aparentemente desconexos, não exibindo ligações explícitas. No entanto, existe uma estreita relação entre eles tendo em vista que o homem se apropria de determinados espaços e transforma-os, impulsionado pela sua motivação religiosa, de forma a atender às suas necessidades. São estas ações humanas relacionadas à religião sobre o seu ambiente que constituem o objeto de estudo da Geografia da Religião.

Compreendendo *território* como espaços apropriados efetiva ou afetivamente e *territorialidade* como sendo o conjunto de práticas desenvolvido por instituições ou grupos visando controlar um determinado território (ROSENDAHL, 1996; 2010), a Igreja Católica Romana dispõe de estratégias político-espaciais próprias para controlar seus espaços e manter as relações entre religião e política. Essas estratégias visam atender às demandas da comunidade católica e a aquisição de novos fiéis. Através deste processo a Igreja Católica se estrutura enquanto instituição e apropria-se efetivamente do território, sempre buscando preservar a sua territorialidade nos espaços que controla, do ponto de vista religioso.

Segundo Haesbaert (2007) existem diversas formas para se trabalhar com a relação entre território e territorialidade, sendo que uma delas ver a



territorialidade numa dimensão mais ampla que o território, o que consiste em dizer que todo território corresponde a uma territorialidade. Assim, nesse trabalho, entende-se que a territorialidade condiciona a existência do território que, por sua vez, tem caráter simbólico e material em qualquer que seja sua dimensão social e escalas espaciais.

"A análise da dinâmica do poder e de sua ação em diferentes escalas assinala a multiplicidade de estratégias imaginadas para fazer com que os grupos religiosos sobrevivam e para estabelecer seu domínio no espaço" (ROSENDAHL, 2012:30). Nesse sentido, os estudos de Geografia da Religião podem ser realizados em diversas escalas geográficas e cada uma delas apresentará processos, ações, estratégias de poder e formas de organização espacial específicas.

Sabendo-se disso, o recorte espacial selecionado para a realização do presente estudo é a paróquia, a qual representa uma unidade político-religiosa da Igreja Católica e consiste em um território religioso onde se efetiva a ação político-espacial de controle, favorecendo o exercício da fé e a vivência religiosa do sagrado. (ROSENDAHL, 2001).

Para tanto, aborda-se, dentro da dimensão política de análise, a relação entre religião, território e territorialidade, objetivando-se analisar a distribuição das igrejas e capelas pertencentes à paróquia de Nossa Senhora da Glória no município de Glória do Goitá-PE, bem como das ações que realiza para manter, controlar e adquirir fiéis, visando identificar as estratégias espaciais e político-religiosas utilizadas pela Igreja Católica na delimitação e controle do território religioso em questão.

METODOLOGIA

Com fins a atender aos objetivos do presente estudo, realizaram-se revisão bibliográfica, pesquisa documental — onde foram consultados o Censo Demográfico 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, o Anuário Católico do Brasil e o Livro de Tombo da Paróquia de Nossa Senhora da Glória — e entrevistas semiestruturadas com o pároco e representantes de comunidades e grupos pastorais.

RESULTADOS

O presente estudo foi realizado no município de Glória do Goitá, o qual situa-se na zona da Mata Norte do estado de Pernambuco, a 61 km de Recife, a capital pernambucana. O estudo foi voltado especificamente à paróquia que

compreende todo o município: a Paróquia de Nossa Senhora da Glória, pertencente, na atualidade, à Diocese de Nazaré-PE.

"A reorganização espacial de seu território [a Igreja] ocorre de maneira diferente em cada país e em cada região, pois a ação política eclesiástica não ignora a evolução demográfica nem os modos de vida de seus fiéis" (ROSENDAHL, 2001:16). Desta maneira, a Paróquia de Nossa Senhora da Glória apresenta uma organização interna particular. Esta paróquia é subdividida em comunidades urbanas e rurais – zonas de atuação da Igreja que possuem lideranças individuais e geralmente apresentam a mesma delimitação de bairros e sítios – sendo que uma delas corresponde a um distrito do município, totalizando 33 comunidades. Em relação às ações promovidas para aproximar e acolher os devotos, a paróquia estudada possui cerca de 40 movimentos, grupos e pastorais atuando nos serviços missionários e religiosos diversos.

Em suma, a Paróquia de Nossa Senhora da Glória dispõe de uma divisão territorial que consiste numa estratégia política para facilitar a organização e o controle do território religioso. Além disto, promove ações que aproximam e acolhem os devotos, bem como preserva a territorialidade da Igreja, favorecendo o exercício da fé e da identidade religiosa do devoto.

Nesse contexto, pode-se afirmar que dentro das estruturas da territorialidade da Igreja Católica, a paróquia se constitui em um dos principais elementos da interação social entre a população e a Instituição Católica, pois essa unidade territorial é a estrutura principal da organização pastoral e da materialidade da ação evangelizadora da Igreja (GIL FILHO, 2002).

Rosendahl (2010) defende que a paróquia, considerando a evolução demográfica juntamente com as mudanças espaciais que acarreta, muda, morre ou renasce, ou seja, ela busca formas de atender às demandas da comunidade através, por exemplo, da ampliação no número de igrejas e capelas. Na Paróquia Nossa Senhora da Glória podemos identificar este fenômeno, tendo em vista que a proliferação das capelas pertencentes à paróquia estudada ganhou destaque a partir do início do século vigente em virtude, dentre outros motivos, do aumento populacional e da criação de novas comunidades. Antes disso, o número era bastante incipiente.

Nas capelas são realizadas missas mensais, festas anuais em homenagem aos seus respectivos santos padroeiros — o que promove a mobilização de toda a comunidade na preparação das festividades — dentre outras atividades evangelizadoras. Há ainda um Conselho Pastoral Paroquial (CPP), onde os líderes



das comunidades se reúnem mensalmente para *traçar as linhas de evangelização* e organizar as atividades que serão realizadas nas capelas.

Outro fenômeno perceptível que vêm ocorrendo no município de Glória do Goitá é a proliferação de igrejas evangélicas, sobretudo nas áreas periféricas. Entretanto, dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) – senso 2010 –, demonstram que 82% da população gloriense segue a religião católica romana, enquanto apenas 12% pertence a religiões evangélicas.

Estes dados comprovam a eficiência das estratégias político-espaciais até o presente momento no controle e na manutenção dos devotos glorienses utilizados por esta instituição religiosa, tais como a divisão interna da paróquia em áreas de atuação da Igreja denominadas comunidades, o que torna a gestão do território religioso mais eficiente; as ações de evangelização que são promovidas objetivando aproximar e acolher os devotos; e a construção de várias capelas dispersas tanto nas áreas rurais quanto urbanas.

REFERÊNCIAS

GIL FILHO, Sylvio Fausto. **Igreja Católica Romana**: fronteiras do discurso e territorialidade do sagrado. 2002. 232 f. Tese (Doutorado em História) – UFPR/Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Curitiba, 2002.

HAESBAERT, Rogério. Território e multiterritorialidade: um debate. **GEOgraphia**, Niterói, ano 9, n. 17, 2007. Disponível em:

http://www.uff.br/geographia/ojs/index.php/geographia/article/viewArticle/2 13>. Acesso em: 30 jul. 2016.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) – senso 2010. Disponível em:

">search=pernambuco|gloria-do-goita|sintese-das-informacoes>">search=pernambuco|gloria-do-goita|sintese-das-informacoes>">search=pernambuco|gloria-do-goita|sintese-das-informacoes>">search=pernambuco|gloria-do-goita|sintese-das-informacoes>">search=pernambuco|gloria-do-goita|sintese-das-informacoes>">search=pernambuco|gloria-do-goita|sintese-das-informacoes>">search=pernambuco|gloria-do-goita|sintese-das-informacoes>">search=pernambuco|gloria-do-goita|sintese-das-informacoes>">search=pernambuco|gloria-do-goita|sintese-das-informacoes>">search=pernambuco|gloria-do-goita|sintese-das-informacoes>">search=pernambuco|gloria-do-goita|sintese-das-informacoes>">search=pernambuco|gloria-do-goita|sintese-das-informacoes>">search=pernambuco|gloria-do-goita|sintese-das-informacoes>">search=pernambuco|gloria-do-goita|sintese-das-informacoes>">search=pernambuco|gloria-do-goita|sintese-das-informacoes>">search=pernambuco|gloria-do-goita|sintese-das-informacoes>">search=pernambuco|gloria-do-goita|sintese-das-informacoes>">search=pernambuco|gloria-do-goita|sintese-das-informacoes>">search=pernambuco|gloria-do-goita|sintese-das-informacoes>">search=pernambuco|gloria-do-goita|sintese-das-informacoes>">search=pernambuco|gloria-do-goita|sintese-das-informacoes>">search=pernambuco|gloria-do-goita|sintese-das-informacoes>">search=pernambuco|gloria-do-goita|sintese-das-informacoes>">search=pernambuco|gloria-do-goita|sintese-das-informacoes>">search=pernambuco|gloria-do-goita|sintese-das-informacoes>">search=pernambuco|gloria-do-goita|sintese-das-informacoes>">search=pernambuco|gloria-do-goita|sintese-das-informacoes>">search=pernambuco|gloria-do-goita|sintese-das-informacoes>">search=pernambuco|gloria-do-goita|sintese-das-informacoes>">search=pernambuco|gloria-do-goita|sintese-das-informacoes>">search=pernambuco|gloria-do-goita|sintese-das-informacoes>">search=pernambuco|gloria-do-goita|sintes

ROSENDAHL, Zeny. Espaço, política e religião. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (orgs.). **Religião, identidade e território**. Rio de Janeiro: Ed UERJ, 2001.

_____. Espaço, Cultura e Religião: Dimensões de análise. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (orgs.). **Introdução à Geografia Cultural**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010. p. 187-224.

_____. História, teoria e método em geografia da religião. **Revista Espaço e Cultura**, UERJ, RJ, N. 31, p. 24-39, jan./jun. de 2012.

_____. **Espaço e Religião:** uma abordagem geográfica. Rio de Janeiro: UERJ, NEPEC, 1996.

O3-015-ORAL

GEOGRAFIA DAS FORMAS SIMBÓLICAS DO BHAGAVAD GITA

Ana Helena Corrêa de Freitas GIL/ Sylvio Fausto GIL FILHO

INTRODUÇÃO

O Bhagavad-Gita surge originalmente como um episódio do Mahabharata, datado do século IV a.E.C, atribuído a Vyasa que se refere a epopeia antiga dos povos indo-áricos, também é conhecido como Gitopaniṣad, essência do conhecimento védico da Índia, nele é relatado o diálogo de Krishna (uma das manifestações de Vishnu) e, seu discípulo príncipe Arjuna. O texto é composto de 700 versos com as bases do pensamento religioso hindu. Segundo Swami Prabhupãda (2001), expoente da doutrina do Vaishnavismo de Chaitanya, existem cinco tópicos básicos para entendermos o Bhagavad Gita, (i) o eu espiritual, (ii) a natureza, (iii) o Karma, (iv) o tempo eterno e (iv) Krishna. Do ponto de vista religioso o Bhagavad Gita é um texto vaisnava, pois considera a manifestação de Vishnu como Krishna o Senhor Supremo.

Incialmente, explica as divindades e a constituição de cada entidade viva, denominadas *jivas*, que por sua vez são controladas por *Isvara (Senhor Supremo, Personalidade de Deus)*. O ser vivo é guiado em todos os aspectos. O *Bhagavad Gita* vai descrever como ocorre a guia pelo *Isvara* e suas entidades. Discutirá também o *prakrti* (natureza objetiva e material das coisas) e o *Kãlá* (tempo eterno), o *Karma* (efeito que nossas ações), todas as ações estão em movimento, todas as entidades vivas estão em constante movimento em suas ações. Todos os seres vivos possuem as mesmas qualidades do Senhor Supremo, que pode receber nomes diferenciados como: Divindade Suprema. *Krishna, Brahman*, nada se manifesta sem que tenha a presença de um guia. Apenas, o Senhor Supremo, as entidades vivas, a natureza material e o tempo, são eternos. A manifestação do mundo material é efêmera, "a própria natureza material é constituída por três qualidades: o modo da bondade, o modo da paixão e modo da ignorância. " (PRABHUPÃDA 2001: 09). Estas qualidades são submetidas ao tempo eterno e a articulação das dimensões da natureza onde existem as ações do *Karma*.

Nesse sentido, estamos fazendo uma geografia das formas simbólicas, a partir de uma hermenêutica da batalha épica *Kurukshetra* narrada na primeira



parte do *Bhagavad Gita*. Adotaremos para tal, a metodologia hermenêutica de Paul Ricouer a partir das espacialidades centradas nos sujeitos da obra épica, assim como a filosofia da linguagem em Ernst Cassirer.

A narrativa constitui espacialidades que remetem a dimensão da própria epopeia e, da prática religiosa pela qual o texto é interpretado. Revelando os significados e sentidos do desenvolvimento pessoal e religioso no que tange ao ramo do hinduísmo conhecido como *Vaishnavismo* de *Chaitanya*.

AS ESPACIALIDADES NARRATIVAS DA BATALHA DE KURUKSHETRA

Segundo o Bhagavad Gita, Dhrtarastra e Pandu eram irmãos nascidos na dinastia Kuru, descendentes do rei Bharata, do qual provém o nome Dhrtarastra, o irmão mais velho nasceu cego e por isso o trono foi transferido para seu irmão mais novo Pandu. No entanto Pandu morre e seus cinco filhos - Yidhisthira, Bhima, Arjuna, Nakula e Sahadeva, ficam sobre o cuidado de Dhrtarastra, que se tornou rei. Assim, todos os filhos dos irmãos crescem juntos na mesma casa. Entretanto, apesar dos mesmos ensinamentos os filhos de Dhrtarastra, odiavam os Pandavas, principalmente o filho mais velho, Duryodhana, o cego Dhrtarastra queria que seus filhos e não os de *Pandu* herdassem o reino, desse modo planeja com seu filho Duryodhana matar os jovens filhos de Pandu. No entanto, seu tio Vidura e seu primo Krishna conseguem evitar todos os acidentes provocados. Krishna não era um homem comum, mas a própria Divindade Suprema que havia descido a Terra, protegia assim seus sobrinhos. Porém astuto Duryodhana propôs um jogo no qual a esposa de um dos primos seria despida diante de toda assembleia de príncipes e reis. Krishna intervém, salvando-a, mas o jogo fraudulento faz com que os *Pandavas* sejam expulsos de seu reino e forçados a viver treze anos em exílio. Ao voltar do exílio eles exigem seus direitos, no entanto os Duryodhana não lhes dava alternativas plausíveis, e esses sempre cediam para tentar entrar em harmonia. Os príncipes se dividiram pelo mundo, formaram alianças a favor e contra os Pandavas o que fez com que a guerra fosse inevitável. Krishna mesmo tentou ser mensageiro dos filhos de Pandu pleiteando a paz. Os Pandavas aceitavam e reconheciam Krishna como a Suprema Personalidade de Deus, os ímpios filhos de *Dhrtarastra* não o aceitavam. Krishna então estipulou que seria como Deus, ele não lutaria pessoalmente, mas quem o desejasse poderia servir-se do exército d'Ele- como conselheiro e ajudante. Duryodhana preferiu as forças armadas, enquanto os Pandavas escolheram o próprio Krishna. Assim, começa o Bhagavad-Gita com dois exércitos enfileirados, prontos para o combate.

O diálogo entre o príncipe dos Pandavas Arjuna e Krishna, é o ponto fulcral da conformação religiosa na narrativa, o quadro maior da batalha que expressa a luta ética em que o conselho da Divindade, Krishna, aponta para as decisões de Arjuna como a verdade a ser seguida no dilema interior do próprio homem. Desse modo, a espacialidade da batalha é a metáfora essencial do trama da vida humana a partir da energia conformadora da religião. Trata-se de uma espacialidade metanarrativa vivenciada pelos seguidores do Vaishnavismo. A realidade conformada pela religião é impressa na própria paisagem em seu âmbito restrito essas expressões são parte da prática social da religião. Sob o ponto de vista hermenêutico existe uma dialética subjetividade/objetividade entre aquele que fala e o próprio enunciado do discurso. O processo de significação é o que objetivamente emerge do enunciado. O texto épico, entendido enquanto plano discursivo, pode ser compreendido em três aspectos: (i) a sua auto referência relativa ao próprio texto; (ii) para quem se refere esse ato linguístico e, (iii) a intencionalidade para quem se dirige (RICOEUR, 2000). O último aspecto refere-se, à instância subjetiva da narrativa. Nesse caso, os conselhos de Krishna ao príncipe, são os conselhos religiosos e éticos que em sua universalidade se dirigem a todo ser humano. No entanto, de modo peculiar os seguidores do ramo Vaishnavismo internalizam em sua pratica religiosa os diversos significados do texto, que se manifestam enquanto um espaço de ação conformado pelo pensamento religioso.

O espaço de ação da religião está estreitamente relacionado as suas formas discursivas, evidenciadas em uma interpretação especifica do texto sagrado. A conformação simbólica do mundo do *Vaishnavismo de Chaitanya* pode ser melhor compreendida a partir das espacialidades que emergem do seu texto mais sagrado, o *Bhagavad-Gita*.

REFERÊNCIAS

GIL FILHO, Sylvio Fausto. *Geografia das Formas Simbólicas em Ernst Cassirer*. In: FRANCINE BARTHE-DELOIZY & ANGELO SERPA. (Org.). **Visões do Brasil – Estudos Culturais em Geografia.** Salvador BA: EDUFBA, 2012, p. 47-66.

LOUNDO, D. *A Hermenêutica transformativa da Bhagavad Gita*. In SILVESTRE, R.S.& THEODOR. I. (orgs.) **Filosofia e Teologia da Bhagavad Gita – Hinduismo e o Vaishnavismo de Caitanya**. Curitiba: Juruá, 2015, p.65-82.

MAHABBHARATA BHAGAVAD-GITA, versão Swami Prabhupãda, Brasília: The Bhaktievedanta Trust, 2001.



THEODOR, I.Contexto e estrutura da Bhagavad Gita. In SILVESTRE, R.S.& THEODOR. I.(orgs.) Filosofia e Teologia da Bhagavad Gita — Hinduísmo e o Vaishnavismo de Caitanya. Curitiba: Juruá, 2015, p.27-64.

RICOEUR, P. **Teoria da Interpretação** — O discurso e o excesso de significação. Lisboa: Edições setenta, 2000.

03-019-ORAL

OS FOLGUEDOS LARANJEIRENSES E SUA RELAÇÃO TOPOFÍLICA COM OS SANTOS PRETOS

Daniele Luciano Santos, César Augusto França Ribeiro, Jorgenaldo Calazans dos Santos, Luan Lacerda Ramos, Roseane Cristina Santos Gomes

INTRODUÇÃO

Pesquisas de cunho geográfico que se desenvolvem à luz da (inter) subjetividade permitem o envolvimento do pesquisador com a dinâmica dos grupos sociais, permitem a incursão nos significados, nas vivências, nas experiências dos sujeitos e seus espaços de referência. É uma construção que capta e nos conduzem a analisar, de forma relacional, o vivido espacial e temporalmente. É neste sentido que nos propomos a adentrar reflexivamente nas singularidades que permeiam os folguedos pertencentes ao município de Laranjeiras/SE. Neste caso, as singularidades que essencializam a relação dos folguedos Cacumbi, São Gonçalo e Taieiras com Nossa Senhora do Rosário e São Benedito (denominados pelos sujeitos do lugar e dos folguedos como Santos Pretos, por considerarem que estes santos protegeram os escravos no período colonial).

Para tanto, nos ancoramos na Geografia que prima pelas culturalidades dos sentidos e do sagrado, tendo como categoria chave para o estudo proposto o lugar, a partir das acepções de Tuan (2013) e Relph (2014), que a concebem como uma construção sócio-cultural, no contexto espaço-temporal. O lugar se justifica a partir da própria dinâmica das relações entre os folguedos como o seu município e com seus geosímbolos, a exemplo da Igreja Nossa Senhora do Rosário, na qual os folguedos manifestam a sua devoção aos santos aqui esposados.

O sagrado neste estudo, é considerado como um campo de forças e de valores que transporta o individuo para um meio distinto daquele no qual se estabelece sua existência material. Revela-se como uma realidade singular, mas

que está relacionada ao cotidiano. Para a referida imersão, nos embasaremos nos estudos de Roseandahl (2003) e Gil Filho (2007).

Com base no exposto, é crucial a reflexão acerca dos vínculos existentes entre os sujeitos pertencentes aos folguedos laranjeirenses e entre os denominados Santos Pretos (São Benedito e Nossa Senhora do Rosário) e se tais vínculos se refletem na relação dos folguedos com o lugar. Desta forma, precisamos refletir sobre as seguintes questões de pesquisa: quais os vínculos estabelecidos entre os folguedos com os santos e com o lugar? Podemos afirmar que os vínculos são permeados por valores simbólicos e afetivos expressados por meio de rituais profanos e religiosos?

A partir do percurso teórico-conceitual trilhado, intencionamos suscitar um olhar sob as culturalidades laranjeirenses, fomentando estudos que deem visibilidade às relações que se tecem no cotidiano daqueles que estão diretamente envolvidos com o saber-fazer da cultura popular sergipana.

TRILHAR METODOLÓGICO: O FAZER PESQUISAR Método de análise

No tocante ao método adotado, nos alicerçamos na fenomenologia, pois entendemos que a forma mais comum de interação entre o ser humano e o mundo provém das sensações e percepções. Assim é estabelecido o conhecimento sensível sobre tudo que está à sua volta. Para a imersão nos estudos sobre o subjetivo, optamos pela fenomenologia que valoriza o sujeito ao considerarmos seus de sentimentos, valores e vivencias e experiências. Desta forma comungamos com Merleau-Ponty (2011) por este afirmar que a realidade dos sujeitos é permeada de sentidos e significados, além de defender que a forma mais comum de interação entre o ser humano mundo é a que provém das sensações e percepções.

O Chão da pesquisa:

Este estudo está assentado nos pressupostos da pesquisa qualitativa que para Godoy (1995, p. 63), neste tipo de estudo "não é possível compreender o comportamento humano sem a compreensão do quadro referencial (estrutura) dentro do qual os indivíduos interpretam seus pensamentos, sentimentos e ações".

Ainda conforme os procedimentos utilizados, a pesquisa é bibliográfica, pois se apoiou em materiais existentes acerca do problema; é documental, já que se buscou dados e informações produzidos na pesquisa de campo, por meio de



coleta de dados primários (entrevistas, observação, seguida de registro e levantamento fotográfico).

Coleta de dados primários:

Observação: Foram construídos três roteiros de observação semiestruturados, sendo o primeiro com foco no lugar dos folguedos, o segundo com o foco nos folguedos nos rituais religiosos e o terceiro com ênfase no folguedo nas festas populares que ocorrem no município.

Entrevistas: Aplicamos a técnica de entrevista semiestruturada, com questões semiabertas de caráter individual, sendo aplicada junto aos sujeitos dançantes dos folguedos em questão. Este mecanismo permite uma organização flexível e ampliação dos questionamentos à medida que as informações vão sendo fornecidas pelo entrevistado. Considerando tratar-se de um estudo qualitativo, a amostra não foi definida, ressaltando que a dimensão desta não é uma questão limitante dentro deste tipo de pesquisa. Contudo, foram entrevistados sujeitos de diversas idades, desde crianças até idosos, pois se trata de folguedos tradicionais e que preservam a herança pela transmissão da cultura dos mais velhos para os mais novos.

Documentação fotográfica: Guran (2012), considera a fotografia como ferramenta em potencial para o fazer pesquisar nas ciências humanas e sociais. Para o autor, a fotografia pode ser utilizada como ferramenta de descoberta e testemunho que apresenta algo para nos 'contar'. Por este pressuposto, a técnica de registro e levantamento fotográfico fez parte do rol de metodologias empregadas à concretização desta pesquisa

RESULTADOS

Acreditamos que os folguedos, dentro de suas singularidades desenvolvem uma relação topofílica com o lugar e uma das formas da manifestação desta relação é a partir da religiosidade expressa, entre outros, na louvação a São Benedito e Nossa Senhora do Rosário, sobretudo, por meio dos rituais da missa em louvação aos santos e a procissão em que diversos folguedos, juntamente com a comunidade e um publico diverso, envolvendo turistas e visitantes, seguem pelas principais ruas da cidade, saindo da igreja supracitada, tendo como ponto de chegada na igreja Matriz.

BIBLIOGRAFIA PARCIAL

GODOY, Arilda Schmidt. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, n. 13, 1995, p. 20-29; 57-63.

GIL FILHO, S. F. Geografia da Religião: reconstruções teóricas sob o idealismo crítico. In: KOZEL, S.; SILVA J. C.; GIL FILHO, S. F. (org.). **Da Percepção e Cognição à Representação:** Reconstruções Teóricas da Geografia Cultural e Humanista. 1 ed. São Paulo: Terceira Margem, 2007. p. 207-222.

<u>GURAN, Milton</u>. Documentação Fotográfica e Pesquisa Científica. Notas e **Reflexões**. Relatório de pesquisa. 2013.

Disponível em:

http://www.labhoi.uff.br/sites/default/files/doc foto pq.versao final 27 dez.p df, Acesso em 26 de agosto de 2015.

MERLEAU-PONTY. **Fenomenologia da Percepção**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

ROSENDAHL, Zeny. Espaço, cultura e religião: dimensões de análise. In: CORRÊA, Roberto Lobato e ROSENDAHL, Zeny. (Orgs.). **Introdução a Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. p. 187-224.

RELPH, Edward, Reflexões sobre a Emergência, Aspectos e Essência de Lugar. In. MARANDOLA, E Jr. HOLZER, W. OLIVEIRA, Lívia de. (org.). **Qual o espaço do lugar?** Geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2014.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. Trad. Lívia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2013. 248 p.

03-016-PAINEL

REPRESENTAÇÕES DO CENTENÁRIO DA DEVOÇÃO À N. SR.ª DE FÁTIMA (1917-2017) DOS ADOLESCENTES EM FORTALEZA — CE

Deborah Amorim Noberto Pinto/ Jéssica Mesquita Barbosa/ Marcos da Silva Rocha/ Edson Vinícius Gomes de Oliveira

INTRODUÇÃO

As manifestações da cultura do espaço vêm assumindo cada vez mais visibilidade dentro da agenda de pesquisas em Geografia Humana. Mais especificamente, uma Geografia da Religião vem se desenhando com maior intensidade nos últimos anos. Em acordo com Zeny Rosendah (2012) a Geografia da Religião, pode ser "entendida como o estudo da ação desempenhada pela motivação religiosa do homem em sua criação e sucessivas transformações espaciais." (p. 25).

Neste contexto, não são raros os estudos que centram sua análise nas devoções marianas e sua implicação espacial. As aparições marianas fazem parte



da história do catolicismo desde antes da Idade Média, como aponta a interessante cronologia exposta por Steil (2003) em seu texto intitulado *As aparições marianas na história recente do catolicismo* onde o autor irá destacar a importância do fenômeno para a irradiação do catolicismo e demonstrar que as aparições têm "densidade e força simbólica, que podem ser tomadas como *loci* privilegiado de compreensão e interpretação da religião no mundo contemporâneo" (STEIL, 2003, p. 22).

Na cidade de Fortaleza - CE, o Santuário de N. Sr.ª de Fátima datado da década de 1950 e com forte tradição na capital cearense se destaca em meio à cena urbana devido à diversos fatores, entre eles sua localização e as mudanças que este causa na rotina fortalezense a cada dia 13. O trânsito se congestiona, o comércio ambulante surge, a prefeitura tenta mediar e os fieis, na sua maioria, vestindo branco ou azul chegam aos montes ao Santuário disputando lugar com vendedores de água e acessórios religiosos num ritmo frenético, por vezes, encontramos as pessoas assistindo a missa do lado de fora da igreja devido à lotação.

PROBLEMATIZAÇÃO

No Santuário encontramos um perfil de fiel não muito diversificado, na sua grande maioria mulheres com idades em torno de quarenta a sessenta anos. A presença de jovens é pequena, muita vezes estes encontram-se na condição de acompanhantes. Reside então neste apontamento o questionamento central da pesquisa que aqui se desenha: quais as representações sociais dos adolescentes frente ao Centenário (1917-2017) da Devoção à N. Sr.ª de Fátima na cidade de Fortaleza? Diante da questão central, outros questionamentos tornam-se fundamentais: há estratégias do Santuário para atrair também o público jovem? Como diferentes grupos de jovens, religiosos ou não, universitários ou não, comportam-se frente à dinâmica do Santuário metropolitano?

O escopo fundamental desta pesquisa reside na busca de compreender as representações do Centenário da devoção à N. Sr.ª de Fátima na cidade de Fortaleza – CE, de públicos distintos grupos de adolescentes da capital.

METODOLOGIA

A presente pesquisa contou inicialmente com uma revisão bibliográfica acerca de temas fundamentais para o aporte teórico-metodológico pautada no método fenomenológico. As contribuições de Rosendahl (1996),

Claval (2001), Eliade (1992) e Gil Filho (2001) foram fundamentais na construção de um objeto de pesquisa que se assenta na Geografia das Religiões.

A devoção à Nossa Senhora de Fátima em Fortaleza se torna ainda mais evidente nos dias 13 de cada mês, quando são realizadas missas durante todo o dia no santuário dedicado à ela. Desta forma, foram feitas visitas sistemáticas à mesma, pois pesquisa de campo é aquela utilizada com o objetivo de conseguir informações e/ou conhecimentos acerca de um problema (MARCONI & LAKATOS, 2003).

O sujeito a ser investigado na presente pesquisa é o jovem que frequenta o Santuário. Nosso foco se dá mais particularmente neste público, pois sua presença é incomum neste tipo de ritual onde predominam devotos adultos e idosos. As informações preliminares colhidas nos trabalhos de campo se deram através de conversas informais (entrevistas semi-estruturadas) com os devotos, observação de camisas que estampavam as suas congregações e informações cedidas por pessoas que trabalham na organização do evento mensal.

A escolha desse público se deu justamente por serem pouco vistos, para que pudéssemos discutir as razões de serem distantes dos âmbitos religiosos, mesmo sendo de forte tradição, principalmente nos bairro e seus arredores. Dessa forma, podemos introduzir, mesmo que minimamente, um discussão da falta de interesse na Igreja de forma geral: suas causas e consequências.

Na busca de entender a subjetividade dos jovens frente ao Centenário da Devoção à N. Sr.ª de Fátima em Fortaleza e o sentido das relações presentes nas manifestações religiosas e culturais, utilizaremos como aporte metodológico a Teoria das Representações Sociais, teorizada por Moscovici (2011) e Sá (1998), que podemos compreender como sendo relações construídas e socializadas por intermédio do processo comunicacional, uma relação que também é de interlocucão.

RESULTADOS PRELIMINARES

Diante das observações que foram feitas nas visitas ao campo foi possível notar que a Av. 13 de Maio e o seus arredores deixam evidenciadas na paisagem urbana de Fortaleza o quanto são influenciadas pela dinâmica religiosa, os seus comércios e as suas residências possuem uma forte presença da imagem de N. Sraª de Fátima, o maior exemplo dessa influência é a estátua de 15 metros que foi inaugurada no ano de 2008 em homenagem à santa.

Os santuários são polos de atração de fiéis, diferentes motivações levam os devotos para o Santuário de N. Srª de Fátima, principalmente para



agradecer as graças alcançadas, essas em sua maioria referentes a problemas de saúde e com vícios. O santuário se mostra como um local de fortalecimento e renovação da fé, como bem evidencia Santos (2008) "um santuário distingue-se de outros lugares religiosos por se reconhecer que aí está presente um grau mais elevado de sacralidade, independente da forma que esta manifeste." (p.81)

Uma abordagem significativa para o aprofundamento da questão é o que levam os jovens a frequentarem o Santuário. Como exposto anteriormente, há pouco contingente de jovens presentes nas celebrações, principalmente marcadas pelas datas do dia 13. Durante a visitação e entrevista aos presentes, podemos observar que existem jovens acompanhados de seus parentes, pais na maioria dos casos, onde são "frutos" de promessas que foram cumpridas. Conseguimos observar também que nas histórias envolvendo doenças foram citados milagres realizados, desta forma muitas crianças receberam o nome da santa como forma de agradecimento. Também foi notado que os jovens presentes nas celebrações são ligados a paróquias localizadas em outros bairros. Visto que estes são uma representatividade muito pequena diante a todos presentes nestas grandes celebrações, pois a ligação desta faixa etária ao compromisso com a fé se deu por motivação pessoal ou disseminação forte da devoção de forma hereditária. Neste contexto que observamos a relação dos jovens com a sua fé e a situação atual da presença destes nas celebrações é algo que pode estar ligado a motivações pessoais, mas que elas são ligadas a diversos fatores que procuramos compreender nesta pesquisa.

BIBLIOGRAFIA PARCIAL

CLAVAL, Paul. "O papel da nova geografia cultural na compreensão da ação humana". In: ROZENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (orgs.). **Matrizes da geografia cultural**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**: a essência das religiões. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

GIL FILHO, Sylvio F. & GIL, A. H. C. "Identidade religiosa e Territorialidade do sagrado: Notas para uma Teoria do Fato Religioso". In: ROZENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (orgs.). **Religião, identidade e território**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MOSCOVICI, Sergi. Representações Sociais: investigações em psicologia social.

Tradução: Pedrinho A, Guareschi. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

ROSENDAHL, ZENY. HISTÓRIA, TEORIA E MÉTODO EM GEOGRAFIA DA

RELIGIÃO. ESPAÇO E CULTURA, UERJ, RJ, N. 31, P.24-39, JAN./JUN. DE 2012.

Disponível em: http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/. Acesso em: 13 de agosto de 2016.

ROZENDAHL, Zeny. **Espaço & Religião**: uma abordagem geográfica. Rio de Janeiro: UERJ, NEPEC, 1996.

SÁ, Celso Pereira de. **A Construção do Objeto de Pesquisa em Representações Sociais.** Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998

SANTOS, Maria da Graça Mouga Poças. Os Santuários como lugares de construção do sagrado e de memória hierofânica: Esboço de uma tipologia. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (orgs). **Espaço e Cultura:**

Pluralidade temática. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008. p.79-104.

STEIL, Carlos Alberto; MARIZ, Cecília Loreto; REESINK, Mísia Lins. **Maria entre os vivos**. Reflexões teóricas e etnografias sobre aparições marianas no Brasil. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

03-017-PAINEL

GEOGRÁFICA: A leitura do espaço natural como imaginação autocriadora

Christian Dennys Monteiro de Oliveira / Juliana Oliveira Andrade

INTRODUÇÃO

O presente estudo propõe estabelecer uma amarração preliminar das investigações que vimos desenvolvendo faz três anos no híbrido campo das representações espaciais do patrimônio religioso. Parte do pressuposto epistêmico – originalmente traçado pela abordagem intersubjetiva de Eric Dardel (2011 [1952]) – de que a compreensão do espaço geográfico, na contemporaneidade é demandante de uma confiança rigorosa nos sistemas míticos de conhecimento. Sistemas esses que fomentaram os estudos de mitologia comparada (CAMPBELL, 1990; ELIADE, 2002, ROCHA, 1999) nas formas de alargamento e generalização de sistemas espaços-temporais aplicáveis à escala mundial (irradiação cultural, globalização, mundialização, etc.).

Se de um lado, a teoria das retificações científicas composta, no início do século XX (anos 1920-1950) por Gaston Bachelard (1984-1962), indicou os caminhos da imaginação criadora para a renovação do conhecimento, na



contrapartida, a virada do milênio, pela radicalização impositiva e mercantil dos valores estéticos (LIPOVETSKY; SERROY, 2015) fez refluir tais avanços à infinitos níveis de obstáculos. O novo espírito científico da autocrítica bachelardiana, na prática hipermoderna do presente sucumbiu à esfera polarizadora de uma religiosidade infantil. Tão avessa à Religião quanto reduzida a seus maniqueísmos. Por isso o chamamos aqui de Espírito Hiporeligioso da Hipermodernidade Geográfica. O estudo visa justamente decodificá-lo em suas formas de emergência social (militâncias, lutas partidárias, adesões), em um primeiro momento de identificação do sujeito-objeto espacial de análise. Aqui traçamos paralelos entre o fazer científico materializado nos obstáculos epistemológicos (unidade, substância, etc.) e as crenças de antagonismo entre o nosso "bem" e o "mal" dos outros.

Posteriormente, desenha-se uma dupla demonstração dos limites dessa religiosidade antirreligiosa. As grandes as bandeiras da hipermodernidade, sempre marcadas pela vida geográfica em combate conforme Lacoste (2001) – ou a guerra perpétua, nas palavras de Oreste Tolone (2011) – assume uma estética apocalíptica. E as ciências humanas reescrevem, no espetáculo das políticas e das mídias, o livro das revelações. É o momento em que podemos rever a análise vetorial (OLIVEIRAS, 2012) na interpretação dos humanismos demoníacos (secularismo, ateísmo, niilismo), mas especialmente do paganismo, em suas múltiplas versões de defesa da diversidade absoluta. Na finalização, buscamos considerar a imaginação autocriadora como um vetor invertido. Incapaz de atualizar os espaços simbólicos como campos de tolerância e pluralismo religioso. Justamente por travestir-se de laicidade antirreligiosa, enquanto impõe monólogos de um Espírito Hiporreligioso.

PROBLEMATIZAÇÃO

Discursos acadêmicos, enraizados no fazer científico, que diversas áreas de pesquisa veiculam para dar continuidade ou reinaugurar campos de investigação, jamais abandonaram a tradição sacerdotal do império católico. A mãe da universidade ocidental permanece sendo a instituição eclesial e suas variações modelares do saber formal: monastérios, abadias, catedrais (AQUINO, 2008). Em que medida, portanto, os exercícios recorrentes de "afirmação" da Modernidade em seus múltiplos humanismos podem ser representados como um sistema religioso ainda mais complexo? Gutierrez Martínez (2011) direciona uma possível resposta esboçada na lógica vetorial mítico-religiosa que veste de cristalina fé os grandes desafios positivos dos tempos modernos: progresso,

desenvolvimento, sustentabilidade, direitos do homem, democracia. Tendo em vista a forte natureza espacial de todos esses grandes mitos hegemônicos, podese filiar escalas geográficas de raciocínio à crença de que a pesquisa científica não abre mão de uma catequese sutil.

Cada avanço da Ciência em geral, e dos estudos geográficos em específico (CLAVAL, 2011) contribui para a construção de "um mundo melhor"; ao menos imaginado (MALRIEU, 1996). Linguagem sistêmica reinante para ao limiar do sec. XXI dizermos, com outras palavras, como se implanta o "Reino dos Céus na Terra". Já é possível ler uma perfeita sintonia de pensares geográficos e teológicos, quando traçamos paralelos entre "outra globalização possível e necessária" conforme o geógrafo Milton Santos (2001) e os cuidados ecumênicos e ecossistêmicos com nossa Casa Comum, na encíclica Laudato Si (ICAR, 2015) do líder máximo do catolicismo, Papa Francisco. Tal convergência de saídas da modernidade opressiva, especialmente no contexto latino-americano reforça a positividade das hibridações culturais entre campos científicos e religiosos (GARCÍA CANCLINI, 2003). É justamente esse contexto de "extremo ocidente cristão" que desenha a problemática central do estudo: Como capturar, no maniqueísmo das formas diabólicas (bem X mal) ou deterministas (causa X efeito) do discurso secular da hipermodernidade, uma evidente imagem de religiosidade latente? Ou como se preferiu nomear, como ler um "espírito hiporreligioso", no discurso da ciência geográfica, em suas produções e eventos científicos?

METODOLOGIA

Partindo do objetivo central do trabalho – que vem a ser a caracterização de elementos discursivos associados diretamente às formas representativas de maniqueísmo e determinismo – considerou-se aqui indispensável trabalhar com uma metodologia predominantemente qualitativa e exploratória. O estudo reuniu trabalhos publicados ao longo do ano de 2015 e apoiou-se em uma seleção não estatística de amostras discursivas, sobre questões político-culturais, territoriais e ambientais. Foram selecionados periódicos científicos (Revista Brasileira de Geografia Física, Revista Brasileira de Geografia e Revista Geousp) e eventos nacionais e internacionais da área (Conferência da Terra, Simpósio Brasileiro de Geografia Física Aplicada e Encontro da Associação Nacional da Pesquisa e Pós-Graduação em Geografia), considerando a produção do ano de 2015 como referência atualizada.

Neste conjunto amostral, procurou-se observar, com atenção seletiva, a consistência das considerações finais dos trabalhos produzidos nesse ano. O foco



era encontrar a presença/ausência dos fatores indicativos da vitimização da natureza. De um lado, na causa/efeito nos processos de alteração do espaço natural atribuídos à responsabilidade humana (ou sociocultural do sistema) prioritariamente. O que denotava, por outro lado, conceituação maniqueísta da explicação dos eventos, em direta sugestão de que a ostensiva presença humana propicia um diabólico desequilíbrio geoambiental. A ideia foi coletar cinco trabalhos de cada uma dessas fontes amostrais. Contudo, foram dos eventos e não das revistas que obtivemos o maior êxito para tecer a imaginação autocriadora como forma emergente do que se reconhece aqui como espírito hiporeligioso.

RESULTADOS

O estudo revelou preliminarmente que o destaque aos processos deterministas, capazes de superestimar as causas humana no avanço das formas de desequilíbrio e degradação dos ambientes (espaços naturais), são mais largamente expressos do que as explicações de caráter maniqueísta. Estas por sua vez transparecem em trabalhos fortemente ligados às análises de geografia política, regional e econômica com interface ambiental. O que torna a demanda pela continuidade desse tipo de investigação, ao mesmo tempo empírica (considerando a latência dos eventos) e documental (observando sua intensa produção editorial), uma relevante tática de demonstração de um diálogo entre religiosidade e ciência geográfica. Um diálogo, contudo, desenhado pelo uso sutil (ou por não dizer "silenciosos") de instâncias devocionais de argumentação e convencimento; mesmo que motorizado pela estética radical de racionalismo aparentemente antirreligioso.

BIBLIOGRAFIA PARCIAL

AQUINO, Felipe. Uma História que não é contada. São Paulo: Cleófas, 2008 BACHELARD, G. A Formação do Espírito Científico. São Paulo, Contraponto, 2004. CAMPBELL, Joseph. O poder do mito. São Paulo: Palas Athena, 1990.

CLAVAL, Paul. Epistemologia da Geografia. Florianópolis: Editora UFSC, 2011. ELIADE, Mircea. Mito e realidade. São Paulo: Perspectiva, 2002.

GARCÍA CANCLINI, Nestor, Culturas Híbridas – Estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: Edusp, 2003.

GUTIÉRREZ MARTÍNEZ. Daniel. Religiosidades y creencias contemporáneas: diversidades de lo simbólico en el mundo actual de Gutiérrez Martínez, D. (coord) Revista del Centro de Investigación. Universidad La Salle, vol. 9, núm. 36, juliodiciembre, 2011, pp.135-136 Universidad La Salle. Distrito Federal, México.

ICAR. Papa (2013 -: Francisco). Carta Encíclica Laudato Si: sobre o cuidado da casa comum. São Paulo: Paulinas, 2015.

LACOSTE, Yves. A Geografia serve, isto em primeiro lugar, para fazer a guerra. São Paulo: Papirus, 2001.

LIPOVETSKY, G.; SERROY, J. A estetização do Mundo, Viver na era do Capitalismo Artista. São Paulo, Companhia das Letras. 2015.

MALRIEU, Philippe. A construção do Imaginário. Lisboa. Inst. Piaget, 1996.

OLIVEIRA, C. D. M. de. Caminhos da Festa ao Patrimônio Geoeducacional: Como educar sem encenar Geografia? Fortaleza: Editora da UFC, 2012.

ROCHA, Everardo. O que é mito. São Paulo: Brasiliense, 1999.

SANTOS, Milton. Por uma outra globalização. Do pensamento único à consciência Universal. Rio de Janeiro: Record, 2001.

TOLONE, Oreste. Filosofia da Religião. No pensamento de Bernhard Welte. Aparecida-SP: Editora Ideias & Letras, 2011

FONTES ONLINE SELECIONADAS PARA O ESTUDO

GEOUSP http://www.geografia.fflch.usp.br/publicacoes/Geousp/

RBG http://rbg.ibge.gov.br/index.php/rbg/index

RBGF http://www.revista.ufpe.br/rbgfe/index.php/revista

Conferência da Terra http://www.conferenciadaterra.com/#!o-congresso/as222

Simpósio de Geografia Física Aplicada http://www.sbgfa.ggf.br/2015/

Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Geografia — ENANPEGE http://www.enanpege.ggf.br/2015/anais/

03-018-PAINEL

TER(RITO)RIALIDADES RELIGIOSAS: PLURALISMO E INTOLERÂNCIA RELIGIOSA NOS CENTROS DEVOCIONAIS DO CATOLICISMO CEARENSE

Marcos da Silva Rocha/ Christian Dennys Monteiro de Oliveira

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa encontra seu ponto focal de análise dentro do campo da Geografia Cultural, especificamente apoiando-se em pressupostos e teorias que fundamentam o desenvolvimento de uma Geografia que tem no viés religioso da sociedade e dos indivíduos um suporte de leitura social. A Geografia da Religião tem atraído um número cada vez maior de pesquisadores nas últimas décadas, isto é, as dinâmicas simbólicas estão fortalecendo sua presença (já bem estruturada) nas análises das ciências sociais, inclusive da ciência geográfica, uma



vez que a religião é, em consonância com o dizer de Sahr (2001, p.57), "uma interpretação do mundo" e esta "representa uma forma de conhecimento".

O olhar geográfico sobre as religiões, a religiosidade, os sujeitos religiosos e as ideologias presentes nos discursos religiosos permite, através da abordagem cultural em Geografia, obter interpretações da sociedade e dos indivíduos que não enfoquem a tradicional triangulação entre sociedade, natureza e relações de produção e de trabalho. Deste modo, podemos dar visibilidade à esfera cultural – e também religiosa – dos agrupamentos humanos, que por muito tempo fora negligenciada, pois a análise das dinâmicas culturais e religiosas da sociedade permite também compreender as relações de poder existentes nesta.

PROBLEMATIZAÇÃO

O enfoque nas relações de poder ajuda-nos a compreender como se articulam múltiplos territórios dentro da perspectiva proposta por Haesbaert (2004), pois havendo demarcações de tempo e espaço entre os grupos religiosos, poderemos situar na discussão a questão da organização territorial e das multiterritorialidades. A demarcação territorial entre estes grupos é uma constante, e estes se articulam em estratégias comunicacionais, publicitário-midiáticas, ritualísticas e festivas (OLIVEIRA; ARAÚJO; TAVARES, 2015) que caminham entre o sagrado e o profano objetivando uma demarcação dos seus territórios em relação a outros (HAESBAERT, 2004). Podemos dizer que a presente investigação proposta no campo da Geografia da Religião nos evidencia que a diversidade das religiões reflete o quanto a própria construção e organização do espaço, por sua vez, é diversificada (SAHR, 2001, p. 57).

A formulação do presente objeto — a territorialização religiosa e os desafios ético-políticos em municípios de forte tradicional devocional do estado do Ceará — visa dar continuidade as pesquisas anteriores cujos enfoques propostos na investigação eram os vetores comunicacionais, festivos e turísticos dos municípios-santuários do estado do Ceará.

Diante desta, levantamos uma questão tanto norteadora quanto provocativa: como se dá a apropriação do tempo e do espaço por esses grupos e indivíduos dentro dos eventos municipais majoritariamente católicos? Por extensão e em concordância, faz-se necessário indagar: como os grupos e indivíduos não católicos — umbandistas, candomblecistas, evangélicos, espíritas, entre outros — dos municípios retrocitados lidam com as manifestações e representações da fé católica elegida a promoção oficial? Como Fortaleza,

Canindé e Juazeiro do Norte, que expandiram suas políticas culturais em torno da tradição das romarias do catolicismo popular lidam com a expansão e os direitos socioterritoriais das confissões e religiões não católicas? De que modo se estabelecem os processos de territorialização dentro desses polos de irradiação devocional do catolicismo?

METODOLOGIA

As contribuições de Eliade (1992; 2000) para discutirmos a questão do tempo serão fundamentais, pois os grandes (e pequenos) eventos e rituais do catolicismo — parte da investigação proposta — têm no "tempo sagrado" uma forma de demarcação de territórios, pois de acordo com o autor: "todo espaço sagrado implica uma hierofania, uma irrupção do sagrado que tem como resultado **destacar um território** do meio cósmico que o envolve e o torna qualitativamente diferente" (ELIADE, 1992, p. 20, grifo nosso).

Com base nos caminhos metodológicos da fenomenologia, enquanto método de investigação científica, que a presente pesquisa busca fundamentar-se para captura, análise e interpretação da realidade geográfica. Dialogando com a Geografia fenomenológica de Eric Dardel pretendemos construir uma metodologia de trabalho substancialmente qualitativa que auxilie na compreensão da dimensão da geograficidade (DARDEL, 2011), as relações fundamentais que os sujeitos estabelecem com o meio e com o outro — a relação dos Homens e a Terra.

Na presente pesquisa, utilizar-nos-emos dos conceitos de território, territorialização e territorialidade religiosa presentes nas obras de Rozendahl (1996; 2001; 2005), Haesbeart (2004), Silva & Oliveira (2010) e Claval (2013) a fim de construir uma discussão a respeito da dinâmica religiosa e simbólica na estruturação de territórios nas cidades elencadas como *lócus* da pesquisa.

Em acordo com levantamento teórico-metodológico, o acompanhamento em campo das manifestações religiosas nos períodos festivos é peça indispensável da pesquisa. A realização de entrevistas semi-estruturas e aplicação de questionários com representantes e praticantes das diversas confissões religiosas (e não religiosas) e com representantes dos poderes seculares dos municípios é outro passo a ser realizado em campo juntamente com registro fotográfico e audiovisual dos acontecimentos potencialmente geradores de um debate posterior.

RESULTADOS PARCIAIS



Resultados já obtidos na cidade de Fortaleza nas investigações supracitadas nos fornecem suporte para ampliar a investigação tendo na capital do estado do Ceará um referencial na questão da tolerância religiosa dentro dos chamados "eventos do catolicismo oficial". Trabalhos de campo realizados no dia da padroeira da cidade de Fortaleza, Nossa Senhora de Assunção em 15 de agosto, nos permitem perceber como são demarcados os territórios das diversas confissões religiosas na cidade de Fortaleza e como o sincretismo religioso está presente nas manifestações. Ao mesmo tempo em que acontece a *Caminhada com Maria* temos os festejos de Iemanjá sendo realizados na Praia de Iracema e Praia do Futuro.

É válido destacar, contudo, que a *Caminhada com Maria* foi declarada patrimônio cultural imaterial do Brasil, tendo sido tombada pelo Decreto de Lei do Congresso Nacional Nº 13.130 (BRASIL, 2015) que reconhece as manifestações religiosas como "forma de expressão do patrimônio histórico-cultural-religioso brasileiro". Enquanto a festa de Iemanjá, mesmo tendo uma tradição de meio século na cidade de Fortaleza ainda passa pelo processo oficial de patrimonialização.

BIBLIOGRAFIA PRELIMINAR

BRASIL. LEI Nº 13.130, DE 3 DE JUNHO DE 2015. Declara a Caminhada com Maria Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**. Brasília, DF, 5 jun. 2015. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13130.htm. Acesso em: 4 mar. 2015.

CLAVAL, Paul. "O papel da nova geografia cultural na compreensão da ação humana". In: ROZENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (orgs.). **Matrizes da geografia cultural**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

DARDEL, Eric. **O Homem e a Terra**: natureza da realidade geográfica. São Paulo: Perspectiva, 2011.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**: a essência das religiões. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

_____. **O mito do eterno retorno**. Lisboa: Edições 70, 2000.

HAESBAERT, Rogério. **Dos múltiplos territórios à multiterritorialidade**. Porto Alegre, 2004. Disponível em: http://www6.ufrgs.br/petgea/Artigo/rh.pdf>. Acesso em: 11 jan. 2016.

OLIVEIRA, Christian. D. M. de; ARAÚJO, João. F. M.; TAVARES, Kelly dos S. PATRIMÔNIO GEOEDUCACIONAL NA FORMAÇÃO SIMBÓLICA DE MUNICÍPIOS-SANTUÁRIOS NA AMÉRICA DO SUL. Geosaberes, Fortaleza, v. 6, número especial (3), p. 54 - 71, Fevereiro. 2016.

ROZENDAHL, Zeny. **Espaço & Religião**: uma abordagem geográfica. Rio de Janeiro: UERJ, NEPEC, 1996.

_____. "Espaço, política e religião". In: ROZENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (orgs.). **Religião, identidade e território**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

_____. **TERRITÓRIO E TERRITORIALIDADE**: UMA PERSPECTIVA GEOGRÁFICA PARA O ESTUDO DA RELIGIÃO. São Paulo: Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina (USP), 2005. Disponível em: <>. Acesso em 11 de janeiro de 2016.

SAHR, Wolf Dietrich. "O mundo de São Jorge e Ogum: contribuição para uma geografia da religiosidade sincrética". In: ROZENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (orgs.). Religião, identidade e território. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001. SILVA, Raphael Teixeira da; OLIVEIRA, Christian. D. M. de. DIMENSÕES DA TERRITORIALIDADE SIMBÓLICA NA METRÓPOLE CONTEMPORÂNEA PARA O ESTABELECIMENTO DE UMA GEOEDUCAÇÃO. Seminário Nacional de Governança Urbana e Desenvolvimento metropolitano. Natal, 2010. Disponível em: http://www.cchla.ufrn.br/seminariogovernanca/cdrom/ST9_Raphael.pdf>. Acesso em: 12 jan. 2016.



EIXO OESTE / SETOR 4 – CORPOREIDADES

04 - 001 - Oral

GEOGRAFIA DAS SEXUALIDADES: INTERFACE ENTRE GÊNERO, PROSTITUIÇÃO E IDENTIDADE

Maria Consuêlo Moreira/ Maria das Graças Silva Nascimento Silva

Introdução

A construção de uma perspectiva científica sob os moldes de uma abordagem inovadora, como é o caso dos estudos de gênero e sexualidades a partir da análise espacial, é um desafio constante no âmbito da ciência geográfica. Desta maneira Silva (2005, p.187) afirma que isso possível, pois

Para a abordagem do espaço partindo da perspectiva de gênero, a Geografia deve levar em consideração seu dinamismo, pois ele tanto constrói quanto é construído pelas experiências e vivências cotidianas espaciais a partir de representações. Estas são fundadas em uma ordem socioespacial específica e, portanto, envolvem tempo, espaço e escala. Dessa forma, compreende-se que a construção de gênero abarca tanto pressões de contexto quanto escolhas individuais.

A geografia das sexualidades tem possibilitado o desenvolvimento de maiores produções acadêmicas voltados para os estudos da sexualidade na prática da investigação geográfica, como as investigações acerca da atividade da prostituição. Mesmo que ainda tenhamos que confrontar constantemente com o saber hegemônico, é preciso que se dê continuidade aos saberes "marginais", no intuito de proporcionar a visibilidade a determinados sujeitos sociais marcados por estigmas e preconceitos, como é o caso das profissionais do sexo.

A prostituição, por se constituir de uma prática espacial e temporal, mantém uma inter-relação com a dinâmica organizacional nos espaços onde esta se desenvolve, portanto, dentro da ciência geográfica é um componente da organização espacial, através da materialização dos territórios, bem como pelas experiências vivenciadas espacialmente dos seus sujeitos sociais, as prostitutas. De acordo com Ribeiro (2011, p. 13),

Para a geografia, a prostituição, por meio de seus atores sociais — prostitutas — é um dos componentes da organização/reorganização do espaço, materializando territórios com suas territorialidades e seus significados. Por isso, torna-se tema relevante no âmbito geográfico, procurando compreender parte da dinâmica de apropriação

do espaço urbano pelos diferentes segmentos da prostituição [...].

A prostituição é vista como uma atividade reprovável socialmente pois rompe com os modelos e padrões de gênero e sexualidade instituídos às mulheres ao longo do tempo. A marginalização e a condenação a qual são submetidas às mulheres que se prostituem, são reforçadas quando levamos em consideração as questões das desigualdades de gênero vigentes em nossa sociedade. A construção dos papéis sociais são pré-estabelecidos e legitimam as relações desiguais de gênero. A recusa em seguir tais papéis, condiciona às prostitutas a serem vistas como sujeitos estigmatizados, seja nos espaços públicos ou privados. Mattos (2009, p. 174) acredita que "o estigma social contra a prostituta expresse, de modo aberto porque estigmatizado, toda uma violência simbólica dirigida, de modo velado e nunca admitido, às mulheres como um todo".

Desse modo, a presente proposta tem por objetivo apresentar reflexões acerca do fenômeno da prostituição sob a perspectiva da ciência geográfica, procurando fazer uma interface entre gênero, prostituição e identidade.

Problematização

Para a educadora e antropóloga Dolores Juliano, manter os modelos estabelecidos pela ideologia dominante reduz os conflitos sociais, evitando assim o surgimento de pequenos problemas. Porém, para aqueles que se distanciam e transgridem esses modelos e condutas estão sujeitos a castigos e sanções. A prostituição, por exemplo, representa um setor especialmente desvalorizado, visto se tratar de uma prática social onde as mulheres transgridem seu papel de gênero. Desta maneira, a mesma acredita que o trabalho sexual "é o setor com maior carga de estigma social, pois se relacionam a uma conduta na qual a sexualidade é algo que se vende, não algo que se presenteia e que está ligada ao cuidado" (PRZYBYSZ, 2016, p. 159). Assim, vê-se que a sexualidade voltada a fins comerciais é estigmatizada, desvalorizando quem as pratica.

Desta maneira, pela pressão exercida sobre as pessoas estigmatizadas, busca-se persuadir as demais a agir conforme a norma, evitando que infrinjam os modelos vigentes, o que teria como pena o rechaço social reservado às "mulheres desviantes". A participação escassa ou marginal das mulheres no mercado de trabalho ou o não reconhecimento de sua atividade como digna se coloca a todas como um obstáculo para que adquiram direitos e deveres (BARRETO, 2008).



O universo da prostituição feminina é bastante complexo e diverso, onde a própria construção de uma identidade das mulheres que exercem as práticas prostitucionais também mostram-se de forma multifacetada, onde seus sujeitos não se apresentam de maneira homogênea, havendo distinções umas das outras sob vários aspectos. Louro (1997, p. 24-27) compreende "os sujeitos como tendo identidades plurais, múltiplas; identidades que se transformam, que não são fixas ou permanentes, que podem, até mesmo, ser contraditórias [...]. As identidades estão sempre se constituindo, elas são instáveis e, portanto, passíveis de transformação".

Metodologia

O presente trabalho resultou de uma pesquisa de mestrado realizada com mulheres que trabalham com serviços sexuais na cidade de Vilhena, Rondônia. Foram realizadas com as mesmas entrevistas semi-estruturadas, onde se buscou analisar os fragmentos das entrevistas em que as mesmas descreviam a respeito das suas identidades enquanto profissionais do sexo. Assim, No intuito de compreender como esse processo identitário se dá entre as profissionais do sexo, foi perguntado durante a entrevista o que é era ser uma prostituta para ela e como a mesma se identificava, se era como uma garota de programa, uma profissional do sexo, uma trabalhadora do sexo, uma prostituta, ou outro termo. **Resultados (finais ou parciais)**

O termo profissionais do sexo, conforme falas das entrevistadas, expressa uma conotação relacionada ao trabalho, mesmo que no contexto brasileiro seja considerado como uma prática profissional informal. É importante salientar também que ao relacionarem suas práticas sexuais enquanto algo profissional, buscam desse modo evidenciar que as suas identidades não estão propriamente relacionadas a prostituição, no sentido de que esta prática referese a uma atividade com fins lucrativos. Isto posto, "A ocupação é vista como parte da vida das pessoas e não como única atividade definidora de sua identidade" (Kempadoo, 1998, apud Barreto, 2008, p.70). Para as entrevistadas, há uma expressiva separação entre o que ela faz, ou seja trabalhar com serviços sexuais, e sua identidade fora da atividade.

Bibliografia selecionada

BARRETO, L.C. Prostituição, gênero e sexualidade: hierarquias sociais e enfrentamentos no contexto de Belo Horizonte. 2008, 154 f. Dissertação

(Mestrado em Psicologia). Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, Minas Gerais. 2008.

LOURO, G.L. Gênero, sexualidade e educação. Uma perspectiva pósestruturalista. Petrópolis, ed. Vozes, 6ª edição, 1997, p. 179.

MATTOS, P. A dor e o estigma da puta pobre. In: SOUZA, J. (org.). Ralé brasileira quem é e como vive. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2009, p. 173-202.

PRZYBYSZ, j. Mulheres Especialmente Marginalizadas: Uma Entrevista com Dolores Juliano. Revista Latino-americana de Geografia e Gênero, Ponta Grossa, v. 7, n. 1, p. 155 - 165, jan. / jul. 2016.

RIBEIRO, M.A.; OLIVEIRA, R.S. Território, sexo e prazer. Olhares sobre o fenômeno da prostituição na Geografia brasileira. Rio de Janeiro: Gramma, 2011, p.210.

SILVA, J.M. Análise do espaço sob a perspectiva do gênero: um desafio para a Geografia cultural brasileira. In ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R.L. (Orgs.). Geografia: Temas sobre cultura e espaço. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2005, p.173-189.

04 - 003 - Oral

RELAÇÕES DE GÊNERO E PODER EM COMUNIDADES TRADICIONAIS: AS MULHERES RIBEIRINHAS DO DISTRITO DE NAZARÉ-RO.

Tainá Trindade Pinheiro / Kelyany Oliveira Castro de Góes Maria das Graças Silva Nascimento Silva

A presente pesquisa aborda a contextualização dos espaços ocupados pelas mulheres e as relações de poder estabelecidos social e culturalmente. Dessa forma partiu-se de uma análise quanto aos fatores que permitem quebras dos paradigmas que limitam as mulheres de seu empoderamento e visibilidade no espaço rural e ribeirinho do Distrito de Nazaré que está localizado a jusante a cidade de Porto Velho a cerca de 120 km aproximadamente. Trata-se de um assentamento que delimita um território onde homens e mulheres lutam pela conquista de seus espaços de cidadania.

Nessa perspectiva, objetivamos assim, analisar as questões atuais no que se refere às relações de poderes entre homens e mulheres no âmbito familiar, político e social que vem contribuindo para o empoderamento das mulheres ribeirinhas de Nazaré.

Apontamos como alvo a ser alcançado um dos principais assuntos que por tempos se faz indiferente às mulheres, principalmente as do meio rural: a ideia de "empoderamento" que surge como forma de acrescentar a autonomia dessas



mulheres que buscam as suas conquistas. Quanto a esse conceito entendemos ainda que:

O empoderamento feminino na dimensão social e na dimensão política se concentra na capacidade das mulheres para mudar e questionar sua submissão em todas as instâncias em que ela se manifesta, assim como na ampliação de sua participação em instâncias de poder social. (NASCIMENTO SILVA, 2011).

A maneira como essas relações são demonstradas modificam a forma como esse novo espaço pode ser percebido, dependendo de como o pesquisador se situa e analisa tal fenômeno a atender os objetivos da sua pesquisa.

É certo dizer que a mulher enquanto cidadã não tinha em décadas passadas nenhuma autonomia sobre papeis sociais, nem no seu próprio lar, permanecendo então a figura masculina como autor e co-autor de todos os papéis públicos e sociais. Graças a capacidade da mulher em se despertar, reconhecendo perante ela mesma a sua dignidade e reagindo ao descaso da sociedade para com ela, pôde ser possível que novos horizontes surgissem, trazendo novas perspectivas e discussões sobre igualdade de gênero.

Vivenciamos na sociedade espaços diferenciados, seja no publico ou no privado, por muito tempo como já foi discutido, a mulher permanecia limitada ao privado, com papel destinado ao lar e as tarefas domésticas. Assim o espaço público era de domínio e predominante usufruto dos homens, os quais afirmavam serem os únicos capazes de ocupa-lo de fato, justamente pela questão do gênero. Atualmente após várias etapas de lutas e reivindicações alcançadas pelas mulheres, é possível observar e sentir uma tendência de mudança embora longe ainda de uma vivência de equidade de gênero e igualdade de oportunidades entre homens e mulheres.

O método escolhido nessa pesquisa, objetiva um contado direto com os sujeitos, a fim de compreender as sutilezas marcadas pelo seu modo de vida, representações sociais e culturais construídas. Para tanto faremos uso do método fenomenológico. Tal método nos permite ouvir o outro de modo a valorizar sua narrativa, nos possibilita aproximarmos das mulheres no interesse de interagir, perceber e compreender as mesmas nesse processo de empoderamento.

Ao tratar como a mulher ribeirinha se apropria dos espaços dentro da comunidade de Nazaré, foram identificados considerando os espaços públicos referentes a posições políticas e de autonomia, enquanto que os privados foram considerados os espaços não visibilizados. Os estudos da ocupação de gênero

nesses espaços permite-nos compreender o processo de empoderamento dessa mulher. Tratar de empoderamento é considerar uma construção continua das relações sociais, pois acontece de forma construtiva, ocorrendo no mínimo entre três planos sobrepostos: a autonomia econômico-material que se expressa na redistribuição, a autonomia simbólico-cultural que se expressa no âmbito do reconhecimento e, finalmente, a autonomia político-representativo, aquela que se expressa na inclusão democrática e paritária. MATOS, 2010.

Foi possível verificar com a pesquisa que a mulher ribeirinha moradora de Nazaré encontra-se em um momento em que se busca a minimização das desvantagens de ocupação desses espaços, logo é certo dizer que para a construção e aprimoramento do empoderamento, é necessário o desprender de uma submissão para inicio de uma autonomia e independência ao outro.

O envolvimento crescente dessas mulheres nas variadas atividades da comunidade vem trazendo ainda que lentamente um desprender emocional e aprimorando essas relações, onde essa mulher se ocupa de forma a ser valorizada e por sua vez tende a se apropriar de uma autonomia.

O empoderamento das mulheres ribeirinhas acontece também no enfrentamento de poderes, e essa busca de novas territorialidades tem aprimorado seus domínios e ocupado diversos espaços dentro da comunidade.

Um cenário em que a mulher vem conquistando visibilidade e empoderamento é na agricultura familiar, de forma que ela além de ter uma jornada de trabalho extensa, que combina atividades em casa e no trabalho agrícola, na busca de incremento nos rendimentos familiares, vem participando de decisões importantes para a produção, como em reuniões em busca de benefícios, onde é agregada sua dedicação e capacidade, junto com a experiência no trato da produção, porém agora, com uma maior visibilidade.

BIBLIOGRAFIA PARCIAL

NASCIMENTO SILVA, Maria das Graças Silva. **O Espaço Ribeirinho.** Terceira Margem, São Paulo. 2000.

ROSSINI, Rosa Ester. As Geografias da Modernidade- Geografia e Gênero, mulher, trabalho e família. O exemplo da área de Ribeirão Preto. In Revista do Departamento de Geografia-NEMGE. Universidade de São Paulo –USP, Nr 12 pag. 07 a 26. 1998.

SILVA, Joseli Maria. Geografias Subversivas: discurso sobre espaço, gênero e sexualidades. Ponta Grossa: Todapalavra, 2009.



SAFFIOTI, Heleieth B. Posfácio: conceituando gênero; Violência de gênero no Brasil contemporâneo. In: SAFFIOTI, H. & MUNHOZ-VARGAS, M. (Org.). Mulher brasileira é assim. Rio de Janeiro, Rosa dos Tempos/UNICEF, 1994, p. 151-185; 271-283.

SANTOS, Milton. A Natureza do Espaço, Edusp, São Paulo, 2002.

04 - 008 - Oral

GÊNERO E ENVELHECIMENTO: A DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO EM UMA LAVANDERIA HOSPITALAR NA CIDADE DE PORTO VELHO/RO

Allan Robert Ramalho Morais/ Marizete Albino Marta

INTRODUÇÃO

A Geografia entre as suas categorias de análise sempre esteve interessada nas relações de poder, seja para afirmá-lo, questioná-lo ou até mesmo na proposição de outras formas de empoderamento. Nas relações de poder estabelecidas na produção do espaço é importante destacar os estudos da ciência geográfica relacionados as questões de gênero, quando se trata de exploração e submissão, resultantes de uma divisão sexual estabelecida por práticas sócio espaciais que ainda segregam a participação de muitas mulheres na sociedade.

A participação feminina no mercado de trabalho vem crescendo visivelmente, contudo, a sonhada equidade entre os gêneros continua distante. A justificativa de que o trabalho promove a interação social e a transformação do indivíduo, além de reforçar sua identidade, parece não ser suficiente para a aceleração desse processo de igualdade. Afinal, é por meio do trabalho que os seres humanos satisfazem suas necessidades e também concedem forma e sentido ao mundo concreto (MOREIRA, 1998).

A participação das mulheres no mercado de trabalho continua concentrada em algumas áreas marcadas por relações de poder e dominação, baseadas nas diferenças entre os sexos que contribui para as desigualdades sociais de poder entre homens e mulheres. Esta situação ignora condições de saúde e adoecimento, pretendendo servir apenas ao capital e a sua mais valia.

Os conhecimentos atuam sobre os instrumentos de trabalho, impondo-lhes modificações não raro brutais e produzindo males ou benefícios, segundo as condições de utilização. Quando a ciência se deixa claramente cooptar por uma tecnologia cujos objetivos são mais econômicos que sociais, ela se torna tributária dos interesses da produção e dos

produtores hegemônicos e renuncia a toda vocação de servir a sociedade. Trata-se de um saber instrumentalizado. (SANTOS, 1988)

As mulheres trabalhadoras de modo geral sofrem muito mais com os processos excludentes, pois na divisão do trabalho observa-se maior dificuldade de inclusão da sua mão de obra. Ademias, este problema é acentuado a medida que existe o envelhecimento destes indivíduos.

PROBLEMATIZAÇÃO

Segundo Faria (2011), a presença das mulheres no mercado de trabalho cresceu permanentemente durante as últimas décadas e já é quase a mesma proporção em relação aos homens. No entanto a grande maioria das mulheres continua em certos nichos de atividade, como o setor de prestação de serviços, seguido pela área social e o comércio de mercadorias, além do setor agrícola. Nas organizações de atividades econômicas, as mulheres são mais submetidas a contratos informais, onde têm menor presença sindical e encontram-se mais expostas ao desemprego.

Esta ideia também está de acordo com MELO; SABBATO, 2001, quando cita que as diferenças entre os sexos iniciam-se na distribuição da população ocupada, justificando que as mulheres estão concentradas em atividades econômicas informais e/ou subempregadas.

A problemática da nossa pesquisa é compreender como a mulher está inserida em certos nichos de atividades considerados femininos. A justificativa para essa abordagem é a importância das diferenças vivenciadas por homens e mulheres no processo laboral, como resultado da divisão sexual do trabalho, uma vez que as atividades desenvolvidas em diversos locais ainda se baseiam em função do gênero. O texto propõe analisar as características da divisão sexual do trabalho e suas relações sócio espacial.

METODOLOGIA

Na elaboração deste artigo utilizou-se o método dialético descrito por (SPOSITO, 2004), que se procede pela refutação das opiniões do senso comum, levando-a a contradição, para se chegar à verdade, fruto da razão. A pesquisa trata-se de um estudo qualitativo, de característica descritiva e interpretativa realizada a partir de entrevistas semiestruturadas em uma lavanderia hospitalar no município de Porto Velho/RO. Os coletados foram agrupados em tabelas com o intuito de analisar as variáveis presentes nos questionários. O objetivo proposto é o de discutir as inúmeras questões que se relacionam ao trabalho feminino e ao



seu envelhecimento. As condições laborais existentes serão avaliadas para verificar o adoecimento e a proposta de afirmação na visão de gênero no ambiente laboral.

RESULTADOS

A lavanderia hospitalar analisada foi caracterizada por ser um ambiente com alto predomínio de mulheres idosas, onde todas as atividades ali desenvolvidas se assemelham a práticas domésticas.

Os resultados das entrevistas individuais semiestruturadas, aplicadas durante os exercícios de suas atividades laborais, relevou que 79% dos trabalhadores na lavanderia hospitalar são mulheres e 21% são homens. As mulheres trabalhadoras com mais de 50 anos representam 70%. Quando analisado trabalhadoras acima de 60 anos, estas representam 43% do total. Demonstra-se assim, que a lavanderia hospitalar é considerada como um ambiente de trabalho feminino e com a maior porcentagem de idosos na unidade hospitalar analisada.

Outro ponto revelado na pesquisa, é que parte do orçamento das mulheres acima de 50 anos é gasto com medicamentos, devido ao processo de envelhecimento e o seu adoecimento. Quando questionadas sobre a representação da sua remuneração nas despesas domésticas, 68% consideraramse arrimos de família.

O direcionamento para o exercício de uma função, única e exclusivamente pelo fato de serem do gênero feminino tem influenciado psicologicamente estas mulheres, que não se adaptam e afirmam que não pretendiam trabalhar em lavanderias hospitalares após os 50 anos.

Justificada pela condição de serem idosas e do sexo feminino as funcionárias da unidade de saúde são direcionadas a atividades que promovem a divisão sexual do trabalho. A concentração de mulheres em uma atividade que exige força e repetição, assim como a idade avançada em que estas mulheres são inseridas na função, vem contribuindo para o adoecimento das trabalhadoras idosas. As já existentes debilidades físicas, somadas a força necessária na execução dos seus trabalhos, poderão acarretar perda de autonomia e incapacidade para lidar com as atividades do seu cotidiano.

BIBLIOGRAFIA PARCIAL

FARIA, Nalu. Desafios para a Construção da Autonomia Econômica para as mulheres. Textos acadêmicos. — Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2011.

MELO, Hildete Pereira de; SABBATO, Alberto Di. Divisão sexual do trabalho e pobreza: Autonomia econômica e empoderamento da mulher: textos acadêmicos. – Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2011.

MOREIRA, Eliana Monteiro. A regência do afetivo: laços familiares e reprodutivos. In: ABRAMO, Laís e ABREU, Alice Rangel de Paiva (Orgs.). Gênero e trabalho na sociologia latino-americana. São Paulo; Rio de Janeiro: ALAST, 1998.

SANTOS, Milton. Metamorfoses do Espaço Habitado. São Paulo: Editora Hucitec, 1988

SPOSITO, Eliseu Sevério. Geografia e filosofia: contribuição para o ensino do pensamento geográfico. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

04 - 009 - Oral

TERRITORIALIDADES E ESPACIALIDADES DA PROSTITUIÇÃO FEMININA EM VÁRZEA GRANDE/MT

Radamés de Quadros Araújo/ Sônia Regina Romancini

INTRODUÇÃO

O presente trabalho apresenta resultados parciais da pesquisa de mestrado que tem como tema a prostituição feminina no "Kilômetro Zero" em Várzea Grande/MT. Colocamos em discussão as relações socioespaciais desenvolvidas no bojo da prostituição feminina exercida em ruas e calçadas, o *trottoir* Discorreremos como, por meio de tal atividade, as prostitutas realizam uma produção espacial específica, quer seja o "território da prostituição do Zero". Neste ínterim, traremos à baila as espacialidades e as territorialidades contidas no tocante ao dia-a-dia de trabalho das agentes pesquisadas.

Nosso local de estudo possui características típicas de áreas pericentrais. Encontra-se próximo ao centro de Várzea Grande, mas conta com aspectos distintos deste, a começar pelas relações comercias desenvolvidas: considerável número de empresas voltadas ao comércio e à prestação de serviços automotivos. É possível que tais peculiaridades se devam, entre outras, à sua proximidade com duas importantes vias da cidade cujo o fluxo de veículos, pessoas e informações é intenso, assim como o número de estabelecimentos comerciais, inclusive aqueles ligados ao setor automotivo. Tudo isso faz da localidade, além de um "território da prostituição" uma centralidade do comércio e da prestação de serviços a automóveis.

O território em questão possui peculiaridades que discutiremos a partir dos seguintes conceitos geográficos: território, territorialidade, espacialidade e



centralidades. Se o espaço, conforme nossa compreensão, está em constante transformação e só pode ser compreendido a partir das relações espaciais, cabe à geografia, enquanto ciência do espaço analisar as espacialidades inerentes a produção deste. É este o objetivo da presente reflexão, isto é, analisar a partir dos instrumentos/conceitos geográficos os fenômenos espaciais que "produziram" ao longo de aproximadamente quarenta anos de espacialidades e territorialidades o objeto de nossa pesquisa: o "território da prostituição do Zero".

METODOLOGIA

A metodologia utilizada se divide, sobretudo em duas pesquisas que se complementam as quais resultam na elaboração do presente trabalho, a saber: pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo. Atualmente, estão sendo realizadas entrevistas às prostitutas e moradores da área estudada, com sete entrevistas às prostitutas e uma à moradora local. No entanto, para que estas pudessem ser efetuadas, um longo caminho foi percorrido, a começar pelas aproximações com pessoas e entidades que fizessem a mediação às trabalhadoras do sexo. Grosso modo, a pesquisa está pautada nos seguintes passos: levantamento bibliográfico; elaboração de roteiros de entrevistas; pesquisa de campo (com realização de entrevistas e observações empíricas diversas); transcrição das entrevistas; discussão teórica entre os resultados das pesquisas bibliográfica e de campo.

PROBLEMÁTICA E RESULTADOS

O espaço está aberto a possibilidades, ele até pode ser quantificado, mensurado, projetado, remodelado... Mas, concomitante a tudo isso é um amálgama de alternativas. Neste contexto, não existe a liberdade total assim como não existe a total falta dela, as espacialidades são mistos entre possibilidades e impossibilidades e, como uma práxis, ocorrem no ato de fazer. É na ação espacial que a vida humana individual e coletiva se desenvolve. Castoriadis (1982) atenta para o sentido da práxis, para ele, esta é uma atividade inteligível mas que está sempre propícia ao novo. O autor reflete acerca do sentido da autonomia e neste viés a práxis, seja ela qual for, não deve encerrá-la, pelo contrário, é através desta que aquela se concretiza.

As práticas espaciais das prostitutas do Zero são práxis e, como estas, estão em constante transformação. Suas produções espaciais, seus territórios e suas territorialidades corroboram à dinâmica espacial local. Certeau (1994) em sua análise do cotidiano distingue "estratégias" e "táticas" espaciais, a primeira, de cunho teórico, diz respeito a uma espacialidade cujo o resultado esperado de

sua execução é antecipadamente mensurado. A segunda, uma prática, é condizente à práxis de Castoriadis, pois não mensura possíveis resultados, estando sempre aberta à novidade.

As territorialidades das prostitutas do Zero, por seu turno, parecem interrelacionar "estratégias" e "práticas" espaciais. Isto porque, o que efetivam não são exclusivamente espacialidades da forma como as compreende Soja (1993) - a qual poderíamos relacionar qui com a "práxis" ou com as "práticas" espaciais já mencionadas. Mas, uma junção destas com a territorialidade tal qual definida por Sack (2011) como uma relação de poder, uma tentativa de influenciar pessoas e coisas.

Com isso, se apresenta uma questão fundamental à presente reflexão, isto é, as relações de poder. As territorialidades em tese produziram, além de um território específico, normas de conduta, regras a serem seguidas, tudo isso é inerente às relações espaciais das prostitutas e segui-las ou não pode significar a permanência ou expulsão destas de seus "pontos". Ou seja, territorializações, desterritorializações ou reterritorializações (HAESBAERT, 2006) ocorrem de acordo com a capacidade de cada uma de se apropriar da inteligibilidade que paira às vezes sutil outras abruptamente, no contexto da atividade que desenvolvem.

A partir das pesquisas teórica e de campo nos foi permitido discutir acerca das relações de poder inerentes às espacialidades desenvolvidas pelas prostitutas. Desde logo, é preciso dizer que a tal inteligibilidade acima mencionada é um ponto importante para discutir as relações desiguais de força que se instauraram no território em questão. Arendt (1985) apresenta uma distinção entre poder e violência que de alguma maneira sempre esteve presente em nossas observações empíricas, todavia, não era possível apreendê-la, pois nos escapava o fato fundamental que a autora nos revela quando afirma que "o domínio através da violência pura vem à baila quando o poder está em vias de ser perdido" (p. 29).

Foucualt (1999; 2006) trás importantes contribuições à reflexão do poder intrínseco às práticas espaciais em pauta. O autor o compreende como uma relação desigual de forças, estando em constante movimento, porém de modo instável. Tal condição foi constatada em campo tanto por meio das entrevistas quanto pelas observações realizadas. May (1981) analisa as consequências do poder às pessoas e à sociedade, em uma abordagem da psicologia discorre sobre a relevância do empoderamento no que tange a condição ontológica do ser



humano. Uma prostituta suficientemente impotente, cujas atitudes denunciam sua falta de poder (a agressividade, por exemplo) é, inevitavelmente incapaz de territorializar as áreas mais profícuas à prática do *trottoir*. Portanto, uma trabalhadora que esteja por algum motivo inapta a se autoafirmar enquanto ser, como o caso das prostitutas usuárias de droga, estará, por conseguinte, impossibilitada de territorializar as áreas mais propícias ao desenvolvimento de sua atividade econômica.

BIBLIOGRAFIA

ARENDT, H. Da violência. Brasília: Ed.UNB. 1985.

CASTORIADIS, C. **A instituição imaginária da sociedade**. 5. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1982.

CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano**: I artes de fazer. 2. ed. Petrópolis: Vozes. 1994.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I**: a vontade de saber. 13. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1999.

FOUCAULT, M. Microfísica do poder. 25 ed. São Paulo: Graal, 2012.

HAESBAERT, R. **O** mito da desterritorialização: do "fim dos territórios" à multiterritorialidade. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

MAY, R. **Poder e inocência**: uma análise das fontes da violência. Rio de Janeiro: Zahar. 1981.

SACK, R. O significado de territorialidade. in: DIAS, L. C. e FERRARI, M. (orgs.). **Territorialidades humanas e redes sociais**. Florianópolis: Insular, 2011, pp. 63-90. SOJA, E. W. **Geografias pós-modernas:** a reafirmação do espaço na teoria social crítica. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.

04 - 010 - Painel

A RELAÇÃO IDENTITÁRIA DAS MULHERES RIBEIRINHAS DA COMUNIDADE DE NAZARÉ-RO COM O RIO MADEIRA

Rúbia Elza Martins de Sousa/ Alecsandro José P. Ratts/ Luciana Pinheiro Viegas

Introdução

Refletir sobre a mulher ribeirinha leva o pesquisador a entender o quão complexa é a trama de vida desta mulher, uma vez que sua espacialidade é fortemente marcada por fatores intimamente ligados a questões simbólico-culturais que estão enraizadas em seu lugar de vivência.

Para as mulheres ribeirinhas, o rio se apresenta como importante elemento constituinte de especificidades identitárias em relação aos homens,

uma vez que traz marcas simbólicas que constituem o mundo vivido destas mulheres.

A pesquisa em tela foi desenvolvida na comunidade ribeirinha de Nazaré, localizada na margem esquerda do Rio Madeira, a jusante do Município de Porto Velho, na região do Baixo Madeira, há aproximadamente 120 km de Porto Velho, capital do Estado de Rondônia. Tem por objetivo analisar como a construção da identidade da mulher ribeirinha de Nazaré é influenciada por sua relação com o rio, sobretudo, com o Rio Madeira.

Problematização

O conceito de identidade é trabalhado por um mosaico de autores de diversas áreas do saber (filosofia, antropologia, história, geografia, dentre outras) e estes propõem e discutem o termo a partir de visões que ora se complementam, ora se contradizem e, esse emaranhado de ideias busca a resposta para os seguintes questionamentos: quem sou eu? Quem somos nós?

A identidade não é definida biologicamente, mas é resultado de um construto social, sendo formada da "[...] 'interação' entre o eu e a sociedade" (HALL, 1997, p.12). É importante compreender que cada indivíduo possui particularidades, o que Hall denomina de o "eu real", mas essa essência individual sofre transformações a partir do diálogo que estabelece com o mundo exterior.

Entendida como um produto sociocultural é possível constatar que a identidade possui íntima relação com o lugar, uma vez que no lugar os sentimentos de pertencimento afloram-se, tornando-se importantes componentes identitários de um indivíduo ou coletivo.

De acordo com Almeida (2013, p. 47) com a virada cultural na ciência geográfica as correntes da fenomenologia e do existencialismo apresentam a categoria lugar, a partir desta nova leitura, de forma que esta pode ser compreendida "[...] pela existência de cada indivíduo, pela valorização social que lhe é atribuída, pelo espaço vivido".

O lugar a partir de um olhar fenomenológico é entendido como a base da existência humana, é onde o ser humano estabelece suas relações mais íntimas com o meio e com as pessoas que o cercam e, destas relações de intimidade surge o sentimento de pertencimento àquele local, sendo a pertença fator preponderante para incorporação de características do lugar a identidade do indivíduo.

Neste sentido, Cruz (2007) apresenta o rio como "espaço de referência identitária" na Amazônia, pois o rio é um "espaço físico natural", uma vez que é



fonte de recursos financeiros (pesca), é fundamental como meio de transporte, contribuindo também para o ritmo social ligado a temporalidade destas populações. Desta forma, o rio povoa o imaginário dos ribeirinhos, materializando-se na espacialidade criada em seu território, em seu modo de vida e de saber fazer.

Deste modo, para as mulheres ribeirinhas, de forma mais específica, o rio se apresenta como importante elemento constituinte de especificidades identitárias em relação aos homens, trazendo marcas simbólicas que constituem o seu próprio ser.

Contudo, o rio é um elemento natural bastante presente no cotidiano destas mulheres, uma vez que para estas apresenta características funcionais, mas também uma forte conotação simbólica, atuando diretamente na formação das características identitárias.

Metodologia

A construção deste artigo fundamenta-se no procedimento metodológico de pesquisa bibliográfica, com o objetivo de buscar uma aproximação conceitual para analisar os fatos do ponto de vista empírico, bem com nos trabalhos de campo realizados durante o período do mestrado e os realizados na fase atual de doutoramento. A pesquisa de campo é caracterizada pela observação participante, bem como pela aplicação de entrevista com roteiro semiestruturado junto a quatro mulheres da comunidade.

Resultados

O rio, enquanto elemento natural de suma importância para o ribeirinho, se apresenta como importante na composição da identidade das mulheres que vivem neste espaço, uma vez que está diretamente associado aos afazeres domésticos, pois na comunidade ribeirinha de Nazaré toda água utilizada para a realização de tais tarefas é proveniente do rio que margeia a comunidade (Rio Madeira). Desta forma, o rio, neste aspecto, remete a identidade cultural das mulheres ribeirinhas, uma vez que diz respeito a uma origem comum, bem como a práticas comuns a um grupo (ALMEIDA, 2005).

Outra característica proveniente do rio está relacionada à atividade pesqueira, sendo esta praticada em grande parte pelos homens, mas as mulheres também a praticam como atividade associada ao lazer (NASCIMENTO SILVA, 2004) e, consequentemente para a subsistência familiar. Desta forma, mesmo que a prática da pesca por mulheres não se direcione a fins econômicos, elas se identificam como pescadoras, pois mesmo que a atividade se constitua como

lazer, elas proveem o alimento para a família. Sendo assim, é possível verificar que o rio, a partir da pesca imbrica dois tipos de identidade, a "identidade vivida" (ALMEIDA, 2005), uma vez que retrata elementos do cotidiano da vida destas mulheres (pesca como lazer), bem como a "identidade cultural" que se apresenta por meio do reconhecimento da mulher ribeirinha com o papel de reprodução familiar.

A lenda do boto, muito disseminada na região amazônica, permeia outro fator de ligação da mulher com o rio. Os botos, a partir de sua relação com a lenda, representam perigo às ribeirinhas, uma vez que as meninas, ainda crianças, já sentem seus corpos ameaçados pela presença dos botos.

Desse modo, esses animais que povoam o Rio Madeira, estão ligados diretamente à sexualidade e a corporeidade das mulheres que ali habitam, de forma que a partir do lugar as experiências corporais são vivenciadas. Neste sentido, Chaveiro (2012, p. 33) afirma que "[...] Os lugares não são apenas concebidos, mas vividos pela experiência do corpo".

Desta forma, entendendo que a lenda dos botos possui estreita relação com a corporeidade e a sexualidade da mulher ribeirinha, compreende-se que sua identidade enquanto mulher é reforçada a partir de seus componentes corpóreos, uma vez que de acordo com a lenda estes são elementos que as tornam atraentes aos botos.

Entretanto, é possível compreender que o rio pode ser visto sob um viés contraditório a partir constatação de que ele é utilizado para a realização dos afazeres domésticos, trabalho visto como penoso para estas mulheres, ao passo que tem uma conotação de lazer e descanso; o rio ainda tem a representação simbólica de segurança, sentimento topofílico em relação ao lugar, mas em contraposição possui uma representação de insegurança e medo, aportada pelo sentimento topofóbico (TUAN, 2012), quando as lendas do encantamento dos botos veem à tona.

Contudo, a partir desta análise ainda preliminar, fica evidente que o Rio Madeira possui estreita relação com a constituição identitária das mulheres da comunidade ribeirinha de Nazaré, visto que o rio, enquanto um importante elemento que compõe o lugar destas mulheres está intimamente relacionado ao modo de vida, aos comportamentos sociais, bem como ao saber fazer destas mulheres.

Bibliografia Parcial



ALMEIDA, M. G. Fronteiras, territórios e territorialidades. In: **Revista da ANPEGE.** Ano 2, n. 2 Fortaleza: ANPEGE, 2005.

______. A Propósito do trato do invisível, do intangível e do discurso na geografia Cultural. In: **Revista da ANPEGE.** n. 11. Fortaleza: ANPEGE, 2013. CHAVEIRO, E. F. Corporeidade e lugar: elos da produção da existência. In: MARANDOLA, E. Jr. et. al. (Orgs.). **Qual é o espaço do lugar?** Geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2012. CRUZ,V,C. Itinerários teóricos sobre a relação entre território e identidade. In:

BEZERRA, A. C.A. et. al. (Orgs). **Itinerários Geográficos.** Niterói. EdUFF, 2007. HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A, 1997.

NASCIMENTO SILVA, M. das G. S. **Parteiras ribeirinhas: saúde da mulher e o saber local.** Belém: Núcleo de Altos Estudos Amazônicos da Universidade Federal do Pará, 2004, 215p. (Tese, doutorado em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido).

TUAN, Y. **Topofilia:** um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo/Rio de Janeiro: Difel, 2012.

04 - 012 - Painel

EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E A LEI 10.639: DESAFIOS E CONQUISTAS VIVENCIADOS NO SERVIÇO NACIONAL DE APRENDIZAGEM COMERCIAL E A CONTRIBUIÇÃO DA GEOGRAFIA

Eliana Alves da Silva Lima/Hellen Virginia da Silva Alves Maria das Graças Nascimento Silva e Silva

1. Introdução

A Lei 10.639 foi uma conquista do movimento negro brasileiro e sua aplicação é extremamente importante para a valorização de uma cultura que compõe a história do Brasil e que está diretamente relacionada à identidade de milhões de brasileiros e presente em nosso cotidiano, porém em todos os níveis da educação ainda há a necessidade de um olhar geográfico e crítico aos temas relacionais ao continente e a cultura africana.

Apesar da Lei 10.639 possuir 13 anos e de, em função desta a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) ter passado por atualizações, ainda existem desafios que precisam ser transpostos para que ela seja de fato cumprida, como por exemplo a necessidade de reavaliação dos assuntos abordados pelos docentes e principalmente, das formas utilizadas para o estudo da África

"enquanto Continente; berço da humanidade, marcado por reinos, civilizações e organizações políticas que datam de um período anterior à colonização" (REINALDO, 2010).

Estes desafios não se limitam à educação formal, ao pensarmos a educação profissional como "... fator de desenvolvimento humano e inclusão social, cultural e produtiva" (SENAC, DN, 2015, p. 5) perceberemos que esta modalidade de educação "... transcende a finalidade de estrita preparação de mão de obra e consolida o seu papel na formação para o trabalho em seus aspectos mais amplos, fixados nos pressupostos da democracia, igualdade de direitos e dignidade humana" (SENAC, DN, 2015, p. 5).

Nesta perspectiva, a geografia possui um papel fundamental para que a Lei 10.632 possa ser aplicada também na educação profissional, já que os futuros profissionais irão atuar em um país que é marcado pelas resistências territoriais quilombolas, composto por uma população miscigenada, e onde os aspectos culturais dos negros africanos marcam de formas distintas sua paisagem causando divergências quanto à originalidade de uma cultura que para muitos é a cultura africana no Brasil, quando na verdade deveria ser entendida como uma cultura afro-brasileira, ou melhor, brasileira.

Diante do cenário exposto, este trabalho se propõe a compreender de que forma a educação profissional atende os pressupostos da Lei 10.639 e de que forma os conceitos geográficos podem ser utilizados para que os estudos, sobre a cultura afro-brasileira, diversidade cultural e etino-racial, possam ser realizados também nesta modalidade de educação.

2. Problematização

A carência de um olhar geográfico crítico e humanista sobre os temas relacionados ao estudo da África e todas as demais questões que são destas derivadas é um desafio vivenciado em todos os níveis da educação, seja na escola, na academia ou na educação profissional. Um dos principais motivos desta situação é a apropriação pelos docentes de uma visão eurocêntrica e colonialista do continente africano que costuma ser fruto de uma educação tradicional baseada em materiais didáticos que reproduzem a imagem da África como um continente miserável e incapaz de autogerir-se, precisando desta forma da "intervenção" de outras nações.

O despreparo do professor em relação ao conhecimento de metodologias ativas que possibilitam (re) estruturar o conhecimento deturpado (que lhe foi

ensinado) são os principais fatores que revelam atualmente a baixa eficácia desta lei em todas as modalidades da educação.

Dessa forma questiona-se, que estratégias são utilizadas pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial – SENAC para tornar possível a aplicação da Lei 10.639?

Existem diretrizes ou documentos institucionais que possam nortear a ação do docente da educação profissional para o ensino dos temas relacionados à cultura afro-brasileira e sua relação com o ambiente profissional?

Quais as categorias geográficas que podem auxiliar os docentes da educação profissional nesta trajetória?

Que estratégias poderão ser adotadas para a compreensão e reflexão acerca das categorias geográficas, com visão científica e interdisciplinar, para a formação do cidadão trabalhador?

3. Metodologia

A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica em artigos e livros que retratam aspectos relacionados a aplicação da Lei 10.639 e pesquisa documental na coleção de documentos técnicos do Modelo Pedagógico SENAC, na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) e na Lei 10.639.

4. Resultados

Os resultados preliminares da análise bibliográfica e documental apontam que a partir da preocupação em proporcionar uma aprendizagem profissional de fato significativa e que contribuísse para a promoção da cidadania, tendo como o trabalha uma das facetas evidenciadas durante o processo pedagógico o Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial — SENAC criou e desenvolve atualmente um modelo pedagógico próprio que é fundamentado em princípios educacionais (pedagógicos e filosóficos), chamado de Modelo Pedagógico SENAC, em que "... se estrutura tendo como pilares a Constituição Federal, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional, as Diretrizes da Educação Profissional SENAC, as demais legislações pertinentes e as concepções sobre ensino e aprendizagem na educação profissional, disponíveis na literatura especializada em âmbito nacional e internacional" (SENAC, DN, 2015, p. 7).

A partir do Modelo Pedagógico Senac evidencia-se a preocupação da instituição com a construção dos currículos educacionais, pois:

A construção dos currículos educacionais provém de uma concepção de educação que reflete diferentes

compromissos e posições teóricas, os quais envolvem temas relativos aos saberes, aos procedimentos pedagógicos, às relações sociais, aos valores que a educação desenvolve e às identidades dos estudantes (SENAC, DN, 2015, p. 11).

Apesar de tal preocupação no SENAC, assim como nas demais instituições de ensino do país, existem desafios para o cumprimento da Lei 10.639, sendo que os principais acompanham o padrão nacional (CORREA, 2011; OLIVEIRA, 2011; SILVA & SILVA, 2013; SANTOS, 2014; SANTOS & COSTA, 2011) e estão relacionados à ausência ou insuficiência de preparo dos docentes para lidar com as temáticas relacionadas à cultura afro-brasileira. Estes temas, assim como a própria cultura afro-brasileira, são percebidos de diversas formas em nossa sociedade e se contextualizados ao universo da educação profissional encontram relação com nível do conhecimento do docente sobre a história do continente africano em sua gênese, seus reinos, sua forma de organização social e suas riquezas, as contribuições da cultura africana para a formação do nosso país, a desconstrução da imagem do povo negro criada pela ideologia colonialista, as estratégias de enfrentamento à ideologia colonialista ainda tão presente em nossa sociedade, às técnicas e métodos de aprendizagem adotadas pelos docentes para promover a construção destes conhecimentos com seus alunos.

Uma das alternativas para o enfrentamento à ausência ou insuficiência de conhecimento sobre a história do continente africano em sua gênese, seus reinos, sua forma de organização social e suas riquezas e as contribuições da cultura africana para a formação do nosso país é a apropriação, por parte dos docentes, de categorias geográficas como o espaço, território, lugar, região e conceitos como topofilias, topofobias, espacialidade e territorialidade. Tais conceitos muito contribuiriam nas discussões relacionadas à cultura afrobrasileira e expandiriam a perspectiva dos discentes para a percepção da relação destes conceitos com os diferentes espaços e territórios presentes em nossa sociedade, possuindo como cenário em comum os espaços e territórios do mercado de trabalho.

Bibliografia Parcial

CORREA, Gabriel Siqueira. **Conteúdos possíveis a partir da Lei 10.639:** as geografias das comunidades remanescentes de quilombo no território brasileiro. Tamoios. Ano VII. Nº 1, 2011 - ISSN 1980-4490.



SANTOS, Clézio dos. **O ensino de geografia e a cultura africana e afro-brasileira na escola**. # Tear: Revista de Educação Ciência e Tecnologia, Canoas, v.3, n.1, 2014.

SANTOS, Cesar Augusto Caldas. COSTA, Raphael Luiz Silva da. **Materiais Didáticos** à **Luz da Lei 10.639/03:** Por Um Ensinar e Aprender uma Geografia Anti-Racista. Tamoios. Ano VII. № 1, 2011 - ISSN 1980-4490

SENAC. DN. **Concepção e princípios**. Rio de Janeiro, 2015. 34 p. (Coleção de Documentos Técnicos do Modelo Pedagógico Senac.

SILVA, Wanderson R. Z. da. SILVA, Viviane Lima. **Geografia escolar e relações étnico-raciais:** (re)construindo o espaço afro-brasileiro. Anais do Encontro Nacional de Prática de Ensino de Geografia. Paraíba: 2013.

OLIVEIRA, Gabriela da Silva. O Ensino de África nas aulas se Geografia e a implementação da Lei 10639/03. Tamoios. Ano VII. № 1, 2011 - ISSN 1980-4490

04 - 013 - Painel

A HETEROTOPIA DA PROSTITUIÇÃO TRANS NA CIDADE DE FEIRA DE SANTANA-BA

Matteus Freitas de Oliveira

INTRODUÇÃO

As Ciências Sociais, de um modo geral, inquietou-se com as publicações filosóficas do professor Michel Foucault, dentre elas a Geografia com o impacto de seu efeito nos estudos sobre a categoria de território com a visibilidade de grupos sociais de pouca expressão em virtude do que ele chamou de micropoder. O efeito Foucault não apenas ampliou a possibilidade da compreensão dessa categoria, como também permitiu a abertura de novas agendas de debates visibilizando agentes sociais não estudados por nosso arcabouço clássico, tradicional, conservador e machista. Ao mesmo passo, permitiu a elaboração de perspectivas desconstrucionistas, subversivas e abjetas, dentre elas a problematização do conceito de heterotopia discutido numa conferência no *Cercle d'Études Architecturales*, em 1967, no qual iremos focar nesse estudo.

Para Foucault (1967) as heterotopias, inverso das utopias, seriam espaços localizáveis e concretos nos quais representações sociais estariam dinamicamente produzindo e se reproduzindo por meio de contestações, inversões, subversões das regras heterônomas que dicotomizam que ainda sacralizam o espaço como as insuperáveis questões espaciais entre público/privado, familiar / social, lazer/trabalho entre outros.

Corroborando com as inquietações de Foucault, a teoria da performatividade de Judith Butler (2001), a nova tendência dos estudos de gênero — chamado de estudos *queers*, estão tensionando esse campo de análise debruçando-se nas pluralidades performativas dos gêneros abjetos. Fazendo parte dessa corrente, nossa pesquisa envolveu sujeitos que se declaram transformistas, travestis, transexuais, michê-gays e *drag queens* que subvertem a lógica dos gêneros inteligíveis, minando as representações dominantes da matriz heterossexual gerando as heterotopias da prostituição.

O objetivo desse trabalho é avaliar a aplicação do conceito de heterotopia para estudos de grupos marginalizados, que são hoje de muito interesse pelas perspectivas das Geografias Cultural e Humanística, focando no estudo de caso da presença de Trans no centro urbano de Feira de Santana-BA que se configura num espaço do avesso e subversivo às normas dominantes do espaço normatizado pela matriz da heterossexaualidade.

PROBLEMATIZAÇÃO:

Antes mesmo de delinear a profundidade dos estudos da Arqueologia do saber, na Conferência intitulada como "De Outros Espaços", anterior cronologicamente a outras publicações que irão mergulhar profundamente nas análises do método genealógico do estudo do poder, Michel Foucault nos trouxe como contribuição o conceito de heterotopia como espaços reais onde os produtos das relações socioespaciais remetem a contra mão de políticas dominantes, por meio de comportamentos e relações subversivas aos modelos de uso e produção do espaço público normatizado. Nesse artigo buscamos, assim como Foucault (1967), para além das "teorias totalitárias globais" e em favor das "criticas descontinuas, particulares e locais" entender a territorialidade da prostituição Trans no Centro da cidade de Feira de Santana e suas dinâmicas enquanto espaço de contestação, produção de identidades, visibilidade e reivindicação do urbano classificando essa heterotopia na reflexão sobre sua intenção, como se relaciona com outros fragmentos da cidade e onde produz seus efeitos.

METODOLOGIA:

Enquanto os trabalhos geográficos possuem sua tradicionalidade de campos diurnos, com um horário beneficiado pela luz solar que permite a visualização dos fenômenos com nitidez, realizamos esta pesquisa no seu turno oposto coletando informação por meio das etnografias. O fenômeno da prostituição, na maioria dos espaços públicos, repousa durante o dia, erguendo-



se no crepúsculo da noite e estendendo-se até os tímidos raios solares que surgem na alta madrugada para sinalizar a pausa de sua manifestação. Esta pesquisa pode ser definida como exploratória, descritiva e qualitativa em detrimento do contato provocativo com o grupo em análise, pois é no fenômeno e em seu contexto socioespacial que estão embutidas importantes informações para sustentar a pesquisa. Além do trabalho etnográfico que contou com observação e registro das vivências por mais de 5 anos, contamos com a discussão teórica de outros estudos de caso que aplicaram em outros fenômenos de pesquisa o conceito de heterotopia, tais como: Ramos (2010) que discute a relação estabelecidas pelo sem-teto no Rio de Janeiro, Valverde (2009, 2015) discussão do espaço público e a Cracolândia em São Paulo respectivamente esboça essas nuances noutro urbano.

RESULTADOS:

Para Foucault (1967) vivemos num período de intensas simultaneidades que somente são perceptíveis na esfera espacial na qual as coisas estão justapostas, próximas, longínquas, sobrepostas e dispersas. Para além dos espaços normatizados, outros espaços existem em materialidade e são formados pela mesma sociedade e se constituem em contra-sítios, pois condensam utopias que podem ser encontradas e são contestadas, subvertidas e invertidas.

Considerando o espaço enquanto unidade heterogênea e contraditória, apesar de refletir as utopias dos agentes hegemônicos, existem espaços que burlam as utopias compartilhadas e naturalizadas enquanto verdades. Esses espaços, ou o espaço dos outros numa perspectiva antropológica, constituem-se em uma contra-utopia, um contra-sítio ideológico, uma heterotopia. Os espaços da prostituição, onde o corpo se rende a prazeres e processos ridicularizados e abominados pelos agentes hegemônicos, constituem-se numa heterotopia. Eles existem em local real, numa materialidade espacial, porém se diferencia das utopias dominantes das áreas do seu entorno.

Em nossa área de estudo a heterotopia da prostituição se processa e se reproduz numa área privilegiada aos poderes dos agentes hegemônicos. De acordo com Oliveira (2009a, 2009b) aado a lado com a Igreja, a Prefeitura, o comércio e a Polícia Militar, instituições que reiteram as normas sociais dominantes, convivem num certo período prostitutas, travestis, transexuais, transformitas, gays masculinos que burlam os princípios da moral e dos "bons costumes" da heterossexualidade.

As ruas tornam-se espaços de visibilidade para corpos que transitam seminus, gerando sensações combatidas, sobretudo, pelas Igrejas que articulam uma série de discursos tentando neutralizar o efeito subversivo da presença espacial das sexualidades divergentes no centro da cidade. Diante da aplicação do conceito entendemos que esse fenômeno heterotopico se classifica pelo *desvio* que são "aquelas nas quais, os indivíduos, cujos comportamentos são desviantes em relação a norma" (FOUCAULT 1967, p. 5). Outra característica é que ela consegue *sobrepor*, num só espaço real, vários espacialidades, verificadas nas multifuncionalidades presentes no centro e a circulação de diversos fluxos. A heterotopia da prostituição de rua feirense apresenta um caráter cíclico, constituindo-se em uma *heterocronia*, durante a noite sua manifestação detém a exclusividade espacial. E mesmo estando no espaço público a contradição sobre o *acesso* da heterotopia reside na aceitação. Nem todos os indivíduos que estão no território fazem parte dele, refere à função específica que ela desempenha para seu sítio de entorno.

BIBLIOGRAFIA PARCIAL:

BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do "sexo". In: LOURO, G.L. (org.) **O Corpo Educado:** pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

FOUCAULT, Michel. **De outros espaços.** [conferência proferida por Michel Foucault no Cercle d'Études Architecturales]. 1967.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes. 1987. OLIVEIRA, Matteus Freitas de; HENRIQUE, Wendel. A cidade generificada: uma breve análise das formas e funções urbanas performativas de Feira de Santana-Ba. In: **I Simpósio cidades médias e pequenas da Bahia**. CiTePlan: Salvador-BA, 2009b.

OLIVEIRA, Matteus Freitas de; HENRIQUE, Wendel. Gênero e território: reflexões sobre a produção e uso do território pela lógica de gênero travesti. In: **VIII Encontro Nacional da ANPEGE**: Curitiba, 2009a.

<u>RAMOS, Tatiana. Tramontani.</u> Heterotopias urbanas: Espaços de poder e estratégias sócio-espaciais dos Sem-Teto no Rio de Janeiro. **Polis (Santiago. en Línea)**, v. 9, p. 293-313, 2010.

<u>VALVERDE, Rodrigo. Ramos. Hospodar. Felippe.</u> Cracolândia: A heterotopia de um espaço público. **Boletim Campineiro de Geografia**, v. 5, p. 211-230, 2015.

<u>VALVERDE, Rodrigo. Ramos. Hospodar. Felippe..</u> Sobre espaço público e heterotopia. **Geosul**, v. 24, p. 7-26, 2009.

EIXO NORTE / SETOR 5 (IDENTIDADES)

N5-001-ORAL

O ONTEM E O HOJE: UMA GEOETNOGRAFIA DO RIO SÃO FRANCISCO

Angela Fagna Gomes de Souza

Introdução

Autores que dedicam uma vida às pesquisas sobre o Rio São Francisco costumam afirmar que ele tem sido muito estudado nos últimos anos. Não discordamos de muitos deles. Afinal, ainda em 1800 José Vieira do Couto percorreu parte desse rio e fez importantes considerações acerca de suas paisagens, especialmente sobre a mineralogia. Já em 1862 o astrônomo francês Henrique Emmanuel Liais realizou levantamentos do alto Rio São Francisco e do Rio das Velhas a serviço do Império, publicando o seu relatório em 1865.

Mais tarde o engenheiro Henrique Guilherme Fernando Halfed a pedido de Don Pedro II percorreu quase que toda a extensão geográfica do São Francisco avaliando sua viabilidade econômica para a navegação, realizando estudos de Pirapora até a sua foz. Encontramos ainda, as investidas de inúmeros naturalistas que já no século XVI desbravavam lugares improváveis deste imenso rio com relatos e anotações minuciosas principalmente sobre sua fauna e flora. Alguns deles percorreram caminhos que, ainda nos dias de hoje, são praticamente desconhecidos à maioria dos pesquisadores.

Porém, destas pesquisas pregressas, encontramos poucos estudos sobre a população que habita o seu fecundo vale. Ao longo da história as gentes sanfranciscanas passaram praticamente despercebidas ao olhar do "estrangeiro". O que identificamos em algumas obras dos séculos passados foram apenas trechos descrevendo um "povo simples", rústico, que era peça fundamental nos desbravamentos de viajantes e naturalistas.

Começando pelo índio, passando pelo vaqueiro e chegando ao marinheiro, toda esta "gente de pulso forte", serviu aos "de fora" com toda sua presteza e simplicidade. Cremos que nenhum destes estudiosos reservou parte de suas pesquisas ao "saber local". Apesar dos extensos e incontáveis estudos sobre o Rio São Francisco, a vida ribeirinha nunca foi intensamente citada e estudada.

Umas das poucas exceções foram os relatórios do sociólogo norteamericano Donald Pierson, que escolheu a cidade São Paulo como sua segunda pátria, dedicando muitos anos de sua vida as pesquisas em território brasileiro. Uma das mais significativas delas foi o "projeto São Francisco", envolvendo estudantes e professores do então Departamento de Ciências Sociais da Universidade de São Paulo. O levantamento ao longo do Rio São Francisco foi feito no ano de 1950 e durou cerca de três meses, e ainda hoje é considerado um das mais completas pesquisas sociais sobre o homem do vale do São Francisco.

Problematização

Concordamos com Medeiros Neto que em 1941 escreveu: "muito se tem escrito sobre o São Francisco, motivo de exploração. Nada se escreveu com a intenção de dar uma história a este rio", (MEDEIROS NETO, 1941, p. 4). Portanto, cabe-nos os seguintes questionamentos: Quem é esta gente que vive as margens do Rio São Francisco? Como, ao longo da história do rio, sua população foi retratada na maioria dos estudos? De que forma podemos nos aproximar e estudar a realidade vivida por homens e mulheres que habitam as beiras deste extenso Rio São Francisco? Como podemos analisar, de um lado, as singularidades de cada localidade e, de outro, a pluralidade de saberes e fazeres que acompanham suas gentes ao longo de todo o curso do rio?

Buscamos responder estes questionamentos e a muitos outros que permeiam nosso estudo, elucidando inicialmente nossa primeira pergunta. Para tanto, faz-se necessário uma volta ao passado, uma reconstrução histórica com levantamento de escritos sobre o rio. Neste caso o que nos interessou foram os desbravamentos, as descrições da paisagem, os relatos sobre a população, o trabalho, a moradia, enfim, fatos e fotos ligadas às gentes e os lugares do Rio São Francisco por onde muitos passaram e pesquisaram.

Sabemos que ao contar a história oficial do Rio São Francisco surge alguns questionamentos e críticas, começando pelo seu próprio descobrimento – de recente controvérsia que comentaremos mais adiante -, passando pelo seu povoamento e chegando aos recentes e modernos empreendimentos capitalistas. A verdadeira história em muitos casos fica quase que pelo avesso, à margem. O contar dos fatos parece servir apenas aos que deles se beneficiam. Muito raramente encontramos os "versos ocultos", quase invisíveis que brotam em pequenos fragmentos, escritos por homens audazes que desafiaram a lei dos "mais fortes" e se lançaram com o compromisso de reescrever a história.

Seja qual for o ponto de vista que se estabelece, o que está em pauta é a história do Rio São Francisco, seja ela real ou imaginária, oficial ou contraditória.



Metodologia

Levantamos em várias fontes bibliográficas o que o foi "dito" e escrito sobre o passado de um rio conhecido como o "rio da integração nacional", e que ocultamente vive processos cada vez mais intensos de "segregação" ou, em outras palavras, um rio de todos servindo economicamente a poucos.

Para tanto, buscamos referências sobre o seu descobrimento; as primeiras pesquisas; os incontáveis viajantes que atravessaram suas margens de montante a jusante, em busca de novos conhecimentos; os desbravadores a procura de diamante, esmeraldas, ouro e prata; as caravanas de barcas e, mais tarde, de vapores que subiram e desceram o rio transportando gente em suas águas e praticando o comércio em suas margens. E, enfim o ciclo atual de um rio dinâmico que abarca desde barreiras naturais e patrimônios culturais admiráveis, até os incontáveis empreendimentos desenvolvimentistas com suas nove usinas hidrelétricas, seus inúmeros projetos de irrigação e, mais ainda, o polêmico "Projeto de Integração do Rio São Francisco com as Bacias Hidrográficas do Nordeste Setentrional", popularmente conhecido como "Projeto de Transposição do São Francisco".

Fizemos uma reconstrução histórica por meio de relatos de viajantes dos séculos passados, pesquisas atuais e depoimentos e fatos ligados às gentes e os lugares do rio por onde muitos passaram e pesquisaram, compondo assim uma geoetnografia (SOUZA, 2013) do Rio São Francisco.

Resultados

Objetivamos descrever a paisagem do Rio São Francisco em seus aspectos naturais, culturais e sociais. Fizemos o percurso do rio, que serenamente conduz as suas águas em direção ao mar, meandrando barrancos, serras, pastagens, matas fechadas, cidades, cerrados e caatingas; deixando as suas marcas por onde passa. A paisagem sanfranciscana é entendida tendo como aporte teórico as colocações de Cosgrove (1998) que considera o sentido simbólico e cultural das paisagens humanas. Nuances e cenários ímpares carregados de símbolos e significados expressos em descrições, relatos, narrativas, críticas e poesias que procuramos brevemente rememorar neste artigo.

Bibliografia Parcial

BURTON, Richard Francis. 1869. **Viagem de canoa de Sabará ao Oceano Atlântico**. Tradução de David Jardim Júnior. Belo Horizonte: Editora Itatiaia; São Paulo: Editora da USP, 1977.

CARDOSO, Vicente Licínio. À margem da história do Brasil. 3. Ed. São Paulo: Cia. Ed. Nacional; Brasília: INL. Brasiliana, 1979.

COSGROVE, Denis. A geografia está em toda parte: Cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, Roberto Lobato e ROZENDAHL, Zeny (Orgs.). **Paisagem, Tempo e Cultura**. Rio de Janeiro: Eduerj, 1998. p. 92-123. GIMENEZ, Gilberto. Território, cultura e identidade: La región sociocultural. **Estudios sobre las Culturas Contemporáneas**, época II. V. V, N. 9, Colina, 1999, p. 25-57.

HEIDRICH, Álvaro Luiz. Conflitos territoriais e estratégias de preservação da natureza. In: SAQUET, Marcos Aurélio; SPÓSITO, Elizeu (org.). **Territórios e territorialidades:** teorias, processos em conflito. São Paulo: Expressão Popular, 2009. p. 271-291.

MEDEIROS NETO, P.°. **História do São Francisco**. Maceió: Casa Ramalho Editora, 1941.

PIERSON, Donald. Homem no vale do São Francisco. Tradução de Ruy Jungman. Rio de Janeiro: SUVALE, 1972a. Tomo I.

_____. **Homem no vale do São Francisco**. Tradução de Ruy Jungman. Rio de Janeiro: SUVALE, 1972b. Tomo II.

_____. **Homem no vale do São Francisco**. Tradução de Ruy Jungman. Rio de Janeiro: SUVALE, 1972c. Tomo III.

SOUZA, Angela Fagna Gomes de. **O tempo das águas**: ciclos de vida entre as margens do rio São Francisco, a Ilha das Pimentas — Pirapora/MG. 2011. 182f. Dissertação (mestrado em Geografia) — Instituto de Geografia, PPG-IG/UFU, Uberlândia, 2011.

N5-002-ORAL

GEOGRAFIA DO SABOR: UM ENSAIO NA COMUNIDADE ALTO DOS BOIS, ANGELÂNDIA/MG

Pedro Carvalho Costa/ Virgínia de Lima Palhares

As paisagens do Vale do Jequitinhonha, Minas Gerais, expressam características singulares na construção e transformação histórico-culturais de sua população. O equívoco sobre sua concepção é notório quanto ao discurso político baseado na desqualificação da região em seus valores que obscurecem a grandeza sociocultural e natural que o Vale reproduz em sua economia tradicional, em especial, a reprodução da população campesina, seja ela fixada em comunidades rurais quilombolas.



A literatura enriquece a compreensão do Vale do Jequitinhonha e suas dinâmicas sociais e os desafios de melhores condições de vida. Destacam-se a história de uso e ocupação da terra e as dinâmicas populacionais desde o século XVI, as consequências da implantação do projeto desenvolvimentista na década de 1970 – avanco da silvicultura nos topos de chapada. (Matos & Ferreira, 2000).

Os núcleos produtores de alimentos são importantes para compreender o dinamismo da economia do Vale do Jequitinhonha, já que a região se caracterizava pelas atividades mineradora e agropecuária - de abastecimento local e exportação.

A resistência ao trabalho compulsório, a posse de terras para produção de alimentos, a organização social em comunidades, a reprodução campesina, a construção e transformação dos saberes locais, a intensa ligação com a natureza e com a terra, a luta por direitos são marcas das comunidades quilombolas do Alto Vale do Jequitinhonha. É notável, pois, a presença de manifestações culturais preservadas na tradição herdada de geração em geração.

O presente trabalho se propôs ressaltar a organização campesina na comunidade quilombola Alto dos Bois, situada no município de Angelândia, Alto Vale do Jequitinhonha-MG. Este núcleo quilombola evoca referências culturais que fomentaram seu auto-reconhecimento. São heranças passadas pelas gerações que atribuem valores às relíquias materiais ou não. Destaca-se o casarão da fazenda Alto dos Bois cuja sobreposição de fatos e significados a ele atribuídos, fazem dele um imóvel simbólico que remete às memórias e histórias locais. É notável a relação dos seus moradores com a natureza, cuja formação de um campo de sabedoria, dependência e paixão poderia confundir-se com a sensibilidade aos sinais sutis da paisagem. As sensações percebidas pela análise da paisagem do núcleo de Alto dos Bois são intrínsecas à corrente fenomenológica, pilar da Geografia do Sabor, cujas impressões transcendem aquelas detectadas pelo sentido do gosto.

Geografia do Sabor

Esta investigação se apoiou na Geografia Cultural Humanista. Esta contribuiu para a construção da Geografia do Sabor, através dos sentidos das paisagens de comunidades quilombolas. A perspectiva fenomenológica na geografia "permitiu abrir novos campos da pesquisa, suscitando o interesse pelas percepções, representações, atitudes diante do espaço" (BESSE, 2006, p.67), possibilitando agregar-se a novos corpos de informações como portadores de saberes e significações geográficas, compreendendo a paisagem como um valor, "uma

dimensão do discurso e da vida humana." (BESSE, 2006, p.81). A Geografia do Sabor dirige-se ao *sentir* a paisagem, e seus sabores se manifestam de diferentes formas.

A compreensão do espaço vivido e o reconhecimento das paisagens culturais construídas por populações tradicionais, parte da relevância atribuída à dimensão simbólica. Esta se expressa na forma de signos sociais, econômicos, políticos e religiosos. "O que é transmitido é feito de atitudes, costumes, de representações, de valores que circulam num grupo e lhe dão a sua coerência." (CLAVAL, 2011, p.54). A transmissão destes elementos ao indivíduo o faz um sujeito social, com identidade e valores próprios. A cultura se manifesta na paisagem, essência geográfica na qual se reconhece a inserção do homem no mundo, a "manifestação de seu ser com os outros, base de seu ser social." (DARDEL, 2011, p. 31).

A apropriação da Geograficidade de Eric Dardel (2011) é útil para compreender a realidade sociocultural da comunidade em análise, rica em manifestações culturais. A Terra é vista pelos seus aspectos físicos, mas como lugar onde se vive. Esta é a Geografia de Dardel (2011): ver e ler a Terra sob a ótica de quem a vivencia. O contato íntimo com a Terra, a natureza e a manifestação cultural por comunidades quilombolas é alvo de investigação deste trabalho.

Privilegiou-se, aqui, o sentido do sabor como um recurso de preservação e valorização da identidade e da memória. A proposta maior nesta pesquisa é compreender como se configura o espaço sociocultural vivido e construído pelos moradores da comunidade quilombola de Alto dos Bois reconhecendo e compreendendo a permanência de práticas culturais relacionadas ao modo de vida e ao *saber fazer* da comunidade.

Orientado de maneira qualitativa, os fatos observados de modo participativo foram obtidos com descrições detalhadas, e ocorreram através de um dos sentidos próprios da geografia: o *olhar*. A metodologia adotada abrangeu pesquisa bibliográfica, trabalhos em campo para conhecer as práticas sociais, os valores, o *saber fazer* e as lembranças. As ferramentas utilizadas durante a execução dos trabalhos em campo foram registro fotográfico, diários de campo, travessias e conversas livres com moradores antigos.

O espaço da cozinha se destaca entre os demais cômodos das casas pelas práticas ali reproduzidas. Tomando-se a casa enquanto "materialização da família, o espaço ritual onde seus membros interagem" (SILVA, 2009, p. 148), a cozinha é um espaço de socialização, de referências históricas, culturais, memoriais. As



herdeiras de receitas e dos costumes de uso deste espaço se lembram das medidas, dos modos de fazer, dos antepassados e da infância. Materializam-se as memórias na organização da cozinha, posição e disposição dos utensílios, dos equipamentos, dos enfeites.

O feijão é um dos matizes alimentares identificados no Alto dos Bois. Se apresenta cozido, em caldo, doce e farofa e a qualidade dos grãos é diversificada conforme a preferência pelo sabor. Mas, a iguaria só adquire o sabor típico se for cozida lentamente no fogão a lenha.

A mandioca está presente nas receitas através da farinha ou polvilho. O sabor do polvilho doce ou azedo é essencial para o sabor das quitandas. O cheiro forte do polvilho azedo é repassado para os biscoitos e seu sabor torna-se inconfundível. O consumo do milho está ligado à sua sazonalidade. No inverno é comum consumir o milho cozido, pamonha, broa, canjica, mingau ou suco.

A garapa, o açúcar, a rapadura, o melado, a cachaça, são saboreados na comunidade. A cachaça possui um universo de variedades, modos de fazer, cores, cheiros, concentrações de álcool. O teor alcoólico da bebida ajuda a puxar sabores associados à madeira ou aos temperos colocados para curtir.

Os sabores extraídos do quintal e da mata são muito presentes na culinária quilombola. Eles são de plantas cultivadas nos quintais das propriedades ou identificadas na mata; são usadas para tempero, medicação, aromatização, espiritualidade e prazer. Do quintal-casa ou do quintal-mata, extraem-se também os *remédios* — chás e outras misturas medicinais. O conhecimento sobre plantas, sua identificação na mata e seu princípio ativo, são atributos dos moradores da comunidade e faz parte dos sabores presentes na paisagem.

Considerações

A diversidade cultural exercida neste espaço tradicional abre possibilidades de sentidos e prazeres. Fortes sabores exalam na comunidade quilombola; eles são sentidos e guardam memórias, práticas culturais, tradições e identidade. Entendê-los como veículo dessas riquezas e pesquisar suas relações com a comunidade e seus moradores, exaltam a tarefa da Geografia do Sabor.

Encanta-se ver em um mundo globalizado, homogeneizado em suas práticas de consumo, práticas que resistem e diferenciam-se no ato de se cozinhar.

Referências bibliográficas

BESSE, Jean-Marc. Ver a Terra. São Paulo: Perspectiva. 2006.

CLAVAL, P. Epistemologia da Geografia. Trad. Margareth de. Castro Afeche Pimenta e Joana. Afeche Pimenta; Florianópolis: Ed. da UFSC, 2011.

DARDEL, Eric. O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica. São Paulo: Perspectiva, 2011.

MATOS, Ralfo Edmundo S.; FERREIRA, André V. B. Geo-História do Vale do Jequitinhonha: origem e formação da rede de cidades. Cadernos do Leste; Belo Horizonte: v. 1, n. 2, p. 1-17, out. 2000.

SILVA, Marilu Albano da. Cozinha: espaço das relações sociais. Porto Alegre: UFRGS. Revista Iluminuras. Vol 10, n 23. 2009.

N5-005-ORAL

GESTÃO ESPACIAL DE PARQUES NATURAIS NO SEMIÁRIDO BRASILEIRO: O ENTRECRUZAMENTO DE COMPREENSÕES ACADÊMICAS, POLÍTICAS E VERNACULARES EM PERNAMBUCO E PIAUÍ

Caio Augusto Amorim Maciel/ Vanessa Custódio da Rocha/ Tiane Araújo de Paiva e Souza

Introdução

A criação de reservas naturais no semiárido brasileiro, seja no âmbito federal ou estadual, tem causado transformações na maneira como populações locais vivenciam e representam os seus territórios de vida, os quais repentinamente são submetidos a normativas e regulamentações próprias à política de gestão de áreas protegidas (ROCHA, 2014; MACIEL, PONTES, 2015; SOUZA, 2016).

A ética comunitária de populações sertanejas tradicionais pode ensejar processos conflitivos ou colaborativos diante das exigências da verticalidade dos nomoespaços (GOMES, 2012) estabelecidos pelo planejamento ambiental, que, no Brasil, tem privilegiado amiúde a função de preservação da biodiversidade e/ou de paisagens singulares, como no caso do bioma caatinga. A ordem assim estabelecida pode não coincidir com os genoespaços que os sujeitos moradores praticam historicamente naqueles lugares, nem com as suas percepções e representações da natureza semiárida, justificando estudos mais aprofundados que levem em conta a necessidade de diálogo entre academia, população e representantes do Estado.

Problematização

O estabelecimento de parques naturais deveria conduzir ao necessário levantamento dos problemas e oportunidades de ordem sócio-espacial que ocorrem entre os responsáveis institucionais e os moradores locais. Parte-se da



premissa de que a relação das populações com o processo de proteção deve ser considerada a fundo, no intuito de integrá-las ativamente a novas condições territoriais, como a demarcação de limites precisos, a regulamentação restritiva de práticas culturais locais, a interdição do deslocamento de pessoas e animais, a proibição de atividades como caça e coleta ou a modificação de sistemas agrícolas.

Tais questões têm sido identificadas em vários recortes e modelos de gestão ambiental no Nordeste, sendo dois casos ressaltados neste artigo: o Parque Nacional Serra das Confusões (PNSC), no Piauí, e o Parque Estadual Mata da Pimenteira (PEMP), em Pernambuco. Por serem situações bem diferentes, tanto no que diz respeito ao enquadramento institucional, quanto no que tange à escala, meio ambiente ou mesmo o contexto territorial de cada estado, justificase a sua consideração conjunta, de modo a serem apontadas circunstâncias análogas atinentes à relação comunidade/áreas protegidas no semiárido como um todo.

O PNSC, criado pelo decreto s/nº, de 02/10/1998, constitui uma Unidade de Conservação (UC) de Proteção Integral. Possui uma área de 823.837ha de bioma caatinga e ecótonos de caatinga/cerrado, de grande relevância para a biodiversidade. Localizado no Sudoeste piauiense, abrange 12 munícipios, constituindo o maior Parque Nacional da região Nordeste. O Parque representa um componente importante do patrimônio natural e cultural a se proteger e conservar da paisagem semiárida. Assim, a investigação incita o levantamento dos significados a respeito do ambiente semiárido e sua paisagem a partir do olhar dos sujeitos sociais que integram a dinâmica territorial da UC.

No caso pernambucano, o governo criou em 2012 a primeira Unidade de Conservação (UC) estadual do bioma caatinga, com base no argumento de que este seria um dos mais ameaçados e menos protegidos do Brasil. Pernambuco figurava entre as unidades da federação com as menores taxas de proteção integral dos ecossistemas semiáridos (PERNAMBUCO, 2012). O PEMP, estabelecido no município de Serra Talhada, a 450 km do Recife, surge então como uma ação política, ao colocar enfim o estado na arena local/globalda conservação ambiental (MACIEL, PONTES, 2015).

Esse parque estadual foi estabelecido estrategicamente em 872,31ha de terras públicas, de modo a evitar conflitos fundiários; porém, populações viviam há décadas nas suas imediações, suscitando ambiguidades acerca da relação desses habitantes com um ambiente protegido (SOUZA, 2016). O próprio Plano

de Manejo não levou em conta o problema de maneira adequada, admitindo a necessidade de estudos sobre as populações adjacentes, de modo a integrar a ação de conservação com os interesses econômicos locais (CPRH, 2013).

Metodologia

O espaço agrário no entorno de unidades de proteção integral está imbuído de recortes, representações e práticas espaciais historicamente construídas pelos seus habitantes. Partindo desta premissa, o trabalho propõe uma análise dos diferentes olhares sobre a natureza semiárida presentes em: *a)* nos Planos de Manejo das duas Unidades de Conservação em tela; e *b)* nas perspectivas vernaculares das comunidades rurais adjuntas às respectivas reservas.

Optou-se pela abordagem qualitativa em Geografia Humana, buscando-se observar como o reconhecimento científico e ações políticas de proteção do semiárido, pelos governos estadual e federal, são assimiladas pelas populações concernidas. As etapas consistiram em: identificar as comunidades vizinhas; interpretar suas práticas espaciais e perspectivas em relação às áreas protegidas; evidenciar tensões e sinergias dos moradores com o território dos parques, tendo como referência o ideário dos planos de gestão. Este procedimento baseou-se na análise do discurso do construtivismo social (LANGDRIDGE; HAGGER-JOHNSON, 2009), lançando mão da interpretação do texto e das imagens dos documentos oficiais, considerando-os institucional e retoricamente situados.

Resultados

O processo de implementação do PEMP, em Pernambuco, tem priorizado a instituição da reserva ambiental *per se*, em detrimento de uma gestão participativa que teria como papel, dentre outras coisas, proporcionar o diálogo com as populações que vivem contíguas ao território protegido. No seu Plano de Manejo (CPRH, 2013), essas populações são apresentadas como a maior ameaça ao sucesso da conservação, sem que experiências positivas com habitantes do entorno sejam mencionadas, tampouco valorizadas. Todavia, aquelas populações possuem em seu cotidiano diferentes representações e práticas positivas relacionadas à terra: são agricultores sertanejos, que perfazem uma cultura camponesa típica do semiárido brasileiro.

A não consideração dessa "campesinidade" pela Unidade de Conservação traz o risco de que a primeira reserva de caatingapernambucanaacabe por se tornar mais um "parque de papel", no sentido apontado por Velásquez *et al.* (2009), pois o fundamento da reserva repousa na preservação ecológica,



ampliando a representatividade da caatinga no sistema de unidades de conservação do estado.

No caso do PNSC, no Piauí, pode-se constatar que durante o processo de implementação foram retiradas diversas famílias que residiam dentro dos limites da UC e foram feitas inúmeras restrições quanto ao uso dos recursos naturais existentes, assim como no caso do PEMP. Percebe-se que há certo distanciamento entre agentes do poder público, ligados à gestão do Parque e a comunidade local, no que diz respeito a assuntos relacionados ao patrimônio e sobre o valor intrínseco, que o PNSC possui para o Piauí e toda a humanidade.

Em ambos os casos, não foram levados em consideração os costumes simples e o modo de vida tradicional das populações que podem contribuir para a conservação do ambiente e da cultura local, não sendo respeitadas sua identidade e percepções, que são construídas e representadas no cotidiano.

Bibliografia Parcial

CPRH. Agência Estadual do Meio Ambiente. Governo do Estado de Pernambuco. Parque Estadual Mata da Pimenteira: Plano de Manejo. 2013. Serra Talhada, Pernambuco. Disponível

http://www.cprh.pe.gov.br/ARQUIVOS ANEXO/PE%20Mata%20da%20Pimentei ra%2022%2011%202013.pdf, acessado em 09 de junho de 2016.

LANGDRIDGE, D.; HAGGER-JOHNSON, G. IntroductiontoResearchMethods and Data Analysis in Psychology. 2nd ed. London: Pearson, 2009.

MACIEL, C. A. A., PONTES, E. T. M. Seca e convivência com o semiárido. Adaptação ao meio e Patrimonialização da caatinga no Nordeste brasileiro. Rio de Janeiro, Consequência Editora, 2015.

PERNAMBUCO, Governo do Estado de. Decreto nº 37823, de 30 de janeiro de 2012. Cria o Parque Estadual Mata da Pimenteira, Localizado no Município de Serra Talhada, Neste Estado. Recife. Disponível em: http://legis.alepe.pe.gov.br/arquivoTexto.aspx?tiponorma=6&numero=37823& complemento=0&ano=2012&tipo;=, acessado em 09 de junho de 2016.

ROCHA, V. C. A percepção ambiental da comunidade Capim sobre o Parque Nacional Serra das Confusões - PI. Monografia - Curso de Geografia. Universidade Estadual do Piauí – UESPI, 2014.

SOUZA, T. A. P. O Parque Estadual Mata da Pimenteira, do "papel" aos espaços do cotidiano: dinâmicas territoriais de uma área de caatinga protegida em Serra Talhada/PE. Monografia - Curso de Geografia, Departamento de Ciências Geográficas, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de

Pernambuco, Recife, 2016.

VELÁSQUEZ, Al. et al. (2009). Building participatory landscape-based conservation alternatives: a case study of Michoacán, Mexico. AppliedGeography, Elsevier, dezembro de 2009. Disponível em: http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0143622808000799. acessado em 09 de junho de 2016.

N5-008-ORAL

IDENTIDADES FESTIVAS COMUNIDADES TRADICIONAIS – PATRIMÔNIO **IMATERIAL**

Bernadeth Luiza da Silva e Lima

Introdução

As Comunidades Tradicionais do município de Santo Antônio de Leverger/MT, fazem parte da Região Metropolitana do Vale do Rio Cuiabá -RMVRC essas CT são depósitos de saberes, aprendizado que são traduzidas no seu cotidiano com simplicidade, suas vivências, tradições, histórias de vida e identidade peculiares com significações traduzidas nas festividades de santos que resgata a cultura tradicional. As manifestações culturais desses comunidades tradicionais, tem raízes históricas, estabelecem interatividade que são traduzidos no ser, fazer e aprender sendo vivenciados e recriados com singularidades.

O presente estudo é parte de um projeto que recebeu patrocínio da Secretaria Estadual de Cultura do Estado de MT. E durante três anos consecutivos são realizados na Comunidade de Bocaina de grande interação e criatividade, reportando sobre as riquezas e manutenção da cultura popular, ou seja, o Cururu e o Siriri.

Para elaboração do estudo buscamos as proposições de Castells (1999), acerca do poder da identidade, que orientarão a abordagem acerca do processo político de construção da identidade coletiva das comunidades tradicionais de Varginha, Bocaina, Cerradinho e Engenho Velho, pertencentes ao município de Santo Antônio de Leverger-MT.

Campos Filho (2008, p. 68), "são considerados tradicionais os conhecimentos, valores e práticas adquiridos oralmente dos antepassados, utilizados na construção de culturas e identidades atuais". São as chamadas comunidades tradicionais, rurais ou ribeirinhas, que têm o rio Cuiabá como elemento integrador para manterem suas tradições, saberes, história de vida, construindo suas identidades peculiares com significados no que se refere a sua

riqueza, biodiversidade e a formação de uma cultura tradicionalmente sustentável.

A religiosidade das comunidades tradicionais são expressados no cotidiano, expressado por Ferreira (2010), "existência de nichos repletos de imagens de santo, que são referendados com festas e rituais que guardam antigos costumes."

Parafraseando Romancini (2005), sobre o estudo da paisagem revela os saberes da comunidade, suas técnicas e rituais. Há todo um ritual que traz sentidos e de grande valor simbólico como a produção do bolo de arroz no forno de barro feito de forma artesanal, confecção do mocho, ganzá e da viola de cocho.

O conceito de cultura apresentado por Claval (1999, p. 63):

A cultura é a soma de comportamento, saberes, técnicas, conhecimentos e valores acumulados pelos indivíduos durante suas vidas e, em outra escala, pelo conjunto dos grupos de que fazem parte. A cultura é uma herança transmitida de uma geração a outra (...). Não é, portanto, um conjunto fechado e imutável de técnicas e comportamentos. Os contatos entre povos de diferentes culturas são algumas vezes conflitantes, mas constituem uma fonte de enriquecimento mútuo.

As festividades nas comunidades tradicionais sendo efêmeras, sendo representações do sagrado (ALMEIDA, 2010), ... a capacidade de produzir símbolos territoriais nos quais o uso social se prolonga além de seu acontecimento. Esse simbolismo festivo identifica e qualifica os lugares, os sítios, os monumentos, as paisagens e os lugares ordinários como uma fazenda, um povoado, uma capela".

2. PROBLEMATIZAÇÃO

Abordar a manifestação cultural presente na Comunidade de Bocaina: O Cururu e o Siriri. Manifestações culturais típicas Região do Vale do Rio Cuiabá, ou seja, tanto da zona rural como da área urbana com intensa expressividade revelando o sentimento de pertencimento, contribuindo para manutenção da memória viva interagindo as gerações (adultos e jovens) do Grupo de Siriri – Flor do Cerrado.

A Comunidade de Bocaina é uma zona rural e faz parte do município de Santo Antônio de Leverger/MT, que ao longo do tempo preservar suas raízes culturais, desde sua fundação até atualidade situando diálogos que são vividos e aprendidos, sendo recriados com singularidade pelos grupos culturais do lugar.

Para (CASTELLS, 2002, p.22) define a identidade como a "fonte de significado e experiência de um povo". Construindo e marcando o espaço repleto de afetividade com suas percepções e vivências construindo saberes na dimensão festiva que há mais de 100 anos são realizados os festejos em honra a São Sebastião. Assim, abordar a manifestação cultural presente na Comunidade de Bocaina: O Cururu e o Siriri. Manifestações culturais típicas Região do Vale do Rio Cuiabá, ou seja, da zona rural e urbana com intensa expressividade revelando o sentimento de pertencimento, contribuindo para manutenção da memória viva interagindo as gerações (adultos e jovens) do Grupo de Siriri – Flor do Cerrado.

3. METODOLOGIA

As manifestações culturais na CT, está configurado na abordagem quantitativa de acordo com García Ballesteros (1998), não começa com um conjunto de hipóteses a serem verificadas, porém, com uma aproximação ao lugar de estudo, levantando uma série de problemas e reflexões sobre ele. Inicialmente fizemos o levantamento bibliográfico. No segundo momento, realizaram-se entrevistas com os moradores antigos, registro fotográfico, a coleta dos dados foi realizada por meio de entrevistas, observações e leitura da paisagem.. De acordo com Gil (1996), o levantamento de uma bibliografia relacionada ao tema abordado orientou na obtenção e análise dos dados, incluindo livros, dissertações, colóquio, revistas, seminários, dentre outras.

4. RESULTADOS

O estudo evidenciou que as comunidades tradicionais, são depósitos de saberes construídos e repassados entre as gerações, e estes são materializados no modo de vida, com suas experiências e práticas que são traduzidas na relação entre (natureza/sociedade) e usam seu conhecimento das mais diversas formas com sentido de valorizar as manifestações culturais presentes na memória do povo, na sua identidade que é traduzida no sentimento de pertencimento, permeando suas histórias, vivências, crenças, valores,

As atividades festivas dá visibilidade ao patrimônio cultural imaterial, valorizando as raízes históricas, com suas tradições culturais, religiosas, perpetuando a memória que são carregados de significados sociais, sendo apreendidos no seu contexto cultural, ou seja, "o significado é sempre construído culturalmente" (GEERTZ, 1989).

5. REFERÊNCIAS



ALMEIDA, Maria Geralda. Festas Rurais e Turismo em Territórios Emergentes. Revista Bibliográfica de Geografia y Ciências Sociales- Biblio 3W. Barcelona, Vol. XV, n.919, 2011. http://www.ub.edu/geocrit/b3w. Acesso em: 27/07/2016.

CLAVAL, Paul. A geografia cultural. Tradução de Luiz F. Pimenta e Margareth C. A. Pimenta. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1999.

CASTELLS, M. O Poder da Identidade. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

CAMPOS FILHO, L. V. S. Populações tradicionais. In: in (Org.) MACHADO, M. F. R. (Org.), Diversidade Sociocultural em Mato Grosso. Cuiabá, MT: Entrelinhas, 2008.

DIEGUES, A. C. & ARRUDA, R. S. V. Saberes tradicionais e biodiversidade no Brasil. Ministério do Meio Ambiente, Brasília, 2000.

FERREIRA, M. S. F. D. Lugar, recursos e saberes dos ribeirinhos do médio rio Cuiabá, Mato Grosso, Tese (Doutorado) São Carlos: UFSCar, 2010.

GARCÍA BALLESTEROS, A. (coord.) Métodos y técnicas cualitativas en geografía social. Barcelona: Oikos-Tau, 1998.

GEERTZ, C. A. A Interpretação das Culturas. Rio de Janeiro: Ed. LTC, 1989.

GIL. A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. São Paulo: Atlas, 1996.

NEUBURGER, M. Engenho Velho e Miguel Velho: comunidades ribeirinhas em transformação, Cuiabá: EdUFMT, ICHS, UFMT, 1994, p. 107-130. (Cadernos do Neru 03).

ROMANCINI, S. R. Entre o barro e o siriri: um estudo sobre o papel da mulher na cultura popular de São Gonçalo Beira Rio em Cuiabá-MT. Texto elaborado a partir dos resultados do projeto de pesquisa "Espaço e manifestações culturais na região de Cuiabá", Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação -Manaus, AM - 4 a 7/9/2013 15 desenvolvido com o apoio da PROPEQ -UFMT/CNPq, no período de julho de 2003 a julho de 2005a.

ROMANCINI, Sônia Regina. Paisagem e Simbolismo no Arraial Pioneiro São Gonçalo em Cuiabá/MT. Espaço e Cultura. RJ: UERJ, 19-20: 81-87, 2005b.

N5-029-ORAL

O MUNDO É O MAR: PESCADORES TRADICIONAIS E SEUS MAPAS MENTAIS ARMAÇÃO DO PÂNTANO DO SUL, FLORIANÓPOLIS-SC

Alice Regis Dorsa

Contribuindo na ampliação do conhecimento sobre um território tão rico em símbolos, cultura e de um povo que narra sua resistência, seu trabalho e suas memórias sobre o mar, esse artigo pauta-se em apresentar e refletir os resultados obtidos a partir da pesquisa realizada em meu mestrado, onde foi investigado e discutido o universo dos pescadores tradicionais do Sul da Ilha de Santa Catarina, mais especificadamente da praia da Armação do Pântano do Sul, trazendo para o contexto geográfico suas percepções e representações espaciais.

Onde busquei compreender o que são os territórios pesqueiros para os pescadores artesanais, o que os compõem e quais as dinâmicas que os representam. E justificou-se pela iniciativa de apresentar através da metodologia de mapas mentais as representações espaciais dos pescadores. A pesquisa foi realizada durante o período de 2013 a 2015, onde pude apresentar os componentes da Geografia da pesca, o seu histórico e a caracterização dessa atividade na praia pesquisada.

Neste artigo poderei dialogar sobre como a pesquisa reflete o modo de construção e manutenção de um território, os atores que o compõe e as principais transformações no universo do saber-fazer de uma população, isto, delineado através do caminho de observar, interpretar e representar o que conceituamos como um território pesqueiro. Além de contribuir para a divulgação deste patrimônio social, cultural e ambiental que é a pesca tradicional e debater caminhos para a valorização do pescador e a permanecia de seu saberfazer na comunidade da Praia da Armação.

PROBLEMATIZAÇÃO

É dentro do universo dos mapas mentais que a pesquisa caminhou, no qual buscou através de um olhar geográfico compreender os diálogos entre o mapear-representar, o mapear-comunicar e o mapear-pertencer dos pescadores tradicionais da comunidade da Armação do Pântano do Sul, localizada no município de Florianópolis-SC.

Porque esse lugar? Porque esses atores? Os registros históricos, as transformações socioespaciais, as alterações culturais em áreas litorâneas e a grande concentração de turismo são decorrentes de diversos processos ligados à expansão urbana, fato que propicia uma modificação no modo de vida e produção das populações locais, alterando assim também a dinâmica territorial dos pescadores tradicionais.

Alguns desses processos alteram significativamente a forma como os moradores das áreas litorâneas passaram a relacionar-se com o seu ambiente,

INTRODUÇÃO



com os pescadores do Sul da Ilha não foi e não é diferente. Os espaços em Florianópolis-SC estão cada vez mais ocupados e sofrendo pressão por parte de um crescimento nem sempre benéfico para os envolvidos no processo, que por muitas vezes modificam e impactam os modos de vida, as paisagens e as organizações sociais.

Diante desta realidade reforça-se a necessidade de levantar, mapear e registrar o modo de vida, as memórias, os saberes e as técnicas da pesca artesanal que por vezes estão cada vez mais esquecidas. Afinal, como são as representações espaciais dos pescadores tradicionais da Armação do Pântano do Sul, no contexto cultural e na composição do seu território?

METODOLOGIA

A fundamentação teórica-metodológica do trabalho teve a Geografia Cultural como base norteadora, garantindo a fenomenologia como um caminho para a compreensão dos fenômenos e de como eles são em sua essência. Caminho este que permitiu abrir o entendimento do lugar vivido, do espaço e do tempo dos pescadores. Atualmente a prática e a difusão de mapeamentos participativos tornou-se uma metodologia importante na área das ciências humanas, envolvendo pesquisadores com comunidades tradicionais.

Utilizamos os mapas mentais como uma metodologia inicial a esse processo participativo refletindo sobre seu uso e desdobramentos na Geografia. Partimos única e preferencialmente da percepção espacial que cada pescador possui de seu território, sem interferências dos limites municipais, naturais ou mapas de seus bairros. A intenção era saber como é e o que é o território para esses pescadores, através de suas memórias, histórias e de seus mapas, por isso utilizamos a metodologia de mapas mentais proposta pela Profª. Salete Kozel, denominada de metodologia Kozel, que consiste em três momentos: 1) classificar os mapas pelas categorias ou parâmetros; 2) associar às entrevistas dos indivíduos, atores da investigação; 3) analisar os elementos identificados nos mapas mentais por meio das teorias linguísticas, para compreender a intencionalidade dos significados das imagens, considerando o mapa mental como um texto, (KOZEL,2001)

RESULTADOS

As abordagens dos resultados da pesquisa são apresentadas através de um diálogo com as referências bibliográficas e as narrativas dos pescadores, a oralidade presente da memória. Dialogamos com uma cartografia baseada nas experiências cotidianas destes atores que compõe um território de resistência,

permeados entre os conflitos do urbano e das tecnologias com a tradição e os saberes apreendidos pela oralidade das gerações anteriores que já pescavam seus peixes neste mesmo mar.

De acordo com Kozel (2001), o resultado da aplicação das interpretações nos mapas mentais, aliados a uma abordagem fenomenológica do lugar, revelam uma nova forma de abordagem, que tem o intuito de contribuir nas análises espaciais de forma a compreender a lógica dos atores, desde as aspirações individuais aos sistemas de valores dos grupos sociais. Por isso, é possível afirmar que neste trabalho vimos não só as construções de determinados espaços ou coisas pela atividade consciente de pensamento teórico, mas, sobretudo, pelo o que Kozel (2005) considera sendo o conhecimento intuitivo, que perpassa por suas expressões.

Quando falamos de tessituras, falamos dessa territorialidade construída por uma trama complexa de relações, valores, modos de vida e símbolos visíveis e representáveis pelos seus sujeitos. Os territórios são tecidos diariamente como as redes dos pescadores; são tramas permeadas por relações sociais, poder, cultura e pertencimento, trazendo para o cenário os vínculos estabelecidos entre os pescadores e seu lugar vivido.

As representações espaciais dos pescadores por vezes aparecem de maneira pessoal, mas também são expressas através do saber-fazer adquirido na vivência com pescadores antigos, são representações carregadas de simbolismo e pertencimento registradas através de suas histórias e práticas de pesca que garantem não só visualizar e perceber o seu território como também observar o universo cultural impregnado no modo de vida através dos costumes e das dinâmicas registradas pelo fazer da pesca artesanal nesta localidade.

É possível perceber que as representações espaciais dos pescadores são imagens também dessa relação estabelecida com o mar, o que traz para seu trabalho uma especificidade. A partir daí que se manifesta a identidade social e a representação que o pescador faz do seu espaço de trabalho e de si mesmo.

Tratar dessas representações espaciais frente às transformações socioespaciais e culturais do tempo moderno, dentro da perspectiva da importância do resgate da tradição e dos saberes populares demonstram o quanto é necessário o surgimento de novos caminhos dentro da Geografia para garantir diálogos que apontem soluções sensíveis e com uma nova racionalidade acerca da natureza e de sua conservação, pois é notória a dimensão que assumem



atualmente nossos problemas socioambientais e os conflitos gerados pelo sistema econômico.

Este trabalho ajuda a garantir que essa forma de representar o território pesqueiro através do olhar do pescador aponte para a necessidade de ampliar o diálogo entre o conhecimento científico e os conhecimentos tradicionais. Dialogar com os saberes dos pescadores pressupõe reconhecer que estas comunidades possuem modos de vida e trabalho tradicionais que possibilitam formas diferentes de ver o mundo. Leff (2001) comenta que a tradição precisa ser ressignificada, e os modos de vida dos pescadores estudados têm uma grande contribuição nessa discussão, visto que a compreensão da pesca artesanal, enquanto tradicional, nos leva a pensar em um resgate dos valores em relação à natureza e levanta questionamentos como: Por que não áreas exclusivas para a pesca artesanal?

Como garantir também que esse conhecimento e esse trabalhador seja valorizado e que tenha meios seguros para se perpetuar? São questões importantes que devem ser levadas em consideração diante de uma realidade que compõe o espaço geográfico da Ilha de Florianópolis.

BIBLIOGRAFIA PARCIAL

LEFF, E. **Saber Ambiental: sustentabilidade, complexidade, poder**. Petrópolis: Vozes. 2001

KOZEL, S. Das imagens às linguagens do geográfico: Curitiba a "capital ecológica". Tese de Doutorado. São Paulo. Programa de Pós-Graduação em Geografia Física - FFLCH/USP, 2001. Graduação em Geografia Física - FFLCH/USP, 2001.

_____. Comunicando e representando: Mapas como construções socioculturais. In.: SEEMANN, Jörn (Org.). A aventura cartográfica: perspectivas, pesquisas e reflexões sobre a cartografia humana. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2005.

N5-010-ORAL

A DINÂMICA SÓCIO-ESPACIAL DE UM LUGAR CHAMADO CRASTO/ SANTA LUZIA DO ITANHY-SE

César Augusto França Ribeiro / Roseane Cristina Santos Gomes/ Jorgenaldo Calazans dos Santos / Daniele Luciano Santos

INTRODUÇÃO

O povoado Crasto, localizado no município de Santa Luzia do Itanhy/SE passou, nos últimos seis anos, por mudanças significativas que não se fizeram despercebidas no imaginário dos sujeitos que se reproduzem socialmente neste segmento espacial. Estudos realizados por Gomes R. C. S. (2014), em sua tese de doutoramento, elucidam a dinâmica do lugar, e seus agentes dinamizadores.

Com a preocupação de continuar suas investigações no povoado, no sentido de acompanhar as mudanças que continuaram após a conclusão de sua tese, a mesma desenvolveu, entre os anos de 2015 e 2016 uma pesquisa em conjunto com graduandos e demais pesquisadores no sentido de compreender se a dinâmica do lugar ainda era percebida da mesma forma pelos sujeitos, sobretudo pelo fato de o turismo ser um dos agentes dinamizadores dessa dinâmica.

Isto posto, o objetivo central da pesquisa aqui esposada está pautado na reflexão acerca da percepção dos sujeitos do Crasto no que tange as transformações sócio-espaciais que ocorreram no período de janeiro de 2014 a julho de 2015, considerando os sentidos e significados atribuídos pelos mesmos sobre o seu modo de vida que está intimamente relacionado à paisagem que conforma o lugar e, que por sua vez é afetada pelas mudanças.

O aporte teórico-conceitual está preponderantemente embasado nos estudos de Gomes R. C. S. (2014), para uma compreensão do povoado Crasto no contexto geral; Almeida (2011) e Claval (2014), para os aspectos epistemológicos da Geografia Cultural e a metodologia nesta inserida; Rocha (2002-2003) para o esclarecimento da geografia da percepção; Brandão (2009), para refletirmos sobre os sentidos de fazer parte de uma comunidade com modo de vida tradicional; e Silva (2009), no que se refere à pesquisa qualitativa.

A abordagem cultural tem na subjetividade o seu viés traçado na essência do que está sendo observado durante o estudo e que o espaço percebido é fruto das experiências humanas. Salienta-se também que, quando são realizados estudos focando na geografia cultural, os significados do luga, estão impressos no modo de vida dos sujeitos e seus saberes e valores são fundamentais na transmissão de conhecimentos imersos poucas vezes reconhecidos em meio à "correria dos homens". Quanto à percepção, ferramenta necessária para que sejam feitas as análises das nuanças que permeiam o povoado Crasto, pode-se considerar que a percepção vai depender do conhecimento e do tipo de relação que o sujeito tem com o lugar.



MÉTODO E O TRILHAR METODOLÓGICO

O presente trabalho está fundamentado no método Fenomenológico. Neste tocante, buscar-se-á compreender a percepção dos sujeitos locais em relação as mudanças na paisagem do povoado Crasto, ocorridas entre os anos de 2014 e 2015. De acordo com Holzer, (p. 77, 1997) "Antes de tudo cabe dizer que a fenomenologia e a geografia têm, em planos diferentes, objetivos convergentes: o de estudar a constituição do mundo".

No intuito de compreender a problemática já citada em intersecção com o método e as categorias, o presente trabalho está ancorado metodologicamente, na Pesquisa Qualitativa. Assim, foi feita uma análise vertical e/ou aprofundada do fenômeno em questão, levando em consideração os seguintes instrumentais metodológicos no que tange a captação dados primários. Cita-se assim: observação semiestruturada, pois como ressalta Pessôa (2009), é preciso que o pesquisador consiga absorver o que está além da aparência, ou seja, buscar a essência; coleta de dados informais, uma vez que tais proporcionou um primeiro contato com os sujeitos do povoado em estudo, sendo fundamental o uso dessa técnica para poder obter informações nas conversas informais; Registros Fotográficos de acordo com Guran (2012); Entrevistas Semiestruturadas, visto que segundo Pessôa (2009), a entrevista é uma das técnicas mais utilizadas na pesquisa qualitativa por proporcionar ao pesquisador um contato direto com o seu entrevistado na busca por informações que enriquecerão o objeto pesquisado; por fim, os Mapas Mentais que segundo Kozel (2007), trata-se da representação da essência, percepção e experiência do sujeito.

RESULTADOS

Os resultados em questão partem das análises ocorridas entre janeiro de 2014 e julho de 2015. Pôde-se constar que o povoado Crasto continuou passando por mudanças, sobretudo, em sua paisagem sendo estas percebidas pelos sujeitos do lugar. Dentre as mudanças, consta-se a pavimentação da estrada de acesso ao povoado, a partir da sede municipal, sendo que os sujeitos a percebem não só como uma via que facilitou a mobilidade, pois enfrentavam dificuldades devido às péssimas condições da "estrada de chão" e pela falta de transporte.

Os sujeitos a percebem, outrossim, como perspectiva para a melhoria das condições de vida, uma vez que se fez notório o aumento de turistas em decorrência da pavimentação, ocasionando perspectivas para o desenvolvimento do Turismo Comunitário no povoado. Este que é um dos desejos dos sujeitos

locais visando o desenvolvimento da comunidade sem afetar a sua realidade cotidiana enquanto pescadores em contato com elementos paisagísticos sócio-culturais do seu ambiente.

Outro aspecto analisado, foi a relação existente entre o sujeito do Crasto e o seu povoado. Foi identificado um forte senso topofílico que liga o grupo social ao lugar e à paisagem por meio símbolos presentes nas fachadas das residências como peixes, âncoras, redes de pesca e barcos. A topofilia também esteve evidente, sobretudo, nos relatos de vida que retrataram a essência de ser pescador, marisqueira que mesmo com as dificuldades enfrentadas para a reprodução social e consequente manutenção do modo de vida, os sujeitos não pensam em se desafazer do seu lugar, da sua paisagem, do seu cotidiano e da sua condição de pescador/marisqueira.

Entretanto, existe uma preocupação que rodeia a vida desses sujeitos: a degradação que vem afetando a pesca e o manguezal, sendo oriunda de fatores externos e que vem, consequentemente, afetando a sua paisagem, o seu modo de vida. Sendo assim, nota-se o quanto a paisagem do lugar mudou durante esse período de 2014 a 2015, mudanças que trouxeram resultados significativos na vida dos sujeitos locais tanto ao que concerne a aspectos ditos positivos, que propiciaram um estreitamento no/do ser/estar dos sujeitos com o seu lugar e também aos aqueles ditos negativos.

BIBLIOGRAFIA PARCIAL

ALMEIDA, M. Geralda de; VARGAS, M. Augusta Mundim; MENDES, G. Flores. Territórios, Paisagens e Representações: Um diálogo em Construção. **Mercator**, Fortaleza, v. 10, n. 22, p.23-35, mai./ago. 2011.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Relatório final do Projeto Tempos e espaços nas comunidades rurais do Alto e Médio São Francisco**. Minas Gerais. Uberlândia: UFU, 2009

GOMES, Roseane C. Santos. Território, paisagem, sujeitos sociais e políticas públicas: (des) caminhos e perspectivas do TBC em comunidades brasileiras e mexicanas. **Tese de doutorado** apresentada Núcleo de Pós Graduação em Geografia pela Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão, 2014.

GURAN, Milton. Documentação Fotográfica e Pesquisa Científica. Notas e Reflexões. Relatório de pesquisa. 2013. Disponível em: http://www.labhoi.uff.br/sites/default/files/doc foto pq.versao final 27 dez.p df, Acesso em 26 de agosto de 2015.



HOLZER, Werther. Uma Discussão Fenomenológica Sobre os Conceitos de Paisagem e Lugar, Território e Meio Ambiente. **Revista Território**, 1997.

KOZEL, S.; SILVA J. C.; GIL FILHO, S. F. (org.). **Da Percepção e Cognição à Representação:** Reconstruções Teóricas da Geografia Cultural e Humanista. 1 ed. São Paulo: Terceira Margem, 2007. p. 207-222.

PESSÔA, Vera L. Salazar; MATOS, Patrícia F. de. Observação e entrevista: Construção de dados para a pesquisa qualitativa em geografia. RAMIRES, Júlio Cesar de Lima; PESSÔA, Vera L. Salazar (orgs.). **Geografia e Pesquisa Qualitativa**. Uberlândia. Editora: Assis, 2009. P. 279-291.

ROCHA, Lurdes Bertol. Fenomenologia, Semiótica e Geografia da Percepção. Alternativas para analisar o espaço geográfico. **Revista da Casa da Geografia de Sobral**, Sobral v. 4/5, p. 67-79, 2002-2003.

SILVA, Jeane Medeiros. Análise do Discurso e Pesquisa Qualitativa na Geografia. In. RAMIRES, Julio Cesar de Lima; PESSÔA, Vera Lúcia Salazar (orgs.). Geografia e Pesquisa Qualitativa nas Trilhas da Investigação. Editora: Assis. Uberlândia, 2009.

N5-011-ORAL

A MULHER E SUAS REPRESENTAÇÕES EM TERRA RONCA - GOIÁS: ENTRE TRADIÇÕES E MODERNIDADES

Juliana Andrade Lee

Introdução

O espaço do sertão tem, nas últimas décadas, passado por transformações. Este trabalho pretende identificar o que há de modernidade e tradição, especificamente nas questões que se referem ao papel e a identidade da mulher no sertão e as mudanças que estão em curso. Para isto foi escolhida a área da localidade de Terra Ronca e o povoado de São João Evangelista, no município de São Domingos no Nordeste Goiano. A escolha da área deveu-se ao fato de ser um local em que o turismo está em pleno desenvolvimento e que por isso pode-se notar a hibridização causada pelas transformações advindas do turismo, nas tradições que existem no modo de vida da população.

Claval (1999b) afirma que, no Brasil a urbanização e a queda da fecundidade levaram as mulheres a mutações ainda mais rápidas que no restante da sociedade. Nas palavras do autor: "Não para de crescer a quantidade daquelas que exercem uma atividade profissional, mesmo se a imagem da dona de casa continua a ser veiculada [...]" (CLAVAL, 1999b, p. 25) Para o autor a geografia brasileira deve-se preocupar-se com a mulheres tanto quanto com os homens.

"Eis aí um domínio imenso: os geógrafos brasileiros compreenderam sua importância, mas estão longe de ter explorado todos os aspectos." (CLAVAL, 1999b, p.25)

Há no espaço, técnicas de diversos períodos, com níveis de modernização diferentes, que ocasionam mudanças no todo. As técnicas mudam elas mesmas de acordo com as especificações de cada lugar. Desta maneira, se configura um quadro único, que ocorre devido ao arranjo de técnicas e especificidades do lugar, estando em constante mudança. (Santos, 2009)

Problematização

Difere dizer que as mudanças não devem ocorrer, de que elas devem ocorrer em seu ritmo natural. Muitas vezes estas se dão em um ritmo que não é o do local, e sim o do global, não respeitando a configuração já existente, favorecendo uma minoria que não é a que está ali instalada, ou seja, interesses particulares. (Santos, 2009)

Estas mudanças se dão em um ritmo acelerado, inclusive segundo Claval (1999a) no sentido de homogeneização da cultura. Este autor afirma que a modernização se fez tão rapidamente que as readaptações ainda não aconteceram.

Partindo deste pressuposto, a proposta da pesquisa é analisar o sertão, "campo topológico e forma de uma percepção particular, produto de uma história e de uma cultura." (ALMEIDA, 1998, p. 3) Na visão de sertão compartilhada por Chaveiro e Almeida: "um espaço sociocultural peculiar que pode ser interpretado como criador de símbolos, valores, identidades e representações dos grupos sociais." (ALMEIDA E BRAGA, p. 2). Após a modernização no campo, a partir das décadas de 1960/1970, o sertão passa por diversas mudanças. As capitais Goiânia e Brasília foram construídas para levar o desenvolvimento do litoral para o interior, para transformar o que eram "dois Brasis" em um Brasil moderno e com o ideal de unificação do país.

Observa-se uma lacuna no que se refere a trabalhos que tratem da questão da mulher. Falamos aqui no sentido da questão da mulher na ciência geográfica e da mulher no sertão. Portanto, escolheu-se abordar as transformações nas representações da mulher na área de Terra Ronca entre o que é tradição e modernidade.

Metodologia

Procura-se conhecer quem é a mulher que vivia/vive no campo buscando saber quais seus hábitos, costumes, crenças, visões de mundo, o que ela tinha de



tradições em sua cotidianidade e quem é, hoje, essa mulher, como é seu modo de viver, o que mudou e o que ainda permanece.

Para alcançar os objetivos propostos, pretende-se seguir a metodologia traçada por Spivak para se trabalhar com o "outro". Kapoor faz uma análise do discurso spivakiano em que aponta argumentos sobre a representação do outro.

A ideia é tentar retratar a história e o itinerário do outro e aprender seus hábitos, parando de pensar em si mesmo como melhor ou superior. Outro aspecto importante, é o "learnig to learn", ou seja aprender a aprender com o outro. Lembrando que conceitos como nação, democracia e participação são incontestáveis.

São destacados aspectos como, não ver a si mesmo como indispensável no processo ou culturalmente superior, não ver o "outro" como estando sempre em problemas e se ver como dono das soluções. Não tentar projetar a si mesmo ou o seu mundo no outro. A partir disto, segundo Spivak o pesquisador estará mais aberto para aprender com o outro.

O pensamento spivakiano sugere que se converse com moradores do campo, sem que haja uma aprendizagem exploradora. Além disso, tendo o trabalho empírico a sua devida importância, o discurso spivakiano recomenda também a literatura como uma forma de, através da imaginação, ser alguém que não si mesmo.

Serão realizadas entrevistas com moradores do campo, onde a partir de seus relatos, tendo como base a sua memória, poderemos identificar os aspectos de tradição, costumes, relação mulher/natureza, função da mulher, modo de vida, entre outros elementos que possam surgir no decorrer da pesquisa.

Resultados

Foram realizadas pesquisas em campo nas localidades de Terra Ronca e no povoado de São João Evangelista, no município de São Domingos, em Goiás. A metodologia utilizada foi a da observação direta através das narrativas obtidas em campo, dos registros orais e observações feitas junto à população local.

As áreas observadas se constituem como isoladas e de difícil acesso, sendo os municípios mais próximos, a sede do município de São Domingos e o município de Posse.

Observa-se na área uma contradição presente no papel da mulher e em sua identidade. Quando tradicionalmente o papel da mulher era o de cuidar da casa e dos afazeres domésticos, enquanto o homem trabalhava no roçado ou em

fazendas da Região, modernamente a mulher tem também um trabalho fora de casa e se insere em atividades antes exclusivas aos homens.

A partir das narrativas obtidas em campo, observou-se conforme relatado por uma mulher que vive em Terra Ronca, Reginalda, 37 anos, que trabalha em casa, é a preocupação quando se casa com o marido, a casa e os filhos que envelhecem a mulher. Maria Célia, também com 37 anos e moradora de Terra Ronca, trabalha como Guia Turística na região, trabalho que é predominantemente realizado por homens, devido a dificuldade da atividade de se caminhar nas cavernas que é o principal atrativo turístico em Terra Ronca. Esta nunca casou ou teve filhos e afirma ser por isso sua aparência mais jovem, por não ter tantas preocupações como Reginalda.

No povoado de São João Evangelista, que fica dentro da Reserva Extrativista de Terra Ronca, observou-se algumas mulheres que trabalham dentro de casa e além disso vendem os produtos de cosméticos produzidos com plantas do cerrado. Os produtos são produzidos por uma fábrica que fica em Goiânia. Já houveram tentativas por parte dos moradores do povoado de montar uma Associação, que possibilitasse os próprios moradores do povoado beneficiarem os produtos que são extraídos da reserva extrativista. Porém a Associação atualmente não está ativa.

Observa-se com os resultados obtidos que a mulher na região também está se inserindo em atividades que antes não lhe eram designadas, porém muitas ainda permanecem trabalhando em casa. Com a continuidade da pesquisa, espera-se conseguir uma melhor compreensão de qual o papel da mulher e por quais transformações vem passando as mulheres e suas representações na área, a partir de um aprofundamento da bibliografia e pesquisas de campo.

Bibliografia Parcial

ALMEIDA, Maria Geralda de. Em busca do poético do sertão. In: Espaço e Cultura, UERJ, N. 6 JUL/DEZ. 1998.

BRAGA, Helaine da Costa; ALMEIDA, Maria Geralda de. TRADIÇÃO E MODERNIDADE EM GOIÁS: Uma breve reflexão sobre sua dimensão cultural.Disponível em: http://www.neer.com.br/anais/NEER-1/comunicacoes/helaine-costa-braga.pdf. Acesso em: 02/01/2016 CLAVAL, Paul. A Geografia Cultural. Florianópolis, Editora da UFSC, 1999a CLAVAL, Paul. Reflexões sobre a geografia no Brasil. Espaço e Cultura, UERJ, RJ, N., P 7-29 AGO./DEZ. DE 1999b.



KAPOOR, I. (2004) 'Hyper-self-reflexive development? Spivak on representing the Third World "Other", Third World Quarterly 25, 4, pp. 627–47.

SANTOS, Milton. A natureza do espaço. Técnica e tempo. Razão e emoção. 4.ed.São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

SPIVAK, G. (1988) Can the subaltern speak? in: C Nelson & L Grossberg (eds), Marxism and Interpretation of Culture, pp271–313(Chicago,IL:UniversityofIllinoisPress).

N5-012-ORAL

A PAISAGEM CULTURAL DA ESTRADA REAL – Resumo Expandido

Altino Barbosa Caldeira/ João Francisco Abreu/ Sandro Laudares

1.INTRODUÇÃO

Este trabalho de pesquisa vem sendo realizado no Laboratório de Estudos Urbanos e Regionais do Programa de pós-graduação em Geografia/Tratamento da Informação Espacial da PUC-Minas, com o objetivo de possibilitar uma leitura espacial e cultural do território conhecido como Estrada Real. Segundo Claval (2002), o objetivo da abordagem cultural é entender a experiência dos homens no meio ambiente e social, compreender a significação que estes impõem ao meio ambiente e o sentido dado ás suas vidas. A denominação de Estrada Real provém dos Caminhos do Ouro e dos Diamantes, criados pela Coroa Portuguesa a partir do século XVII, com o objetivo de controlar e fiscalizar a circulação das riquezas e mercadorias que transitavam entre Minas Gerais, onde se minerava ouro e diamante, e o Rio de Janeiro, onde se situava o porto pelo qual essas riquezas eram enviadas por navio a Portugal e São Paulo, de onde vieram os desbravadores bandeirantes. Nestes caminhos se encontram os artefatos agenciados pela mão humana, responsável por construções isoladas na área rural e por inúmeros vilarejos, comunidades rurais e distritos que unem entre si cidades que deram identidade a estes Estados. Esta pesquisa pretende incorporar à pesquisa geográfica o conhecimento sobre o patrimônio natural, material e imaterial de cerca de 200 municípios adjacentes ao longo deste território, cobrindo uma área de aproximadamente 80.000 km2 constituída de paisagens distintas. Os fatores econômicos, políticos e sociais foram considerados e analisados, contribuindo para os estudos culturais na Geografia. De acordo com Almeida (2007), a característica fundamental da paisagem cultural é a ocorrência, em uma fração territorial, do convívio singular entre a natureza, os espaços construídos e ocupados, os modos de produção e as atividades culturais e sociais,

numa relação complementar entre si. Por este enfoque, o meio ambiente transformado pelo ser humano, que revelam os seus modos de vida, tornou-se o grande interesse desta pesquisa, que procura abordar a cultura como objeto de estudo, por meio de fronteiras disciplinares comuns, que conforme Melo (2005), envolvem diversos campos do saber, como a antropologia, arqueologia, arquitetura, ecologia, história, sociologia, etc.

2.PROBLEMATIZAÇÃO

Um intensivo trabalho inicial de organização do banco de dados e a progressiva adequação dos mesmos às fontes digitais, bem como identificação dos municípios foram cruciais para o estabelecimento das metas a serem alcançadas. Trabalhos de campo ainda estão sendo realizados, na expectativa de se conhecer, registrar e tornar público a localização, o estado de conservação, e outros elementos de referencia destes bens, associados ao seu contexto geográfico. Andrade (2007) avalia o valor cultural, por exemplo, da Reserva da Biosfera da Serra do Espinhaço, localizada no eixo deste território, identificando seu importante repositório de material genético, com consideráveis porções de flora e fauna. Sob o aspecto da diversidade biológica, a Serra do Espinhaço, situada no território da Estrada Real, é considerada uma das mais ricas do mundo por sua importância geomorfológica, biológica e histórica. Considerando os três caminhos principais da Estrada Real, o Caminho dos Diamantes, o Caminho Velho e o Caminho Novo, foram georreferenciados e analisados os bens situados nas áreas dos distritos-sedes e nas zonas rurais, na expectativa de mapeá-los, enfocando as diferentes expressões, percepções e representações sobre o espaço. O trabalho apresentado pretende reunir, por meio do tratamento da informação espacial, um conjunto de dados que permite a interatividade entre as informações. Isto possibilitará ao usuário-navegador participar, no ambiente dos sistemas de informações geográficas, do conhecimento das diversas expressões do seu patrimônio cultural.

3.METODOLOGIA

A partir da montagem de um banco de dados, estas informações foram organizadas em suporte digital, possibilitando oferecer à comunidade acadêmica e científica o resultado desta pesquisa. A metodologia utilizada inclui levantamentos cadastrais, pesquisa documental em arquivos de instituições voltadas para a documentação e proteção dos bens culturais, o aprofundamento



na bibliografia específica sobre Geografia Cultural e Paisagem, tendo sido feitos trabalhos de campo em todos os municípios e percorridos mais de vinte mil quilômetros de estradas. Adotando-se esta prática metodológica e concebendose um software para a montagem do banco de dados, o produto será apresentado em formato interativo na WEB. As edificações, sítios históricos e paisagens de importância para as comunidades rurais e urbanas destacam-se, no projeto, como parte do patrimônio histórico brasileiro. A experiência obtida nesta pesquisa conduzirá a desdobramentos relacionados aos modos de fazer e ser das comunidades ali presentes, permitindo que as manifestações de natureza imaterial, como os costumes, os hábitos e as características das sociedades de cada município dessa região possam ser melhor identificados. Profissionais e estudantes poderão se valer do produto deste trabalho de pesquisa para avançar no conhecimento dos aspectos geográficos, históricos e socioeconômicos dos municípios estudados. Este projeto visa, portanto, trazer benefícios adicionais ao exercício das funções de proteção e conservação dos conjuntos de edificações e paisagens urbanas e rurais que fazem parte do roteiro da Estrada Real, configurada como uma Paisagem Cultural. A difusão destas informações permitirá a valorização dos remanescentes da Estrada Real e de suas referencias históricas mais importantes, abrindo espaço para o desenvolvimento e o desdobramento de novas pesquisas geográficas relacionadas à ampla dimensão encontrada neste objeto de estudo.

4.RESULTADOS

Entre os resultados obtidos observou-se que, sob o aspecto da abordagem cultural, a Estrada Real reúne e reflete movimentos interativos de pessoas e de intercâmbios multidimensionais, que resultam no conhecimento de bens, ideias e valores, ao longo de um considerável período de tempo. Observou-se o aspecto natural onde o organismo social e urbano desenvolveu relações múltiplas e recíprocas, no espaço e no tempo, fecundando o espaço de cultura que se manifesta na representação dos modos de vida, nas técnicas utilizadas e nas relações históricas associadas a um sistema dinâmico e interativo. A Paisagem Cultural da Estrada Real, portanto, pode ser considerada, não apenas como uma via de circulação principal, mas se estende a toda a área geográfica circundante, onde quer que se encontrem sítios e paisagens de valor cultural. De acordo com Delphim (2007), esta paisagem se mostra como um sistema complexo, as transformações realçam seus significados, relacionam e articulam os componentes em uma visão plural, mais completa e mais justa da história,

favorecendo a comunicação entre diferentes grupos sociais, promovendo e consolidando a compreensão de valores até então isolados. Sendo assim, este projeto contribui para enriquecer e conferir novas dimensões e significados, em um processo interativo, colocando a paisagem da Estrada Real como um centro ordenador cujos elementos representam o testemunho patrimonial e a confirmação física de sua existência. Do ponto de vista geográfico, o espaço ocupado pelo território da Estrada Real traz à luz informações sobre os sítios que espelham, em sua geomorfologia, a origem dos primeiros assentamentos, visto que comportam na composição do seu solo e na forma de seu relevo, elementos provenientes da formação das camadas da Terra que associados à existência de uma rede hidrográfica que inclui os córregos e ribeirões, possibilitou um conjunto de situações onde os minerais ricos em ouro e diamantes encontraram seu lugar, permitindo aos desbravadores a descoberta dos veios que deram origem às primeiras vilas que se transformaram nas cidades atuais.

5.BIBLIOGRAFIA PARCIAL

ALMEIDA, Luiz Fernando de. In RIBEIRO, Rafael Winter. *Paisagem Cultural e patrimônio*. IPHAN, Rio de Janeiro, 2007.

ANDRADE, Miguel Ângelo. *A Estrada Real e suas reservas naturais*. Belo Horizonte: FAPEMIG/PUC Minas, 2007.

CLAVAL, Paul. "A volta do cultural" na Geografia. Mercator - Revista de Geografia da UFC, ano 01, número 01, 2002.

DELPHIM, Carlos Fernando de Moura. *Estrada Real*. Rio de Janeiro: IPHAN/DEPAM, 2007.

MELO, Vera Lúcia Mayrinck de Oliveira. *A paisagem sob a perspectiva das novas abordagens geográficas*. Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina. USP, 2005.



N5-013-ORAL

PAISAGEM CÁRSTICA SERGIPANA: PERCEPÇÕES DA POPULAÇÃO DO ENTORNO E CONSUMO TURÍSTICO

Jorgenaldo Calazans dos Santos/ Maria Augusta Mundim Vargas

Introdução

O espaço geográfico, em sua dinâmica, exibe complexas e diferentes feições frutos da histórica relação homem-natureza e a compreensão sobre essa dinâmica, exige estudos sobre os indicadores de mudanças e perspectivas para novas configurações. Na contemporaneidade, ao mesmo tempo em que se intensificou a apropriação da natureza, também tornou-se necessário repensar alternativas capazes de redirecionar tanto os reflexos nefastos dessa intensa apropriação dos recursos naturais quanto das mais variadas configurações paisagísticas e culturais que, inevitavelmente, são modificadas com o crescimento e dispersão das comunidades humanas.

Nesse contexto, os processos de crescimento das comunidades estão envolvidos por diversas relações espaciais, obedecendo às estratégias de desenvolvimento e às relações socioambientais que refletem, categoricamente, uma nova dinâmica do espaço. Esse crescimento tem incidência direta na utilização dos recursos naturais disponíveis, daí essa discussão, implica a necessidade de repensar a relação existente entre as comunidades tradicionais e a paisagem cárstica sergipana, uma vez que essas transformações em curso ocorrem de forma veloz impulsionadas pelas mudanças na produção e na sociedade de consumo. Esse de fato é mais um sinal que aponta um afastamento de determinadas paisagens, no nosso caso, as que estão inseridas na paisagem cárstica e que são reconhecidamente ambientes frágeis e sujeitos à proteção especial por órgãos municipais, estaduais e federais, ao tempo em que cresce sua utilização como recurso, seja pelas indústrias de cimento, seja pelo consumo turístico.

É nesse sentido que a sustentabilidade é posta em discussão na formalização do mundo contemporâneo, ora para o interesse das comunidades, ora para o consumo turístico, ora para preservação, ora para a retirada/ eliminação pelos processos industriais. Como é o caso das cavernas existentes no estado de Sergipe.

Problematização

De modo geral, sabe-se que a relação do homem com as cavernas existe desde as civilizações antigas o que remete, seguramente, à Pré-história. Com o desenrolar das sociedades a humanidade tornou-se cada vez mais sofisticada, entretanto, nota-se que o homem dos dias atuais continua a se apropriar das cavernas para diversos fins.

Nesse contexto importa entender quais são os elementos do imaginário das comunidades situadas no entorno das cavernas cársticas de Sergipe, com relação às singularidades das formas, situação, vegetação, dentre outras. Em consequência disso, é possível formular os seguintes questionamentos: a população do entorno percebe a importância das cavernas no contexto da paisagem cultural cárstica sergipana? Questiona-se qual é relação topofílica, ou seja, sentimento de pertença da população de entorno com relação às cavernas, bem como as práticas que as comunidades de entorno desenvolvem nas cavernas indicam possibilidades de consumo turístico, que considere a sua sustentabilidade?

Metodologia

A pesquisa se desenvolve ancorada na abordagem qualitativa, com ênfase em levantamento de dados de informações documentais e de campo. Foram realizadas visitas para observação e para entrevistas semiestruturas dirigidas à população de entorno, a fim de obter informações, de forma a possibilitar a seleção de seis grutas ou cavernas que compõem o objeto da pesquisa.

A escolha das cavernas se baseou em um trabalho de aproximação do campo, que se realizou com o guiamento e com informações da ONG Centro da Terra. De acordo com seu cadastro visitamos 25 cavernas pela indicação de proximidade às comunidades e sedes municipais. Após esse percurso, foram selecionadas as seguintes: a Caverna Casa do Caboclo localizada no município de Japaratuba; Gruta da Matriana, Gruta da Pedra Furada e Gruta da Pedra Furada II, localizadas no município de Laranjeiras; a Gruta de Dorinha e Toca da Raposa, localizadas no município de Simão Dias.

Por fim, destacamos que na base de dados utilizados na pesquisa, algumas cavernas são intituladas como grutas, mas em nossa pesquisa, utilizamos o termo cavernas para todas as cavidades, por concordar com Guerra (2003), o qual defende que caverna e gruta são a mesma coisa, isto é, são cavidades que possuem formas cravadas em rochas calcárias ou arenitos de cimento calcário,



formadas pela dissolução do carbono e calcita pela água, portanto não há distinções a considerar entre ambas.

Resultados

As comunidades do entorno das cavernas visitadas são distintas nos aspectos considerados quais sejam o contigente populacional, o histórico do assentamento, a distância das cavernas, o acesso e o uso. Identificou-se, por exemplo, que a caverna Toca da Raposa situa-se bem próximo da sede da fazenda e tem em seu entorno uma população rural dispersa e, que as cavernas situadas nos municípios de Laranjeiras e Japaratuba, tem como referencia de população do entorno, as sedes municipais.

As facilidades de acesso e a pequena distância da capital Aracaju, onde estão situadas as agências de turismo, no mínimo de 25km com relação ao município de Laranjeiras e máximo de 100km para o município de Simão Dias, assim, como os elementos materiais das cavernas (estalactites, estalagmites, entradas, contorno, labirintos, etc.) e, os elementos simbólicos expostos pelos entrevistados, tais como os de usos múltiplos e lendas, são importantes para a investigação do fenômeno da pesquisa.

As seis cavernas visitadas foram assim selecionadas para o desenvolvimento de estudos mais aprofundados.

Bibliografia Parcial

ALMEIDA, M. G. Em busca do poético do sertão: um estudo de representação. In: ALMEIDA M. G. de RATTIS A. J. P **Geografia: leituras culturais.** Goiânia: Alternativa 2003.

BIGARELLA, J.J. Estrutura e origem das paisagens tropicais e subtropicais. Florianópolis: Ed. UFSC, 1994.

CADASTRO NACIONAL DE CAVERNAS DO BRASIL. **Regiões do Brasil.** Disponível em: http://www.cavernas.org.br/cnc/CavernasBW/RegioesBrasil. Acesso em: 27 set. 2015.

CROSGROVE, Denis E. A Geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zenny (Org.) **Paisagem, tempo e cultura.** 2. Ed. Rio de janeiro: Eduerj, 2004.

DENCKER, Ada de Freitas M. **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Turismo.** 4. ed. São Paulo: Futura, 1998.

DONATO, Christiane R. **Análise de impacto sobre as cavernas e seu entorno no Município de Laranjeiras, Sergipe.** 2011. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) — Programa de Pós-Graduação em

Desenvolvimento e Meio Ambiente, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2011.

GUERRA, A.T.; GUERRA, A.J.T. **Novo Dicionário geológico-geomorfológico**. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

LOBO, H. A. S.; *et al.* Espeleoturismo: oferta e demanda em crescente expansão e consolidação no Brasil. In: BRASIL. Ministério do Turismo. **Segmentação do turismo:** experiências, tendências e inovações. Brasília, DF, 2010.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia:** um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Tradução Lívia de Oliveira. Londrina: Edual, 2012.

_____. **Espaço e lugar:** a perspectiva da experiência. Tradução Lívia de Oliveira. Londrina: Edual, 2013.

N5-015-ORAL

IDENTIDADE TERRITORIAL: A VALORIZAÇÃO DA IDENTIDADE DA MULHER ASSENTADA, MINICÍPIO DE MAMBAÍ (GO)

Lívia Aparecida Pires de Mesquita/ Maria Geralda de Almeida

O território rural é marcado por relações de poder, mas também por relações simbólicas e afetivas de homens e mulheres que vivem na/da terra, constituindo suas identidades e territorialidades. O(a) produtor(a) familiar, que se caracteriza pela relação entre terra, trabalho e família, tem no seu território um espaço necessário para produção e reprodução familiar, em sentido biológico, social, político e cultural.

A relação estabelecida entre os sujeitos e o seu território, as formas de apropriação do espaço e seu processo de produção, o sentimento de pertencimento à terra, a uma comunidade, contribui para a formação da identidade dos sujeitos que vivem no/do campo.

Na produção familiar as atividades são realizadas por todos os membros da família e este é dividido de acordo com o sexo e a idade. Todavia, a divisão social e sexual do trabalho atribui papéis diferenciados para cada um dos sexos, o que geralmente leva ao não reconhecimento da identidade da mulher como trabalhadora rural, já que seus afazeres na esfera doméstica não geram renda e nas tarefas relacionadas à produção são considerados apenas como ajuda. Diante dessas questões, o propósito desse artigo é analisar a identidade territorial de homens e mulheres que vivem no/do território da produção familiar e como essa discussão contribui para o reconhecimento da identidade da mulher como produtora rural.



Para alcançar o objetivo proposto foram realizadas pesquisa teórica sobre: identidade, identidade territorial; produção familiar; trabalho feminino no campo; relações de gênero entre outros. E pesquisa de campo³, com aplicação de roteiros de entrevistas com homens e mulheres dos assentamentos Agrovila, Cyntia Peter, Mambaí, Paraná e Capim de Cheiro no município de Mambaí, estado de Goiás.

A construção de uma identidade territorial, de acordo com Cruz (2007), implica dois elementos: o espaço de referência identitária, referente ao espaço concreto e simbólico onde se desenvolve uma identidade social e cultural, e a consciência sócio espacial de pertencimento, que se constitui pelo sentimento de pertencimento, os laços de solidariedade e de auto reconhecimento do indivíduo ou grupo em relação a um território.

É por meio dessa relação como o território que os produtores e produtoras assentados recorrem à combinação de diversas fontes de renda e de trabalho, constituem seus espaços e combinam espécies e variedades de vegetais, organizando a produção e a vida social e cultural, com base em modelos de saber e de conhecimentos construídos pela família e apreendidos no decorrer da sua formação cultural. Eles são considerados como essenciais para assegurar a própria reprodução dessas unidades.

Nos assentamentos pesquisados a produção no roçado (milho, feijão e cana-de-açúcar) e a produção nos quintais, com plantas frutíferas (manga, caju, laranja, banana) e medicinais (alcanfor, babosa, erva cidreira, capim de cheiro) é voltada para o consumo familiar e somente o excedente é comercializado, geralmente na área urbana do município de Mambaí (GO). Assim, a produção é realizada para atender as necessidades da família e o modo de trabalhar na terra, plantar e cuidar dos cultivos e dos animais na propriedade segue uma lógica baseada nos saberes que esses sujeitos foram adquirindo na relação cotidiana com a terra, com a seu território.

A identidade territorial é construída relacional e historicamente, já que está relacionada com o imaginário social dos sujeitos, que se apropriam materialmente e simbolicamente de um determinado espaço (HAESBAERT, 1999; CRUZ, 2007). É na relação com o território que conhecimentos são aprendidos e

ressignificados pela vivência cotidiana e pelas relações simbólicas. O trabalho na terra, o cultivo dos quintais, do roçado, o cuidado com os animais, com a casa, as manifestações religiosas, os fazer e os saberes, constituem a identidade territorial dos(a) assentados(as)

Ao abordamos a identidade territorial do homem e da mulher do campo é importante salientar à influência dos papéis sociais, definidos historicamente e culturalmente e desempenhado pelos diferentes sexos, na definição da identidade territorial da mulher trabalhadora rural.

Os papéis que são impostos cultural e historicamente para os diferentes sexos, impõem a mulher a responsabilidade pelas tarefas reprodutivas, na esfera do privado, e mesmo exercendo atividade fora do lar, suas atividades são, geralmente, reconhecidas como secundárias, de ajuda. Enquanto o homem assume o papel de provedor da família, sendo lhe reservado a esfera pública e a identidade de trabalhador rural.

Nos assentamentos visitado, geralmente o trabalho na casa e no quintal é de responsabilidades das mulheres, enquanto os homens são responsáveis pelas tarefas relacionadas aos animais (bovinos e equinos) e aos cultivos agrícolas no roçado.

Essa divisão sexual de trabalho e de papéis, leva a gratuidade do trabalho da mulher na produção familiar, uma vez que as atividades na esfera doméstica não geram renda e nas tarefas relacionadas à produção são consideradas apenas como ajuda. A fala de uma assentada exemplifica essa situação: "Quem sustenta a casa é o homem, a mulher ajuda em tudo, mas o chefe é o homem." (Informação verbal, Mambaí (GO), abril 2015).

Essa desvalorização sugere que suas atividades não geram valor econômico e social o que de fato contribui para o não reconhecimento da identidade da mulher como trabalhadora rural.

As relações desiguais de gênero, passadas de geração em geração e transmitidas culturalmente, se encontram naturalizadas no modo de vida de muitas famílias tanto no campo quanto na cidade. Essa realidade leva as mulheres a acreditarem que o seu lugar é na esfera doméstica, por se sentirem menos capazes de realizar as tarefas fora de casa, e também por serem as únicas

Saberes sobre Ambiente, Agroecologia nos quintais e ensinamentos para Economia Social, Vão do Paranã (GO) - ProEXT Número: 9419.3.7411.30042015. Coordenados pela prof^a Dra Maria Geralda de Almeida.

³ A pesquisa de campo foi realizada com o apoio dos projetos: Ambiente, Mulher e Cidadania nas Comunidades Tradicionais no Território da Cidadania Do Vão Do Paranã e da RVS Veredas do Oeste Baiano - Chamada MCTI/CNPQ/MEC/CAPES Nº 22/2014; A Mulher Rural Assentada: Troca de



responsáveis pelo cuidado doméstico. Esse modo de pensar, encontra-se fortemente enraizados nas mulheres do meio rural, dessa forma, elas mesma não se reconhecem como trabalhadoras rurais.

Penna (1992), ao realizar uma discussão sobre a identidade social, como destaque para a identidade regional nordestina, coloca a autoatribuição como uma hipótese para o reconhecimento da identidade de um sujeito. A autora ressalta a necessidade de buscar enquanto referencial identitário os elementos socialmente importantes e significativos para o indivíduo ou o grupo. Segundo a autora, não é possível "deduzir" a identidades do sujeito ou do grupo apenas pela sua objetividade, ou seja, suas práticas, modos e vidas, uma vez que, o modo de perceber do(a) pesquisador(a) sobre essas características pode não ser a mesma do próprio indivíduo ou do grupo.

Diante dessas considerações, concordamos com Penna (1992) que as questões da identidade não podem ser deduzidas apenas pelos dados objetivos, mas também não podem ser reduzidas a autoatribuição, uma vez que a identidade do sujeito é resultado da definição tanto interna, quanto externa, ou seja, o modo como nós reconhecemos e como somos reconhecidos pelos outros.

Sendo assim, é importante que a mulher se reconheça como trabalhadora rural, assim como os sujeitos externos, como a sua família, a comunidade, os governantes. Com vista a implementar ações e criar políticas que contribuam para a condição de vida da mulher trabalhadora e para o seu reconhecimento.

A construção da identidade das mulheres como trabalhadoras rurais pode contribuir para romper com as relações desiguais de gênero, responsáveis por não valorizar o trabalho da mulher na esfera produtiva e na reprodutiva. E, se auto reconhecendo como trabalhadora rural subverterá a ordem da cultura patriarcal, que prega a superioridade dos homens sobre as mulheres e os(as) filhos(as).

REFERÊNCIAS

CRUZ,V, C. Itinerários teóricos sobre a relação entre território e identidade. In: BEZERRA, A. C.A. et. Al. (Orgs.). **Itinerários Geográficos**. Niterói. EdUFF, 2007. p. 13-35.

HAESBAERT, R. Identidades territoriais. In: ROSENDHAL, Z.; CORRÊA, R. L (Org.). **Manifestações culturais no espaço**. Rio de Janeiro: Eduerj, 1999. p. 169-190.

PENNA, M. **O que faz ser nordestino**: identidades sociais, interesses e o "escândalo" Erudina. São Paulo: Cortez, 1992. p. 49-81.

N5- 024-ORAL

OS TERRITORIOS PRÓXIMOS E DISTANTES DOS GERAIZEIROS: R-EXISTÊNCIA E R-HABITAÇÃO NOS CERRADOS BAIANOS

Valney Dias Rigonato Maria Geralda de Almeida

Introdução

A elaboração deste artigo é instigada pela hipótese que os geraizeiros baianos habitantes reexistem e re-habitam nas áreas dos Cerrados baianos, junto as territorialidades do capital em seus territórios vividos. O território em questão, abrange as comunidades geraizeiras do baixo vale do rio Guará, tais como: Ponte de Mateus, Cera/Cera de Baixo, Larga, Pedras, Vereda Grande, Lagoa dos Buritis, Riacho do Fogo, Puba e Contagem, conforme cartograma abaixo:

Assim, os territórios vividos dos geraizeiros baianos serão analisados a partir de suas territorialidades. Acredita-se que elas se manifestam nos itinerários de lugares conectados em redes no "entre-lugares" vividos. Esses territórios vividos dos geraizeiros baianos são estabelecidos de itinerários de lugares próximos e distantes.

Problematização

Com o advento da fronteira agrícola da modernização da agricultura nos territórios vividos pelos Geraizeiros baianos passaram por diversas territorialidades, ao invés de só apenas desterritorializarem, eles reexistem e rehabitam. Dessa forma, buscamos analisar os processos que os geraizeiros estabelecem as suas territorialidades diante do agronegócio do complexo de grãos/carne.

Metodologia

A metodologia balizará nos princípios geográficos para as elaborações e construção teórica/prática, por uma Geografia de/em Transição. Uma Geografia de interface da modernidade com a pós-modernidade, HISSA (2002) ou do "estruturalismo com o pós-funcionalista", Claval (2009, p. 11). Do "pós-moderno ao pós-colonial: e para além de um e de outro" Boaventura Santos (2010, p.33). E, também nos procedimentos da "descrição densa", (GEETZ, 2008), na pesquisa participante (BRANDÃO, 2006). Cabe frisar ainda que utilizamos das orientações do guia do "Diagnostico Rural Participativo", (SOUZA, PESSÔA, 2009) enquanto possibilidade de melhor descrever, interpretar e analisar os territórios próximos e distantes dos geraizeiros de seus territórios vividos, no baixo vale do rio Guará, município de São Desiderio.



Resultados parciais

Os resultados parciais apontam que os territórios vividos dos Geraizeiros são compostos por itinerários de lugares próximos e distantes os quais estabelecem suas r-existências e r-habitam as paisagens dos Cerrados baianos. Esses territórios são lugares interligados por elos conectivos de práticas socioculturais, signos, representações e imaginários. Práticas constituídas nos "entre-lugares" (BHABHA, 1998) vividos nas paisagens dos Cerrados baianos. Esse entre-lugares compõem a dinâmica territorial pelos Geraizeiros na mesorregião do Extremo Oeste da Bahia. Sob esta ótica, os seus elementos identitários são formados num imbricado de múltiplas espacialidades e temporalidades no espaço vivido. Entende-se aqui que as territorialidades próximas e as territorialidades distantes são unidades da dinâmica material, representacional e imaginária desses entre-lugares os quais os geraizeiros estabelecem suas rexistências e r-habitam os Cerrados neste inicio do século XXI. Afinal, como bem assegura Raffestin (2007, p. 11) "(...) o homem habita verdadeiramente e plenamente o território apenas quando ele produz uma representação Diante disso, os resultados parciais apontam que há paisagística". ressignificações nos territórios vividos pelos Geraizeiros despeito da inserção da modernização da agricultura e, mormente, do agronegócio do complexo de grãos e carnes nas últimas décadas do século passado e nestes anos do século XXI. Para isso, buscamos evidenciar as dimensões dos territórios vividos pelos geraizeiros baianos, conforme a figura 01.

Figura 01: Dimensões dos territórios vividos pelos Geraizeiros, São Desidério, BA -2016.

Lugares	Tipos de territorialidades (Próximas ou	Localidades de referência	Manifestações espaciais
	distantes)		

Como se vê, as territorialidades dos geraizeiros baianos são constituídas pelas relações afetivas, de parentesco, de amizade e, principalmente, das relações de trabalho os quais projetam as suas relações socioculturais no itinerário de lugares dos seus territórios vividos. Com esses lugares próximos e distantes, os geraizeiros baianos não só se mantém territorializados como potencializam com outras configurações territoriais os usos, as práticas, as representações e o imaginário com os Cerrados baianos. Em síntese, os geraizeiros produzem suas representações paisagísticas que lhes permitem se

apropriarem da realidade dos entre-lugares sem ter a propriedade e sem a comunicação da forma de signos. Dessa forma, as suas territorialidades constituem a r-existência e a r-habitação diante das desterritorializações do agronegócio na mesorregião do Oeste da Bahia.

Referencias bibliográficas

BHABHA, H. K. O local da cultura. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

BRANDÃO, C. R. Pesquisa participante e a participação da pesquisa: um olhar entre tempos e espaços a partir da América Latina. In: BRANDÃO, C. R.; STRECK, D.R. **Pesquisa participante: a partilha do saber**. Aparecida São Paulo; Ideias & Letras, 2006. p. 21-54.

CLAVAL, P. A revolução pós-funcionalista e as concepções atuais da geografia. In: MENDONÇA, F. KOZEL, S. (Org.). **Elementos epistemologia da Geografia contemporânea**. Curitiba: Ed. UFPR, 2009.

GEETZ, C. **A interpretação das culturas.** Tradução de: The interpretatio no fcultores. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

HISSA, C. E V. A mobilidade das fronteiras: inserções da geografia na crise da modernidade. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002.

RAFFESTIN, C. E se a representação fosse apenas a invenção da moeda fiduciária do real?. Revista Formação, n^{o} 14 Volume 2. 2007 p. 08 a 13.

SANTOS, Boaventura de Souza. **A gramatica do tempo: para uma nova cultura política**. 3. Ed. São Paulo: Cortez, 2010.

SOUZA, M. M. O. de; PESSÔA, V. L. S. Diagnóstico rural participativo (DRP): um instrumento metodológico qualitativo em geografia. In: RAMIRES, J. C. L de; PESSÔA, V. L. S Geografia e Pesquisa Qualitativa: Nas Trilhas da Investigação Uberlândia: Assis, 2009.

N5-018-ORAL

OS CABOCLOS E A IDENTIDADE TERRITORIAL, MAJOR SALES/RN

Jocivânia Fernandes do Nascimento / Rosalvo Nobre Carneiro

INTRODUÇÃO

No atual contexto da globalização identifica-se uma tensão entre os interesses globais e regionais. Nesta dinâmica, as diferentes regiões e territórios buscam afirmar a sua identidade frente aos processos de mudança impostos pelo desenvolvimento da sociedade capitalista. Esta identidade é construída historicamente, através da atuação dos diversos atores que compõem a



realidade. (HALL, 2011). No município de Major Sales/RN, é possível identificar determinados processos de construção de identidade, formados principalmente a partir da cultura dos caboclos, onde atores sociais envolvidos direto ou indiretamente nos grupos da dança de caboclos, criados no município desde o ano de 1924. A manutenção desta tradição se desenvolve através de inúmeras manifestações materiais e imateriais, dando vida ao lugar. Diante das tensões e lutas pela hegemonia do território, os grupos da dança de caboclos vêm divulgando uma identidade principal, que serve de inspiração para as suas manifestações.

São muitos saberes e vivências que se integram a estas manifestações identitárias, tornando o cenário cada vez mais visível. Os atores sociais envolvidos nesta dinâmica buscam evidenciar os traços históricos da dança de caboclos por meio de diferentes estratégias, utilizando conjunto de elementos materiais associados ao imaginário acerca do passado que, por sua vez, viabiliza a construção da referida identidade territorial do município de Major Sales/RN. As formas de representação do passado variam de acordo com o tempo e o lugar, no entanto é possível identificarmos as estratégias que são comuns entre os grupos que participam da dança de caboclos, dentre estas podemos destacar: elaboração de vestimentas, confecção do boneco de Judas, roteiro musical, ritmo e pisada que dançam, e sempre que possível estes participam de eventos municipais, estaduais, regionais, cujo o propósito é o de propagar a sua identidade territorial.

É necessário identificar e compreender estes processos de construção da identidade territorial, reconhecendo-a não como uma essência inata e cristalizada do lugar, mas como uma materialização das intenções daqueles que são os principais agentes deste desenvolvimento, os próprios atores do território.

Este trabalho parte do seguinte problema de pesquisa: de que forma os Grupos de Dança de Caboclos vem atuando, ao longo de vinte e quatro anos, no processo de construção da identidade territorial e cultural do município de Major Sales/RN? Para responder a esta questão propôs-se, como objetivo geral, analisar a Dança de Caboclos como elemento de identidade territorial e cultural do município de Major Sales/RN. Como objetivos específicos, propôs-se: a) identificar a origem da dança de caboclos no município de Major Sales/RN; b) caracterizar a dança de caboclos; c) relacionar a identificação da população do município com à dança de caboclos.

METODOLOGIA

Para realizar esta pesquisa, utilizamos da abordagem etnográfica, que segundo André (1995, p.27) esta busca estudar "os valores, os hábitos, as crenças, as práticas e os comportamentos de um grupo social". Esta se apresenta e traduz a prática da observação, da descrição e da análise das dinâmicas interativas e comunicativas como uma das mais relevantes técnicas, paralelamente à seleção de referenciais bibliográficos que sustentem a respectiva análise. Primeiramente, utilizamos as obras de autores locais do município de Major Sales/RN que se destinam a contar a história do município, para construir uma leitura acerca do cenário a partir do que será elaborado o trabalho. Realizou-se uma revisão bibliográfica mais ampla acerca do tema identidade territorial e dança de caboclos, visando elaborar o referencial teórico.

Quanto ao levantamento de dados sobre o objeto especifico de estudo — os Grupos de Dança de Caboclos, pesquisamos no arquivo existente na sede do Ponto de Cultura, o qual possui documentação, fotografia, peças de vestuários, recortes de jornais, dentre outros acervos. Outra técnica utilizada é a entrevista, onde se aplicou primeiramente com os personagens ligados aos grupos de dança de caboclos, os seus respectivos lideres, bem como a coordenadora da Secretaria de Cultura, atuais e ex-dançarinos, bem como outros atores locais que, de uma forma ou de outra, estiveram ou ainda estão ligados a estes grupos.

A fotografia, importante forma de registro para a pesquisa etnográfica, utilizada em diversos momentos do trabalho de campo, cujas imagens serviram como referenciais de análise juntamente com as demais informações obtidas. Boni e Moreschi (2007) ressaltam que a linguagem da fotografia deve apresentarse de fácil compreensão de forma que o receptor ao observa-la possam não apenas entende-las como absorver suas informações imagéticas e textuais, pois tanto a linguagem escrita e a fotográfica devem ser usadas de forma independente e complementar, ou seja, apesar de terem as suas particularidades, imagem e escrita podem ampliar a compreensão do objeto analisado, a partir do cruzamento de informações.

Tanto no período como este que antecede a Semana Santa, participou-se de todas as atividades preparativas do Concurso de Caboclos e, após esta etapa, realizou-se uma pesquisa de campo com observação durante a realização da sua 26ª edição, objetivando acompanhar todos os aspectos possíveis que compõem esta manifestação cultural, desde a decoração da praça de eventos até os momentos finais. Neste período, realizamos entrevistas com as pessoas que estivam participando da festividade, desde dançarinos até o público presente,



buscando captar as interações dos diferentes atores no momento em que o concurso acontece.

As entrevistas e o levantamento de dados aqui mencionados são de cunho qualitativo, tendo em vista que este tipo de pesquisa, conforme Flick Von Kardorff e Steinke (apud GÜNTHER, 2006), apresenta quatro bases teóricas: a) a realidade social é vista como construção e atribuição social de significados; b) a ênfase no caráter processual e na reflexão; c) as condições objetivas de vida tornam-se relevantes por meio de significados subjetivos; d) o caráter comunicativo da realidade social permite que o refazer do processo de construção das realidades sociais torne-se ponto de partida da pesquisa. Partindo destas bases teóricas, busca-se utilizar a metodologia qualitativa em todos os passos da pesquisa, não excluindo, no entanto, a possibilidade de conciliar aspectos quantitativos, quando estes se fizeram necessários, o que a caracteriza como uma pesquisa quali-quanti ou mista.

As entrevistas e a pesquisa de campo, especificamente, serviram para captar aquilo que os estudos culturais denominam de subjetividades, ou seja, as manifestações que permeiam as relações sociais, evidenciando os valores, as crenças, as ideologias e representações que os atores locais empregam na construção de sua identidade e do município.

RESULTADOS

Os grupos da dança de caboclos, criados no município desde o ano de 1924, representam importantes aspectos de um determinado projeto identitário construído pelos atores locais. A manutenção desta tradição se desenvolve através de inúmeras manifestações materiais e imateriais, dando vida ao lugar.

Ao serem analisadas as manifestações culturais do município de Major Sales/RN, identificou-se um jogo de forças dentro do próprio território. Os atores locais, ao edificarem uma determinada identidade cultural predominante, acabam por excluir outras representações, mesmo que discursivamente estas permaneçam integradas à cultura local. Assim, diante das tensões e lutas pela hegemonia cultural do território, os grupos da dança de caboclos vêm divulgando uma identidade principal, que serve de inspiração para as suas manifestações, a identidade cabocla.

Alguns atores lutam para manter vivas estas referências, principalmente os mais antigos e os idealizadores dos grupos da dança de caboclos, aqueles cuja memória ainda está direta ou parcialmente ligada aos antepassados. Mas, para muitos, a alegria, a amizade ou até mesmo a festa estão acima da preocupação em

preservar o passado e a cultura cabocla. São muitos saberes e vivencias que se integram a estas manifestações culturais, tornando o cenário em que apenas uma identidade se faz visível. Apesar da dança, da música, dos trajes e dos demais elementos estar associados a uma determinada identidade cultural, o hibridismo se manifesta em todos os momentos de atuação dos dançarinos e no desenvolvimento dos eventos, ou seja, não há como não deixar de sofrer as influências da modernidade e do cenário globalizado. É preciso identificar e compreender estes processos de construção da identidade territorial, reconhecendo-a não como uma essência inata e cristalizada do lugar, mas como uma materialização das intenções daqueles que são os principais agentes deste desenvolvimento, os próprios atores do território.

REFERENCIAS

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Etnografia da prática escolar**. Campinas, SP: Papirus, 1995.

BONI, P. C.; MORESCHI, B. M. Fotoetnografia: a importância da fotografia para o resgate etnográfico. *Doc On-line*, n.3, p. 137-157, dez. 2007.

GÜNTHER, Hartmut. Pesquisa qualitativa versus pesquisa quantitativa: esta é a questão? Psicologia: Teoria e Pesquisa. Brasília, v.22, n. 2, pp. 201-210, mai/ago 2006.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva. Guaracira Lopes Louro – 11 eds.1 reimp. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

N5-019-ORAL

TRAMAS DO BORDADO MANUAL EM PASSIRA-PE: ANALISANDO A GEOGRAFICIDADE E A PAISAGEM CULTURAL

Rutt Keles Alexandre da Silva/ Caio Augusto Amorim Maciel

INTRODUÇÃO

No interior pernambucano, em áreas suscetíveis as adversidades climáticas condicionadas pelo clima semiárido, é comum a diversificação de atividades complementares à agricultura. Neste contexto, o artesanato apresentou-se como uma fermenta eficaz a ponto de se estabelecer como uma prática cultural e financeira ao longo de muitas gerações. A infinidade de produtos artesanalmente produzidos no Agreste de Pernambuco e a notoriedade que já alcançam, denotam às várias alternativas que foram adequadas às rotinas de seus habitantes, numa intensidade capaz de beneficiar a renda de núcleos familiares e dinamizar a economia local.



Como uma das localidades que se enquadram nas descrições acima, o presente estudo, concluído durante pesquisa de graduação, apresenta as potencialidades do município de Passira, "Terra do Bordado Manual", evidenciando os aspectos históricos e culturais que enalteceram sua trajetória enquanto produtora artesanal, bem como os caminhos que a atividade percorreu até enquadrar-se como elemento chave de sua economia. Foi a partir da década de 1980, que teve início a tradição anual de feiras artesanais e o incentivo por parte do poder público para o estabelecimento de cooperativas (VASCONCELOS, 2016). Hoje o referido município é destaque no cenário cultural ligado aos produtos artesanais em eventos locais, regionais, nacionais e até mesmo de proporções internacionais.

Assim, interpretando conceitos da geografia cultural, o presente trabalho teve o intuito de compreender a influência que a prática artesanal exerceu sobre o espaço geográfico, configurando paisagens culturais, as quais se estabeleceram como reflexo e matriz de relações sociais. A validade desta pesquisa se traduz na contribuição à identificação de elementos que agregam valor aos produtos e garantem ao município reconhecimento, proporcionando uma visão diferenciada sobre o artesanato. Sendo uma atividade comumente exercida numa região suscetível às adversidades ambientais, reduz a pressão sobre os recursos naturais, e incrementa a economia doméstica não só de famílias agricultoras como também urbanas, contribuindo para seu empoderamento. O trabalho de artesãos e artesãs pode jogar um papel mais expressivo na economia regional do que mero coadjuvante enquanto fonte de produtos "pitorescos" ou "folclóricos". Ressalta-se que a porção do Agreste em que Passira se encontra, está relativamente fora dos atuais pólos de desenvolvimento do estado, necessitando de estudos que potencializem suas vocações geográficas.

PROBLEMÁTICA DA PESQUISA

Diante das considerações acima, surgiu a indagação que conduziu a pesquisa: Quais as seriam as diferentes paisagens culturais configuradas ao longo do tempo como reflexo e matriz das relações sociais estabelecidas pelo bordado em Passira, seja através dos moradores entre si, visitantes ou até mesmo dos que recebem notícias passirenses por parte da mídia ou por outros meios?

METODOLOGIA

O estudo de caráter exploratório e bibliográfico desenvolvido em consonância com a geografia cultural, contou inicialmente com uma análise aprofundada de fontes de pesquisa relevantes na obtenção de dados sobre o

município, tais como: jornais locais, revistas e artigos científicos. Por conseguinte, a utilização de literaturas direcionadas à temática do artesanato, e, sobretudo relacionados ao bordado manual, em monografias, dissertações e teses compôs a fase de pesquisa em gabinete. Em paralelo, debates com orientador durante todas as fazes da investigação, e leitura de textos basilares voltados à compreensão da paisagem cultural, geograficidade, espacialidade e geossímbolos se mostraram fundamentais ao sucesso do estudo.

Realizado este levantamento de informações gerais para melhor compreensão da área em análise e interpretação de conceitos da geografia cultural, partiu-se para a segunda etapa, que se consistiu nos trabalhos de campo para levantamento de informações "in loco" e realização de entrevistas. Em prol de vivenciar e aprender mais sobre o universo artesanal existente em Passira foram feitas visita aos núcleos de confecção em residências familiares e cooperativas, tanto no interior quanto na cidade. Além de estabelecimentos comerciais, praças, ruas e feiras registrando o cotidiano do comércio e trabalho de pessoas ligadas direta ou indiretamente à atividade artesanal.

Nestas observações e interações foi possível entrar em contato também com turistas e compradores nos limites do município realizando entrevistas e coletando informações úteis a constatação do bordado enquanto geossímbolo e caracterização da identidade cultural da cidade como "Terra do Bordado Manual". A etapa final se deu na elaboração da cartografia temática, para a organização de um mapa de localização do município e um croqui de interpretação da espacialização das principais lojas de comércio artesanal no centro da cidade e avaliação do material iconográfico.

RESULTADOS

Devido ao reconhecimento conquistado pelo artesanato dentro e fora do seu âmbito de origem, traz-se à tona seu entendimento como geossímbolo, algo como um carimbo ou ícone que assume dimensão simbólica capaz de fortalecer sua identidade, por razões culturais, religiosas ou políticas aos olhos de algumas pessoas ou grupos étnicos, segundo Bonnemaison (2002). Assim, no estudo sobre o espaço vivido; cultural; estrutural ou objetivo; o supracitado autor diz que toda sociedade ordena e estrutura um espaço original de acordo com suas finalidades, funções e tecnologias próprias. Daí resulta "regiões", polos, eixos, fluxos, em suma, uma estrutura geográfica, encaixada sobre meios naturais, sendo as paisagens, reveladores visuais. Neste sentido, na perspectiva de Berque (1984),



a paisagem é simultaneamente marca e matriz. Na proporção de marca "expressa uma civilização", quando suas composições e formas colaboram com a sucessão de usos e significações através de gerações. Na dimensão matriz, "participa dos esquemas de percepção, de concepção e de ação — ou seja, da cultura". Assim, cada grupo esculpe em seu espaço sinais e símbolos de sua cultura, no estudo em questão, a representatividade se dá pelo bordado manual, a modificação da paisagem e o estabelecimento de redes organizativas

O bordado imprime uma face à Passira; ao mesmo tempo as maneiras de se pensar a espacialidade do município são influenciadas pela ideia de que esta é a "Terra do Bordado". Considera-se que as paisagens típicas do interior passaram a se revestir de grande interesse para o estudo das identidades nordestinas, pois guardam em si um processo de construção cultural coletiva, aceitando, porém, leituras particulares (MACIEL 2004). Abarcando dialeticamente como as populações locais se veem em relação ao ambiente, numa escala local ou regional.

Logo, tal significação atribuída à paisagem através dos atores sociais é composta por um conjunto de símbolos e valores vinculados ao que se chama cultura. Para Cosgrove e Jackson (2000, p. 25) a cultura é o meio pelo qual as pessoas transformam o fenômeno cotidiano do mundo material num mundo de símbolos significativos, ao qual dão sentido e atrelam valores, ressaltando a tendência presente numa linha interpretativa da geografia cultural recente, que desenvolve o sentido metafórico de "texto" sobre paisagem como algo a ser interpretado como documento social. Se o aspecto visível do bordado na morfologia da paisagem é tênue, posto que feito no recanto de lares rurais ou em pequenos empreendimentos, a notoriedade e fama do município são contados e recontados pelos habitantes e apreciadores do artesanato, além da grande divulgação pela mídia.

BIBLIOGRAFIA

BERQUE, Augustin. Paisagem-Marca, Paisagem-Matriz: Elementos da Problemática para uma Geografia cultural. In n: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.) **Paisagem, Tempo e Cultura.** Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004.

BONNEMAISON, J. Viagem em Torno do Território. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.) **Geografia Cultural: um século (3).** Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002.

COSGROVE, Denis; JACKSON, Peter. Novos rumos da Geografia Cultural. *In:* CORRÊA, Roberto L.; ROSENDAHL, Zeny. (Orgs). **Geografia Cultural: Um Século (2)**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2000 p. 15-32.

MACIEL, C. A. A. **Metonímias Geográficas – imaginação e retórica da paisagem no semi-árido pernambucano.** Rio de Janeiro-UFRJ, 2004 (tese de doutorado em geografia).

VASCONCELOS, Isabella K. M. F. de. **1980: UMA DÉCADA PARA FICAR NA HISTÓRIA DO BORDADO DE PASSIRA-PE.** *InBilros*, História(s), Sociedade(s) e Cultura(s), ISSN: 2357-8556. v. 4, n. 6, p. 102-119, jan.- jun. Fortaleza, 2016. Disponível em: http://seer.uece.br/?journal=bilros&page=article&op=view&path%5B%5D=194 3>. Acesso em: 10/08/2016.

N5-003-PAINEL

NEGRAS CONGADEIRAS NAS ESPECIFICADES DA ECONOMIA SOLSOLIDÁRIA-URUAÇU-GO

Eleusa Maria Leão/Rosselvelt José Santos

INTRODUÇÃO

O Decreto n° 4.887/03, em seu artigo 2º, considera como remanescentes das comunidades quilombolas, os grupos étnico-raciais, segundo critérios de autoatribuição, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida e que a caracterização dos remanescentes das comunidades dos quilombos será atestada mediante autodefinição da própria comunidade. Em muitas destas comunidades, a mulher desempenha diversos papéis importantes para a existência de seu povo, sua cultura e na própria defesa territorial.

O objetivo deste estudo é evidenciar o trabalho desenvolvido pelas mulheres negras na Comunidade Quilombola João Borges Vieira, localizada em Uruaçu no norte goiano, formada por 326 famílias residindo nos espaços rural e urbano do município. Trata-se de um grupo de 42 mulheres associadas que viram na economia solidária a solução efetiva para fugir do desemprego e obter renda. Apesar de não possuírem carteira assinada e demais benefícios assegurados pela legislação trabalhista, é por meio do trabalho coletivo no qual são realizadas oficinas de confecção de artesanato e posterior divisão de trabalho com



realização de tarefas em casa que aquelas mulheres têm conseguido a autogestão e possibilidade de melhorar de vida.

PROBLEMATIZAÇÃO/CONTEXTUALIZAÇÃO

A economia informal é um conceito bastante abrangente. De acordo com o Programa Regional de Emprego para a América Latina e Caribe (PREALC), citado em SINGER E POCHMANN (2000), o setor informal é composto por pequenas atividades urbanas, geradoras de renda, que se desenvolvem fora do âmbito normativo oficial, em mercados desregulamentados e competitivos, em que é difícil distinguir as diferenças entre capital e trabalho. Ainda segundo esses autores, essas atividades se utilizam de pouco capital, técnicas rudimentares e mão de obra de precária qualificação, mas proporcionam empregos instáveis de reduzida produtividade e baixa renda.

Na fase atual do capitalismo em que se intensificam os processos de reestruturação produtiva e o surgimento de novas formas de relações trabalhistas, caracterizadas pela precarização do trabalho, através da flexibilização de direitos historicamente perseguidos pela classe trabalhadora, a informalidade tem sido na maioria das vezes, a única alternativa de trabalho para grande parte da população brasileira. Neste cenário de insegurança e pouca oferta de emprego, a livre associação, o trabalho cooperativo e a autogestão tem sido recorrente em muitos países, conforme evidencia Laville apud Lechat (1994). Neste sentido, a economia solidária destaca-se como uma opção para aqueles que, num contexto de grande desocupação estrutural, buscam mecanismos geradores de trabalho e renda.

A busca por atividades econômicas solidárias associativismo/cooperativismo é uma estratégia construída pelas mulheres negras quilombolas de Uruaçu. Para o grupo a economia solidária recende a ideia de coletividade, de práticas fora do assalariamento formal, envolvendo ações de sujeitos que sempre viveram a margem dos direitos trabalhistas, promovendo a preponderância do sentido de mutualidade e reciprocidade.

De modo geral, as atividades desenvolvidas pelo grupo caracterizam-se pela baixa rigidez organizacional, pouca complexidade estrutural e pequena divisão de trabalho. As condições de funcionamento são simples, possuindo atividades individualizadas autogestionadas, amplamente caracterizadas por relações familiares trabalhistas, sem clara divisão entre trabalho e gestão e, raramente apresentam formas assalariadas de trabalho. Não por acaso estas características assemelham-se àquelas encontradas no que costumamos chamar

de economia informal (STAEVIE, 2009). Esta, ao contrário da economia capitalista organiza-se a partir de fatores humanos, favorecendo as relações onde o laço social é valorizado mediante acordos mediados pela reciprocidade e adota formas comunitárias de propriedade (Laville apud Lechat, 2002).

A história do trabalho desenvolvido pelas mulheres na associação João Borges Vieira evidencia exatamente essa busca por uma organização do trabalho em que os fatores humanos e relações nas quais ocorra a valorização do laço social e sintonia com os acordos cultivados na condição de congadeiras.

Acalentando lembranças do passado, mulheres das mais variadas idades, hoje em número de 42, começaram a fabricar bonecas de pano, denominadas "Maria Negra" historicamente feitas pelas avós.

Apesar de hoje possuírem uma sede cedida pela prefeitura em regime de comodato para produzir e comercializar sua produção, grande parte do trabalho é feito em casa aproveitando os momentos de folga dos trabalhos domésticos.

Neste texto procuraremos analisar o quanto as mulheres negras almejam que seus trabalhos sejam reconhecidos e ao mesmo tempo lhes proporcionem dignidade e legitimidade étnica.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Decreto 4.887 de 20 de novembro de 2003**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2003/D4887.htm. Acesso em 28 de junho de 2016.

LECHAT, Noëlle Marie Paule. **As raízes históricas da economia solidária e seu aparecimento no Brasil**. Palestra proferida na Unicamp por ocasião do Il Seminário de Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares, em 20/3/2002. Disponível em http://www.itcp.usp.br/drupal/node/250. Acesso em 20 de junho de 2016.

SINGER, Paul; POCHMANN, Márcio. **Mapa do trabalho informal**: perfil sócio econômico dos trabalhadores informais na cidade de São Paulo. 1. ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000.

STAEVIE. Pedro Marcelo. **Economia solidária, informalidade e políticas públicas: interfaces e divergências**. Rev. Pol. Públ. São Luis, v. 13, n. 1, p. 81-88, jan./jun. 2009. Disponível em:

www.revistapoliticaspublicas.ufma.br/site/download.php?id_publicacao=15 Acesso em 20 de junho de 2016.



N5-004-PAINEL

La presente investigación busca exponer **IDENTIFICACIÓN DE UNA PROPUESTA DE TRANSICIÓN CULTURAL EN EL JARDÍN URBANO**

Gina Lobato Cordero/ Rosselvelt Jose Santos

a través de la propuesta de un modelo exploratorio de transición como el encuentro entre culturas diferentes influencia en la conservación del ambiente analizando como espacio de interacción a los jardines urbanos de una ciudad andina colonizada. Se parte de la idea de la responsabilidad ecológica mantenida por los pueblos ancestrales indígenas de América del Sur, para identificar las acciones a favor de la conservación ambiental de las ciudades ocupadas por estos grupos. Actualmente estas acciones particulares están siendo reconocidas como valiosas prácticas utilizadas en espacios protegidos del planeta a favor de la protección del ambiente. Posteriormente se realiza un análisis del impacto que provoca la imposición de culturas ajenas sobre los pueblos nativos, generando desencuentros entre naturaleza y cultura que son reflejados en inconvenientes urbanos. Por lo tanto el modelo se fundamenta en la influencia de la identidad cultural visibilizando el valor que poseen el conocimiento y la sabiduría ancestral indígena, como parte del bagaje cultural de los habitantes de las ciudades andinas, impregnado en los jardines, así como su papel de custodios de cultura, naturaleza, salud, ritualidades e identidad, para reconocer en estos espacios un propuesta de transición que identifique los factores que condicionan la identidad cultural urbana y la interacción sociedad - naturaleza como un factor para la habitabilidad de la ciudad.

En América del Sur y Central la influencia de las comunidades indígenas ancestrales representan un elemento fundamental en la conformación de sus ciudades, debido a que en su mayoría, estas fueron fundadas sobre antiguas ciudades indígenas durante el proceso de colonización. Sin embargo su importância y conocimiento fueron desconocidos por los nuevos habitantes;; este hecho propició la difundida idea de que las comunidades indígenas, sus tradiciones, costumbres y sus formas de vida carecían de valor cultural, implantando nuevos parámetros poço acordes al entorno y consecuentemente desvalorizando el poder activo de la identidad cultural en las relaciones sociales dentro de las ciudades fundadas. Con el pasar del tiempo estas ideas indoctas han ido evolucionando gracias al acceso a un conocimiento avanzado a través de investigaciones como Qhapaqñan La ruta inka de sabiduría de Javier Lajo;

Sabiduría de la Cultura Kichywa de la Amazonía Ecuatoriana de Pedro Andy Alvarado; Las huellas del Jaguar de D. K. Gartelmann; Arqueología Amazónica Las civilizaciones ocultas del bosque tropical de Francisco Valdez;; Qorikancha Construcción Inka Cusco de Jesús Puelles Escalante entre otros, que han proporcionado información de gran valor en la búsqueda de identidad, salud, mejor alimentación y mejores condiciones de habitabilidad. El papel de las culturas indígenas ancestrales en el mantenimiento de lós espacios naturales por estas ocupados, es actualmente uno de los puntos de debate que está generando una importante fuente de información para conservar el paisaje natural y cultural. Estas comunidades tendrían también influencia sobre la función de la cultura como una estrategia en la sustentabilidad de las ciudades, ya que al adquirir representatividad pueden ser vistas como un aporte y no como un elemento inútil al momento de planificar las ciudades, posibilitando implantar propuestas acordes al medio natural basadas en experiencias comprobadas por estos grupos.

El Foro Permanente de la Organización de las Naciones Unidad (ONU) realizo un mapa sobre ecosistemas marinos y los bosques de Centroamérica que revela la importancia de la presencia de los grupos indígenas locales para la protección y conservación de áreas protegidas y ecosistemas naturales, reafirmando el hecho positivo que la presencia de estos grupos es un aporte de mayor efectividad y menor costo con relación a las acciones realizadas por el gobierno. ¿Son acaso los grupos indígenas personas con capacidades superiores o poseedores de un conocimiento exclusivo de cómo mantener el planeta? De acuerdo a esta información sería importante analizar cual es el motor para que sean considerados como guardianes de los espacios naturales de la Tierra. Al parecer la influencia de prácticas culturales y tradiciones son los principales elementos generadores de esta acción de conservación para con la Tierra y los elementos naturales que interactúan sobre esta, al ser reconocidos y respetados como parte de la cosmovisión indígena. La construcción de una sociedad moderna, consumista, globalizada y deshumanizada, puede mostrarse como el principal detonante para el rechazo de una identidad cultural indígena que fue desvalorizada sin fundamentos válidos; este hecho estaría quizás provocando desfavorables consecuencias ambientales ya que hoy por hoy los desastres ambientales provocados por el hombre moderno no han podido ser contrarrestados efectivamente por organismos internacionales, gobiernos locales y otras instituciones encargadas del tema de la sustentabilidad ambiental.



En este trabajo se realizó una revisión bibliográfica de informes e investigaciones, por medios físicos y virtuales, referentes a la relación de las comunidades indígenas con el medio natural en las ciudades andinas, así como también un reconocimiento de campo. Posteriormente se identificaron dos tipologias en la interacción del hombre y la naturaleza en el jardín urbano de una ciudad andina, en done la tradición y las costumbres de estas tipologías se manifiestan como características identitarias de habitabilidad en sus poblaciones durante el proceso de crecimiento de una ciudad. Finalmente se plantea la identificación de un propuesta de transición cultural aproximado presente en los jardines urbanos de la ciudad escogida, planteado una comparación basada en la correlación identidad y conservación ocurrida en un tiempo determinado en estos espacios, como un posible indicador de su aporte a la cualidad de vida de la ciudad por intermedio de sus espacios verdes patrimoniales. Resulta importante posicionar las practicas socioculturales como fundamento de vínculos como el lugar vivido de un pueblo que dialogue con los elementos ubicados en el espacio entre diferentes culturas para efectivizar las demandas ambientales de cada lugar, respetando sus especificidades y necesidades humanes.

Bibliografía parcial

CIEZA DE LEÓN, Pedro. El señorío de los incas (Enero 2011 ed.). (M. R. M., Ed.) Cusco, Perú: PIKI, 2011. 497 p.

CHACÓN, Juan Zhapán. **Guacha opari pampa**. Cuenca: Editorial de la Casa de la Cultura Núcleo del Azuay, 2005. 165 p.

GARCÍA AYULO, A. Qorikancha: el templo del sol. Cusco, 2015.

4 HARDOY, Jorge E. Las formas urbanas europeas durante los siglos XV al XVII y su utilización en América Latina. **Urbanización y proceso social en América, III Simposium sobre El proceso de urbanización en América desde sus orígenes hasta nuestros días.** Lima: Instituto de Estudios Peruanos, 1972.

LAJO, Javier. **Qhapaqñan La ruta inka de sabiduría** (2a. ed.). Quito: ABYA – YALA, 2006. 196 p.

LOBATO CORRÊA, Roberto. A Espacialidade da Cultura, 2004.

MATA, Segio, Da. O desencantamiento da toponímia. **Geografía: Temas sobre cultura y espacio**. Organizadores Zeny Rosendahl, Roberto Lobato Corrêa. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2005.

MIÑO GARCÉS, L., **El manejo del espacio en el imperio Inca.** Primera Edición. Quito: FLACSO Sede Ecuador, 1994. 158 p.

NORBERG--SCHULZ, Christian. **Existencia, Espacio y Arquitectura**. Barcelona: Blume, 1975. 145 p.

SORRE, Max. **Fundamentos Biológicos de la Geografía Humana**. (Ensayo de una Ecología del Hombre). Barcelona, Provenza, 1995. 214 p.

STONER, Joyce, Hill. **Conservation of our careers**. IIC Bulletin 4:2--7, 2001. TURRI, Eugenio. **Antropologia del paesaggio.** Venezia: Marsilio Editorio, 2008. 292 p. Original italiano.

N5-009-PAINEL

AS CONTRADIÇÕES DA BAIANIDADE COMO PROCESSO DE GERAÇÃO DE AMBIÊNCIAS ATRAVÉS DE SUOR, DE JORGE AMADO.

Carolina Rehling Gonçalo

Introdução:

Este trabalho utiliza a literatura de Jorge Amado como objeto social na investigação geográfica por meio da geração de ambiências, ou seja, através da análise do romance do escritor baiano, *Suor* (1934) que é considerado objeto fundamental na construção da baianidde. Em *Suor* é narrada principalmente a vida de moradores de um casarão no largo do Pelourinho, na época da narrativa um cortiço, como é característica do autor, seus personagens são, mendigos, lavadeiras, prostitutas, operários entre outros personagens humildes.

Segundo Albuquerque (2011) a baianidade, identidade cultural dos baianos, é construída com base na perpetuação de costumes, ritos, modos de viver entre outras práticas que ao longo do tempo foram e ainda são praticadas pelos soteropolitanos, ou seja, pelos moradores principalmente da área urbana de Salvador/BA se estendendo aos demais baianos. Desta forma, os sujeitos aqui analisados são ficcionais, mas que representam o real de uma época.

Uma vez que mostra-se possível aprender acerca de determinado espaço e realidade através da literatura, o estudo se desenvolverá tendo como meio a geração de ambiência, ou seja, a compreensão do meio/entorno pela perspectiva do sujeito, neste caso, os sujeitos personagens construtores da baianidade e que se fazem presente no espaço descrito por Jorge Amado, de forma diferente mas ainda existentes na capital baiana.

Como fio condutor da pesquisa e tema gerador geográfico capaz de explicitar as demandas enfrentadas pelos personagens será utilizado o conceito de território desenvolvido por Raffestin (1993), onde o território é uma formação a partir do espaço, resultado de uma ação que é conduzida por um ator que se



apropria de um espaço territorializando-o por meio de relações de poder. Ou seja, é uma projeção no espaço. Desta forma, mesmo os sujeitos sendo considerados como não detentores de grande poder, percebe-se através de suas relações a formação de um território com todas as características necessárias que deram suporte a ideia de baianidade. E que apresenta diversas contradições no sentido da sua perpetuação.

Metodologia:

A metodologia empregada neste trabalho apresenta-se com caráter qualitativo, tendo como etapas, primeiramente a leitura da obra de Jorge Amado com o levantamento de dados acerca dos sujeitos e dos lugares que compõem a obra, seguida da análise dos territórios ali existentes.

Num segundo momento foi realizado trabalho de campo na cidade de Salvador com o registro de imagens dos locais presentes na narrativa de *Suor*, como o Largo do Pelourinho, o sobrado que na obra é o cortiço e que atualmente funciona uma loja de artigos de lembranças de Salvador, bem como dos sujeitos que hoje ocupam esse espaço.

A terceira etapa do trabalho consiste no diálogo entre a obra literária, a literatura acadêmica e o trabalho de campo realizado a fim de compreender e explorar as possibilidades de problematização existentes no que diz respeito a baianidade, desvelando os processos de sua origem e o que se pode aprender com a literatura de Amado sobre o meio que envolve os sujeitos baianos.

Resultados:

A obra literária analisada oferece grande potencial de exploração geográfica, uma vez que apresenta conflitos sociais ainda existentes nos dias de hoje, como outras obras de Jorge Amado, *Suor* demonstra grande crítica social à época, com personagens oprimidos que vivem a beira da miséria, mas que aos poucos e com o tempo despertam para sua condição social e para a luta de classes.

É somente através do viés geográfico, do olhar atento buscando as territorialidades dos personagens que se consegue compreender as mazelas da sociedade baiana, ou seja, pensando o território soteropolitano e os espaços que são cabidos aos diferentes sujeitos é possível compreender as relações de poder ali existentes. Nota-se na obra selecionada todas as características de território listadas pela literatura acadêmica (RAFFESTIN, 1993) como a flexibilidade espacial e temporal visível nos momentos diários em que os personagens montam suas bancas de vendas, seus horários de trabalho e lazer, entre outros.

O estabelecimento de regras e mesmo leis que são organizadas por esses personagens como o simples espaço de rua onde pode-se escolher passar a noite e que deve ser respeitado pelos demais, e quando desocupado dando lugar a outro morador de rua. Bem como, os conflitos evidentes existentes em qualquer território existente e que dá força aos processos de desterritorialização e reterritorialização, que podem ser percebidos com a chegada e a saída dos moradores do casarão 68 que funciona como cortiço.

Ao aplicar a pesquisa a geração de ambiência (REGO, 2011), inicialmente após a leitura da obra literária de Jorge Amado foi realizada uma investigação acerca do meio, ou seja, o local onde a obra se passa, afim de compreender sua historicidade, seguida da interpretação da obra, e da busca pelas informações contidas nas entrelinhas, ou seja, também da censura sofrida pela obra, pelo período histórico a que se refere e aos regimes enfrentados no Brasil da década de 30, por fim partiu-se a abordagem dialógica da obra onde se evidenciaram as contradições encontradas na baianidade.

Se como afirmam alguns historiadores como Albuquerque (2011), Pinho (1998) entre outros, as obras de Jorge Amado são fundamentais na construção da ideia de baianidade, pois, ajudaram a fundar e perpetuar esse 'modo de ser do baiano' mais evidente na região de Salvador, mas que se estende aos demais baianos. Se por um lado, o Brasil enfrentava o período do Estado Novo com a era Vargas tentando formar a ideia de nação una e homogênea, através da interpretação instauradora, evidencia-se que pelo contrário, neste período ocorreram movimentos que ao invés de construir uma identidade única, fortaleceram a identidade de grupos distintos, como dos baianos, nordestinos, gaúchos, etc.

É sabido que neste período os CTGs no Rio Grande do Sul ganham mais força e acabam estabelecendo a figura do que hoje chama-se de gaúcho, assim como percebe-se também através da legitimação que a literatura consegue fazer na sociedade esse movimento acontecendo em demais regiões, como no nordeste com Rachel de Queiroz descrevendo os retirantes, povos que sofrem com a seca e a ideia que muito tempo se alimentou como sendo o nordeste da seca e da miséria, junto de outros autores regionalistas como Érico Veríssimo na escrita da coleção *O tempo e o vento*. No caso de Jorge Amado, acredita-se que o mesmo não pode ser considerado um autor regionalista, pois, diferente do movimento literário do nordeste com os aspectos de uso da terra, seus romances



em grande parte são urbanos e falam da capital Baiana o que então serviu de subsídio a baianidade.

Através do trabalho de campo realizado em Salvador percebe-se ainda hoje esses elementos e mesmo sujeitos que constituem a ideia de baianidade, no entanto, evidentemente de forma modificada. Se por um lado, a obra de amado é julgada como responsável por construir a baianidade percebe-se então uma grande contradição dos interesses públicos e turísticos existentes, onde mantem-se personagens característicos como as baianas que vendem comidas típicas e mesmo capoeiras em suas rodas no centro da cidade, hoje centro histórico, ao passo que, as denuncias de desigualdades citadas por Amado como moradia inadequada, abandono de crianças, mendigos e prostitutas parecem ser ignorados pelo poder público.

Bibliografia Parcial:

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do nordeste e outras artes**. 5.ed. São Paulo: Cortez, 2011.

AMADO, Jorge. Suor. São Paulo: Companhia as Letras, 2008.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. 9ªed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

MARIANO, Agnes. **A invenção da Baianidade**. São Paulo: Annablume, 2009. RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.

REGO, Nelson. Geração de ambiciências: três conceitos articuladores. **Educação**, Porto Alegre, v.33, n.1, p.46-53, jan. /abr. 2010.

N5-016-PAINEL

IDENTIDADE E NARRATIVAS ORAIS NO TERRITÓRIO QUILOMBOLA KALUNGA DO MIMOSO, EM TOCANTINS

Elizeth da Costa Alves

Introdução e problematização

No que diz respeito às atividades empreendidas pelo homem, Cosgrove esclare que,

[...] toda atividade humana é, ao mesmo tempo, material e simbólica, produção e comunicação. Esta apropriação simbólica do mundo produz estilos de vida [...] distintos e paisagens distintas, que são histórica e geograficamente específicos. A tarefa da geografia cultural é apreender e

compreender esta dimensão da interação humana com a natureza e seu papel na ordenação do espaço. (1983, p. 1)

Daí escolhermos a ciência geográfica para entendermos as relações identitárias que os indivíduos estabelecem com o seu território, pelo viés literário, que no nosso caso, são as narrativas orais.

As historias de transmissão oral são elementos importantes para entender a identidade e, simultaneamente, promover o bem-estar social, e a participação e a cidadania dos diferentes grupos sociais. Em vista disso, entendese que a memória é um bem que deve ser conservado, analisado e considerado como fonte de conhecimento para compreendermos os Kalunga.

Os contadores de historias assumem para si a tarefa de guardiães da memória da tribo. Como os amautas entre os incas, foram educados para memorizar, para preservar os feitos da sua raça, de modo que nada fosse esquecido, como os aedos, os rapsodos gregos, que conservaram a estória de Homero (Piñon, 1997, p. 88). Função urgente e necessária de preservar do esquecimento as estórias, as lendas, o folclore de sua gente e o de boca em boca, contando para lembrar aos mais jovens essa memória.

A comunidade do Mimoso, assim como outras, vive um processo de transformação causado pela modernidade, o que de certa forma, provoca o desaparecimento do encantamento da arte narrativa, que se torna adormecida e desvalorizada. Por isso, uma das motivações para a realização desta pesquisa se deu pelo fato de se considerar fundamental a preservação da memória, da cultura e da identidade desse povo.

O conceito de identidade tem sido muito discutido ao longo do tempo. Para Almeida (2010) a identidade nasce da busca da diferença e significa buscar na diferença o *principium individuationis*.

Berdoulay e Entrikin (2012) também abordam sobre o assunto e ressaltam que o fenômeno da identidade espacial ou territorial pode ser composta de vários elementos sociais. Pode ainda variar entre identidade "relativamente fraca", ou a um "sentimento intenso de pertencimento", que estabelece um vínculo entre o lugar e o grupo ou entre o lugar e o próprio ser. (p. 104) Esse "sentimento intenso de pertencimento" está ligado ao veio das comunidades tradicionais. Eles justificam da seguinte maneira:

O desejo de pertencimento do indivíduo ao grupo e do grupo ao meio pode ser compreendido como um processo essencialmente subjetivo, que está ligado à questão da identidade [...] Smith define a identidade cultural coletiva



como "esses sentimentos e valores" ligados a um sentido da continuidade, da memória e da comunidade de destino, no seio de um grupo que compartilhou experiências comuns e possui características culturais comuns. (p. 107)

Nesse mesmo sentindo, Giddens diz que a tradição colabora para o processo de formação da identidade individual ou coletiva. Ela garante a "manutenção" e "conexão" entre "identidade pessoal" e "identidades sociais", primando pela "segurança ontológica", ou seja, pela ordem e continuidade a respeito das experiências do indivíduo. "A tradição é um meio de identidade. [...] Em todas as sociedades, a manutenção da identidade pessoal, e sua conexão com identidades sociais mais amplas, é um requisito primordial de segurança ontológica. (2012, p. 125)

Isso justifica a hipótese da nossa pesquisa, de que as narrativas orais, advindas da tradição oral, contribuem para a construção da identidade Kalunga, no território quilombola do Mimoso.

A Comunidade rural quilombola Kalunga do Mimoso está localizada a 120 km do município de Arraias, e é formada por trezes núcleos familiares, composta por 250 famílias, tendo aproximadamente 1.500 pessoas.

De acordo com Saquet (2013, p. 118) território é "lugar de relações sociais; de conexões e redes; de vida, para além da produção econômica, como natureza, [...] identidade e patrimônio cultural; como produção socioespacial e condição para o habitar, viver e produzir."

Mejía (2004), evidencia alguns traços de identidade dos remanescentes de quilombos, que relacionados com um passado cultural comum, definem as fronteiras dos territórios de resistência por eles construídos, como forma de fortalecer sua identidade; permeado por traços culturais herdados dos antepassados.

Acreditamos então, que nos territórios formados pelas comunidades remanescentes de quilombos, os referenciais de vida são carregados de simbologias que favorecem a construção de uma cultura permeada por valores, saberes e ações de companheirismo e solidariedade.

Metodologia

<u>Fase Preparatória:</u> 1) Levantamento bibliográfico; 2) Visita exploratória à comunidade. / <u>Execução de trabalho de campo:</u> 3) Visitas à comunidade; 4) Entrevistas; 5) Ouvir e gravar narrativas orais. / 7) <u>Análise e interpretação dos dados coletados.</u>

Resultados (parciais)

O modo de contar historia dos contadores da comunidade Kalunga do Mimoso, que revivenciam seus mitos, suas lendas, e os faz chegar até nós através da crendice popular; os aproxima sobremaneira dos contadores de historias do autêntico narrador descrito por Walter Benjamin (1994). A figura do narrador só se torna plenamente tangível quando se tem em mente os dois grupos representados pelo "camponês sedentário" e pelo "marinheiro mercante".

O narrador, a exemplo do "camponês sedentário", permanece em Mimoso, conhece as historias, as tradições e preserva as raízes de sua terra ao contar as "supostas" vivências, próprias e alheias. Crônicas aprendidas de ouvido e que remontam a um Mimoso do passado. Depositário da cultura dos tempos idos, os mais velhos, repassam o seu patrimônio mnemônico para os mais jovens por meio das historias que lhes contam.

A tradição oral e a memória compartilhada entre as gerações formam o vínculo temporal com o passado e com o local onde vivem. O relato oral é portanto, fundamental para entender as noções de identidade estabelecidas entre os habitantes; essas identidades são integrantes do imaginário social e apresentam-se mediadas por discursos firmados em elementos positivos, orientando os indivíduos quanto ao seu pertencimento de grupo, espaço e até de momentos temporais que ele distingue sendo próximo ou diferente do que vive. As identidades situam os indivíduos no espaço, no tempo, no social, e mesmo no mundo. (PESAVENTO, 2003, p. 91)

Consoante, com as historias que são contadas no território quilombola Kalunga do Mimoso - TO, pode-se levantar diferentes modalidades de criação literária, que transmitem visões de mundo, experiências de vida, ideologias e especificidades traduzidas numa linguagem simbólica. E por intermédio dessa linguagem revelam-se verdades, crenças, vontades e possibilitam a compreensão do outro.

E assim, constatamos a importância do patrimônio imaterial, com base na literatura oral, como elemento relevante para a configuração da identidade territorial da comunidade do Mimoso.

Referências

ALMEIDA, Maria Geralda de. *Dilemas territoriais e identitários em sítios patrimonializados*: os Kalunga de Goiás. In: PELÁ, Márcia; CASTILHO, Denis. (Orgs.) Cerrados: perspectivas e olhares. Goiânia: Editora Vieira, 2010, p. 113-130.



BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BERDOULAY, V; ENTRIKIN, N. lugar e sujeito, perspectivas teóricas. In: HOLZER, H. et al (orgs.). Qual o espaco do lugar? São Paulo: Perspectiva, 2012, p. 93-116.

COSGROVE, D. E. *Em direção a uma Geografia Cultural radical*: problemas da teoria. Tradução: Olívia B. Lima da Silva de "Towards a Radical Cultural Geography of Theory" In: Antípode – a Radical Journal of Geography, Worcester, 15 (1). 1983, p. 1-11.

GIDDENS, Anthony. A vida em uma sociedade pós-tradicional. In: GIDDENS, A; LASH, S; BECK, U (orgs.). *Modernização reflexiva*: política, tradição e estética na ordem social moderna. São Paulo: EdUNESP, 2012, p. 89-166.

MEJIA, Margarita Rosa Gavíria. *Identidades e representações sociais na construção de territórios em um assentamento do Incra em Paraty*. 2004. Tese (Doutorado em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade), Universidade Federal do Rio de Janeiro.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História e História Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

PIÑON, Nélida. O gesto da criação: sombras e luzes. In: SHARPE, Peggy (Org.). Entre resistir e identificar-se: para uma teoria da prática da narrativa brasileira de autoria feminina. Florianópolis: Ed. Mulheres; Goiânia: Ed. UFG, 1997. p. 81-94. SAQUET, Marcos Aurélio. Abordagens e concepções sobre território. 3 ed. São Paulo: Outras expressões, 2013.

N5-023-PAINEL

UMA LEITURA DO SER TOCANTINENSE PELA SUA CULTURA

Eliseu Pereira de Brito/ Maria Geralda de Almeida

INTRODUÇÃO

Este título faz alusão à temática que desenvolvemos na pesquisa de doutorado na Universidade Federal de Goiás, intitulada "itinerários de uma identidade territorial na invenção do ser tocantinense". A cultura tocantinense e sua identidade territorial são elementos basilares da pesquisa. O objetivo principal foi analisar a identidade territorial tocantinense como múltipla, uma investigação que traz o entendimento da diversidade cultural e sua importância para a formação das identidades territoriais tocantinenses.

A diversidade é identificada sob o viés cultural e foi explicitada tomando-se por base o entendimento da identidade territorial em Bonnemaison (1987), que

tratou as festas, os ritos, as crenças e as lendas dos vanuatenses como expressões culturais desse povo. Tendo como base essa análise proposta pelo autor mencionado, fizemos uma leitura da cultura tocantinense e de sua importância na formação das identidades territoriais considerando três pilares fundamentais na sua constituição: o território, a história e o mito.

PROBLEMATIZAÇÃO

Em Bonnemaison (2012), a cultura e o território têm sentido de duração. O olhar do autor sobre a cultura dos sujeitos nas Novas Hébridas, atual Vanuatu, no início da década de 1980, é revelador do contexto histórico formador de uma territorialização. A permanência do *La Coutume* e dos rituais, principalmente os de primeira aparição nos lugares, delineia as temporalidades materializadas no espaço, melhor representadas pelas espacialidades desses sujeitos.

Contudo, no processo de construção da identidade territorial desenvolvido em seus textos posteriores, como a pesquisa0 em Tanna, Bonnemaison (1987) imprimiu a ideia de temporalidade. Apesar da dinâmica que o processo tende a ter, há sentidos de permanências, seja nos ritos das festas de celebração da ancestralidade, das tradições em tomar uma bebida feita da Kava, dos rituais de magia. A duração no tempo é determinante da identificação com o território.

No Tocantins, a cultura mostrou-se importante na feição da identidade territorial e como uma construção histórica. A identificação dos sujeitos tocantinenses com o território é ligada aos elementos constituidores da cultura, impregnados nos rituais, nas tradições, intensificando o pertencimento dos sujeitos com os seus geossímbolos. No exposto, há uma relação entre o ser tocantinense, processo de identificação, e as expressões culturais dos sujeitos nos lugares. Quanto mais enraizada a cultura local, maior o nível de identificação dos sujeitos com o seu território.

METODOLOGIA

Na abordagem, primamos por uma leitura do ser tocantinense interrelacionada com os lugares e, também, da formação do território tocantinense, assim como dos geossímbolos propostos por Bonnemaison (2012) para a identificação das relações dos sujeitos com os seus territórios e destes geossímbolos como uma forma geográfica de analisar o território. Trata-se de uma pesquisa qualitativa com aportes teórico-metodológicos da Geografia Humana nas dimensões culturais.



As informações foram coletadas em campo por meio de observações e entrevistas com sujeitos ribeirinhos, quilombolas, assentados, citadinos, camponeses. Os discursos destes sujeitos foram analisados e permitiram construir uma visão da identidade territorial tocantinense. Ferramentas também do Diagnostico Rural Participativo foram aplicadas para possibilitar uma melhor clareza das informações fornecidas pelos sujeitos acerca de seus territórios.

Os sujeitos espacializam seus símbolos e por meio deles é forjado um discurso da construção do território. Bonnemaison (2012) denominou esses símbolos de geossímbolos e os apontou como um elemento constituidor do espaço e este espaço percebido é uma forma de linguagem, um instrumento de comunicação partilhado pelos grupos territorializados como o de Tanna (BONNEMAISON, 1987). Com esse entendimento, as expressões culturais dão a possibilidade de ler o mundo dos sujeitos tocantinenses enquanto um conjunto de geossímbolos.

Outra leitura focou a constituição da identidade territorial enquanto um processo com duração temporal, com base em Bonnemaison (1987) e Sciolla (2010). A identidade territorial tem um sentido de duração do processo que não é de homogeneização, mas de mudanças, de espacialidades diversas e entrecruzadas, que consolidam uma forma de ser do sujeito tocantinense. RESULTADOS

O Tocantins, criado no final da década de 1980, tem uma construção histórica enquanto região norte de Goiás. Sua ocupação por não indígenas remonta ao século XVIII, com o processo de mineração na região atualmente chamada de sudeste do Tocantins. Ao norte do estado há uma formação mais recente, a zona pioneira de ocupação, posterior à década de 1950, conhecida como região do Bico do Papagaio. A temporalidade da ocupação é importante para a definição da cultura tocantinense. Para autores como Texeira Neto (2006) e Cavalcante (2003), o estudo desse território é perpassado por uma análise regional e deve ser pensado como uma "longa duração", proposta de Fernand Braudel (1978). Não interpretamos a identidade sob o viés da longa duração, mas sob a perspectiva de Sciolla (2010) e Bonnemaison (1987) de uma duração temporal.

O sentido da identidade territorial tocantinense foi atribuído em sua manifestação da cultura. No caso de Natividade, na região sudeste do Tocantins, o sujeito relacionou o ser tocantinense com a expressão da cultural local. Os

festejos religiosos, as expressões da cultura popular, as práticas de uso de plantas do cerrado foram fatores de singularidade da identificação com o território.

Em contrapartida, o sujeito do norte do Tocantins inseriu novas dimensões e, por mais que ele tenha um apego aos rios Tocantins e Araguaia, não encontra singularidades do ser tocantinense pelas expressões culturais manifestadas nos lugares como a cavalgada. A lacuna se estabelece na identificação com o território e os sujeitos como ribeirinhos, tentam-se dimensionar a sua identidade tocantinense pelo símbolo "rio" Tocantins ou Araguaia.

BIBLIOGRAFIA PARCIAL

ALMEIDA, Maria Geralda de. Diversidades paisagísticas e identidades territoriais e culturais no Brasil sertanejo. In: ALMEIDA, Maria Geralda; CHAVEIRO, Eguimar Felício; BRAGA, Helaine da Costa. **Geografia e cultura:** a vida dos lugares e os lugares da vida. Goiânia: Projeto gráfico e Editoração eletrônica, 2008.

BONNEMAISON, Joel. **Tanna**: les fondements s'une identité territoire, histoire et société dans l'archipel de Vanuatu (Mélanésie). Paris: Éditions de L'ORSTOM, 1987.

_____. Viagem em torno do território. In: CORREA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. **Geografia cultural**: um século. Rio de Janeiro: Eduerj, 2012. BRAUDEL, Fernand. **Historia e ciências sociais:** a longa duração, escritos sobre a história. São Paulo: Perspectiva, 1978.

CAVALCANTE, Maria do Espírito Santo Rosa. **O Discurso Autonomista do Tocantins**. Goiânia: Editora da UCG, 2003.

SCIOLLA, Loredana. **L'identità a più dimensioni**: il soggetto e la transformazione dei legami sociali. Roma, Itália: Ediesse, 2010.

TEIXEIRA NETO, Antonio; BARBOSA, Altair Sales; GOMES, Horieste. O território goiano-tocantinense no contexto do território do Cerrado. In: GOMES, Horieste (Org.). **O livro do Cerrado**. Goiânia: Ed. da UCG, v. 1, 2006. pp. 87-105.

N5-025-PAINEL

TRANSFORMAÇÕES E PERMANÊNCIAS DO BAIRRO DOM AQUINO EM CUIABÁ – MT

Aparecida dos Santos Rossi/ Gissely Luiza Santana Pinto

INTRODUÇÃO



Este trabalho apresenta um levantamento de dados demográficos, socioeconômicos e estruturais do bairro Dom Aquino, localizado na região leste do município de Cuiabá, capital do estado de Mato Grosso. A pesquisa foi orientada pela Profª Drª Sônia Romancini e exigida como avalição a disciplina de Geografia Urbana na Universidade Federal de Mato Grosso. Trazendo um enfoque sobre as memórias, dos moradores do bairro, que através dos anos foram retratados pela cultura, tradição e permanência.

Os patrimônios ali tombados pelo estado e pelo município, o ginásio poliesportivo, o shopping popular, todos estes ajudaram a construir a historicidade do bairro contextualizado do mesmo. Relacionando-a com a Geografia Urbana, quando vinculada a uma visão positivista, analisando as suas formas e as funções urbanas, consideradas sobretudo de um ponto de vista morfológico e funcional, em uma perspectiva econômico-espacial, segundo Correa (2003 p.167), trazendo-a uma relação da permanência transformando em uma cultura popular, familiar, não visada como independente das condições materiais de existências.

A cidade de Cuiabá foi fundada oficialmente no dia 08 de Abril de 1719. A história registra que os primeiros indícios de bandeirantes paulistas na região, onde hoje fica a cidade, datam de 1673 e 1682, quando da passagem do bandeirante Manoel de Campos Bicudo pela região. Ele fundou o primeiro povoado da região, no ponto onde o rio Coxipó deságua no rio Cuiabá, localidade batizada de São Gonçalo.

Em 08 de Abril de 1719, Pascoal Moreira Cabral assina a ata da fundação de Cuiabá, no local conhecido como Forquilha, às margens do rio Coxipó. Foi a forma encontrada para garantir os direitos pela descoberta à Capitania de São Paulo. Em 1726, chega à região o capitão-general governador da Capitania de São Paulo, Rodrigo César de Menezes, como representante do Reino de Portugal. No dia 1º de janeiro de 1727, Cuiabá é elevada à categoria de vila, com o nome de Vila Real do Senhor Bom Jesus de Cuiabá.

Rapidamente, contudo, as lavras de ouro se mostraram menores que o esperado, o que acarretou o abandono do local por parte da população. Mas, um século depois de sua fundação, Cuiabá foi alçada à condição de cidade em 17 de setembro de 1818, e tornou-se a capital da então província de Mato Grosso no dia 28 de agosto de 1835 (antes a capital da província era Vila Bela da Santíssima Trindade).

Já no final do Século XIX e no do século XX, Cuiabá se expandiu e com isso surge bairros com que hoje concedera-se os mais antigos com tradições cuiabanês ainda vivo, com tradições, linguajares e festas religiosas, estão passado de geração em geração.

METODOLOGIA

Nesta pesquisa buscamos contextualizar o histórico e as transformações do bairro Dom Aquino, localizado na região leste da cidade, oficialmente criado e delimitado pela Lei Municipal nº. 1315, de agosto de 1973. Assim como os demais bairros da região, este foi formado principalmente por ocupações e loteamentos clandestinas. Apesar da oficialização recente, o bairro Dom Aquino se apresenta como um dos bairros mais antigos da capital mato-grossense e concentra uma enorme diversidade populacional e cultural, além de monumentos históricos tombados (municipais e estaduais) que contam muito da história da própria Cuiabá, que serão apresentados neste trabalho.

A metodologia utilizada foi consulta de documentos disponibilizados pela Prefeitura Municipal de Cuiabá, e sites das próprias instituições e fotografias da estrutura física do bairro.

PERMANÊNCIAS, TRANSFORMAÇÕES E TRADIÇÕES NO BAIRRO DOM AQUINO

O Bairro Dom Aquino leva o nome em homenagem a Francisco Aquino Correa, arcebispo de Cuiabá, poeta, escritor e também governador de Mato Grosso. Dom Aquino, como era chamado, foi o primeiro mato-grossense a pertencer à Academia Brasileira de Letras e um dos principais incentivadores à fundação da Academia Mato-Grossense de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso.

O bairro também concentra quatro dos bens tombados pelo estado de Mato Grosso e um bem tombado pelo município, são eles:

O Palácio Episcopal, de acordo com o processo de tombamento (1998) o lançamento da pedra fundamental da residência episcopal de Cuiabá data de 7 de agosto de 1941, fazendo parte das solenidades da recepção ao então Presidente da República, Getúlio Vargas, sendo considerada um dos grandes sonhos de Dom Aquino Corrêa.

O Museu de Arte Sacra de Mato Grosso foi fundado em 10 de março de 1980, dentro do Seminário da Conceição. Lá foram reunidas diversas peças do período setecentista, remanescentes da Antiga Catedral do Senhor Bom Jesus e da Igreja de Nossa Senhora do Rosário.



O bairro surgiu por meio de uma ocupação urbana, muitas famílias se apossaram de terrenos amplos, em que hoje mora uma família inteira como, por exemplo, a senhora Maria em que primeiro vieram seus pais, que criaram os filhos e, atualmente, ali vive a quarta geração dos ocupantes iniciais. Com essa permanência no local foi se formando uma memória individual, vivida por cada um dos membros da família que se identifica com o lugar.

Sendo que essa família possui residência no bairro antes mesmo da data de fundação, a matriarca dessa família já falecida era a benzedeira do bairro e rezadeira das festa do Senhor Divino realizada em sua residência. Foi deixada essa tradição para a família que hoje reside naquele local a continuar a realização dessa festa.

A memória individual pode contribuir, portanto, para a recuperação de memória das cidades. A partir dela, ou de seus registros, pode-se enveredar pelas lembranças das pessoas a atingir momentos urbanos que já passaram as formas espaciais que já desapareceram [...]. (ABREU, p. 25)

No bairro também se realizam eventos religiosos já tradicionais e tão antigos quanto o próprio bairro. Um deles é a Festa do Senhor Divino, evento de cunho religioso que completou 70 anos em Maio de 2015, e a Festa de Santa Terezinha que, segundo os moradores, nasceu de uma promessa do time de futebol amador homônimo – caso este fosse campeão, realizariam uma festa em homenagem à santa e assim teve continuidade até o presente ano, quando já completa mais de 35 anos de tradição.

Coexistem então numa cidade, em qualquer lugar momento do tempo, inúmeras memórias coletivas. Ao eternizar-se em registros permanentes, essas memórias urbanas não perdem seu caráter específico, sua vinculação ao grupo ou classe as produziu. Há algo mais a considerar. Nem todas as memórias coletivas urbanas conseguiram ser registradas. Muitas perderam-se no tempo, o que faz com que os vestígios do passado que subsistiram na paisagem ou nas instituições de memória sejam apenas fragmentos de memórias coletivas que a cidade produziu. (ABREU, 2014)

Considerações finais

Foi constatado que o bairro Dom Aquino apesar de antigo, bastante populoso e conserva algumas de suas maiores riquezas, que são as tradições

regionais e os monumentos tombados como patrimônio histórico, como a Fachada da Santa, o Palácio Episcopal, a Igreja Nossa Senhora do Bom Despacho, o Seminário da Conceição e o Morro do Seminário.

Trata-se de um povo que preza pela conservação e perpetuação de seus costumes e suas crenças, mantendo as tradições das festas de santos mescladas aos elementos da cultura regional. Entretanto, como resultado da discrepância socioeconômica na divisão de renda do bairro e da ausência de políticas públicas — ainda que se trate de um bairro antigo e com localização privilegiada, pode-se encontrar também a complexa realidade da violência urbana constante que se alastra através dos anos.

Concluímos que o bairro é um ponto riquíssimo em diferentes âmbitos (culturais, urbano, sócio-políticos, entre outros) e de enorme potencial para pesquisas que objetivem agregar conhecimento histórico e projetos futuros para a capital. Esperamos, enfim, contribuir para futuras pesquisas com os dados e considerações aqui expostos.

REFERÊNCIAS

ABREU, Mauricio. Sobre Memórias das Cidades. In CARLOS. Ana Fani A.; SOUZA
Marcelo Lopes de; SPOSITO, Maria Encarnação B.(orgs). A Produção do Espaç
Jrbano: Agentes e processos, escalas e desafios. São Paulo. Contexto. 2014.
CUIABÁ. Composição dos bairros de Cuiabá, 2010.
Patrimônio Histórico de Cuiabá, 2010.
. Perfil Socioeconômico dos Bairros de Cuiabá. 2007

N5-027-PAINEL

MOVIMENTOS SOCIAIS E A UTILIZAÇÃO DE PLANTAS MEDICINAIS NA SAÚDE PÚBLICA

Janaina Vital De Albuquerque/ Milena Barros Gomes/ Rebecca Guerra da Silva/ Rutt Keles Alexandre Silva/ Jadson Freire da Silva

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos a utilização de fitoterápicos aumentou em todo o mundo. Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS) cerca de 80% da população mundial faz uso de algum tipo de erva na busca de alívio de dores ou desconfortos no corpo, desses 80% menos de 30% deu-se por indicação médica. A utilização de plantas medicinais, tem inclusive recebido incentivos da própria OMS.



O uso de plantas medicinais cada vez mais tem se tornado objeto de políticas públicas, especialmente na área da saúde. Nos últimos anos o Brasil, tem formulado e implementado políticas valorizando e incentivando o investimento nessa área inclusive sobre o aspecto econômico e comercial se tendo um resgate do conhecimento tradicional uma vez que a utilização de métodos fitoterápicos é de fundamental importância não só no parâmetro social, mas tendo em vista o preencher as necessidades práticas e resgate cultural quase perdido.

Segundo Buchillet (1991), a ciência terapêutica data de mais remota antiguidade. Desde que começaram a surgir às enfermidades os homens, como é lógico, passaram a combater como melhor podiam, "tendo assim, a natureza com uma infinidade de plantas, virando uma farmácia em que todo homem pode encontrar um balsamo para qualquer espécie de dor".

PROBLEMATIZAÇÃO

O trabalho teve como norte a resposta das seguintes problemáticas: A população local (Gurugi/Conde) está mesmo ciente dos problemas e possíveis curas na utilização da fitoterapia, a legislação da esse suporte ao uso de fitoterápicos?

Sendo assim, esse trabalho objetivou avaliar a credibilidade e a aceitabilidade das plantas medicinais no Gurugi, em um bairro periférico da cidade de Conde, Paraíba, Brasil. Além de categorizar os entrevistados segundo sexo e idade, a fim de inferir se estes parâmetros influenciam na tomada de decisão do uso ou não das plantas medicinais; identificar a porcentagem da população que faz uso de plantas medicinais, bem como quais são as plantas comumente usadas e quais são os principais problemas de saúde tratados pelos fitoterápicos.

METODOLOGIA

O presente trabalho concluído durante pesquisa na pós-graduação consiste numa revisão bibliográfica descritiva, sobre as possíveis plantas de uso farmacológico bem como, o aporte legal, para o uso das plantas, e a legislação voltada para a saúde pública a fim de evidenciar a problemática da legislação e a importância dos socioambientais. O estudo foi realizado através da análise de artigos científicos, Legislação Federal e buscas em bases de dados científicos tais como o portal da BVS e Science Direct, utilizando palavras-chave, dentre outras: Saúde pública; Conhecimento popular; Insumos vegetais; Plantas medicinais; Bioatividade.

Buscando verificar a aceitabilidade e o uso corrente desta terapia, foram feitas entrevistas semiestruturadas em uma comunidade quilombola no Município de Gurugi, a mesma fica localizado a aproximadamente oito quilômetros da Cidade de Conde, Paraíba. Avaliou-se a variação em relação a idade, sexo, os principais problemas de saúde tratados por esta população, bem como a receptividade sobre o fornecimento de medicamentos fitoterápicos.

RESULTADOS

Desde o final da década de 70, a partir da criação do Programa de Medicina Tradicional, a OMS tem incentivado seus Estados-Membros a formularem e programarem políticas públicas nessa área, destacando, a recente "Estratégia da OMS sobre Medicina Tradicional 2002- 2005". Nos últimos anos, muitas iniciativas foram elaboradas no cenário mundial voltadas para o uso do conhecimento da medicina tradicional para aperfeiçoar e melhorar a saúde pública. Países como a China e Índia passaram a investir fortemente nisso (WHO, 2006). Por essas razões é que trabalhos de difusão e resgate do conhecimento de plantas medicinais vêm-se difundindo cada vez mais, principalmente nas áreas mais carentes. Para a Organização Mundial de Saúde - OMS, saúde é: "Um bemestar físico, mental e social e não apenas ausência de doença". O uso de plantas medicinais como prática alternativa pode contribuir para a saúde dos indivíduos, mas deve ser parte de um sistema integral que torne a pessoa realmente saudável e não simplesmente "sem doença".

A fitoterapia é uma ciência que se ocupa do tratamento das doenças através de plantas medicinais, sendo assim um e o objeto e o outro é o estudo. As ações decorrentes desta política, manifestadas em um Programa Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicas, serão imprescindíveis para a melhoria do acesso da população aos medicamentos, à inclusão social e regional, ao desenvolvimento industrial e tecnológico, além do uso sustentável da biodiversidade brasileira e da valorização, valoração e preservação do conhecimento tradicional associado das comunidades tradicionais e indígenas.

Foram entrevistados 40 moradores da comunidade quilombola com uma média de idade era dentre 17 até 89 anos. Com relação ao sexo a maioria dos entrevistados eram homens (24), relatos dos homens mais velhos contam que as mulheres morriam com mais facilidade no século passado devido a mortes em parto e ou doenças como infecção e ou doenças de "febre" (acreditamos que essas "febres" que eles relatam seja algum tipo de infecção, doença viral ou autoimune). Foram evidenciadas 16 espécies com maior relevância na utilização,

dentre elas destacando-se a babosa, barbatimão, folha do caju e broto da goiabeira. Portanto vê-se que grande parte das plantas nativas brasileiras ainda não têm estudos para permitir a elaboração de monografias completas bem como o entendimento de toda a sua função como fármaco. Muitas espécies são usadas empiricamente, sem respaldo científico quanto à eficácia e segurança, o que demonstra que em um país como o Brasil, com enorme biodiversidade, existe uma grande lacuna entre a oferta de plantas e as poucas pesquisas científicas.

Nas grandes cidades, apesar de muito deste patrimônio cultural se ir desvanecendo, assistimos na atualidade a um regresso às origens, em busca daquilo que a terra nos dá.

BIBLIOGRAFIA PARCIAL

ALMEIDA, P.; CORDEIRO, A. Semente da paixão: estratégia comunitária de conservação de variedades locais no semi-árido. Rio de Janeiro: AS-PTA, 2002. ALMEIDA, S.G.D.; PETERSEN, P.; CORDEIRO, A. Crise socioambiental e conversão ecológica da agricultura brasileira: subsídios à formulação de diretrizes ambientais para o desenvolvimento agrícola. 1. ed. — Rio de Janeira: AS-PTA, 2001. BORGES, S. M. A. Globalização de mercados e homogeneização de culturas?. Textura (Canoas), Canoas/RS, v. 6/7, n.6, p. 71-78, 2003.

BUCHILLET, D. (Org). Medicinas tradicionais e medicinais ocidental na Amazônia. Belém. Museu Paraense E. Goeldi/GEJUP/UEP. 1991. Disponível em:http://scielo.iec.pa.gov.br/scielo.php?pid=S0101-

59072006000200004&script=sci_arttext>. Acesso em: 8 de mar de 2015.

PEREIRA, Mônica Cox de Britto. Desenvolvimento e meio ambiente – O todo é maior que a soma das partes. Revista Plurais, Universidade Estadual de Goiás, v.1 n.2, 2005

PEREIRA, Mônica Cox de Britto. Revolução Verde. Dicionário da Educação do Campo. RJ, SP: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). Public health. Innovation and Intellectual Property Rights. Report of the Commission on Intellectual Property Rights, Innovation and Public Health. Genebra: WHO, 2006 e 1998. Disponível em: http://www.who.int/en/>. Acesso em 11 de mar de 2015.

N5-028-PAINEL

VIAJANDO E PESQUISANDO EM QUILOMBOS DO AMAPÁ: EXPERIÊNCIAS VIVIDAS E PERCEBIDAS NAS FRONTEIRAS DO QUILOMBO DO MEL DA PEDREIRA

Karoline Fernandes Siqueira Campos/ Maria Geralda de Almeida / Liliane Rodrigues Soares/ Manoel Calaça /Vinícius Batista Campos

Introdução

Este texto surgiu da disciplina de pós graduação¹, o qual consistia em realizar pesquisa de campo sobre a Comunidade Remanescente do Quilombo Mel da Pedreira, no município de Macapá, objetivando realizar uma contextualização das vertentes epistemológicas das categorias espaço e território em comunidades tradicionais e no espaço rural, com o enfoque nas concepções dos aspectos culturais, sociais, econômicos, estruturais, familiares, de conflitos, das fronteiras, da construção originária da identidade dos povos, e da constituição e organização das comunidades em diversos ambientes e com diferentes agentes na intervenção e nas relações cotidianas de re(existências).

O quilombo do Mel da Pedreira no Estado do Amapá, tem uma relação direta com o espaço vivido e vivenciado, repercutindo no modo de vida e nas reconstruções indenitárias de (re)existência ao tempo e ao labor diário da terra, sua história ainda é viva e reproduzida na dinâmica interétnica e territorial fronteiriça, tendo influência do espaço urbano do município de Macapá-AP, que a uma distância de 50 km, consegue coexistir entre e intervir nas dinâmicas religiosas e culturais desta comunidade.

Obteve ao final do estudo, o diagnóstico da configuração limítrofe das oportunidades e perspectivas dos moradores, quanto ao uso terra, das resistências, persistências e adversidades vivenciadas no espaço para manter suas raízes históricas (afrodescendentes) em um novo território, que escolhido pela maioria da comunidade, repercutiu na alteridade da identidade.

Problematização

Os grupos de quilombos, considerados comunidades tradicionais, são oriundos da grande diversidade de processo migratórios para a ocupação terras rurais e geralmente isoladas, trazendo suas heranças históricas e culturais para a formação dos espaços sociais, compartilhando o sentimento de pertença do território e a forma de expressão de suas identidades éticas, lutando para serem atores de sua própria história, sem conflitos por terra e poder, com as limitações



fronteiriças definidas e respeitadas, buscando perpetuar suas descendências afrodescendentes em uma readequação com os novos cultos e ritos, introduzidos pelas relações com outras comunidades ou com o espaço urbano.

Metodologia

Os dados coletados tiveram como base o trabalho de campo, produzidos com através das discussões orientadas e expositivas de autores e teorias sobre as temáticas, território, geografia agrária, espaço e concepções de identidade, alteridade do território identitário de um quilombo no Estado do Amapá, divididos em: levantamento bibliográfico, análises, discussão dos textos, com a apresentação de referências bibliográficas que embasariam o trabalho, bem como discussões acerca das concepções do território e campesinato, identidade e perfis das comunidades tradicionais.

Na pesquisa de campo foram utilizadas os procedimentos metodológicos: observação do trajeto por meio de transecto e da organização territorial da comunidade; entrevistas dirigidas; história oral; aplicação de questionários; elaboração de mapas falados e diagrama de Venn; registro fotográfico; gravações e filmagens.

Resultados

A história oral de um dos moradores mais antigos da comunidade, possibilitou a narrativa cronológica da trajetória de formação do território e as delimitações de fronteiriças da comunidade afrodescendente, de uma miscigenação racial, étnica e cultural, advindas dos negros da África e de descendentes de Paris, tem portanto irmãos negros, pardos e brancos, criados sob a perspectiva da vida tradicional com fortes ligações ao rio, a terra, aos produtos da floresta como o mel, a agricultura, a produção de farinha.

É pelo conhecimento das representações das pessoas que é possível captar os valores que dão sentido a seus lugares de vida e entender a maneira pela qual elas modelam as paisagens e nelas imprimem suas convicções (ALMEIDA, 2003a).

Nas entrevistas dirigidas, constatou-se que a ocupação, uso do território e as fronteiras, posterior ao Contrato de Posse do Programa Nacional Quilombola são respeitadas, com áreas exclusivas para as moradias tanto da antiga, quanto da nova vila, construída como parte do *Programa Minha casa, Minha vida* do governo federal; para a agricultura, plantação, produção de mel, piscicultura e beneficiamento da macaxeira na casa da farinha comunitária, com agendamento controlado e gerido pelo filho do pastor, como é conhecido pelos moradores,

além dos eventos culturais e religiosos, mesmo que se tenha observado que na comunidade existe a interferência do evangelho da prática evangélica e a divisão entre duas ideologias religiosas, o presbiteriano e os cultos da assembleia de deus.

Para Del Rio (1998), as relações que se estabelecem no seio dos diferentes grupos que se inter relacionam no espaço e tempo, sendo são fundamentais para compreender a construção e a desconstrução de fronteiras, corroborado por Bhabha (2003), que trata do espaço e tempo na produção de figuras complexas de diferenças e de identidades, coexistem passado e presente, interior e exterior, inclusão e exclusão.

Nos diagramas de Venn e Mapa falado, comprovou-se que reorganização espacial, foi marcada pelos conflitos com posseiros circunvizinhos e arrendamento da terra, que na atualidade são mais brandas e remetem a melhoria das relações entre as famílias e agentes sociais, institucionais e econômicos; dentre as dependências e necessidades da comunidade, foi verificado que a gestão pública, ainda encontra-se longe de atender as necessidades e anseios dos moradores, portanto é considerado um ponto fraco, o que dificulta a qualidade de vida dos envolvidos.

Nas entrevistas dirigidas e na aplicação do questionário, notou-se que as tradições culturais e identitárias, seguem as linhas sucessórias de gerações e são fomentadas para a preservação das raízes afrodescendentes, mas a dinâmica fronteiriça possibilitou as readequações e interferências externas, principalmente a influência religiosa da zona urbana, onde 85% da população, alterou suas práticas de canto, vestimentas e dança do marabaixo, substituídos suas festas tradicionais pelos cultos e o orgulho de ser quilombola é pautado na mensagem do evangelho; observou-se ainda que as raízes culturais e identitárias estão sendo recriadas e as (re)existências tornam-se secundárias diante de um povo que tem a fé como o principal elo de ligação e de detenção do poder social e econômico.

Bibliografia Parcial

ALMEIDA, M. G. de; Em busca do poético do sertão: um estudo de representações, In: ALMEIDA, M. G. de; RATTS, A.J.P.**Geografia: leituras culturais.** Alternativa: Goiânia, 2003a.

BHABHA, H. O local da Cultura. UFMG: Belo Horizonte, 1998.

DEL RIO, J. M. V. Fronteras, Territorios e identificaciones colectivas. Fundación Blas Infante: Sevilla, 1998.



N5-032-PAINEL

TERRITÓRIO QUILOMBOLA MEL DA PEDREIRA: EM BUSCA DA AFIRMAÇÃO PELA TERRITORIALIDADE - MACAPÁ/AP

Eduardo Margarit Alfena do Carmo/Fátima Sueli Oliveira dos Santos/ Rosana Torrinha Silva de Farias/ Maria Geralda Almeida

INTRODUÇÃO

As discussões conceituais acerca de território e territorialidade na Geográfica tem se manifestado no decorrer da história do pensamento geográfico de acordo com os postulados teóricos e metodológicos estabelecidos por cada corrente desta ciência.

O sentido de território e territorialidade atrelados à visão naturalista e positivista é pertinente na Geografia Clássica ou tradicional ancorados nas obras de Friedrich Ratzel, Politische Geographie (1897) e Antropogeographie (1882 – 1891), onde a ideia de território foi relacionada à materialidade, à constituição do Estado-Nação, a conquista e ao poder, a territorialidade adquiriu uma dimensão de identidade nacional.

Ao refletirmos e analisarmos estes postulados teóricos, apreendemos que na compreensão da construção do território e da territorialidade quilombola do Mel da Pedreira é fundamental considerarmos as dimensões concretas e simbólicas imbricadas nas relações sociais e culturais, valorando a percepção e a concepção dos sujeitos em relação ao seu território e a sua territorialidade.

Nossas pesquisas foram embasadas na retratação do método fundamentadas por Claval (2011), o qual propõe aos geógrafos a maior proximidade com o objeto e os sujeitos, bem como, dar visibilidade as suas vozes, seus sentimentos, atitudes, comportamentos, pensamentos, percepções e concepções.

PROBLEMATIZAÇÃO

A pesquisa emergir do questionamento sobre como este grupo social se apropria do território e constrói sua territorialidade? Diante desta problemática, nos dedicamos a compreender a forma de apreensão do território e a construção da territorialidade.

A leitura cultural de território e territorialidade se manifesta fortemente a partir da década de 1980. Um ícone desta discussão a ser destacado é Claude Rafestin que em sua obra 'Por uma Geografia do Poder' (1980, traduzida para o

português em 1993), realiza críticas às concepções de Ratzel caracterizando suas abordagens sobre território e territorialidade como unidimensional, ou seja, a figura do Estado como único detentor do poder, desta forma, concebe a formação do território por relações de poder multidimensional, o detém como o ponto central das análises na problemática relacional. Constituiu a territorialidade humana não só por meio da concretude das relações territoriais, mas também, pelas manifestações abstratas como a linguagem e religiosidades.

METODOLOGIA

Inicialmente, foi realizado o transecto percursal, por meio de quatro zonas espaciais, partindo do km 0 saindo da cidade de Macapá até a comunidade do Mel da Pedreira, este levantamento permitiu observar o uso e ocupação espacial do entorno da comunidade, assim como, os elementos e agentes presentes na fronteira.

As observações sistemáticas realizadas no espaço da comunidade nos proporcionaram a descrição do ambiente, de infraestrutura, distribuição e características das moradias, condições de mobilidade e aspectos da produção.

As técnicas do mapa falado e do Diagrama de Venn foram realizadas por cinco membros da comunidade, estas ferramentas de diálogos nos revelou a percepção destes moradores em relação ao seu território e os valores e significados que atribuem aos elementos presentes no processo de territorialização.

Para finalizarmos, foi aplicado formulário semiestruturado com membros da população local, seus resultados revelaram aspectos da identidade, cotidianidade e do sentimento de pertencimento como elementos definidores de territorialização. O aporte teórico e metodológico que nos apropriamos para refletir, analisar e interpretar o território e a territorialidade da Comunidade Quilombola do Mel da Pedreira foi amparado nos fundamentos da Geografia Cultural.

RESULTADOS

Diante do que foi apresentado, a pesquisa de campo na Comunidade Quilombola Mel da Pedreira revelou-se como de fundamental importância na compreensão de aspectos relativos à território e territorialidade, como construtores da organização do espaço amapaense e para a reflexão sobre as bases conceituais discutidas em sala de aula.

Todas as informações obtidas em campo são extremamente reveladoras para a construção da ideia de territorialidade presente na proposta inicial de

investigação e revelam a constituição de uma territorialidade da Comunidade Quilombola Mel da Pedreira.

A partir dos dados primários coletados utilizados foi possível construir uma discussão suficiente para a produção de um artigo capaz de dar conta da análise da territorialidade da Comunidade Quilombola Mel da Pedreira, uma vez que as relações entre os moradores da comunidade expressam um sentimento de pertencimento e seu modo de agir no espaço geográfico, contribuem para uma construção do território a partir do seu vínculo com a terra, diante da legalidade com que o estado favoreceu, a partir da certificação e reconhecimento como Comunidade Quilombola.

BIBLIOGRAFIA PARCIAL

CLAVAL, Paul. Epistemologia da Geografia. Tradução: PIMENTA, Margareth de Castro Afeche; PIMENTA, Joana Afeche. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2011. 406 p. ______, O território na transição da pós-modernidade. Geographia, 1, 7 -26, 1999.

DEMATTEIS, Giuseppe. Sul, crocevia dela territorialitá urbana. In: **DEMATTEIS**, Giuseppe. Et al (org.). I futuri dela cittá – tesi a confronto. Milano: Angeli, 1999. P. 117 -128.

HAESBAERT, Rogério. Territórios alternativos. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2006. **RAFESTIN**. C. Por uma Geografia do Poder. São Paulo: Ática, 1993.

ROCHA, Lurdes Bertol; **ALMEIDA,** Maria Geralda. Cultura, mundo-vivido e território. Simpósio Nacional sobre Geografia, Percepção e Cognição do Meio Ambiente. Londrina, 2005. P 2 – 13.

SANTOS, Milton; **SILVEIRA,** María Laura. O Brasil: Território e sociedade no início do século XXI. Rio de Janeiro: Record, 2006.

SANTOS, Milton et al. Território, territórios: ensaios sobre o ordenamento territorial. Rio de Janeiro, Lamparina, 2007

SAQUE, Marcos Aurélio. Abordagens e concepções sobre território. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

SAQUE, Marcos Aurélio; **SPOSITO,** Eliseu Savério (ORGs). Territórios e Territorialidades: Teorias, Processos e conflitos. São Paulo: Expressão popular. 2009. 368p.

N5-033-PAINEL

MAPAS FALANTES: O DESCOBRIDOR-CAMINHOS DE TERRITORIALIDADES DE RESISTÊNCIAS NO QUILOMBO DOS ALPES/PORTO ALEGRE/RS

Matheus Eilers Penha/ Cláudia Luísa Zeferino Pires/ Lara Machado Bitencourt/ Mateus dos Santos Viegas/ Marília Guimarães Rathmann/ Winnie Ludmila Mathias Dobal

O Quilombo dos Alpes constitui-se como uma comunidade tradicional de matriz africana. Sua identidade e territorialidade é marcada pela sua ancestralidade, ou seja, sua própria história é o grande patrimônio de sua existência, de suas lutas e resistências. Muitos dos costumes, valores, práticas culturais e ambientais refletem na sua organização territorial e valorização dos espaços religiosos dentro da área do Quilombo. Com uma área de aproximadamente 58 hectares, é um dos maiores quilombos de Porto Alegre, a tradição oral e suas manifestações culturais fundam o pensamento e organização comunitária.

O trabalho objetiva apontar a história da formação, percurso e trajetória da comunidade quilombola a partir de seus marcadores religiosos interligados ao terreiro da comunidade. Os marcadores territoriais (HENRIQUE, 2004) compreendem estruturas materiais e imateriais assegurados pela identidade. Presentes no mapeamento e nos registros documentais formam o conjunto de bens de uso ritualístico presentes na memória e cotidiano. Foi pensando na possibilidade de valorização dos espaços sagrados e das manifestações religiosas do Quilombo dos Alpes que se constituiu um grupo de trabalho em cooperação com a comunidade.

Também foi objetivo fortalecer a identidade cultural da população quilombola a partir de suas matrizes de cultura africana, especialmente, religiosa, na cidade de Porto Alegre e inserir o mapa como atividade no calendário de eventos e manifestações históricas das comunidades quilombolas de Porto Alegre. A cartografia social objetiva a realização do mapeamento de determinado espaço de forma participativa e colaborativa, valorizando os saberes e tradições de povos tradicionais.

A metodologia usada na elaboração do mapa foi a da pesquisa participante, estratégia da pesquisa social que mantém uma ampla relação entre os pesquisadores e as pessoas que encontram-se na situação investigada. O grupo realizou diversos trabalhos de campo na comunidade a fim de encontrar marcadores territoriais, presentes na fala dos moradores do Quilombo que ligam



o território à sua condição simbólica. Essas ações, juntamente com o estudo de documentos guardados pela Associação Quilombo dos Alpes Dona Edwirges, serviram como base para o trabalho de destacar esses marcadores, que foram selecionados pela própria comunidade por possuírem uma profunda significância histórica e de resistência e estão localizados na imagem.

A elaboração da cartografia social foi demandada pela comunidade quilombola dos Alpes. Pensando na valorização da oralidade, esta compôs um dos métodos de elaboração da cartografia social dos espaços sagrados do Quilombo dos Alpes. Constituiu-se neste processo de escuta das narrativas que possibilitou a construção de histórias e resgates de memórias que de geração em geração vão tecendo a relação identitária e sagrada com o espaço. Porém, diferentemente de outras experiências de cartografia social, esta aconteceu caminhando pelo território, trilhando seus percursos na medida em que escutávamos suas narrativas a pedido das próprias moradoras. Depois das informações e descrições da pesquisa serem sistematizadas, foram inseridas em um software de Sistema de Informação Geográfica, as quais foram sobrepostas a uma imagem de satélite do *Google* com o território do quilombo demarcado pelo INCRA/RS – 2015 e ilustrações feitas pelo grupo para melhor caracterizar cada marca.

O mapa nos leva a uma representação do mundo e é, muitas vezes, construído em espaços que não estão diretamente relacionados com a experiência e histórias de vida das pessoas. Conforme Ingold (2005), habitantes nativos — e nessa situação esses constituem a comunidade quilombola dos Alpes — podem não conseguir determinar seu lugar no espaço de acordo com algum sistema independente de coordenadas. Todavia, com razão, sabem onde estão, porque os lugares não têm posições e sim histórias. Essa perspectiva nos desafia justamente porque somos um grupo de geógrafos mapeadores do mundo em coordenadas e passamos a mapear o mundo da vida, as experiências significativas vividas no lugar e que deixam materialmente e simbolicamente marcas territoriais profundas.

O mapa-falante é um conceito trazido por uma liderança comunitária, pedindo a confecção de uma cartografia que contenha a história, percursos e trilhas da comunidade. Tratamos ele como falante por respeitar a tradição oral da comunidade, da ancestralidade à atualidade. As trilhas estão gravadas no espaço, e no conhecimento dos membros da comunidade quilombola que as corporeificam circulando em seu território. Sendo assim, estas trilhas e percursos configuram-se como patrimônio cultural e histórico imaterial da comunidade

quilombola dos Alpes. A figura 1 apresenta a cartografia confeccionada, com os marcadores territoriais e as trilhas compondo os percursos. Foi possível identificar nos marcadores e percursos correlações com os valores afrocivilizatórios propostos no caderno "A Cor da Cultura" de Azoilda Trindade. Este entrelaçamento deu ao mapa uma orientação para a educação antirracista, como proposto nas leis 10.639/03 e 11.645/08, as quais constituem a obrigatoriedade da temática da história e cultura afro-brasileira e indígena na educação.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Ana Paula; TRINDADE, Azoilda Loretto da (Org.). **Modos de brincar: caderno de atividades, saberes e fazeres.** Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2010. Disponível em: http://www.acordacultura.org.br/sites/default/files/kit/MODOSBRINCARWEB-CORRIGIDA.pdf. Acesso em março de 2015.

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Brasília: Ministério da Educação. BRASIL. Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008. Brasília: Ministério da Educação. HENRIQUE, Isabel Castro. A materialidade do simbólico: marcadores territoriais, marcadores idertitários angolanos (1880-950). In: Textos de História, vol. 12, n. 1/2. Brasília: Universidade de Brasília, 2004.

INGOLD, Tim. Jornada ao longo de um caminho de vida — Mapas, Descobridorcaminho e navegação. Religião e Sociedade, Rio de Janeiro, ISER, v. 25, n. 1, p. 76-110, 2005.



EIXO NORTE / SETOR 6 - ALTERIDADES

N6-001-ORAL

O NORDESTE PELO OLHAR FÍLMICO-GEOGRÁFICO DO CINEMA DE CLÁUDIO DE ASSIS: ALGUMAS NOTAS INTRODUTÓRIAS

Fábio Rodrigo Fernandes Araújo/ Rosalvo Nobre Carneiro

1 INTRODUÇÃO

Em primeira instância, na ciência geográfica, o Nordeste é compreendido como uma imensurável rede de tessituras espaciais, da identidade de seu ser local, na sua relação simbiótica, com sua infinidade de ontologias sócio espaciais.

Deste modo, enquanto recorte da dissertação de mestrado "Identidade e subjetividade no Nordeste fílmico de Claudio de Assis" este texto objetiva discutir, em termos introdutórios, qual a visão interpretativa, que os filmes Amarelo Manga e Febre do Rato, do cineasta Cláudio de Assis, expressa em relação ao espaço regional nordestino, como uma totalidade plural em identidades culturais, e espaciais.

Logo pois, buscou-se articular uma nova contribuição teórica na geografia humana, sobre os meios instrumentais analíticos e metodológicos, que estudem as mudanças ocorridas durante os séculos XX e XXI no cenário político e cultural dos espaços regionais brasileiros, em relação a concepção subjetiva e objetiva da própria identidade nacional de seus espaços urbanos, em conjunto com a transformação dos modos de viver , falar e de se comportar de seus atores sociais.

2 PROBLEMÁTICA

Para fins de compreensão teórica-analítica, é questionado: de que maneira o cineasta Cláudio de Assis constitui em seus filmes já citados, uma outra concepção subjetiva de Nordeste, na forma de um espaço fílmico, ou seja, uma invenção imagética geográfica das relações sociais entre os seus indivíduos regionais, com a natureza artificial ou natural de seus espaços de vivência real ?.

3 METODOLOGIA

Para esta analise, foi utilizado a perspectiva metodológica de Costa (2013, p. 252-262), de que ao analisar o conteúdo geográfico presente nas imagens e sons de uma obra cinemática, têm que ser observado os seguintes pontos de vista sobre ela:

A visão do cineasta; a estrutura narrativa do filme; as "locações dos filmes"; a câmera cinematográfica, e a intertextualidade – conjunto de

referências textuais e imagéticas, que o cineasta usa, para construir a sua própria narrativa cinemática.

Para tanto, foi utilizado para a elaboração desta pesquisa, o recorte documental e sistemático (FACHIN, 2006, GIL, 2010) dos filmes "Amarelo Manga" e "Febre do Rato", em seus seguintes elementos imagético-textuais:

A substância sociocultural dos espaços/tempos nordestinos.. O sentido do que é periférico na realidade regional retratada. A construção do tempo social do Nordeste visto nos citados filmes. O porquê de Claudio de Assis mimetizar em imagens praticas culturais, que constroem os espaços/lugares de vida do Nordeste, somente pelo domínio do erro, do que do acerto.

4 DISCUSSÃO TEÓRICA

Este tópico é composto por uma discussão sintética dos conceitos de Nordeste e espaço fílmico.

4.1. Descobrindo os significados de Nordeste

Este referido espaço regional, pode ser exemplificado sobre dois prismas conceituais, a ser estudados a seguir.

O primeiro - O espaço nordestino mediante a acepção de Albuquerque JR (2011, p. 31-56), é uma invenção espacial discursiva, das elites do Norte e Sul do Brasil, que foi articulada por estas, enquanto uma completa rede de poderes e saberes textuais e imagéticos clichês entre si, em relação a esta, por meio de identidades e alteridades alteradas da própria região Nordeste, como um deteriorado jogo representacional e espacializante de etnias, corporeidade e intelectualidade.

O segundo - o Nordeste é representado como tributário do domínio geográfico do imaginário (DURAND, 1997), no que tange a percepção subjetiva do ser social desta região, sobre os seus espaços vivenciais.

4.2 A construção fílmica do espaço geográfico

O espaço fílmico segundo Gomes (2008), é o respectivo cenário dos filmes, na condição de uma composição articulada de elementos técnicos e narrativos, do texto fílmico, a ser construída dentro de uma espacialidade especifica, por meio das atividades dos personagens, e dos locais onde elas passam, através dos sentido que se dá a ordem do que estar sendo apresentado, e representado da vida social humana, em forma crescente ou decrescente do movimento, e da dinâmica da obra cinemática.

Há por isso seu desvelamento, como ponte mediadora da diferenciação, entre o que tem no real que é fictício, o que de fictício tem na realidade, por meio



de discurso idealizados "que dão sentidos a eles mesmos, mas interagem de uma forma tal, que acabam por modificar e criar a verdade objetivada" (COSTA, 2013, p. 258).

5 RESULTADOS

Este tópico se constrói por meio de uma analise da representação espacial-fílmica do Nordeste, expressa nos filmes Amarelo Manga e Febre do Rato de Cláudio de Assis.

5.1 O NORDESTE ESPACIAL-FÍLMICO DE CLÁUDIO DE ASSIS: ARTICULANDO SIGNIFICADOS INICIAIS

O Nordeste pode ser expressado nas obras fílmicas Amarelo Manga e Febre do Rato de Cláudio de Assis, como um meio geográfico, de coisas, objetos, formas, fenômenos, eventos, e memorias espaciais, destituídas de regularidades, sentidos e tempos perfeitos, ou seja, um espaço em distopia.

Desta forma, o Nordeste construído é de imagens desconcertantes, delirantes, mas fascinantes, de espaços periféricos, cuja funcionalidade imagética é determinada pelo caos, e instabilidade dos signos e códigos, das aparências afetivas, físicas, perceptuais e sensoriais, dos atributos simbólicos, de edificações citadinas e rurais, como casas de tijolo e barro, hotéis e pousadas antigas e claustrofóbicas.

5.2 O olhar da câmera e do tempo, como construções geográficas identitárias de Nordeste no cinema de Assis:

Em ""Amarelo Manga"", a projeção da câmera causa uma nova espécie de estranheza ao que está se passando na narrativa, como se aquele espaço retratado, não fosse pertencente a realidade regional, ao apresenta-lo em constante mutação, como aquilo que não se vê perto, de seu próprio arquétipo de indivíduo humano, mas sim longe, na condição de ser, que anda por terras fantásticas locais.

Em "Febre do Rato", o olhar de sua câmera é mais pacífico, porque viaja entre as narrativas deste filme, como se estas fossem rotineiras, no tocante aos acontecimentos que ali se desenvolvem num horizonte perfeito temporalmente, das vivências sexuais e poéticas do Nordeste, e do seu sujeito, ao mostrar pelas horizontalidades, o tipo experiencial de filmar deste diretor, a potência criadora denegada em si mesmo, no tocante àquele seu mundo singular.

Correlaciona-se que o tempo, nos citados filmes de Assis, é o dos geógrafos, que prevê numa perspectiva em Silva (2000, p. 20-21), uma temporalidade das coisas, dos objetos, e dos elementos humanos destes, pode

ser expressado pelo percurso sistêmico que a natureza artificial, humana ou objetal vistas fazem nestas narrativas.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Nordeste aqui visto se coloca como uma estrutura espacial formada por atores/antagonistas, e seus diversos planos de vivência utópica abortados, por seu desejo incessante, em sobreviver às usuras de seu cotidiano, por meio das loucas transições, de sensibilidades e alteridades deslocadoras, que faz entre as terras pessoas e interpessoais, ressoantes física e verbalmente, da sua própria condição existencial de ser plural, em cultura e sociabilidade, das outras tribos humanas do Brasil.

7 REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JR, D. M. **A invenção do Nordeste e outras artes.** Prefácio de Margareth Rago. 5º ed. São Paulo: Cortez, 2011.

COSTA, M.H.B.V. Geografia cultual e cinema: práticas, métodos. In:___CORRÊA, Roberto Lobato; Rosendahl, Zeny (Orgs.). **Geografia cultural**: uma antologia. Vol (2). Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013, p. 247-264.

_____. Cinema e construção cultural do espaço geográfico. **Rebeca**. Sociedade Brasileira de cinema e audiovisual – SOCINE, ano (2), nº 3, p. 250-262, 2013.

DURAND, G. **Estruturas Antropológicas do imaginário**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

FACHIN, O. **Fundamentos de metodologia**. 5º. ed. (rev). São Paulo: Saraiva, 2006.

GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. 4º.ed. São Paulo: Atlas, 2010. GOMES, P. C.C. Cenários para a geografia: sobre a espacialidade das imagens e suas significações. In:ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato. (Orgs.). Espaço e Cultura: Pluralidade Temática. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008, p. 187-210.

SILVA, A.C. A aparência, o ser e a forma: geografia e método. **Geographia.** Universidade Federal Fluminense, ano (02), nº3, p. 7-25, 2000.



N6-002-ORAL

IRREVERÊNCIAS E TENSÕES DO LUGAR NA *LAVOURA ARCAICA* DE RADUAN NASSAR: ENTRE *A PARTIDA* E *O RETORNO*

Carlos Roberto Bernardes de Souza Júnior/ Maria Geralda de Almeida

INTRODUÇÃO

Configurada como uma obra *outsider* ao período em que foi lançada, 1975, a *Lavoura Arcaica* de Raduan Nassar foge do estilo de romance panfletário para discutir questões concernentes aos arcaicos conflitos humanos no âmbito do lar (ABATI, 1999). Caracterizada por não se desdobrar em um tempo-espaço específico, a obra abrange possibilidades de ser explorada pela leitura criadora daquele que nela mergulhar.

O enredo trágico narra em fluxo de consciência, por meio da *partida* e *retorno* de André, protagonista da obra, o conflito entre tradição e liberdade, poder e afetividade, fundamentalmente: *eu* e *outro* (RODRIGUES, 2006). As tensões que se desdobram no lugar-lavoura são de um tempo arcaico e retratam elementos contraditórios da existência humana.

Pela *hýbris* do protagonista, o lugar se desconstrói e é continuamente refeito como consequência de sua irreverência frente à ordem moral imposta pelo regime paterno. Em confronto ao patriarcado do lar, o *pathos* subversivo de André ocasiona-se em rupturas aos vínculos do lugar de modo a consubstanciar espacialidades de tensão.

INDAGAÇÕES NORTEADORAS

O personagem principal nos propicia uma perspectiva de lugar que transcende os espaços de apego. Pelos vínculos de ancestralidade, paixão, força, corporeidade e natureza, André evidencia relações que desdobram um cotidiano familiar de sentimentos obscuros. Nesse espaço de contradições presentes no drama trágico, a dialética sujeito-lugar se apresenta como modo de compreender as tensões advindas de uma ordem moral densa.

Por meio da interpretação geográfica, os elementos apresentados pela narrativa propiciam fértil discussão acerca das possibilidades explicativas da categoria lugar. Para além dos sentimentos de pertença e identidade estabelecidos como embasamentos desse conceito (TUAN, 1983), a obra é um convite ao questionamento: Que lugar as irreverências e tensões arquitetam na *Lavoura Arcaica*?

PERCURSOS PARA A LEITURA

Desde o *cultural turn* na geografia (ALMEIDA, 2013), perspectivas de interpretação de (con)textos artísticos têm adquirido crescente relevância. Mais do que fonte documental, a literatura oferece janela para leitura da densidade das espacialidades humanas. O olhar geográfico, portanto, possibilita o estabelecimento de hermenêuticas baseadas nas categorias, nos conceitos e análises dessa ciência para decifrar elementos espaciais no texto literário.

Compreende-se que "a rigor, toda obra humana, material ou não, possui uma dimensão espacial inerente e inalienável, que não é mero receptáculo ou palco da ação humana" (MARANDOLA JR; GRATÃO, 2010, p.9). Ao explorar o mundo-cenário em que habitam os sujeitos-personagens da *Lavoura Arcaica*, é possível estabelecer relações com as experiências dos sujeitos-reais com os espaços em que se inserem.

Ao considerar a leitura como criação dirigida com base em Sartre (2004), a pesquisa é realizada a partir da imersão na obra de modo a buscar nela sua geograficidade. Pela perspectiva da fenomenologia existencialista, intenta-se estabelecer fértil diálogo humanista rumo à compreensão das contradições e densidades do lugar de André.

Nas efervescências poético-líricas do personagem-narrador aparecem elementos da *lavoura* que permitem a interpretar o lugar por meio da ruptura e subversão. A leitura é uma proposta de pensa-los de modo a embarcar em uma jornada introspectiva que correlacione a obra literária à bibliografia e interpretação geográfica concernente.

A LEITURA CRIADORA: RESULTADOS

Pela narrativa de fluxo de consciência de André, somos introduzidos ao mundo *arcaico* da *lavoura*. No primeiro capítulo da primeira parte, *A partida*, o protagonista recebe a visita de Pedro, o primogênito, que ressalta as ausências que são geradas no lar pela fuga do irmão:

[...] cada um de nós sentiu mais que o outro, na mesa, o peso da tua cadeira vazia; mas ficamos quietos e de olhos baixos, a mãe fazendo os nossos pratos, nenhum de nós ousando perguntar pelo teu paradeiro; e foi uma tarde arrastada a nossa tarde de trabalho com o pai [...] (NASSAR, 1989, p.23).

Pela saída de André a *lavoura* se desfigura. O ambiente pretérito de uma ideal ordem familiar é descontruído pela ausência. Os sentimentos e ações retratados pelo primogênito evidenciam objetos que são caracterizados pelo peso que representam na medida em que a presença dos sujeitos personifica o



lugar. A fala, que se costura pelo mesmo fio lógico dos discursos paternos, evoca um lugar de intimidades que tenta resgatar o filho "perdido".

No contexto camponês em que os personagens se inserem, o lugar é resultado de vínculos que se desdobram em tensões que transbordam doravante sua saída, mas que manifestam em suas lembranças. Como "lugares são as partes da realidade espacial que foram reclamadas pelas intenções humanas" (KARJALAINEN, 2012, p.7). Nota-se que o espaço em estudo é fruto das relações que nele são estabelecidas.

Entende-se que toda existência é espacial e que "place is not the physical environment separate from people associated with it but, rather, the indivisible, normally unnoticed phenomenon of person-or-people-experiencing-place" (SEAMON, 2014, p.11). Nessa dialética sujeito-lugar, o André que abandona a *lavoura* por conta do incesto consumado junto à irmã (Ana) e das castradoras imposições paternas não consegue se separar do espaço que o gestou.

Quando relata de sua *partida*, "desde minha fuga, era calando minha revolta (tinha contundência o meu silêncio! Tinha textura a minha raiva!) que eu, a cada passo, me distanciava lá da fazenda" (NASSAR, 1989, p.33), os sentimentos evocados transbordam em cólera. Como "é no próprio ser que as pessoas carregam seus lugares" (MARANDOLA JR, 2010, p.342), André se transtorna porque sente como se todos os caminhos de fuga o levassem de volta para casa.

Ainda que irreverente à lógica patriarcal que gera opressões ao íntimo existencial, o protagonista pode ter se deslocado temporariamente da lavoura, mas o fato dele retornar é um elemento que evidencia que ele não consegue se livrar daquele lugar. Como situação, "o ser produz o lugar e é produzido por ele" (SILVA, 1986, p.98), a *lavoura*, tanto quanto André, é um personagem que se relaciona com os outros.

O lugar não é cenário, mas tem papel ativo na opressão paterna desdobrada nos sermões. Como o protagonista descreve para o primogênito "até esses panos tão bem alvos e dobrados, tudo, Pedro, tudo em nossa casa é morbidamente impregnado da palavra do Pai" (NASSAR, 1989, p.41). Essa espacialidade corporifica e incorpora os elementos dos sujeitos que nela se projetam, criando expectativas e regras que norteiam a existência coletiva.

No retorno, que culminará na destruição do lar, o protagonista afirma ao pai: "já sei o que é a solidão, já sei o que é a miséria" (NASSAR, 1989, p.168), o que revela uma relação contraditória com o lugar. Ao mesmo tempo em que esse

é uma prisão para seus desejos e gozos, é um entrelaçamento existencial em que diversos sentimentos se efetivam.

A lavoura, para André, se define por essa consubstancialização densa que gera significados derivados dos vínculos. Pela subversão da lógica paterna, o personagem se apropria daquilo que o subordina e gera irreverências ao lugar. Da mesma forma, as tensões que são arquitetadas pela opressão paterna e os sentidos que se (re)fazem evidenciam elos que transformam o espaço indefinido em lugar.

BIBLIOGRAFIA SELECIONADA

ABATI, H. M. F. **Da Lavoura Arcaica**: fortuna crítica, análise e interpretação da obra de Raduan Nassar. 1999, 188f., Dissertação (Mestrado) — Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 1999.

ALMEIDA, M. G. A propósito do Trato do Invisível, do Intangível e do discurso na Geografia Cultural. **Revista da ANPEGE**, v. 9, n. 11, p. 41-50, 2013.

KARJALAINEN, P. T. Place in Urwind: A humanist geography view. **Geograficidade**. v. 2, n. 2, Inverno 2012. p.4-22.

MARANDOLA JR, E. Tempo e espaço cotidiano – Crônicas de um tecido inacabado. IN: MARANDOLA JR, E.; GRATÃO, L. H. B. **Geografia e Literatura**: ensaios sobre geograficidade, poética e imaginação. Londrina: EDUEL, 2010, pp.329-347.

MARANDOLA JR, E.; GRATÃO, L. H. B. Geograficidade, poética e imaginação. IN:
______. Geografia e Literatura: ensaios sobre geograficidade, poética e imaginação. Londrina: EDUEL, 2010, pp.7-15.

NASSAR, R. Lavoura arcaica. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

RODRIGUES, A. L. **Ritos da paixão em Lavoura Arcaica**. São Paulo: Editora da USP, 2006.

SARTRE, J. **Que é a Literatura**. São Paulo: Ática, 2004.

SEAMON, D. Place attachment and phenomenology: The synergistic dynamism of place. In: MANZO, L. C. (Org.); DEVINE-WRIGHT, P. (Org.) **Place Attachment**: advances in theory, methods and applications. Abingdon: Routledge, 2014, pp. 11-22.

SILVA, A. C. De quem é o pedaço? São Paulo: Hucitec, 1986.

TUAN, Y. **Espaço e Lugar**: a perspectiva da experiência. São Paulo: Difel, 1983.



N6-004-ORAL

TENSÕES LOCAIS E MUTUALIDADE NOS MODOS DE VIDA PLURAIS DOS CAMPONESES DA COMUNIDADE SÃO JERÔNIMO – LIMEIRA D'OESTE – MG.

Rosselvelt José Santos/ Mônica Arruda Zuffi

INTRODUÇÃO

Na última década do século XXI, as crises econômicas colocaram em evidência a economia global e suas organizações socioeconômicas. No campo brasileiro, os últimos anos foram marcados por grandes transformações, e parte disso, está relacionado ao desenvolvimento do agronegócio.

A questão agrária no país é um assunto pertinente para compreendermos as dinâmicas sociais que estão acontecendo atualmente, junto à modernização da atividade agrícola e a substituição de áreas anteriormente de florestas por áreas cultivadas. Neste contexto, o agronegócio no Brasil rural foi tomando uma proporção importante e abrangendo imensas áreas. O Estado, com suas políticas públicas, introduziu culturas como a cana-de-açúcar por todo o território nacional, principalmente nas áreas mais planas, como nos estados da região Sudeste e Sul.

Nas regiões de maior influência do setor sucroalcooleiro/sucroenergético, o Cerrado Mineiro aparece com destaque devido aos vários projetos de incentivo de reocupação do bioma, como o PRODECER, (Projeto de Desenvolvimento do Cerrado). Neste, o Cerrado foi envolvido por um processo de desenvolvimentismo, implicando no reordenamento sócioterritorial, com importantes consequências ao campesinato.

A reprodução ampliada de capitais provocou a substituição de culturas e atividades agrícolas tradicionais pela monocultura de grãos e recentemente da cana-de-açúcar. Neste contexto, o que tem nos chamado a atenção na região do Triângulo Mineiro é a permanência de camponeses, geralmente na condição de cercados pelos grandes canaviais.

No município de Limeira D´ Oeste, estudamos os modos de vida e as lógicas sociais em suas territorialidades a partir das possibilidades que lhes foram

surgindo ao longo do processo de instalação da usina sucroalcooleira e os seus canaviais.

Considerando as dinâmicas do espaço em estudo e as formas com que os camponeses se relacionam com as articulações estabelecidas pelos investidores que chegam aos seus territórios, procuramos discutir as tensões fabricadas no processo de atender ao otimismo do setor sucroalcooleiro/sucroenergético.

Segundo Manoel Correia de Andrade: A formação de um território dá as pessoas que nele habitam a consciência de sua participação, provocando o sentido de territorialidade que, de forma subjetiva, cria uma consciência de confraternização entre elas. (1995, p. 20)

No contexto da expansão e ampliação das lavouras de cana, as comunidades tradicionais da região do Triângulo Mineiro são impactadas a partir de ações do Estado. A essência da participação do estado está, justamente, nas políticas que foram estabelecidas para subsidiar aquele setor.

Podemos dizer dentro de uma perspectiva geopolítica, que boa parte das relações sociais e econômicas das quais observamos nos dias atuais, resultam de estratégias territoriais capitalistas que emergem de um Estado excludente, que beneficia os interesses de grupos econômicos articulados politicamente com governos neoliberais.

Diante de um Estado incapaz de englobar grupos que vivem na contramão desse setor, ser camponês em meio à agroindústria é sem dúvida, um exercício de alteridade cultural, econômica e social. Estudar a experiência e a cultura desses sujeitos, sobretudo, valorizar a diversidade de seus modos de vida, compõe o principal objetivo deste estudo.

Assim, as diversas lógicas sociais que compõem o modo de vida camponesa e suas especificidades locais são estudadas na perspectiva de compreender como as tensões sociais que lhes rodeiam são enfrentadas, mediadas e de certa forma podem estar evitando a marginalização daqueles agricultores.

Para analisarmos as problemáticas territoriais da expansão canavieira no Cerrado Mineiro estudamos a comunidade São Jerônimo, localizada no município de limeira D´Oeste. No lugar foi realizado trabalhos de campo. No Laboratório de Geografia Cultural estabelecemos junto aos pesquisadores debates sobre a resiliência, modo de vida camponês, mutualidade, reciprocidade sociabilidade, dentre outros para compreendermos as lógicas camponesas, considerando as suas diferentes temporalidades sociais.



Neste processo de reordenamento socioterritorial ocasionado pela expansão canavieira, observamos camponeses que sentiram os impactos decorrentes das tensões vindas do agronegócio. Apesar dessa situação, a vida social foi se reestruturando no entono da usina e dos seus canaviais.

A permanecia de um grupo de camponeses, tradicionalmente ligados a pecuária de leite poderia decorrer de várias possibilidades. No campo, no convívio diário com as famílias fomos percebendo que a permanência tinha demandado ações e reações às imposições do agronegócio.

As ações e reações no lugar São Jerônimo envolvem as famílias e os vizinhos. Há dinamismo nas relações sociais e de produção. Ambas, estão implicadas na reorganização de suas práticas sociais, culturais e produtivas. A partir desta constatação, nos indagamos sobre a resiliência camponesa, principalmente quando esse grupo cercado pelas imensas lavouras de cana e tencionado pelas adversidades do agronegócio persiste e continua vivendo no lugar com seus modos de vida e enlaces comunitários.

No estudo dos camponeses da comunidade São Gerônimo, no município de Limeira D´ Oeste, compreendemos que a permanecia do grupo é tensa e vem sendo gerada a partir do envolvimento das famílias na criação e recriação de relações mediadas pela mutualidade, reciprocidade e sociabilidade camponesa.

O problema é compreender se isso tudo é (in)suficiente para eles manterem-se no território; se a resiliência camponesa pode ser compreendida também a partir das suas lógicas sociais, formativas de seus modos de vida.

No lugar, encontramos produtores de leite que criaram estratégias de convivência, envolvendo diversos tipos de troca e ajuda mútua, sem perder sua essência de camponês. Assim, eles criam ao mesmo tempo em que recriam relações sociais que tendem suportar as imposições econômicas e sociais do agronegócio ou mesmo de ordem natural.

No lugar, seus modos de vida, saberes e fazeres parece oferecer um lastro cultural, moral e ético para a elaboração de estratégias sociais e manterem-se na atividade leiteira. Para tanto as relações de mutualidade entre vizinhos são nutridas a partir da sociabilidade e reciprocidade camponesa.

No mutualismo, há o exercício da liberdade. Nesse processo o camponês de São Jerônimo se assegura capaz de ser um sujeito recíproco. Quando ele troca entre vizinhos, serviços para fazer o trabalho de armazenar toneladas de alimentos para o gado e assim suportar quatro meses de seca, ele cria uma situação de segurança.

No mutualismo praticado em São Jerônimo, o camponês torna-se um recebedor de ajuda quando também tornar-se um doador. Trata-se de uma prática social devolvida no ciclo da vida. O vizinho que empresta tecnologia, tempo e conhecimento, tudo faz na confiança, pois instituíram, no costume de fazer o silo, a garantia que receberá a devolução da ajuda, da forma que o outro puder.

O resultado dessa troca é o controle de suas ações, agindo dentro do costume do mutualismo, o camponês evita de tomar empréstimos, de se endividar e assim precipitar-se em um ciclo de obrigações impessoais, principalmente aquelas impostas pelo setor financeiro.

Portanto, compreender o conjunto desse sistema de resiliência rural que o camponês está inserido, certamente pode contribuir para decifrarmos os conflitos, as tensões e saídas estabelecidas no cotidiano camponês.

REFERÊNCIAS PARCIAIS

ANDRADE, Manoel Correia. *A questão do território no Brasil*. São Paulo-Recife, IPESP/HUCITEC, 1995.

KROPOTKIN, P. *A ajuda mútua: um fator de evolução*. São Sebastião: A Senhora Editora, 2009.

PAULINO, E.T. *Produção de sementes próprias: um encontro proficuo entre ciência e saber camponês na região de Londrina – Brasil*. 2014. Projeto realizado com o apoio financeiro da Fundação de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Paraná (Fundação Araucária). Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/264875756_Producao_de_sementes _proprias_um_encontro_proficuo_entre_ciencia_e_saber_campones_na_regiao_de_Londrina_-Brasil

SCHNEIDER, Sérgio. *Teoria Social, Agricultura Familiar e Pluriatividade*. Revista Brasileira de Ciências Sociais - RBCS Vol. 18 nº. 51 fevereiro/2003. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v18n51/15988. Acesso em: agosto 2016.



N6-005-ORAL

SER DO TEMEROSO, ESTAR NO GURINHATÃ (MG): IDENTIDADE E MEMÓRIA NO/DO LUGAR

Jéssica Soares de Freitas/ Maria Geralda de Almeida

INTRODUÇÃO

O município de Gurinhatã-MG, por se localizar no pontal do Triângulo Mineiro em meio às serras e ter seu espaço rural mais ativo do que o urbano, é conhecido pelos sujeitos que moram nas cidades vizinhas como um lugar bonito, com bastante festas tradicionais e grande potencial de produção artesanal. Mesmo as comunidades mais "escondidas" do município são valorizadas por esses componentes.

No entanto, para alguns sujeitos que vivem nessas comunidades, a falta de acesso eficiente ao núcleo urbano e dificuldade de comunicação com as pessoas que moram longe ocasionam em vontade de sair de suas moradias na fazenda e se mudam para a cidade. Na comunidade rural Santa Cruz do Temeroso, também conhecida como Patos Temeroso, ou apenas pelo o apelido de Temeroso, tal realidade é vivida pelas pessoas que constroem ali seus laços familiares e de vizinhança.

Os mais velhos, no geral, migram para a cidade de Gurinhatã-MG, que fica há aproximadamente 30 km da comunidade. Essa saída se dá pela necessidade de cuidados médicos ou por necessidade de sair da terra. Dessa forma, aqueles que saem, ainda mantêm seus laços com a comunidade, mesmo que estejam localizado na cidade, efetivando importante representações socioespaciais que denotam vínculos.

Entender a identidade implica também compreender a memória do sujeito (CANDAU, 2014). Mesmo que ele saia do lugar, seu lugar ainda permanece nele. Construir identificações com o espaço em que o sujeito está inserido faz com que os laços sejam construídos e permaneçam na memória, mesmo que sua localidade não seja mais a mesma. Nesse sentido, o objetivo do presente texto é compreender o lugar do sujeito que \acute{e} da comunidade Temeroso, mas $est\acute{a}$ na cidade de Gurinhatã-MG.

PROBLEMATIZAÇÃO

Mesmo que a realidade vivenciada pela comunidade Temeroso seja uma realidade vivenciada por grande parte do espaço rural brasileiro, a da migração para o ambiente urbano, cabe compreender as implicações de tais mudanças

para o sujeito. Com seu cotidiano diferente, vizinhos diferentes, os laços que foram criados podem permanecer ou desamarrados por completo.

A partir das histórias contadas pelos sujeitos, ou seja, pela sua memória, é possível perceber os significados que ele atribui ao lugar (RISBETH, 2014). Questiona-se: o sujeito que está em Gurinhatã permanece *no* e *do* Temeroso? Ou ele também é de Gurinhatã?

METODOLOGIA

De acordo com Boaventura de Souza Santos (2006), a abordagem pósmoderna nas ciências permite enfoques transdisciplinares, o que possibilita maior diversidade nas pesquisas. Almeida (2013) postula tais considerações na Geografia, entendendo as diferenças conceituais das diferentes áreas e dos autores abordados. Adota-se aqui a abordagem cultural, que na geografia se intensificou nos últimos anos (CLAVAL, 2002), e possibilita compreender o espaço para além de seu contexto socioeconômico.

Para a elaboração do texto, foram realizadas revisões bibliográficas sobre as temáticas abordadas, especialmente acerca dos conceitos de lugar, identidade e memória. Com o objetivo de compreender melhor a comunidade estudada fezse necessário a realização de trabalhos de campo com entrevistas as sujeitos e observação do lugar.

As entrevistas realizadas tiveram caráter semi-estruturado, sendo os questionamentos modificados de acordo com cada sujeito e conforme o andar da conversa. Para que o sujeito se sentisse confortável com a pesquisa, as abordagens foram realizadas em sua própria residência, muitas vezes ganhando o formato de visita e conversa proseada, a enfocar o diálogo e troca de experiências.

RESULTADOS

No geral, aqueles que saem da comunidade para a cidade de Gurinhatã-MG, são pessoas que já vivenciaram muitas festas e reuniões. Os mais jovens geralmente preferem cidades maiores, como Ituiutaba-MG e Uberlândia-MG, que são mais próximas. Nesse contexto, muitos que saem do lugar o fazem por motivos médicos ou porque precisaram sair de suas terras, por essas serem propriedade de outro.

As lembranças que são reveladas conotam caráter de saudade e de contraposição entre a beleza do passado com a tristeza do presente. De acordo com a entrevistada 1,



Lá era muito vizinho e plantava muita roça, né. Dia de domingo a gente ia encontrá com as amiga para passeá na casa umas das ôtras. Trocava pouso, um dia a gente ia para lá, outro dia elas vinha para cá, né. Lá era bão, era bão mesmo. Agora eles fala que lá não tá muito bão não. Tá muito...tá poca gente né...

A vivência comunitária, a troca de "pouso" torna o lugar ativo, vívido (SEAMON, 2013). O cotidiano dos sujeitos também aparece na fala da entrevistada. O plantio de alimentos, por mais que houvesse intempéries, fazia com que a comunidade se reunisse, e, dessa forma trocasse experiência.

A quantidade de pessoas também interfere na permanência do sujeito da comunidade. Alguns preferem sair do que ficar sozinho, sem casa para visitar, sem gente para conversar. As lembranças do passado, permanecem na memória do sujeito e se contrapõem à vivência do presente.

Segundo Candau (2014, p. 118), "transmitir uma memória e fazer viver, assim, uma identidade não consiste, portanto, em apenas legar algo, e sim uma maneira de estar no mundo". As lembranças que são sedimentadas na memória mostram a identificação do sujeito com aquele lugar.

Por mais difícil que fosse, aquele lugar pertence ao sujeito e é (re)vivido por ele em sua memória. Segundo a entrevistada 2,

Era difícil mas eu tenho saudade de tudo...da gente passeá na casa das pessoas, naquele tempo a gente ia...hoje em dia ninguém vai mais. De í dormi. Hoje ninguém vai...não vai. E...a gente não ficava dentro de casa parado não. Chegava dia de domingo saía nem que seja a pé! Assim...pra casa do vizinho né. Hoje em dia você não saí a pé e ainda acha difícil. Não acha jeito

A convivência constante com os vizinhos aparece como principal consideração sobre a comunidade. Enquanto a primeira entrevistada mudou para cidade há mais de 10 anos, a segunda tinha poucos meses de mudança até a data da entrevista. Em ambos os casos fica explícito a necessidade da convivência. Mas enquanto no primeiro caso a saída se deu por necessidades médicas e pela moradia na comunidade não ser própria, no segundo caso, a falta das pessoas também foi uma das principais bases para sua saída do Temeroso.

As lembranças do Temeroso fazem com que a presença em Gurinhatã, seja, por vezes, apenas física. Segundo Marandola Júnior (2014, p. 228) "é pelo lugar que nos identificamos, ou nos lembramos, constituindo assim a base de

nossa experiência no mundo". As primeiras experiências do sujeito são realizadas no lugar e, por ele se referenciam todos os outros lugares por onde o sujeito passa.

Por outro lado, ao considerar que a identidade é mutável e não fixa (CRUZ, 2007), o sujeito possui mais do que apenas um lugar, ele pode se sentir pertencente a outros espaços que vividos pelo mesmo. No caso, a identificação com o Temeroso é maior do que com Gurinhatã, de modo a criar situações de tensão entre o lugar onde estão e onde se identificam.

As pessoas que vivem na cidade são diferentes, assim como seu cotidiano, e, dessa forma, os laços constituídos na comunidade são fortalecidos pelo constante encontro das lembranças do passado com a vivência do presente. Mesmo que o sujeito *esteja* em Gurinhatã, ele *é* do Temeroso.

BIBLIOGRAFIA PARCIAL

CANDAU, J. Memória e identidade. São Paulo: Contexto, 2014.

LEWICKA, M. In search of roots: memory as enabler of place attachment. In:

MANZO, L. C. (Org.); DEVINE-WRIGHT, P. (Org.) **Place Attachment**: advances in theory, methods and applications. New York: Routledge, 2014, pp.49-60.

SANTOS, B. S. Um discurso sobre as ciências. São Paulo: Cortez, 2006.

ALMEIDA, M. G. A Propósito do trato do invisível, do intangível e do discurso na Geografia Cultural. Fortaleza: **Anpege**. v. 9, n. 11, p. 41-50, jan/jun. 2013.

CLAVAL, P. "A volta do cultural" na Geografia. **Mercartor**. A. 01, n. 01, 2002. pp. 19-28.

MARANDOLA JR., E. Lugar enquanto circunstancialidade. In: MARANDOLA JR., E. (Org.); WERTHER, H. (Org.); OLIVEIRA, L. (Org.). **Qual o espaço do lugar?:** geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2014, pp. 227-247.

CRUZ, V. C. Itinerários teóricos sobre a relação entre território e identidade. In.: BEZERRA, A. C. C. et. al. (Orgs.). **Itinerários Geográficos.** Niterói: EdUFF, 2007. p, 13-35.

SEAMON, D. Corpo-sujeito, rotinas espaço-temporais e danças-do-lugar. **Geograficidade**. v. 03, n. 02. Inverno 2013. pp. 04-18.



N6-009-ORAL

MÚSICOS DE RUA E A COMPOSIÇÃO DA PAISAGEM SONORA EM CURITIBA: CONTRIBUIÇÕES DA GEOGRAFIA CULTURAL HUMANISTA EM ERNST CASSIRER

Elcio Skulny

Introdução

O presente trabalho busca aproximar a temática de pesquisa a um diálogo com base na Paisagem Cultural em (ANDREOTTI, 1990) e a Arte como Forma Simbólica em (CASSIRER, 1944). Buscando despertar a atenção para a complexidade de atuações no espaço público, causada pela interação entre as pessoas, que conformam o espaço e se afirmam no uso deste. Além de buscar contemplar alguns aspectos das riquezas de situações físicas, simbólicas e sociais que demarcam tanto os eventos ocorrentes neste locus quanto as marcas decorrentes destas intervenções humanas na paisagem da cidade. Quando nos deparamos a pensar nesta perspectiva sobre as manifestações artísticas e como elas ocorrerem no espaço, nos lançamos em direção a algumas especificidades. A primeira se da quando percebemos que a música, por exemplo, é algo que ocorre no espaço sônico proposto por Schafer (1997), mas que também ecoa em regiões sensoriais intimas ao sujeito, podendo causar significações particulares, afirmado por Tuan (1980). E também que ela está condicionada a um sujeito que detém a arte e a escolhe manifestar no local de sua opção. E é neste contexto das performances de rua que a pesquisa busca investigar a participação destes artistas na realidade do cotidiano da paisagem da cidade. Nas palavras de Ernst Cassirer (1994), "O espaço e o tempo são a estrutura em que toda a realidade está contida". Nesta realidade em que os músicos de rua se fazem presentes, imprimindo na paisagem suas contribuições, vemos como as questões simbólicas se fazem notórias nos aspectos culturais, uma vez que a arte como forma simbólica traz a tona as aspirações e idealizações destes artistas impressas de forma especifica na paisagem sonora e cultural da cidade. Cassirer afirma que;

"Sem o simbolismo, a vida do homem seria como a dos prisioneiros na caverna do famoso símile de Platão. A vida do homem ficaria confinada aos limites de suas necessidades biológicas e seus interesses práticos; não teria acesso ao 'mundo ideal' que lhe é aberto em diferentes aspectos pela religião, pela arte, pela filosofia e pela ciência." (Cassirer, 1994, p.72).

Problematização

Dessa forma podemos analisar a importância das manifestações artísticas em espaço público, e como as objetivações destes músicos passam a contribuir ricamente em símbolos na paisagem, carregando-a de significações que passam a contribuir na totalidade desta, que se tornarão significantes à população que usufrui destes espaços e acabam atribuindo significados próprios. Assim podemos ver que na interação que ocorre entre as pessoas e a paisagem, são as significações que estes conferem que farão sentido na realidade experiênciada.

"É o pensamento simbólico que supera a inércia natural do homem e lhe confere uma nova capacidade, a capacidade de reformular constantemente o seu universo humano." (Cassirer, 1994, p.104).

É através desta conformação do espaço, que os músicos de rua, com sua capacidade de interlocução em meio ao espaço público, são capazes de gerar experiências sensoriais resultantes das performances, com impactos visuais, sonoros e táteis, pois como dizia Tuan, "A audição e um modo de tocar a distancia". Em meio a estas relações que se manifestam no espaço, vemos como através destas intervenções o próprio espaço público se amplia frente ao ativismo destes artistas, pois como proferiu o professor Francisco de Oliveira na "Conferencia de abertura dos direitos a cidadania" de 2001. "Sem interlocução o espaço público que parece ampliar-se, a rigor se encolhe." É esse palco que Daniel Innerarity (2010), vê não como uma realidade dada, mas como uma construção laboriosa, frágil e variável, âmbito no qual se organiza a experiência social.

Os principais pontos que embasaram a compreensão sobre paisagem seguem elencados balizados nos estudos em Andreotti. Que na sua construção sobre o conceito de paisagem cultural, aborda uma corrente mais espiritualista. Volta-se também para os aspectos éticos e estéticos, para os valores espirituais que a cultura tem atribuído ao longo do tempo aos lugares. Que como afirma a autora, Paisagem cultural - "Reflexo da história, do devir [...] tradição, religião, arte, estilo de vida, filosofia, historia, miséria e riqueza se expressam de maneira muito profunda". Sendo que nesta perspectiva a paisagem cultural é vista com potencial que "excita a psique do observador". E esta relação entre; Psique — Observador — Paisagem — Sensações e Sentimentos — Traz a tona um contato direto com a "experiência da humanidade". Portanto neste ponto de vista que evoca aspectos da "Psicologia da paisagem", Andreotti buscou um centro de perspectiva interior que permitisse compreender e interpretar as mensagens, naturalmente culturais, que a paisagem contém. "E isso porque cada paisagem tem uma alma e um potencial expressivo no grau de impactar a nossa percepção de maneira íntima e



individual." (Andreotti, 2013, p.12). A autora considera a manifestação artística como uma expressão elevada do espírito humano. Enfatiza que a paisagem se torna um depositário de cultura, emoções e poesia e palco de experiências concretas, através do seu potencial expressivo que pode nos impactar. Contribuindo ricamente na temática da pesquisa, e nas relações estabelecidas entre arte e paisagem.

Metodologia

No caso da pesquisa sobre os músicos de rua em Curitiba, além da abordagem qualitativa, que estará em função da alimentação dos dados sobre a atuação performática e as relações socioculturais naquele contexto, buscarei a contribuição da abordagem fenomenológica para tratar estas informações, obtendo no fenômeno da performance de rua, realidades para se discutir conceitos como paisagem cultural de Andreotti (2013) e paisagem sonora de Schafer (1977). Partindo desta ótica, buscaremos tentar compreender realidades em que sujeitos ocupantes e protagonizastes do espaço vivem e atingem um contexto de participante da paisagem tanto sonora como visual. Isso para que tenhamos uma melhor compreensão destas experiências ambientais humanas, tendo que lançar mão de enfoques metodológicos que nos permitam aproximações das realidades, abordando a percepção destes interlocutores no fenômeno e no contexto estudado.

A importância está em compreender as relações estabelecidas entre os músicos de rua, o espaço público e a paisagem. Abordando através das possibilidades da geografia cultural humanista, da etnografia urbana e das contribuições referenciais que abordam a temática sobre o espaço público. Tendo como categoria de analise a paisagem, no resultante das performances dos músicos, onde estes proporcionam através das intervenções artísticas, uma experiência visual e sonora que atribui significados à paisagem da cidade.

Observando nisso se há uma concentração espacial destas atividades em lugares específicos da cidade, construindo assim uma representação dos músicos de rua em Curitiba. Pois segundo Salete Kozel;

"As representações em geografia constituem-se em criações individuais ou sociais de esquemas mentais estabelecidos a partir da realidade espacial inerente a uma situação ideológica, abrangendo um campo que vai alem da leitura aparente do espaço realizada pela observação, descrição e localização das paisagens e fluxos, classificados e hierarquizados." (Mendonça & Kozel, 2009, p. 216).

Pois segundo Tuan (1980), "Os olhos obtém informações muito mais precisas e detalhadas, sobre o meio ambiente, do que os ouvidos, mas geralmente somos mais sensibilizados pelo que ouvimos do que vemos." E passa a ser notório como os músicos de rua estão presentes em algumas capitais brasileiras e mundiais, contribuindo assim na composição e significação da paisagem sonora. Complementa Tuan (1980. p.11), "O próprio espaço se contrai, porque nossa experiência de espaço é aumentada grandemente pelo sentido auditivo, que fornece informações do mundo além do campo visual." O ponto está na compreensão da atuação performática dos músicos de rua em Curitiba e como estes marcam a paisagem da cidade.

Portanto trazendo à tona as complexas relações que permeiam esta paisagem, desvendando como se utilizam e transformam-na, pois; "Ao resgatar o vivido e as subjetividades, atribui-se a analise espacial maior amplitude para desvendar aspirações e valores pertinentes aos grupos humanos, refletindo-se na organização espacial" (Mendonça & Kozel, 2009, p.2016). Permitindo assim a construção de uma representação destas performances, para melhor se compreender a espacialização destes músicos e estabelecer um paralelo com a trajetória destes artistas, relacionando suas intervenções a influências na paisagem cultural e sonora da cidade.

Resultados

Podemos observar como além das subjetividades que envolvem a composição de uma paisagem, também a sua existência estará relacionado a um sujeito que o concebe como forma. "Assim, pode haver uma paisagem muda para aqueles que ignoram o que está nela escondido, e, ao contrário, sonoramente eloquente para aqueles que conseguem decifrar seus enigmas." Frisa Andreotti, discutindo os aspectos psicológicos da cidade e dos símbolos, "pois gotejam história e arte", diz a autora. E podemos aprofundar através da percepção geográfica — Percepção que é experiência — Sense a place — (Tuan). A Geografia da percepção que "trata daquela geografia em que a pesquisa cientifica reconquista todas as dimensões da experiência humana." Segundo o autor — Geografias privadas — "Em que permitem uma peculiar leitura do nosso ambiente e do mundo". (Tuan, 1977).

"Em outras palavras, têm-se apontado os estudos sobre o lado humanístico da geografia, que descobre a subjetividade, a individuação dos objetos, fatos e fenômenos através de um número infinito de coordenadas espaços-temporais que dependem do ponto de vista, os quais são influenciados



por determinantes culturais, pela experiência pessoal e pela memória (LOWENTHAL, 1961, p.260 apud Andreotti).

Elementos que se tornam importantes na construção da compreensão das especificidades contidas na paisagem cultural da cidade de Curitiba. Sendo nesta possibilidade epistemológica que podemos olhar com filtros ajustado tanto ao sujeito, quanto ao fenômeno, ou a experiência vivenciada. Pois é;

"A partir das formas simbólicas o homem se distância do mundo e por meio justamente dessa separação retorna ao mundo de modo afetivo, ou seja, pelo conhecimento e ação nesse mundo. Do mesmo modo as ações humanas são impulsionadas pela necessidade através da antecipação de representações para viabilizar uma condição em realidade." (GIL FILHO, 2016).

É nesta perspectiva que podemos analisar como as experiências e as realizações humanas estão relacionadas ao simbolismo e as representações que os sujeitos fazem dos sentidos e das ações manifestas no espaço, e como usando as palavras do professor Sylvio, "as determinações a partir das formas simbólicas não são um fim em si, mas um processo." Ligadas às expressões, as representações e as significações que são estabelecidas pelos sujeitos. Pois completa o professor: "O mundo da linguagem é o mundo real, e está capacidade esta em nós. {...} Mundos simbólicos são mundos reais." (GIL FILHO, 2012).

Concluindo as reflexões sobra a arte na paisagem, ou a própria representação da paisagem como arte, neste dialogo, arte, música, geografia, formas simbólicas, se tornam adereços para se contemplar com valorização estética a temática pesquisada. Observar sobre uma ótica humanista (realista) o fenômeno e a experiência relacionada com determinados artistas. Sujeitos que compõem e dinamizam a paisagem em determinados locais, estabelecendo relações com esta paisagem, depositando suas contribuições, simbólicas, sensoriais, sonoras e culturais. E fazem de tal maneira que se pode espacializar e fazer conexões com outros espaços que são conectados através da experiência e da memória. A arte de rua, o som, é capaz de fazer conexões simbólicas entre paisagens.

Sendo assim a música na paisagem, passa a dar um outro sentido estético ao espaço, uma vez que possui elementos artísticos e também sonoros que podem ser significados e espacializados. Geometricamente no espectro visual e sonoro. Paisagisticamente no caso do espaço público e do uso. Espiritualmente no caso da memória e das representações e culturalmente no caso das performances.

A Arte se manifesta em espaço público, onde a rua passa a ser o objeto plasmado pelos sujeitos pesquisados, conformada pelos usos e representações destes artistas. Onde suas presenças são relativas e relacionais, quando se avalia a periodicidade e atuação, destes que acabam proporcionando estas experiências, podendo ser espacializada em um âmbito que se configura na paisagem. Expressas também através da composição da paisagem sonora, proporcionando simultaneamente um fenômeno acústico e cultural, onde através da relação real e existencial destes músicos e de suas atuações no espaço, podemos refletir sobre uma compreensão mais ampla entre o sujeito e suas subjetividades, e as objetivações dadas por estes músicos através das formas simbólicas ao espaço.

Bibliografia Parcial

ANDREOTTI, Giuliana. Paisagens culturais. Editora UFPR. Curitiba, 2013.

CASSIRER. E. Ensaio sobre o homem: introdução a uma filosofia da cultura humana. Martins fontes, São Paulo. 1994.

INNERARITY, D. O novo espaço público. Lisboa. Textos Editores, 2010.

MENDONÇA, KOZEL (org). **Elementos de epistemologia da geografia contemporânea.** MENDONÇA, Francisco. KOZEL, Salete. Ed. da UFPR. 1ª Ed. rev. 2009.

OLIVEIRA, F. **Intelectuais Conhecimento e espaço público**. In: Revista Brasileira de Educação, n.18, set/out/nov/dez, 2001.

SCHAFER, R. Murray. A afinação do mundo. UNESP. São Paulo, 1997.

GIL FILHO, Sylvio F. **Geografia das formas simbólicas em Ernst Cassirer.** In: BARTHE-DELOIZE, F. & SERPA, A. org. Visões do Brasil: estudos culturais em Geografia [online]. Salvador: EDUFBA, 2012, p. 47-66.

TUAN, Y. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. São Paulo: Difusão Editorial, 1980.

N6-011-ORAL

PAISAGENS DE DEJETOS & PAISAGENS DO DESPERDÍCIO: RETRATOS DE BOA VISTA

Haroldo Scacabarossi/ Christian Dennys M. de Oliveira

1 INTRODUÇÃO

O modelo escolhido pela cidade de Boa Vista em relação ao tratamento dos Resíduos Sólidos Urbanos RSU gerados no pós-consumo, está intimamente ligado à relação urbano ambiente, praticado na capital do estado de Roraima. Há de se questionar o caminho escolhido para gerir a questão por parte do executivo



municipal, perpassando pelas características de sociedade boa-vistense dentro do contexto capitalista de consumo.

Após 06 anos de efetivação de uma das mais modernas legislações inerentes aos RSU gerados, entre elas a Lei Federal 12.305/2010, o que se percebe no município é totalmente diverso ao que se prega a norma legislativa. Na verdade, Boa Vista vem se destacando pelas paisagens de dejetos, evidenciadas pela disposição irracional de RSU gerados em seus lixões e pelas paisagens do desperdício, retratados nas inúmeras praças da capital.

São inúmeros os obstáculos para que a cidade de Boa Vista se transformem em uma sociedade saudável, ou o que poderíamos chamar de sociedade limpa, principalmente na maneira como destina os materiais pós consumo (ABRAMOVAY. Et Al., 2013).

A problemática dos RSU gerados, sua destinação e disposição final dos rejeitos estão presentes no cotidiano boa-vistense, materializada na atual situação socioespacial da cidade. De modo a considerar a gestão e o gerenciamento dos RSU gerados no o Município de Boa Vista, constata-se uma prática desconexa e não harmônica, almejada na relação urbano-ambiente, trazendo à tona vários questionamentos na questão da relação homem natureza.

Estamos distantes da chamada Cidade Inteligente, caracterizada por inovações, que utiliza as Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) e outros meios para melhorar a eficiência da gestão, dos serviços urbanos e de sua competitividade (BOUSKELA, Et. Al., 2016).

2 PROBLEMATIZAÇÃO

O principal desafio a ser seguido na pesquisa é identificar as "forças ocultas" e contrárias que insistem e persistem em não estabelecer e efetivar parâmetros sistematizados mínimos e aceitáveis relacionados ao complexo gerenciamento e gestão dos RSU gerados, que interrompa com a pratica equivocada, tradicional e arcaica de lidar com a questão.

Nesse sentido, levanta-se o seguinte questionamento. Porque não se efetiva à Política Nacional dos Resíduos Sólidos PNRS, Lei Federal 12.305/10 na cidade de Boa Vista – RR e quais seriam as motivações e as resistências em manter a forma arcaica ou equivocada na gestão e no gerenciamento dos resíduos sólidos urbanos RSU gerados?

3 METODOLOGIA

No sentido de entender as variáveis inerentes à compreensão da governança urbana bem como os paradoxos existentes da responsabilidade compartilhada dos resíduos sólidos em Boa Vista – RR a pesquisa adotará o método qualitativo. O estudo qualitativo pautado nos objetivos da pesquisa exploratória tenta identificar e decifrar esse entendimento. Nesse estudo de caso, os procedimentos técnicos utilizados serão a pesquisas bibliográfica e documental. A forma de coleta de dados será transversal como diz Gil (2008):

Estas pesquisas têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses. Pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições (GIL, 2008, p 41).

RESULTADOS PARCIAIS

Na verdade, quando se fala em gestão dos RSU gerados no município de Boa Vista, fala-se em ações desconexas. Retrata uma ação não integrada à uma política efetiva de pré-seleção, de triagem e de encaminhamento a associações e empresas do setor, para comercialização e que efetivamente de alguma maneira, gere emprego e renda.

A primeira constatação, e mais grave nesse processo, está no local disposição final dos RSU gerados no Município, onde o que era para ser um Aterro Sanitário ou Aterro Controlado tornou-se um depósito de lixo a céu aberto, prevalecendo o conceito de lixão, contribuindo de sobre maneira para a alteração da paisagem origem do local.

Caminhões e coletores, com os mais diferenciados tipos de resíduos recolhidos nos 54 bairros da cidade de Boa Vista, depositam diariamente, sem prévia seleção e controle toneladas de RSU gerados na capital. O processo de degradação ambiental que ocorre na área para onde são destinados os RSU coletados pelo sistema de gerenciamento é nítido e o que deveria ser fonte de renda e riqueza, nada mais é do que depósito de recursos. Abramovay (2013) corrobora com essa constatação e diz que:

Lixões e baixo aproveitamento de resíduos sólidos exprimem uma relação doentia entre sociedade e natureza, em cuja base se encontra a maneira como são tanto concebidos, produzidos, distribuídos, consumidos e descartados os produtos quanto geridos os sistemas de coleta e disposição dos remanescentes do consumo (ABRAMOVAY. Et Al., 2013).

A segunda constatação e tão preocupante quanto, está na postura adotada pela atual gestão do município no que se refere a política direcionada aos recicláveis. Destaca-se, a implantação de coletores destinados a coleta seletiva de resíduos gerados. Para se ter uma ideia do descaso com o erário, bem como a



evidência de um verdadeiro paradoxo na gestão dos RSU gerados, foram disponibizados aos frequentadores das Praças da Bandeira e dos Bambus mais de 62 equipamentos de coleta seletiva.

Os equipamentos de limpeza urbana e coleta seletiva escolhidos, contam cada um com 4 receptores individuais de coleta. Multiplicado pelo número de equipamentos instalados nas praças citadas, tem-se o absurdo de mais de 240 tambores para recebimento de resíduos diferenciados.

Considerando que o município não disponibiliza coleta seletiva desde o ano 2008 aos munícipes e muito menos efetua esse tipo serviço em locais prédeterminados, estamos diante de um verdadeiro equivoco no trato dos RSU gerados.

Por tanto, está posto a falta de planejamento e de políticas públicas que consigam pôr fim a montanhas de lixo que se avolumam em locais impróprios, formando verdadeira paisagens do desperdício que contamina a água e o solo, empesteando o ar e transmitindo doenças sem que se aproveite oportunidades imensas de geração de riqueza e renda por meio da reutilização e da reciclagem (ABRAMOVAY. Et Al., 2013).

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY. R., et al. Lixo zero: gestão de resíduos sólidos para uma sociedade mais próspera. – São Paulo: Planeta sustentável: Instituto Ethos, 2013. E-book. 77 p.; 29,7 cm.

BRASIL. **Lei nº 12.305**, de 02 de Agosto de 2010. Institui a Política Nacional de Resíduos Sólidos; altera a Lei nº 9.605, de 12 de fevereiro de 1998; e dá outras providências. Diário Oficial da União 2010; 3 ago. [Acessado 2011 dez 15]. Disponível em: http://www.mncr.org.br/box_2/instrumentos-juridicos/leis-e-decretos-federais/Lei%20%2012.305-

2010%20Politica%20de%20Residuos%20Solidos.pdf/view>. Acesso em: 29 jul. 2012.

_____. Resíduos Sólidos. Lixões persistem. **Em discussão – Senado Federal:** Ano 5 – Nº22 – setembro de 2014. Disponível em: http://www12.senado.leg.br/emdiscussao/edicoes/residuos-solidos/@@images/arquivo_pdf/, em: 27/06/2016 - 14h>. Acesso em: 11 de julho de 2016.

BOUSKELA, M., et al. **Caminho para as smart cities: da gestão tradicional para a cidade inteligente.** 2016 p. cm. – (Monografia do BID; 454). Disponível em: https://publications.iadb.org/bitstream/handle/11319/7743/Caminho-para-as-

smart-cities-da-gestao-tradicional-para-a-cidade-inteligente.pdf?sequence=2>. Acesso em: 17 de agosto de 2016.

GIL, A. C. Como Elaborar Projetos de Pesquisa. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GONÇALVES, P. A reciclagem integradora dos aspectos ambientais, sociais e econômicos. 1 ed. Rio de Janeiro: DP&A: Fase, 2003.

MAGERA, M. **Os empresários do lixo**: Um paradoxo da modernidade. 2 ed. Campinas – SP: Átomo, 2005.

RIBEIRO, D. V. e MORELLI, M. R. **Resíduos Sólidos: Problema ou Oportunidade?** 1ed. Rio de Janeiro: Interciência, 2009.

N6-012-ORAL

TRANSFORMAÇÕES SOCIOESPACIAIS E A VULNERABILIDADE SOCIAL EM CAUCAIA-CE (2000-2010)

Francisco Alexandre Coelho/ Maria Clélia Lustosa Costa/ Ana Dyenice Carlos da Silva

Resumo

A temática vulnerabilidade social ao longo dos anos vem ganhando cada vez mais importância nos debates acadêmicos, nas Organizações não governamentais, e, sobretudo, nas propostas apresentadas pelas diferentes esferas administrativas. Como consequência, temos a elaboração de políticas públicas que visam diminuir as desigualdades sociais e melhorar a qualidade de vida com investimentos nas áreas de saúde, educação, infraestrutura e em programas de assistência, dentre outros.

Conforme Busso (2001), vulnerabilidade social "[...] es entendida como um proceso multidimensional que confluye en el riesgo o probabilidad del individuo, hogar o comunidad de ser herido, lesionado o dañado ante cambios o permanencia de situaciones externas y/o internas."

A vulnerabilidade social é sempre associada à exposição ao risco (BUSSO, 2001). A exposição a risco se dá pelas condições ambientais e sociais. Para Jatobá (2011) as condições ambientais estão relacionadas à ocupação humana desordenada em ambientes suscetíveis a inundações, poluição dos recursos hídricos, poluição atmosférica etc. Além do que, estas condições associadas à carência de estrutura, como por exemplo, precariedade habitacional, esgotamento, coleta de lixo, obras de contenção de encostas entre outros, aumentam ainda mais a exposição aos riscos.



Em relação à condição social, os riscos se manifestam nas carências sociais, como a pobreza, baixa escolaridade associados a políticas públicas ineficientes a falta de serviços educacionais, saúde, educação segurança e lazer aumentam ainda mais a exposição aos riscos.

As grandes cidades latino-americanas possuem áreas degradadas ambientalmente, bem como socialmente (HOGAN e MARANDOLA, 2006). Desta maneira, há uma relação dos indivíduos ou grupos sociais expostos a riscos ambientais, a grande maioria, também é vulnerável do ponto de vista social. Jatobá (2001) apresenta a discussão da vulnerabilidade social em uma perspectiva da ecologia política, pois esta contempla a vertente ambiental e social. Contudo, nossa concepção entende que a analise desta condição se dá na produção do espaço geográfico determinante das transformações socioespaciais. As transformações no espaço não podem ser atribuídas apenas a uma lógica meramente de mercado, nem a um Estado que idealiza toda a organização ou muito menos a um capital abstrato que emerge fora das relações sociais, como afirma Correa (2012). Estas resultam da ação de diferentes agentes sociais, contraditórios, complexos, históricos, estratégicos nas práticas espaciais e geradores de conflitos em todos os setores da cidade.

Desta maneira, cidades brasileiras revelam na paisagem esse problema visto pela segregação socioespacial. No processo de urbanização, as áreas com melhores equipamentos urbanos foram ocupadas pela classe abastada, e em contrapartida, as áreas periféricas, foram abrigando uma população desprovida de bens, sem qualificação profissional, que saiam da zona rural em busca de melhores condições de vida.

Nesta condição, a análise da vulnerabilidade social está inserida em uma reinterpretação do urbano em suas múltiplas contradições. A matriz urbana apresenta também aspectos positivos que proporcionam uma estrutura de oportunidades, que são constituídas pelos bens, pelos serviços ou pelas atividades proporcionadas pelo mercado, pelo mercado e pela comunidade que permitem os indivíduos ou grupos possuírem ativos que possibilita um bem-estar para viver integralmente em sociedade (KATZMAN E FILGUERIAS, 2006).

Além disso, entender as transformações socioespaciais e a vulnerabilidade social atualmente, nos remete a entender, em primeiro lugar a Metrópole na qual vivemos e o seu processo de reprodução. Em seguida sua articulação com a região metropolitana, como por exemplo, sua integração, as dimensões dos

crescimentos populacionais, as políticas públicas que regem sua relação etc. que aceleram o processo de urbanização.

O município de Caucaia, no estado do Ceará, se caracteriza por uma diversidade natural, social e econômica visível na paisagem: áreas de grande concentração populacional, como os conjuntos habitacionais, construídas na década de 1980, que atraíram para seu entorno, loteamentos periféricos e favelas; ocupação linear acompanhando a costa, com a metropolitazação litorânea, resultado da implantação de segundas residências, condomínios e complexos turísticos; e atividades industriais, ao longo da BR 222 e nas proximidades do Porto do Pecém. Na paisagem, evidencia-se uma forte desigualdade social, revelando áreas, onde se concentram uma população de baixa vulnerabilidade, enquanto outras mais vulneráveis, em que a renda e o nível educacional dos chefes de família e as condições habitacionais e de infraestruturas são precárias. Estas condições dificultam os moradores de aproveitar as estruturas de oportunidade ou superar as adversidades. Este trabalho tem como objetivo analisar as transformações socioespaciais em Caucaia, resultado das políticas públicas na última década, enfatizando o debate sobre a vulnerabilidade social. Esta investigação analisou as alterações nos índices de vulnerabilidade social (IVS) de 2000 e 2010, elaborados a partir de dados censos demográficos do IBGE, na escala dos setores censitários, com base na metodologia adotada pelo núcleo Fortaleza do Observatório das Metrópoles adaptada pela metodologia proposta por Medeiros (2014). Para validação dos índices utilizou-se o software matemático (SPSS) e o I de Moran para autocorrelação do IVS com os setores censitários. Com base nos mapas do IVS de 2000 e 2010, realizou-se o trabalho de campo para confrontar os índices tabulados com a realidade. Constatou-se maior vulnerabilidade nos distritos menos urbanizados, ou seja, com predomínio de população rural, como é caso dos distritos predominantemente rurais de Sítios Novos, Tuncunduba e Mirambé. Os distritos mais urbanos apresentaram maior heterogeneidade quanto ao IVS, com setores censitários com alta vulnerabilidade, áreas de aglomerados subnormais e de baixa vulnerabilidade como os conjuntos habitacionais, Nova Metrópole e Novo Araturi. No município, destaca-se o distrito de Jurema, que foi objeto de uma pesquisa mais qualitativa, que se distingui pela concentração de conjuntos habitacionais (dez) e por intensa relação com a metrópole, contendo uma população de 129 mil habitantes, superior a de muitos municípios cearenses, e uma densidade demográfica de 7.657,38 hab. por km², a maior do município.

Referências



BUSSO, Gustavo. **Vulnerabilidad social**: nociones e implicancias de políticas para latinoamerica a inicios del siglo XXI. Seminario Internacional: las diferentes expresiones de la vulnerabilidad social en América Latina y el Caribe. Santiago de Chile: CELADE, 2001.

CORRÊA, Roberto Lobato. Sobre os agentes sociais, escalas e produção do espaço: um texto para discussão. In: Carlos, A.F.A. et al. (orgs). **A produção do espaço urbano:** agentes e processos, escalas e desafios. 1.ed., 2 reimpressão- São Paulo: Contexto,2013.p.41-52

CARLOS, A.F.A. Da "organização" à "produção do espaço no movimento do pensamento geográfico. In: Carlos, A.F.A. et al. (orgs). **A produção do espaço urbano:** agentes e processos, escalas e desafios. 1.ed., 2 reimpressão- São Paulo: Contexto,2013.p.53-74.

DESCHAMPS, M. V. Vulnerabilidade Socioambiental na Região Metropolitana de Curitiba. Tese (Doutorado) em Meio Ambiente e Desenvolvimento. UFPR, 2004 DANTAS, E. W. C.; COSTA, M. C. L. (orgs). Vulnerabilidade socioambiental na região Metropolitana de Fortaleza. Fortaleza: Edições UFC, 2009.

HOGAN, D. J.; MARANDOLA JR, Eduardo . Para uma conceituação interdisciplinar da vulnerabilidade. In: José Marcos Pinto da Cunha. (Org.). **Novas Metrópoles Paulistas**: população, vulnerabilidade e segregação. Campinas: Núcleo de Estudos de População, 2006, p. 23-50.

KAZTMAN, Rubén; FILGUEIRA, Fernando. As normas como bem público e privado: reflexões nas fronteiras do enfoque "ativos, vulnerabilidade e estrutura de oportunidades" (Aveo). In: CUNHA, José Marcos P. da (Org.). Novas metrópoles paulistas: população, vulnerabilidade e segregação. Campinas, SP: Nepo/Unicamp, 2006.

LEFEBVRE, Henri. **A produção do espaço**. Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: *La production de l'espace*. 4e éd. Paris: ÉditionsAnthropos, 2000). Primeira versão: início - fev.2006.

JANCZURA, ROSANE. **Risco ou vulnerabilidade social?** Textos & Contextos (Porto Alegre), v. 11, n. 2, p. 301 - 308, ago./dez. 2012

N6-014-ORAL

INDICADORES DE VULNERABILIDADE SOCIAMBIENTAL NO ESPAÇO URBANO DE BOA VISTA-RR

Osvair Brandão Mussato

A cidade planejada de largas avenidas é o espaço também dos segregados, da falta de planejamento e ausência de infraestrutura. Esta Boa Vista representa os diferentes momentos históricos e ciclos econômicos que comandaram a dinâmica espacial roraimense. Esse processo de evolução e estruturação urbana iniciou-se mesmo antes de Boa Vista possuir uma função de cidade, ainda no século XIX. Oriunda de uma fazenda de criação de gado instalada em 1830 por Inácio Lopes Magalhães, na margem direita do rio Branco, Boa Vista reafirmava a posse do território português neste espaço setentrional da Amazônia.

A fazenda deu origem a um povoado que, em 1858, transformou-se em freguesia, sendo elevada a categoria de vila em 1891 e posteriormente cidade no ano de 1926, para mais tarde, em 1943, tornar-se capital do então criado Território Federal do Rio Branco. Neste período as condições de salubridade de Boa Vista já constavam nos relatos de viajantes que por aqui passaram, destacando as condições de precariedade das moradias, bem como o saneamento que comprometiam a qualidade de saúde dos moradores e visitantes.

A cidade de Boa Vista se revelou desde seus primórdios, como as demais cidades brasileiras, com precariedade em investimentos que assegurassem aos cidadãos melhor qualidade de vida. Neste contexto vale destacar que a população era constituída por uma parcela significativa de indígenas. Em 1917, a população do município era de 8 a 10 mil indígenas e 3 a 4 mil não indígenas, sendo que na vila a população era de cerca de 500 habitantes. Entre os anos de 1924-25 a população da vila seria em torno de 1.200 habitantes, chegando a cerca de 1.500 habitantes em 1940, nos relatos de Pereira (1917), Rice (1924) e do Serviço Nacional de Recenseamento (1945), (BARBOSA, 1993).

Neste processo de isolamento em relação ao restante do país, formou-se uma pequena cidade que passaria a comandar toda a dinâmica econômica da região, primeiramente baseada na pecuária extensiva e posteriormente no garimpo de ouro e diamante, que atraiu milhares de pessoas de todas as regiões do país, promovendo um acelerado crescimento populacional num período relativamente curto de tempo. A elevação da demanda por serviços básicos de habitação e saneamento promoveram a ocupação de inúmeras áreas de riscos ambientais, colocando as famílias mais pobres em situação de vulnerabilidade socioambiental na capital de Roraima.



Compreender a dinâmica de formação dessas áreas de vulnerabilidade é primaz para se promover o debate acerca de políticas públicas que possam minimizar ou mesmo reverter tal tendência. É nesta perspectiva que pauta o presente artigo.

PROBLEMATIZAÇÃO

A expansão urbana desordenada de Boa Vista, principalmente, nas décadas de 1970 a 1990, ocasionaram a ocupação irregular de inúmeras Áreas de Preservação Permanente (APP), promovendo a sua descaracterização e, consequentemente sérios riscos aos moradores dessas áreas, normalmente pessoas com baixo poder aquisitivo e baixo índice de instrução.

Neste sentido, busca-se inquerir: De que forma os agentes públicos e privados contribuíram para a formação de áreas potencialmente vulneráveis socioambientalmente na cidade de Boa Vista?

METODOLOGIA

A pesquisa caracteriza-se por ser de natureza aplicada, visto que os resultados alcançados possibilitarão uma atuação junto à população estudada com o objetivo de promover melhorias das formas de intervenção na sociedade promovendo melhorias na qualidade de vida.

Quanto aos objetivos, a pesquisa é de caráter explicativo, uma vez que busca analisar, sob a ótica da Geografia da Saúde, de que forma se originaram a vulnerabilidade socioambiental na cidade de Boa Vista. Para tanto, será necessária a realização de uma profunda revisão da literatura acerca da problemática, buscando base para a construção do referencial teórico que norteará a pesquisa.

RESULTADOS PARCIAIS

A expansão urbana descontrolada da cidade de Boa Vista em decorrência do auge da atividade garimpeira, bem como dos inúmeros projetos de colonização agrícola no estado e das campanhas de atração populacional no período que antecedeu a mudança de Território Federal para Estado, trouxe inúmeros problemas à cidade e, consequentemente, aos seus habitantes.

A fixação no território deu-se de forma desorganizada promovendo a ocupação de áreas de fragilidade ambiental como margens de igarapés e lagoas temporárias. Esta ocupação deu-se através da informalidade e também, muitas vezes, a partir de políticas estatais mal planejadas com a doação de terrenos aos recém-chegados.

Após longos anos de ocupação essas áreas ainda representam potenciais problemas à gestão municipal que, mesmo após diversas obras de infraestrutura de drenagem e esgotamento sanitário, representam grandes desafios a serem superados. Boa Vista, tornou-se uma capital dicotômica. A primeira vista, as largas avenidas, com seus canteiros centrais gramados ou floridos, na parte central da cidade, contrastam com a precariedade das áreas periféricas que sofrem constantemente com alagamentos, ausência de serviços de saneamento básico, saúde e lazer, entre outros.

As inúmeras obras de modernização da cidade têm sido insuficiente para sanar os longos anos de falta de planejamento na fase primordial de planejamento urbano, o período áureo de seu crescimento.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Reinaldo Imbrósio. Ocupação Humana em Roraima. I. Do Histórico Colonial ao Início do Assentamento Dirigido. *Boletim do Museu Paraense Emilio Goeldi, 9 (1)*: 123-144. Belém, 1993-1.

BARROS, Nilson Cortez Crocia de. Paisagens e Tempo na Amazônia Setentrional: estudo de ocupação pioneira na América do Sul. Editora Universitária — UFPE. 1995.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. A (re) produção do espaço urbano. São Paulo: EDUSP, 2008.

CARVALHO, Sonia Nashas de. Condicionantes e possibilidades políticas do planejamento urbano. In. VITTE, Claudete de Castro Silva; KEINERT, Tânia Margarete Mezzomo (org). Qualidade de vida, planejamento e gestão urbana: discussões teórico-metodológicas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

CLARK, David. Introdução à Geografia Urbana. São Paulo, Difel, 1985.

CORRÊA, R. L. O espaço urbano. Série Princípios. São Paulo: Ática, 1995.

COSTA, Maria Clélia Lustosa; DANTAS, Eutógio Wanderley Correia. Vulnerabilidade socioambiental na região metropolitana de Fortaleza. Fortaleza: Edições, UFC, 2009.

DA SILVA, José Rogério Arruda. *Ocupação e Colonização em Roraima: a colônia da*

Confiança III em Bonfim. Recife: CFCH, UFPE, 1997. (Dissertação de Mestrado). DESCHAMPS, M. V. (2009) Vulnerabilidade socioambiental das regiões metropolitanas brasileiras. Rio de Janeiro: Observatório das Metrópoles. Letra Capital.

DIEESE. (2007) Aspetos conceituais da vulnerabilidade social. MTE. p. 1-31.



DINIZ, Alexandre Magno Alves; SANTOS, Reinaldo Onofre dos. Fluxos migratórios e formação da rede urbana de Roraima. 2006.

FREITAS, Fabiano Lucas da Silva; COSTA, Maria Clélia Lustosa. Violência, vulnerabilidade e desigualdade sócio-espacial na região metropolitana de Fortaleza. (S/DATA).

KOWARICK, Lúcio. A espoliação urbana. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

MUSSATO, O. B. Urbanização e segregação socioespacial: uma análise da área de ocupação irregular Monte das Oliveiras em Boa Vista (RR). 2011. 121 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Economia) — Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade Economia, Porto Alegre, jul. 2011.

SILVA, Paulo Rogério de Freitas. Dinâmica Territorial Urbana em Roraima - Brasil. Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana. Universidade de São Paulo, 2007. (Tese Doutorado).

SOUZA, Antonio Klinger da Silva. O Rio Branco no início do século XX. *In*. Fronteiras do Tempo: Revista de Estudos Amazônicos, v. 1, nº 2 – Dezembro de 2011, p. 109-128.

VERAS, Antonio Tolrino de Rezende. A produção do espaço urbano de Boa Vista-RR. Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana. Universidade de São Paulo, 2009. (Tese Doutorado).

N6-018-ORAL

QUILOMBOLAS E ASSENTADOS NO NORDESTE GOIANO - SUJEITOS OU SUBALTERNIZADOS?

Maria Geralda de Almeida

INTRODUÇÃO

O Estado de Goiás abriga a maior área territorial brasileira destinada a uma população de aproximadamente 4 mil afrodescendentes denominada de Quilombolas e, localmente, no Norte de Goiás, com denominação de Kalunga. Por lei estadual desde 1991, o Sitio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga pertence aos mesmos; contudo, suas terras carecem de demarcação para legitimar a posse, processo moroso nos órgãos governamentais para a sua execução. Na ausência de demarcação surgem nas fronteiras conflitos permanentes, há impedimentos para financiamentos agrícolas e as ações sociais são irregulares.

Também, vários são os projetos de assentamentos, parcelas distribuídas para fins agrícolas de plantio e criações geralmente em solos empobrecidos e ou com escassez de água. No Nordeste de Goiás e no Vão do Paranã uma boa parte

dos assentados, ainda sem titulações definitivas de suas parcelas, lutam para assegurar sua sobrevivência a despeito de ausência de políticas sociais, de assistência técnica e de financiamentos agrícolas; as estradas precárias agravam sua exclusão.

Neste contexto, o questionamento evidenciado no titulo expõe um dilema acadêmico, social e político e norteará as discussões. Para tanto, baseouse em levantamento bibliográfico incluindo documentos oficiais, teses e dissertações e pesquisa de campo nos Quilombolas e, desde 2013, nos projetos de assentamentos.

Nesta reflexão é pertinente recorrer ao confronto ideológico proposto por Todorov (2003), por meio da imagem do "eu" e do "outro". Ao olharmos para o "outro", deparamo-nos com a diferença, ou seja, valores individuais ou grupais constituídos de símbolos culturais que podem gerar atração e ou repulsa.

METODOLOGIA

Esta discussão sobre esta dualidade entre o "eu" e o "outro", aproximase daquela que Almeida (2003) adota ao discutir sobre a busca da poética do sertão feita no contraponto do conhecimento científico (o discurso dos eruditos, dos de "fora") com o conhecimento popular (construído pelos de "dentro", com base na vivencia e experiência dos sertanejos).

Esses valores reforçam as diferenças, pois deixam claro o antagonismo entre os de "dentro"/"eu" e o "outro"/"de fora", este último, muitas vezes gerador de relações que podem ser vistas, conforme Raffestin (1993), como trunfos de poder que justificam o domínio por meio do qual fazem do "eu", a exemplo do Quilombola e assentados, um "outro".

Em outra perspectiva o "eu," pode ser o intelectual que julga poder falar pelo outro, o subalterno e, por meio dele, construir um discurso de resistência que justifica a mesma por parte do subalterno.

De acordo com Spivak (1998, p.12) este termo subalterno descreve "as camadas mais baixas da sociedade constituídas pelos modos específicos de exclusão dos mercados, da representação política e legal, e da possibilidade de se tornarem membros plenos no estrato social dominante." A concepção de subalternidade é, assim, uma leitura critica da sociedade.

No caso do sujeito, Hall (2002) afirma que contemporaneamente o processo de identificação produz o sujeito pós-moderno, conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade e formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais são



representados ou interpelados nos sistemas culturais que lhes rodeiam. Anteriormente, a noção de sujeito sociológico refletia a crescente complexidade do mundo moderno e a consciência de que este núcleo interior do sujeito não era autônomo e auto-suficiente, mas era formado na relação com "outras pessoas importantes para ele", que mediavam para o sujeito os valores, sentidos e símbolos - a cultura - dos mundos que ele/ela habitava. Enfim, sua ética.

Para Foucault (2004) o sujeito se constitui como ético quando é capaz de se posicionar de forma crítica diante do estabelecido, sem negar que o poder discursivo teve influência em sua própria vida. Segundo Lacerda (2008), não se pode pensar as relações de poder em Foucault sem a sua relação com os campos de saberes e nem os saberes isentos de poder. Porém, o tema central de sua obra não são as relações entre saber e poder, mas o sujeito.

Touraine (2009) já concebe a existência do sujeito enquanto contestação, isto é, do indivíduo que se rebela contra as condições sociais que lhes são impostas. O sujeito é, então, a construção do indivíduo atuante. Para ele, não se pode separar o indivíduo de seu contexto social. Ele aponta uma tendência não mais de sujeição e predestinação, mas de um sujeito que se cria por si mesmo, um sujeito que se constrói na historicidade, ou seja, que se torna contestatório dentro de um contexto social.

Ele postula a ideia de que um indivíduo só se sente sujeito na medida em que tem consciência de sua responsabilidade perante a dignidade e a humanidade dos "outros" indivíduos. Este autor (2009) menciona que a figura do que ele entende ser o sujeito é encontrada nas relações cotidianas, uma vez que a vida das pessoas é feita de rotinas, de sofrimentos, de pequenas alegrias, bem como de grandes paixões ou raivas enraizadas. Nesse cotidiano, todos os esforços para sobreviver, para se redimir, para resolver problemas de trabalho ou de ordem familiar, são "lugares" onde o sujeito se constrói na afirmação de si, no direito de viver uma vida individual, no respeito ao outro, ao diferente, nas estratégias de proteção contra o poder das organizações e dos governos.

PROBLEMATIZAÇÃO

A condição de sujeito é definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são e nem estão unificadas ao redor de um "eu" coerente.

Isso posto cabe retomarmos a questão central: serão os quilombolas povos subalternizados, uma vez que socialmente e politicamente encontram-se à

margem de exclusão dos mercados, da representação política e legal, e da possibilidade de se tornarem membros plenos no estrato social dominante"?

RESULTADOS

Os assentados, vivendo em condições de difícil acesso, sem assistência técnica, ainda sem titulações definitivas de suas parcelas o que os priva de financiamentos agrícolas, lutando para assegurar minimamente sua sobrevivência, a despeito de ausência de políticas sociais, também seriam subalternos?

Merece um esclarecimento sobre grupos que politicamente se autoidentificam como quilombolas, mas que nem sempre foram constituídos de movimentos que se rebelaram contra a situação da escravidão ou grupos insurrecionais. Quilombolas são grupos que desenvolveram diferentes formas de resistência na manutenção de seus modos de vida em um determinado território (MENDES; MARQUES, 2012).

Estes autores chamam atenção para a categorização do termo quilombola, cuja incorporação ocorre por meio de uma identidade atribuída pelo outro. Entretanto, tais categorias, tanto quilombo quanto Quilombola, vem sendo utilizadas pelos grupos como forma de reafirmação da condição de um grupo etnicamente e historicamente diferenciado.

Quando as comunidades negras utilizam a categoria étnica "quilombola", elas estarão se reportando a: ação política de afirmação étnica e de distinção em relação ao outro; consideração da condição histórica de subalternidade; incorporação das categorias como uma possibilidade de traço distintivo, apresentado pelo Estado, com vistas ao reconhecimento e à demarcação de seus territórios tradicionais e incorporação das categorias para acesso às políticas públicas.

Tanto os quilombolas como os assentados encontram-se vivendo no entre-lugar, pois assumem a categoria étnica do "outro" para, por intermédio dela, transformar sua condição de subalternidade. Viver no entre-lugar, é estar em espaço de fronteira, ou de terceiro espaço como querem alguns. O termo entre-lugar é apropriado para marcar a condição fluida, a posição intermédia reflexo da ambiguidade de assumir o ser "eu" ou ser o "outro". Assentados e quilombolas subalternos em transição para a condição de sujeito?

BIBLIOGRAFIA PARCIAL

ALMEIDA. M. G. Em busca da poética do sertão. In ALMEIDA, M.G. RATTS, A. P.(orgs) **Geografia**: leituras culturais. Goiânia:Ed. Alternativa, 2003.



FOUCAULT, M. A hermenêutica do sujeito. São Paulo: Martins Fontes. 2004. FURLIN, N. É possível uma sociologia do sujeito? Uma abordagem sobre as teorias de Foucault e Touraine. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 14, no 29, jan./abr. 2012, p. 274-311.

HALL, S. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. LACERDA, I. A. Foucault a critica do Sujeito. 2ª Ed. Curitiba: Editora UFPR, 2008. MARQUES, A. C. N.; MENDES, C. B. PELO DIREITO DE SER DIFERENTE: A SITUAÇÃO ATUAL DAS COMUNIDADES QUILOMBOLAS EM ALAGOAS, BRASIL. EDUCTE: Revista Científica do Instituto Federal de Alagoas, v. 3, n. 2, 2012.

TOURAINE, A. **Pensar Outramente**: o discurso interpretativo dominante. Petrópolis: Editora Vozes, 2009.

RAFESTIN, C. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ed. Ática, 1981. SPIVAK, G. Pode o subalterno falar? Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2010. TODOROV, T. **Poética da prosa.** São Paulo: Martins Fontes, 2003.

N6-016-ORAL

FESTA, TURISMO E FÉ: A GESTÃO DO ESPAÇO TURÍSTICO DO CÍRIO DE NAZARÉ NO MUNICÍPIO DA VIGIA-PA

João Paulo Siqueira

1-INTRODUÇÃO

O Círio de Nazaré no estado do Pará vem sendo estabelecido como uma das grandes manifestações socioculturais aglutinadora de pessoas, capitais e mercadorias, de vários lugares, Brasil afora. E nas três últimas décadas do século XX esse evento se transformou em um recurso turístico importante, passando a ter não só uma dimensão sagrada (atribuída a sua função gerida pela Igreja católica), mas também profana (não religiosa) apreendida por outros agentes, entre eles o Estado e os agentes do mercado. Como recurso ou atrativo turístico o Círio de Nazaré no Pará será apreendido como tal pelas ações desses agentes que envolvem, também, a própria sociedade.

No Estado do Pará, o Círio de Nazaré passou a ganhar uma proporção midiática a partir da sua oficialização em Belém, entretanto sua origem acontece antes do ato de legitimação por parte da Igreja e pelo governo do Estado em 1797 em Belém. Sua origem é reclamada pelo município de Vigia a 90 km da capital paraense cuja devoção à "Nossa Senhora de Nazaré" teria iniciado na Amazônia por colonos portugueses que vieram para a Capitania de D. Jorge dos Alemós onde hoje é o município de Vigia (CORDEIRO, 2009). É sobre o Círio deste

município que iremos debruçar nossa análise a respeito da gestão da festividade que ocorre no segundo domingo de setembro, transcorrendo quinze dias de festividade, cuja dinâmica socioespacial está alicerçada num fluxo intenso de pessoas que buscam o município com intencionalidades distintas.

O objetivo deste trabalho é analisar e entender essa gestão e identificar os agentes que estão envolvidos na mesma, bem como compreender a produção do espaço tanto no âmbito sagrado como profano, interagindo com um turismo com diversas vertentes a partir do Círio enquanto evento sacro/profano.

2 - PROBLEMATIZAÇÃO

Nesse sentido procuraremos analisar como ocorre a gestão desse espaço turístico voltado para o Círio de Nazaré no município de Vigia? E quais os agentes envolvidos nessa gestão com suas respectivas atuações nesse espaço turístico? E por fim; demonstrar como os espaços, considerados, profanos e sagrados se reproduzem dentro dessa gestão do espaço turístico?

Muitos trabalhos de pesquisa foram realizados para entender a dinâmica sociocultural que o Círio de Nazaré no Estado do Pará passou a ter nessas últimas décadas do século XX, trabalhos estes com um cunho mais sociológico e antropológico e que pouco interagiram com o espaço ou onde o mesmo seria secundário enquanto objeto de estudo central, mas que possuem uma valiosa importância para uma compreensão dos agentes e da dinâmica social que essa manifestação proporciona ao longo dos tempos como será destacado aqui.

2 - METODOLOGIA

Para se alcançar os objetivos propostos e responder as respectivas questões deste trabalho, fez-se necessário uma revisão bibliográfica a respeito de autores que trabalharam ou vêm trabalhando com a produção do espaço, como Lefebvre (1992), Santos (1996). Para se entender a produção do espaço turístico, estabelecendo um diálogo entre Geografia e turismo, recorremos às obras de Cruz (2001), Rodrigues (1996), Oliveira (2002) e outros.

Outro aspecto metodológico necessário para se entender a religiosidade, historicidade e espacialidade entre Geografia e Religião (onde Círio, enquanto manifestação religiosa, se enquadra) foi recorrer a uma chamada transdisciplinaridade com autores que discutem a denominada "Geografia da Religião", juntamente com outros autores da área da Antropologia entre eles: Eliade (1992), Maués (1995), Rosendhal (1996, 2003) e outros que nos forneceram subsídios teóricos a respeito da religiosidade inerente a essa



manifestação ora profana, ora sagrada, discussão inserida dentro de um debate e estudos da geografia da religião a partir de metodologias diversificadas.

Uma pesquisa documental sobre o Círio de Nazaré, realizada nesses órgãos, citados acima (públicos e religiosos), principalmente em Vigia, também, foi imprescindível para se compreender a forma das gestões sobre o espaço turístico voltado para o Círio de Nazaré neste município. Além de entrevistas estruturadas e semi-estruturadas realizadas com os atuais responsáveis por esses setores e departamentos dentro das secretarias.

O trabalho de campo foi outro procedimento metodológico rico, no sentido de dar a visibilidade empírica sobre a atmosfera que envolve o Círio de Nazaré em Vigia, principalmente no período em que acontece tal evento (segundo domingo se setembro). Foram realizados dois trabalhos de campos nos Círios de 2011 e 2012, respectivamente, com aplicação de questionários e realização de entrevistas semi-estruturadas.

4 - RESULTADOS

O Círio de Nazaré no município de Vigia não é só uma procissão, mas uma manifestação socioespacial, um evento aglutinador populacional capaz de transformar o espaço e a sociedade onde ocorre tal festividade não só religiosa, mas profana, diante da nova dinâmica que o mercado, a mídia, o Estado e a própria Igreja católica lhe impõe como foco de suas ações. Um recurso cultural e turístico do Estado do Pará imbricado na cultura e na religiosidade da região amazônica a partir de sua colonização portuguesa; assim o Círio se apresenta na atualidade.

Como um constructo ou fenômeno socioespacial, o Círio em Vigia sofre transformações em sua dinâmica, organização e estrutura. Passa a ser uma totalidade (SANTOS,1996) dentro de uma totalização. Esse evento que adquiriu acréscimos na sua forma e função ao longo do tempo, também se apropriou e transformou o espaço do município de Vigia, corroborando com territorialidades múltiplas envolvendo diversos agentes, identificados e analisados neste trabalho.

Essa gestão da "festividade de Nazaré" em Vigia gera conflitos entre diversos agentes interessados na mesma, seja o mercado com suas festas dançantes ligadas ao âmbito não-religioso (profano), seja a Igreja católica que se apresenta como responsável por toda a parte religiosa, mas que também se apropria de eventos profanos dentro da sua estrutura sagrada.

Esses conflitos estão acontecendo no tempo e no espaço e instigam a Geografia a entendê-los como fenômenos socioespaciais que necessitam de uma

organização, ou melhor, de uma gestão sobre um espaço que é apreendido, produzido e moldado por um evento tanto profano quanto sagrado que é o Círio de Nazaré no Estado do Pará e no município da Vigia. Categorias geográficas como espaço e território estão no centro da analise para apreender o Círio como produtor de espaços distintos com territorialidades idem.

5 - BIBLIOGRAFIA PARCIAL

ALVES, Isidoro. **O carnaval Devoto:** um estudo sobre a festa de Nazaré em Belém. Petrópolis, 1980

CORDEIRO, Paulo. **As irmandades religiosas do município de Vigia**., Sociedade Cinco de Agosto. Vigia-Pa. Mimeo: 2009

CRUZ, Rita. Introdução à Geografia do Turismo. São Paulo: Roca, 2003.

ELIADE, Mircea. O sagrado e o profano. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1992.

FIGUEIREDO, Silvio Lima (org). Círio de Nazaré, festa e paixão. Belém: EDUFPA, 2005.

LEFEBVRE, Henri. The Production of Space. Oxford: Wiley-Blackwell, 1992.

MAUÉS, Raymundo Heraldo. Padres, **pajés, santos e festas**: catolicismo popular e controle eclesiástico. Belém: Cejup, 1995.

OLIVEIRA, Christian Dennys M. de. **Turismo religioso**. São Paulo: Aleph, 2004. – (Coleção ABC do turismo).

RODRIGUES, Adyr A.B. (org). **Turismo e geografia** – reflexões teóricas e enfoques regionais. São Paulo: HUCITEC, 1996.

ROSENDAHL, Zeny. **"Espaço, cultura e religião:** dimensões de análise". In. CORRÊA,Roberto Lobato & ROSENDAHL, Zeny. Introdução à geografia cultural. Rio de aneiro:Bertrand: Brasil, 2003.

_____. **Espaço e religião:** uma abordagem geográfica. Rio de Janeiro: UERJ/NEPEC, 1996.

SANTOS. **A natureza do espaço**. Técnica e tempo. Razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1996.

N6-017-ORAL

PRÁTICAS COTIDIANAS DO AGRONEGÓCIO E INTENCIONALIDADES CAMPONESAS NOS CERRADOS DE ENTRE RIBEIROS – PARACATU/MG

Pedro Machado de Oliveira/ Rosselvelt José Santos

Introdução



O presente texto tem o objetivo analisar os usos dos cerrados por diferentes sujeitos no Entre Ribeiros, no município de Paracatu-MG. No lugar, a partir de 1980, nos espaços da pecuária extensiva surgiram os territórios dos grãos. Neste mesmo lugar, na virada do século XXI, são parcialmente apropriados pela canade-açúcar e também assentamentos de reforma agrária. No texto discutiremos a partir dos processos de reocupação dos cerrados as mutações socioespaciais e aquilo que é próprio do lugar.

Embora subordinados ao capital, produzindo grãos, cana, e leite Entre Ribeiros reúne, ao mesmo tempo, vários "territórios em disputas", de lutas pela terra. A riqueza de eventos, baseados na apropriação e no uso dos recursos "terra e água", tornou o lugar Entre Ribeiros um espaço favorável para refletirmos sobre as experiências dos sujeitos vindos de vários lugares, com suas práticas sociais, vínculos territoriais, em especial as representações conectadas aos modos de vida, relacionados à defesa do território.

Problematização

Embora os cerrados tenham sido considerados como uma imensa área inexplorada, vazia de população, de capital, de produção e atividade econômica, de acordo com Pessôa (1988) citando o relatório JICA de 1979; para nós, não significa dizer que não havia populações, nem recursos.

O processo de apropriação dos recursos, no Entre Ribeiros, colocou lado a lado a moderna agricultura representada pelo agronegócio e a agricultura camponesa, representada pelo Assentamento Santa Rosa, criado em 1999.

Diante do contexto, como então compreender as relações que se dão entre os territórios do agronegócio e os territórios do trabalho, como é o Assentamento Santa Rosa, no qual os assentados buscam sua reprodução ora como trabalhador temporário, ora trabalhador permanente ou ainda na atividade leiteira e que vivem ainda a possibilidade de serem rentistas?

Metodologia

O texto foi pensado a partir de exercícios de observação e descrição da área estudada, além da utilização de fontes bibliográficas. Os dados obtidos nas entrevistas com os colonos do projeto Entre Ribeiros e com os assentados do assentamento Santa Rosa estão sendo analisados e interpretados no sentido de se chegar à compreensão dos distintos territórios produzidos em um espaço com disponibilidade de terras planas, tornadas férteis, e ricas em água.

Resultados

Entre Ribeiros, no município de Paracatu, no noroeste de Minas Gerais foi, a partir das duas últimas décadas do século XX, profundamente transformado no seu espaço rural. Inserido no contexto da modernização da agricultura, idealizado e financiado pelo Estado, Entre Ribeiros recebeu pessoas que contribuíram para estabelecer inúmeras metamorfoses no espaço, resultando em tensões territoriais distintas, decorrentes dos vários usos a que foi submetido nos últimos anos.

O ano de 1983 marca o início da implantação do Projeto de Colonização Paracatu Entre Ribeiros I (PCPER I). Este foi um dos três projetos do Programa de Cooperação Nipo-Brasileira para o Desenvolvimento dos Cerrados, o PRODECER. Nos anos de 1985 e 1987 foram implantados os projetos II e III do Entre Ribeiros. A área dos projetos de colonização é proveniente da compra de duas grandes propriedades que se aproximavam de 30.000 hectares.

Os 10.315 hectares do Projeto de Colonização Paracatu Entre Ribeiros I foram divididos entre 41 colonos com propriedades entre 185 e 300 hectares. Neste projeto, as áreas irrigadas utilizam água do ribeirão que dá nome ao lugar, o ribeirão Entre Ribeiros, afluente da margem esquerda do rio Paracatu.

Tentou-se produzir tomate, melancia, melão, ervilha, abóbora, abacaxi, banana, alfafa, milho doce, limão, arroz, feijão e soja. Atualmente, além da soja, milho e feijão, cultivam milho para semente e cana-de açúcar que é processada pela Usina Bioenergia do Vale do Paracatu — BEVAP.

No projeto Entre Ribeiros II os lotes tiveram tamanho único de 400 hectares para cada um dos 26 colonos enquanto no projeto III foram assentados 20 colonos em lotes de 300 hectares cada. Os canais de irrigação retiram água do rio Paracatu, onde a oferta hídrica é notadamente superior.

Com a instalação dos sistemas de irrigação nos projetos Entre Ribeiros I, II e III os espaços da pecuária extensiva, tornaram-se definitivamente territórios apropriados pelo capital, assim como afirma Matos (2011). Espaços tornados territórios, mas "territórios em transição" no tempo e nos espaços do Entre Ribeiros. Transição que continua ocorrendo, pois os espaços apropriados e transformados em territórios dos grãos são agora absorvidos pela cana-deaçúcar. São territórios em que as dimensões política e econômica seguindo a lógica da reprodução do capital sobrepõem-se às perspectivas ambiental, social e cultural.



Contudo, o que torna rico o espaço do Entre Ribeiros, além das safras e cifras do agronegócio é a manifestação plural dos territórios e das tensões estabelecidas por pessoas que vieram de vários lugares do país.

Nos limites dos projetos Entre Ribeiros foi criado pelo INCRA em 1999 o assentamento Santa Rosa com 65 lotes de 36,7 hectares cada, onde as famílias assentadas se dedicam prioritariamente à produção de leite. Esses novos moradores fazem do Entre Ribeiros ao mesmo tempo, territórios da representação de diferentes culturas, modos de vida que destoam daqueles que chegaram antes e que se dizem promotores do desenvolvimento econômico obtido a partir do agronegócio.

Os "colonos" expressão atribuída àqueles que receberam lotes nos projetos de colonização desenvolvidos pela Companhia de Promoção Agrícola — CPA — e mais conhecida como CAMPO, têm suas origens em vários estados brasileiros, sendo mineiros, paulistas, gaúchos e paranaenses, muitos destes últimos de origem japonesa. Da mesma forma os assentados, embora haja o predomínio de mineiros, tem suas origens em vários municípios do Estado.

Assim, Entre Ribeiros configuram territórios formados por migrantes vindos de vários lugares e períodos. É o lugar que promove a vida dos diferentes sujeitos. Uns a serviço da reprodução do capital, outros em busca da reprodução da vida, de um modo de vida, vivendo ao mesmo tempo as possibilidades da defesa de um modo de vida e a de integração/subordinação ao capital.

No Entre Ribeiros, convivem estes distintos atores que produzem territórios, são as "totalidades diferenciadas, territórios distintos, que produzem relações sociais diferentes e que promovem modelos divergentes de desenvolvimento", como afirma Fernandes (2008).

São territórios estabelecidos a partir da apropriação e do uso de diversos recursos socioespaciais. A partir da paisagem, destaca-se nas terras planas, o uso intenso do recurso água, nas plantações de grãos e cana a mão-de-obra barata de migrantes capturados no Norte e Nordeste brasileiro.

Nesta abordagem pretendemos considerar as paisagens e as culturas que se revelaram construídas por migrantes que no uso do espaço tendem ao enfrentamento das tensões. Ao sustentarem os seus modos de vida pelas práticas sociais podem manifestar um vivido carregado de intensos sentidos culturais e religiosos. E, em muitos casos, são sujeitos profundamente metamorfoseados na relação com os diferentes.

Bibliografia parcial

MATOS, P. F. As tramas do agronegócio nas "terras" do Sudeste Goiano. 2011. 355 f. Tese (Doutorado em Geografia) — Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2011.

PESSÔA, V. L. S. Ação do Estado e as transformações agrárias no cerrado das zonas de Paracatu e alto Paranaíba-MG. 1988. 239f. Tese (Doutorado em Organização do Espaço) - Instituto de Geociências e Ciências Exatas: UNESP, Rio Claro, 1988. RAFFESTIN, C. Por uma geografia do poder. São Paulo: Editora Ática, 1993.

SANTOS, R. J. Gaúchos e mineiros do cerrado: metamorfoses das diferentes temporalidades e logicas sociais. Uberlândia: EDUFU, 2008.

WELCH, C. A.; FERNANDES, B. M. Agricultura e mercado: campesinato e agronegócio da laranja nos EUA e Brasil. In: PAULINO, E. T.; FABRINI, J. E. (Org.). Campesinato e territórios em disputa. São Paulo: Expressão Popular, 2008. p.139-161.

N6-010-PAINEL

"O NORDESTE É NOSSO": REFLEXÕES SOBRE REGIÕES CULTURAIS E FUTEBOL NO NORDESTE BRASILEIRO

Hudson Silva Rocha/Marcos da Silva Rocha / Myrna Lorena Lima Ramos

INTRODUÇÃO

Desde os seus primeiros momentos a Geografia Cultural enquanto subcampo da ciência geográfica, sobretudo na passagem do Séc. XIX para o Séc. XX deu grande importância ao estudo das áreas, regiões e paisagens culturais objetivando ampliar a compreensão da ação da cultura sobre a superfície da Terra. Dentro da perspectiva saueriana, basilar na consolidação da Geografia Cultural, podemos perceber isso nitidamente, principalmente através de seus estudos sobre áreas culturais, principalmente o Meio-Oeste e Sudoeste norteamericanos e o México (CÔRREA, 2003).

Wagner e Mikesel (2011) ao trabalhar com os temas da Geografia Cultural elencam elementos importante para nossa análise, principalmente os conceitos de área cultural e paisagem cultural. Ampliando essa compreensão, podemos falar de região cultural como sendo aquela que, na concepção de Côrrea (2008, p. 13), são "áreas apropriadas, vivenciadas e por vezes disputadas", o autor ainda acrescenta que ao falarmos de regiões culturais é importante lembrar que estas apresentam "diversos geossímbolos, fixos, que, por serem dotados de



significados identitários, fortalecem a identidade cultural do grupo que as habitam".

Contudo, é necessário compreender que diferentes indicadores culturais podem ser levados em consideração na demarcação de uma região cultural, como por exemplo, a linguagem, a música, a dança, as artes em geral e o esporte. É nesse contexto que o futebol no Brasil é posto no centro da nossa análise a fim de compreender como a "Copa do Nordeste" fortalece os vínculos identitários entre os sujeitos pertencentes a uma mesma região cultural, o Nordeste brasileiro.

PROBLEMATIZAÇÃO

O futebol no Brasil já foi por diversas vezes objeto de análise das ciências sociais, entre elas a própria Geografia, discutindo territórios, identidades e paisagens que surgem e se dinamizam através da lógica esportiva e midiática. Neste contexto, o trabalho de Mascarenhas (2012) nos parece fundamental para aprofundar a análise aqui pretendida. O autor assenta seu trabalho numa perspectiva de Geografia Cultural versando sobre as identidades e paisagens do futebol, contextualizando, inclusive, "o fenômeno do futebol como forma simbólica dotada de expressões identitárias e produtora de paisagens" (MASCARENHAS, 2012, p. 68).

É caminhando para além do conceito de paisagem trabalhado através do vetor esportivo-midiático supracitado que propomos a reflexão da presente pesquisa. Destarte, o conceito de região torna-se central na análise aqui proposta, pois faz-se necessário levantar o seguinte questionamento: até que ponto os campeonatos regionais no Brasil, sobretudo a "Copa do Nordeste" ajudam a fortalecer o sentimento regionalista no Nordeste brasileiro? Por extensão e em concordância, pergunta-se: qual o papel da mídia nesse contexto e as motivações que levam o surgimento destes campeonatos? Quais as implicações desse fenômeno na formação de uma identidade regional? As perguntas levantadas até aqui ajudam-nos a refletir sobre este fenômeno em ascensão, contudo ainda estão longe de esgotar as respostas e perguntas sobre a temática em cheque.

METODOLOGIA

Uma revisão da bibliografia existente sobre o temário do futebol no Brasil configurou a etapa inicial da presente pesquisa. Os textos de Mascarenhas (2012), Vasconcelos (2011), Garcez et al. (2012), entre outros autores formaram os pilares de sustentação da argumentação teórica desenvolvida. As reflexões de Serpa (2011) sobre a influência da mídia na (re)criação de lugares.

Baseado nas reflexões anteriores foi realizado um levantamento de notícias, blogs e vídeos, que evidenciem o discurso regionalista nordestino no futebol. Também foi fundamental, buscar números que demonstrem a rentabilidade financeira dessa competição aos clubes, de modo que os mesmos tenham um maior foco em disputá-la, partindo desde as competições estaduais, onde os finalistas ganham o direito de disputar a *Lampions League*.

Faz-se necessário também a realização de entrevistas e aplicação de questionários numa etapa posterior da pesquisa, a fim de analisar o sentimento de "ser nordestino", buscando compreender como esse orgulho vinculado ao futebol e disseminado através de um campeonato regional é percebido pelos torcedores.

RESULTADOS PRELIMINARES

A construção do discurso regionalista nordestino surge como um chamariz para investimentos do governo em uma região onde a semiaridez seria um dos responsáveis pelo atraso no desenvolvimento, mas que também havia interesses e necessidades, uma vez que o sul do país era privilegiado. As construções sobre uma região não são fatos inerentes na natureza, mas sim construções sociais. "Uma adversidade natural só se transforma em flagelo social quando as condições sociais, políticas e econômicas o favorecem" (FRANÇA JUNIOR, 2003, p. 130).

Esse discurso aos poucos atingiu o futebol do Nordeste. Com a ascensão econômica e maiores investimentos, as equipes melhor se estruturaram. Os clubes (Sport, Náutico, Santa Cruz, Bahia, Vitória, Fortaleza, Ceará e outros), ganharam aos poucos mais visibilidade, inflamando o orgulho de seus torcedores, principalmente com o advento da Copa do Nordeste, carinhosamente chamada *Lampions League* - referência ao Cangaço e alusão à *Champions League* da Europa. Esse ímpeto regional é evidenciado pelo grande público presente nos estádios durante os jogos, reforçado pela TV Esporte Interativo, responsável pela transmissão dessa competição e de outros campeonatos estaduais no Nordeste, enaltecendo a força do futebol nordestino e auxiliando na compactação desse discurso regionalista.

Com a popularização do Nordestão, uma temática veio a tona: "torcedores mistos". Conceitualmente, são torcedores que torcem para um time do seu próprio estado e para um time de outro estado ou torce apenas para um clube de outro estado. Vasconcelos (2011) destaca que a expressão "misto" traz à mente a ideia de impureza, algo misturado, contrário a único, ao puro. Em



relação aos torcedores isso é um valor negativo, uma postura inadequedada, uma vez que deveria torcer apenas um único clube. Isso fortaleceu entre os nordestino, em contrapartida aos nordestino torcedores de clubes cariocas, paulistas, sulistas, etc, como uma ferramenta de firmar cada vez mais a identidade nordestina.

É importante ressaltar, inclusive, que o sucesso da Copa do Nordeste inspirou na criação da Copa Verde, que envolve times do Norte e do Centro-Oeste, e da Primeira Liga, com clubes do Rio de Janeiro, de Minas Gerais e dos estados do Sul, o que contribui mais ainda com o sentimento de orgulho e efervescência do indivíduo por pertencer à região, que disseminou, de fato, um idealismo regional no futebol. Vale também salientar, que até mesmo o Flamengo, frente ao êxito dessa competição, cogitou entre 2014 e 2015 participar dela, insinuando, inclusive, uma desfiliação à Federação de Futebol do Estado do Rio de Janeiro, diante do péssimo retorno financeiro do Campeonato Carioca, uma vez que sua torcida no Nordeste traria uma renda enorme. Essa tentativa foi reprovada totalmente pelos nordestinos, fortalecendo o vínculo com essa região. BIBLIOGRAFIA PARCIAL

CÔRREA, R. L. Carl Sauer e a Escola de Berkeley - uma apreciação. I: ROZENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. (Orgs.). **Matrizes da geografia cultural**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

. "Região Cultural - Um tema fundamental". In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. (Orgs.). **Espaço e Cultura:** Pluralidade temática. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

FRANÇA JUNIOR, L. C. "Seca". In: CARVALHO, G. (Org.). **Bonito pra chover:** ensaios sobre a cultura cearense. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, p. 129-133. 2003.

GARCEZ, F. T. C. et al. **TERRITORIALIDADES E TORCIDAS ORGANIZADAS EM FORTALEZA/CE**. Fortaleza: I Colóquio Internacional de Diálogos Juvenis, 2012. Disponível em: http://www.lajusufc.org/coloquio/territorialidade-e-torcidas-organizadas-de-futebol-em-fortalezace/. . Acesso em: 21 de mai. 2016. MASCARENHAS, G. "O futebol no Brasil: reflexões sobre paisagem e identidade através dos estádios". In: BARTHE-DELOIZY, Francine. SERPA, Angelo (orgs.). **Visões do Brasil**: estudos culturais em geografia. Salvador: EDUFBA; Editora L'Harmattan, 2012. p. 67-86.

SERPA, Angelo. **Lugar e mídia**. São Paulo: Contexto, 2011.

VASCONCELOS, A. A. **Identidade futebolística:** os torcedores "mistos" no Nordeste. Dissertação de Mestrado

WAGNER, P. L.; MIKESELL, M. "Os temas da geografia cultural". In: R CORREA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (orgs). **Introdução à Geografia cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

N6-007-PAINEL

UMA DISCUSSÃO SOBRE GEOGRAFIA HUMANÍSTICA, LUGAR E FENOMENOLOGIA.

Gustavo Herrmann/ Meri Lourdes Bezzi

Introdução

A construção deste artigo surgiu na disciplina de Epistemologia da Ciência Geográfica "A", ministrada pela professora Dr. Meri Lourdes Bezzi. Iremos trazer para discussão o conceito de Lugar na geografia e tendo em sua base a acorrente do pensamento da Geografia Humanística. Também iremos discorrer sobre como o método fenomenológico pode contribuir para a leitura do espaço geográfico, a partir do conceito de Lugar.

Pretende-se mostrar a relação que estes conceitos têm entre si, e ao mesmo tempo como se costuram e norteiam novos rumos e possibilidades de pesquisa científicas no campo da geografia. O estudo do lugar nos possibilita novas leituras do espaço geográfico, e para sustentar e corroborar com esta leitura do espaço, a fenomenologia com sua base na filosofia de Maurice Merleau-Ponty. Esta apropriada por Edward Relph e posteriormente os geógrafos humanistas.

Problematização

O ponto chave nessa discussão é debater a importância do uso da Fenomenologia como aporte metodológico na geografia e como está ligado com a corrente da geografia humanística. Ou seja, mais um meio para se fazer análise e leitura do espaço geográfico por um viés menos cartesiano. A proposta do artigo é mostrar que através do aporte teórico humanista da geografia e com fundamentações metodológicas da fenomenologia é possível ler o espaço de outras formas.

Estas formas de ler o espaço mencionadas anteriormente, aqui apresento o conceito de Lugar teorizado e trabalhado por Yi-FuTuan. O estudo do lugar surge no início da década de 70, com a Geografia Humanista, tendo a linha de pensamento caracterizada "principalmente pela valorização das relações de



afetividade desenvolvidas pelos indivíduos em relação ao seu ambiente" (LEITE, 1998, p. 9).

Mas o que seria do lugar sem discutir a Geografia Humanista? A corrente que vem contra o pensamento Positivista. Na década de 1960, a Geografia passava por um período de renovação, o qual buscava novos meios e técnicas de análise geográfica. Partiria das discussões de John K. Wright e David Lowenthal, que abordaram trabalhos os quais tratariam uma perspectiva de análise voltada para vários modos de observação consciente e inconsciente, tanto objetivos e quanto subjetivos (HOLZER, 1996). Assim, explorando não somente a área cartesiana, objetiva, mas também a inconsciente, valorizando o subjetivo de cada sujeito, explorando através desse olhar novos campos de estudo.

Metodologia

- Pesquisa bibliográfica referente aos conceitos discutidos.
- Leituras e sistematização com fichamentos.
- Debates em aula sobre os conceitos.
- Construção do artigo.

Resultados

A construção deste artigo mostrasse claras as conexões entre os três conceitos discutidos e suas relações e ao mesmo tempo contribuições para os estudos geográficos. Ora, foi possível notar o motivo pelo qual a geografia humanista ganha força em contra ponto ao positivismo de caráter cartesiano. Como o estudo do lugar nos é permitido novas análises espaciais e bem como a fenomenologia geográfica surge dando aporte teórico para uma metodologia que valorize a essência do ser, suas experiências e vivencias cotidianas como um saber também científico.

A geografia por muitos anos teve a corrente positivista em voga, buscando romper este paradigma surge a Geografia Humanística. Trabalhar com o lugar, possibilita estudos significativos enfatizando relações de pertencimento, afetividade que os indivíduos agregam aos lugares que vivenciam.

É possível concluir com saldo positivo as contribuições filosóficas da fenomenologia para se fazer a leitura do lugar. Ao mesmo tempo em que a corrente humanística da geografia tem contribuições significativas para novas maneiras de esta ciência estudar as relações que o homem, ou nosso sujeito, desenvolve com o meio, ou também, o nosso espaço geográfico.

Bibliografia Parcial.

HOLZER, Werther A. **A Geografia Humanista**: sua trajetória de 1950 a 1990. Rio de Janeiro, 1992 550 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, 1992.

_____. A Geografia Humanista: uma revisão. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, UERJ/NEPEC, n. 3, p. 8-19, 1996.

_____. A Geografia Humanista: uma revisão. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, UERJ, edição comemorativa, p. 137-147, 1993-2008.

_____. O lugar na geografia humanista. **Revista Território**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 7, p. 67-78, jul.-dez.,1999.

______. O conceito de Lugar na Geografia Cultural-Humanista: uma contribuição para a geografia contemporânea. **Revista GEOgraphia**, Ano V, n. 10, 2003.

LEITE, Adriana Filgueira. **O Lugar:** Duas Acepções Geográficas. Anuário do Instituto de Geociências – UFRJ. Volume 21, 1998.

TUAN, Y. FU. **Topofilia:** um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo/Rio de Janeiro: Difel, 1980.

TUAN, Y. FU. Espaço e lugar. São Paulo: Difel, 1983.



EIXO SUL / SETOR 7 – GLOBALIDADES

S7-001 - Oral

AS REPRESENTAÇÕES EM JOGO NA CONSTRUÇÃO DE REGIÃO TURÍSTICA DO VALE DO CAFÉ-RJ

Kedma Mayara de Melo Barros / André Santos da Rocha

Introdução

O Vale do Café representa uma das regiões turísticas do estado do Rio de Janeiro, seu nome indica o que poderá ser encontrado numa visita, que em si, valoriza o café, o rural, os resquícios coloniais, as arquiteturas históricas, as produções artísticas, a música, os festivais. Todas essas características, ou "vocações", tradições, resistências apresentadas no nome da região turística do Vale do Café são parte das representações que qualificam, em caráter imaterial e/ou material, o quadro da vitrine da região, e a legitima. A região é representada como possuidora da tradição do cotidiano colonial, do luxo, das musicas produzidas na era do café o que mostrava toda uma riqueza dos Barões e a expressão dos escravos negros. Isso, hoje, serve como elementos legitimadores do significado da região do Vale do Café. Isso projeta o imaginário do poder da colonização no Brasil. No entanto, com a falência da economia cafeeira o interior fluminense entrou em decadência o que se manteve foi a reputação do poderio dos Barões do Café, o legado da estrutura escravocrata, do "status" do estilo de vida colonial. Atualmente, atores políticos e econômicos se apossaram desse passado no intuito de recuperar essa área em declínio econômico. Assim, hoje, é pela via dos festivais musicais, visitas às grandes fazendas, encontros culturais postos no calendário anual do Vale do Café que a ideia dessa região é reforçada. Simultaneamente, criam-se representações em que a região do Vale do Café é naturalmente apta ao turismo.

Problematização

Essa pesquisa em Geografia propõe a discussão das possibilidades de estudo do conceito de região frente às representações espaciais em jogo na construção de estereótipos regionais, discursos e imagens que fomentam a venda, a divulgação e a promoção da região turística do Vale do Café no estado do Rio de Janeiro. Hoje, o turismo se tornou um setor da economia bastante requisitado, principalmente, quando se refere à venda da cidade, da paisagem ou da região. Por esse motivo, se valorizam as representações constituídas na

produção do espaço, possibilitando a atração turística pelos ideais de natureza, do verde, do rural, do cotidiano colonial, do café, como é o caso do Vale do Café. Somam-se ao Vale do Café, os elementos imateriais e materiais que fazem parte de representações construídas a partir das singularidades sociais e culturais - as resistências, as formas cotidianas da vida, e os festivais. Essas particularidades e ditas "vocações" representam e legitimam o recorte e a existência da região como turística. Pensar as representações no âmbito da existência da região turística vai além de compreender a identidade, os critérios e recortes para sua produção e manutenção, mas a proposta é entender como o jogo das representações se sobrepõem no Vale do Café e ajuda a divulgar sua existência.

Metodologia

A atividade de pesquisa de titulação As representações em jogo na construção de região turística do Vale do Café-RJ teve como etapa a revisão bibliográfica referente ao entendimento do campo da geografia regional, baseado no pensamento neo-marxista, com Allen, Massey e Cochrane (1998) que trazem a questão da crítica à globalização e de base materialista, abordando a descontinuidade da região, ou "região com buracos", além de considerar, não apenas a esfera economia capitalista ao alavancar a região, mas também a questão das representações que são os próprios discursos e a identidade. Destaca-se o aspecto da análise dos discursos com as representações como é possível perceber na noção e criação da região, assim como a ideia de "coesão funcional" entendida em Santos (1999), mas que no caso das representações se alastra para uma "coesão simbólica". Nesse sentido é possível pensar a questão da representação das regiões, no caso desse projeto, os discursos, identidades, imagens e representações que garantem "coesão simbólica" às regiões turísticas do estado do Rio de Janeiro. Nessa abordagem é possível trazer a esfera economia baseada no turismo regional que alavanca os investimentos principalmente da economia fiscal do interior do estado.

É necessário trazer aqui uma breve apresentação da abordagem das representações na dimensão espacial e em sua face imaterial na constituição das regiões como turísticas. Identificar o que são representações na produção do espaço, na via geográfica, não é tarefa simples, pois existe uma complexidade de fatores que envolvem sua compreensão. Pode-se apoiar em Henri Lefebvre (1972), que na obra "A produção do espaço", apresenta a noção de que a produção do espaço é uma produção social e isso perpassa pela representação. Então, para entender a representação é possível passar pelo trinômio "percebido-



concebido-vivido", os quais constituem a realidade do espaço e da representação. Essa não e ditada como verdadeira ou falsa, na verdade a representação é mediação entre presença e ausência, parte da mediação como o percebido é entre o concebido e o vivido. As representações estão sobrepostas e em constante movimento, são como estereótipos constituídos nos espaços produzidos. Para explicitar melhor a:

Presença e ausência são unidade e contradição, supõem uma relação como movimento dialético: não há presença absoluta, nem ausência absoluta (p. 283). No entanto, quando a presença se perde na representação surge a alienação (p. 285) e o concebido prevalece sobre o vivido. As representações dissimulam tanto a presença como a ausência e o espaço se define como jogo de ausências e presenças (LEFEBVRE, 2006 apud SERPA, 2014).

Para Serpa (2014, p.488), baseado em Lefebvre, "as representações são formas de comunicar e reelaborar o mundo, aproximações da realidade que, no entanto, não podem substituir o mundo vivido". Nesse sentido, as representações passam a fazer parte fundante da região, como parcela do espaço geográfico. Portanto, a hipótese da proposta de projeto é que há um processo de construção de representações que legitima não só a criação distinta da região turística, mas sobrepõe a realidade vivida na região do Vale do Café.

Resultados

Esta é uma pesquisa que está em processo de conclusão, com resultados preliminares somados á revisão bibliográfica baseada em estudos referentes ao aprofundamento nas pesquisas dos conceitos de região e representações em Geografia, assim como bibliografia pertinente à região do Vale do Café. Para maiores fundamentos empíricos, foram realizadas visitas de campo nos distritos de Conservatória e Ipiabas, pontos os quais compõem o Circuito Musical do Vale do Café. Em Conservatória foi realizado entrevistas para identificar as percepções dos turistas os quais consideram a música seresta como principal elemento representante do distrito de Conservatória, mostrando que o processo de representação não é somente estabelecida pelo que os turistas veem no distrito, mas também pela forma com que Conservatória foi projetada nos planejamentos estratégicos para o turismo, legitimando o distrito como "Cidade da Seresta", e Ipiabas se pronunciando no Vale do Café a partir dos Festivais de Jazz. Além disso, será realizada atividades de campo aos outros municípios da região turística e

realização diversas entrevistas à Secretarias de Turismo com a finalidade de avaliar as representações produzidas para a região do Vale do Café.

Portanto, a intenção dessa pesquisa é desvelar as diversas possibilidades conceituais existentes no conceito-chave Região, trazendo consigo a temática das representações como fundamental para o entendimento das faces imateriais e materiais que constituem o espaço geográfico. Esse estudo desvela as imbricações das representações presentes na criação da Região do Vale do Café, região turística do estado do Rio de Janeiro, num período de 10 anos, ínterim onde a região foi criada oficialmente. Além disso, mostra que da mesma maneira que as representações criadas no imaginário coletivo reificam a região, também, a divulgação, a venda das regiões turísticas se propagam a partir das representações. Se mostrando uma via de mão dupla que qualifica como caráter principal uma região apta ao turismo.

Em suma, como existem diversos rebatimentos e contradições que envolvem os processos atuais de globalização econômica, a valorização das regiões e suas formas culturais moldadas ao turismo são processos contemporâneos que devem ser estudados. Essa pesquisa entende que há o interesse atual na valorização do verde, na "eternização" do passado, na invenção ou resgate de tradições, na "sacralização" de paisagens, no reforço de representações no sentido de se manter, dar vida, e sentido à região do Vale do Café, esse é um produto da globalização.

Bibliografia Parcial

ALLEN, J.; MASSEY, D. e; COCHRANE, A. **Rethinking the region.** Londres: Routledge, 1998. In Morte e vida da região: antigos paradigmas e novas perspectivas da Geografia Regional. R. Haesbaert - AGB, FAPERGS e FURG, 2003. LEFEBVRE, Henri. **La production de l'espace**. Paris: Maspero, 1972.

La Presencia y La Ausencia. Contribuicion a La teoria de las representaciones. México:FCE, 2006. LENCIONI, Sandra . Região e Geografia. 1. ed. São Paulo: EDUSP, 1999.

SANTOS, M. Modo de produção técnico-científico e diferenciação espacial. Território n. 6. Rio de Janeiro: UFRJ e Garamond, 1999.

SERPA, A. Teoria das representações em Henri Lefebvre: por uma abordagem cultural e multidimensional da geografia. GEOUSP — Espaço e Tempo, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 487-495, 2014.



S7-003 - ORAL

A DES-RE-PATRIMONIALIZAÇÃO DO SÍTIO HISTÓRICO TOMBADO DE PENEDO-AL

Daniella Pereira de Souza Silva/ Maria Augusta Mundim Vargas

Introdução

A patrimonialização entendida como processo de ressignificação dos lugares tem criado conflitos como consequência da sua territorialização em territórios preexistentes, forçando um encontro entre cultura, hábitos, modos e estilos de vida consolidados e singulares, e o competitivo mercado das cidadespatrimônio. Entendemos como relevante compreender como a patrimonialização opera e é percebida cotidianamente pela população dos sítios históricos tombados considerando a sua relação com os agentes da patrimonialização e a paisagem cultural tombada. Selecionamos o município de Penedo localizado na região do Baixo São Francisco alagoano, por ser tombado a nível federal (1996), estadual (1986) e municipal (1989) e por estar fora do circuito das capitais nordestinas de maior atratividade turística. O presente artigo tem como objetivo entender quais estratégias e conflitos estão na base do processo patrimonializador do sítio histórico tombado de Penedo-AL, explicitando a complexidade das relações travadas entre os agentes externos e internos da patrimonialização e a população daquela área.

Problematização

A patrimonialização envolve uma articulação verticalizada que mobiliza organismos na esfera internacional embora se concretize localmente, demonstrando uma incrível capacidade de difusão e capilarização típicas de uma política universalizante e padronizadora. Como consequência imediata, os municípios experimentam um embaralhamento e fragmentação dos arranjos horizontais previamente e historicamente estabelecidos. Vínculos territoriais e solidariedades locais são então fragilizados devido às formas diversas, frequentemente opostas, como as questões do patrimônio cultural edificado vêm sendo tratadas. Talvez o vício original da patrimonialização esteja nas divergências do sentido atribuído à preservação, pois há uma diferença entre a preservação da memória pelos indivíduos como pessoas que têm vivência e história, e a preservação que pressupõe a apropriação de algo para converter-se em um patrimônio comum e para além das histórias individuais (ARANTES, 1984).

O processo patrimonializador em Penedo foi proposto e conduzido como um projeto redentor, nutrindo de esperanças um município em crise econômica e social. Considerando se tratar de uma política difundida globalmente através de uma complexa rede multiescalar e hierárquica entre as cidades-patrimônio, Penedo acolheu a patrimonialização como uma possível estratégia de soerguimento da sua economia, dependente da lavoura canavieira, do funcionalismo público e de programas de transferência de renda.

Diante do impasse sobre os sentidos da preservação, a patrimonialização avança na pretensão de consolidar nos territórios patrimonializados a proposta do 'patrimônio comum' de modo que se transforma dialeticamente em "causa e efeito da mercantilização turística que rebate sobre o território das cidadespatrimônio" (COSTA, 2011, p. 37).

O território patrimonializado foi concebido para ser usado via potencialização dos seus recursos numa imbricada e ampla rede de relações, inclusive externas ao município. O processo de patrimonialização "espera" que o território passe a ser visto como um verdadeiro palco de oportunidades, ressaltando o valor econômico que passa a adquirir. As intervenções territoriais urbanas desencadeadas nesse processo inserido na lógica do desenvolvimento capitalista, tem resultado na criação de lugares ideais para a concretização de uma economia de mercado em que os valores estéticos e a competitividade figuram como características fundamentais.

Metodologia

A pesquisa desenvolveu-se com vários instrumentos de forma a expor a complexidade do processo da patrimonialização em suas múltiplas escalas. Usamos primordialmente de levantamento documental para posicionarmos Penedo no presente, expondo desde sua relação com a coroa portuguesa e o apogeu de sua função portuária até o entendimento da paisagem nostálgica que se expressa nos dias atuais. Para tal, as referencias foram textos históricos, relatórios, normas e leis.

A pesquisa empírica privilegiou moradores do perímetro tombado e a definição da amostra baseou-se em seu caráter proposital ou intencional (não-probabilística) por ser "[...] aquela de escolha deliberada de respondentes, sujeitos ou ambientes, oposta à amostragem estatística, preocupada com a representatividade de uma amostra em relação à população total [...]"Turato (2003, p. 357) citado por Dourado (2014, p. 55). No caso dos sujeitos entrevistados, adotamos apenas esta estratégia de amostragem e optamos pela



maior concentração das entrevistas na área comercial e de serviços que fica no núcleo original do povoamento de Penedo, próximo à orla do rio São Francisco, totalizando 28 entrevistados, que incluíram moradores há mais de 20 anos no sítio tombado e empresários/autônomos vinculados ao setor de turismo.

Resultados

De um modo geral os sujeitos entrevistados não se mostram contrários à patrimonialização, pois a expectativa de conjugar a geração de empregos, percebidos como necessários e urgentes, à manutenção de uma paisagem cultural valorizada pela estética que uma parcela considerável admira e se regozija, favorece o processo patrimonializador e ressignifica os próprios agentes patrimonializadores que passam a ser percebidos não só como importantes mas também como necessários à manutenção desta paisagem. A ignorância desta população em torno dos arranjos que ensejam a patrimonialização favorecem o intento da mercantilização dos lugares.

Assim, a patrimonialização opera como um processo des-reterritorializador em sítios históricos tombados, fundada na prerrogativa da paisagem cultural como recurso estético, fragmentador e invisibilizador das contradições socioeconômicas e culturais, e impulsionada pela articulação entre agentes externos e internos da patrimonialização e a própria população do sítio tombado.

As nossas reflexões permitiram concluir que a mercantilização dos lugares com vistas à competitividade no setor turístico os conduz a um processo de desre-patrimonialização que vai se concretizando num *continuum* baseado na imobilidade da população dos sítios históricos tombados, na medida em que novos sentidos estão sendo concebidos e novas funções estabelecidas devido à valorização do patrimônio mediante normatização e não pela vivência.

Bibliografia Parcial

ATKINSON, R.; FLINT, J. Accessing hidden and hard-to-reach populations: Snowball Research Strategy. **Social research update**: University of Surrey,33, 2001. Disponível em: http://sru.soc.surrey.ac.uk/SRU33.html. Acesso em 17 de fev.2016.

ARANTES, Antonio A. Patrimônio cultural e seus usos: a dimensão urbana. In: **Habitus,** Goiânia, v.4, n.1, p.425-435, jan./jun., 2006. Disponível em: seer.ucg.br/index.php/habitus/article/download/362/300. Acesso em: 23 de fev. 2016.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. Tradução Heloiza Pezza Cintrão e Ana Regina Lessa. São Paulo: Edusp, 2013.

COSTA, Everaldo Batista. **Totalidade urbana e totalidade-mundo**: as cidades coloniais barrocas face à patrimonialização global. 2011. 444f. Tese (Doutorado em Geografia Humana). Programa de Pós-Graduação em Geografia. Universidade de São Paulo, 2011.

CRUZ, Rita de Cassa Ariza. A "Patrimonialização do patrimônio": ensaio sobre a relação entre turismo, "patrimônio cultural" e produção do espaço. In: **GEOUSP** - Espaço e Tempo, São Paulo, Nº 31, p.95-104, 2012.

FORTUNA, Carlos. Destradicionalização e imagem da cidade: o caso de Évora. FORTUNA, Carlos (Org.). **Cidade, cultura e globalização**: ensaios de sociologia. Oeiras: Celta Editora, 1997.

GUATTARI, Félix. Espaço e poder: a criação de territórios na cidade. In: **Espaço & Debates**, nº 16, p. 19-120, 1987.

HAESBAERT, Rogério. Desterritorialização: entre as redes e os aglomerados de exclusão. CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato. (Orgs.). In: **Geografia**: conceito e temas. 2ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

______. **O mito da desterritorialização**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

LUCHIARI, Maria Teresa Duarte Paes. A reinvenção do patrimônio arquitetônico no consumo das cidades. **GEOUSP** - Espaço e Tempo, São Paulo, № 17, pp. 95 - 105. 2005.

S7-004 - ORAL

A RESISTÊNCIA DO LUGAR: CAMINHOS ENTRE O PLANEJAMENTO URBANO E A FENOMENOLOGIA

Heitor Matos da Silveira/ Carolina Magosso/ Eduardo Marandola Jr.

INTRODUÇÃO E PROBLEMATIZAÇÃO

O planejamento urbano contemporâneo é marcado profundamente pelos efeitos da globalização, fazendo com que a cidade se torne palco de processos complexos e evidentes de segregação socioespacial e de pobreza urbana, fomentada principalmente pela rendição da cidade ao mercado imobiliário. Esse processo é compartilhado e criticado por uma gama de autores que buscam debater o planejamento urbano modernista guiados principalmente



por vertentes críticas de cunho marxista e anarquista. Ambas recaem na falta de participação da população em relação aos processos de planejamento e de gestão urbana, o que agrava ainda mais os problemas urbanos, principalmente pelos planejadores e técnicos estarem, vinculados e/ou serem cooptados por empresas do setor imobiliário que moldam a cidade conforme o interesse de uma dada classe dominante, criando um sentido de cidade ainda mais sintético e menos orgânico.

À medida que o discurso da técnica e o afastamento do conhecimento vivido da população se estabelecem, grande parte das políticas urbanas passam a ser pensadas e construídas extremamente afastadas do mundo vivido das pessoas negligenciando a experiência urbana nos lugares. O lugar, enquanto essência geográfica, expressa a forma com que somos no mundo, sendo onde nossa experiência flui e onde ela se abre para o mundo (RELPH, 2012). Fenomenologicamente, o lugar corresponde a forma com que somos e estamos no mundo, onde traçamos relações com coisas e pessoas e introjetamos nossos sentimentos e experiência, criando uma relação mais visceral com o mundo. Holzer (2013) compreende que é a partir do mundo, entendido como mundo vivido, que se outorgam os lugares, seja em sentido mais íntimo como em sentido de comunidade. No espaço urbano, esse sentido de lugar se converge tanto para locais de reunião como também no bairro, lugar de compadrio e de convívio diário. O planejamento urbano distanciou-se do lugar, aproximando-se ainda mais do território e da região para planejar e gestar suas políticas (MARANDOLA JR.; MELLO, 2009).

O presente artigo busca tencionar a relação entre lugar e planejamento urbano sob uma matriz fenomenológica, problematizando a questão participação no processo de planejamento e gestão da cidade. Pela identidade e a autenticidade dos lugares (RELPH, 1978), o planejamento urbano pode encontrar caminhos mais profícuos para que a população tenha maior abertura para a participação, fortalecendo, portanto, as relações delas com a cidade, seja em processos de revitalização de lugares como em defesa de patrimônios públicos, como forma de resistência aos processos de produção do espaço urbano contemporâneos.

METODOLOGIA

O artigo é fruto de uma revisão bibliográfica, situado no âmbito das discussões realizadas no grupo de estudo "Planejamento urbano, fenomenologia e política" da FCA/Unicamp. A metodologia consistiu numa revisão bibliográfica

dos temas centrais da pesquisa, como o planejamento urbano, buscando compreender o processo de construção e elaboração das políticas urbanas brasileiras bem como as bases críticas principais; o sentido de lugar como pensado na Geografia Humanista, delineado a partir da compreensão da relação entre lugar, identidade e autenticidade numa perspectiva fenomenológica, quanto uma abordagem que possibilita a aproximação do mundo da vida do mundo científico e das práticas de planejamento urbano.

RESULTADOS PARCIAIS

A fenomenologia tem se mostrado uma filosofia com capacidade de enfrentar questões contemporâneas circunscritas num mundo de incerteza, tanto de ordem existencial como de ordem científica, ao colocar em xeque o conhecimento científico tal qual construído pela ciência moderna, buscando aproximar o mundo da vida e o mundo científico (HOLZER, 2010). Ela permite aproximar, assim, as experiências adquiridas no traço diário e os conhecimentos construídos no dia a dia com o conhecimento construído pela ciência que, no plano do planejamento urbano, se configura como a possibilidade da população esteja mais próxima das discussões de políticas urbanas, sem que essa discussão esteja apenas circunscrita ao debate técnico como preconizado por matrizes modernistas de planejamento urbano (SOUZA, 2004).

Relph (1976) aponta a possibilidade de existência de autenticidade e inautenticidade dos lugares. O primeiro refere-se a uma abertura de nossa experiência para o mundo, e a segunda é dada por atitudes de aceitação acrítica de valores de massa como também pela tecnificação do lugar, na confiança na técnica em cima do lugar (RELPH, 1976). A Constituição de 1988, concedeu aos técnicos e ao Estado o papel de planejar e gestar a cidade (ROLNIK, 1994), o que reverberou num afastamento substancial da população de todo processo de planejamento e de gestão das cidades, agravando ainda mais processos de apropriação por parte do mercado imobiliário especulativo, juntamente com a apropriação da elite dominante do Plano Diretor, tornando-o um instrumento puramente ideológico e que funciona apenas ao capital imobiliário e a elite (VILLAÇA, 1995).

A confiança na técnica e ciência moderna é, destarte, o problema central da crise da humanidade (GUBSER, 2013). Patočka compreende que a exacerbada confiança e rendição à técnica, juntamente com a expansão do pensamento racional moderno, causarem um afastamento e uma relativização



do homem em relação ao mundo, diminuindo sua abertura para o mundo, facilitando ainda mais o homem de ser controlado e manipulado (GUBSER, 2013). No plano do planejamento urbano, a confiança excessiva em técnicos e no Estado acabou por permitir com que a cidade fosse produzida e planejada conforme suas concepções de mundo e de cidade, o que se afasta da concepção de mundo e de cidade da população.

Os lugares tornariam-se ainda mais inautênticos, pois estariam deixando com que técnicos e o Estado pensassem os lugares a partir de suas próprias concepções (e também do mercado), produzindo a cidade de forma fragmentada e sintética. Relph (1976) compreenderia isso de forma coerente ao tratar da autenticidade e inautenticidade dos lugares, refletindo, também, essa relação a partir do planejamento urbano, onde a tecnificação causada pelo planejamento criaria um sentido de inautenticidade, e uma aceitação de processos que atingem diretamente o lugar.

Pensando o planejamento urbano sob o prisma da experiência, compreende-se a necessidade de se resgatar o lugar para construção de políticas urbanas, pois permitem aproximar de forma substancial a população nos processos de participação e gestão. O lugar transcende a dimensão da política, pois repousa nas dimensões vividas e experienciais, refletindo nosso modo de serno-mundo, e, assim, o que construímos na nossa relação direta com o movimento da cidade (MARANDOLA JR.; MELLO, 2009).

BIBLIOGRAFIA PARCIAL

GUBSER, M. Jan Patočka's transcendence to the world. **Investigaciones fenomenológicas**, v. 4, p. 155-175, 2013.

HOLZER, W. A construção de uma outra ontologia geográfica: a contribuição de Heidegger. **Geografia**, Rio Claro, v. 35, n. 2, p. 241-251, maio/ago. 2010.

HOLZER, W. Sobre territórios e lugaridades. **Cidades**, Presidente Prudente, v. 10, n. 17, p. 18-29, 2013.

MARANDOLA JR., E.; MELLO, L. F. Abordagem do lugar no planejamento urbano. **Geografares**, n. 7, p. 62-75, 2009.

MARICATO, E. As idéias fora do lugar e o lugar fora das idéias: planejamento urbano no Brasil. In: ARANTES, O.; VAINER, C.; MARICATO, E. (Org.). **A cidade do pensamento único**: desmanchando consensos. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. p. 121-192.

RELPH, E. **Place and placelessness**. London: Pion, 1976.

RELPH, E. Reflexões sobre a emergência, aspectos e essência de lugar. In: MARANDOLA JR., E.; HOLZER, W.; OLIVEIRA, L. (Org.). **Qual o Espaço do Lugar?**: geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2012. p. 17-32. ROLNIK, Raquel. Planejamento urbano nos anos 90: novas perspectivas para velhos temas. In: ORLANDO JÚNIOR, L. R. (Org.). **Globalização, fragmentação e reforma urbana**: o futuro das cidades brasileiras na crise. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1994.

SOUZA, M. L. **Mudar a cidade**: uma introdução crítica ao planejamento e gestão urbanos. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

VILLAÇA, Flávio. A crise do planejamento urbano. **São Paulo em Perspectiva**, v. 9, n. 2, p. 45-51, 1995.

S7-006 - ORAL

TERRITORIALIDADES AUTÔNOMAS PELO DIREITO À CIDADE NO RIO DE JANEIRO: A UTOPIA EXPERIMENTADA NO CARNAVAL DE RUA.

Rafael Cordeiro da Cruz/ André dos Santos Rocha

Introdução

O território e a territorialidade são importantes noções para compreensão dos processos políticos e culturais que se espraiam por diferentes ambientes. Não se limitam apenas na identificação de quem é o agente hegemônico da relação de poder, permitem apreender movimentos, por vezes ocultos, de resistência frente a uma ordem de poder político e cultural instituído, em diferentes espaços-tempos.

Neste sentido, a propostas de trabalho pretendem compreender ações e práticas emancipatórias estruturadas por movimentos e atores sociais que se encontram às margens do sistema capitalista de origem moderno-colonial. Buscaremos aqui utilizar o Carnaval como um espaço-tempo estratégico, como uma Zona Autônoma Temporária (BEY, 1980), que serve como um território de práticas espaciais dissidentes, tendo o espaço público como seu principal lócus de enunciação.

O direito à cidade será tacitamente entendido aqui como o direito a uma cidade que não acontece democraticamente. Será um questionamento acerca das normas estabelecidas pela sociedade capitalista moderno-colonial, que confunde cidadania com consumo da cidade. As demandas por autonomia – política, econômica e cultural – e a luta por territórios de re-existência serão o ponto enfocado na pesquisa, pois a luta acaba por se constituir num processo de



disputa e de imposição de territorialidades à própria organização do Estado e à forma como ele se relaciona com o território.

O Carnaval é um espaço-tempo vitrine, ao mesmo tempo que caótico. Pressupõe uma desregulamentação de muitos espaços na cidade, concomitante à sua espetacularização em outros. A cidade vive uma outra ordem; a cidadania é experimentada de forma diferente, autônoma e desordenada. Desta percepção, podem emergir inúmeras possibilidades de transformação da condição urbana, mesmo que de caráter temporário. Podem insurgir diversas territorialidades autônomas, além de ser um potencial articulador de demandas e sujeitos em desafio à lógica sistêmica.

O espaço público se torna objeto de disputa por diferentes setores da sociedade. O capital especulativo enseja uma ordem, cujo Estado tende a garanti-la; os atores urbanos marginalizados o compreendem como um espaço de vida, de fala, de lazer, de ser. Neste meio, ele se torna um território em disputa, aonde diferentes funções vão sendo ressignificadas à medida de sua apropriação, em caráter permanente ou temporário.

O objetivo geral deste trabalho é o de compreender o poder de articulação que tem/é o Carnaval de rua, mais democrático, e abrir uma fissura social de articulação entre os movimentos societais. Isto para fins de integrar o processo de luta pelo real direito à cidade, às territorialidades autônomas e à reafirmação dos modos de ser que desafiam a mercado-lógica moderno-colonial hegemônica.

Para isto, é necessário que se cumpra com outras demandas no âmbito da pesquisa: compreender a oposição de usos e apropriações dos espaços públicos recortados no trabalho, fomentando múltiplas possibilidades de ações de diferentes sujeitos seria uma delas.

Empreender aos movimentos em aproximação um entendimento sobre o espaço-tempo caótico do Carnaval, para que este sirva aos propósitos de articulação, estratégias e ações dissidentes. Sejam estas ações pontuais para expressar e dar visibilidade às suas demandas, seja para articular-se com outros coletivos, seja para mascarar a realização destas ações. Este conformaria outro.

Lançar também um olhar sobre a política da cidade como algo a ser construído sob o pressuposto da cidadania plena e autonomia dos indivíduos, como a arte de pensar transformações e de criar as condições para torná-las efetivas. A coexistência de múltiplas territorialidades, sobretudo no espaço público; o direito aos modos de ser não-hegemônicos; a articulação ao redor de

práticas que desafiam a lógica de mercado que permeia a experiência urbana, são parte da utopia que pode ser experimentada num agrupamento de sujeitos em torno de blocos carnavalescos, o que daria um caráter lúdico e horizontal às lutas pelos territórios em disputa.

Neste caminho, cheio de desafios, procuraremos nos orientar por uma gama de aparatos metodológicos disponíveis. O conceito de território é uma destas armadilhas, senão a principal, pois é um conceito que enseja múltiplas interpretações e deslocamentos escalares, partindo desde o território molecular, rizomático, agenciado (DELEUZE & GUATTARI, 1972;PATTON, 2000), até o território como espaço para ação prática da autonomia (ESCOBAR, 2013; ZIBECH, 2007; 2015b), passando pelas concepções advindas da Geografia que o compreendem como um substrato material e simbólico que abarca relações de poder (RAFFESTIN, 1993 ;HAESBAERT, 2006; SAQUET, 2007). São concepções a serem discutidas e que podem contribuir muito para uma aproximação com a prática dos movimentos observados na pesquisa. Partindo do conceito para as práticas, buscaremos uma concepção de territorialidade autônoma que contemple tanto um aporte teórico-conceitual quanto uma possibilidade empírica.

A cartografia também é importante ferramenta e de grande valia quando a intenção é representar uma ação no espaço. Sempre que trabalhamos com representações, corremos o risco de sermos totalitários ou negligenciar as visões dos sujeitos envolvidos. Por conta disto, deu-se a escolha pela Cartografia Psicotópica (BEY, 1980), com escala 1:1, que coloca o sujeito da ação, e apenas ele, em condições de representar o espaço projetado. A Cartografia Psicotópica e a proposta de uma Cartografia da Ação (RIBEIRO,2012), em diálogo, ajudariam no mapeamento intersubjetivo dos sujeitos das ações dissidentes sobre os espaços projetados para serem seus locais de enunciação e sobre as práticas insurgentes já realizadas, a fim de, a partir da sobreposição destas, representar o legado de autonomia sobre os espaços articulados como alvo das ações coletivas.

Olvidemos em pensar também num legado para deixar aos movimentos que contemple: a) possibilidades de emancipação financeira; b) como utilizar o espaço-tempo do carnaval para realizar ações insurgentes; c) cadastro para escambo de trabalhos entre os integrantes dos movimentos (ex. músicos se articulando para reforçar outros blocos); d) cartografia da espacialização dos blocos pelos espaços segregados na cidade.

Bibliografia Parcial

BEY, HAKIN. TAZ: Zonas Autônomas Temporárias. Distribuição e Publicação Coletivas, 1980

DELEUZE, G. & GUATTARI, F. s/d. *O Anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia*. Lisboa: Assírio e Alvin. 1972

ESCOBAR, Arturo. *Desde abajo, por la izquierda, y con la Tierra: La diferencia de AbyaYala/Afro/Latino/América*. (documento conferencia CLACSO, 2015)

HAESBAERT, Rogério. O mito da desterritorialização: do "fim dos territórios" a multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

LEFEBVRE, Henry. O direito à cidade – 1 ed. São Paulo: Moraes, 1991.

PATTON, P. Deleuze & the Political. Londres e Nova York: Routledge. 2000

PORTO-GONÇALVES, De saberes e de territórios: diversidade e emancipação a partir da experiência Latino-Americana. IN: Revista Geographia, № 16, Niterói, 2006.

RAFFESTIN, C. Por uma Geografia do Poder. Paris, 1980. Tradução: Maria Cecília França, 1993 Ed. Ática.

RIBEIRO, A. C. T. Territórios da sociedade, impulsos globais e pensamento analítico: por uma cartografia da ação. *In Rev. Tamoios, São Gonçalo (RJ), ano 08, n. 1, pags. 03-12, jan/jun. 2012*

SAQUET, M. A. Abordagens e concepções sobre o território. 1 ed. São Paulo: expressão Popular, 2007

SOUZA, Marcelo Lopes de — *in* Geografia: conceitos e temas / org. Iná Elias de Castro; Paulo Cesar da Costa Gomes; Roberto Lobato Corrêa — 2 ed. — Rio de Janeiro; Bertrand Brasil, 2000

Com o Estado, apesar do Estado, contra o Estado: os movimentos urbanos e suas práticas espaciais, entre a luta institucional e a ação direta. *Revista Cidades*. (Presidente Prudente) v. 7, 2010

ZIBECHI, R. *Territórios em resistência: cartografia política das periferias urbanas Latino-americanas*.Rio de Janeiro, Consequência Editora, 2015.

S7-007 - ORAL

DEFICIÊNCIA VISUAL E ACESSIBILIDADE: O PLANEJAMENTO URBANO NO CENTRO HISTÓRICO DO PORTO – PORTUGAL

Ivna Carolinne Bezerra Machado / Lucas Bezerra Gondim/ Christian Dennys M. de Oliveira

Introdução

A partir da compreensão da importância de atividades turísticas e a viabilização de roteiros turísticos para pessoas com deficiência visual, percebemos a necessidade de uma discussão quanto às questões urbanas, principalmente no que diz respeito à reforma, reabilitação, requalificação e planejamento de Centros Históricos.

O estudo desenvolvido no contexto das experiências turísticas de pessoas com deficiência visual, nomeadamente no centro histórico da cidade do Porto – Portugal possibilitou as investigações em diferentes vertentes, turística, políticas públicas em turismo e acessibilidade, criação de metodologias para a proposição de percursos acessíveis, diagnóstico de acessibilidade, etc.

Neste ensaio temos como foco a acessibilidade de pessoas com deficiência visual e o planejamento urbano no Centro Histórico da cidade do Porto. Entendendo como desafio a proposição de um planejamento participativo em Portugal.

Problematização

Diante da relevância do patrimônio histórico e cultural das cidades, precisamos perceber como a questão da acessibilidade é tratada em alguns centros históricos. Desta forma, analisamos alguns aspectos, como o papel da dimensão histórica nas cidades, os centros históricos e a questão da ausência e ou presença da promoção da acessibilidade dentro dos planos de reabilitação (renovação e recuperação) destes centros.

Os limites entre o espaço público e privado, da privatização e/ou controle que se exerce sobre estes, são variáveis, elásticos e contestados (Staeheli e Mitchell, 2006); (Banerjee, 2007). O não criar condições de acessibilidade também é uma maneira de controlar o acesso aos espaços. Para Monahan (2006), algumas das formas mais eficazes de controle social são aquelas que naturalizam a exclusão de grupos econômica ou culturalmente marginalizados através da arquitetura ou infraestrutura.



A questão da acessibilidade física, desde a década de 1970, vem sendo um foco de discussão entre alguns cientistas espaciais, incluindo geógrafos, urbanistas e arquitetos. Grande parte da literatura sobre a acessibilidade tem-se preocupado com a detecção de barreiras no meio urbano e a viabilização de propostas de requalificação urbana. (Gleeson, 2000; Michopoulou & Buhalis, 2013). Diante deste cenário, o direito à cidade, sobretudo discutido numa ótica de classes (Harvey, 2004; Lefebvre, 1991; Staeheli & Mitchell, 2006; Kitchin & Law, 2001), pode ser examinado à luz do direito à cidade das pessoas com mobilidade reduzida.

Metodologia

Para percebermos a estrutura atual do planejamento em Portugal, especificamente na cidade do Porto, bem como às questões de acessibilidade das pessoas com deficiência visual ou mobilidade reduzida, acreditamos no cumprimento de algumas etapas.

Dentro destas etapas compreendeu-se o levantamento da legislação portuguesa quanto aos planos de reabilitação, entrevistas semi-estruradas com a Associação de Cegos e Amblíopes de Portugal (ACAPO) e Provedoria Municipal das pessoas com deficiência – da Câmara Municipal do Porto.

Para além das entrevistas semi-estruturadas, realizamos um Focus Group (Grupo Focal) para percebermos alguns aspectos mais específicos do ponto de vista das dificuldades e enfretamentos no que diz respeito à acessibilidade no quotidiano de pessoas com deficiência visual. Desta forma, diante de um universo de 527 sócios efetivos e 36 utentes da ACAPO - Porto, conseguimos estabelecer um *Focus Group* com 8 pessoas (cegas e com baixa visão). As vantagens para a escolha desta técnica leva em consideração a utilização de uma abordagem indutiva, qualitativa e interativa, Veal (2006); Small et al., (2012), possibilitando o estabelecimento de uma dinâmica de grupo, fazendo com que as pessoas pensem juntas e apresentem sugestões viáveis para solucionar ou minimizar as barreiras enfrentadas no quotidiano.

Resultados

Do ponto de vista da evolução histórica dos incentivos ou programas de reabilitação do centro histórico do Porto, identificamos três momentos pontuais. O primeiro em 1974 com a criação do Comissariado para a Renovação Urbana da Área da Ribeira — Barredo (CRUARB) (Falcão, 2000; Fernandes, 2011). O segundo momento decorreu em 1990 com a criação da Fundação para o Desenvolvimento da Zona Histórica do Porto (FDZHP) e o terceiro momento, mais atual, diz respeito

à criação em 2004 da Sociedade de Reabilitação Urbana da Baixa Portuense S.A - Porto Vivo, SRU. Em termos de planejamento "Ao longo de 2005, desenvolveramse os trabalhos que conduziram à realização de um Plano Estratégico da Reabilitação Urbana da Baixa Portuense, designado de Masterplan." (Branco, 2006, p.47).

Quanto à verificação da existência da promoção da acessibilidade nos planos de reabilitação dos centros históricos, nota-se a prioridade diante das questões arquitetônicas referentes aos prédios habitacionais e de uso público. Ao fazer a análise de alguns planos de reabilitação de centros históricos, dificilmente encontraremos normas ou indicações que demonstrem uma preocupação com a acessibilidade para as pessoas com deficiência ou pessoas com mobilidade reduzida. Visto desta forma, poderíamos concluir que as cidades não estão pensadas para o referido grupo de pessoas.

De certa forma, até aqui, trabalhamos com as pessoas com deficiência visual, que fazem parte de um grupo social constantemente excluído dos processos de urbanização, que vivem em cidades que estão preparadas para pessoas perfeitas fisicamente e economicamente.

O avanço nos estudos desta temática possibilita a evolução do planejamento para as gerações próximas e futuras. Segundo Lopes (2010, p.1) "as cidades não correspondem, do ponto de vista físico, informativo e comunicacional, às reais necessidades da sua população". Para Teles (2007, p.67) "Já passou o tempo das reflexões e dos debates. Agora é urgente, de forma sistematizada, desenvolver metodologias práticas de actuar no terreno e no estado do planeamento urbano em geral, face à necessidade de um novo redesenho da cidade".

Acreditamos que para a construção de uma metodologia de avaliação dos espaços urbanos e a definição das suas possíveis melhorias, se faz necessário direcionar a investigação para as pessoas que de fato vivenciam os centros urbanos cotidianamente. Desta forma, o estudo teria como base o relato das experiências vividas pelas pessoas com deficiência e mobilidade reduzida. Um trabalho de grande proximidade com um conjunto limitado de pessoas, procurando mapear as suas experiências e vivências cotidianas. Acreditamos que a mudança na forma de participação, durante as seções de planejamento, tende a mudar o cenário atual. Sendo a participação popular juntamente com profissionais, importantes para a construção e manutenção da autonomia e garantia daquilo que consideramos ser justiça social.



Bibliografia Parcial

BANERJEE, T. The Future of Public Space: Beyond Invented Streets and Reinvented Places. **Journal of the American Planning Association**, 67(1), p. 9–24, 2001. doi:10.1080/01944360108976352

GLEESON, B. Disability and the Open City. **Urban Studies**, 38(2), p. 251–265, 2001. doi:10.1080/00420980123531

STAEHELI, L.,; MITCHELL, D. USA's destiny? Regulating space and creating community in American Shopping Malls. **Urban Studies**, 43(5-6), p. 977–992, 2006. doi:10.1080/00420980600676493

HARVEY, D. The right to the city. In The Emancipatory City? Paradoxes and possibilities (Sage., pp. 236–240). Londres. 2004.

MICHOPOULOU, E., & BUHALIS, D. Information provision for challenging markets: The case of the accessibility requiring market in the context of tourism. **Information & Management**, 50(5), 229–239, 2013.

doi:10.1016/j.im.2013.04.001

MONAHAN, T. "Counter-surveillance as political intervention?", **Social Semiotics**, 16(4), pp. 515-534, 2006.

S7-008 - ORAL

TERRITÓRIOS DOS PARQUES EÓLICOS NO BRASIL: APROPRIAÇÕES E CONFLITOS

Vanessa Santos Costa/ Maria Augusta Mundim Vargas

Introdução

A energia elétrica é um dos insumos mais relevantes para o desenvolvimento econômico e social. Contudo, um terço da população mundial não possui acesso à eletricidade. Na busca de atender essa carência e ao rápido crescimento do consumo mundial, as fontes energéticas renováveis apresentaram-se como a solução para esses problemas. A consciência pela preservação ambiental chamou atenção à necessidade da geração de energia alternativa que suprisse a demanda sem agregar poluição. O presente estudo destaca a energia eólica por ser considerada uma das fontes renováveis menos poluentes.

Problematização: Energia eólica: objetos e ações

É certo que novos caminhos de análise na Geografia surgiram decorrentes da recomposição funcional e escalar do local, do regional e do global

ante a recente reestruturação do capitalismo. Essa reestruturação do capitalismo traz à tona o questionamento da pertinência da escala de análise territorial e, também, o esclarecimento de sua relevância como instância particular que se situa entre o local e o global.

Nossa análise está centrada na compreensão de como a implantação de empreendimentos eólicos no Brasil gera territórios em rede que estabelecem relações, conexões, elos e ligações entre os atores e os sujeitos envolvidos com rebatimentos socioespaciais de apropriações e conflitos multiescalares.

Com o surgimento da revolução industrial no século XIX, a qual a fonte de energia era direcionada para o vapor, a eletricidade e os combustíveis fósseis, estagna o desenvolvimento de moinhos de vento. Contudo, na segunda metade deste século aparece o moinho de pás múltiplas americano, um dos mais importantes avanços nesse tipo de tecnologia. A partir daí, outras aplicações se desenvolveram e melhoramentos foram introduzidos na aerodinâmica das pás e freios hidráulicos utilizados para deter o movimento das hélices. No final do século passado, a Dinamarca, passa a ser pioneira no uso de turbinas eólicas para a geração de eletricidade.

Desde então, diversas pesquisas vem sendo realizadas nessa área e os resultados tem sido satisfatórios. O nível tecnológico cada vez mais está sendo aperfeiçoado, o que faz decrescer o custo da turbina. Porém, ainda continua muito caro manter essa tecnologia e isso acaba não despertando o interesse de muitos países em adquiri-la.

É nesse propósito, de pensar e entender os arranjos espaciais através da implantação de empreendimentos eólicos que se propõe nosso trabalho na medida em que este possibilitará o esclarecimento e a discussão pertinente na intenção de contribuir nos estudos geográficos sobre a formação de redes, elos e ligações que geram apropriações e conflitos na formação de territórios de parques eólicos no Brasil.

Metodologia

Essa temática é estudada pelas autoras desde 2011 que vem realizando trabalhos de campo periódicos com entrevistas, reuniões com líderes comunitários e com a população do entorno do parque eólico implantado em 2013 no município de Barra dos Coqueiros – SE. É a partir desse empírico que se desenvolvem novas imersões de campo e de levantamento documental de forma a apreender as implicações escalares e os conflitos decorrentes de sua implantação. Para tal, procede-se a consecução de uma matriz que situa e



qualifica pela data, empresa gestora, licenciamento, localização, potencia de geração, dentre outros, como primeiro instrumento de análise da socioespacialidade dos parques eólicos no Brasil.

Resultados

O presente estudo busca apresentar os primeiros passos da tese de doutorado em questão. Trata-se de uma pesquisa qualitativa com o intuito de entender a formação de territórios e redes gerados na implantação de parques eólicos no Brasil.

A implantação de parques eólicos causa transformações socioespaciais, buscaremos através da nossa pesquisa desvela-las para compreender a magnitude da instalação desses empreendimentos nas localidades na qual estão instalados, para a região nordeste e para o Brasil.

O Brasil possui 336 parques eólicos, em nossa matriz já foi possível quantificar pelos elementos elencados acima, 63 empreendimentos que estão distribuídos pelas regiões nordeste e sul do território brasileiro.

Numericamente há uma concentração de parques eólicos no litoral do Ceará. Porém, o maior potencial gerador de energia eólica que está ainda em fase de implantação será localizado no município de Caitité no sudoeste da Bahia na região do semiárido, ele representará o maior parque eólico não apenas do nosso país, mas também da América Latina.

Quanto ao capital empregado para implantação desses empreendimentos constata-se que há uma parceira entre capital estrangeiro (predomínio de tecnologia alemã) com empresas locais de médio porte.

Esses dados estão pulsando as apropriações apresentadas nessa matriz e os conflitos socioespaciais serão vistos na realização dos campos da pesquisa.

Sabemos que temos um caminho longo e desafiador a percorrer. Neste sentido, espera-se realizar uma pesquisa que possa contribuir para a reflexão acerca da temática, bem como para a Geografia e áreas afins.

Bibliografia Parcial

ADALBO, Ricardo. Energia Eólica. São Paulo: Artliber, 2002.

Agencia Nacional de Energia Elétrica, 2013. Disponível em: http://www.aneel.com.br. Acesso em: 10 de Maio. 2013.

CORRÊA, R.L. Origem e tendências da rede urbana brasileira: algumas notas. In: **Trajetórias Geográficas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

DIAS, L.C. Os sentidos da rede: Notas para discussão. In: DIAS, L.C; SILVEIRA, R.L.L da (orgs): Redes, Sociedade e Territórios. Santa Cruz do Sul, UNISC, 2007.

FADIGAS, Eliane Aparecida Faria Amaral. A energia dos ventos. **Revista Alternativa**. Editora Publicidade: ROMA4, ano I. Edicão 3, p. 10-15, abril 2009.

HAESBAERT. Concepções de território para entender a desterritorialização. In: SANTOS, Milton. I. E.de et al (orgs). **Território, Territórios:** ensaio sobre ordenamento territorial. 2. ed – Rio de Janeiro: DP&A, 2006b.

RAFFESTIN, Claude. Por uma geografia do poder. São Paulo: Ática, 1993.

SANTOS, Milton. **Técnica, espaço, tempo:** globalização e meio técnico-científico-informacional. São Paulo, Hucitec, 1994.

SAQUET, M. A. A abordagem territorial: considerações sobre a dialética do pensamento e do território. In: HEIDRICH, A. L. et al. (Org.). **A emergência da multiterritorialidade: a ressignificação da relação do humano com o espaço**. Canoas: Ed. ULBRA; Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2008. P. 47 – 60.

SOUZA, M.L de. Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

SPOSITO, E. S.; SAQUET, M. A. **Território e desenvolvimento:** diferentes abordagens sobre o território. Francisco Beltrão: UNIOESTE, 2004 RATZEL. F. **Géographie politique**. Paris: Econômica, 1988.



EIXO SUL / SETOR 8 – URBANIDADES

S8-001-Oral

COMPREENSÃO DO CALÇADÃO DE LONDRINA, PARANÁ, A PARTIR DE EXPERIÊNCIAS SONORAS

Lawrence Mayer Malanski/Miguel Bahl/Marcos Alberto Torres

Introdução e problematização

Pesquisas realizadas em cidades por geógrafos interessados nos estudos dos sons, comumente indicam a existência de aglomerados homogêneos de burburinhos e ruídos repetitivos incapazes de revelar algo significativo sobre as pessoas e grupos que vivem nesses espaços (FORTUNA, 1998; LOWENTHAL, 1976). Contudo, os sons sempre integraram as experiências humanas de modo a despertar sentimentos e emoções, identificar e demarcar espaços onde se desenvolve a vida cotidiana urbana. Logo, quais seriam as subjetividades atribuídas por pessoas a esses espaços? O que experiências sonoras poderiam revelar acerca da compreensão desses espaços a partir de uma perspectiva geográfica?

No âmbito da geografia humanista e tomando como fundamento elementos da fenomenologia da percepção, objetivou-se com o trabalho revisar conceitos significativos para a compreensão do espaço geográfico a partir de experiências sonoras, bem como expor resultados obtidos através de métodos e técnicas desenvolvidos em pesquisa de campo.

Metodologia

O referencial teórico e metodológico da pesquisa foi elaborado por meio de revisão narrativa de bibliografia. Ainda, os resultados parciais apresentados foram obtidos a partir da análise de informações obtidas em pesquisa de campo com a aplicação dos métodos de caminhada sonora, gravação, mapa mental e entrevista. Essa pesquisa, ainda em fase inicial, ocorreu na rua de trânsito exclusivo de pedestres (calçadão) da cidade de Londrina, Paraná.

Resultados

Tomando o espaço como existencial, a experiência humana ocorre a partir da percepção (MERLEAU-PONTY, 2011). O som, enquanto objeto sonoro, é percebido através dos ouvidos em sua matéria, textura, qualidade, quantidade e dimensão (ibid.). A consciência, por sua vez, registra e responde emocionalmente

os objetos percebidos (ibid.). Logo, as formas e os significados atribuídos a eles compõem quadros generalizados dos espaços na tentativa de identificá-los, estruturá-los e organizá-los (PALLASMAA, 2013; LYNCH, 2011). Esses quadros são chamados de imagens mentais e podem ser manipulados com finalidades diversas (PALLASMAA, 2013; LYNCH, 2011).

No âmbito da geografia humanista, a partir das experiências humanas do espaço, caracterizam-se as categorias de análise de paisagem, lugar e território. Se de um modo a paisagem é uma construção mental dinâmica elaborada a partir da experiência pessoal e intersubjetiva no tempo e no espaço, de outro, o lugar é dotado de certa estabilidade e conforma-se através de pausas nos movimentos (DARDEL, 2011; MERLEAU-PONTY, 2011). Também, é nele onde se desenvolvem dinâmicas regulares e diversificadas que marcam o ritmo de cada lugar (SEAMON, 1979). O território, por sua vez, constitui-se de uma organização de lugares interdependentes, cujas marcas, contornos e símbolos são expressos nas paisagens (TORRES, 2011; TUAN, 1976). Também, sua dimensão vivida caracteriza-se pela ação da territorialidade (SILVA, 2000).

Londrina, enquanto cidade, é um espaço de experiências criado, modificado e recriado de acordo com intenções e possibilidades humanas (DARDEL, 2011; LYNCH, 2011). A partir dessas experiências, conformam-se paisagens carregadas de sentimentos, conhecimentos e emoções que dão características e identidades aos lugares (PALLASMAA, 2011). Essas paisagens expressam, também, marcas e símbolos dos territórios e, se consideradas marcantes por algum motivo, podem fazer com que a cidade permaneça na memória das pessoas como imagens mentais (LYNCH, 2011; PALLASMAA, 2011).

Da diversidade de espaços que compõem Londrina, as ruas caracterizam-se como um tipo de espaço público construído, considerado o centro e o quadro da vida urbana cotidiana (ALOMA, 2013; DARDEL, 2011). O que acontece nas ruas se relaciona diretamente com os usos das edificações e com os tipos de estabelecimentos que a conformam (ALOMA, 2013). Dentre essas ruas, o calçadão da Avenida Paraná destaca-se pela sua localização central, pelo grande fluxo diário de pedestres e pelo entorno formado por comércios e serviços variados de tendência popular no térreo, escritórios e moradias nos andares superiores dos edifícios.

Para a realização da pesquisa de campo, entendeu-se o calçadão de Londrina como um espaço na escala de ocorrência e percepção de fenômenos, dentre eles, os objetos sonoros. Nesse sentido, importaram experiências



pessoais, inclusive, as do próprio pesquisador. Para tanto, foram necessários métodos capazes de revelar informações relevantes de como pessoas significavam e se relacionam com e no espaço, tais como a caminhada sonora, a gravação de campo, o mapa mental e a entrevista sobre preferências sonoras (HOLMES, 2016; FELD, 2014; SCHAFER, 2011; DREVER, 2009).

A pesquisa de campo realizada no calçadão de Londrina a partir desses métodos, sob análise da perspectiva teórica assumida, revelou a sobreposição de territórios marcados por símbolos sonoros. Logo, identificou-se a ocorrência de múltiplas territorialidades no local. Também, revelaram-se sentimentos topofonofílicos e topofonofóbicos diversos, bem como dificuldades na identificação de objetos sonoros de modo claro, evidenciando aspectos de baixa fidelidade sonora devido à grande sobreposição de sons (DREVER, 2015; SCHAFER, 2011). Dos objetos sonoros destacados por entrevistados, os de origem antropofônica, como vozes, músicas e passos, demonstraram marcar e identificar o local.

Bibliografia parcial

ALOMA, P. R. **El espacio público, ese protagonista de la ciudad**. 2013. Plataforma Urbana. Disponível em: http://goo.gl/SM7QAT>. Acesso em: 9 jul. 2016.

BERNAT, S. Sound in landscape: the main research problems. **Dissertations of Cultural Landscape Commission**. Lublin, n. 23, p.89-108, 2014b. Disponível em: http://goo.gl/84ZCF0>. Acesso em: 9 jul. 2016.

DARDEL, E. **O homem e a Terra**: natureza da realidade geográfica. São Paulo: Perspectiva, 2011.

DREVER, J. Soundwalking: aural excursions into the everyday. In: SAUNDERS, James (org.). **The ashgate research companion to experimental music**. Aldershot: Ashgate, p.163-192, 2009. Disponível em: http://goo.gl/dCwmpd. Acesso em 9 jul. 2016.

_____. Topophonophobia: the space and place os acute hearing. In: **Hearing Landscape Critically**: music, place, and the space of sound. Cambridge, 2015. Disponível em: http://goo.gl/PgCjer>. 9 jul. 2016.

FELD, S. Pensando na gravação de paisagens sonoras. **Música e Cultura**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, [*on-line*], 2014. Disponível em: http://goo.gl/oHtzAu. Acesso em: 9 jul. 2016.

FORTUNA, C. Imagens da cidade: sonoridades e ambientes sociais urbanos. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, Coimbra, n. 51, p.21-41, 1998. Disponível em: https://goo.gl/BWxYX2 >. Acesso em: 9 jul. 2016.

HOLMES, D. **Soundscapes**: Immersing yourself into the acoustic environment. Royal Geographical Society. Disponível em: http://goo.gl/MHycek>. Acesso em: 9 jul. 2016.

KOZEL, S. T. Mapas mentais - uma forma de linguagem: perspectivas metodológicas. In: KOZEL, S. T.; GIL FILHO, S. F. (Orgs.) **Da percepção e cognição à representação**: reconstruções teóricas da Geografia Cultural e Humanista. São Paulo: Terceira Margem – EDUFRO, 2007.

LOWENTHAL, D. Em busca de los sonidos perdidos: ¿Se puede recuperar el paisaje sonoro de nuestros antepasados? **El Correo**, Paris, p.15-17, 1976. Disponível em: http://goo.gl/1VJf9a>. Acesso em: 9 jul. 2016.

LYNCH, K. A imagem da cidade. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

PALLASMAA, J. **A imagem corporificada**: imaginação e imaginário na arquitetura. Porto Alegre: Bookman, 2013.

_____. **Os olhos da pele**: a arquitetura e os sentidos. Porto Alegre: Bookman, 2011.

SCHAFER, M. **A afinação do mundo**: uma exploração pioneira pela história passada e pelo atual estado do mais negligenciado aspecto do nosso ambiente: a paisagem sonora. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

SEAMON, D. A geography of the lifeworld: movement, rest and encounter. Londres: Croom Helm, 1979.

SILVA, J. M. Cultura e territorialidades urbanas – uma abordagem da pequena cidade. **Revista de História Regional**. Ponta Grossa, v. 5, n. 2, p.9-37, 2000. Disponível em: http://goo.gl/5Fmtll>. Acesso em: Acesso em: 9 jul. 2016.

TORRES, M. A. Tambores, rádios e videoclipes: sobre paisagens sonoras, territórios e multiterritorialidades. **GeoTextos**. Salvador, v. 7, n. 2, p.69-83, 2011. Disponível em: http://goo.gl/HvwlVp>. Acesso em: 9 jul. 2016.

TUAN, Y. Humanistic geography. **Annals of the Association of American Geographers.** Washington DC, v. 66, n. 2, p.266-276. Disponível em: http://goo.gl/2DdgaV. Acesso em: 9 jul. 2016.



S8-004-Oral

A CONTRIBUIÇÃO DA FESTA NA (RE)PRODUÇÃO DO LUGAR

Shanti Nitya Marengo

Introdução

Neste artigo discutimos um dos temas que desenvolvemos em tese de doutorado intitulada "Santo Amaro, BA: um lugar de muitos lugares". Trata-se de uma apropriação local — na localidade de Santo Amaro, BA — dos elementos simbólicos que caracterizam a **baianidade** (MARIANO, 2009) em um momento específico dessa pequena cidade baiana, o de seu principal evento festivo: a festa de Nossa Senhora da Purificação. Observamos como esse evento é apropriado por aqueles que desfrutam da festa e/ou a produzem, tornando-a em muitas funções — política, econômica etc. — além daquela lúdico-cultural. Ressaltamos como o conteúdo simbólico da festa é criado dinamicamente em um diálogo incessante e cheio de conflitos, de sobreposições e desencontros entre os que vivem em Santo Amaro e entre estes e aqueles que a olham de "fora". Descreveremos como a cidade é rearranjada temporariamente para o acontecimento: espaços são refuncionalizados (EVASO, 1999) e dinâmicas específicas são mobilizadas com o fim de renovar uma almejada "identidade" santoamarense e, ao mesmo tempo, captar dinheiro.

Problematização e Metodologia

Em torno do lugar Santo Amaro e entre seus sujeitos se reproduzem vários elementos constitutivos do discurso de baianidade. Entre eles a intimidade com o sagrado (MARIANO, 2009), frequentemente suscitada no cotidiano da própria cidade de diversas formas e pela mídia, a reforçando sempre que faz qualquer menção à cidade. "O mesmo pedaço de chão que foi consagrado à Nossa Senhora da Purificação e ao Senhor Santo Amaro, também é protegido por lemanjá" (LEGENDÁRIA, 2001, p. 7) é uma afirmação descrita por um jornal de circulação no estado da Bahia.

O lugar Santo Amaro é sintetizado, discursivamente e ideologicamente, nas suas festas (entre outros eventos que não discutiremos aqui, por não caber), e de modo mais intenso em uma festa específica, de conteúdo religioso com uma generosa parcela profana. Trata-se da Festa de Nossa Senhora da Purificação, a qual procuraremos descrever e analisar os sujeitos envolvidos na sua realização, assim como as **redes sociais** (AGUIAR, 2007) que esses sujeitos constituem entre si e com outros, que não participam diretamente do evento.

"Seguiremos" os sujeitos envolvidos na produção da festa. Estes fazem parte de diversas redes sociais que se estendem por diversas dimensões espaciais. Esses sujeitos e seus modos de ação parecem comportar uma racionalidade muito próxima do que chamaríamos de instrumental. O **lugar** (MASSEY, 2008) que aparece "atravessando" essas redes e essas dimensões espaciais — onde os referidos sujeitos desempenham o papel de **nós** ativos (AGUIAR, 2007) — é um lugar fetichizado, uma ideia essencializada, útil à promoção de Santo Amaro como destino turístico, ou como elemento discursivo usado com a função de legitimar uma representação estereotipada de Bahia e/ou Brasil para espectadores exóticos desfrutarem. Esse lugar é um produto, uma "cristalização" de vários elementos discursivos relacionados à ideia de baianidade, que encontram em Santo Amaro uma forma específica de realização, ou formas específicas?

Existem várias narrativas — ou **estórias** (MASSEY, 2008) — elaboradas solidarizando e dando coerência a festa de Nossa Senhora da Purificação, algumas delas constituídas a partir do lugar Santo Amaro, outras pensadas em lugares distantes, muito familiarizadas com a ideia Santo Amaro, mas pouco conhecedoras do lugar. Chamemos atenção às narrativas do segundo tipo proferidas por grupos restritos preocupados em acumularem capital dinheiro e/ou capital político, os quais para tanto, não hesitam em promover uma crescente carnavalização do evento.

Os demais sujeitos que não participam diretamente da elaboração dessas narrativas, mas, com certeza, contribuem (direta ou indiretamente) para sua permanência e consolidação, estão na periferia do evento, essa **forma-conteúdo** (SANTOS, 2009) útil à capitalização do município. Quanto a mencionada periferia: essa não é tanto geométrica, mas principalmente de relações que se desdobram e se acomodam na festa, em seu circuito "inferior" — em um sentido próximo ao empregado por Santos (2008) —, com o intuito de captarem o máximo de moeda possível. A festa em Santo Amaro, não é um momento de ruptura com o cotidiano. As contradições que se desenvolvem cotidianamente no lugar continuam ao longo das suas festas, reconfiguradas (CANCLINI, 1983).

Para o reconhecimento dos sujeitos participantes da festa e de suas estratégias e táticas, assim como de suas trajetórias, recorremos a fotografias realizadas pelo próprio pesquisador, mas também nos utilizamos de folders, jornais e quaisquer textos escritos que se remetessem à festa da Purificação desde a década de 1990, quando ocorre a expansão do **meio técnico científico**



informacional (SANTOS, 2009) no Brasil. Para observarmos as redes arranjadas temporariamente em Santo Amaro, durante as festas, as quais possuem óbvias ramificações locais, além de se ramificarem em outras dimensões espaciais mais amplas, nos servimos de entrevistas semiestruturadas (TRIVIÑOS, 2010) e de algumas informações disponibilizadas em vários sítios virtuais, principalmente de mídias sociais como *blogs*, em uma aplicação das reflexões desenvolvidas por Recuero (2007). Também utilizamos mapas para um esforço de espacialização da Festa da Purificação, de suas dinâmicas e formas, as quais procuramos analisar criticamente.

Resultados

Analisando as "falas" sobre a festa, assim como sua paisagem, pudemos surpreender um evento ligado intimamente à necessidade de reprodução socioeconômica de diversos grupos sociais (economicamente abastados ou não) da cidade, à revitalização de uma pretensa "identidade" santoamarense e à capitalização política de sujeitos políticos locais. Notamos também uma tendência de crescente espetacularização da festa com o fim de cumprir algumas das funções descritas. Uma espetacularização, por sua vez, fortemente associada a uma hierarquização do espaço festivo, que em parte pudemos espacializar em mapa, onde, por exemplo, os equipamentos e atrações são dispostos para atenderem públicos diferenciados. Por fim foi possível observar a festa significativamente conectada a outras dimensões espaciais, mais amplas do que a dimensão local, de onde partem conteúdos e ações responsáveis por várias dinâmicas e objetos que, atualmente e impermanentemente conformam o evento.

Bibliografia Parcial

AGUIAR, Sonia. Redes sociais na internet: desafios a pesquisa. In: XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom), Santos, 29 de agosto a 2 de setembro de 2007. **Anais**... Santos, 2007, p. 1-15.

CANCLINI, Néstor García. **As culturas populares no capitalismo**. Tradução de Cláudio Novaes Pinto. São Paulo: Brasiliense, 1983.

EVASO, Alexander Sérgio. A Refuncionalização do Espaço. **Experimental**, São Paulo, v. 3, n.6, 1999.

LEGENDÁRIA do Recôncavo: Santo Amaro da Purificação nasceu carcada de crendices e superstições típicas da região. **Correio da Bahia**, Salvador, 10 de junho de 2001, p. 3-7.

MARIANO, Agnes. **A invenção da baianidade**. São Paulo: Annablume, 2009.

MASSEY, Doreen. Pelo espaço: uma nova política de espacialidade. Tradução de Hilda Pareto Maciel e Rogério Haesbaert. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008. RECUERO, Raquel. Considerações sobre a difusão de informações em redes sociais na internet. In: VIII Congresso de Ciências da Comunicação da Região Sul (Intercom Sul), 2007, Passo Fundo. Anais... Passo Fundo, 2007, p. 1-16. SANTOS, Milton. **O Espaço Dividido**: Os Dois Circuitos da Economia Urbana dos Países Subdesenvolvidos. Tradução de Myrna T. Rego Viana. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

_____. A Natureza do Espaço: razão e emoção. 4. ed. São Paulo: EDUSP, 2009. TRIVIÑOS, Augusto Nibaldo Silva. Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 2010.

S8-005-Oral

GEOGRAFIA, LUGAR E PERCEPÇÃO: O CASO DO PARQUE FARROUPILHA EM PORTO ALEGRE-RS.

Jaqueline Lessa Maciel /Gustavo Herrmann/Benhur Pinos da Costa

Introdução

O trabalho teve como proposta fazer uma leitura da relação do público que frequenta o Parque Farroupilha com este lugar a partir da abordagem teórica do Lugar desenvolvida pelo autor Yi-Fu Tuan.

O uso dos mapas mentais como um instrumento de análise advém do método fenomenológico o qual valoriza o olhar do sujeito. Assim, os mapas mentais proporcionam a capacidade de representação gráfica dos lugares onde frequentam as pessoas, neste caso, o parque Farroupilha. São representações mentais dos lugares que as pessoas trazem em sua memória através das experiências e vivencias no espaço. Usando este recurso como uma forma de linguagem que reflete o espaço vivido, representado em todas suas nuances, peculiaridades, cujos signos são construções sociais (KOZEL, 2006). Através das experiências e vivencias neste lugar das pessoas que frequentam a Redenção, que se busca através de mapas mentais entender a relação afetiva que os frequentadores do parque podem ou não desenvolver com o lugar/espaço parque Farroupilha.

Problematização

Tendo em vista o dinamismo que apresenta o espaço do parque dá-se origem aos principais questionamentos da pesquisa: quais as possibilidades da Geografia entender as relações afetivas de sujeitos sociais com determinados lugares? Em específico, quais os aspectos relevantes que emergem como relações afetivas do público com o "lugar" Parque Farroupilha (Redenção)? Além disso, quais as potencialidades metodológicas que a Geografia nos oferece para analisar estas relações afetivas com o/este lugar?

O papel de um grande parque em uma cidade cosmopolita, sua importância para os sujeitos que nessa cidade vivem, são as áreas de lazer os espaços que favorecem a socialização, a troca de informações, as experiências entre os grupos. É uma quebra da rotina do cinza da cidade com o verde da natureza, desta forma retomando aspectos intrínsecos da natureza humana de necessidade de estar em contato com o meio ambiente.

Este trabalho surge para entender a relação dos sujeitos com o lugar Parque Farroupilha. A importância do parque para os sujeitos e o afeto, ligação, conexão que se cria com o mesmo através das vivências e experiências.

Metodologia

A metodologia utilizada foi o uso de mapas mentais, e para tal uso como um instrumento de análise, há necessidade de ressaltar a importância do método fenomenológico, o qual valoriza a experiência e vivência do sujeito (NOGUEIRA, 2014). Neste caso foi valorizado as vivências do público que frequenta o lugar, Parque Farroupilha. Como ressaltado na Geografia Humanista, rompendo o pensamento positivista, o qual valoriza aspectos físicos e um olhar cartesiano da geografia. Não havendo um olhar de desdém total com a visão positivista, mas buscar valorizar a experiência do sujeito no espaço vivido, o qual Merleau-Ponty salienta "[...] o mundo é não aquilo que penso, mas aquilo que eu vivo" (MERLEAU-PONTY apud NOGUEIRA, 2014, p. 3).

Este estudo o qual busca a valorização do olhar do sujeito no mundo, segundo Nogueira (2014), sofreu inúmeras críticas, pois, balizava-se de análise subjetiva do sujeito e, desta forma, um menor interesse para a ciência. Quando feita a discussão teórica a respeito do lugar, foi verificado e salientado a respeito de rompermos a ideia de relacionar localização com o lugar. Desta forma a "[...] Geografia que buscou entender o lugar não apenas como localização, mas como fenômeno experienciado pelos homens que nele vivem" (NOGUEIRA, 2014, p. 32). Serão as experiências das pessoas e suas vivências que darão concretude para a construção do lugar.

Resultados

Com o desenvolvimento deste trabalho foi possível notar a forma subjetiva que o público que frequenta o Parque Farroupilha desenvolve com o lugar onde vivenciam suas experiências. Os mapas mentais através de seus elementos, sua organização, construção, demonstram suas visões peculiares e diferenciadas frente ao lugar que passam parte de suas vidas e como o utilizam.

Os mapas mentais demonstram as diversas maneiras possíveis de representar o lugar, tanto na sua forma física material com objetos que estão visíveis ao olhar e presente no espaço; como na forma imaterial - possibilitando evocar elementos afetivos que estão ligados a psique humana. E através desta possibilidade metodológica foi possível notar a relação que o público desenvolve com o Parque Farroupilha, através do seu uso, das atividades realizadas nesse espaço.

Mas também de grande valia, foi possível notar a importância do parque para às pessoas, com suas áreas de lazer, espaços para socialização entre outras atividades que são realizadas nesse lugar, e que foram possíveis serem notadas através dos mapas mentais. A medida que o tempo passa, e o público desenvolve algum tipo de atividade no parque, suas experiências, se inicia um processo de ligação com o local. Essa relação afetiva advém das vivências, experiências positivas com o lugar, assim, desta forma dando origem para a ideia topofilica de Tuan, do Lugar.

Bibliografia Parcial.

KOZEL, S. Mapas mentais – uma forma de linguagem: perspectivas metodológicas. In:

______.; COSTA E SILVA, J.; GIL FILHO, S. F. (orgs.). Da Percepção e cognição à representação: Reconstruções teóricas da Geografia Cultural e Humanista. São Paulo: Terceira Margem, 2007. p.114-138.

LEITE, Adriana Filgueira. O Lugar: Duas Acepções Geográficas. **Anuário do Instituto de Geociências** – UFRJ. Volume 21 / 1998.

NOGUEIRA, R. B. Amélia **Percepção e Representação Gráfica:** A "Geograficidade" nos Mapas Mentais dos Comandantes de Embarcações no Amazonas. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2014.

TUAN, Y. FU. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. São Paulo/Rio de Janeiro. Difel. 1980.

TUAN,Y. FU. Espaço e lugar. São Paulo: Difel. 1983.



S8-006-Oral

GEOGRAFIAS JUVENIS DO MOVIMENTO HIP-HOP NO ESPAÇO PÚBLICO DE PONTA GROSSA-PR.

Lucas Renato Adami /Almir Nabozny

INTRODUÇÃO E PROBLEMATIZAÇÃO

O presente trabalho visa debater como a sociabilidade juvenil do movimento hip-hop é constituída por processos de apropriações do espaço público (intra urbano) em Ponta Grossa-PR. Como referência inicial, o espaço público é compreendido como sendo a dimensão espacial da "cidadania moderna" – a qual é produzida por processos de legitimação social, sustentados pelo poder político e estruturados por um discurso que visa promover o "bem comum" (CASTRO, 2010; GOMES, 2012).

A sociabilidade juvenil tem como referência espacial de autorrepresentação a dimensão da rua (LAITANO, 2008; TARTAGLIA, 2014). Para Santos (1988), a rua é um elemento estruturante do espaço urbano, locis de encontros, trocas e muitos usos, sendo também espaço didático de aprendizagens – modos de ser no espaço, pois "na rua está o transitório, o ambíguo, o excitante e o perigoso. Na casa, o estável, a certeza da própria identidade" (SANTOS, 1988, p.89). A rua permite a troca de códigos e de comunicações. As ruas são "também unidades de alto significado para quem sabe reconhecê-las. Uma rua é um universo de múltiplos eventos e relações" (SANTOS e VOGEL, 1985, p.23-24). Trata-se da constituição de um movimento social juvenil não totalmente na rua, mas representante de uma cultura de rua que, de algum modo, é invisibilizada (NOGUÉ, ROMERO, 2006) da cena pública de Ponta Grossa, mas que tensiona e resiste (com marcas espaciais e espaços de representações/espaços vividos) às representações hegemônicas do espaço público de Ponta Grossa-PR - os espaços concebidos (SERPA, 2005, 2007). A apropriação do espaço público pelo movimento hip-hop produz ações que passam a constituir (a produção) o espaço público (intraurbano) da urbe.

METODOLOGIA

As pesquisas que compõem as principais ações do movimento *hip-hop* foram concebidas por trabalhos de campo com práticas de observação participante (TURRA NETO, 2011), entrevistas com grupos focais (*rappers*), entrevistas com grafiteiros, registros fotográficos em eventos de graffitis públicos e em batalhas

de *rap*, entre outros movimentos de pesquisa (JOVCHELOVITCH, 2000), compondo uma espécie "de acervo" do movimento *hip-hop*.

RESULTADOS

A espacialidade da apropriação *hip-hop* da cena pública da cidade é representada por eventos de *rap* concentrados na área da pista de "*Skate* do Ambiental". Estação Saudade, entre outras referências espaciais do "Parque Ambiental". Já os eventos de graffitis (Grafite Cor & Ação, Mosaico Cultural) ocorrem em "muros autorizados" paras as pinturas (Clubes de Recreação, Colégios Públicos, Associações, etc.); os eventos que contam com uma organização orgânica (especialmente de *rap*), são realizados sem parcerias com instituições governamentais ou privadas, etc. e em geral são produzidos nas praças das vilas e nos ginásios de esportes.

Também nas praças é possível de perceber uma disputa entre pichação, graffitis e as "tintas do poder público local" (a prefeitura municipal). Desse modo, interpreta-se que o movimento com grande potência busca construir uma "respeitabilidade social" em torno de si – "queremos sermos vistos", respeitados, mas também produzir em forma de mensagem (músicas e pinturas) uma crítica social que transcenda a associação do movimento a determinados "estigmas da periferia". Nesse ínterim, a escala da diferenciação espacial (SMITH, 2000) da sociabilidade juvenil em Ponta Grossa-PR não é possível de ser analisada a partir de uma apreensão dicotômica centro/periferia. Por outro lado, centro e periferia constituem diferentes dimensões representativas do movimento hip-hop: as batalhas de rap acontecem em lugares com grande concentração de pessoas (áreas institucionais), e são simbolizadas como conquista da legitimidade social do movimento, mas também como possibilidades de "divulgação do movimento". As ações mais periféricas ("cartografadas nos trabalhos campos") em grande parte ocupam "os vácuos" de poder do Estado e estão associadas à escassa agenda de "atividades culturais" – nos espacos de vivência de diversos ativistas do movimento hip-hop. Junto à produção de marcas espaciais por graffitis e à intensa presença de ativistas nas pistas de skates, associam-se também a uma "espécie de formação" dos sujeitos no hip-hop, o qual passa a ser representado como um estilo de vida, um modo de ser no/com o espaço e, até mesmo "fonte de atuação profissional" – uma forma de ganhar a vida (sustento), seja como grafiteiro ou rapper.

Por outro lado, se cientificamente o *hip-hop* é narrado/representado como uma cultura dos guetos norte-americanos, ocupados por Latino-Americanos, também



associados a uma "nacionalidade porto riquenha", às expressões afro-brasileiras, esses aspectos são transubstanciados nos espaços em que o *hip-hop* acontece. Não é possível de atribuir os mesmo significados (apriorísticos) aos aspectos que formam socialmente a diferença espacial em Ponta Grossa-PR, permeada por várias escalas geográficas. Aspectos de sua translocalidade são representados em Ponta Grossa-PR pelo uso da batalhas de *rap* como forma de articulação de distintas classes sociais, as representações dos grafiteiros que concebem a pichação como uma fase mais espontânea, como parte de uma "evolução não linear" dos traços, composições de cores, entre outros elementos que são concebidos como importantes na produção da "arte de grafar a cidade" e compor as suas paisagens urbanas e representá-las nas letras de suas músicas.

Por outro lado, se a abordagem aqui apresentada enfoca uma configuração relativa e relacional do espaço, é possível afirmar que, no âmbito dos temas espaciais representados nas letras de *rap*, que os grupos de classes médias (exemplo de estudantes de escolas privadas) expressam "cenas das dúvidas existenciais dos jovens"; já os grupos populares retratam cenas do cotidiano, da luta pela sobrevivência, descriminalização do uso de *cannabis sativa*, entre outras problemáticas sociais que constituem o debate público sobre os tipos de usos permitidos do espaço, mas também suas representações sociais que evidenciam uma apropriação espacial representada por tensões e disputas.

Por fim, o fenômeno estudado da sociabilidade juvenil no movimento *hip-hop* possibilita uma articulação entre uma dimensão representacional do espaço público (SERPA, 2005) em termos de experiências dos sujeitos, lugares de afeição, de encontros, etc. – com uma dimensão da existência de praças, prédios públicos, entre outros "equipamentos urbanos" representados por uma ordem racional moderna do espaço (GOMES, 2012) – figurada por áreas de atuação privilegiada do Estado.

Os trabalhos de pesquisa evidenciam os grupos que constituem o movimento e enfatizam que os espaços públicos são debatidos pelo movimento, centrado na rua enquanto dimensão geográfica de pertencimento em que os "discursos espaciais" vinculados aos jovens constituem "trunfos" dos espaços de representação da sociabilidade juvenil do *hip-hop*. Já a presença em reuniões de grupos dos ativistas, a constância das grafias e a sua visibilidade (marcas e mensagens) são enlaçadas com a consciência dos grupos, o que envolve inclusive normatização, autorregulações (ideais do *hip-hop*) e constituem estratégias espacias ancoradas em imaginários juvenis de "melhores espaços" para se viver.

BIBLIOGRAFIA PARCIAL

CASTRO, I. E de. **Geografia e Política**: territórios, escalas de ação e instituições. 3 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

GOMES, P. C. da C. Um modo de ser do espaço, um modo de ser no espaço. In: CASTRO, I. E.; GOMES, P. C. da C.; CORRÊA, R. L. (orgs.). **Olhares Geográficos**: Modos de Ver e Viver no Espaço. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012, p.13-32.

JOVCHELOVITCH, S. Representações Sociais e Esfera Pública: a construção simbólica dos espaços públicos no Brasil. Petrópolis: Vozes, 2000.

LAITANO, G. S. Vivência, juízo e transformação: geograficidades na escrita do Movimento hip-hop. In: HEIDRICH, Á. L; COSTA, B. P da; PIRES, C. L. Z; UEDA, V. (orgs.). A emergência da multiterritorialidade: a ressignificação da relação do humano com o espaço. Canoas: Ed. ULBRA. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2008, p.301-311.

NOGUÉ, J; ROMERO, J. Otras geografías, outros tiempos. Nuevas y viejas preguntas, viejas y nuevas respuestas. In: NOGUÉ, J; ROMERO, J (orgs.). Las otras Geografías. Valencia: Ed. Tirant La Blanch, 2006. p.15-50.

SANTOS, C. N. F. dos; VOGEL, A (coord). **Quando a rua vira casa**. A apropriação de espaços de uso coletivo em um centro de bairro. 3 ed. São Paulo: Projeto. Rio de Janeiro: IBAM, 1985.

SANTOS, C.N.F dos. **A cidade como um jogo de cartas**. Niterói: EDUFF, São Paulo: Projeto, 1988.

SERPA, A. O Espaço Público na Cidade Contemporânea. São Paulo: Contexto, 2007.

______. Por uma Geografia das Representações Sociais. In: **OLAN – Ciência & Tecnologia**. Rio Claro/SP, Brasil Vol. 5, n.01. p.220-232. Maio/2005. Disponível em: http://www.esplivre.ufba.br/artigos/AngeloSerpa_Olam5_2005.pdf >. Acesso em abril de 2015.

SMITH, N. Contornos de Uma Política Espacializada: Veículos dos Sem-Teto e Produção de Escala Geográfica. In: ARANTES, A. A (org.). **O espaço da diferença**. Campinas: Papirus, 2000. p.132-175.

TARTAGLIA, L. **Geograffitis**: Uma leitura geográfica dos graffitis cariocas. Rio de Janeiro: Multifoco, 2014.

TURRA NETO, N. Metodologias de Pesquisa para o Estudo Geográfico da Sociabilidade Juvenil. **RAE'GA**. v.23, p.340-375. 2011. Disponível em: http://revistas.ufpr.br/raega/article/view/24843/16655>. Acesso em dezembro de 2014.



S8-009-Oral

RETRATOS DA MEMÓRIA: ANÁLISE DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO DA RUA Dr. JOÃO MOREIRA PARA A CONSTRUÇÃO DO LUGAR NO CENTRO DE FORTALEZA, CE

A.B da S. Barbosa13; J. O. Andrade

INTRODUÇÃO

A vinculação da identidade social de um período ao acervo arquitetônico construído suscita, a priori, a tentativa de resguardo e proteção destes. O Centro de Fortaleza representa a história (não) hegemônica da sua cidade. Tem sido um lugar reconhecido por aspectos heterogêneos, desde o comércio que se reelabora continuamente, como também o reconhecimento de um patrimônio históricocultural representativo. A área de influência comercial do Centro extrapola os limites que demarcam os municípios cearenses. Seus logradouros se definiram através das diversas vivências que se processaram no tempo e no espaço, no processo de interação social, e seu acervo arquitetônico se configura enquanto resquício da memória urbana, possuindo notável importância para a compreensão dos fenômenos acontecidos na cidade durante os anos e sua reprodução contemporânea. É diante desta visão da cidade, como espectro das vivências passadas, que se constrói a lógica de preservação da memória das cidades, questão essa que tem se colocado como grande tendência atual por meio de projetos que objetivam a restauração, a revalorização e a salvaguarda dos vestígios que representam o espaço urbano em sua totalidade de acontecimentos.

No que se refere à produção e ordenamento do espaço urbano do Centro de Fortaleza, diversas ações se materializaram no espaço, através das edificações, fazendo com que estas possuam vínculos aos discursos oficiais, em contraponto as vivências urbanas, construindo diversos braços simbólicos. Tendo como base o significado socioespacial valorativo das edificações em conjunto com a polifonia urbana da capital cearense, o presente trabalho tem como recorte de análise o logradouro Rua Dr. João Moreira, cuja escolha se deu pela parcela significativa da memória edificada concentrada na extensão desta rua específica. Através do trabalho de Pereira (2013), verificamos uma maior concentração de prédios antigos maior no setor oeste do Riacho Pajeú, além de um alinhamento relacionado ao decurso do corpo d'água. Entretanto, é perceptível um

alinhamento diferenciado do mencionado anteriormente, no setor norte do perímetro do Centro Histórico, paralela à costa marítima, onde se encontra a área de estudo, a Rua Dr. João Moreira, convergindo em seu corredor parte significativa das edificações históricas fortalezenses: O Forte de Nossa Senhora de Assunção, o Passeio Público, a Santa Casa de Misericórdia, o Museu da Indústria, a Associação Comercial do Ceará, o Centro de Turismo e a Estação Ferroviária João Felipe.

Dessa forma, o artigo se propõe a discutir o papel da memória urbana no Centro de Fortaleza, protagonizando o logradouro como parcela ímpar da história da capital alencarina, com enfoque no significado socioespacial de suas edificações.

PROBLEMATIZAÇÃO

O Centro de Fortaleza representa a história da sua cidade e este fato se revela em seu patrimônio histórico-cultural. Os monumentos, objeto de estudo da pesquisa, são elementos da paisagem que não permeiam apenas o campo estético, estes possuem um significado, comunicando crenças, discursos e valores que eram disseminados na história. A Rua Dr. João Moreira está inserida no cenário de expansão urbana, a partir da criação de uma cidade pela e para as elites, com as formas de lazer expressas nos primeiros clubes, hotéis, teatros e jardim público. Também expressa o pensamento médico higienista ao alinhar prédios, como o hospital, a prisão e o cemitério em um mesmo logradouro, sendo configurado enquanto espaço de vida e morte.

A rua materializa a metamorfose do Centro a partir do rápido crescimento e da desapropriação das classes abastadas, pela desativação de alguns prédios, como a cadeia e a Coelce, que se deslocam para outros setores da cidade. Seus prédios corporizam as políticas atuais, que visam o incentivo ao turismo cultural, onde um antigo hotel e clube se transformaram em um museu e uma antiga cadeia pública e teatro em um centro de turismo. Entretanto alguns bens históricos, como a Santa Casa, 10ª Região Militar e Passeio Público, não sofreram alterações quanto às funções, sendo a hospitalar, militar e lazer, respectivamente, mantidas até hoje. A relevância destas edificações é imprescindível para a história do logradouro, pois a Rua Dr. João Moreira não é conhecida pelo seu nome, mas pelas suas edificações configurando uma ambivalência de significados que abastecem a memória urbana do Centro e seus desdobramentos na configuração da cidade.

METODOLOGIA



A metodologia consistiu, primeiramente, num levantamento bibliográfico que visou à compreensão de questões relacionadas à memória, construção do simbólico, patrimônio, monumento, preservação e história do estado do Ceará e da sua capital Fortaleza, enfatizando o centro da cidade. Este levantamento foi realizado com base na leitura de artigos, dissertações, livros, jornais locais e nacionais de assuntos sobre a dinâmica do Centro, a história do antigo logradouro e questões relacionadas aos elementos que validam sua patrimonialização. Em seguida, foram desenvolvidos trabalhos de campo que serviram de reconhecimento e análise dos prédios e as vivências urbanas, que além do discurso oficial, significam o logradouro. A busca pelo empírico foi registrada de duas formas, a primeira delas através de fotografias atuais do local, sendo relacionadas com outras mais antigas, seguida de uma elaboração de uma carta imagem com a localização do logradouro e de seus prédios.

RESULTADOS

Os monumentos, as praças, os logradouros fazem parte da história urbana e seu significado elemento fundamental para a construção da identidade cultural. Áreas como os centros históricos são dotados de grande afluência simbólica por constituírem o embrião do crescimento da cidade. O Centro de Fortaleza é o bairro que conta a história da sua cidade através dos fragmentos presentes ainda nos atuais dias e são focos das políticas de salvaguarda do patrimônio cultural edificado colocando-se como alvo de discussões em virtude da destruição e construção incessante de formas. A Rua Dr. João Moreira é um recorte do Centro que merece destaque pela sua relevância ao concentrar boa parte das edificações originais remontadas da segunda metade do século XIX, quando a cidade foi idealizada pelas elites que vieram, sobretudo do interior do estado do Ceará. Seus monumentos vão além do estético, são reflexos de discursos, crenças e hábitos passados, no entanto que se reproduzem embora com ares contemporâneos. Para quem o Centro como se apresenta significa? Com o passar dos anos, devido às transformações do espaço urbano, o Centro da minoria atualmente é o Centro da periferia, atendendo-a por seu comércio e serviços, mas que deve se levar em conta a sua carga simbólica e o logradouro possui ligações diretas com a origem da cidade, através da construção da Fortaleza de Nossa Senhora de Assunção. O Passeio Público desabrocha como um espaço destinado ao lazer proveniente do ócio, além de expor as distinções sociais pelos seus planos topográficos. O Museu da Indústria, a Associação Comercial do Ceará, o Centro de Turismo e a Estação representam as

refuncionalizações que se dão de acordo com as necessidades e tendências, sendo fixos promotores de fluxos, e a Santa Casa aparece como a edificação que faz o logradouro conhecido, não somente pela sua nominação, mas pela grandiosidade de seu patrimônio cultural edificado.

BIBLIOGRAFIA PARCIAL

ABREU, Maurício. Sobre a memória das cidades. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri; SOUZA, Marcelo Lopes de; SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. A produção do espaço urbano. São Paulo: Editora Contexto, 2011. p. 19-39.

BEZERRA DE MENEZES, Antonio. Descrição da cidade de Fortaleza. Fortaleza: Edições UFC, Casa de José de Alencar, 1992.

CARTAXO FILHO, Joaquim; LEMENHE, Jose Antonio Oliveira Perbelini; SILVA, José Borzacchiello da. A emergencia da Praça do Ferreira e a decadencia do Passeio Público. Fortaleza, 1984.

CHOAY, Françoise. A alegoria do patrimônio. São Paulo, SP: Estação Liberdade; UNESP, 2001.

CORRÊA, Roberto Lobato. Monumento, política e espaço. Geo Crítica: Scripta Nova, Barcelona, v. 9, n. 183, p.1-17, 15 fev. 2005. Disponível em: http://www.ub.edu/geocrit/sn/sn-183.htm>. Acesso em: 27 jun. 2015.

DANTAS, Eustógio Wanderley Correia. Mar à vista: estudo da maritimidade em Fortaleza. 2. edição./ Eustógio Wanderley Correia Dantas. - Fortaleza: Edições UFC, 2011.

FERNANDES, José Ricardo Oriá. Fortaleza: lugares de memória. In: Souza, Simone de.Uma nova história do Ceará. 4 ed. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2007. p.237-256.

PAIVA, Ricardo Alexandre. Entre o mar e o sertão: paisagem e memoria no centro de Fortaleza. 2005. 211p.: Dissertação (Mestrado) - Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, São Paulo, 2005.

PEREIRA, Felipe Silveira de Moraes. Habitação em áreas centrais: As contradições do/no espaço urbano no Centro Antigo de Fortaleza/CE. 2013. 217 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Geografia, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2013. Disponível em:

https://agburbana.files.wordpress.com/2013/06/dissertac3a7c3a3o-revisada.pdf>. Acesso em: 14 mar. 2015.

PONTE, Sebastião Rogério - Fortaleza Belle Époque. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha/ Multigraf Editora LTDA, 1993.



SILVA Filho, Antonio Luiz Macêdo e. Fortaleza: imagens da cidade. Fortaleza: Museu do Ceará, 2001

S8-011-Oral

FORTALEZA: COISAS DO PASSADO E IMAGENS DO TEMPO

Maria Clélia Lustosa da Costa

A cidade transforma-se, modifica-se no tempo. As marcas do passado confundem-se, inserem-se no presente, integrando-se. O espaço está marcado pelo tempo. O espaço de Fortaleza é como um palimpsesto, no dizer de Milton Santos (1988), em que por mais que se tente apagar as marcas de outras escritas do passado, suas sombras sempre reaparecem. São marcas que evidenciam os diversos momentos de sua cultura, de sua história. A Fortaleza sertaneja, a Fortaleza europeizada convive com a Fortaleza miamizada e é apropriada pela população, pelos pesquisadores, pelo setor empresarial, pelos políticos e pelo turismo.

Num passado não muito distante, havia uma imagem mais ou menos única dessa cidade. Os espaços não se diferenciavam com tanta nitidez. A dinâmica urbana fez com que os espaços fossem cada vez mais se transformando, se diferenciando. Atualmente, já não há mais uma única imagem dessa cidade. Os meios de comunicação disputam o privilégio de construir uma imagem mais ou menos homogênea desse território. Não há mais como falar de uma única cidade, de uma imagem única.

Fortaleza pode ser (re) construída através de uma multiplicidade de imagens. Relatos sobre a cidade a mostram sobre diferentes aspectos. Poetas, escritores, viajantes, cientistas refletiram sobre a cidade e cada qual a representou a seu modo, pelo filtro de seu mundo, de sua cultura, de sua ciência ou de sua afetividade. Neste

trabalho tentaremos reconstruir a Fortaleza do passado a partir destas várias representações, mostrando que a cidade de hoje é um espaço de memória coletiva.

A imagem, o imaginário de Fortaleza não é uno, único. É construído não só de lembranças individuais, mas também coletivas. O filósofo judeu-francês Maurice Halbwachs, morto durante a 2a. grande guerra, no livro "Memória coletiva" publicado pela primeira vez em 1950, mostra que

[...] nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são relembradas por outros, mesmo que se trate de acontecimentos que só nos tenha tocado, e de objetos que só tenhamos vistos. O que acontece na realidade é que nós não estamos jamais sós. Não é necessário que outros homens estejam lá, que se distingam materialmente de nós: pois nós levamos sempre conosco e em nós uma quantidade de pessoas que não se confundem. (1990, p.2)

Halbwachs (1990) fala da primeira vez que esteve em Londres onde a visitou com diversos amigos. Um dia com um arquiteto, depois com um pintor, outra vez com um historiador e posteriormente com um comerciante. Com cada um e em momentos diferentes, ele teve visões, descrições diferentes da cidade. Mesmo caminhando só pela cidade, ele seguia o que aconselhava o mapa turístico e informativo de Londres. Portanto, ele nunca se encontrava só. Mesmo sem os amigos, sem o mapa, em Londres ele estava acompanhado das leituras que tinha feito na infância e passeava com Dickens e via Londres através de seus olhos. Em todos as circunstâncias, ele não estava só, ele refletia e ora se colocava ao lado do arquiteto, ora do historiador, etc. Diante deste fato Halbawachs (1990) reflete:

Outros homens tiveram estas lembranças em comum comigo. Bem mais, eles me ajudaram a me lembrar; para melhor relembrar, eu me direciono para eles, eu adoto momentaneamente seu ponto de vista, eu entro no seu grupo, do qual continuo a fazer parte, pois que eu senti lá ainda o impulso e que eu encontro em mim ideias e formas de pensar onde eu não serei levado totalmente só, e pelas quais eu permaneço em contato com eles. (1990, p. 3)

Eclea Bosi (1979), em "Memória & sociedade: lembrança de velhos", recupera São Paulo através da memória de velhos paulistanos a São Paulo do começo do século. O Núcleo de Documentação da UFC (NUDOC), reconstitui a Fortaleza do século XX, a partir de entrevistas com figuras públicas, empresários, políticos e professores universitários.

Cidade espaço de representação:

Uma cidade é uma representação possível num dado espaço de tempo, moldado por certa intencionalidade da ação. A cidade, seja ela qual for, não existe enquanto objeto-referente, independente de uma trajetória histórica e social. A cidade enquanto algo real, substrato de representações, não pode ser acessada, mas podemos tentar descrever os modos diferenciados como foram constituídas suas imagens, nem sempre consensuais, de um mesmo espaço, território.

Num passado não muito distante, havia ainda uma imagem mais ou menos única dessa cidade. Os espaços não haviam se diferenciado com tanta nitidez. Andava-se pelas ruas da cidade, de uma ponta para outra, os sentimentos



e os sentidos não sofriam nenhum sobressalto. A dinâmica urbana fez com que os espaços fossem diferenciados. Já não há mais uma única imagem dessa cidade. Os meios de comunicação disputam o privilégio de construir uma imagem mais ou menos homogênea desse território. Não há mais como falar de uma única cidade, de uma imagem única.

Paulo Linhares (1992) em seu Livro "Cidade de Água e Sal" divide três momentos que vão determinar os traços fundamentais da urbanização, a partir da 1a metade do século XIX: Economia Pastoril - Aparecimento da civilização do couro; Economia Agrário - emergência da vila de Fortaleza - sec. XVIII a XIX; Fortaleza núcleo urbano dominante, com hegemonia econômica e política administrativa, maior produção para o mercado externo, surgimento das primeiras indústrias de transformações, consolidação da cidade com aparelho burocrático e formação de uma centralização definitiva. Linhares propõe três representações em três momentos da cidade: 1603 - 1823 - capital do vento: 1823 - 1962 - Capital do sertão; e 1862 - 1992 - capital da miséria.

Neste trabalho pretendemos recuperar a Fortaleza pelo olhar dos viajantes (Koster, Elizabeth e Louis Agassiz, Belmar) dos pesquisadores (Thomas Pompeu pai e filho; Freire Alemão, Barão de Studart); dos administradores, através dos relatórios dos presidentes da província e dos escritores (Adolfo Caminha, Jader de Carvalho).

Bibliografia

BELMAR Alexandre de. Voyage aux provinces brésiliennes du Pará et des Amazones em 1860, precedé d'un rapide coup d'oeil sur le littoral du Brésil. Londres. Trezise, Imprimeur, 4 Beach Street Barbican, 1861. In: Revista do Instituto do Ceará, t.XII, Fortaleza, Typ. Studart, 1898.

BRASIL (filho) Thomaz Pompeo de Sousa. O Ceará no começo do século XX. Fortaleza: Typo-Lithographia a vapor, 1909.

BRASIL Thomaz Pompeo de Sousa (Senador Pompeu). Ensaio estatístico da província do Ceará. Tomos I e II. Ed. fac. sim. publicada em 1863. Fortaleza: Fundação Waldemar de Alcântara, 1997.

BOSI, Ecléa. Memória & sociedade: lembrança de velhos. São Paulo, SP. T.A. Editor, 1979.

BRASIL (filho) Thomaz Pompeo de Sousa (sous la direction de). O Ceará no centenário da independência do Brasil. Vol I e II . Fortaleza: Typ. Minerva, 1922. CAMINHA Adopho. A normalista. Rio de Janeiro, Editora Três, 1973.

CARVALHO, Jader. Aldeota. São Paulo: Exposição do Livro, 1963.

HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. São Paulo: Vértice, 1990.

CASTRO, José Liberal de. Cartografia urbana fortalezense na colônia e no império e outros comentários. In: PMF. Fortaleza: A administração Lúcio Alcântara (1979-1982). Fortaleza, PMF, 1982.

CLAVAL Paul. A Geografia cultural. Florianópolis, Editora UFSC, 1999.

DANTAS Eustogio W. C. Mar à vista: estudo sobre a maritimidade de Fortaleza. Fortaleza: EDUFC, 2011.

FREIRE ALEMÃO Francisco. Os manuscritos de Freire Alemão. Catálogo e Transcrição por Darcy Damasceno e Waldir da Cunha. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional. 1964.

GIRÃO Raimundo. Geografia estética de Fortaleza. Fortaleza: Casa José de Alencar, 1979/1997.

KOSTER, Henri. Viagens ao Nordeste do Brasil, Fortaleza: ABC, 2003

NOGUEIRA, João. Fortaleza velha. Fortaleza: Editora Instituto do Ceará. 1954.

LINHARES, Paulo. Cidade de água e sal: por uma antropologia do litoral Nordeste sem cana e sem açúcar. Fortaleza, Ed. Fundação Demócrito Rocha, 1992.

SANTOS, Milton. Metamorfoses do espaço habitado. Fundamentos teórico e metodológico da Geografia. São Paulo: Hucitec, 1988.

SILVA José Borzacchiello da. O papel de Fortaleza na rede urbana cearense. In: ANDRADE Manoel Correia (org.). Capítulos de Geografia do Nordeste. Recife, União Geográfica Internacional, 1982

S8-016 - Oral

A CONFECÇÃO DO BORDADO NO DISTRITO DE SAPUPARA, EM MARANGUAPE - CE: Entre o tradicional e o Moderno.

Gerlaine Cristina Silva Franco

Lucas Ferreira da Silva | Alessandra Viana de Souza | Mara Mônica | Nascimento da Silva | Lídia Nunes

INTRODUÇÃO

Entendemos a Indústria como a união de diferentes atividades que produzem continuamente diversas mercadorias, utilizando de recursos da natureza. Isto significa dizer que atividades de cunho artesanal ou domésticas, e manufatureiras são tipos de formas de produção industrial (SPOSITO, 2008).

Nessa perspectiva de Indústria nos deparamos com as relações existentes entre o bordado no distrito de Sapupara em Maranguape — CE; lá a prática de bordar desempenha marco importante na história de seus habitantes. Dentre as



confecções de Sapupara selecionamos para objeto de estudo a da Dona Maria do Carmo, de agora em diante chamada de CDMC. A CDMC conta com cerca de 40 bordadeiras e entre as peças produzidas por elas, as que contêm o richelieu se sobressaem.

Pensar nessa "Indústria do bordado", as múltiplas relações que ocorrem na CDMC, foram de demasia importantes na construção e reflexão desse trabalho cuja análise abarcou as múltiplas relações desse sistema produtivo; o entendimento do trabalho em cooperação pelas bordadeiras da CDMC, como também o valor simbólico e cultural da prática de bordar que se articula a lógica capitalista.

PROBLEMATIZAÇÃO

A relação entre homem e espaço por intermédio da categoria trabalho se materializam e formam espaços que se produzem e reproduzem constantemente (CARLOS, 1997). O ser humano ao longo da história sempre produziu ferramentas para facilitar sua relação com a natureza, ajudando-o a superar suas limitações físicas. A Revolução Industrial inglesa, ocorrida no século XVIII é resultado do desenvolvimento das forças de produção, da especialização e da divisão do trabalho, pois o homem não produzia mais só para sua subsistência.

Esse processo não ocorreu de forma igualitária em todos os países, no Brasil, por exemplo, essa industrialização ocorreu tardiamente. O Ceará foi um dos últimos estados a vivenciar esse processo, que de acordo com Amora (2005), é marcado por três fases de implementação e de momentos distintos na divisão do trabalho.

Na década de 70 foi criada a região metropolitana de Fortaleza, tendo em vista que a cidade de Fortaleza e seu entorno crescia economicamente, socialmente e culturalmente, e a expansão econômica para as outras cidades foi estratégica para ampliação de serviços e estruturas da região que facilitaria sua inserção econômica no global. A região metropolitana de Fortaleza, na década de 70 tinha um pouco mais de 1.100.000.00 habitantes, tendo dentre seus municípios Maranguape, que contava com pouco mais de 59.000 mil habitantes.

Nos dias atuais (2016) a RMF tem pouco mais de 3.500.000 habitantes e Maranguape mais de 115.000 habitante, tornando-se referência na RMF e no estado. Em Maranguape a indústria é a maior empregadora do município com mais de 5.000 empregos ofertados, seguido do setor terciário com mais de 3500 (Colares, p. 93).

Atualmente a economia de Maranguape mantém duas vertentes, que unem tradição e modernidade. Esta dualidade faz de Maranguape uma cidade peculiar, pois ao mesmo tempo que é uma cidade integrada, globalizada e metropolitana ela mantém tradições e hábitos de uma cidade de interior, guardando memórias, técnicas e processos.

Em Sapupara, distrito a cerca de 9 km de Maranguape, é notória essa prática de bordar. Lá nos deparamos com a Confecção de Dona Maria do Carmo (CDMC) com destaque a produção de peças com o richelieu, que tem apoio e incentivo da prefeitura da cidade e a procura de grandes marcas da moda do Ceará, como Água de Coco, Laila Lopes entre outras, resultando em sua inserção na lógica capitalista.

METODOLOGIA

Um percurso metodológico foi traçado, organizando-se em torno da abordagem predominantemente qualitativa, tendo em vista que a busca dos objetivos se deu sob um aspecto mais perceptivo, atentando para as causas dos fenômenos sociais, procurando examinar sua lógica e estrutura interna (SEVERINO, 2007). Todavia, utilizamos também da abordagem quantitativa para a busca de dados estatística e de variáveis do IBGE, FIEC, IPECE, dentro outros. Foram feitas pesquisas bibliográficas e documentais. Como primeiro passo foi utilizado os tipos bibliográficos — exploratório, como intuito de que as teorias facilitassem o entendimento, investigação, bem como as análises dos dados coletados durante desenvolvimento da pesquisa. A pesquisa documental e estatística foi feita, em órgãos como Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB); no Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo (Sescoop); Instituto Brasileiro de Geografia e estatística, por exemplo.

Após essa primeira fase, a pesquisa de campo foi realizada pretendendo obter informações quantitativas e qualitativas a respeito do objeto de estudo. Para compreender o que pensam as bordadeiras, realizou-se entrevistas semiestruturadas sendo principalmente da modalidade não dirigida. Com as bordadeiras foram abordados os seguintes assuntos: Relações de trabalho; perfil socioeconômico das bordadeiras e sua espacialização no município; distribuição da produção e fluxos; Bordado e seu valor cultural, dentre outros.

A documentação do que foi analisado e observado em campo se deu através de anotações no diário de campo de natureza descritiva.; algumas fotografias dos espaços e estruturas foram tiradas, sob permissão dos sujeitos



pesquisados. As entrevistas foram registradas ainda através de gravações e/ou anotações no diário de campo.

RESULTADOS

Vemos o quanto à questão cultural se mantém arraigada na CDMC, tendo em vista a prática artesanal não ser apenas forma de "ganhar a vida", mas também de valorização dos costumes das gerações. Impossível não ressaltar a predominância do papel da mulher nesse tipo de atividade. Essas bordadeiras possuem pouco grau de instrução e aprenderam a bordar com outras mulheres. O bordado tornou-se uma forma de autonomia da mulher dentro do lar, onde ao mesmo instante em que seu ganho complementa a renda da casa - isto quando tal renda não é a única - é subsídio para que a mulher possa reproduzir seus gostos.

Evidenciamos que não há uma intencionalidade da CDMC de alcançar grandes lucros e buscar grande espaço no mercado, mas seus produtos acabam sendo apropriados por ele. Sobre isso, podemos relacionar a ideia de Canclini (1983), que diz que a produção artesanal na contemporaneidade é uma "necessidade do capitalismo", pois assim como os outros tipos de manifestações populares, ela desempenha funções na reprodução social e na divisão do trabalho agindo de modos diversos no sistema.

O richelieu da CDMC vai além da estrutura a qual se insere, estando sobre ele o olhar dos turistas, das grandes indústrias da moda e da própria população. Em Sapupara, o espaço é constantemente produzido e transformado por essa prática de bordar, gerando novos fluxos e na criação de novos fixos.

BIBLIOGRAFIA PARCIAL

AMORA, Z. B. Indústria e espaço no Ceará. In: SILVA, J. B. da.; CAVALCANTE, T. C.; DANTAS, E. W. C. (et al) (orgs.). Ceará: um novo olhar geográfico. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2005.

CANCLINI, N. G. As culturas populares no capitalismo. São Paulo: Brasiliense, 1983.

CARLOS, A. F. A. Espaço e indústria. São Paulo: Editora Contexto/Edusp, 7ª edição 1997.

MENDES, M. C. METROPOLIZAÇÃO E INDÚSTRIA: Maranguape no contexto da região metropolitana de Fortaleza- CE. Dissertação apresentada No curso de Mestrado Acadêmico em Geografia, pela Universidade Estadual do Ceará. Disponível em:

ttp://www.uece.br/mag/dmdocuments/marilia_colares_dissertacao.pdf Acesso em: 22 set. 2015.

SEVERINO, Antônio Joaquim, 1941 - Metodologia do trabalho científico. 24 ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, E. K. R. Quando a cultura entra na moda: a merdalogização do artesanato e suas repercussões no cotidiano de bordadeiras de Maranguape. Disponível em http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/1276/1/2009_Dis_EKRSILVA.pdf >Acesso em: 4 jan. 2016.

SPOSITO, M. E. B. Capitalismo e Urbanização. São Paulo: Editora Contexto, 15º edição, 2008.

S8-002-Painel

OS SIGNIFICADOS E A ORGANIZAÇÃO ESPACIAL DO PIXO NO HIPERCENTRO DE BELO HORIZONTE

Alexandre Magno Alves Diniz/Sérgio Alves Alcântara /Rodrigo Guedes Braz Ferreira/Angélica Gonçalves Lacerda

INTRODUÇÃO

Além de exercer funções tradicionais, tais como a habitacional, educacional, de saúde, recreativa, prestação de serviços, dentre outras, as cidades trazem consigo redes de significações coletivas ou individuais que transcendem as formas mais ortodoxas de compreensão. As cidades são marcadas por inúmeras contradições sociais que expressam na paisagem a dinâmica socioeconômica vigente, sendo, portanto, indispensável analisar no fragmentado contexto interno das urbes as diversas formas de intervenção e manifestação. Neste sentido, intensas lutas pela demarcação do território urbano são levadas a cabo por grupos sociais rivais de origem diversa através da prática da pixação. Belo Horizonte reflete de forma ubíqua a competição desses grupos pelos muros, monumentos e fachadas de edificações, fato que tem gerado uma série de conflitos, no que condiz à relação de uso e a apropriação que pixadores estabelecem com os objetos que compõem a cidade e o efeito do pixo na paisagem urbana.

PROBLEMATIZAÇÃO

Em Belo Horizonte a prática do pixo tem sido amplamente difundida na paisagem urbana, tornando-se parte integrante da cidade. Nos últimos 25 anos, a "subcultura" da pixação vem ganhando novos adeptos, polarizando opiniões e gerando posições divergentes sobre o fenômeno. Apesar do seu inequívoco apelo espacial o fenômeno das pixações vem sendo pouco estudado na Geografia.



Diante disso, busca-se promover a catalogação e mapeamento das pixações presentes no hipercentro de Belo Horizonte. Graças ao ineditismo do tema, sobretudo o seu tratamento espacial, os resultados gerarão vários subsídios à compreensão da organização do fenômeno, bem como a dinâmica de construção e demarcação territorial por parte dos grupos de pixadores.

METODOLOGIA

De acordo com VILELA (2006), mais de meio milhão de pessoas passam diariamente pelo hipercentro de Belo Horizonte por motivos variados, indicando ser este um lugar de concentração e dissipação que conduz à mistura e à aproximação. Neste sentido, o hipercentro torna-se um espaço de convergência, aspecto favorável ao universo da pixação, apresentando localidades com densa movimentação, que carregam consigo forte apelo para a atuação dos pixadores (PEREIRA, 2010, p.149).

Para a geração das informações necessárias, inicialmente foram definidos os roteiros a serem seguidos pelos pesquisadores em campo, de modo que todos os quarteirões sejam contemplados; seguindo as rotas planejadas os pesquisadores fizeram o registro fotográfico, tomaram as coordenadas geográficas e preencheram o formulário específico para cada pixação encontrada. O levantamento em campo foi realizado ao longo de toda a semana. No entanto, os quarteirões escrutinados ao longo dos dias de semana, foram revisitados nos fins de semana, de modo que as pixações inscritas nas portas das atividades comerciais também fossem contempladas; uma vez concluído o levantamento de campo, as informações presentes no formulário foram digitalizadas e compuseram um banco de dados alfanumérico em ambiente SPSS; a etapa seguinte do projeto contemplou análises estatísticas, incluindo a geração de frequências simples, estatísticas descritivas e inferenciais; paralelamente, os dados referentes às coordenadas geográficas foram importados em ambiente ARCGIS, utilizando-se como referência a base cartográfica disponibilizada pela PRODABEL (Empresa de Informática e Informação de Belo Horizonte); posteriormente, mapas isopléticos e coropléticos foram gerados, de modo a identificar a distribuição espacial das pixações, ação dos pixadores e dos grupos de pixadores.

RESULTADOS

Os resultados revelaram à época uma distribuição altamente heterogênea das pixações, indicando a existência de territorialidades globais e de grupos específicos na área de estudos (ver Mapa 1). Por outro lado, percebe-se,

também, a existência de grandes vazios de pixação, explicados pela presença mais ostensiva do aparato policial, por ações constantes de revitalização das fachadas de certos equipamentos urbanos, ou pelo vigilantismo mais marcante associado a certos recortes do hipercentro, tais como a zona boêmia.

Os resultados trazem ainda informações sobre a natureza das pixações, a sua posição na edificação, o material empregado e estilo da grafia. Do ponto de vista científico, a construção de uma ponte entre a discussão sobre território e territorialidade e a ação de grupos de pixadores revela-se profícua, abrindo caminho para a replicação de estudos semelhantes em distintos contextos geográficos. Os resultados do projeto trarão importantes subsídios para o entendimento da questão, abrindo possibilidades para o debate também do ponto de vista geográfico ao identificar, através da paisagem, as grafias, áreas, tags e grifes de pixadores.

BIBLIOGRAFIA PARCIAL

CANEVACCI, M. A cidade polifônica. São Paulo Studio Nobel, 1993.

CARVALHO, Rodrigo Amaro de. "Caligrafia Urbana: práticas simbólicas,

sociabilidades e criminalização da pichação em São Paulo. **Revista Habitus**: revista eletrônica dos alunos de graduação em Ciências Sociais - IFCS/UFRJ, Rio de Janeiro, v.9, n.1, p. 120-139, agosto.2011. Semestral. Disponível em: http://www.habitus.ifcs.ufrj.br.

CORREA, R. L. A. . A Dimensão Cultural do Espaço: Alguns Temas. Espaço e Cultura, Rio de Janeiro, v. 1, n.1, p. 1-21, 1995.

COSTA, Rogério Haesbaert da. O mito da desterritorialização: do "fim dos territórios" à multiterritorialidade. 4º ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

LASSALA, Gustavo. A pichação em São Paulo. Cadernos de Tipografia Nr. 3, Portugal, p. 4 - 6, 01 set. 2007.

PENNACHIN, D. L. . Signos subversivos: das significações de graffiti e pichação. In: Intercom, 2003, Belo Horizonte. XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2003.

PEREIRA, Alexandre. B. . As marcas da cidade: a dinâmica da pichação em São Paulo. Lua Nova (Impresso), v. 1, p. 143-162, 2010.

RAMOS, Celia M. Antonacci . Grafite & pichação: por uma nova epistemologia da cidade e da arte. In: 16º Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas, 2007, Florianópolis. Anais do 16º Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas. Florianópolis, 2007. v. 1.



VILELA, Nice Marçal. Hipercentro de Belo Horizonte: movimentos e transformações espaciais recentes. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Minas Gerais. Instituto de Geociências. Programa de Pós-Graduação em Geografia, Belo Horizonte, MG, 2006.

YABUSHITA, Irineu Jun; MARTINS, João Batista. Ruídos na Cidade - Pichações na cidade de Londrina: Aproximações. Athenea Digital, v. Primav, p. 19-45, 2006.

S8-007-Painel

TRANSFORMAÇÕES NO LITORAL METROPOLITANO DE FORTALEZA: AS PRÁTICAS MARÍTIMAS MODERNAS E OS NOVOS USOS DA PRAIA.

Anna Rhaissa Lima Souza/ Gabriela Bento Cunha

RESUMO

O avanço da metropolização no Nordeste associa-se a consolidação da atividade turística e da vilegiatura marítima moderna e seus desdobramentos. É possível compreender as transformações no litoral das metrópoles nordestinas através do processo de urbanização e reprodução do urbano vinculado às práticas de lazer. No Ceará, esse processo é difundido pela cidade primaz – a capital Fortaleza – e seus municípios periurbanos. A transformação da cidade em metrópole e o transbordamento das relações de lazer são resultados de um planejamento voltado para a atividade turística e expansão do tecido urbano. As práticas associadas às dinâmicas de lazer são de suma importância no fenômeno de urbanização litorânea, na valoração das faixas de praia e na expansão do tecido urbano. A vilegiatura marítima e o turismo litorâneo, junto ao desejo do morar na praia, fomentam uma urbanização dispersa, fragmentada e expandida para o espaço metropolitano. A consolidação o turismo no Nordeste brasileiro gerou a "descoberta" ou a "reinvenção" dos lugares. Dentro dessa nova dinâmica, a vilegiatura marítima abriga duas demandas por lazer: alóctones (de origem externa) e autóctone (interna), sendo através delas a transformação dos espaços para atender a procura por lazer e por uma reprodução do urbano. A turistificação dos municípios metropolitanos litorâneos permitiu que as empresas privadas e os grandes grupos empreendedores criassem projetos para o consumo desses espaços, através dos complexos de lazer e na diversificação dos empreendimentos. Com isso, esses espaços tornaram-se propícios para a disseminação da vilegiatura marítima e sua reprodução. Na abordagem do espaço litorâneo metropolitano de Fortaleza, é necessário o entendimento da relação

entre a expansão da Vilegiatura Marítima e do turismo com as ferramentas de planejamento urbano. Essa combinação resultou em dinâmicas diferenciadas nas localidades litorâneas e a formação de padrões morfológicos com especificidades. É preciso entender os processos ocorridos no litoral de Caucaia (Icaraí e Cumbuco), Aquiraz (Porto das Dunas), Cascavel (Caponga e Águas Belas) e São Gonçalo do Amarante (Pecém e Taíba), partindo da ocupação da zona costeira da metrópole e os seus desdobramentos. Na localidade do Icaraí, a dinâmica inicial se deu pela instalação de condomínios, voltados para a atividade do lazer, na década de 1990. Essa prática induziu de forma indireta a criação de uma infraestrutura básica: vias, linhas de ônibus direto com a capital e com a cidade de Caucaia, além de uma rede voltada para as práticas marítimas. Na Praia do Cumbuco, a dinâmica criada através das práticas marítimas modernas induz a novas atividades, como os esportes radicais. Nesse cenário, é válido abordar a introdução de vilegiaturistas estrangeiros, principalmente na disseminação de hábitos e das práticas esportivas. Na mesma localidade, ainda é possível visualizar o papel do planejamento privado na inducão das acões do planejamento público em diferentes níveis, como ocorre com a construção de vias de acesso e na divulgação das práticas esportivas - que tem ganhado uma grande representatividade na dinâmica dessas localidades. Já no litoral leste, no Porto das Dunas, a construção do complexo turístico Beach Park na década de 90, considerado o principal empreendimento do setor no estado, foi um dos vetores de espacialização da urbanização litorânea e das práticas marítimas modernas para o município. Atualmente, o complexo expandiu seu investimento, criando um resort e dinamizando os fluxos para o equipamento e, consequentemente, para o município. Outro atrativo às regiões praianas são os esportes náuticos que se inserem nas práticas marítimas modernas. Com a difusão desses esportes e a condições ambientais propícias evidenciadas nas praias metropolitanas cearenses tem-se a apropriação desses espaços por esportistas amadores e/ou profissionais que usam a região para treino. Observa-se que eventos esportistas ajudam na promoção das localidades bem como fóruns e grupos em redes sociais voltadas aos praticantes. Dessa forma, compreende-se que a vilegiatura e o turismo, junto ao crescimento dos esportes marítimos, tende a reproduzir o espaço urbano e vincula-se ao processo de expansão e produção de novos modelos de organização territorial. Caracteriza-se por uma vilegiatura ressignificada, que possa atender o desejo e atração pelo natural, mas também pelo urbano. O presente trabalho busca identificar as novas práticas marítimas



com ênfase na prática de esportes marítimos e de praia, na nos municípios de Aquiraz, Cascavel, Caucaia e São Gonçalo do Amarante, Região Metropolitana de Fortaleza. Para tanto, o processo metodológico utilizado foi, inicialmente, o levantamento bibliográfico sobre as práticas marítimas modernas, a fim de entender como se constituíram no Ceará. Intenta-se fazer um apanhado histórico de como tais práticas chegaram às praias cearenses. Utiliza-se, ainda, um levantamento dos esportes práticos tendo em vista que as condições ambientais interferem diretamente na possibilidade da prática na localidade através de ida a campo bem como consulta com sites e revistas especializadas. A partir desse procedimento procura-se perceber que as praias, nas regiões litorâneas, enquanto um espaço público e da natureza, passaram a se constituir uma opção para a prática esportiva. No Brasil, encontram-se distribuídas ao longo da faixa de areia várias práticas, tais como basquete de praia; beach soccer; carro à vela (windcar); frescobol; futebol americano de praia; futevôlei; futebol de praia; handebol de praia; sandboarding; vôlei de praia etc. Em adição a este grupo há práticas na faixa litorânea do mar, como surf, windsurfe, bodyboarding, surf de peito, vela, jet-ski, maratonas marítimas e outras. A partir da ampliação dos veículos de mídia de massa, novas práticas foram difundidas. Hoje é possível perceber uma série de esportes praticados no mar como Surf, Kite Surf, Stand Up Pedal, a própria natação no mar; ou mesmo na areia (interessante perceber que esportes consolidados em campo ou na quadra ganham uma derivação para a areia, a citar o vôlei de praia, futebol de praia, futevôlei etc.); E, não obstante, o bronzeamento solar e os banhos de mar. Dessa forma, observa-se o papel impulsionador das práticas marítimas modernas no litoral cearense. Toda a sua dinâmica de apropriação dos espaços e dos serviços da cidade, junto com seus investimentos e parcerias possibilitam um desenvolvimento em segmentos diversificados. É um grande fomentador do desenvolvimento econômico, pois a medida que são absorvidas novas práticas, alcança um público ainda maior. Seja pela demanda de infraestruturas para a implantação de novos serviços nas cidades, investimentos nos setores de hospedagem, investimentos na preservação dos recursos naturais, dentre outras. Ao mesmo tempo, é um grande influenciador na sociedade. As práticas mais atuais, o que está em foco em outros lugares, ao ser atraído traz consigo uma gama de usuários, sendo uma projeção esboço de uma nova dinâmica e pautado em múltiplas escalas que vão consumir essa novidade.

Bibliografia parcial

ARAÚJO, Adjane; ANDRADE, Maristela Oliveira de. Excursões populares e turísticas: um enforque sobre quase grupos e práticas de lazer na praia. Ponto Urbe,São Paulo, v. 1, n. 9, p.1-10, dez. 2011.

BOYER, M. História do turismo de massa. Tradução de Viviane Ribeiro. Bauru: EDUSC, 2003. COSTA, Vera L. M.; GARRIDO, Fernando; COSTA NETO, Julio V.. Esportes de praia. In: DACOSTA, Lamartine (Org.). Atlas do Esporte no Brasil. Rio de Janeiro: Confef, 2006. p. 123-125.

DANTAS, Eustogio Wanderley Correia. Mar à vista: estudo da maritimidade em Fortaleza. 2. Edição. Fortaleza: Edições UFC, 2011.

DANTAS, Eustógio Wanderley Correia. Maritimidade nos trópicos: por uma geografia do litoral. Fortaleza: Edições Ufc, 2009. 127 p.

PAULA, Edson Oliveira de. Das práticas marítimas tradicionais às modernas: notas sobre a vilegiatura marítima na regiao metropolitana de Fortaleza. In: SEMINÁRIO NACIONAL GOVERNANÇA URBANA E DESENVOLVIMENTO METROPOLITANO, 1., 2010, Natal. Anais... . Natal: Ufrn, 2010. p. 1 - 19.

PEREIRA, A. Q. Das cidades às metrópoles litorâneas: o papel da vilegiatura marítima moderna no nordeste do Brasil. GEOUSP - Espaço e Tempo, São Paulo, Nº 31, pp. 05 - 15, 2012.

PEREIRA, A. Q. A urbanização vai à praia: vilegiatura marítima e metrópole no Nordeste do Brasil. Fortaleza: Edições UFC, 2014.

SILVA, Ângela Maria Falcão da. A cidade e o mar: As práticas marítimas modernas e a construção do espaço da Praia do Futuro (Fortaleza-CE-

S8-008-Painel

ESPAÇO E MEMÓRIA: O PAPEL DAS POLÍTICAS PÚBLICAS RELACIONADAS À PROTEÇÃO DE BENS TOMBADOS NO CENTRO HISTÓRICO DE MARANGUAPE-CE

D.G.Cordeiro, J.A.R.Maia Filho, A.B da S. Barbosa, S.R.R. de Oliveira

INTRODUÇÃO

Os centros históricos representam a história das cidades. Esses espaços são facilmente conhecidos por diversos aspectos, como: a especialização do comércio e serviços, e a importância de seu patrimônio histórico-cultural. Seus logradouros definiram-se através das diversas vivências que se processaram no tempo e no espaço, e por meio do processo de interação social; seu acervo arquitetônico configura-se enquanto resquício da memória urbana, possuindo notável importância para a compreensão dos fenômenos acontecidos na cidade durante os anos.



É diante dessa visão da cidade, como espectro das vivências passadas, que se percebe a importância da preservação de sua memória, memória essa representada pelos bens, que, segundo a definição estabelecida pelo CREA-SP (2008, p. 13), "constituem os elementos formadores do patrimônio, permitindo que o passado interaja com o presente, transmitindo conhecimento" e também formando a identidade de um povo. Essa questão tem se colocado como grande tendência nos dias atuais, por meio de projetos que objetivam a restauração, a revalorização e a salvaguarda dos vestígios que representam o espaço urbano em sua totalidade de acontecimentos.

O conjunto de bens imóveis que compõe um patrimônio histórico e cultural contribui para a compreensão da produção do espaço urbano e a percepção das estruturas e processos sociais em diferentes tempos históricos. O patrimônio histórico-cultural edificado constitui-se em suporte para a construção de uma memória social, construída ao longo de várias gerações e que dele depende para não transformar-se em esquecimento. Essa memória social é a base da constituição de uma identidade coletiva sendo, portanto, necessária para o exercício da cidadania. Nesse sentido, o objetivo principal deste trabalho é tratar das ações políticas voltadas para a proteção e salvaguarda dos lugares de memória no Centro Histórico de Maranguape, município pertencente à Região Metropolitana de Fortaleza, Ceará.

PROBLEMATIZAÇÃO

Muitas cidades brasileiras a despeito de possuírem em seus territórios prédios, espaços de convivência ou áreas urbanas de valor patrimonial incalculável, atribuído em razão de sua vinculação com fatos memoráveis que ajudam a compor uma memória social e assim compreender sua própria história, no que diz respeito ao seu ordenamento, tanto social como espacial, não possuem qualquer política pública voltada à proteção e conservação desses imóveis ou educação patrimonial que desperte entre seus munícipes uma consciência da importância de se preservar tais espaços.

Maranguape, município situado na Região Metropolitana de Fortaleza, distante 30 km da capital, é detentor de um patrimônio arquitetônico urbanístico dos mais importantes do Estado do Ceará. Prédios como a Igreja Matriz e imponentes casarões edificados no século XIX compõem a paisagem cultural da cidade. Apesar de sua relevância histórica, não havia até o ano de 2003 qualquer tipo de política pública voltada para proteção e conservação dessas construções. Somente na

administração do arquiteto e urbanista Marcelo Silva que o poder público municipal mobilizou-se nesse sentido.

O conhecimento das ações empreendidas pelo poder público no sentido de proteger o patrimônio edificado, contribui para a cidadania, uma vez que reforça a construção de uma memoria social, concorrendo para uma maior conscientização dos munícipes quanto a preservação desses bens.

METODOLOGIA

A pesquisa é realizada essencialmente com o método da análise documental, que consiste basicamente em identificar, verificar e apreciar os documentos com uma determinada finalidade, no presente trabalho no intuito de investigar e contextualizar as principais políticas públicas e outros documentos relacionados ao patrimônio cultural do Centro de Maranguape, sendo este, o principal recorte espacial do trabalho. Com relação à estrutura metodológica do trabalho, esta se encontra divida em algumas etapas, relacionadas a seguir: A primeira delas consiste no levantamento bibliográfico; o próximo passo da pesquisa é a busca de dados secundários; e por fim foi realizado o trabalho de campo no Centro de Maranguape.

RESULTADOS

A lei 1754/2003 de 16 de Dezembro de 2003 consolidou a legislação atinente à proteção do patrimônio histórico, cultural e turístico do município de Maranguape. A referida lei relacionou 93 bens imóveis a serem preservados no território do município dividindo-os em três categorias. Tal divisão teve por critério o valor histórico, cultural e arquitetônico, bem como o valor afetivo desses bens para a população. Todos esses bens não se concentram apenas na sede, encontrando-se distribuídos entre os 17 distritos do município.

Na categoria "A" estão elencados 33 imóveis, considerados os mais relevantes do ponto de vista histórico-cultural. Destes, 24 estão localizados na sede municipal, de modo que alguns se confundem com a própria história da cidade, como a Igreja Matriz, o Solar da família Sombra, o prédio da sociedade artística de Maranguape e o Solar Bonifácio Câmara, todos edificações do século XIX, entre outros. Na categoria "B" estão relacionados 24 imóveis, todos situados na sede municipal. A categoria "C" é a que possui o maior número de imóveis: 36, sendo todos de propriedade privada e, assim como os da categoria "B", estão todos situados na sede do município.

O município dispõe de um Plano Diretor como política pública. De acordo com o Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano (PDDU) de 2000, existem ao menos



cinco Projetos Estruturantes voltados para a conservação, revitalização e restauração do Patrimônio Histórico e Arquitetônico do Centro da cidade de Maranguape. O primeiro Projeto Estruturante é denominado área de renovação urbana da zona central, que tem por objetivo a reestruturação da área central visando configurar uma boa qualidade arquitetônica dos espaços públicos. Tal projeto foi estipulado com um custo estimado de R\$ 4.042.000,00. O segundo projeto voltado à melhoria e reestruturação do centro de Maranguape é o sistema de espacos públicos da zona central histórica, que teve o custo total estimado em R\$ 1.380.000,00. Também foram criados projetos para a manutenção dos bens tombados como o projeto restauração do patrimônio histórico e arquitetônico do centro, com o custo total estimado em R\$ 1.035.000,00. O projeto revitalização do centro da cidade de Maranguape segue a mesma linha do último projeto citado, com valor estimado de R\$ 525.000,00. O último projeto consiste na criação de roteiros culturais que tem como objetivo estimular o turismo através do Patrimônio Histórico e Cultural do Município, que teve seu custo estimado em R\$ 50.000,00.

BIBLIOGRAFIA PARCIAL

ABREU, Maurício. Sobre a memória das cidades. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri; SOUZA, Marcelo Lopes de; SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. A produção do espaço urbano. São Paulo: Editora Contexto, 2011. p. 19-39.

CHOAY, Françoise. Alegoria do patrimônio. Lisboa: Edições 70, 2008.

CONSELHO REGIONAL DE ENGENHARIA, ARQUITETURA E AGRONOMIA DO ESTADO DE SÃO PAULO. Grupo de trabalho Patrimônio Histórico e Arquitetônico. Patrimônio histórico: como e por que preservar. São Paulo, 2008.

GRAÇA, Cristina Seixas; TEIXEIRA, Marcia Regina Ribeiro. Meio ambiente e patrimônio cultural nacional. In: FREITAS, Vladimir Passos de (Org.). Direito ambiental em evolução, nº 2. Curitiba: Juruá, 2004. p. 34-48.

MOTA, D. P. F. et al. Informação, memória e patrimônio cultural. Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis, v. 20, n. 2, p. 298-312, maio./ago., 2015.

SILVA FILHO, Antonio Luiz Macedo. A Cidade e o Patrimônio Histórico. Fortaleza: Museu do Ceará/Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2003.

S8-010-Painel

A ORGANIZAÇÃO ESPAÇO TEMPORAL DO BAIRRO VILA INDUSTRIAL, CAMPINAS - SP: UMA ANÁLISE A PARTIR DAS FERROVIAS.

Autor: Thamires Cristine Corrêa

Introdução

O bairro Vila Industrial apresenta uma história de organização espacial muito diferente daquela ocorrida na área central de Campinas entre o final do século XIX e início do século XX. Diferentemente do centro elitizado, o bairro abrigava essencialmente as classes operárias da cidade e que em sua imensa maioria trabalhava nas recém-inauguradas ferrovias.

As linhas de ferro adentraram efetivamente a cidade de Campinas em 1868, através da criação da Companhia Paulista de Estradas de Ferro e posteriormente pela criação em 1875 da Companhia Mogiana. As linhas de ferro das Companhias delimitavam exatamente a divisa entre o centro elitizado e a vila operária, ampliando a segregação do bairro. Dessa forma, a organização espacial da Vila Industrial em seus primeiros anos de existência, remete essencialmente à criação do complexo ferroviário, delimitando as relações sociais e consolidando as formas espaciais.

No entanto, com o passar dos anos, novas técnicas surgiram, assim como novos objetos técnicos foram criados, a ferrovia perdeu sua função e muito do que foi criado acabou sendo abandonado, constituindo uma série de rugosidades no espaço.

Considerando esta premissa, buscou-se com este trabalho compreender como estes objetos técnicos do passado ou rugosidades, ligados de forma direta ou indireta às ferrovias foram refuncionalizados e quais suas consequências em termos de vivência da população nos dias atuais, considerou-se também, os casos em que não houve refuncionalização, ou seja, a função original se manteve.

Problematização

O espaço geográfico é formado por uma série de formas (objetos técnicos), sobre os quais ocorrem as ações do presente, ou seja: "Num mesmo pedaço de território, convivem subsistemas técnicos diferentemente datados, isto é, elementos técnicos provenientes de épocas diversas" (SANTOS, 2004, p.42).

A partir dessa formulação teórica, pode-se compreender que as funções desempenhadas por essas formas urbanas, são comandadas pelos processos hegemônicos de reprodução econômica e social de cada período histórico, ou



seja, cada organização socioeconômica determinará a relação entre a concepção e a consolidação da infraestrutura tecnológica mediante a uma prévia noção da função a ser desempenhada por ela.

Mas como os objetos técnicos, ao tornarem-se desprovidos de sua funcionalidade no tempo são absorvidos pela sociedade?

Primeiramente é importante destacar que Santos (1978, 1985 e 2004) dá a estes objetos técnicos, representados por formas herdadas o nome de rugosidades.

Chamemos rugosidade ao que fica do passado como forma, espaço construído, paisagem, o que resta do processo de supressão, acumulação, superposição, com que as coisas se substituem e acumulam em todos os lugares. As rugosidades se apresentam como formas isoladas ou como arranjos [...] Ainda que sem tradução imediata, as rugosidades nos trazem os restos de divisões do trabalho já passadas (todas as escalas de divisão do trabalho), os restos dos tipos de capital utilizados e suas combinações técnicas e sociais com o trabalho (SANTOS, 2004, p.140).

Para o autor, a manutenção destas formas espaciais depende do nível de adequação ou readequação (através de novas funcionalidades) que estas formas têm em relação as demandas do presente histórico.

Santos (2012) ainda ressalta que:

[...] a funcionalidade ou eficácia dos objetos técnicos que compõe o espaço esbarra nos limites materiais do objeto técnico (o tempo de duração e resistência dos materiais; e capacidade de resposta do objeto ao trabalho de manutenção, aperfeiçoamento e readequação funcional), e nos limites políticos e normativos ou jurídicos impostos pela totalidade social (SANTOS, 2012, p. 2).

Neste trabalho, o objeto de estudo selecionado, reflete claramente estes tipos de relações, sendo que o ponto chave se assenta na desativação da Companhia Paulista de Estradas de Ferro, que margeia o bairro Vila Industrial. Neste caso, ocorreu uma mudança funcional sem haver uma mudança na forma do objeto técnico.

Sendo assim, estruturou-se como objetivo de pesquisa, compreender como se deu a produção do espaço no Bairro Vila Industrial e quais suas consequências para a conjuntura atual, a partir da implantação da Companhia Paulista de Estradas de Ferro e da Companhia Mogiana.

Metodologia

Este trabalho foi realizado a partir de uma abordagem multiescalar de fontes bibliográficas referentes ao processo histórico de expansão e retração das ferrovias. Primeiramente foram verificadas as variáveis associadas ao processo de

implantação das ferrovias no Brasil, derivando para o Estado de São Paulo e para Campinas, chegando por fim ao bairro, em um nível de maior detalhamento. Parte-se, portanto, de uma perspectiva baseada no conceito de totalidade de Milton Santos6, visando compreender historicamente os fatores responsáveis pela organização estrutural que culminou na organização espacial da área estudada.

Sabe-se que, o conceito de totalidade em Milton Santos aborda uma perspectiva de escala global, porém, para esta análise, considera-se principalmente como limite escalar o território nacional.

Para tal análise foram realizados oito trabalhos de campo na Vila Industrial, entre os anos de 2013 e 2014. Durante estes trabalhos foram feitos registros fotográficos, assim como foram consultados moradores e comerciantes da região sobre a história do bairro.

Resultados

A análise objetivada por esta pesquisa permitiu evidenciar como as transformações técnicas, que por consequência conduziram a profusão de objetos técnicos, alteraram as relações sociais no bairro através dos tempos.

Os objetos técnicos anteriormente funcionais tornaram-se obsoletos, permanecendo em alguns casos, materializados sobre um contexto distinto daquele em que foram concebidos, tornando-se sujeitos às influências, negativas ou positivas, derivadas das novas formas urbanas associadas às técnicas mais recentes.

A verificação deste fato nesta pesquisa ocorreu pela análise da variação da técnica, assim como sua substituição no tempo, ou seja, buscou-se analisar como objetos técnicos anteriormente funcionais tornaram-se obsoletos, permanecendo em alguns casos, materializados sobre um contexto distinto daquele em que foram concebidos, tornando-se sujeitos às influências, negativas ou positivas, derivadas das novas formas urbanas associadas às técnicas mais recentes.

Dessa forma, nota-se no decorrer desta pesquisa, que em alguns casos há um grande descompasso entre as rugosidades tombadas e as medidas efetivas de manutenção, pois muitos dos objetos tombados apresentam-se em ruínas pelo abandono, sendo constantemente invadidos. Nesse contexto, as únicas rugosidades relativamente preservadas se associam diretamente ao uso contínuo de suas instalações, mantendo suas funções originais ou através da criação de novas funções.



Todos os objetos técnicos do passado ou rugosidades presentes na Vila Industrial só se estabelecem efetivamente como patrimônio histórico, caso ainda possuam funções, o abandono não conduz a imersão do indivíduo, muito pelo contrário o afasta da história.

O estudo de caso na Vila Industrial, através da reconstrução analítica das funções dos objetos técnicos presentes em seus limites, permitiu ampliar a compreensão da gênese da própria cidade de Campinas em termos de organização e reorganização do espaço geográfico, pois a disseminação das técnicas pela sociedade no espaço e no tempo nos permite reconhecer quais os valores sociais econômicos e culturais de outros tempos, aproximando a análise geográfica da análise histórica.

Bibliografia Parcial

SANTOS, M. Natureza do Espaço: Técnica e tempo. Razão e Emoção. São Paulo: Edusp, 2004. 4. Ed.

SANTOS, R. R. As rugosidades do espaço nas áreas centrais da metrópole: o patrimônio arquitetônico de Campinas entre a preservação e a reestruturação urbana. Belo Horizonte: In: Anais do XVII Encontro Nacional de Geógrafos (XVII ENG), 2012.

S8-015-Painel

AS POLÍTICAS DE REQUALIFICAÇÃO E A APROPRIAÇÃO DO PASSEIO PÚBLICO, EM FORTALEZA – CE

Lucas Ferreira da Silva / Gerlaine Cristina Silva Franco/ Ana Letícia Freitas Lima / Regina Balbino da Silva / Samuel Tavares Pinheiro

INTRODUÇÃO

A cidade contemporânea é composta por espaços diferenciados, com formas, usos e funções distintas, mas que se articulam. Diversas discussões a respeito dos espaços públicos emergem de forma a que se possam repensar seus usos pela sociedade e ainda, a atuação do poder público no planejamento de políticas de requalificação nesses espaços. Encontramos em Gondim (2001) e Serpa (2013) outra dimensão; o espaço público é vislumbrado sob a ótica simbólica e cultural ligada diretamente à subjetividade e à percepção da sociedade que o produz e o consome. Tal abordagem faz menção à questão da memória e da afetividade. De acordo com Silva (2009), entendemos o espaço público como a área que pode ser usada comumente por todos e de posse coletiva, que pertence ao Poder Público e por ele é gerenciado e fiscalizado. Sobarzo (2013) afirma que o espaço

público é um possibilitador de encontros entre desconhecidos, impessoais, marcado pela presença de diversos grupos sociais.

Para que se mantenha o uso desses espaços públicos na contemporaneidade os mesmos têm sido palco de reformas e políticas de requalificação. Essa requalificação acontece em virtude do diálogo do poder público com o poder privado em prol de determinados interesses. Trabalhamos nessa temática do espaço público na cidade contemporânea, cujo enfoque se deu na Praça dos Mártires em Fortaleza, mais conhecida como Passeio Público, que desde o ano de 2007 passa por políticas de requalificação urbana, a qual atentamos até o ano de 2015.

PROBLEMATIZAÇÃO

É durante a gestão da Prefeita Luizianne Lins (2005 – 2008), com o slogan "Fortaleza Bela" que se intensificam as políticas de requalificação, sendo esta uma prática de proteção de espaços urbanos expostos à "degradação" e a um "desvio" de funcionalidade que procura gerar novas atividades mais adaptadas ao contexto contemporâneo (PEIXOTO, 2009).

A requalificação do Passeio Público desde a gestão de Luizianne Lins, bem como a atual gestão do prefeito Roberto Claudio buscou e busca resultados tanto do ponto de vista estrutural como simbólico; identificam-se três noções que fundamentaram os gestores públicos: a (re)construção de uma memória coletiva, a remoção de um "estigma" e a disciplinarização do espaço.

Em virtude das transformações que ocorreram e ocorrem na cidade de Fortaleza temos como questão principal: Como as políticas de requalificação promovidas pela gestão Municipal de Fortaleza e organizações privadas, do período de 2005 a 2015 têm implicado no uso e apropriação do Passeio Público pela sociedade? Como questões secundárias temos: Quais os sujeitos e os usos que demarcam território em temporalidades específicas no Passeio Público? E quais políticas de requalificação foram implantadas no Passeio Público a partir de 2005, e de que forma foram organizadas? Essas perguntas nortearam nossa pesquisa.

METODOLOGIA

A pesquisa se organiza em torno de uma abordagem quali-quantitativa. Como procedimento metodológico a pesquisa se divide em quatro etapas: pesquisa bibliográfica; pesquisa documental; pesquisa de campo; e elaboração de ilustrações.

Na pesquisa bibliográfica foram utilizados os tipos bibliográficos - exploratório. Ambas referem-se às leituras com o intuito de que as teorias possam facilitar o



entendimento, bem como as análises dos dados coletados durante desenvolvimento da pesquisa (MARCONI; LAKATOS, 2003). A respeito desse referencial teórico buscamos em bibliotecas, revistas e periódicos acadêmicos entre outros.

No que tange a pesquisa documental foram acessados os arquivos públicos, os relatórios de pesquisa baseados em publicações parlamentares

administrativas dos órgãos públicos, como por exemplo, a Secretaria de Cultura de Fortaleza (SECULTFOR), a Coordenação de Patrimônio Histórico Cultural (CPHC) e a Secretaria Municipal do Urbanismo e Meio Ambiente (SEUMA).

Com a pesquisa de campo buscamos "conseguir informações e/ou conhecimentos acerca de um problema" (MARCONI; LAKATOS, 2003 p. 186) em temporalidades distintas na praça. Fizemos uso de entrevistas de caráter não dirigido. Entre as questões realizadas com os entrevistados foram abordados assuntos como Identificação e apropriação da praça; Valores e sentimentos e Administração. As entrevistas foram registradas através de gravações e/ou anotações no diário de campo.

A documentação do que foi analisado e observado (observação não participante) em campo foi feita através de anotações no diário de campo, sendo estas de natureza descritiva, de comportamentos, ações, atitudes e estrutura física por exemplo. Algumas fotografias dos espaços e estruturas foram realizadas em diferentes momentos com o objetivo de favorecer a análise.

Por último, foram utilizadas ferramentas cartográficas para elaboração de cartogramas de localização, e outras ilustrações. As imagens de satélites do google earth e outros foram usados para evidenciar as transformações espaciais ocorridas no recorte espacial e na cidade.

RESULTADOS

O entendimento do espaço público na cidade contemporânea é de certa forma complexo, pois se faz indispensável identificar quais são os agentes que o produzem e o reproduzem. Dentro dessa lógica de produção e reprodução do sistema capitalista na escala mundial, ainda que seja público, poucos se beneficiam desse espaço teoricamente comum a todos. (SERPA, 2013, p. 9). Carlos (2011) propõe três níveis de análise da produção do espaço que apresenta seus três agentes de produção: o Estado (campo da ação política), o Capital (as frações deste) e os Sujeitos Sociais (vinculados à realização da vida humana), os quais podem ser claramente lidos no espaço público analisado.

A respeito da ação desses agentes, o Estado tem um papel importante, pois prepara a vida cotidiana, sistematizando os usos daquele espaço. Desde 2007 o Passeio Público é administrado pela Secretaria de Cultura

de Fortaleza (SECULTFOR) a qual busca facilitar e organizar as atividades, autorizando, selecionando e elaborando projetos que visem à sua requalificação. A ação dos guardas municipais se manifesta na tentativa de disciplinarização do espaço, pois eles têm a função de reprimir os distúrbios, manter a ordem e remover o "estigma", passando a determinar a frequência de pessoas na praça, inibindo a presença dos moradores de rua, das prostitutas, para torná-la um ambiente mais familiar.

Outras atividades são propostas no Passeio Público, como Piquenique, Feijoada, atividades culturais, eventos e/ou atividades de iniciativa privada e o quiosque Café Passeio; no qual visa chamar atenção da população para o aspecto cultural, artístico e histórico.

BIBLIOGRAFIA PARCIAL

GONDIM, L. M. P. A construção social da memória na moderna Fortaleza. In: AGUIAR, O. A; BATISTA, J. É; PINHEIRO, J. (Orgs.). Olhares contemporâneos: cenas do mundo em discussão na universidade. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2001.

LAKATOS, E. M; MARCONI, M. A.. Fundamento de Metodologia Cientifica. São Paulo: Atlas, 2003.

PEIXOTO, P. Requalificação urbana. In: FORTUNA, Carlos; LEITE, Rogerio (Org.). Plural de cidade: novos léxicos urbanos. Coimbra: Edições Almedina AS, 2009.

SERPA, A. O espaço público na cidade contemporânea. 2. Ed. – São Paulo: Contexto, 2013.

SILVA, K. O. Condomínios fechados, residências secundárias e o uso do espaço público pelo capital imobiliário. Observatório de Inovação do Turismo Revista Acadêmica. Vol. IV Nº. 1 Março de 2009.

SOBARZO, O. A produção do espaço público: da dominação à apropriação. Disponível em:

http://www.geografia.fflch.usp.br/publicacoes/Geousp/Geousp19/Artigo_Sobarzo.pdf>. Acesso em: 14/05/2016.

CARLOS, A. F. A. Da "organização" à "produção" do espaço no movimento do pensamento geográfico. In: A produção do espaço urbano: agentes e processos, escalas e desafios. (Orgs.) CARLOS, A. F. A; SOUZA, M. L.; e SPOSITO, M. E. B.